





ARMORIAL LUSITANO

(PDF para a Heráldica Portuguesa do “Era Medieval”)



EXPLICAÇÃO PRÉVIA

(Texto original do site)

Pretende-se com a criação desta página (Baseada no livro *Armorial Lusitano*, editado pela Editorial Enciclopédia, Lda.) reunir num volume as notícias relativas à origem dos apelidos das famílias brasoadas portuguesas, acompanhadas das respectivas armas.

O trabalho não é, nem podia sê-lo, perfeito, porque foi preciso reunir elementos dispersos, utilizando obras impressas e, também algumas manuscritas, sem contudo ser permitido recorrer às fontes documentais. (...) ponde de parte, no entanto todas as notícias de aspecto duvidoso, visto ser preferível a deficiência ao erro.

Utilizaram-se, também, algumas informações relativas a famílias estrangeiras e respectivas armas, sem registo em Portugal, ministradas por actuais descendentes, ignorando-se, porém, se a sua forma está absolutamente correcta.

Não se ignora que muitas origens de famílias e de apelidos não correspondem à verdade, mas, pelos motivos apontados, não se pode esclarecê-los. Fica, todavia, esta obra mais completa que as congêneres, em virtude de todas as até aqui editadas não serem tão completas.

O estudo das armas não se fás com eficácia se não se acompanhar do histórico e genealógico. Porque na maioria dos casos, os emblemas heráldicos aludem a acções praticadas pelos ganhadores ou representam ligações familiares já distantes. Têm, contudo, os apreciadores das insignias heráldicas feito delas o motivo principal das suas preocupações, desprezando, talvez por desconhecimento, as origens familiares e das respectivas armas, como se estas, no seu estado actual, reúnam em si toda a epopeia das linhagens e sejam garantia de um passado ilustre.

Número apreciável de brasões de armas não representam a ascendência de quem os trouxe ou usa, porque embora sejam os dos apelidos respectivos, estes não tiveram a mesma proveniência dos das linhagens a quem as armas pertenciam. Isto deu-se, sobretudo, com os apelidos muito antigos, verificando-se existirem várias famílias que os tomaram em épocas diferentes, sem parentesco entre si, e, apenas, providas do mesmo lugar de que se originou a designação familiar ou de outros de igual nome, e, também, por começaram em alcunhas que, embora aplicadas a pessoas diversas, foram pontos de partida de um só apelido. Há a considerar o uso de apelidos tomados dos padrinhos e por simples adopção, voluntária ou imposta.

Outras causas se podem, ainda, invocar na falta de direito natural para uso de certas armas, como a ignorância genealógica de quem as trouxe ou do oficial de armas que passou o documento em patente e, até, a falsidade dos documentos apresentados para obter carta de brasão de armas ou dos testemunhos que, para tal fim, prestaram muitas pessoas pouco escrupulosas.

Aos que estão abrangidos por qualquer destes casos resultantes de desconhecimento ou má fé, somente o direito de posso lhes é permitido invocar, o que a bastantes satisfará, mas aos mais rigorosos não pode contentar, porquanto nem o tempo, nem um documento oficial convertem a mentira em verdade.

Baseado no livro: *Armorial Lusitano*, texto de António Machado de Faria

17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. 54. 55. 56. 57. 58. 59. 60. 61. 62. 63. 64. 65. 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. 73. 74. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100. 101. 102. 103. 104. 105. 106. 107. 108. 109. 110. 111. 112. 113. 114. 115. 116. 117. 118. 119. 120. 121. 122. 123. 124. 125. 126. 127. 128. 129. 130. 131. 132. 133. 134. 135. 136. 137. 138. 139. 140. 141. 142. 143. 144. 145. 146. 147. 148. 149. 150. 151. 152. 153. 154. 155. 156. 157. 158. 159. 160. 161. 162. 163. 164. 165. 166. 167. 168. 169. 170. 171. 172. 173. 174. 175. 176. 177. 178. 179. 180. 181. 182. 183. 184. 185. 186. 187. 188. 189. 190. 191. 192. 193. 194. 195. 196. 197. 198. 199. 200. 201. 202. 203. 204. 205. 206. 207. 208. 209. 210. 211. 212. 213. 214. 215. 216. 217. 218. 219. 220. 221. 222. 223. 224. 225. 226. 227. 228. 229. 230. 231. 232. 233. 234. 235. 236. 237. 238. 239. 240. 241. 242. 243. 244. 245. 246. 247. 248. 249. 250. 251. 252. 253. 254. 255. 256. 257. 258. 259. 260. 261. 262. 263. 264. 265. 266. 267. 268. 269. 270. 271. 272. 273. 274. 275. 276. 277. 278. 279. 280. 281. 282. 283. 284. 285. 286. 287. 288. 289. 290. 291. 292. 293. 294. 295. 296. 297. 298. 299. 300. 301. 302. 303. 304. 305. 306. 307. 308. 309. 310. 311. 312. 313. 314. 315. 316. 317. 318. 319. 320. 321. 322. 323. 324. 325. 326. 327. 328. 329. 330. 331. 332. 333. 334. 335. 336. 337. 338. 339. 340. 341. 342. 343. 344. 345. 346. 347. 348. 349. 350. 351. 352. 353. 354. 355. 356. 357. 358. 359. 360. 361. 362. 363. 364. 365. 366. 367. 368. 369. 370. 371. 372. 373. 374. 375. 376. 377. 378. 379. 380. 381. 382. 383. 384. 385. 386. 387. 388. 389. 390. 391. 392. 393. 394. 395. 396. 397. 398. 399. 400. 401. 402. 403. 404. 405. 406. 407. 408. 409. 410. 411. 412. 413. 414. 415. 416. 417. 418. 419. 420. 421. 422. 423. 424. 425. 426. 427. 428. 429. 430. 431. 432. 433. 434. 435. 436. 437. 438. 439. 440. 441. 442. 443. 444. 445. 446. 447. 448. 449. 450. 451. 452. 453. 454. 455. 456. 457. 458. 459. 460. 461. 462. 463. 464. 465. 466. 467. 468. 469. 470. 471. 472. 473. 474. 475. 476. 477. 478. 479. 480. 481. 482. 483. 484. 485. 486. 487. 488. 489. 490. 491. 492. 493. 494. 495. 496. 497. 498. 499. 500. 501. 502. 503. 504. 505. 506. 507. 508. 509. 510. 511. 512. 513. 514. 515. 516. 517. 518. 519. 520. 521. 522. 523. 524. 525. 526. 527. 528. 529. 530. 531. 532. 533. 534. 535. 536. 537. 538. 539. 540. 541. 542. 543. 544. 545. 546. 547. 548. 549. 550. 551. 552. 553. 554. 555. 556. 557. 558. 559. 560. 561. 562. 563. 564. 565. 566. 567. 568. 569. 570. 571. 572. 573. 574. 575. 576. 577. 578. 579. 580. 581. 582. 583. 584. 585. 586. 587. 588. 589. 590. 591. 592. 593. 594. 595. 596. 597. 598. 599. 600. 601. 602. 603. 604. 605. 606. 607. 608. 609. 610. 611. 612. 613. 614. 615. 616. 617. 618. 619. 620. 621. 622. 623. 624. 625. 626. 627. 628. 629. 630. 631. 632. 633. 634. 635. 636. 637. 638. 639. 640. 641. 642. 643. 644. 645. 646. 647. 648. 649. 650. 651. 652. 653. 654. 655. 656. 657. 658. 659. 660. 661. 662. 663. 664. 665. 666. 667. 668. 669. 670. 671. 672. 673. 674. 675. 676. 677. 678. 679. 680. 681. 682. 683. 684. 685. 686. 687. 688. 689. 690. 691. 692. 693. 694. 695. 696. 697. 698. 699. 700. 701. 702. 703. 704. 705. 706. 707. 708. 709. 710. 711. 712. 713. 714. 715. 716. 717. 718. 719. 720. 721. 722. 723. 724. 725. 726. 727. 728. 729. 730. 731. 732. 733. 734. 735. 736. 737. 738. 739. 740. 741. 742. 743. 744. 745. 746. 747. 748. 749. 750. 751. 752. 753. 754. 755. 756. 757. 758. 759. 760. 761. 762. 763. 764. 765. 766. 767. 768. 769. 770. 771. 772. 773. 774. 775. 776. 777. 778. 779. 780. 781. 782. 783. 784. 785. 786. 787. 788. 789. 790. 791. 792. 793. 794. 795. 796. 797. 798. 799. 800. 801. 802. 803. 804. 805. 806. 807. 808. 809. 810. 811. 812. 813. 814. 815. 816. 817. 818. 819. 820. 821. 822. 823. 824. 825. 826. 827. 828. 829. 830. 831. 832. 833. 834. 835. 836. 837. 838. 839. 840. 841. 842. 843. 844. 845. 846. 847. 848. 849. 850. 851.



ARMAS DOS BARROS, COM DIFERENÇA NO TOMULO DE D. AFONSO DE BARROS, NA FUREJA DO SALVADOR DE COIMBRA (CA. 1616-17).
A DIREITA, LISONJA DE D. GUOMAR DE SA. SUA MULHER, DE SOTOMAIORES (?) E SAS
L. V. S. I. T. A. N. O

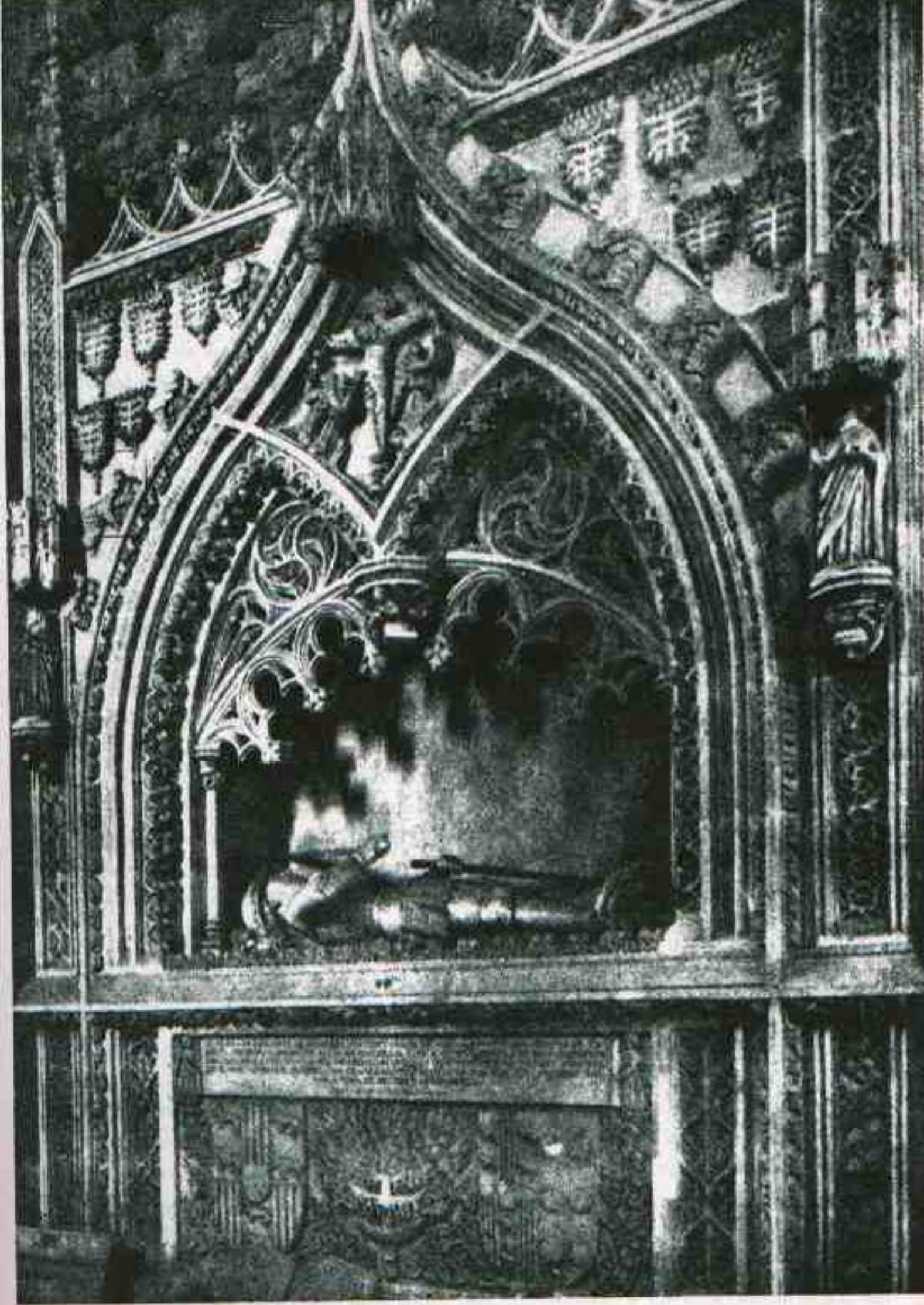
LIBRITANO

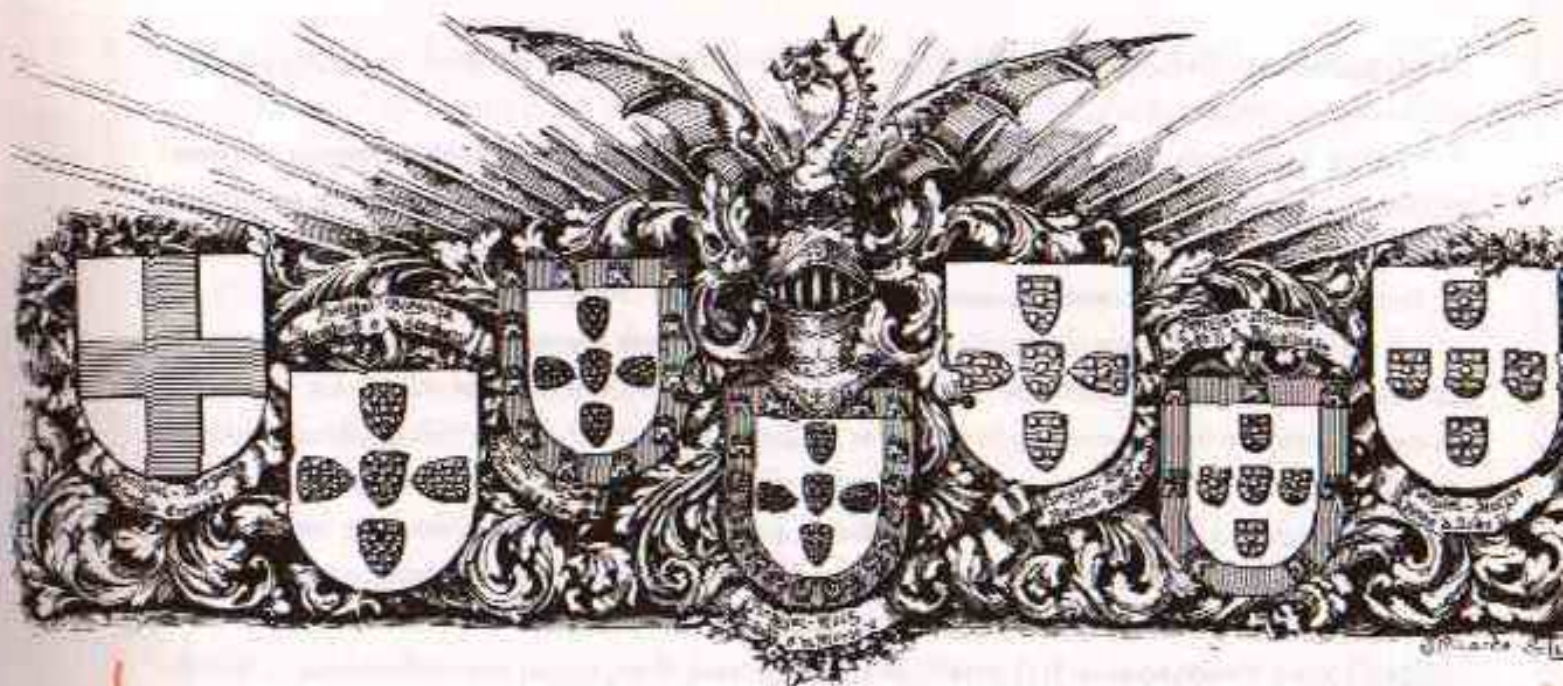


AS ARMAS DOS JOANES NO ESCUDO DE UM CAVALEIRO MEDIEVAL.
ESCULTURA DO SÉCULO XIV DA IGREJA MATRIZ DE OLIVEIRA DO HOSPITAL.



TOMULO DUMA INFANTA COM AS ARMAS REAIS E AS DOS MANUEIS
(ESCULTURA DO SÉCULO XIV, NA CHAROLA DA SÉ DE LISBOA)





ORIGEM E EVOLUÇÃO DA NOBREZA

Pelo Dr. António Sérgio

Dá-se o nome de nobreza a um conjunto de indivíduos que goza, em virtude de transmissão legal hereditária, de uma categoria social privilegiada, e também, quase sempre, de privilégios políticos, com direitos superiores aos da maioria da população.

Nas sociedades primitivas, quando os homens mais fortes e mais hábeis se tornavam chefes de tribos ou de clãs, havia frequentemente um corpo de indivíduos que os apoiavam e que adquiriam prestígio em virtude do poder do seu chefe. Os antigos impérios — Egipto, Babilónia, Assíria — tinham uma classe nobre de sacerdotes e de guerreiros que rodeavam e sustentavam o trono, excepto quando essa classe se sentia bastante forte e ambiciosa para derrubar o déspota que lhe pretendia cercear os privilégios. Nos impérios adquiridos por conquista, os guerreiros que haviam ajudado o chefe conquistador tornavam-se, pela gratidão do caudilho ou pela necessidade em que ele se via de tal fazer, uma casta especial, que dominava os conquistados e transmitia aos seus descendentes os privilégios de que gozava. Em fases mais avançadas da evolução social, a riqueza ou a influência política muitas vezes permitiram aos seus possesores ganhar superior categoria social, e em mais alto grau de civilização a capacidade intelectual pôde ser recompensada por preeminência social hereditária.

Em Atenas e na Roma antigas, uma camada de gente, que desde os primeiros tempos reteve privilégios acima de todos os habitantes sobreviventes, formando partidos e ordens

privilegiadas no Estado, constituiu um tipo de nobreza, que recebeu respectivamente os nomes de eupátridas e patrícios.

Entre as antigas tribos germânicas encontramos, desde os primeiros tempos de que há notícia, distinções de classe, estando dividida a população em nobres, livres e escravos. As guerras que durante séculos se prolongaram tinham em parte apagado estas distinções ao tempo das invasões germânicas.

A nobreza das nações da moderna Europa teve origem na aristocracia feudal, e, mais geralmente, nos privilegiados do regime senhorial. O reino franco na Gália foi dividido em circunscrições territoriais, cada uma das quais se achava sob a autoridade de um conde ou «comes», cujo equivalente teutónico era o «Graf», funcionário da coroa no tempo de Carlos Magno, mas que depois adquiriu direitos hereditários. Gozava da mais alta autoridade e de mais extensa jurisdição o «dux», ou duque (termo de origem romana), cujas funções incluíam o dever de comandar os exércitos do país.

No Reino lombardo da Itália applicava-se a mesma designação aos indivíduos a quem se confiava a administração militar e civil de cidades e províncias circunjacentes. O *marquês* era o governador das marcas fronteiriças. Das subinfeudações da grande nobreza originaram-se os graus secundários da nobreza e uma terceira ordem, abaixo dessa, compreendia vassallos cujas terras de arrendamento, pelas obrigações militares que lhes andavam adstritas, os faziam admitir na aristocracia.

Em França prolongou-se durante bastante tempo o costume da homenagem dos nobres de menor categoria ao seu senhor intermediário, ao passo que em Inglaterra Guilherme, o Conquistador, obrigou não somente os seus barões, que receberam feudos da Coroa, mas também os respectivos vassallos, a prestarem-lhe juramento de fidelidade; e os seus sucessores aboliram de todo a subinfeudação.

Na Europa continental, os nobres, a partir do século XI, tomaram os nomes territoriais dos seus castelos ou das principais povoações dos seus domínios; e daí a partícula *de* (para os Franceses) e o seu equivalente germânico *von*, que ainda se consideram em grande parte da Europa como índice de nobreza. Em Inglaterra, pelo contrário, a maioria dos nomes das mais distintas famílias aristocráticas não teve origem toponímica.

Nos últimos tempos do império carolíngio os nobres poderosos foram atraindo a si cada vez mais as prerrogativas da autoridade real; e no decorrer do tempo muitos deles arrogaram-se abertamente independência e soberania, deixando ao monarca uma superioridade meramente nominal. Pelos fins do século IX o império achava-se dividido em principados separados e independentes, sob o domínio de nobres poderosos. Durante toda a história do Santo Império Romano Germânico nunca a Coroa conseguiu impor de facto o seu poder aos príncipes feudais. Em França a autoridade real foi revivendo gradualmente no tempo da dinastia capetiana, e os grandes feudos da mais alta nobreza foram sendo absorvidos, um a um, pela Coroa.

No tempo de Luis XIV a outrora poderosa nobreza feudal estava reduzida a uma simples aristocracia de cortesãos, graças ao constante crescimento do poder real. Nos tempos imediatamente anteriores à Revolução, havia em França umas oitenta mil famílias com pretensões e nobreza, muitas com obscura situação na sociedade, e menos de três mil de antiga linhagem. A Revolução aboliu essas distinções de ordem jurídico-social.

A 18-VI-1790, a Assembleia Nacional decretou que a nobreza hereditária era uma instituição incompatível com um Estado livre e que os títulos e brasões deveriam ser abolidos. Dois anos mais tarde eram queimados os documentos de nobreza. O imperador Napoleão I criou uma nova nobreza em 1808, com títulos que passariam ao filho mais velho. A antiga nobreza foi reintegrada durante a Restauração. Os títulos de marquês e de visconde são ali todos pré-revolucionários, pois não foram criados novos em tempos recentes.

Em Inglaterra a resistência dos nobres às tentativas de engrandecimento e de usurpação por parte da Coroa constituiu o meio pelo qual se foi elevando o edifício da liberdade constitucional.

As actividades comerciais foram em vários países mais ou menos incompatíveis com a nobreza. Em Inglaterra sucedeu isso muito menos que em França e na Alemanha, onde durante muito tempo não foi possível a um nobre exercer actividades dessa ordem sem decair do seu nível social. Proveio de certas famílias patricias de algumas cidades alemãs, particularmente Ausburgo, Nuremberga e Francoforte, uma espécie de «Burger-Adel» (aristocracia burguesa) comercial, a cujos membros os imperadores outorgaram o uso da cota de armas. Tais foram os Fuggers e os Welsars, que tiveram relações comerciais e financeiras com o nosso país no século XVI, participando notavelmente no negócio das especiarias. Na semifeudal Itália houve em geral menos antagonismo entre a nobreza e o comércio do que ao norte dos Alpes. A aristocracia de Veneza originou-se no comércio; e, embora não tivesse títulos, contava-se entre as mais distintas classes de nobres de toda a Europa. Por outro lado, em Florença, no século XIV, sob uma constituição puramente mercantil, a nobreza tornou-se uma desqualificação para desempenhar qualquer cargo do Estado. Para ser admitido ao gozo de honras políticas tinha o nobre de ser riscado dos registos da nobreza; e um plebeu impopular era por vezes enobrecido a fim de ser privado de certos direitos. Mais tarde desenvolveram-se, ao lado da velha nobreza, famílias de nobres de origem plebeia, como os Ricci e os Médici, cujas pretensões se originaram na sua riqueza e que vieram eventualmente a ser considerados como aristocratas pelo partido democrático.

Na Espanha medieval, os nobres formavam a classe superior. Entre os séculos VIII e XI encontramos a distinguir-se entre eles os funcionários palatinos, quer dizer, os íntimos e favoritos do Rei, frequentemente possuidores de grandes territórios (príncipes, próceres, magnates, potestades, *optimates*, *magnates togae palatii*), que, com os «condes», ou governadores, constituíam o primeiro grau. A nobreza dependia do soberano, porquanto era este que concedia os títulos, ofícios e terras, podendo retirá-las aos descendentes por morte do donatário, e até em vida deste; não sendo então, por conseguinte, propriamente hereditárias e perpétuas as concessões de terras e senhorios, ainda que algumas vezes tivesse chegado a sê-lo, quer por excepcional mercê do monarca, quer por continuação tácita delas. Formavam também parte desta primeira nobreza os que, não sendo palatinos, possuíam grandes territórios, já por doação real, já por tradição de família.

O nome de «*infanzones*», que se encontra em documentos dessa época (séculos X e XI), designa uma classe secundária de nobres que dependia directamente do soberano.

Não obstante a indicada subordinação legal dos magnates a respeito do monarca, enquanto gozavam dessa categoria tinham grandes privilégios nas suas pessoas e nas suas

terras, que bastante os desprendiam do poder real. Dentro das suas terras eram os nobres verdadeiros senhores, donos absolutos; e a sua liberdade pessoal chegava ao ponto de poderem abandonar o serviço do Rei e ir para outro reino (desnaturar-se) quando se criam ofendidos pelo monarca; ocorrendo por isto, mais de uma vez, que nobres cristãos se transferissem para território muçulmano e se aliassem com os califas, guerreando contra os seus correligionários. Também estavam isentos de pagar tributos, como na época visigoda, sendo sua única obrigação a de assistir o Rei na guerra com suas pessoas e dependentes, mas a expensas daquele. Compensava em parte esta situação privilegiada a circunstância (já existente no período visigótico) de ser a nobreza não um corpo fechado, mas uma classe a que podiam ascender os indivíduos das outras, só com reunir riquezas ou certas condições especiais, ou conquistar fama e poder, alcançando a consideração do monarca.

Nos documentos daquela época aparecem também nomes que parece designarem um grau inferior de nobreza ou, pelo menos, uma classe privilegiada, que se aproxima da dos nobres de quem atrás falámos, sem lhes ser igual: tais são as dos «caballeros», «milites» e também «infanzones de fuero». Chamavam-se «caballeros» e «milites» os homens livres que podiam custear por si cavalos e armas para ir à guerra, sendo-lhes, em virtude desses serviços, concedidos certos privilégios. Esta classe aumentou muito no período seguinte. A palavra «caballero» applicava-se também aos nobres propriamente ditos, que se dedicavam à profissão militar a cavalo; e depois tornou-se em genérica para todo o nobre. Os «infanzones de fuero» sinalam outra espécie de nobreza ou ordem privilegiada por concessão do rei, que às vezes se dava colectivamente a todos os habitantes de uma cidade ou vila. Esta classe também não teve grande desenvolvimento até o século XI.

No período seguinte da Idade Média (séculos XII a XV) continuam os nobres a ser a classe privilegiada por excelência. Alguns deles, que chegaram a reunir enormes riquezas por favor dos Reis, pela guerra ou por acções matrimoniais, constituíram o núcleo de casas nobiliárias poderosas, que às vezes se atreviam a lutar com o próprio soberano. Não chegaram, no entanto, a estabelecer um verdadeiro regime feudal, análogo ao que existia em outros países, não obstante as influências estrangeiras que se exerceram desde a vinda dos cluniacenses, e, sobretudo, desde a conquista de Toledo. Os Reis concediam aos nobres, já para os aquietar, já para os premiar pelos seus serviços, ou terras povoadas por servos cultivadores, ou vilas, ou lugares e castelos; fazendo estas doações, umas vezes sem limitação alguma, reservando-se só os direitos essenciais da soberania; outras, concedendo ao donatário a jurisdição sobre os seus vassallos; outras, eximindo as suas terras e habitantes de tributos; outras, enfim, sem esta isenção. Também frequentemente confiavam os Reis as suas fortalezas e castelos a nobres, mediante juramento de obediência e fidelidade, quer dizer, obrigando-se o nobre a guardar, defender e restituir o castelo ou vila murada que se lhe confiava; costume que punha nas mãos da nobreza, quando se sublevava, a maior parte dos lugares fortificados do país. Além disto, persistiu anárquico costume das guerras privadas entre os magnates e o do duelo entre fidalgos para vingar ofensas. O monarca continuou todavia a ser teoricamente o centro do poder, a quem exclusivamente competiam os atributos fundamentais de autoridade política (justiça, legislação, guerra, moeda), nomeando ele os funcionários judiciais e administrativos.

A nobreza de segunda classe («militas», «infanzones», etc.) cresceu grandemente, sobretudo na Galiza, desde o século XII, tomando então o nome de «fijosdalgo», equivalente, em sentido restrito, ao antigo de «infanzones», e também, em sentido lato, a pessoa de linhagem nobre. Ao filho do nobre que ainda não havia recebido armas chamava-se então «escudero». Aos nobres da mais alta categoria dava-se o nome de «ricos-hombres», que se encontra em documentos desde os fins do século XIII; compreendiam tanto os «condes» (de mandação ou de palácio) como as «potestades», denominação que aparece já em documentos do século X e que nos do XII designa todos os funcionários superiores que não eram «condes». Os «infanzones» dependiam muito directamente do Rei, estavam isentos da jurisdição senhorial e podiam até ter terras «en honor», quer dizer, com jurisdição. Continuou a haver «caballeros» que não procediam da nobreza, mas sim da classe popular livre, quer dizer, da classe média dos concelhos ou cidades. Consideraram-se como tais todos os que mantinham cavalo de sela para a guerra, ficando isentos de tributos, concedendo-se-lhe com o tempo o exclusivo dos officios do concelho («portiellos»). Formavam, pois, uma espécie da segunda nobreza, ou aristocracia, dentro do elemento plebeu dos concelhos, distinguindo-se claramente dos «infanzones», que se chamavam também «militas nobiles».

No que não houve variação a respeito do periodo anterior foi nos costumes anárquicos dos que possuíam castelos e numerosos guerreiros. Assaltavam e roubavam os viajantes, os comerciantes que passavam pelas suas terras, e succedeu que o conde Don Garcia Pérez (1130) roubou aos comerciantes de Inglaterra e Lorena que iam a Santiago vinte e dois mil marcos de prata. Contra tais desmandos, que eram frequentíssimos, não só na Galiza, mas em todo o território leonês-castelhano, intervieram às vezes os Reis, e mais frequentemente as milícias concelhias e alguns senhores eclesiásticos, como os arcebispos de Santiago, que, entre outros casos, castigaram o conde Don Fernando Pérez, assaltando o castelo de Raneta à frente da milícia de Compostela e arrasando por completo as suas muralhas.

No reinado de Carlos V soube este imperador converter a nobreza (de que alguns membros fizeram causa comum com as Comunidades) em instrumento da sua autoridade e em nobreza palaciana. Deste modo ficou reduzida a mero título a qualidade de «grande». Filipe II encontrou a nobreza dividida e ansiosa de servir o poder real; no tempo de Filipe III havia ela perdido a sua influência como classe social.

As Cortes de Cádiz de 1810 intentaram devolver à nobreza o seu carácter de corpo social, considerando o braço nobre, à moda antiga; porém, ao mesmo tempo (1811), aboliram os senhorios e prestações jurisdicionais, a vassalagem e os privilégios chamados exclusivos, privativos e proibitivos que tivessem carácter de vassalidade. Desde então pouco variou o estado da nobreza espanhola como ordem, tendo-se, no entanto, proibido as vinculações e as prerrogativas políticas e civis que não fossem meramente honoríficas. Todas as revoluções combateram tais prerrogativas, e em 1873 suprimiram-se todos os títulos de nobreza, ordenando-se que se não concedessem nem transmitissem daí em diante, nem usassem em documentos officiais; mas esta disposição foi revogada no ano seguinte, se bem que as Cortes se reservassem a concessão de novos títulos, concessão que voltou a ser prerrogativa régia em 1875.

Esta descrição que acabamos de traçar da nobreza leonesa-castelhana aplica-se nas suas linhas gerais à de Portugal, e daí o desenvolvimento que lhe demos. Resumindo a sua exposição sobre a nossa nobreza na Idade Média, escreveu o historiador Gama Barros: «Achámos nas relações da classe nobre com a Coroa diferenças radicais com o sistema feudal; mas, considerado nos seus domínios próprios, o homem nobre apareceu-nos numa situação que tem manifesta analogia com a dos senhores feudais, na imunidade, no exercício dos direitos jurisdicionais e nos encargos e serviços que lhe deviam os moradores e cultivadores das suas terras. Embora na origem esta situação fosse de todo alheia do regime do feudalismo, reconhecemos o influxo dele na extensão dos direitos e prerrogativas que se foram arrogando em Leão e Castela os senhorios particulares. Nestes reinos e no de Portugal a acção e reacção entre o princípio feudal, que era dominante em grande parte da Europa, e as circunstâncias peculiares da Península, que repeliavam aquele princípio, produziram um sistema político especial, que não era o feudalismo, porque lhe faltavam os caracteres essenciais, mas que também proporcionava à aristocracia elementos vigorosos de resistência ao desenvolvimento do poder do rei, nos amplíssimos privilégios de que a nobreza estava revestida.»

Na primeira fase da existência da nacionalidade, a nobreza era principalmente constituída por descendentes de fidalgos leoneses, ao que parece. Pelo menos, o *Livro Velho de Linhagens* apresenta a fidalguia do nosso país como proveniente de uma trintena de homens estabelecidos no Norte no tempo de Afonso VI de Leão. Era sobretudo, para além do Douro, e mais especialmente na região de Entre Douro e Minho, que se achavam situados os solares e homens das mais poderosas famílias da nossa nobreza.

A primeira ordem da aristocracia era constituída pelos «ricos-homens». Eram os senhores mais poderosos, porque uniam à fidalguia do nascimento a autoridade e prestígio dos cargos públicos mais elevados, que se incumbiam ordinariamente aos chefes de linhagem. O *Fuero Viejo* proporciona-nos uma ideia da eminência desta classe e da sua numerosa clientela de vassallos, uns que sempre tinham vivido à conta do rico-homem, que este armara cavaleiro e a quem constituíra património; outros ligados ao rico-homem por laços menos estreitos, porque o serviam por tempo determinado em troca do soldo que lhes pagava. O serviço militar do nobre era, segundo a tradição peninsular, remunerada, e a forma normal de remuneração era a soldada ou «contia», segundo a qual o vassallo devia servir com maior ou menor número de «lanças». Mas o soberano recorria a outras formas de recompensa, tais como as tendências e alcaidarias, as concessões de terras e jurisdições, e as consignações de determinados rendimentos fiscais. Variando de distrito para distrito a importância das funções públicas confiadas à primeira nobreza, e sendo desiguais, portanto, os encargos correspondentes ao exercício dessas funções, não deviam os ricos-homens receber todos do monarca um salário igual. O rico-homem era o funcionário régio mais elevado de cada uma das circunscrições maiores em que o reino se dividia, e ao direito a que se estendia a sua autoridade administrativa e militar dava-se o nome de «terra». O rico-homem era também chamado «senhor de pendão e caldeira». A palavra «pendão» designava aí o poder que ele tinha de alistar os seus vassallos para a guerra, e o termo «caldeira» significava que possuía bens com que desse mantimento aos soldados.

Desde os fins do século XIII a consolidação progressiva do poder do rei trouxe consigo o abatimento das aristocracias militar e eclesiástica. Instituíram-se então, em mais larga escala, novas magistraturas, que foram substituindo a que exerciam os ricos-homens, e proibiu-se a estes, por uma lei de 1305, que conferissem a graduação de cavaleiro. Pelos meados do século XIV já se não ligava ao termo «rico-homem» a ideia de um cargo público determinado, designando apenas a mais elevada categoria da nobreza sem dependência de quaisquer funções públicas. Até neste sentido foi a expressão caindo no esquecimento, podendo considerar-se como obliterada para os fins do século XV.

Desde o século XIV tornou a ser usado em Portugal o título de Conde; mas já não significava o exercício de um cargo público, representando sim uma distinção extraordinária, a que andava junta a propriedade da terra que dava o nome ao título. Desde D. Dinis até D. Pedro I parece que houve apenas um, que foi o de Barcelos. No reinado de D. Fernando, porém, aumentou-se o número de fidalgos deste título. No século seguinte criaram-se os de Duque, Marquês, Visconde e Barão, para indivíduos da primeira nobreza e de grande estado; mas todos estes títulos eram em pequeno número, e alguns até singulares. O de Duque deram-no os monarcas do antigo regime somente a seus filhos ou a parentes.

A seguir ao de rico-homem, os graus da nobreza eram, em ordem decrescente: «infância», «cavaleiro» e «escudeiro». Segundo Herculano, era infância o nobre de raça não revestido de magistratura civil ou militar. No meado do século XIV já raras vezes se empregava a palavra «infância», que foi substituída pelo termo genérico de «fidalgo». Chamavam-se «cavaleiros» todos aqueles que eram admitidos àquela espécie de confraria militar medieval a que se deu o nome de «cavalaria». Aos cavaleiros seguiam-se os «escudeiros», dos quais uns eram nobres e outros não. Assim como havia cavaleiros nobres e cavaleiros vilãos, assim também havia escudeiros por nascimento e escudeiros não fidalgos, que tinham por dever seguir cada um o seu cavaleiro, ajudando-o a vestir as armas e combatendo na retaguarda dele. Parece que a idade em que ordinariamente se passava a escudeiro era a dos catorze anos; até aí os mancebos nobres costumavam empregar-se no serviço de pagens ou «donzéis» nos paços dos grandes senhores.

Como o património dos nobres se alargava muitas vezes à custa de usurpações, os monarcas trataram de reprimir tais abusos por meio das «confirmações» e das «inquirições». As confirmações consistiam em os nobres sujeitarem à aprovação do novo rei as doações recebidas dos seus antecessores, para haver ocasião de verificar se existiam terras usurpadas; pelas inquirições verificava uma alçada especial, que percorria o País, quais as terras que andavam indevidamente desviadas do património da Coroa.

O predomínio do rei sobre a nobreza começou a acentuar-se no reinado de D. João I, em que se criou uma aristocracia de gente nova, pois que a antiga tomara na sua maior parte o partido do Rei de Castela. Foi então que se introduziu de maneira intensiva o Direito Romano, que significava a consagração legal de tal predomínio da realeza.

D. Afonso V determinara que os fidalgos que entrassem para o serviço da sua casa se inscrevessem como «moradores» do paço, percebendo várias «moradias», que eram certas pagas anuais, dadas consoante os serviços de cada um ou segundo a sua jerarquia. Daí a classificação que se fez dos fidalgos, cujas categorias se distribuíram por duas

ordens, tendo cada uma três graus, a saber: 1.^a ordem: moço-fidalgo, fidalgo-escudeiro e fidalgo-cavaleiro; 2.^a ordem: moço de câmara, escudeiro-fidalgo e cavaleiro-fidalgo. Mais tarde todas essas categorias de nobreza se reduziram a duas: a de fidalgo-cavaleiro e a de moço-fidalgo. Às seis categorias apontadas correspondiam diferentes «moradias». Podia transitar-se de uma categoria para outra mais elevada.

A luta entre o poder real e o da nobreza atingiu o seu clímax no tempo de D. João II; de D. Manuel em diante a nobreza toma, decididamente, o carácter de palaciana. A sua influência na administração da Índia foi uma das causas da decadência do domínio português, e na crise de 1580 mostrou-se a nobreza, em grande parte, venalíssima. Desta atitude se redimiou tomando nos seus ombros os riscos e as honras da Restauração.

O último arranque de revolta da nobreza contra a realza deu-se no reinado de D. José, podendo dizer-se que o atentado contra o monarca, a 3-IX-1758, e a violenta repressão que se lhe seguiu são dos factos que mais deram ao reinado a sua própria fisionomia e o seu significado social.

A Monarquia liberal criou muitos novos titulares e alargou muito as honras da nobreza, distinguindo não só militares e políticos, com serviços relevantes na Guerra Civil e na administração pública, mas também escritores, artistas, diplomatas, industriais, comerciantes, banqueiros, etc.

Depois de proclamada a República, um Decreto de 18-X-1910 aboliu os títulos nobiliárquicos, distinções honoríficas e direitos de nobreza.

BIBLIOG.: Ménestrier, *Les Diverses Espèces de Noblesse*, Paris, 1683; e *Le Blason de Noblesse*, Paris, 1683; Álvaro Ferreira da Vara, *Nobiliarquia*, Lisboa, 1791; Kotzebue, *Vom Adel*, Lipsia, 1792; Luís da Silva Pereira e Oliveira, *Privilégios da Nobreza e Fidalguia de Portugal*, Lisboa, 1806; Escherny, *Essai sur la Noblesse*, Paris, 1814; Lawrence, *On the Nobility of the British Gentry*, Londres, 1824; Laine, *Noblesse de France*, Paris, 1825-1850; Duvergier, *Mémorial Historique de la Noblesse*, Paris, 1839-1840; Stranz, *Geschichte des deutschen Adels*, Valderburgo, 1851; Vehse, *Geschichte des Österreichischen Hofes und Adels*, Hamburgo, 1851; Cneist, *Adel und Ritterschaft in England*, Berlim, 1853; Magny, *Le Nobiliaire des Maisons Nobles d'Europe*, Paris, 1854-1894; Rose, *Der Adel Deutschlands*, Berlim, 1883; Cevini, *La Noblesse Allemande et ses Origines*, Paris, 1899; Langlois, *Les Origines de la Noblesse en France*, Paris, 1902; A. Guilhiermoz, *Essai sur les Origines de la Noblesse en France au Moyen Age*, Paris, 1902; Fernando Suárez de Tangil, *Breve Estudio Histórico-Político, Sociológico y Legal sobre las Grandezas de España y Títulos del Reino*, Madrid, 1914; Juan Barriobero y Armas, *Aristocracia: Notas y Observaciones Relativas a la Significación Política y Social de la Aristocracia, Especialmente Referidas a la Aristocracia Española de Abolengo*, Madrid, 1915; Gama Barros, *História da Administração Pública em Portugal nos Séculos XII a XV*, vols. I e II na edição Sá da Costa, Lisboa, 1945; e Conde de Campo Belo, Dr. Domingos de Araújo Afonso, Dr. Eugénio de Andrea da Cunha Freitas, Jorge Alberto Hofacker de Moser, Dr. José Pereira de Lima, Manuel de Sampaio de Cunha Pimentel Pereira Leitão, Marquês de São Paio e Dr. Rui Dique Travassos Valdez, *Anuário da Nobreza de Portugal*, Braga, 1950.



BARCA. Parece que a família dos Abarcas provém de D. Pedro de Guevara, criado por D. Sancho Abarca, Rei de Navarra, de quem tomou o apelido, e teve seu solar no Reino de Aragão.

A família dos Abarcas espalhou-se por vários pontos da Espanha e deu origem a diversos ramos que se diferenciaram

nas armas. De um deles, que as tomara na batalha das Navas de Tolosa, descendeu D. Afonso Abarca, que se casou com D. Teodora de Andrade, de cujo matrimónio nasceu D. Francisca Abarca, a qual se recebeu com António Lopes Galhardo, governador da praça de Salvaterra em Castela, feito prisioneiro pelos Portuguezes quando a tomaram. Passou a Portugal, servindo D. João IV na provincia da Beira com a patente de tenente-general de Cavalaria.

Este António Lopes Galhardo era filho de Diogo Lopes Galhardo, fidalgo castelhano, governador da praça de Larache e que morreu ao defendê-la quando foi tomada pelos mouros de Mequinez.

Do casamento de António Lopes Galhardo com D. Francisca Abarca nasceram D. Diogo Lopes Galhardo e D. Josefa Manuela Galhardo e Abarca, aquele pai de outro António Lopes Galhardo, que teve Carta de brasão de armas, por sucessão, com as dos Galhardos e dos Abarcas, concedida em 13-IX-1750, e esta última mulher de Máximo da Silva, de quem teve D. José Pedro Galhardo da Silva e Abarca, que também houve Carta de brasão com as armas mencionadas.

Nos principios do século XV foi para a ilha Terceira D. Pedro Abarca, fidalgo de Tui, e a sua descendência se ligou desde logo às principais famílias portuguezas, como: Borges, Cortes-Reais e Meireles.

Trazem por armas: De ouro, com uma cadeia de dez fuis de azul posta em banda e em orla, acompanhada de duas abarcas xadrezadas de negro e de ouro, forradas de vermelho.



Abarca



Abasto

ABASTO. Família da Andaluzia, cujo apelido também se encontra com a forma de Avasto, da qual se desconhece

a origem, ignorando-se tanto o nome da pessoa que o trouxe para Portugal, como a época da sua passagem, que foi anterior a 1631, pois o padre António Soares de Albergaria já o cita.

As suas armas são: De verde, com uma cruz de prata cheia de negro, cantonada de quatro vieiras de ouro.

ABELHO. Família cujo solar é uma torre no lugar de Brieves, concelho de Valdez, nas Astúrias, de tão conhecida nobreza que se dizia: Corvos em Pravia, Abelhos em Valdez, Mouros em Grado, Alas em Avilez.



Abelho

Guilherme Garcia Abelho viveu nas Astúrias, no lugar de Brieves, onde teve o senhorio da torre e solar dos Abelhos, e do seu casamento houve a Guilhem Garcia Abeiho, o Moço, por diferença do pai, a quem sucedeu na casa e senhorios. Este e sua mulher foram pais de Lopo Garcia Abelho, sucessor dos bens paternos, do qual nasceu de legítimo matrimónio Teresa Menendez Abelho, que herdou a casa do pai e o senhorio da torre e solar dos Abelhos e se casou com Fernando Mayor de Luarca.

Foi filha destes últimos Catarina Fernandes Abelho e Rayon, que sucedeu na casa materna e no senhorio da torre e solar dos Abelhos e contraiu matrimónio com Pedro Abelha de Luarca, senhor do solar dos Abelhos e capitão.

Este Pedro Abelha diz-se que procedia dos antigos povoadores das montanhas das Astúrias. Sabe-se que um deste apelido viveu no reino de Aragão e foi pai de: D. Berenguer Abelha, general dos exércitos do rei D. Pedro IV e apaziguador das alterações dos Aragoneses e Catalães; D. Bernardo Abelha, criado Cardeal de Rodas em 1309, o qual o Papa mandou a Espanha por Legado Apostólico; D. Ferrer Abelha, frade de S. Domingos e Bispo de Barcelona por eleição do Papa João XXII.

Nas Astúrias, no lugar de Luarca, para onde foi por causa da perseguição que D. Henrique II de Castela moveu a seus ascendentes, viveu Gomes Arias Abelha de Luarca, senhor do solar de Abelha. Casou e teve por filho a Pedro Abelha de Luarca, sucessor da casa do pai e senhor do dito solar, marido de Catarina Menendez de Pozada, de quem houve a João Fernandes Abelha e Pozada. Este sucedeu na casa paterna e foi senhor do solar dos Abelhas; casou com D. Maria Guterres de Bances e Acelana, da qual teve Pedro Abelha de Luarca, capitão, sucessor da casa e solar, que se recebeu com Catarina Fernandes Abelho e Rayon, senhora da casa dos Abelhos, atrás mencionada.

Reuniram-se por este casamento as duas casas de Abelhas e Abelhos e deles nasceram: João Fernandes Abelha, senhor dos dois solares, vinculados por sua avó Teresa Menendez Abelho por testamento feito em 1577, marido de D. Maria Álvares Fortes de Serra, de quem houve geração; e Rui Fernandes Abelho, que por homicídio feito na pátria passou a Portugal quando aqui reinava D. João III e ficou a viver em Évora, onde um filho casou com uma filha ilegítima do infante D. Luís, irmão do rei, como depois justificou seu filho Julião Abelho de Barros.

Nas coplas acerca dos brasões, diz Tirso de Avilés relativamente aos Abelhos:

*El truévano y sus abejas
Y el castaño ramos bellos.
Son armas de los Abellos.
Por lo cual tienen ganado.*

*De nobleza aquesta suela
Ya su fama vuela al cielo.
Ya así Nava es levantada
Con sublime y alto vuelo.*

Truévano, na linguagem asturiana, significa cortiço.

As armas da família Abelho em pouco diferem das dos Abelhas, talvez pela sua aliança, se não antes por em ambas se representarem apenas peças falantes.

São suas armas: De verde, com um cortiço de ouro, rodeado de abelhas do mesmo, rematado por uma foice de prata, encabada de ouro, posto à direita; e à esquerda, uma árvore de sua cor, bordada de ouro, tudo sobre um terraço, também de sua cor.

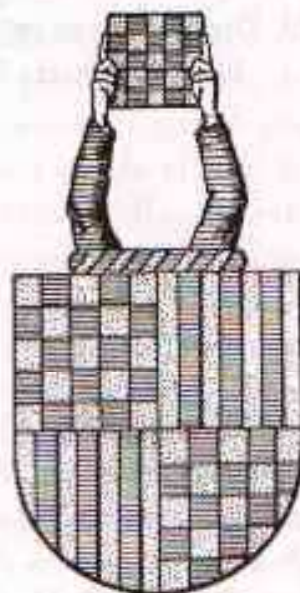
ABOIM. Entre as mais antigas e ilustres famílias portuguesas acha-se a dos Aboims, cujo solar é o lugar de Aboim, a quatro léguas de Monção, chamado actualmente Aboim da Nóbrega, freguesia do concelho de Vila Verde, distrito de Braga.

D. Ourigo Fernandes da Nóbrega, senhor da terra da Nóbrega e padroeiro do mosteiro de S. Martinho de Crasto, casou com D. Maria Lourenço da Cunha, filha de Lourenço Fernandes da Cunha e de sua primeira mulher D. Maria ou Sancha Lourenço de Maceira, de quem teve D. Fernando Ouriques da Nóbrega e D. Pedro Ouriques da Nóbrega, o primeiro dos quais casou com D. Marinha Viegas, filha de D. Egas Lourenço, o Espadeiro, de cujo matrimónio nasceu Nuno Fernandes da Nóbrega, que seguindo a vida eclesiástica foi prior do mosteiro de S. Salvador de Baldreu, no território de Regalados, e pai de Rui Nunes da Nóbrega, ouvidor do crime do rei D. Dinis e seu privado. Este viveu ainda em tempo de D. Pedro I, instituiu um vínculo de capela com obrigação de missa quotidiana, da invocação de S. Lourenço, na igreja de Santa Maria de Óbidos.

Nasceram deste Rui Nunes da Nóbrega dois filhos: Pedro Rodrigues de Aboim e Estêvão Rodrigues de Aboim, este casado e com geração, em cuja linha primogénita — Correias Manuéis de Aboim — continuou a administração do mencionado vínculo, circunstância que leva a admitir que na linha de Pedro faltaram as condições impostas pelo instituidor.

Pedro Rodrigues de Aboim foi administrador da capela, à qual juntou a sua terça, e parece ter deixado um filho de nome Afonso Pires de Aboim, que viveu no reinado de D. Duarte e se casou com Beatriz Anes de Brito, filha de João Afonso de Brito, o Velho, alcaide-mor de Beja, da qual deixou geração.

Tanto os descendentes de Pedro Rodrigues de Aboim como os de seu irmão Estêvão continuaram este apelido.



Aboim

D. Pedro Outrigues da Nóbrega, atrás mencionado, teve herdamento na terra de Aboim, concelho da Nóbrega, onde fez casa e torre, que o Rei lhe coutou. Foi casado com D. Maria Viegas, filha de Egas Lourenço, o Espadeiro, ou, como pretendem outros genealogistas, com Urraca Gil, filha de Gil Pires Feio e de sua mulher D. Inês Soares Coelho, de cujo matrimónio nasceram diversos filhos, entre eles D. João Pires de Aboim, e por eles se prolongou o apelido de Aboim.

Este D. João Pires de Aboim ou somente D. João de Aboim foi companheiro do Infante D. Afonso, depois Conde de Bolonha e Rei de Portugal, com quem esteve em França dezasseis anos. É considerado o mais ilustre dos cortesãos que vieram daquele Reino com o Bolonhês e por ser senhor de Portel foi também conhecido por D. João de Portel.

Sua neta D. Maria Pires Ribeiro, filha de seu filho D. Pedro Anes de Portel e de sua mulher D. Constança Mendes de Sousa, casou com D. Afonso Dinis, filho ilegítimo de D. Afonso III, e deles descendem os Sousas, chamados de Arronches.

Outra neta, irmã consanguínea de D. Maria Pires, por nome D. Branca Pires de Portel, contraiu casamento com D. Pedro, Conde de Barcelos, filho ilegítimo do Rei D. Dinis, a quem se atribui um dos livros das linhagens medievais.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, nas suas trovas, escreveu:

*Dos de Aboim D. João,
E Dona Afonsa Marinha
Vem este nobre braço
Dos Boins, de cuja linha
quasi não ha geração.*

As armas dos Aboins são: Esquartelado: o primeiro e o quarto xadrezado de ouro e de azul, de cinco peças em faixa e cinco em pala; o segundo e o terceiro de ouro, com três palas de azul. Timbre: um quadro xadrezado do primeiro quartel do escudo, entre dois braços vestidos de azul, que o sustentam.

Pelo selo de D. João de Aboim vê-se que trouxe por armas nove lisonjas de veiros, apontadas e moventes do chefe, da ponta e dos flancos do escudo, desconhecendo-se, porém, o esmalte do campo.



Aboim

ABOR. Nada se sabe desta família, cujas armas são: xadrezado de azul e de prata, de seis peças em faixa e seis em pala.

ABRANCHES. Provém esta família de D. Álvaro Vaz de Almada, que teve o título de Conde de Avranches na Normandia e casou duas vezes, de ambas deixando geração. Mas a de sua primeira mulher, D. Isabel da Cunha, tomou por apelido o nome do condado, que se fixou em Abranches, usando-o primeiro ligado ao de Almada, e depois só (v. Almada).

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, dedicou aos Almadas e Abranches uma das suas trevas.

Os Abranches não têm armas, embora os livros de armaria e algumas cartas de brasão lhes atribuam umas, que são as dos Almadas, de que descendem.

Há na provincia da Beira uma familia Abranches que nada tem com esta, porquanto o seu apelido é Abrantes, o qual alguns ramos transformaram naqueles, pelos princípios do século XVII.

Alguns tiveram Cartas de brasão que os reis de armas lhes passaram com as dos Abranches, provando-se, falsamente, que descendiam desta familia.



Abreu (antiga)

ABREU. Tomou esta familia, como parece, o seu apelido da quinta de Abreu, que possuía na freguesia de S. Pedro de Merufe, termo de Monção, e o mais antigo fidalgo dele conhecido é Gomes de Abreu, pai de Rui Gomes de Abreu e de Garcia Gomes de Abreu, que viveu em tempo de D. Afonso Henriques, naquela quinta, e possuía o senhorio de outras terras na região.

A familia dos Abreus não somente se dilatou no sangue levado a todas as casas nobres do Minho, a grande parte das de Portugal e a muitas do estrangeiro, mas também no valor que sempre demonstrou pelo espirito, pela pena e pela espada, na Igreja, nas Letras, e nas Armas. Não só no Continente, mas nas terras de além, empregou o seu esforço e derramou o seu sangue, como exuberantemente o mostram as crónicas e as chancelarias régias e das Ordens militares.

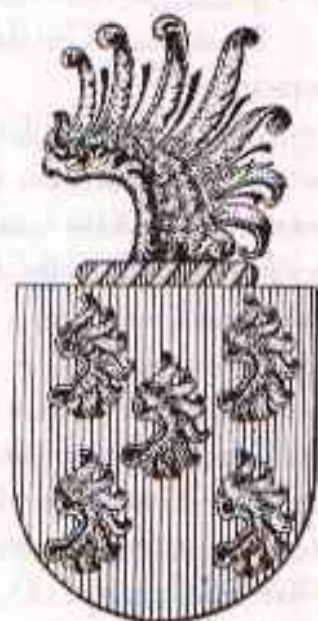
O ramo mais importante desta familia foi o que teve o senhorio de Regalados, o qual lhe entrou pelo casamento de Diego Gomes de Abreu com D. Leonor Viegas do Rego, de quem descenderam os senhores do Paço de Anquião, os das Casas do Amial, de Mós e da Carreira — Abreus e Limas e Abreus Távora.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, escreveu a seguinte trova:

*Senhores de Regalados
são estes, mas mais antigos
foram sempre esforçados
cavalleiros e amigos
dos Reis da Patria passados.*

E Manuel de Sousa da Silva esta quintilha:

*Sobre o Minho fundada
Está a torre de Abreu
Que seu nome illustre deu
A geração que estimada
Para Regalados veio.*



Abreu (moderna)

A família dos Abreus traz por armas: De vermelho, com cinco asas de ouro em sautor. Timbre: uma asa do escudo.

Primitivamente eram: De vermelho, com três asas de ouro.

ABUL. Desconhece-se o principio desta família, cujo apelido pouco se divulgou, mas alguns genealogistas pretendem, pela semelhança do nome, fazê-la originária de Abiul, no actual distrito de Leiria, o que não é crível, porque, se assim fosse, o apelido deveria ser precedido da preposição *de*, por causa da sua proveniência geográfica.

Abul é palavra árabe que serviu de nome próprio a alguns príncipes marroquinos, um dos quais foi vencido na batalha do Salado. Alguns escritores julgam que deste ou de outro descenda a família Abul, que é antiga em Portugal. Um dos seus membros foi sepultado na Sé de Lisboa, junto da porta travessa, para o lado do rio, em monumento de pedra encostado à parede do lado da Epistola, com as armas de Abul e o seguinte letreiro.



Abul

«AAbul

Aqui jaz o honrado Lourenço Aabul secretario del Rey nosso senhor e conego nesta see. Asbulis hunc titulum, clarum quem cernis et arma. partem Aquilae, et lunas, tosimul esse putes.»

Este Lourenço Abul foi também chantre e cônego da Sé de Évora e de Isabel Martins, mulher solteira, teve um filho chamado Vasco Abul, legitimado por carta de D. Afonso V, passada em 20-VIII-1477.

Talvez este Lourenço descendesse de um Vasco Abul, homem bom do concelho de Castelo de Vide, que vivia em 1400.

Passaram a Castela em tempo de D. João I e houve-os nas ilhas, onde foram gente principal.

São suas armas: De ouro, com meia águia estendida de negro, lampassada de vermelho; partido de azul, com faixa de vermelho perfilada de ouro, carregada de um crescente invertido de prata e acompanhada, em ponta, de dois crescentes invertidos do mesmo. Timbre: duas asas estendidas de negro.



Aça

AÇA. Vem esta família da dos Laras, descendendo de D. Gonçalo Fernandes — que provinha dos Reis das Astúrias, Leão e Galiza — Conde de Lara e Bureva, fundador e senhor de Aza e de outras povoações em Castela-a-Velha, cujo filho primogénito, D. Nuno Gonçalves, deu os Laras, os Maniques e os Furtados. Seu segundo filho D. Fernão

Gonçalves sucedeu no senhorio de Aza, foi pai do conde D. Garcia Fernandes, senhor de Aza e Marañon, pai do conde D. Garcia Garcez, senhor de Aza, morto no ano de 1087, marido da Infanta D. Elvira, filha de D. Fernando I, o Magno, e de sua mulher D. Sancha, dos quais nasceu o Conde D. Garcia Garcez de Aza, o primeiro que usou tal apelido.

No século XIV alguns membros desta família vieram para Portugal, mas passadas as dissensões política restituíram-se a Castela.

A Princesa de Mântua trouxe por mordomo-mor D. Filipe de Aza, cavaleiro de Calatrava, que casou em Portugal e cá deixou descendência. O apelido tomou a forma de Aça.

As armas que usam os desta família são: De ouro, com uma cruz florenciada e vazia de vermelho, dentro de uma orla de prata bordada de negro, carregada de dez aspas do segundo esmalte e dez caldeiras de negro, postas em orla.

ACHIOLI. Família florentina que se espalhou por vários estados da Europa e se diz originária dos antigos Duques de Borgonha, estes originárias da casa real de França.

Começa em Guigliaralo, que viveu em Florença pelos anos de 1165 da era cristã e foi pai de Ricomano, o qual teve Achiolo, cujo nome na língua toscana significa «feito de aço».

Este Achiolo, homem muito valoroso, viveu na mesma cidade, na qual exercitou os principais empregos da República, e de sua mulher teve Guidaloto Achioli, o primeiro deste apelido, que como se vê foi, de começo, patronímico. Dele nasceu Marmino Achioli, o qual vivia por 1290 e por ser «de tanta prudência e autoridade» o elegeram gonfaloneiro, cargo que equivalia a Presidente Supremo do Senado e tinha a intendência do governo de todo o território florentino. Houve por filho Donato Achioli, pai de Jacobo Achioli, casado com Bartolomeia Riciatoli ou Rizoti, de quem nasceu Misser Donato Achioli, marido de Honesta Strozzi, pais de Nerio Achioli, consorciado com Helena Strozzi.

Destes últimos foi filho Pedro Archioli, que contraiu matrimônio com Leonarda Neroni, pais de Nerio Achioli, casado com Alexandra Martelli, dos quais nasceu Alamenio Achioli, que teve de sua mulher N. Bartolini a Zenóbio Achioli, chamado o Velho por diferença do filho, nascido de Maria Guarini.

Zenóbio Achioli, o moço, teve grande valor e prudência, prestou muitos serviços à Igreja seguindo o partido do Papa mesmo contra a sua pátria e o príncipe, e combateu os rebeldes acompanhado por sua parentela e amigos, pelo que passou ao serviço do imperador Carlos V e depois a Espanha, onde ele lhe fez mercê de, com seus irmãos e toda a sua descendência, gozar dos privilégios e mais preeminências dos fidalgos de Castela e, bem assim, de serem tratados como senhores de título. O Imperador declarou na respectiva carta, dada em Madrid a 16-I-1517, fazer esta mercê por eles provirem de sangue real e de duques, condes e mui ilustres senhores do Ducado de Florença, de França, Grécia, Veneza, Inglaterra e Espanha.



Achioli

Contraiu Zenóbio Achioli, o Moço, matrimónio com D. Catarina Delphini, cuja família era das principais de Veneza.

Foram seus filhos Simão Achioli e Francisca Achioli, ambos com descendência portuguesa.

Simão Achioli passou por 1516 à Ilha da Madeira e dos bens que aí possuiu, acima da cidade do Funchal, instituiu vínculo com capela sagrada, a qual dedicou ao nascimento de Nossa Senhora.

O Rei D. João III lhe confirmou, por Carta de brasão dada a 27-X-1529 as armas dos Achiolis que ele justificara perante o Dr. Brás Neto, desembargador do Paço, lhe pertencerem por varonia, para o que apresentou uma carta patente selada pelo Senado de Veneza e assinado pelos Priores (ministros do Supremo Conselho) em 14-VIII-1515, na qual se mostrava uma filiação e legitimidade de nascimento, assim como a nobreza e antiguidade da família.

Morreu Simão Achioli em 1544 e se enterrou no capítulo velho do mosteiro de S. Francisco do Funchal.

Casou com Maria Pimentel Drumond, que faleceu a 12-X-1541 e era filha de Pedro Rodrigues Pimentel e de sua mulher, Isabel Ferreira Drumond, de quem deixou geração nas Ilhas e que passou em parte ao Brasil e ao Reino.

Francisca Achioli, irmã de Simão Achioli, contraiu casamento com Baptista Cavalcanti, fidalgo ilustre de Florença, de quem houve a António Cavalcanti, pai de Filipe Cavalcanti que se homiziou em Portugal e casou em Pernambuco.

Os Achiolis produziram muitos príncipes soberanos, cardiais e arcebispos. Deles saíram os Grãos-Duques da Toscana, do quarto dos quais, Cosme de Médicis, e de sua mulher Maria Madalena de Áustria, irmã do Imperador Fernando II, nasceu Pedro de Médicis, que casou em Portugal com D. Brites de Lara, filha dos Duques de Vila Real, D. Manuel de Meneses e D. Brites de Almeida, sem ficar geração deste matrimónio.

O Marquês Achioli, que em 1742 só tinha uma filha para herdar a sua grande casa de Florença, convidou D. Jacinto Achioli de Vasconcelos, morador na Ilha da Madeira e descendente de Simão Achioli, para seu marido, a fim de não se extinguir a varonia, casamento este que se efectuou.

A forma correcta do apelido, usada em Itália, é Accisjuoli, mas a que em Portugal se generalizou foi Achioli.

Têm por armas: De prata, com um leão de azul, armado e lampassado de vermelho. Timbre: leão das armas.

ADARGA. Família que existiu em Portugal, segundo refere o Dr. Francisco Xavier da Serra Craesbeck no *Espelho da Nobreza*, cujas armas são: De azul, com cinco flores-de-lis de ouro postas em sautor.

ADORNO. Família que passou a Portugal, procedente directamente da Itália ou de Xerez de la Frontera, em Espanha, onde os havia, provindos daquele país.



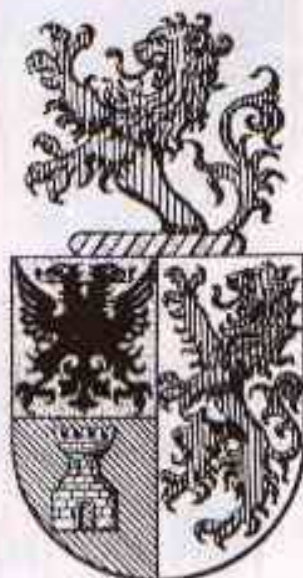
Adarga



Adorno

As armas que lhe pertencem são: De ouro, com banda xadrezada de negro e de prata, de três tiras. Timbre: águia estendida de negro entre duas asas de ouro.

AFONSO. Patronímico bastante difundido, pelo que existem muitas famílias do mesmo nome, mas de origens diversas. Os que descendem de Jorge Afonso, que teve armas antes de 1509, trazem: Partido: o primeiro de ouro, com uma águia de duas cabeças, estendida, de negro; cortado de verde, com uma torre de prata; o segundo de prata, comum leão de vermelho. Timbre: leão sainte de vermelho.



Afonso

AGRA. Família portuguesa de moderna origem. A Francisco Gonçalves Agra, fidalgo-cavaleiro da Casa Real e comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, fez mercê D. Luís, por Carta de 25-V-1868, das seguintes armas: Esquartelado: o primeiro e o quarto de ouro, com um rochedo de sua cor; o segundo e o terceiro de verde, com banda de negro, perfilada de ouro.



Agra

ÁGUEDA. Família que, segundo os *Estrangeiros no Lima*, de Manuel Gomes de Lima Bezerra, apoiado nos *Blasones de Portugal*, do Padre Manuel da Purificação Magalhães, existiu em Portugal.

As suas armas são: De vermelho, com um grifo de ouro, coroado e encimado por uma estrela de seis pontas do mesmo.



Águeda

AGUIAR. Da antiga e ilustre família dos Guedes procedeu a dos Aguiares, que tomou o apelido do senhorio de Aguiar, na província de Trás-os-Montes, e o primeiro a usá-lo foi D. Mendo Peres de Aguiar, que casou com D. Maior Garcia de Portocarreiro e viveu em tempo de D. Afonso Henriques, dele vindo os que assim se chamaram. Desta família saiu a dos Aguiar, muito qualificada em Espanha.

Tanto no Continente como nas Ilhas teve larga expansão, mantendo sempre honrada nobreza, que procurou consolidar com acções dignas dos feitos dos seus maiores.

D. João Ribeiro Caio, bispo de Malaca, cantou os Aguiar na seguinte trova:



Aguilar

*D'Aguiar foram senhores
Verdadeiros e leais
De antigos antecessores
Mas não tiveram mais
Por pertencer a Aguiares.*

Manuel de Sousa da Silva, insigne linhagista, a seu respeito escreveu esta quintilha:

*Desse Dom Guêda antigo
Tem os de nome honrado
De Aguiar sublimado
Por terem o seu abrigo
N'esta terra assim chamado.*

As armas que usam são: De ouro, com uma águia estendida de vermelho, bicada e sancada de negro. Timbre: a águia do escudo.

AGUILAR. A família Aguilar tem a mesma origem dos Aguiares. D. Gonçalo Anes de Aguiar, bisneto de D. Pedro Mendes de Aguiar, o primeiro deste apelido, e de sua mulher, foi rico-homem de Portugal e, depois, em Castela, aonde passou no reinado de D. Fernando, o Santo. Valido do Rei D. Afonso, o Sábio, a quem serviu no sítio de Sevilha, dele teve a mercê de terras na Andaluzia, a que, segundo dizem escritores antigos, deu o nome de Aguilar, tirado do seu apelido, a que também deu forma espanhola.

Este ilustre cavaleiro morreu valorosamente combatendo os Mouros na Veiga de Granada no ano de 1283, junto do Infante D. Sancho, a quem salvou a vida. O Rei lhe deu para seu jazigo e de seus descendentes a capela real de Córdoba, onde o sepultaram. Casou com D. Berenguela de Cardona, filha dos sextos Viscondes de Cardona, e dele ficou geração, da qual saíram os Aguilares de Portugal e Espanha.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, dedicou-lhes os seguintes versos:

*Dos de Cordova é braço
tão ditoso em gerar
apelido de Aguilar
dos godos é geração
em Castela não tem par.*

Os Aguilares, que se fixaram em Elvas, trazem por armas: De ouro, com uma águia estendida de sua cor, bicada e sancada de púrpura, e carregada sobre o peito de um escudete de ouro, sobrecarregado de três faixas de vermelho (Córdoba).



Aguilar



Aguilera

AGUILERA. Esta família é muito antiga em Espanha e parece que o primeiro a usar o apelido foi Pelaio de Aguilera.

Segundo o Dr. Francisco Xavier da Serra Craesbeck, no seu *Espelho da Nobreza*, e outros autores, passou a Portugal.

As suas armas são: De ouro, com uma águia estendida de negro. Timbre: a águia do escudo.

AIALA. Procedem os Aialas de D. Lopo Dias, 10.^o senhor soberano de Biscaia, e de sua mulher, D. Aldonça Rodrigues de Castro, os quais tiveram por filho D. Sancho Lopes, de que há noticias nos fins do século XII. Deste e de sua mulher nasceu D. Lopo Sanches, rico-homem de Castela, senhor ou governador de Castela-a-Velha, senhor de Urivarri, Gamboa e outros lugares, casado com D. Elvira Sanches de

Guevara, pais de D. Pedro Lopes de Aiala, o primeiro a usar o apelido, o qual succedeu na casa paterna e teve o senhorio de Urivarri. Gamboa, casa de Mena e Unça, esteve nas conquistas de Baeça e Sevilha, onde foi herdado. Recebeu-se com D. Maria Sanches, senhora de Unça, de cujo matrimónio nasceram filhos, dos quais o mais velho continuou o apelido de Aiala.

Afonso Lopes de Aiala, que era desta família, por desgostos tidos em Castela, veio para Portugal e se casou em Beja com D. Inês de Gouveia, de quem teve geração.

O Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, escreveu acerca dos Aialas a quintilha seguinte:

*Estes, godos são por linha
e de santa geração
e em seu solar estão
alguns corpos, sem mesinha
inteiros sem corrupção.*

Trazem por armas: De prata, com dois lobos passantes de negro, armados e lampassados de vermelho, um sobre o outro;



Aires

com bordadura, também de vermelho, carregada de oito aspas de ouro. Timbre: um dos lobos do escudo.



Aiala

AIRES. Na armaria portuguesa existem armas de uma família Aires, cuja proveniência se desconhece. Não se sabe quem primeiramente as usou e nem se pode inferir do nome qual a família a que pertencem, podendo, portanto, existir diversas famílias com igual designação e origens diversas. Parece, contudo, que esta andava aliada à dos Peixotos Cachos,

pois eles trazem as mesmas armas, que são: De verde, com um braço armado de prata, saído em banda do flanco esquerdo do escudo, tendo na mão um punhal do mesmo, guarnecido de ouro, com a ponta para baixo.

ALAGOA. Família que se enobreceu no século XVIII. Por alvará de 17-1-1763 foi dada a casa e quinta de Alagoa por solar a José Francisco da Cruz Alagoa, riquíssimo comerciante que dela tomou o apelido.

Sua família era originária do distrito de Lisboa, onde, no lugar da Igreja Nova, antigo termo de Sintra, viveu um João Francisco, daí natural, casado com Brízida Francisca, do lugar de Aqualva, freguesia de Belas, no mesmo concelho de Sintra.

Deste casal nasceu, em Aqualva, João Francisco da Cruz, industrial em Lisboa, o qual, por influência de um filho padre, foi deputado da Junta do Grão-Pará e Maranhão e escrivão do Terreiro Publico. Casou-se com D. Joana Maria de Sousa de Vila Franca de Xira, filha de António Gomes e de sua mulher, Domingas Antunes, e morou em Lisboa, às Portas de Santa Catarina.

Nasceram do referido matrimónio quatro filhos varões e duas fêmeas, professoras no Mosteiro de Celas. Aqueles foram António José da Cruz, padre congregado e procurador-geral da Ordem, o qual, depois do Terramoto, despiu o hábito e foi cónego da Santa Basilica de Santa Maria e encarregado da sua reedificação; José Francisco da Cruz Alagoa; Joaquim Inácio da Cruz Sobral (v. *Sobral*), e Anselmo José da Cruz Sobral.

Foi José Francisco da Cruz Alagoa fidalgo da Casa Real, do Conselho de S. M. F. e do da Fazenda Real, tesoureiro-mor do Real Erário, procurador da Companhia do Grão-Pará e Maranhão, provedor da Junta do Comércio e administrador da Alfândega de Lisboa.

Em 10-IX-1763 instituiu o morgado da Alagoa e em 25-III-1765 se lhe passou Carta de brasão de armas, de mercê nova, com as seguintes: Cortado: o primeiro de azul, com cinco estrelas de ouro, de seis pontas, postas em cruz: o segundo de prata, aguado de azul; bordadura de todo o escudo, de vermelho, carregada da legenda *Nomen honorque m'is*, em letras de ouro. Timbre: galgo de prata, coleirado de vermelho, com uma chave de ouro na boca.



Alagoa

ÁLAMO. A família dos Álamos é de Castela, onde andava ligada à dos Coronéis Jorge Gomes de Lamego, descendente do Rei D. Ramiro I, de Aragão, por linha varonil dos las Varillas, chamou-se de Lamego por nascer nesta cidade, de onde passou à de Lisboa e aí casou com Isabel Henriques do Álamo, da família acima referida. Seu filho Diogo Rodrigues de las Varillas casou com D. Isabel Henriques da Serra, filha de Henrique da Serra e de D. Filipa Rodrigues, ambos naturais da Galiza, e teve acrescentamento de

suas armas, alusivo ao apelido Álamo, por alvará de 2-IV-1639 e Carta de brasão de 17 de Junho do mesmo ano.

Ligaram-se, depois, à família Salter de Mendonça.

As armas dos Álamos portugueses são: Esquartelado: primeiro e quarto de ouro, com quatro palas de vermelho e bordadura de azul carregada de oito cruces potencias de prata, cada cruz cantonada de quatro cruzetas do mesmo; segundo e terceira de prata, com um álamo de verde. Timbre: quatro penachos, dois de azul entre dois de vermelho e no meio deles uma das cruces do escudo.



Álamo

ALÃO. Família cuja origem se pretende ser mais antiga do que a Monarquia portuguesa.

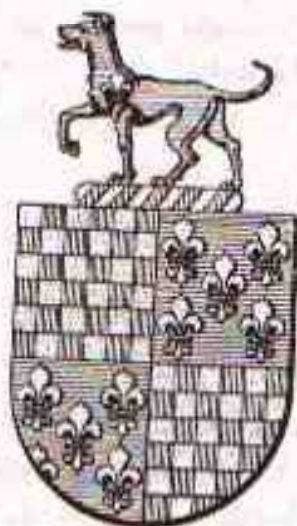
Afonso Fernandes Alão, que não figura nos Livros das Linhagens, se diz ser filho de D. Fernão Mendes, senhor de Bragança, contemporâneo do Conde D. Henrique, e de sua mulher, D. Teresa Soares, e neto de D. Mendo Alão de Bragança, o qual já tivera o mesmo senhorio, e de sua mulher, filha do rei da Arménia.

Este Afonso Fernandes foi pai de Fernando Afonso Alão e de Paio Afonso Alão, ambos com descendência que seguiu o apelido.

Paio Afonso teve Soeiro Pais Alão, que houve dois filhos, Martim Soares Alão e D. João Soares Alão, Bispo do Algarve. De Martim Soares nasceu Sancha Alão, que, com seu marido o trovador João da Gaia, morador no termo de Lisboa, fez doação no ano de 1344 de umas casas herdadas do tio D. João ao Hospital de Santo Eutrópio, vínculo instituído por este bispo na igreja de S. Bartolomeu da mesma cidade, onde fora enterrado na capela de S. Mateus com autorização do Papa, concedida por bula que permitiu a sua trasladação para aí.

Este vínculo foi administrado pelos Soares de Albergaria.

Usam: Escudo esquartelado: o primeiro e o quarto xadrezado de ouro e de vermelho, de seis peças em pala e seis em faixa; o segundo e o terceiro de azul, com cinco flores-de-lis de ouro. Timbre: um alão passante de azul, carregado de uma das flores-de-lis na espádua.



Alão

ALARCÃO. Família espanhola que teve origem na de Cevallos, cujo solar, conhecido e de notória nobreza, é no vale de Buelna, nas Astúrias de Santillana. Em 1177 Fernão Martins de Cevallos assinalou-se heróicamente no assalto da muito forte e quase inexpugnável vila de Alarcon, e foi o primeiro que escalou as suas muralhas, pelo que dela tomou o nome por apelido e recebeu em mercê, concedida pelo Rei D. Afonso IX, a alcaí-

daria e senhorio da mesma vila. Com a Rainha D. Maria, segunda mulher de D. Manuel I, veio para Portugal D. Elvira de Mendonça, segunda mulher de Martim de Alarcão, já falecido, comendador de Membrilha na Ordem de Sant'Iago, o qual serviu os Reis Católicos nas guerras, tanto na Veiga de Granada como em Málaga, achando-se nas acções grandes que houve neste Reino em todo o cerco de Granada e entrega da cidade, e, por



Alarcão

ser pessoa tão principal e pelos muitos serviços que prestou, teve dos referidos soberanos grandes herdamentos na cidade conquistada aos Mouros e no seu termo. Este Martim de de Alarcão foi também capitão da Guarda dos ditos reis e fundou uma capela na Igreja Maior de Granada, onde está enterrado.

Accompanhando D. Elvira de Mendonça, veio seu filho D. João de Alarcão, que foi caçador-mor de D. João III, por Carta de 22-XII-1522, em atenção aos serviços que sua mãe prestara como camareira-mor das Rainhas D. Maria e D. Leonor. O mesmo monarca lhe fez mercê, em 6-X-1515, de cem mil réis de tença para o filho ou neto, estando ele para casar com D. Margarida Soares, e lhe coutou todas os seus caseiros e lavradores, que haviam sido do sogro, por mercê de 1528.

Casou duas vezes: a primeira com a sobredita D. Margarida Soares, senhora da Casa de Torres Vedras e Vila de Rei, que lhe levou a alcaidaria-mor daquela vila, filha de Gomes Soares de Alvarenga, alcaide-mor de Torres Vedras, e de D. Filipa de Castro; a segunda com D. Maria de Vilhena, filha de D. Lopo de Almeida, Conde de Abrantes, deixando geração de ambos os matrimónios, que continuou o apelido em Portugal e Espanha.

D. João Ribeiro Gaio, Bispo de Malaca, dedicou aos Alarcões a seguinte quintilha:

*Olim estes se chamaram
Cavalos não Alarcôis,
e depois por que tomaram
Laroão, com o nome ficaram;
fortes como Sipiões.*

Trazem por armas: De vermelho, com uma cruz florenciada de ouro, vazia do campo; bordadura cosida de azul, carregada de oito aspas de ouro.

ALARDO. Esta família descende de um cavaleiro francês, conhecido em Portugal por D. Alardo, que, com amigos e criados, se dirigia à Terra Santa, capitaneando uma armada, o qual ajudou D. Afonso Henriques nas guerras contra os Mouros e praticou tão assinalados serviços que o monarca lhe deu as vilas de Atouguia, Vila Verde e Lourinhã.

Iria Martins Alardo, de Vila Verde, irmã de Lourenço Martins Alardo, alcaide-mor de Lisboa e tesoureiro-mor do Reino, ambos filhos de Gonçalo Martins Alardo,

senhor da mesma vila, casou com Rui Martins Barba, filho de Martim Pires Botelho e de sua mulher, D. Inês Vasques Pimentel, provindo deste matrimónio numerosa e distinta geração, que usou os apelidos de Barba Alardo.

Trazem por armas: De vermelho, com três flores-de-lis de ouro postas em roquete e um crescente de prata em abismo. Timbre: um leão-sainte de prata, armado e coleirado de vermelho, tendo na pata direita uma flor-de-lis de ouro.

Dizem heraldistas antigos que as armas primitivas não tinham o crescente e que D. Alardo lho adicionou.



Alardo

ALBERGARIA. É uma das mais distintas e antigas famílias de Portugal. Descendo de D. Paio Delgado, que viveu na segunda metade do século XII e instituiu uma albergaria em Lisboa, que se supõe ficava na freguesia de S. Bartolomeu, a qual foi conhecida por albergaria de Paio Delgado, e dela tiraram o apelido seus descendentes.

Do filho primogénito, Martim Pais, provieram os Rebelos, e do segundo, Pêro Pais, os Albergarias.



Albergaria

Esta família produziu varões muito ilustres, que deixaram na Índia grande memória das suas acções.

D. João Ribeiro Gaio, Bispo de Malaca, escreveu dos Albergarias:

*Dos godos a dianteira
temidos da gente brava
da de Castela fronteira
a quem tomaram a bandeira
que trazem de Colatrava.*

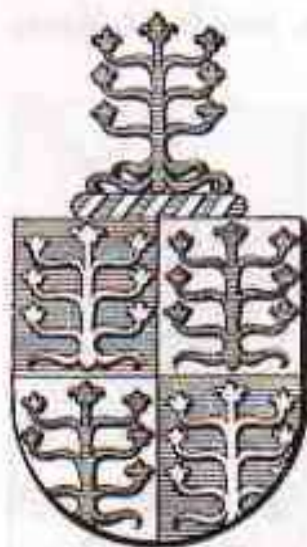
As suas armas são: De prata, com uma cruz florenciada e vazia de vermelho; bordadura do primeiro, carregada de doze escudetes de azul, sobrecarregados, cada um, de cinco besantes do campo. Timbre: um dragão de vermelho.

ALBERNAZ. Família antiga, da qual se conhece no fim do século XIII e começo do seguinte D. Margarida de Albernaz, segunda mulher de Nuno Fernandes Cogominho, almirante do Reino em tempo de D. Dinis, almotacé-mor de D. Afonso IV e chanceler-mor de D. Pedro I, filho de D. Fernão Fernandes Cogominho e de sua mulher, D. Joana Dias.

D. Margarida de Albernaz e seu marido deixaram geração, procedendo deles os Cogominhos, e fundaram a capela de Nossa Senhora da Misericórdia na Sé de Lisboa,

onde, em túmulo com figura jacente e as armas dos Albernazes e dos Cogominhos, jaz o corpo desta senhora.

No ano de 1378 instituiu um vínculo, que uniu à capela de Santo Estácio da Sé de Lisboa, Martim Afonso de Albernaz. Nos registos de D. João I também figura outro Albernaz, Álvaro Martins, dos Paços do Lumiar, talvez filho daquele, como faz supor o patronímico.



Albernaz

No tempo de D. Afonso V passou a Portugal Fernão Carrilho de Albernaz, que se casou com Maria Borges, de quem nasceu Fabião Borges de Albernaz, morador em Guimarães, pai de Diogo Borges de Albernaz, natural da mesma vila, que viveu na ilha da Madeira, onde deixou geração, e teve Carta de brasão de armas em 30-III-1538, e de Martim de Mesquita Borges, morador em Goa, que também tirou brasão de armas no ano de 1562.

As suas armas são: Esquartelado de azul e de prata, com quatro carapeteiros de um no outro. Timbre: um carapeteiro de azul.

ALBORNOZ. Descende esta família de D. Fernão Gomes de Aça, rico-homem que vivia nos princípios do século XIII, segundo senhor de Albornoz, que herdou de seu pai, D. Gomes Garcia de Aça, senhor de Aça, Aylon e Roa e alferes-mor de Castela, que o houve em sua mulher D. Maria Garcia.

De D. Fernão Gomes de Aça foi filho legítimo D. Álvaro Fernandes de Albornoz, que sucedeu a seu pai no senhorio de que tomou apelido, o qual é uma aldeia situada no distrito de Cuenca, e foi também alcaide de Moya. Dele provêm os Albornozes de Espanha, de onde passaram a Portugal. Por causa dum crime veio para Portugal Pedro de Albornoz, fidalgo castelhano, parente muito próximo do cardeal D. Gil de Albornoz, bispo de Sevilha, o qual se casou em Portelo, junto de Lamego, com Catarina Teixeira, filha de Gaspar Teixeira, e nesse lugar ficou residindo e deixou geração.

Os Albornozes são das mais antigas e ilustres famílias da Espanha, pois provêm dos Laras, que têm por varonia sangue da casa real de Leão.

O Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, escreveu, acerca dos Albornozes:

*Lá na mancha de Arogão
de Vilhena Marquezado
um cavaleiro afamado
por armas tomou a mão
e a senhoria do Condado.*



Albornoz

Usam as seguintes armas: De ouro, com banda de verde.

ALBUQUERQUE. Na família dos Meneses se originou a dos Albuquerque, uma das mais distintas de Portugal, porque, ao sangue esclarecido da linhagem de que proveio, juntou o de outras muito ilustres e o das casas reais de Castela e de Portugal.

D. Afonso Teles de Meneses, filho de D. Telo Pires de Meneses e de sua mulher, D. Gontrode Garcia de Vilamaior, foi segundo senhor de Meneses, Medelim, Monte Alegre e outras terras e o primeiro povoador de Albuquerque, vila de que também teve o senhorio. Morreu no ano de 1230 e foi sepultado no mosteiro de Palaçuelas. Casou-se duas vezes: a primeira com D. Elvira, filha de D. Rodrigo Gonçalves Girão, rico-homem e senhor da casa dos Girões, e de sua mulher, D. Maior, de cujo matrimônio deixou descendência que seguiu o apelido Girão; e a segunda vez com D. Teresa Sanches, filha bastarda de D. Sancho I de Portugal, de quem teve D. João Afonso de Meneses, que sucedeu nos senhorios de seu pai e foi rico-homem e alferes-mor de D. Afonso III de Portugal, seu primo coirmão.

D. João Afonso de Meneses foi casado, mas é incerto o nome de sua mulher, pois três lhe atribuem. Segundo o Conde D. Pedro, chamava-se D. Elvira Gonçalves Girão, filha de Gonçalo Rodrigues Girão, da qual teve vários filhos que seguiram o apelido Meneses e entre eles D. Rodrigo Anes Telo de Meneses, que sucedeu a seu pai na casa e terras, e, em tempo do Rei D. Afonso X de Castela, foi terceiro senhor de Albuquerque. Casou-se com D. Teresa Martins de Soverosa, filha de D. Martim Gil de Soverosa e de sua mulher, D. Inês Fernandes de Castro, de cujo matrimônio nasceu D. João Afonso de Albuquerque, o primeiro que usou este apelido, tirado da vila de que foi quarto senhor.

Sucedeu D. João Afonso em toda a casa de seu pai; foi muito bom cavaleiro, teve o título de Conde de Barcelos por Carta de 8-V-1298 e exercitou o ofício de mordomo-mor de D. Dinis. Fez testamento no ano de 1304. Casou-se duas vezes: a primeira com D. Teresa Sanches, filha bastarda de D. Sancho IV de Castela, de quem deixou geração, em breve tempo extinta; a segunda, com D. Maria Coronel, filha de D. Pedro Coronel, ficando deste matrimônio D. Teresa Martins, que alguns autores dizem ser filha da primeira mulher, a qual se recebeu com D. Afonso Sanches, filho bastardo de D. Dinis e de D. Aldonça Rodrigues Telha.

De D. Teresa Martins e de seu marido provém os Albuquerque, a quem João Rodrigues de Sá, nas suas coplas, dedicou a seguinte:

*As cinco flores de lys
com quinas em quarteirão
os Albuquerque trarão,
os que del rei dom Denys
trazem sua geração.*

*E por tocar tão estado
bem merece ser honrado
sangue que tem tal mistura
per tão honrrado natura
dyno de sei nomeado.*



Albuquerque
(antiga)

As armas antigas eram: De vermelho, com cinco flores-de-lis de ouro. Timbre: uma asa de negro, com cinco flores-de-lis de ouro postas em sautor.

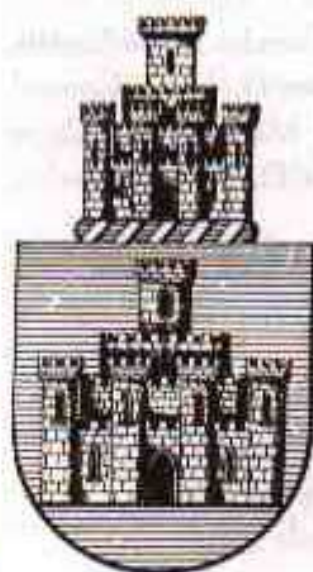
Modernamente usam: Esquartelado; o primeiro e o quarto, de prata, com cinco escudetes de azul postos em cruz, cada escudete carregado de cinco besantes de prata, em sautor; o segundo e o terceiro, de vermelho, com cinco flores-de-lis de ouro postas em sautor. Timbre: um castelo de ouro, rematado por uma flor-de-lis do mesmo; ou uma asa de negro, carregada de cinco flores-de-lis de ouro postas em sautor. O primeiro e o quarto quartéis nem sempre se apresentam de Portugal antigo, mas com bordadura de vermelho carregada de sete castelos de ouro e com filete negro em barra. Esta forma, posto que muito divulgada, é, porém, menos correcta do que a anterior. Ainda no século XVIII se usavam as armas antigas dos Albuquerque, talvez por inadvertência do rei de armas, e com elas se passou, pelo menos, uma carta de brasão. Os senhores de Albuquerque traziam por armas: De prata, com uma cruz de vermelho, carregada de cinco castelos de ouro e acompanhada de vinte escudetes de azul, postos cinco em cada cantão, dispostos em cruz, com os dos lados apontados ao centro, e cada um deles carregado de dez besantes do campo, 3, 2, 3 e 2.



Albuquerque
(modernas)

ALCÁÇOVA. Descende esta família de Pedro Fernandes da Alcáçova, escrivão da Fazenda de D. Afonso V e D. João II e cavaleiro da casa deste último, que a 14-I-1491 lhe deu Carta de brasão de armas, de mercê nova.

Pedro Fernandes da Alcáçova serviu D. Afonso V na tomada de Alcácer-Ceguer e também nos lugares de África, em pessoa, com homens e armas, e todas as vezes que o monarca passou à África para combater os infiéis o acompanhou e serviu com muito amor, aturada e honradamente, com gastos de navios, armas e homens.



Alcáçova

Quando o mesmo Rei e seu filho, o Príncipe D. João, foram à tomada de Tânger e de Arzila, acompanhou-os Pedro da Alcáçova, a quem o soberano revelara primeiramente o desejo de tomar os referidos lugares e o enviara ao Rei de Fez para obter as informações precisas para tais conquistas, do que ele deu boa e certa informação, apontando ao Rei ainda outros ardis para a sua tomada.

Por confiar D. Afonso V da descrição feita por Pedro da Alcáçova é que se resolveu a passar a África para realizar tal intento e conquistou Tânger e Alcácer. Pelo merecimento de armas, honra e maior glória de Pedro da Alcáçova o armou aí cavaleiro.

Com grandes despesas de homens, cavalos e armas serviu os dois Reis na entrada e guerra de Castela e noutras coisas do Reino, de muito segredo e confiança.

Em remuneração de todos os seus feitos e serviços é que D. João II lhe fez mercê nova de brasão de armas, passada em 14-1-1491.

Casou-se duas vezes, com Leonor Álvares Coutinho e com Maria Fernandes de Soutomaior. Uma de suas filhas, D. Brites de Alcáçova, recebeu-se com António Carneiro, e deles descendiram os Alcáçovas Carneiros, que tiveram papéis preponderantes na política e foram Condes da Ilha do Príncipe e das Idanhas, entrando por aliança em todas as grandes casas do Reino.

As suas armas são: De azul, com uma alcáçova com três muralhas e cinco torres tudo de prata, aberta, iluminada e lavrada de negro. Timbre: a alcáçova do escudo.

ALCOFORADO. Procede esta família da dos Aguiares. O primeiro que se encontra com este apelido é Pedro Martins Alcoforado, filho de Martim Pires de Aguiar e de sua mulher, D. Elvira Gonçalves de Sousa, filha natural de D. Gonçalo Mendes de Sousa e de D. Goldara Goldares de Refeiteira.

Querem alguns autores que o apelido se originasse em alcunha — alcantorado por andar sempre cheiroso — outros, porém, pretendem dar-lhe princípio diverso, derivado de Alcofra, couto do jugado de Lafões, o que não é crível.

Pedro Martins Alcoforado viveu no tempo de D. Afonso II, foi padroeiro do mosteiro de Bustelo e casou-se com D. Teresa Soares, deles provindo os Alcoforados.

Manuel de Sousa da Silva escreveu a seguinte quintilha:

*Em Pedrozello o solar
Está dos muito honrados
Ilustres Alcoforados.
Dessa caza de Aguiar
A Penafiel passados.*

Usam por armas: Xadrezado de prata e de azul de oito peças em pala e seis em faixa.

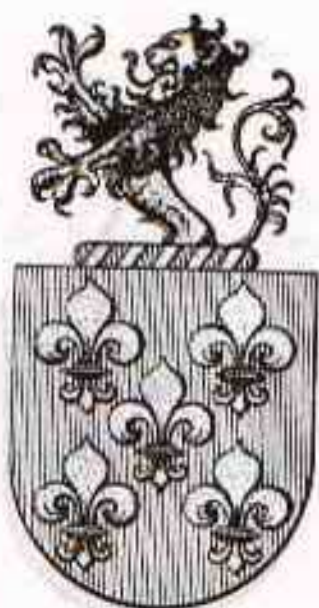
Timbre: uma águia estendida de azul com a asa direita xadrezada de prata.



Alcoforado

ALDANA. Família de Espanha, muito antiga e ilustre. No ano de 839, Fernão Peres de Aldana tornou-se notável pelo seu valor. Diz-se que descendia de Suero, filho de Teodorico, Rei ostrogodo, o qual, agradado da fertilidade do Reino de Galiza, aí fundou a casa e solar de Aldana, perto de Santiago.

Fernão Peres de Aldana foi o ascendente dos Aldanas e dos Maldonados, pelo que usam as mesmas armas que são: De vermelho, com cinco flores-de-lis



Aldana

de ouro, postas em sautor. Timbre: um leão sainte de ouro, armado e lampassado de vermelho e carregado de uma flor-de-lis do mesmo na espádua.



Alderete

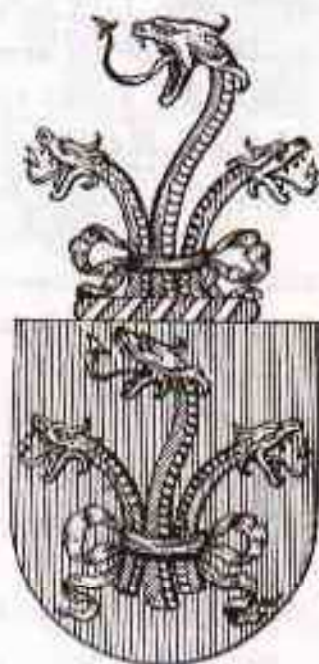
ALDERETE. Família da Andaluzia, da qual não se sabe quando passou a Portugal.

As suas armas são: De vermelho, uma cruz florenciada de prata e bordadura cosida de azul, carregada de oito flores-de-lis de ouro.

ALFARO. Existe em Espanha uma nobre e antiga família deste apelido que parece ter descendido dos senhores de Biscaia, sendo de Alfaro que procedeu o apelido Haro.

Em Portugal também este apelido se nobilitou em família diversa, pois Mestre Diogo de Alfaro, conhecido pelo *Doutor da Cabeleira*, assim se chamou por nascer em Alfaro, vila de Castela. D. Manuel I lhe deu armas novas em 1535 e o apelido, o que fez por ser grande letrado e acudir ao seu serviço com pontualidade, mostrando-se muito prático e douto na Medicina, e porque, sendo hebreu de nascimento, pediu o baptismo com demonstração de bom e verdadeiro cristão. Além de médico da Corte de D. Manuel, foi também médico do Hospital de Todos-os-Santos, de Lisboa.

São armas desta família: De vermelho, com três pescoços e suas cabeças de serpente de prata, enfeixados e atados de ouro, a cabeça do meio montante, as dos lados em fugida. Timbre: os pescoços e cabeças de serpe do escudo.



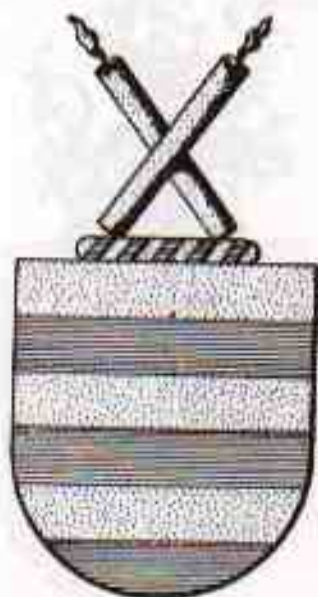
Alfaro

ALMA. Família antiga que existiu em Portugal e à qual

pertenceu D. Gil Alma, Bispo do Porto (1399-1407) e de Coimbra (1408-1415).

Trazem os Almas por armas: Faixado de ouro e de azul de seis peças. Timbre: duas tochas de ouro, acesas e passadas em aspa.

Outro ramo usa: De vermelho, com seis tochas acesas de ouro, postas 2, 2 e 2. Timbre: duas tochas passadas em aspa e atadas de azul.



Alma



Alma (outros)

ALMADA. Parece que foi Joane Anes de Almada, servidor dos Reis D. Afonso IV, D. Pedro I e D. Fernando I, quem principiou a usar este

apelido, e que descendia de algum dos fidalgos ingleses que ajudaram D. Afonso Henriques na conquista de Lisboa, por cujo motivo lhes deu o mesmo príncipe o lugar de Almada.

Notabilizaram-se os Almadás por muitos feitos de valor, sobressaindo nesta família o grande patriotismo de que sempre deu provas.

João Vaz de Almada, que serviu D. João I, cavaleiro da Ordem da Jarreteira, assim como seu filho, D. Álvaro Vaz de Almada, morto na batalha de Alfarrobeira, em companhia do Infante D. Pedro, de quem era partidário e amigo, e D. Antão de Almada, um dos quarenta conjurados que ajudaram a sacudir o jugo castelhano e a restaurar o

trono português, simbolizam as virtudes guerreiras e o amor à Pátria da família que tão bem soube defendê-la e honrá-la.

De D. Álvaro Vaz de Almada, Conde de Avranches, em França, e de sua primeira mulher, D. Isabel da Cunha, provieram os Abranches.

D. João Ribeiro Gaio, Bispo de Malaca, fez aos Almadás e Abranches a seguinte quintilha:



Almada

*Dos Almancores temidos,
das batalhas vencedores,
em suma embaixadores,
na paz melhores vestidos,
nas Hespanhas os melhores.*

As armas que os deste apelido usam em Portugal e Espanha são: De ouro, com banda de azul, carregada de duas cruces florenciadas e vazias de ouro, acompanhada de duas aguietas estendidas de vermelho, armadas e sancadas de negro. Timbre: uma aguieta do escudo.

ALMANSA. A linhagem dos Almansas descende de D. Froila Dias, que provinha dos Reis de Leão, pelo que é muito ilustre e antiga.

Tomaram os seus descendentes o apelido da vila de Almansa, no Reino de Múrcia, e entre eles se encontra Luís de Almansa, senhor do estado de Alcanices, a respeito do qual se diz em Castela: *Lanza por lanza, la de Luis de Almansa*, aludindo ao seu grande valor militar.

Parece que também os houve em Portugal.

As suas armas são: Partido: o primeiro de prata, com três palas de negro; o segundo, de prata com cinco pontos de arminho de negro postos em sautor; bordadura de vermelho carregada em chefe de uma faixa de prata, sobrecarregada de cinco aspas de vermelho, e nos flancos e em ponta, de cinco rodas de Santa Catarina de ouro, armadas de prata.



Almansa

ALMEIDA. Provêm os Almeidas de Fernão Canelas, senhor das quintas do Pinheiro e de Canelas, na freguesia de Mangualde, pai de João Fernandes de Almeida, que pelos anos de 1223 a 1245 fundou no jugado de Azurara da Beira, hoje concelho de Mangualde, uma aldeia, denominada Almeida, em 1258, da qual tomou o apelido, que transmitiu aos seus descendentes.

João Fernandes de Almeida foi também senhor das quintas do Pinheiro e de Canelas. A aldeia de Almeida no século XVII passou a chamar-se Almeidinha, lugar que deu nome ao título de Barão e Visconde, concedido aos Amarais Osórios.

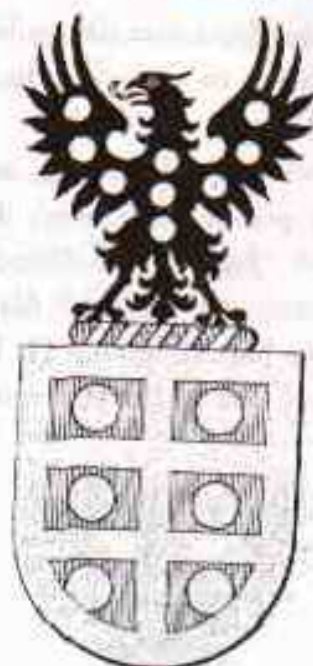
Foi a dos Almeidas uma das mais preclaras famílias do Reino, deixando imorredoura memória nos feitos do Vice-Rei da Índia D. Francisco de Almeida, na bravura do alferes-menor Duarte de Almeida, na batalha de Toro, na inteligência da Marquesa de Alorna e nas inumeráveis acções com que tantos outros ilustraram a História de Portugal, no Continente e na Índia.

João Rodrigues de Sá, senhor de Matosinhos, cantou os Almeidas nestes versos:

*Nas douro seys arruelas
em seus escudos pintados
do sangue honrrados perlados
sempre vimos dentro nelas,
& outros leygos destados;*

*Dulmeyda, que jaa fez cumes,
deu, & ajuda daa lumes
destada, & de senhorio
Abrantes, Crato, & quem Dio
uyo desbaratar os rumes.*

Trazem por armas: De vermelho, com uma dobre-cruz acompanhada de seis besantes, tudo de ouro; e bordadura do mesmo. Timbre: uma águia estendida de negro, carregada de nove besantes de ouro, três no peito e três em cada asa, ou de vermelho também carregada de nove besantes de ouro.



Almeida

ALPÔE, ALPOIM ou ALPUIM. Família que os genealogistas fazem antiga e muito qualificada, pois dizem provir de Godofre de Ruy, casado com D. Elvira Viegas, filha de D. Egas Moniz e de sua segunda mulher, D. Teresa Afonso. Era francês e teria vindo a Portugal com Duarte de Luxemburgo, embaixador de Roberto, Rei de França. Dão-no por filho bastardo de Guilherme, Rei de França, e de Madame Lúcia, Duquesa de Mompilher, e informam que fora senhor de Penela, Pombal, Montemor, Celorico, Figueiró, Palmela e do campo de Óbidos e que viveu em Coimbra, em cuja cidade se sepultou, no mosteiro de Santa Cruz, em monumento pequeno junto do Rei D. Afonso Henriques.



Alpoim (antigas)

É, porém, falsa toda esta genealogia, conforme provou o académico Machado de Faria no seu estudo intitulado *Um Documento Afonsino Falso*.

Antes de D. João I, não se conhece esta família, da qual se ignora não só o princípio, como a origem do apelido, de natureza geográfica.

Não se sabe, ao certo, de que lugar ela tomou o apelido, talvez o que existe na freguesia de Fradelos, no concelho de Vila Nova de Famalicão, a não ser que este haja tirado o nome de algum membro da linhagem dos Alpões, como outros que existem com igual designação.

A grafia da palavra ainda presentemente é, com frequência, *Alpoem*, ao lado das formas *Alpõe* e *Alpoim*, para os topónimos, mas todas elas correspondentes a uma só voz, nasalada, como se verifica, por exemplo, no lugar atrás citado.

As chamadas armas antigas dos Alpões não se encontram no *Livro do Armeiro-mor*, terminado em 1509, mas as outras. Aquelas ligam-se à lenda da origem francesa da família e à derivação do apelido, o topónimo Puy, especialmente pelo timbre. Verdadeiras ou falsas, foram, todavia, usadas, pelo menos no séc. XVI, se não já no anterior, a acreditar-se nas informações de autores antigos.

A forma verdadeira do apelido, que figura em toda a documentação antiga, é, pois, *Alpõe*, nas grafias *Alpoem* e *Alpoy*, a que corresponde, modernamente, o apelido *Alpoim*. A forma *Alpoem* ainda se encontra nos princípios do século XIX. É erro supor que esta se pronunciava com acento tónico na penúltima letra, quando as três finais constituem ditongo, sendo função da última nasalá-lo, pois corresponde ao til. O ramo dos Alpoins que passou à província do Minho adoptou a grafia *Alpuim*, certamente para aproximar o apelido moderno de Puy, forma que, como se disse, os genealogistas indicam como originária, mas que não se encontra justificada documentalmente. O sábio filólogo José Leite de Vasconcelos, na sua obra *Antroponímia Portuguesa*, diz: «Tirar *Alpoim* de Puy (França) é fantasia genealógica.»

As suas armas são: De azul, com um crescente invertido de prata; bordadura cosida de vermelho. Timbre: uma adormecida de sua cor, bicada de ouro e sancada de vermelho.

Antigamente traziam: De azul, com cinco flores-de-lis de ouro postas em sautor. Timbre: um braço vestido de azul, tendo na mão uma fita de azul com a letra a ouro *Nostre Dame de Puy*.

ALTAMIRANO. Família espanhola que, segundo parece, também existiu em Portugal.

Trazem por armas os desta família: De prata, com dez arruelas de azul, postas 3, 3, 3 e 1.

ALTE. De mestre Estêvão, morador na cidade de Beja, e de sua mulher, Branca Esteves, nasceu o Dr. Bernardim



Alpoim (modernas)



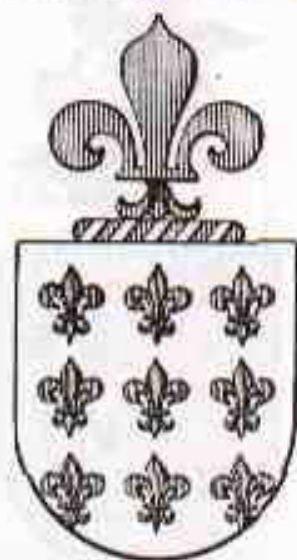
Altamirano

Esteves de Alte, e parece que também Mateus Esteves de Alte, dos quais descendem os deste apelido, tomado da quinta de Salsa de Alte, que ficava no termo da vila de Serpa.

D. João III, atendendo aos serviços de Bernardim Esteves, prestados como desembargador da Casa da Suplicação e procurador dos Feitos da Fazenda Real e no despacho dos capitulos das Cortes, reunidas em Torres Novas e em Évora, na organização das Ordenações que se fizeram sobre esses capitulos, em muitos regimentos de coisas de Justiça e da Fazenda Real, na feitura dos forais das alfândegas, e por experiência ver sua vontade, fidelidade, letras e discrição, o nomeou para o cargo de juiz dos Feitos da Fazenda do Negócio da Índia.

Por se desempenhar bem de tudo de que o encarregara, o mesmo Rei, por Carta de 21-II-1550, o fez fidalgo do solar conhecido a ele e seus descendentes por linha masculina, dando-lhe por solar a Quinta da Salsa de Alte e o mesmo privilégio estendeu à descendência masculina de sua filha D. Branca de Alte, casada com D. Simão Gonçalves Preto, que foi chanceler-mor do Reino.

Também o soberano lhe deu Carta de armas novas que são: De prata, com nove flores-de-lis de vermelho postas 3, 3 e 3. Timbre: uma das flores-de-lis do escudo.



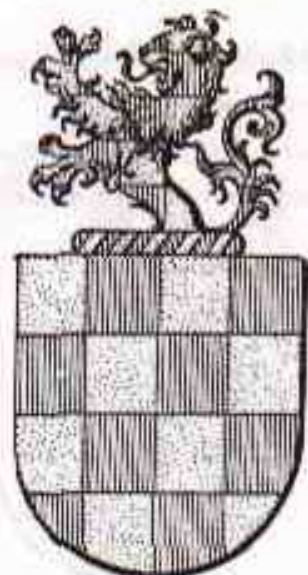
Alte

ALTERO. Do celebrado D. Fafes Luz, por via de seu bisneto Aires Martins, filho de Martim Godins e de sua mulher, D. Teresa Pires Velho, descendem os Alteros.

Aires Martins foi senhor da quinta de Altero, no termo de Alenquer, e da coutada da Vidigueira, junto da mesma vila, e o primeiro que usou o apelido, tirado daquela sua propriedade. Viveu nos reinados de D. Sancho II e de D. Afonso III, e casou com D. Urraca, de quem deixou geração. Seu neto, Vasco Martins de Altero, foi alcaide-mor de Alenquer, officio que lhe tirou a Rainha D. Leonor Teles por ser cunhado do Condestável D. Nuno Álvares Pereira.

Manuel de Sousa da Silva escreveu a seguinte quintilha:

*Dom Fafes Luz, e honrado
Alfêres do Conde Henrique
Bisneto seu se publique
O de Altero chamado
Cujo nome aos seus fique.*



Altero

Trazem por armas: Xadrezado de ouro e de vermelho de quatro peças em pala e quatro em faixa. Timbre: um leão sainte de vermelho, xadrezado dos esmaltes do escudo.

ALVA. Família espanhola de nobre e antiga linhagem, que teve origem na provincia de Álava e o seu solar na cidade de Vitória, donde se estendeu para outros pontos da Espanha, e principalmente para a Biscaia.

O primeiro Bispo de Portalegre, D. Julião de Alva, natural de Espanha, veio para Portugal com a Rainha D. Catarina, mulher de D. João III, da qual era muito estimado. Talvez na mesma ocasião viesse para cá João de Alva, primo do bispo, cuja descendência viveu em Castelo de Vide, e depois passou à ilha de S. Tomé, onde existia no meado do século XVIII.

Em Espanha o apelido é *Alba* e as suas armas são diversas, usando os do ramo que passou a Biscaia outras diferentes do de Álava, mas nenhuma delas são iguais às que trouxeram em Portugal. Talvez estas sejam armas novas ou de outro apelido espanhol, que, por ignorância, se julgaram dos de Alva.

São as seguintes: De veiros, com chefe de azul carregado de uma estrela de prata de oito raios. Timbre: a estrela do escudo.



Alva



Alvarado

ALVARADO. São os deste apelido fidalgos de solar conhecido, nas montanhas de Burgos, do Vale de Trasmiera, no lugar de Secadura, junto de Laredo, de onde saíram vários ramos para diversos pontos da Espanha.

Passou esta família mais duma vez a Portugal. Usa as suas armas de várias formas, conforme os ramos.

Os da vila de Ampuero trazem: de ouro, com cinco flores-de-lis de azul postas em orla, e um franco-cantão de ondado de azul e de prata de quatro peças. Estes armas eram usadas por

um tal Jorge Gomes do Álamo, que viveu em Lisboa e de que não temos mais notícia.

ALVARÃES. Não se sabe ao certo se as armas que andam nos livros de brasões debaixo do título de *Alvarães* pertencem à família que na Idade Média usou este apelido, se a outra, posterior.

D. Aires Carpinteiro viveu perto de Braga, e com sua mulher, Meana de Selhari e Taboso, fundou as igrejas de S. Pedro de Lomar e de S. Salvador de Taboso, junto da dita cidade. Seu filho, D. Mendo Aires, sucedeu-lhe em muitas quinas dos arredores de Braga e de sua mulher teve D. Lopo Mendes, que lhe sucedeu, o qual do seu casamento houve D. Gomes Lopes de Gosende. Deste, sucessor da casa, nasceu, de legítimo matrimónio, D. Lourenço Gomes, que sucedeu nos



Alvarães

bens paternos e de sua mulher teve D. Egas Lourenço de Alvarães, sucessor. Ignora-se o nome de sua mulher, mas sabe-se que por ela teve a Quinta de Alvares, na freguesia de S. Miguel de Alvarães, em terra de Neiva, e que, por lá viver, dela tomou apelido.

No nobiliário do Conde D. Pedro se lhe chama Egas Lourenço de Alvares, porém Manuel de Sousa da Silva, insigne investigador e genealogista, lhe dá o nome acima, sem, porém, nem um nem outro lhe indicarem geração. Devia ter vivido no reinado de D. Sancho II.

As armas dos Alvarães são: Partido: o primeiro de prata, com três faixas de vermelho, que é de Silveira, o segundo de azul, com uma quaderna de crescentes de prata, que é da casa de Góis; bordadura de prata carregada duma silva de verde, que também é de Silveira. Timbre: um dragão de azul, com a quaderna de crescentes do escudo na espádua.

ALVARENGA. Procede esta família de D. Egas Moniz, aio de D. Afonso Henriques, e de sua segunda mulher, D. Teresa Afonso, por seu neto, D. Egas Afonso, casado com D. Sancha Pais, filha de D. Paio Curvo e de sua mulher, D. Maria de Maranhão, dos quais nasceram Paio Viegas de Alvarenga, D. Lourenço Viegas de Alvarenga e Pedro Viegas de Alvarenga, que deixaram descendência deste apelido, e D. Aldara Viegas de Alvarenga, mulher de Lopo Afonso de Baião.

Tomaram o apelido do concelho de Alvarenga, na província da Beira, por senhorio ou naturalidade.

Manuel de Sousa da Silva dedicou-lhes esta trova:

*Para esta terra passaram
alguns netos do esforçado
Egas Moniz sublimado
em Alvarenga moraram
que é solar dos seus honrado.*

E o Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, esta outra:

*Dos de Riba de Vizella
de Alvarenga Pedro Paez
deixou esta parentela
que illustre não houve mais
nem outra mais nobre que ela.*



Alvarenga

São suas armas: De veiros, com três faixas de vermelho. Timbre: um leão sainte de veiros e lampassado de vermelho.

ÁLVARES. É patronímico vulgar, pelo que há numerosas famílias que o usam sem comunidade de origem.

Uma delas, cuja origem se ignora, usa: Cortado: o primeiro de vermelho, com uma águia estendida de prata de duas cabeças, coroada de ouro; partido de azul, com uma cruz de ouro cantonada de quatro memórias do mesmo; o segundo de azul, com três faixas onçadas de prata. Timbre: uma águia estendida e coroada de prata.



Alvares

O Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, escreveu:

ALVELOS. Do glorioso D. Martin Moniz, morto pelos Mouros na tomada do castelo de Lisboa, foi filho João Martina Salsa, que casou com D. Urraca Viegas, de quem teve Pedro Anes de Alvelo, chamado Pedro Alvelo, e Martin Anes de Alvelo, dos quais descenderam os que usaram este apelido, mais tarde convertido em *Alvelos*.



Alvelos

*De Baguim Martin Soares
a Martin Martin gerou,
Alvelos se chamou,
esforçado como pares
donde Alvelos ficou.*

Também Manuel de Souza da Silva lhes dedicou uma das suas quintilhas:

*Os Alvellos descendentes
São do grande Dom Osorio
Moraram no território
De Lanhoso tão valentes
Como sempre foi notório.*

As suas armas são: De vermelho, com cinco estrelas de oito raios de ouro. Timbre: um pescoço e cabeça de urso de sua cor, lampassado de vermelho e carregado duma das estrelas do escudo no pescoço.

ALVIM. Descendem os deste apelido da linhagem dos de Riba de Vizela. D. Soeiro Reimondo de Riba de Vizela, que em princípios do século XIII vivia na sua Quinta de Aguiar, freguesia de S. Cosme, concelho de Gondomar, junto do Porto, foi

rico-homem e alferes-mor de D. Afonso II e casado com D. Urraca Viegas. Dum dos seus filhos, D. Mendo Soares de Melo, provieram os deste apelido, e de outro, Pedro Soares de Alvim, os Alvins. Este Pedro Soares, que primeiro se chamou de Pousada, por viver durante algum tempo na quinta deste nome, situada na freguesia de S. Miguel de Carvalho, concelho de Celorico de Basto, tomou depois o apelido de Alvim por morar no lugar de Alvim, na Terra de Basto, o qual ficou solar da família.

Pedro Soares de Alvim recebeu-se com D. Maria Esteves, filha de Estêvão Malho da Lavandeira e de D. Maria Lourenço da Cunha, sua mulher. A esta família pertencia a Condessa D. Leonor de Alvim, mulher do Condestável D. Nuno Álvares Pereira, filho de João Pires de Alvim e de sua mulher, D. Branca Pires Coelho, neta paterna de Martim Pires Alvim e de sua primeira mulher, D. Margarida Pires Ribeiro, e, pela linha varonil, bisneta do referido Pedro Soares de Alvim. Entrou, pois, esta esclarecida linhagem nos Duques de Bragança, de onde se derivou a muitas casas ilustres e gerou a dinastia que, depois de 1-XII-1640, reinou em Portugal.

Quase todas as casas soberanas europeias têm sangue dos Alvins.

As suas armas são: Esquartelado: o primeiro e o quarto, xadrezados de ouro e de vermelho, de quatro peças em pala e quatro em faixa, o segundo e o terceiro, de azul com cinco flores-de-lis de ouro postas em sautor. Timbre: um leão sainte de ouro tendo na mão direita uma flor-de-lis de azul.



Alvim

ALVO. Parece que esta família existia já nos princípios da Monarquia portuguesa, pois nas inquirições efectuadas em 1258, por ordem de D. Afonso III, se menciona Paio Alvo, morador em Canas de Senhorim, e Mendo Alvo, que vivia na comarca de Viseu, portanto, na mesma região.

Em tempo de D. Dinis se conhece Pedro Alvo, freire da Ordem do Templo e alcaide-mor de Tomar.



Alvo

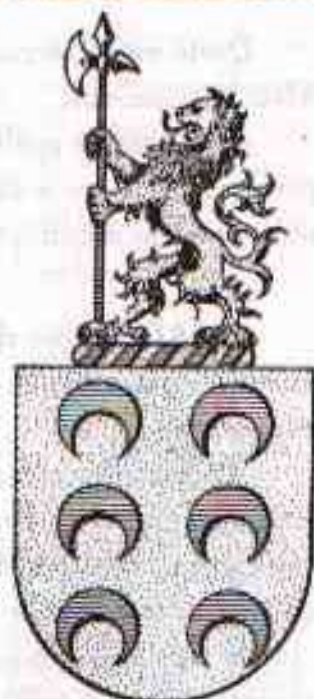
Porém, só dos fins do século XV ou princípios do XVI se pode deduzir a genealogia desta família. Estêvão Alvo, que viveu por esta época, assistia em Antuérpia em 1542, e consta que a Rainha Maria, governadora dos Países Baixos, lhe dera as armas que usam os Alvos. Casou-se com Filipa Bernardes, com quem jazia sepultado no claustro interior do convento de S. Francisco, de Lisboa, junto da porta da cozinha, em uma campa com as suas armas e esta inscrição: «Sepultura de Estêvão Alvo e de sua mulher, Filipa Bernaldez e de seus herdeiros.» Também há quem diga que as armas lhe foram concedidas pelo Imperador Carlos V, ao qual prestara grandes serviços.

quintas de Matos, Cardoso e Amaral, que por sua morte ficaram a cada um de seus filhos, cabendo a última a D. Afonso Henriques do Amaral, que dela tirou o apelido. Esta quinta, o solar da família, fica no termo de Viseu.

D. Afonso Henriques viveu no reinado de D. Sancho II, meteu-se na posse do souto de Lourosa, no termo da vila do Sul, como se provou nas inquirições ordenadas por D. Afonso III. De sua mulher, cujo nome se ignora, deixou geração, que continuou este apelido.

Manuel de Sousa da Silva escreveu esta quintilha:

*Termo de Viseu cidade,
A quinta de Amaral
fora casa radical
dos que nesta nossa cidade
logram seu nome fatal.*



Amaral



Amaral — Armas novas concedidas a Pedro Rodrigues do Amaral

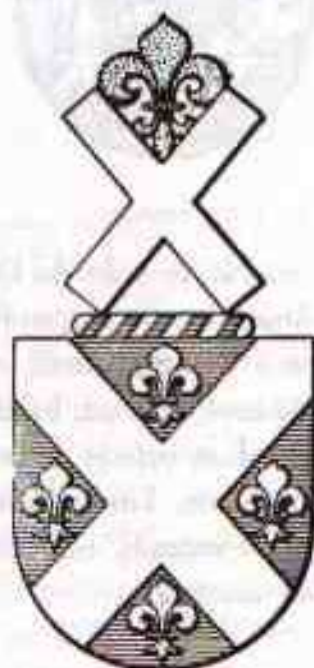
Também D. João Ribeiro Gaio, Bispo de Malaca, dedicou aos Amaraes a seguinte trova:

*Quem fez todas proesas
posto que foi degolado
falsamente foi louvado
de suas grandes grandezas
foi deste sangue gerado.*

As suas armas são: De ouro, com seis crescentes investidos de azul. Timbre: leão de ouro, armado e lampassado de vermelho, tendo nas mãos uma alabarda de prata com haste de azul.

Pedro Rodrigues do Amaral, a quem o Imperador de Constantinopla, André Paleólogo, fez cavaleiro com muitos privilégios e conde palatino, foi protonotário apostólico e administrador de S. Pedro das Águias, e do mesmo soberano recebeu mercê de armas novas, que são: De vermelho, com um leão nascente de ouro, coroado do mesmo, com uma espada de prata, guarnecida de ouro, levantada na mão direita; o chefe cosido de vermelho, carregado de uma águia de duas cabeças, estendida e coroada, de ouro.

O Imperador concedeu-as a 31-V-1491, o Papa Alexandre VI confirmou-as a 28-XI-1494 e o Rei D. Manuel I a 30-VIII-1503.



Amaral — Armas de Domingos Joanes

Os Amaraes de Touriz, lugar da freguesia da vila de Midões, aos quais pertenceu Frei André do Amaral, do conselho de D. Manuel I, chanceler-mor e embaixador da Ordem de Malta, comendador de Vera Cruz, etc., usaram outras armas, que lhes vinham por seu ascendente Domingos Joanes, de Oliveira do Hospital, as quais, posto que ele não fosse da linhagem dos Amaraes, assim se encontram classificadas na *Armoria Portuguesa*, do erudito Anselmo Braamcamp Freire.

As armas de Domingos Joanes são as seguintes: De azul, com uma aspa de prata acompanhada de quatro flores-de-lis de ouro. Timbre: uma aspa de prata com uma das flores-de-lis entre os braços superiores.



Ambia

AMBIA. Família muito antiga do Reino da Galiza, onde tinha solar e casa de Ambia e outros lugares, mas poucos nele ficaram. Passaram a Portugal e deles fala o conde D. Pedro no *Livro das Linhagens*.

As suas armas são: Esquartelado: o primeiro e o quarto de ouro, com faixa de vermelho; o segundo e o terceiro com cinco pontos de ouro, equipolados e quatro de azul.

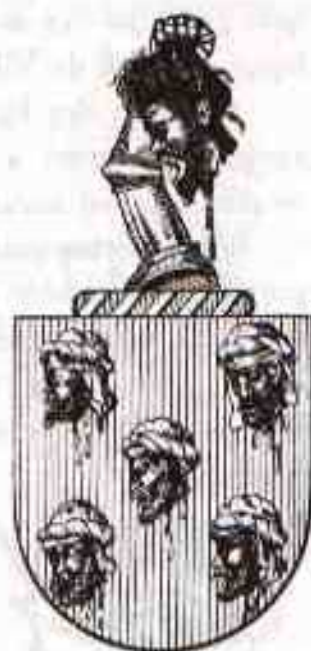
Em Espanha usam: De azul, com cinco crescentes de ouro, postos em sautor.

AMORIM. Família da Galiza, cujo solar é na aldeia de S. João de Amorim, no território de Tui. É muito antiga, pois já em 1212 tomou parte na batalha das Navas de Tolosa.

Em tempo de D. João I passou a Portugal, em serviço do Duque de Lancastre, Hilário de Amorim, que se fixou no Minho, onde se casou com uma filha de Garcia Lopes de Calheiros, e parece que foi senhor da Torre de Amorim, junto de Ponte do Lima, que dele tomaria o nome.

As armas que usam em Portugal são muito diferentes das que trazem os de Espanha: De vermelho, com três castelos, dois de ouro e um de prata, postos 2 e 1.

Em Portugal são: De vermelho, com cinco cabeças de mouros, fotadas de prata e ensanguentadas. Timbre: um braço armado de prata suspendendo pelos cabelos uma cabeça de mouro.



Amorim



Anailha

ANAIA. V. *Anhaia*.

ANAILHA. Família cuja origem se desconhece, sabendo-se apenas que as suas armas são: De prata, com uma águia estendida de negro.

Anselmo Braamcamp Freire duvida da existência deste apelido, que somente se acha registado no *Espelho da Nobreza*, do Dr. Francisco Xavier da Serra Craesbek.

ANDERSON. Família irlandesa, de Dublin, à qual pertenceu Henrique Anderson, que o Rei Carlos I criou «baronet» em 1643. Passou a Portugal na pessoa de Guilherme Anderson, pai de Antônio Leandro Anderson, casado com D. Ana Bercia da Silveira e avô do Dr. Guilherme Antônio Apolinário Anderson, que viveu em Moura.

As suas armas são: De prata, com uma asna abaixada de negro, acompanhada de três cruces páteas do mesmo e rematado por um escudete de prata, perfilado de negro, carregado de uma mão esquerda erguida e aberta do mesmo. Timbre: uma cabeça e pescoço de veado de ouro, trespassado em faixa de uma seta de negro empenada de prata.

Os Anderson de Londres usam as mesmas armas, porém com outra diferença.



Anderson

ANDRADE. Família antiga, originária da Galiza, cujo solar — a vila de Andrade — fica entre Puente Deume, Ferrol e Villalba, de cujas vilas o Rei D. Henrique II fez mercê a seu privado Fernão Peres de Andrade, descendente de Bermudo Peres de Traba Freire de Andrade, o qual provinha dos antigos condes de Traba e Trastamara. Por mercê dos Reis Católicos foram Condes de Villalba.

Os Andrades ligaram-se aos Freires por diversas vezes, de tal modo que os dois apelidos passaram a considerar-se um só, usando uns Andrade Freire, outros Freire de Andrade, ou isoladamente um destes dois apelidos.

Várias vezes passaram a Portugal, onde muito se expandiram. Os principais ramos portugueses provêm de Rui Freire de Andrade, que veio para Portugal com seus dois filhos, D. Nuno Rodrigues Freire de Andrade, mais tarde mestre da Ordem de Cristo, e Vasco Freire; de Rodrigo Afonso de Andrade, parente muito próximo do referido mestre de Cristo, e de D. Isabel Afonso de Andrade, filha de D. Fernando, conde de Andrade.

João Rodrigues de Sá, senhor de Matosinhos, escreveu a seguinte copla, dedicada a esta família:

*A banda que atravez fende
sobre esmeralda luzente
com cabeças de serpente
Freires de Andrade comprehende
De Galiza descendente*

*em que lá tenha logar
para se mais nomear
e nos Reinos de Castela
os que cá tem Bobadela
não serão para calar.*



Andrade

O Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, também fez esta quintilha destinada aos Andrades e Freires, mas que sòmente a estes alude:

*Nas de Galiza montanhas
tem os Freires solar
Monifroes se usavam chamar
vindo de França a Espanha
aos mouros guerrear.*

Aos Andrades fez esta:

*Uns descendem de Avelar
conjunto com a macieira,
outros dizem de ultra mar
vir a geração para
a Lusitania ajudar.*

As armas que os Andrades usam são as dos Freires. Os do vínculo da Anunciada trazem: De ouro, com banda abocada por duas cabeças de serpe de verde salpicadas de ouro, e acompanhada de duas caldeiras xadrezadas de vermelho e de prata, com arcos e asas serpentíferas de verde. Timbre: cabeça e pescoço de serpe de ouro, lampanada de vermelho.

João Fernandes de Andrade, filho de Fernão Dias de Andrade e de sua segunda mulher, D. Beatriz da Maia, serviu os Reis D. Afonso V e D. João II, em pessoa e com homens de armas, nas tomadas de Arzila e de Tânger e em outros lugares, merecendo por tais actos a concessão de armas de mercê nova. Ele e seu irmão, Diogo Fernandes de Andrade, foram para a ilha da Madeira desfrutar as terras que o Rei D. João II lhes doara nesta ilha — as do Arco da Calheta — comprando João Fernandes a parte que cabia ao irmão, quando este foi para a Galiza.

Por ter possuído as terras do Arco da Calheta foi conhecido por João Fernandes do Arco, designação que D. João II comemorou nas armas novas que lhe concedeu, por carta de 28-II-1485, que são: De ouro, com um centauro sagitário, a metade homem de carnção, a metade cavalo de negro, o arco formado de dois filetes de prata e de vermelho, com as empolgadeiras de negro, a corda de prata e a flecha encochada do mesmo, com o ferro de negro e penas de verde. Timbre: a peça do escudo.

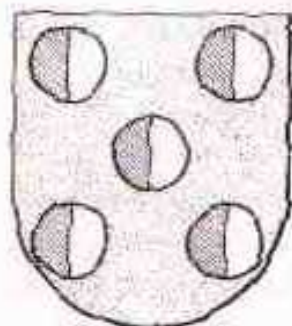
Geralmente, os livros de armas trazem estas debaixo da designação de Arco, mas a alcunha de João Fernandes parece que não continuou como apelido. A família nos nobiliários é conhecida por Andrades do Arco.



Andrade

ÂNGULO. *Família de Espanha, donde veio o apelido para Portugal. D. João Flores diz que descende do rei Ângulo da Escócia, cujo filho, por desgostos havidos com seu pai, se passou à corte de Leão, de cujo soberano foi camareiro-mor.*

D. João Ribeiro Gaio, Bispo de Malaca, dedicou-lhes uma das suas trovas:



Ângulo

*Da Valença mariscal
esta gente ennobreceu
Lopo de Ângulo leal
que conde ser mereceu
de Calabria principal.*

As armas pertencentes a esta família são as seguintes: De ouro, com cinco arruelas-besantes de verde, partidas de prata, postas em sautor.

ANHAIA. Descendem os Anhaias ou Anaias de D. Anião da Estrada, cujo verdadeiro nome era D. Anião Trastares ou Trastamires, fidalgo asturiense, que veio para Portugal com o Conde D. Henrique, com quem se encontrou em toda as acções que empreendeu. Em 1110 recebeu da Rainha D. Teresa, então Regente do Reino, mercê do senhorio de Góis e de todos os lugares do seu território. Foi também rico-homem e senhor da honra de Sequeira, no termo de Barcelos.

De sua mulher, D. Ermezenda Martins houve D. Martim Anião, que lhe sucedeu no senhorio de Verdoeiro, na honra de Sequeira e outras terras próximo de Coimbra, de cuja cidade teve a alcaidaria-mor.

Foi rico-homem do Rei D. Afonso I, com quem esteve na batalha do campo de Ourique, e se casou com D. Elvira Afonso, de cujo matrimónio nasceu D. Trastaro ou Trastamiro Martins Anaias, que sucedeu em parte dos bens paternos. Deste casamento procedem os Anaias.

As suas armas são: De ouro, com cinco coticas em banda de azul. Timbre: uma cabeça e pescoço de lobo de sua cor.



Anhaia

ANTAS. Tirou esta família o apelido do lugar das Antas, no concelho de Lousa, em Entre Douro e Minho. Dizem alguns genealogistas que procedem de Fernão Mendes de Antas e de sua mulher, D. Grácia Pires, aquele filho de D. Fernão Mendes de Bragança, o Bravo, guerreiro de grande valor, e de sua segunda mulher, D. Teresa Soares. A ser assim, descendem da mais esclarecida nobreza, pois D. Fernão Mendes de Bragança fora primeiramente casado com D. Sancha Henriques, filha do Conde D. Henrique.

Como em muitos outros apelidos, neste deu-se a junção da preposição; porém a forma *Dantas* é apenas usada há relativamente pouco tempo e não se expandia muito.

O grande genealogista Manuel de Sousa da Silva escreveu a seguinte quintilha:

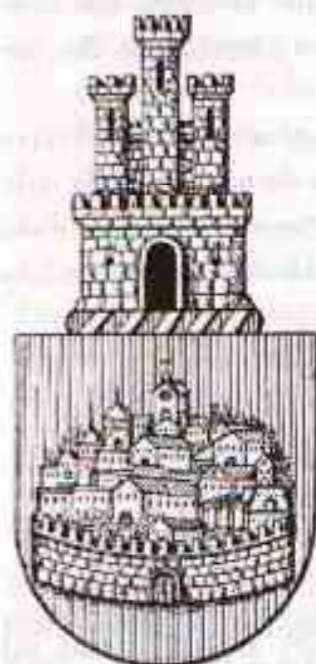
*Dantas familia subida
Foi em Coura soberana
Para terra translagana
Vai buscar nova guarida
Que seus vindouros alhana.*

As armas que trazem são: De vermelho, com seis lisonjas de azul perfiladas de ouro, apontadas em cruz, quatro em pala e três em faixa. Timbre: uma anta passante de sua cor, armada de negro.



Antas

ANTUNES. São muitas as famílias deste apelido, que no princípio foi patronímico, e que nada têm de comum. Os que descendem de Simão Antunes, natural de Vila Viçosa, que se distinguiu nas guerras da Flandres, em serviço dos Reis Católicos, o qual pelo seu valor chegou a mestre-de-campo, ocupando ainda outros postos e recebendo uma comenda da Ordem de Cristo, usam as seguintes armas: De vermelho, com uma cidade de prata, murada em roda, aberta de negro na frente, e lavrada do mesmo. Timbre: um castelo de prata, lavrado de negro.



Antunes

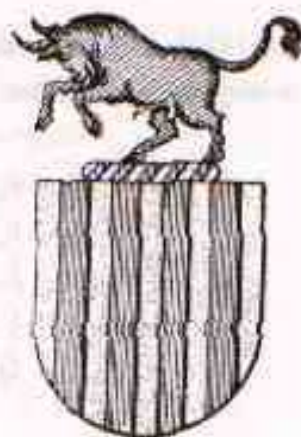
ARAGÃO. Provêm os deste apelido da Casa Real de Aragão, de que parece haver vários ramos em Portugal. Com a Rainha Santa, D. Isabel de Aragão, veio seu meio irmão, D. Pedro de Aragão, filho ilegítimo do Rei D. Pedro de Aragão e de D. Inês Çapata, senhora de Albarrazin, o qual casou cá com D. Constança da Silva, filha de D. Soeiro Mendes da Silva, alcaide-mor de Santarém, e de sua segunda mulher, D. Maria Anes Brochardo. D. Pedro de Aragão teve do referido matrimónio cinco filhos, três varões e duas fêmeas, dos quais só parece ter ficado solteiro um.

A genealogia dos Aragões em Portugal é mal conhecida, sabendo-se da existência de vários ramos, que não podem entroncar-se, embora a tradição diga que vieram com a Santa Rainha, o que parece indicar proveniência do referido seu irmão, se não dalgum outro parente trazido na comitiva.

Os ramos mais conhecidos são os do Algarve, ligados aos Francas, e o da Guarda, unido, por alianças repetidas, aos Pinas, dando os Pinas de Aragão ou Aragões de Pina, bastante espalhados na província da Beira.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, escreveu a seguinte trova:

*De Alonço Rei bom cristão
e da filha de Tovar
nasceu o grão capitão
D. Alonso de Aragão
mui ditoso em pelejar.
(este foi bastardo).*



Aragão

Trazem por armas: De ouro, com quatro palas de vermelho. Timbre: um touro furioso de púrpura, armado e lampassado de vermelho.

ARANHA. Desconhece-se a origem desta família, que pode ter vindo de Espanha, onde existe o mesmo apelido, ou de França, como dizem D. João Ribeiro Gaio e Manuel de Sousa da Silva nos seus versos. O apelido deve provir de alcunha, por falta de preposição. Um dos mais antigos indivíduos que dele se conhecem é Gonçalo Aranha, que vivia em Viana do Castelo, na ocasião em que D. João I a tomou aos partidários de Castela. Era tão valoroso, que se atreveu a sair em desafio a qualquer cavaleiro que com ele se quisesse bater. D. João I estimou-o muito e entre algumas mercês que lhe fez se conta a de Vila Nova de Foz Côa, por Carta de 10-III-1384.

Casou-se com Aldonça Anes de Alvelos, que lhe levou em dote a quinta de Serzedelo, que era couto e honra, e D. João I lha confirmou e deu carta de privilégio, de cujo documento consta que Gonçalo Aranha era seu vassalo. Aldonça Anes era filha de João Gil de Alvelos, e dela e de seu marido ficaram filhos que continuaram aquele apelido e tomaram a quinta de Serzedelo por solar.

Em tempo de D. João I houve mais pessoas de apelido Aranha, cujo parentesco com Gonçalo Aranha se desconhece.

O Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, a seu respeito, escreveu a seguinte quintilha:

*Gente é que não se acanha
com espada nem com lança;
nas letras a todos ganha;
linhagem vinda de França
assim chamada de Aranha.*



Aranha (antiga)



Aranha (moderna)

E Manuel de Sousa da Silva dedicou-lhe esta:

*Dizem que veio de França
para esta nossa Espanha
Esse primeiro Aranha
E lá no Porto descansa
E seus vindouros estrenha.*

As armas antigas dos Aranhas são: De azul, com asna de vermelho, perfilada de prata, carregada em chefe de um escudete de prata, com uma banda de vermelho, sobrecarregada de três aranhas de negro, a asna acompanhada de três flores-de-lis de ouro. Timbre: uma flor-de-lis do escudo.

Modernamente, usam as seguintes: De azul, com asna de prata, carregada em chefe de um escudete de vermelho, com banda de prata sobrecarregada de três aranhas de negro, a asna acompanhada de três flores-de-lis de ouro. Timbre: a asna do escudo com o escudete.

ARAÚJO. O primeiro deste apelido parece ter sido Rodrigo Anes de Araújo, que teve o senhorio do castelo de Araújo, na Galiza, donde tomou o nome. Pretendem alguns genealogistas que vivera com seu pai nas gralheiras de Araújo, cujas terras herdara de sua mãe, e que fora o fundador do castelo.

A origem desta família não é bem conhecida, pois se lhe atribuem diversas: os Azas, os Maias, o francês João Tiranoth, etc.

Rodrigo Aires de Araújo casou com D. Maior Álvares de Aza, sua parenta, segundo dizem, filha de D. Rodrigo Álvares de Aza e de sua mulher, D. Maria Pires de Ambia, casamento que Manso de Lima considera impossível. Deste Rodrigo Anes descendem os Araújo da Galiza, onde foram senhores de muitos lugares, Vasco Rodrigues de Araújo e de sua mulher, o qual era neto do primeiro Rodrigo Anes, passaram a Portugal, cujos Reis serviram e foram progenitores das famílias destes apelidos existentes no Minho ou desta província derivadas.

O Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, dedicou aos Araújo esta quintilha:

*Atravez de Bitorinho
tem sepulcros já gastados
Araujos afamados
na terra que rega o Minho,
antigos, abalisados.*



Araújo

Manuel de Sousa da Silva escreveu a seguinte:

*Lá de Lobios de Galliza
Vieram para Lindoso
Os de gremio valoroso
de Araujo por guisa
Que foi cá mui poderoso.*

As armas que usam em Portugal são: De prata, com aspa de azul carregada de cinco besantes de ouro, postos em aspa. Timbre: meio mouro, sem braços, vestido de azul e fotado de ouro ou a aspa do escudo.

Parece que os Araújo, alcaides-mores de Lindoso, usaram armas diversas, semelhantes às dos Velosos.

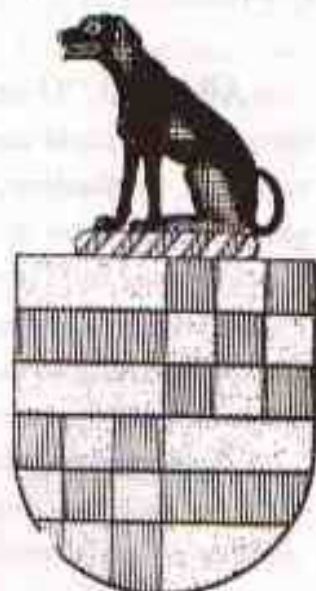
ARCA. Incerta é a origem desta família, pois não se sabe se proveio de Espanha, porque em tempo de Rei D. Fernando, o Santo, de Castela, foi alcaide-mor da cidade de Baeça D. Vicente de Arca, pelo ano de 1234, ou se principiou em Portugal no território denominado Vale de Arca, no termo da vila de Montemor-o-Novo, como diz Manso de Lima nas suas *Famílias de Portugal*.

A pessoa mais antiga desta família de que os genealogistas tiveram conhecimento é Fernão Gonçalves, que viveu no reinado de D. Pedro I de Portugal, o qual lhe coutou a herdade de Sousel, em Évora. Por morte do Rei D. Fernando tomou o partido do Mestre de Avis, e era tão estimado pelos moradores de Évora, que, nas cortes de Coimbra, o elegeram por capitão e pediram ao soberano o tomasse por seu conselheiro, do que se deduz que, além de valor e inteligência, possuía igualmente nobre qualidade. Do seu casamento, que se ignora com quem foi, provieram descendentes, continuadores do seu apelido.

O Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, referiu-se a esta família na seguinte trova:

*Geração já consumida
do tempo, mas foi honrada,
e na batalha ofamada
contra Castela vencida
se mostrou muito esforçada.*

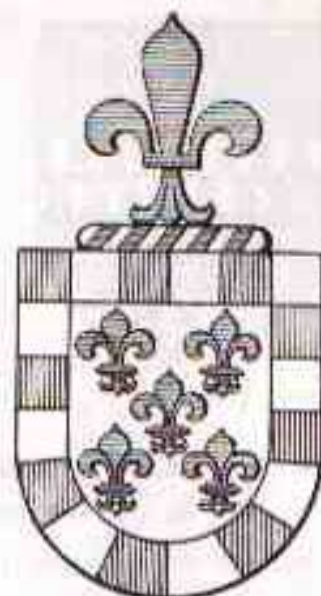
As armas que lhe pertencem são: Esquartelado: o primeiro e o quatro de ouro, faixa de vermelho; o segundo e o terceiro com cinco pontos de vermelho, equipolados a quatro de ouro. Timbre: um perdigueiro sentado, de negro.



ARCA

ARCE. Família espanhola, oriunda das Astúrias de Santilhana, que produziu varões eminentes nas Armas e nas Letras. D. Francisco Piserrer, além desta proveniência, atribui outra ao mesmo apelido, dizendo que três irmãos, idos de França, passaram a Espanha e auxiliaram o Infante D. Henrique na conquista da Coroa de Castela, derrubando o Rei D. Pedro, seu irmão, e que deles se geraram três ramos de Arces, com armas diferentes dos de Múrcia.

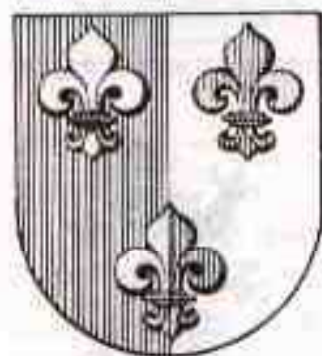
As armas que usam em Portugal os deste apelido são: De prata, com cinco flores-de-lis de azul, postas em sautor, e bordadura xadrezada de vermelho e prata. Timbre: uma das flores-de-lis do escudo.



Arce

ARCO. V. *Andrade.*

ARELHANO. Família espanhola proveniente de D. Sancho Ramires de Arelhano, o primeiro do apelido, e de sua mulher D. Ana de Leet. D. Sancho Ramires era filho de D. Ramiro Sanches e de sua mulher, D. Narbona Peres, neto de D. Sancho Sanches, 1.º senhor de Arelhano e bisneto de D. Sancho Ramires, filho segundo de D. Ramiro, Infante de Navarra, e de sua mulher, D. Elvira, que era filha de Rui Diez, o *Cid*.



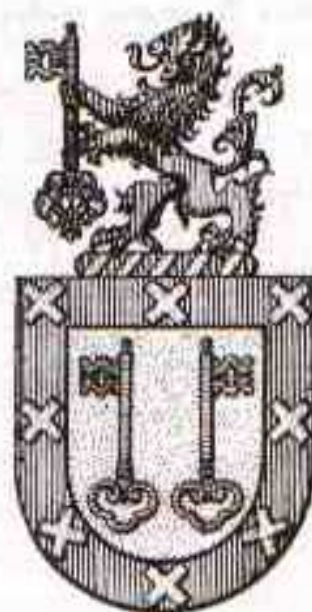
Arelhano

Em fins do século XV e princípios do XVI viveu na Corte de Portugal João Ramires de Arelhano, fidalgo de Castela, casado com senhora portuguesa, dos quais não se conhece descendência.

As suas armas são: Partido de vermelho e prata, com três flores-de-lis, as duas do chefe, de ouro no vermelho e deste na prata, a da ponta entrecambada.

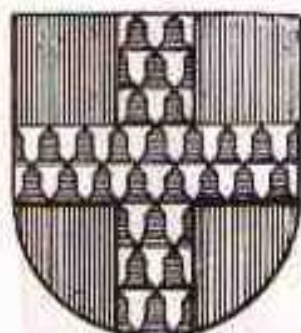
ARGOLO. A família deste apelido é de Espanha, onde se chama *Arguello*. Na cidade da Baía, no Brasil, houve pessoas muito distintas deste apelido, que, naturalmente, para ali passaram em tempo da dominação filipina.

As armas que usam em Portugal são as mesmas dos de Baeça: De ouro, com duas chaves de azul, adossadas, seus palhetões ao alto; bordadura de vermelho carregada de oito aspas de ouro. Timbre: um leão de vermelho, com uma chave do escudo na mão direita.



Argolo

ARGOTE. É das famílias mais antigas de Espanha. Não se sabe quem trouxe para Portugal este apelido, mas a sua vinda é anterior ao meado do século XVIII. D. Jerónimo



Argote

Contador de Argote, filho do Dr. Luis Contador de Argote, português, foi notável antiquário.

As suas armas são: De vermelho, com cruz de veiros.



Argumedo

ARGUMEDO. Família de Espanha que passou a Portugal. Em 17-V-1619 o Rei D. Filipe II de Portugal autori-

izou João de Argumedo, natural da vila de Samano, nas montanhas de Burgos, casado com Inês de Pareda, natural de Espinoza de los Monteros, no Reino de Castela-a-Velha, a pôr em uma capela que fundaram para si e seus descendentes, na claustra de S. Domingos de Lisboa, as suas armas e as da dita sua mulher, por o rei de armas Portugal não se achar competente para lhe passar certidão das referidas armas, pois alegava que a sua jurisdição era em Portugal e não na Coroa de Castela.

Os deste apelido usam as armas seguintes: De prata, com uma árvore de verde e um urso passante de sua cor, coleirado de ouro, preso ao tronco por corrente de ferro.

ARNAUT. Veio esta família de Inglaterra, na pessoa de Guilherme Arnaud, ilustre cavaleiro, vedor e mordomo-mor da Rainha D. Filipa de Lancastre, a quem acompanhou para Portugal, governando-lhe também sua casa. Casou, em Inglaterra, com D. Mojanda, de quem deixou geração que continuou o apelido.

Em Portugal escreveu-se o apelido *Arnao* e, sònicamente, *Ernao*. No presente não só os seus raros portadores usam a forma *Arnaud*, como o pronunciam à francesa, por ignorância, de certo, da origem.

Usam os Arnauts as seguintes armas: De prata com seis leões de negro, postos 2, 2 e 2. Timbre: um leão do escudo.

ARRAIS. Família antiga, pois existia já no tempo de D. Afonso XII de Castela, do qual era fronteiro contra o Algarve, Fernão Arrais de Mendonça, reinando então em Portugal D. Afonso IV. Do fronteiro Fernão Arrais provieram os que em Portugal usam os apelidos de Arrais, Arrais de Mendonça e Madeira Arrais.

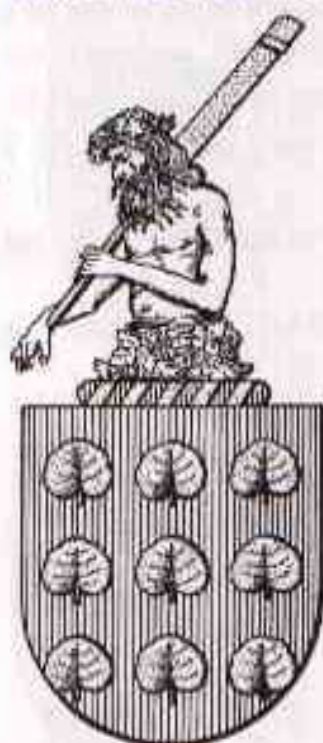
O Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, dedicou à família Arrais os seguintes versos:

*Nove caracois a par
no que val o preso mais
são as armas dos Arraes
valerosos pelo mar
de Africa são naturais.*



Arnaud

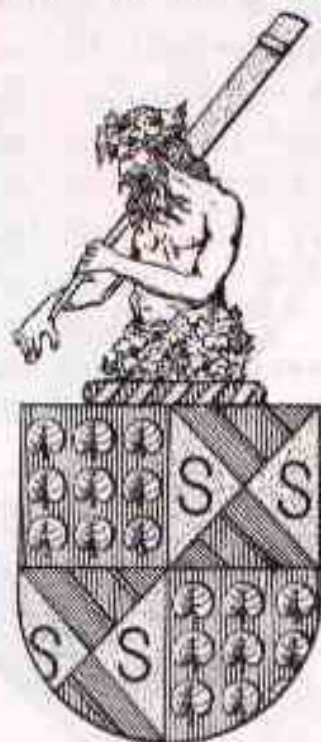
As suas armas são: De vermelho, com nove folhas de golfão de ouro, postas 3, 3 e 3. Timbre: um selvagem sainte de carnação, tendo ao ombro um remo de ouro, que sustém com a mão direita. Os Arrais de Mendonça esquarteraram estas armas com as dos Men-



ARRAIS

donças, usando: esquarterado, o primeiro e o quarto de vermelho, com nove folhas de golfão de ouro, postas 3, 3 e 3; o segundo e o terceiro franchado, o primeiro de verde, com banda de vermelho perfilada de ouro; o segundo de ouro com um S de negro e assim os contrários. Timbre: um selvagem sainte de carnação, tendo ao ombro um remo de ouro, que sustém com a mão direita.

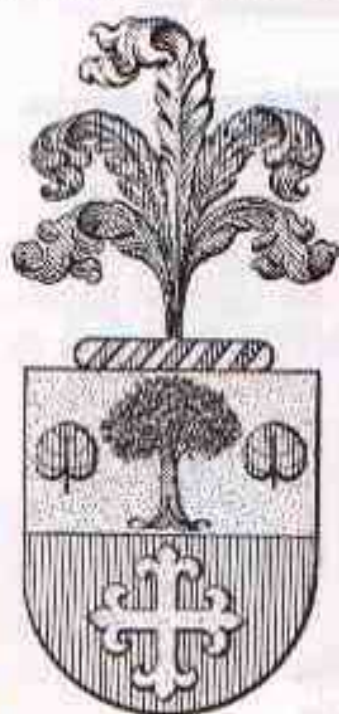
ARRIAGA. Família espanhola, das mais antigas, com solar em Alza junto de S. Sebastião da Biscaia, na provincia de Guipúzcoa. Um membro desta linhagem, Salvador de Arriaga, tomou parte na batalha das



Arrais de Mendonça

Navas de Tolosa, ferida em 1212, figurando entre os quinhentos infanções que nela estiveram.

Certamente por confusão de nomes, os autores genealógicos dizem que era filho deste o primeiro Arriaga nascido em França, o que é impossível, pois João de Arriaga foi baptizado a 13-1-1652 na freguesia de Nossa Senhora de Baiona.



Arriaga

Era João de Arriaga filho de Salvador de Arriaga e de sua mulher Maria de Iribarren, biscainhos, e sucedeu a Jean Berque no cargo de cônsul da França na ilha do Faial, onde casou com Catarina de Brum da Silveira, descendente dos primeiros e principais colonizadores flamengos da ilha.

Naturalizou-se português, abandonando a forma francesa do nome e apelido — Jean d'Harriague.

Foi mercador na mesma ilha e a seu pedido se lhe passou em Madrid, a 12-XII-1678, em nome do rei de armas de D. Carlos II, D. João de Mendoza, certidão da nobreza e armas dos Arriagas, assim descritas: «uno escudo partido em faja: en lo alto un arbol verde con su fruto de majuelas rojas y á los lados dos panelas rojas una a cada lado; y á la sinistra una cruz gualda en forma de la de Calatrava».

Esta descrição não se harmoniza com um desenho iluminado do século XVIII, e é pouco comprehensível, pois *majuelas* são os frutos do espinheiro ou pilriteiro (também chamados

pirriteiro) ou sejam pilritos, frutos muito pequenos e, portanto, de difícil representação. O espinheiro é arbusto e não árvore, como diz a descrição e o mostra o desenho, onde os frutos parecem maçãs.

À falta de fontes melhores, é necessário aceitar estas, descrevendo as armas dos Arriagas assim: De ouro, com uma árvore de verde frutada de vermelho, acompanhada de duas folhas de golfão do mesmo; cortado de vermelho com uma cruz florenciada de ouro. Timbre: cinco plumas, as duas de baixo verde, as duas do meio de vermelho e a do centro de ouro.

A mencionada descrição espanhola fala em «una cruz gualda», que não figura em livros de armaria, pelo menos nos mais acessíveis.

Não tem a família Arriaga, que se saiba, as suas armas registadas em Portugal, se bem que já há dois séculos e meio aqui se fixasse.



Arriscado

ARRISCADO. Família cuja origem se ignora. O apelido, por ausência de preposição, deve provir de alcunha.

As suas armas são: Cinco pontos de ouro equipolados a quatro de azul.

Também se lhe dão por armas: De vermelho, com seis lisonjas de ouro apontadas em cruz quatro em pala e três em faixa. Estas são as dos Antas.



Arriscado (outros)

ATAÍDE. Família antiga, que tirou o apelido da torre e quinta de Ataíde, na freguesia de S. Pedro de Ataíde, no antigo concelho de Santa Cruz de Tâmega. É incerta a origem desta família porque os genealogistas divergem nas suas opiniões, querendo alguns que provenha do grande D. Egas Moniz, aio de D. Afonso Henriques, sem contudo concordarem acerca de qual fosse o filho de quem descendem.

A linhagem dos Ataídes é das mais distintas de Portugal, pois dela se formaram importantes casas e saíram esclarecidíssimos varões.

O Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, escreveu a quintilha seguinte, aludindo a Atouguia, cujo senhorio e título de condado o Rei D. Afonso V deu a D. Álvaro Gonçalves de Ataíde:



Ataíde

*É grã caza de Atouguia;
e a que tem no Minho e Douro
fez cousas dalta valia,
venceram o grão Rei mouro;
Luis Fernandes hoje em dia.*

Manuel de Sousa da Silva também dedicou aos Ataídes uma das suas trovas:

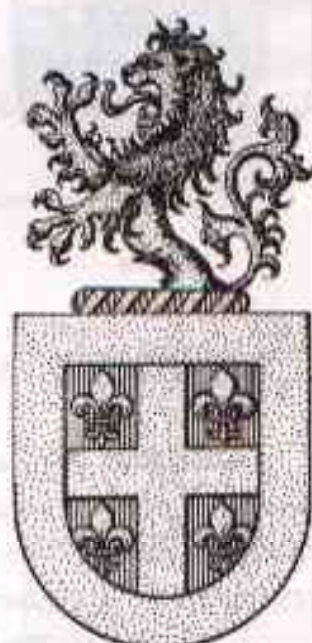
*De Santa Cruz no concelho
Está a Quinta do Pinheiro
de Atayde verdadeiro
Solar no Portugal velho
Grande neste pardieiro.*

Trazem os Ataídes por armas: De azul, com quatro bandas de prata. Timbre: onça agachada, de sua cor, com quatro bandas de prata.

ATOUGUIA. Parece que esta família provém de D. Roberto de la Corne, fidalgo francês, que veio com seu irmão D. Guilherme na armada que ia à conquista da Terra Santa e que ajudou D. Afonso Henriques a tomar Lisboa aos Mouros, por cujo serviço o mesmo monarca lhes deu a vila de Almada, de que se julga foram os povoadores e da qual uns descendentes tomaram o apelido.

Manuel de Sousa da Silva, insigne genealogista, aludindo ao senhorio de Belas, que tiveram seus descendentes, escreveu a seguinte quintilha:

*Este ilustre Roberto
que povoou Atougua
produz a genealogia
que seu nome tem por certo
que em Belas hoje se cria.*



Atougua

As suas armas são: De vermelho, com cruz de vermelho, com cruz de ouro acantonada de quatro flores-de-lis do mesmo; bordadura também de ouro. Timbre: um leão sainte de ouro.

AUCOURT. V. *Haucourt.*

AUSSI. Família flamenga que passou a Portugal e cujo apelido na forma própria é Haussy. Parece que foi Jácome Roland d'Haussy que o trouxe para Portugal, anteriormente a 1509, o qual foi pai de Pedro Jácome e avô de Diogo Velho.

As armas deste apelido são atribuídas em alguns livros de brasões aos de Jácome e de Rolão, evidente aportuguesamento do patronímico Rolland.

Trazem por armas: De vermelho, com um leão de ouro, armado e lampassado de azul. Timbre: o leão do escudo.



Aussi

AVALOS. É das mais ilustres famílias de Castela, pois descende de D. Inigo Lopes, 7.º Senhor Soberano e Conde da Biscaia, senhor de Durango e de Naxera, e de sua mulher, D. Toda Ortiz, dos quais provêm os Haros, Mendonças e Baçans.

D. Inigo e sua mulher foram pais de D. Garcia Inigues, ascendente de Lopo Fernandes de Avalos, alcaide de Ubeda. Parece que passaram a Portugal na pessoa de D. Gil Peres de Avalos, alferes do Condestável D. Nuno Álvares Pereira.

O Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, escreveu a respeito desta família os seguintes versos:

*Lá em Navarra e Montoza
tem Avalos o solar
em esforço não tem par
é cousa maravilhosa
duas proezas contar.*



Avalos

Os Avalos usam por armas: De azul, com um castelo de ouro; bordadura composta de oito peças de ouro e vermelho. Timbre: o castelo do escudo.

AVASTO. V. *Abasto*.

AVEIRO. Não se conhece família antiga deste apelido, porém a Luís Álvares de Aveiro se deram armas novas antes de 15-VIII-1509, porquanto já se encontram no *Livro do Armeiro-mor*. Houve em Aveiro uma família Álvares, de nobre qualidade, que ignoramos se apelidasse da terra originária.

Em Coimbra viveu Afonso Domingos de Aveiro, de onde era natural, procurador da referida cidade nas Cortes que aclamaram Rei o Mestre de Avis.

Talvez a designação do códice quinhentista seja apenas diferença para evitar confusão com outros e não apelido. Luís Álvares devia ter ganho as armas no estrangeiro, pois não têm carácter nacional. São muito semelhantes às que o *Espelho de Nobreza*, do Dr. Francisco Xavier da Serra Craesbeck, dá aos Álvares, se estas não são as mesmas, mal descritas.

As armas de Luís Álvares, são: De prata, com sete faixas requifadas de azul; e um franco cantão de vermelho com uma águia de duas cabeças de prata, ornada, membrada e coroada de ouro, partido de azul com uma cruz, potenteia de ouro, cantonada de vinte cruzetas do mesmo, cinco em cada cantão, postas em sautor, com a do meio dentro duma memória também de ouro.



Aveiro

AVELAR. Parece provir a família dos Avelares da dos Fonsecas, porque se supõe que Diogo Mendes era filho de Mem Gonçalves da Fonseca, rico-homem de Portugal,

o qual Diogo Mendes viveu no tempo dos Reis D. Afonso II e D. Sancho II, na freguesia de S. Romão de Mouriz, no concelho de Aguiar de Sousa, onde possuía, por dote de sua mulher, D. Elvira Dias, alguns casais. Esta senhora era filha de D. Fernão Gonçalves, cavaleiro da Terra de Sousa, e de sua mulher, D. Examea Dias de Urró, de quem largamente fala o Conde D. Pedro no seu *Livro das Linhagens*, contando como lhe mordera uma vespa e da bênção que deixara aos seus descendentes.

De Diogo Mendes e de sua mulher nasceu *Estêvão Dias de Mouriz*, assim denominado porque viveu no lugar de Mouriz de Sousa, cujo senhorio possuía. Era padroeiro Avelar, do mosteiro de Cete e casou-se com D. Maria Martins do Avelar, filha de Martim de Aragão, fidalgo que veio para Portugal com a Rainha D. Dulce de Aragão, mulher de D. Sancho I e ainda seu parente, e de D. Maria Reimendo, sua mulher. D. Maria Martins teve em dote a Quinta do Avelar, na freguesia de S. Lourenço de Pias, concelho de Lousada.

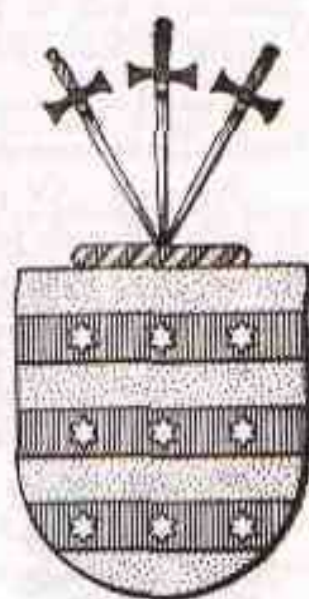
Estêvão Dias de Mouriz recebeu-se segunda vez com D. Estefânia de Maceira, natural da Terra da Feira. De ambos os matrimónios deixou geração, que tomou o apelido de Avelar.

D. João Ribeiro Gaio, Bispo de Malaca, dedicou aos Avelares esta quintilha:

*Duma Rainha vieram
Dona Dace de Aragão
a d'Avelar geração
donde este braço tiveram
digno de veneração.*

E Manuel de Sousa da Silva, reputado linhagista, também os mencionou nas suas trovas com os seguintes versos:

*Teve a casa de Aguiar
Estevão Dias Leal
De quem vem os de Abelal
E os que ouvimos chamar
De nome de Sobral.*

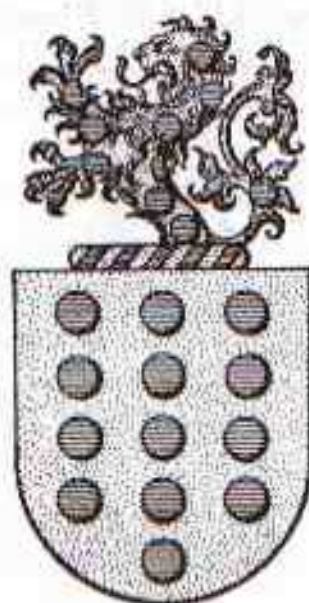


Avelar

As armas usadas pelos Avelares são: De ouro, com três faixas de vermelho, cada uma carregada de três estrelas de seis pontas, de prata. Timbre: três espadas invertidas e apontadas de prata, empunhadas de vermelho e guarnecidas de ouro.

ÁVILA. De Ximeno Sanchez, que os genealogistas dizem ser sexto neto de D. Aloito ou D. Afonso de Braga e de sua mulher, D. Marquesa, um dos principais fidalgos das Astúrias nas primeiras décadas do século XI, e de sua mulher, D. Argonta, nasceu Vasco Ximeno, que viveu no concelho de Salas, nas Astúrias. Quando o Rei D. Afonso VI mandou seu genro D. Ramon de Borgonha povoar a cidade de Avila, recentemente con-

quistada, foi D. Vasco Ximeno, um dos principais cavaleiros que lá passaram, das Astúrias a povoá-la. De sua mulher, D. Olalha Garcez, teve Ximeno e Fortun Vasques, que com seu pai povoaram Ávila, e Ximena Vasques, mulher de Fernão Lopes Trilho, alcaide e fundador do alcácer de Ávila.



Ávila (do Continente)

De Ximeno Vasques, que foi governador da cidade de Ávila e serviu D. Afonso VI no sítio de Cuenca, e de sua mulher, D. Menga Munhoz, nasceu Vasco Ximenes que também governou Ávila, o qual, do seu casamento com D. Árias Galinda, teve Ximeno Vasques, governador de Ávila e como seu pai chefe duma das duas quadrilhas em que se dividiu a nobreza da cidade. Este foi pai do Vasco



Ávila (dos Açores)

Ximeno, e avô de Fortun Vasques, capitão da gente de Ávila na batalha das Navas, e bisavô de Vasco Fortun.

Vasco Fortun morreu em 1262 e casara com D. Enedraço Vasques, que era da mesma família. Do seu matrimónio deixou larga geração que usou o apelido de Ávila e o continuou.

No século XV passaram a Portugal Antão Gonçalves de Ávila e João Gonçalves de Ávila, filhos de João Sanches de Bettencourt e netos de D. Elvira de Ávila e de seu marido, Jorge de Bettencourt. Antão Gonçalves de Ávila veio no tempo das comunidades de Capela e foi recebido em Almeida por Afonso Gonçalves de Antona, criado da Infanta D. Beatriz, mais tarde Duquesa de Sabóia. Este Afonso Gonçalves de Antona passou à ilha Terceira, levando consigo Antão Gonçalves de Ávila, a quem por muita amizade

deu em casamento sua filha Inês Gonçalves de Antona, dotando-a com parte das terras que possuía na ilha. Deste matrimónio provieram os Ávilas das ilhas.

João Gonçalves de Ávila, irmão de Antão Gonçalves, serviu em África e depois se recebeu na ilha Terceira com Leonor Álvares, de quem teve Leonor Álvares de Ávila, mulher de João Luis Teixeira, natural de Braga, com geração.

Os Ávilas também passaram a Portugal com Afonso Lopes de Ávila, fidalgo castelhano, que veio homiziado



Ávila (outros)



Ávila, do Duque de Ávila e Bolama

em companhia da Excelente Senhora. Serviu o monarca português e casou-se com uma senhora de apelido Vasconcelos, irmã do bispo de Ceuta e de Manuel de Vasconcelos, da qual deixou geração que continuou o apelido Ávila.

Os Ávilas do Continente usam por armas: De ouro, com treze arruelas de azul, postas 3, 3, 3, 3 e 1. Timbre: um leão sainte de ouro, carregado das arruelas do escudo.

Os dos Açores trazem: De ouro, com uma árvore de sua cor entre duas águias estendidas de negro. Timbre: uma das águias do escudo.

Outros Ávilas usam: Esquartelado: o primeiro e o quarto de ouro, com uma águia estendida de negro; o segundo e o terceiro de prata, com três faixas de vermelho acompanhadas de sete olhos sombreados de azul postos 2, 2, 2 e 1. Timbre: a águia do escudo.

Por alvará de mercê-nova de 9-X-1860, concederam-se a António José de Ávila, que veio a ser Duque de Ávila e Bolama, as seguintes armas de Ávilas: Esquartelado: o primeiro e o quarto de ouro, com uma águia estendida de negro; o segundo e o terceiro de prata, com três faixas de vermelho, acompanhadas de quatro olhos sombreados de azul, alinhados em banda. Timbre: a águia do escudo.

AVILEZ. O primeiro que se chamou Avilez foi Rui Peres de Avilez, que dizem haver tomado este apelido por ser natural de Ávila ou Avilés. Rui Peres de Avilez, que vivia por 1248, era filho de Pedro Peres e sobrinho de Nuno Peres de Quinhones, 1.º mestre da Ordem de Calatrava, filhos de Guterre Peres de Quinhones e netos de Álvaro Peres de Quinhones, descendente dos Condes das Astúrias, que procediam por varonia dos Reis de Leão.

Este apelido passou a Portugal com Domingos de Avilez, que os genealogistas dizem ser descendente do sobredito Rui Peres de Avilez. Viveu nas Astúrias, onde possuía terras, no reinado de D. Pedro, o Cruel, cujo partido tomou contra o Mestre de Sant'Iago D. Henrique, seu irmão, o qual, saindo vencedor da luta, perseguiu todos os partidários daquele Rei, muitos dos quais buscaram asilo na Corte de D. Fernando de Portugal. Entre estes veio Domingos de Avilez, depois de matar o fidalgo a quem haviam feito mercê das suas terras, na ocasião em que ia tomar posse delas. Acompanhou-o seu filho Fernando de Avilez; ao chegarem a Portugal foram recebidos com grandes honras por D. Álvaro Gonçalves Pereira, Prior do Crato, por saber a sua qualidade. Fernando de Avilez serviu D. João I contra Castela nos esquadrões que o Condestável D. Nuno Álvares Pereira comandava no Alentejo. Casou com uma parenta do D. Prior do Crato, talvez sua filha, de quem deixou geração que continuou o apelido.

As suas armas são: De verde, com um castelo de prata, lavrado de preto, aberto de vermelho, acompanhado, em ponta, de uma cabeça de mouro, cortada de vermelho, toucada de prata, parte dela sobre a porta do castelo, tendo sobreposta uma maça de armas de ouro, armada de prata, posta em faixa. Timbre: meio mouro sainte, toucado de prata, com os braços de carnação, tendo ao ombro direito a maça de armas do escudo. (V. *Velez*).

AZAMBUJA. Descendem de Fernão Gonçalves de Azambuja, o primeiro que assim se apelidou por ser senhor da vila deste nome, o qual era filho de Gonçalo Fernandes de Tavares e de sua mulher D. Maria Rolim, senhora de Azambuja, filha de Childe

Rolim, povoador e primeiro senhor desta vila, cujo território houvera em mercê feita pelo Rei D. Sancho I, no ano de 1200, para a fundar. Fernão Gonçalves de Azambuja foi

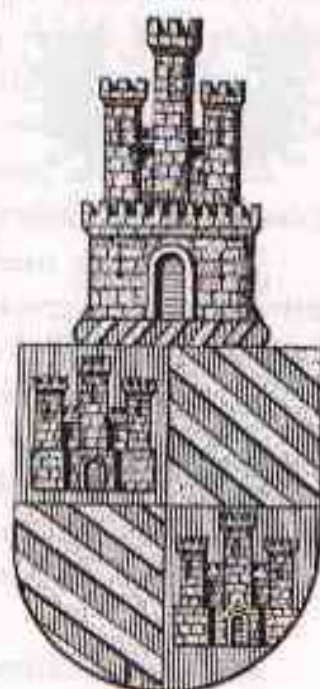


Azambuja

alcaide-mor da vila de que era senhor e casou-se com D. Ouroana Godina, filha de D. Godinho de Pousada e de sua mulher D. Sancha Pires, de quem teve geração.

As armas usadas pelos Azambujas são: De ouro, com quatro bandas de vermelho. Timbre: um selvagem saínte, cabeludo de ouro, tendo ao ombro um tronco esgalhado de vermelho, que sustém com ambas as mãos.

Os descendentes de Diogo de Azambuja trazem: Esquartelado: o primeiro e quatro de vermelho, com castelo de ouro, aberto, iluminado e castelo de ouro lavrado de azul; o segundo e terceiro de ouro, com quatro bandas de vermelho. Timbre: o castelo do escudo.

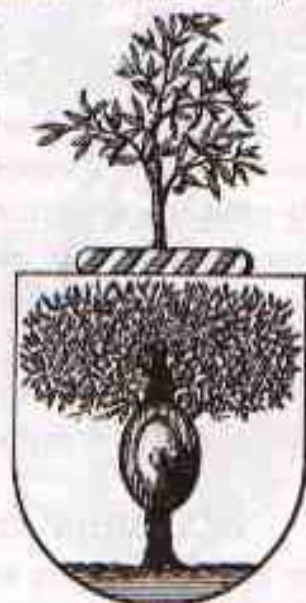


Azambuja,
de Diogo de Azambuja

AZAMBUJAL. Este apelido principiou a usar-se no século XVI, tirado duma herdade do Alentejo, da qual era dono Gaspar Pacheco, chefe desta família. Gaspar Pacheco, o primeiro que se chamou Azambujal, serviu em África com dois homens à sua custa, foi armado cavaleiro em 1531, em Tânger, pelo capitão D. Duarte de Meneses e, pelos grandes serviços que prestara contra os Mouros, D. João III o fez fidalgo de solar e de cota de armas por carta de 28-VII-1554. Também foi cavaleiro da Ordem de Cristo e provedor-mor das Alfândegas do Reino. Instituiu em morgado a sua herdade do Azambujal no termo da vila de Redondo, que a seu pedido o monarca lhe dera por solar, dotando-a a seu filho João Pacheco do Azambujal, quando se casou com D. Violante de Meneses, por escritura lavrada em 28-VII-1554, em Ceuta. Recebeu-se com Guiomar Rodrigues, à qual alguns genealogistas juntam o apelido de Pereira, de quem teve descendência extinta poucas gerações depois.

Gaspar Pacheco era filho de Álvaro Pacheco, provedor e feitor-mor das Alfândegas do Reino, e de Vicente Vaz, segundo uns de legítimo matrimónio e segundo outros bastardo legitimado. Seus avós paternos chamaram-se Diogo Fernandes de Brito e Joana Pacheco, sua mulher, a qual era filha bastarda de Gonçalo Pacheco.

As armas novas que D. João III lhe concedeu são: De prata, com um azambujeiro de verde, carregado no tronco de uma adarga de ouro guarnecida de vermelho, o azambujeiro saindo de um contra-chefe diminuto de azul, aguado do campo. Timbre: um ramo de azambujeiro.



Azambujal

AZEREDO. Da nobre e antiga família dos Araújo proveio a dos Azeredos, pois Vasco Rodrigues de Araújo, filho de Rodrigo Anes de Araújo, casado com D. Leonor Pires Velho, filha de Pedro Anes Velho, foi senhor da Torre de Azeredo, na Galiza, dos quais nasceu Rodrigo Vasques de Azeredo, chefe dos Azeredos, que viveu em Entre Douro e Minho.



Azeredo

Seu filho João Rodrigues de Azeredo viveu no tempo dos Reis D. Afonso V e D. João em Guimarães, e serviu nas guerras da época com o posto de capitão. Casou com Inês Gonçalves de Araújo, filha de Gonçalo Rodrigues de Araújo, e deste matrimónio descenderam os Azeredos de Portugal.

As armas que usam são: De azul com dez bastões de ouro em contra-banda. Timbre: um leão sainte de azul com os bastões do escudo.

AZEVEDO. Procedem os deste apelido de D. Pedro Mendes de Azevedo, chamando-se assim por viverem no couto e honra de Azevedo, no concelho de Barcelos. D. Pedro Mendes era filho de D. Mem Pais Bufinho ou D. Mendo Bufião, e de sua mulher, D. Sancha Pais, neto paterno de D. Paio Godins e de sua mulher, Maria Martins, bisneto pelo dito avô de D. Godinho Viegas de Baião, que edificou o mosteiro de Vilar de Frades, nas margens do Cávado, junto de Barcelos, e de sua mulher, Maria Soares, filha de D. Soeiro Guedes da Várzea, fundador do mosteiro da Várzea, o qual D. Godinho, depois do nascimento do filho, a deixou, matando-o por tal motivo seu sobrinho D. Paio Guterres de Penha, filha de seu primo Egas Gosendes. Por D. Godinho Viegas



Azevedo

era terceiro neto de D. Egas Gosendes de Baião, rico-homem do Rei D. Afonso V de Castela, que em 1124 deu foral à vila de Sernancelhe, e de sua mulher D. Uzeu Viegas, filha de D. Egas Hermigues, o *Bravo*, e de D. Gontinha Eriz, que fundou o mosteiro do Freixo; quarto neto de D. Gosendo Araldes de Baião, esforçado cavaleiro do tempo do rei D. Fernando de Castela e de D. Garcia e seu filho, aos quais prestou valioso auxílio nas pelepas contra os Mouros, e senhor de Baião e de muitas fazendas nas margens do Cávado, possuindo também o senhorio de Penaguião e o officio de governador da Justiça, que exercitava no



Azevedo, dos Senhores de S. João de Rei

ano de 1030. Seu quinto avô, pai do referido D. Gosendo Araldes, foi D. Arnaldo de Baião, senhor da mesma terra, que serviu o Rei D. Afonso V de Leão contra os

Mouros, na Galiza e no Entre Douro e Minho, onde povoou diversos lugares, e de sua mulher, D. Ufa, que provinha do sangue real dos Godos. Alguns autores pretendem que D. Arnaldo de Baião era filho de Guido, Imperador da Itália, bisneto de Carlos Magno, Imperador dos Romanos.

Mesmo que D. Arnaldo não provenha de tão ilustre tronco, grande devia ser a sua nobreza, pois deu sangue às mais distintas linhagens da Península e princípio às mais respeitadas famílias.

João Rodrigues de Sá dedicou aos Azevedos os seguintes versos:

*Águia celestial,
que que mais alto voa,
sobre eccellente metal
da coroa imperial
tyrada, sem a coroa.*

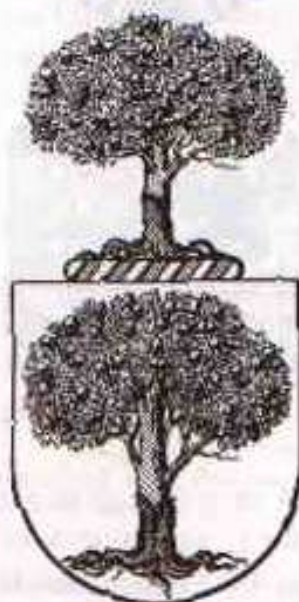
*Trouxerão do alemanha
os Dazevedo a Espanha,
por testemunha, & certeza
de sua grande nobreza,
& rezão por que se ganha.*

Manuel de Sousa da Silva também os cantou nesta quintilha:

*Em o Concelho do Prado
É o solar conhecido
dos Azevedos sabido
dos seus sempre no passado
tempo; e neste possuído.*

As armas usadas pelos Azevedos são: De ouro, com uma águia estendida de negro. Timbre: a águia do escudo.

O ramo dos Azevedos que possuiu o senhorio de S. João de Rei acrescentou as armas, trazendo: Esquartelado: o primeiro e o quarto de ouro, com uma águia estendida de negro; o segundo e o terceiro, de azul, com cinco estrelas de seis pontas de prata, e bordadura cosida de vermelho, carregada de oito aspas de ouro. Timbre: uma das águias do escudo.

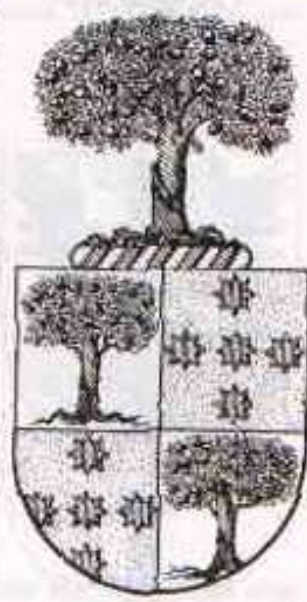


Azinhal

AZINHAL. Família do Alentejo, cujo apelido tomou duma herdade deste nome.

As suas armas são: De prata, com uma azinheira de verde. Timbre: a azinheira.

Os do ramo Azinhal Sacoto usam: Esquartelado: o primeiro e o quarto de prata, com uma azinheira arrancada de verde; o segundo e o terceiro de ouro, com uma estrela de cinco pontas de vermelho, postas em cruz, que é de Sacoto. Timbre: uma das azinheiras do escudo.



Azinhal Sacoto



ACELAR. O primeiro indivíduo que se conhece deste apelido é Martim Afonso Bacelar, que foi senhor da Torre de Bacelar, na freguesia do Cerdal, termo da Valença, da província do Minho. Viveu este fidalgo no reinado de D. Afonso III e diz-se que a sua linhagem era muito antiga e de solar

conhecido e que descendia da casa e torre de Lanhelas, no termo de Caminha. Fazem-no os genealogistas filho de Afonso Martins da Maia e de sua mulher, D. Maria Heitor, aquele filho bastardo do Conde D. Martim Gil, rico-homem e alferes-mor do Rei D. Dinis, que provinha por varonia da linhagem dos de Riba de Vizela.

Casou com D. Sancha Vasques, filha de D. Vasco Sanches de Barbosa, alferes-mor de D. Afonso IV, e de sua segunda mulher, D. Urraca Viegas, senhora do couto de Sanfins, paço e couto de Lara, de quem deixou geração, que continuou o apelido.

O capitão-mor de Santa Cruz de Riba-Tâmega, Manuel de Sousa da Silva, entre as quintilhas que escreveu acerca das famílias nobres de Portugal, deixou esta, dedicada aos Bacelares:

*De Valença na campanha
Se vê inda hoje estar
A torre de Bacellar
Em Portugal e Hespanha
Dos deste nome solar.*

As suas armas são: De ouro, com um bacelo de duas varas de sua cor, com as folhas de verde, unidas em ponta e passadas em aspa, frutadas de quatro cachos de púrpura, dois em cada vara. Timbre: Leopardo aleonado, nascente de ouro, carregado na testa de uma parra de verde.



Bacelar

BADAJOZ. Família originária de Badajoz, que procede de Fernão de Badajoz, o qual, pelos muitos serviços prestados nas guerras e pelos seus merecimentos, foi feito



Badajoz

cavaleiro de esporas douradas pelo Rei Católico D. Fernando e fidalgo de cota de armas, dando-lhe armas novas. Seu filho, Jorge Fernandes de Badajoz, viveu em Lisboa e em 15-X-1530 obteve confirmação das referidas armas, que são: De ouro, com a imagem de S. João Baptista de pé, vestida de peles e com a capa de vermelho, tendo na mão direita um castelo de prata, lavrado, aberto e iluminado de negro, que mostra com a mão esquerda. Timbre: o castelo do escudo.

BAEÇA. V. Beça.

BAENA. Procede esta família do Rei D. Rodrigo, filho de Teodofredo, Duque de Córdova. Fernão Rodrigues de Baena, seu descendente, fidalgo da cidade de Sevilha, teve, em recompensa de assinalados serviços que prestou ao Rei D. Fernando IV, a mercê do senhorio de Marchena e dos herdamentos e vassallos de Córdova, Baena e Castro do Rio, por Carta de 22 de Agosto de 1335. Na defesa da vila de Baena, Fernando Rodrigues fora um dos cavaleiros que mais distinta acção tiveram. Teve na mesma vila, da qual tomou apelido, o officio de alguacil-mor e aí fundou várias casas nobres. Casou-se com D. Maria Ponce, descendente de D. Vela Ponce, da qual houve Francisco de Baena, que se recebeu com D. Leonor de Barbuda, filha de Rui Filipe de Barbuda, comendador de Pedrouços e senhor do morgado do Paço Velho.

Fernando Rodrigues de Baena veio para Portugal, fixando-se em Odemira, onde exercitou alguns officios, como o de vereador da Câmara.

D. Maria de Baena e Barbuda, filha única de Francisco de Baena, matrimoniou-se com Pedro Álvares Sanches, de quem descenderam os Sanches de Baena.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, chamando-lhes *Bayanas*, escreveu os seguintes versos:

*De forte terra ciosa
os de Bayana são
gente foi mui belicosa
que teve já possessão
de Burgos a populosa.*

Trazem por armas: Partido: o primeiro lisonjado de prata e vermelho; o segundo de azul, com um leão de ouro; bordadura do mesmo, carregada de oito arruelas de vermelho. Timbre: um braço armado de prata empunhando uma lança de ouro, armada de prata, enristada com uma arruela do escudo na ponta.



Baena

BAHAMONDE. Família da Galiza, cuja origem é a mesma dos Galegos e Fajardos, de que passaram alguns membros a Portugal.

São suas armas: De azul, com um M de ouro encimado por uma coroa de oito florões do mesmo; bordadura cosida de vermelho, carregada de sete peixes nadantes, de prata, 2, 2 e 3.

Diz Gonçalo Argote de Molina, na *Nobreza de Andaluzia*, que o M coroadado das armas dos Bahamondes alude à mulher do Conde D. Rodrigo, senhor de Monterroso, a Infanta D. Melicia, de quem provém esta família.

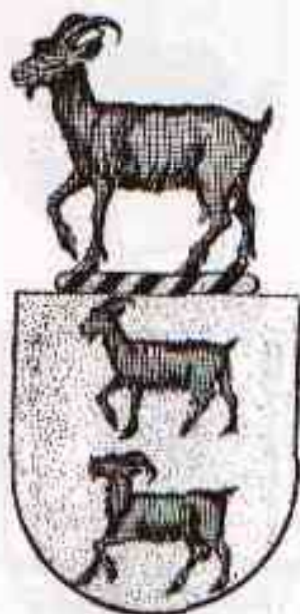


Bahamonde

BAIÃO. Entre a mais antiga nobreza de Portugal sobressai a família dos Baiões, que tem por cabeça D. Arnaldo, a quem alguns autores dão por pais Guido, Imperador de Itália, e Adelaide, aquele filho de Lamberto, Duque de Spoleto, e esta de Pepino, Rei de Itália, que, por sua vez, o era do Imperador de França, Carlos Magno. D. Arnaldo, que viveu nos fins do século X, foi senhor de Baião e casou com D. Ufo, descendente dos Reis godos, de quem teve filhos, um dos quais, D. Gosendo Araldes de Baião, sucedeu no referido senhorio, serviu os Reis de Castela D. Fernando e D. Garcia, pelejando contra os Mouros com muito valor.

Teve D. Gosendo muitas outras fazendas nas margens do rio Cávado, assim como o senhorio de Penaguião, e foi governador da justiça no ano de 1030. Dele descende a família deste apelido.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, dedicou-lhe a quintilha seguinte:



Baião

*Num escudo em campo dourado
duas cabras ajuntadas
de gotas dourado manchadas
da cor de um negro mouro
desta mesma cor pintadas.*

Também Manuel de Sousa da Silva se lembrou da família dos Baiões, escrevendo:

*Dom Arnaldo da Alemanha
Veio com justa razão
para a terra de Baião
A qual aos mouros ganha
para a sua geração.*

As suas armas são: De ouro, com duas cabras de negro, passantes uma sobre a outra. Timbre: uma das cabras do escudo.

BAIROS. Família nobre de Portugal, que uns autores dizem ser a mesma dos Barros e outros a fazem diversa. Por se desconhecer, presentemente, a sua origem nada se pode afirmar a tal respeito.



Bairros

As palavras Bairros e Barros andam muito confundidas na linguagem antiga, se é que não têm o mesmo significado.

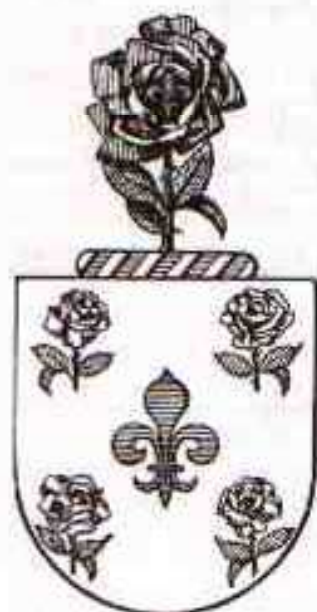
O apelido Bairros, que se encontra acompanhado da preposição *de*, mostra ser de origem geográfica, o que também acontece ao de Barros, ambas formas de muitas povoações portuguesas.

Figuram no *Livro do Armeiro-mor* as duas grafias, correspondendo-lhes armas diferentes.

Aos Bairros cabem as seguintes armas: De ouro, com três troncos esgalhados de sua cor, soltos e postos em três bandas. Timbre: os três troncos do escudo, enfeixados e atados de ouro.

Alguns Barreiros usam as mesmas armas, certamente pela confusão existente entre Bairros e Barros, se eram famílias diversas, ou, se as duas vozes correspondiam a uma só pela ignorância do brasão que competia ao seu nome (v. *Barreiros e Barros*).

BALDAIA. Supõe-se que este apelido provenha de alcunha. A pessoa mais antiga que se conhece desta família parece ser Afonso Gonçalves Baldaia, copeiro-mor do Infante D. Henrique, que em 1434 foi, num barinel que o mesmo Infante mandou armar, com Gil Eanes, descobrir a costa ocidental da África.



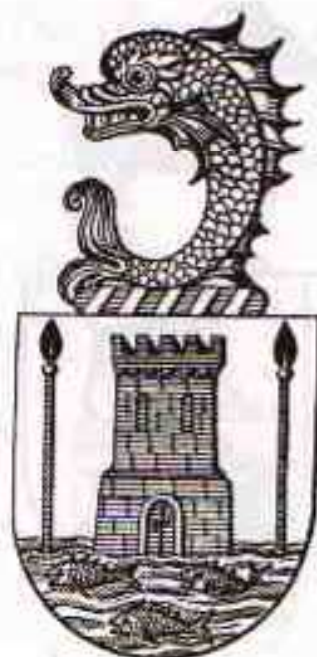
Baldaia

Os deste apelido usam por armas: De prata, com uma flor-de-lis de azul, acompanhada de quatro rosas naturais de vermelho, com pés e folhas de verde acantonadas. Timbre: uma rosa do escudo, carregada de uma flor-de-lis no centro.

BALEATO. Família portuguesa cuja proveniência é desconhecida, mas que parece originária de Lagos, no Algarve.

As armas usadas pelos deste apelido são: De prata, com uma torre de azul, ladeada de dois venâbulos de negro, com hastes de verde, a

torre sainte de um mar de sua cor, onde nadam três peixes de prata. Timbre: um golfinho de prata.



Baleato

BALEEIRO. Ignora-se a origem deste apelido, mas deve proceder de alcunha ou ofício. E, no entanto, já antiga a sua nobreza, pois Nuno Freire de Andrade, filho do

mestre da Ordem de Cristo D. Nuno Freire de Andrade, casou com D. Genebra Ribeiro, filha de Gomes Baleeiro, o *Africano*, de cujo matrimónio provieram os Andrades Baleeiros.

Existe este apelido, também, nas ilhas Graciosa e do Faial.

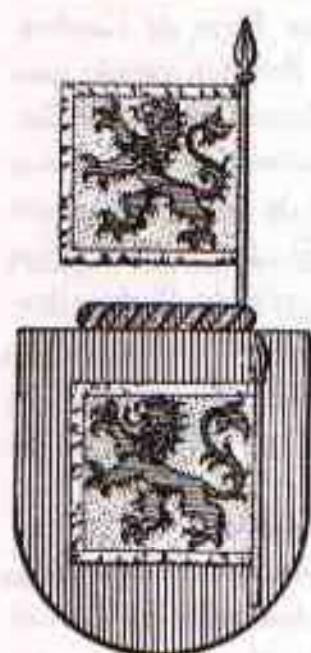
Não tem armas esta família, mas parece que usa as mesmas que os Beliagos.

BANDEIRA. Procede esta família de Gonçalo Pires, que dizem ter por apelido o de Juzarte, natural de São Martinho de Mouros, escudeiro honrado da casa de D. João II, o qual, na batalha que D. Afonso V teve em Toro contra o soberano de Castela, D. Fernando, recuperou a bandeira do Rei de Portugal, tomada por um cavaleiro inimigo, feito praticado com grave risco da sua pessoa.

Esta acção heróica e outros bons e leais serviços que prestou à Coroa portuguesa em África mereceram-lhe que o Rei D. João II o tirasse do conto plebeu e lhe desse Carta

de armas novas, alusivas ao feito que praticou, datada de 4-VII-1483, e conjuntamente o apelido de Bandeira.

As armas concedidas a Gonçalo Pires Bandeira e usadas por seus descendentes são: De vermelho com uma bandeira quadrada de ouro, perfilada de prata, carregada de um leão de azul, armado e lampassado de vermelho, a haste de ouro. Timbre: a bandeira do escudo.



Bandeira

BARACHO. Família de Vila Franca de Xira, anterior ao século XVI, cujas armas são: De vermelho, com um leão de ouro, armado e lampassado de prata, cantonado de quatro pombas do mesmo, volante. Timbre: o leão do escudo.



Baracho

BARAHONA. Nobre família espanhola de que passou um ramo a Portugal, fixando-se no Alentejo.

As armas que usam os desta família são: De ouro, com quatro bandas de vermelho. Timbre: um leão sainte de ouro carregado das quatro bandas do escudo.

BARATA. Supõem alguns genealogistas que esta família provenha de França, porque o apelido Barata é antigo neste país. Também as armas que usam em Portugal são as mesmas que as dos Baratte de Canteloup. Outros, porém, julgam que esta família é originária de Aragão.

Nas *Inquirições* de D. Afonso III, do ano de 1236, menciona-se um Pedro Barata possuidor do casal de Fol-



Barahona



Barata

gosela de Cima, na comarca de Viseu, junto de uma vinha de D. Elvira Varela. A pessoa mais antiga que se conhece desta família, com geração continuada, é Estêvão Barata, morador em Oleiros.

Trazem por armas: De negro, com três mãos direitas de ouro, espalmadas. Timbre: uma das mãos do escudo.

BARBA. O primeiro deste apelido que houve em Portugal foi Martim Vasques Barba, casado com D. Urraca ou Elvira Rodrigues, irmã do leal Fernão Rodrigues Pacheco, alcaide de Celorico da Beira em tempo de D. Sancho II, castelo que não quis entregar ao Rei seu irmão, filhos de Rui Fernandes, senhor de Ferreira, e de D. Teresa Pires de Cambra. De seu filho mais velho, Pedro Martins Botelho, casado com D. Dórdia Martins de Lisboa, nasceu Martim Pires Botelho, chamado o de Sandim, alcaide de Castelo Rodrigo, que se recebeu com D. Joana Martins de Parada, da qual teve Martim Martins Barba, marido de D. Inês Vasques Pimentel, filha de Vasco Martins de Resende e de sua mulher D. Teresa Rodrigues Ribeiro. Deste matrimónio nasceram vários filhos que usaram o apelido Barba, desconhecendo-se, porém, a sua descendência, excepto de Rui Martins Barba, que se casou com D. Iria Martins Alardo, irmã de Lourenço Martins Alardo, alcaide de Lisboa e tesoureiro-mor do Reino, filhos ambos de Gonçalo Martins Alardo, senhor de Vila Verde, de cujo matrimónio provieram os Barbas Alardos.

Martim Vasques Barba, acima referido, era filho de D. Vasco Martins Mogudo, vassalo de Paio Soares de Valadares, e de sua mulher, D. Elvira Vasques de Soverosa, filha de Vasco Fernandes de Soverosa. Os pais de D. Vasco Martins chamavam-se Martim Mendes Mogudo de Sandim e D. Teresa Martins Brandão, filha de Martim Fernandes Brandão, alcaide de Évora, e de D. Sancha Pais; e os avós paternos D. Mem Pais Mogudo de Sandim, cavaleiro de muito valor que se encontrou em 1248 na tomada de Sevilha, e sua mulher, de quem se ignora o nome; os bisavós, por parte de D. Mem Pais, eram D. Paio Mogudo de Sandim e sua mulher, senhora de apelido Barba, como se supõe. Deste D. Paio Mogudo e de sua mulher descendem os Barbas da Andaluzia, por seu filho D. João Pais, abade de Pombeiro, os quais usam armas diversas dos de Portugal.

O apelido Barba, segundo bons autores, fora alcunha aplicada a Rui Garcia de Villamayor, filho de D. Garcia Ordonhes de Villamayor e de sua mulher, D. Maria de Almenara, filha de Armengol, Conde de Urgel e senhor de Valhadelide, e de sua mulher, a Infanta D. Dulce, que, enviuvando, se recebeu com D. Sancho I de Portugal. Era D. Garcia Ordonhes de Villamayor descendente por varonia do Rei D. Fruela II de Leão.



Barba

O já mencionado Rui Garcia de Villamayor, infância, esteve na batalha das Navas de Tolosa em 1212, e dizem que, por matar um general mouro cuja cabeça trouxe dependurada pela barba, ficara conhecido por Rui Barba. Outros autores, porém, asseveram que o apelido era mais antigo e que este Rui Garcia se casara com uma filha de Rodrigo Barba, rico-homem do Imperador Afonso VIII, que se supõe porvir de Munio Barba, existente por 930.

É, como se vê, muito antigo o apelido Barba e dá-se facto curioso na sua sucessão: a interrupção de uso nas três gerações anteriores a Martim Vasques Barba e nas duas que se lhe seguem.

Manuel de Sousa da Silva cantou-os nesta quintilha:

*Martim Vasques afamado
O Barba se nomeou
Porque a barba arrancou
A um mouro esforçado
Com quem se desafiou.*

Alude nestes versos origem do apelido, que certos genealogistas puseram em Martim Vasques Barba, erradamente.

As armas que usam os Barbas portugueses são: De prata, com uma cruz florenciada e vazia de negro, contida entre dois ramos de hera de verde, reunidos em ponta e no meio do chefe. Timbre: meio mouro barbudo, vestido de vermelho e foteado de prata, segurando na mão direita um ramo de hera.

BARBAÇA. Desconhece-se a procedência desta família, cujo apelido, certamente, se derivou de alcunha. Dão-lhe os livros de armaria as mesmas armas que aos Barvanças.

A forma Barbaça é talvez uma incorrecção de Barbança, por falta de um *n* ou do *til* correspondente na grafia antiga.

Barbança e Barvança são, evidentemente vozes diversas da mesma palavra. (V. *Barvança*).

BARBALONGA. Família de origem desconhecida, mas anterior a 1509, pois o *Livro do Armeiro-mor*, terminado neste ano, já inclui as suas armas, idênticas às dos Barbas, o que terá levado a confundi-las, se não são umas apenas. É possível, mesmo, que a família Barbalonga não exista, porquanto o apelido só se conhece pelos livros de armaria e estes devem tê-lo ido buscar ao *Livro do Armeiro-mor*. Foi este códice ordenado e iluminado pelo rei de armas Portugal João du Cros, francês de nação, pelo que é natural a existência de alguns erros ortográficos notados no referido manuscrito, um dos quais é no sinal do seu officio, na palavra *Portugal*.

Talvez Barbalonga derive da má leitura de Barba Alardo, possivelmente em manuscrito anterior escrito Barbalardo, apeli-



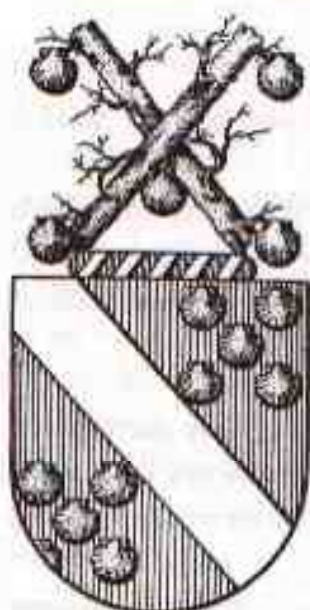
Barbalonga

dos que, como se vê no vocábulo *Barba*, se encontram ligados desde o princípio da estirpe dos Barbas, isto é, de quando o apelido teve uso contínuo. Tal suposição mais se confirma reparando-se que nem o *Livro do Armeiro-mor*, nem o da *Torre do Tombo*, trazem as armas dos Barbas, pertencentes a antiga e nobre linhagem, e dão as dos Barbalongas, de família desconhecida, e na insignificância de elementos divergentes nas armas dos dois apelidos.

Ainda que tenha havido Barbalongas não deviam pertencer-lhe as armas que lhes atribuem, as quais são: De prata, com uma cruz florenciada e vazia de negro, contida entre uma orla de folhagem de hera de verde. Timbre: meio mouro barbudo, vestido de verde, foteado de prata.

BARBANÇA. V. *Barbaça*.

BARBATA. Família cuja história se desconhece. O apelido, por falta de proposição, denota que foi originado em alcunha.



Barbata

As armas que lhe atribuem são: De vermelho, com uma banda de prata acompanhada de dez vieiras de ouro, realçadas do primeiro, cinco em chefe e cinco em ponta, postas em sautor. Timbre: dois troncos esgalhados de ouro, sombreados de azul, passados em aspa, e cinco vieiras do escudo pendentes do meio e das extremidades deles.



Barbato

BARBATO. Não se conhece a origem desta família, cujo apelido deve proceder de alcunha. É anterior a 1509 porque as suas armas encontram-se registadas no *Livro do Armeiro-mor*.

Dão-se-lhes as seguintes: De vermelho, com banda de prata, entre dois leões cosidos de azul ou de ouro. Timbre: um leão do escudo, sainte.



Barbado

BARBEDO. Ignora-se a origem desta família, parecendo derivar o apelido de algum dos lugares que têm por nome Barbado. É anterior a 1509 porque o *Livro do Armeiro-mor*, terminado no referido ano, descreve as suas armas. D. João Ribeiro Gaio, Bispo de Malaca, nos versos feitos aos Barbudos incluiu no título os Barbedos, o que mostra supor que tinham a mesma origem. Não parece que assim seja, existindo somente analogia de palavras.

Trazem os desta família por armas: De ouro, com cinco estrelas de oito pontas, de vermelho, postas em sautor, e bordadura de azul. Timbre: duas espadas de prata, guardadas de ouro, empunhadas de azul, passadas em aspa, as pontas para baixo.

BARBEITA ou **BARBEITO**. Como de muitas outras famílias, extintas ou de pequena nobreza, também desta se desconhecem os princípios.

Atribuem-se-lhe por armas: De prata, com uma árvore de sua cor e uma cabra passante, também de sua cor, presa ao tronco.



Barbeita

BARBERINO. Família italiana que no país originário se chamou Barberini. Entrou nos Pais do Amaral, Conde da Anadia.

Usam por armas: De azul, com três abelhas de ouro.



Barberino

BARBOSA. O primeiro que se encontra com este apelido é D. Sancho Nunes de Barbosa, que fez a Quinta da Barbosa, na terra do mesmo nome, da qual se chamou. Fica a referida quinta, solar da família, a três léguas da cidade do Porto, na freguesia de S. Miguel de Rãs, que pertencia ao mosteiro de Cete, distando meia légua do de Paço de Sousa e uma do rio Douro. D. Sancho Nunes de Barbosa era filho do Conde D. Nuno de Cellanova e irmão do Conde D. Gomes Nunes de Pombeiro; neto paterno do Conde D. Teobaldo Nunes, um dos mais ilustres e valorosos cavaleiros do tempo de D. Bermudo II de Leão; bisneto, por esta via, de D. Nuno Guterres e de sua mulher a Condessa D. Velasquita, sobrinha-neta de Santa Aldara; terceiro neto, por varonia, de D. Guterre Mendes, Conde de Tui e do Porto, governando desde o Porto até Águeda, e, também, Conde de Cellanova e senhor da vila de Salas, muito estimado na Corte leonesa e grande vencedor dos Mouros, casado com D. Ilduara, venerada nos altares pela Igreja Católica, de quem não houve somente D. Nuno, mas S. Rosendo, aclamado bispo de Dume em 925, D. Adozinda e outros.

A linhagem dos Barbosas é das mais antigas da Península, entrando em todas as grandes famílias. D. Sancho Nunes de Barbosa ligou-se pelo casamento à Família Real portuguesa e seus filhos aos de D. Egas Moniz, aio de D. Afonso Henriques, e aos Sousas, Braganções e Ferreiras. Tais ligações mostram bem a categoria da família.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, deixou memória dos Barbosas nestes versos:

*D. Pedro Nunes Barboza
no livro da geração
é o chefe desta honrosa
linhagem que valorosa
foi em guerra a discensão.*

O capitão-mor de Santa Cruz de Riba de Tâmega, Manuel de Sousa da Silva, também deles se ocupou na seguinte quintilha:



Barbosa

*Em Penafiel Barbosa
D'esta geração sabida
É a casa conhecida
No tempo antigo famosa
No presente descahida.*

As armas que trazem são: De prata, com banda de azul carregada de três crescentes de ouro e ladeada de dois leões afrontados e trepantes de púrpura, armados e lampassados de vermelho. Timbre: um leão do escudo, sainte.



Barboso

BARBOSO. Desconhece-se a origem desta família, sabendo-se apenas

que é anterior a 1509, porque as suas armas constam do *Livro do Armeiro-mor*, concluído no referido ano.

Usam os desta família por armas: De azul, com cinco vieiras de prata, realçadas de negro, postas em sautor. Timbre: um encontro de boi de prata, armado de ouro, com uma vieira de azul na testa.

BARBUDA. Querem alguns que o apelido derivasse da peça da armadura assim designada ou da moeda do mesmo nome. Não parece, porém, que provenha de alcunha derivada desses objectos, porquanto a preposição — modernamente *de*, mas em tempos recuados *da* — indica antes origem geográfica. Foi apelido bastante usado na Beira, no século XVI e na primeira metade do XVII, nas regiões de Celorico, Melo, Gouveia e, também, noutras.

D. João Ribeiro Gaio dedicou alguns versos aos Barbudas e Barbados, conjuntamente. Os versos do Bispo de Malaca pertencem aos Barbudos e não aos Barbudas, erro, decerto, proveniente da cópia de algum dos seus trasladadores (v. *Barbedo*).

As armas que lhes pertencem são: De ouro, com nove lisonjas de veirado de prata e de vermelho, ou de veiros, apontadas e firmadas nos bordos do escudo. Timbre: um galgo sainte de negro, entre duas penas de pavão de sua cor.



Barbuda

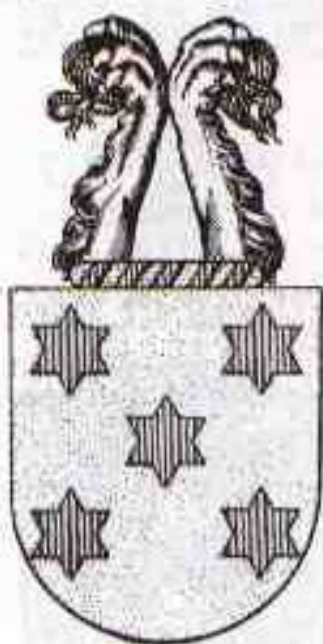
BARBUDO. Os primeiros deste apelido foram Gonçalves de Barbudo e seus irmãos João Gonçalves, Fernão ou Rui

Gonçalves, Fernão ou Rui Gonçalves, Pedro Gonçalves, Gonçalo Gonçalves, D. Sancha Gonçalves e D. Maria Gonçalves, de alguns dos quais houve geração que o continuou.

Eram todos filhos de Gonçalo Pires de Belmir e de sua mulher, que, parece, levou em dote o senhorio de Barbudo, couto situado a uma légua de Braga, nas margens do rio Homem. Gonçalo Pires de Belmir provinha dos senhores do couto de Belmir, cavaleiro de boa linhagem.

O Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, dedicou-lhes a quintilha seguinte, erradamente encabeçada aos Barbudas:

*O que se chamara primeiro
de Barbuda em Portugal
foi a Gonçalves Soeiro
esforçado cavaleiro
e varão mui principal.*



Barbudo

Também o insigne genealogista Manuel de Sousa da Silva não se esqueceu dos Barbudos quando escreveu as suas trovas heráldicas, pois dedicou uma aos de Belmir, como diz a cópia, certamente transformada, que chegou até nós. Ei-la:

*Os que nome tiveram
Desse couto de Belmir
Pelo então possuir
Os de Barundo vieram
Certamente a proceder.*

Barundo lhes chamam os antigos livros de linhagem, sobre os quais deve ter trabalhado Manuel de Sousa da Silva.

As armas que usam são: De ouro, com cinco estrelas de seis pontas, de vermelho, postas em sautor. Timbre: dois braços de leão de sua cor, postos em asna, ao revés, tendo cada um nas garras um tufo de cabelos de vermelho.

BARDI. Veio de Itália esta família, na pessoa de Jacomo Bardi, de Florença, o qual, casando-se na cidade do Porto, teve filhos que foram combater na Índia.

As suas armas são: De ouro, com cinco fuselas de vermelho, unidas e alinhadas em banda, e um unicórnio do mesmo trepando sobre elas. Timbre: o unicórnio do escudo, sainte.

BAREJOLA. Apelido que parece extinto, conhecendo-se apenas pelos livros de armas. Já existia antes de 1509, pois as suas armas acham-se incluídas no *Livro do Armeiro-mor*. Não se



Bardi

sabe ao certo qual a forma exacta do apelido, que nuns lugares se encontra *Banjola* e noutros *Varejola*, mas talvez seja esta a voz mais correcta.

As armas que lhe competem são: De verde, com quatro lisonjas de ouro, unidas, alinhadas e firmadas no chefe e na ponta do escudo, em pala, ladeadas de seis flores-de-lis do mesmo. Timbre: onze lisonjas de ouro, unidas e alinhadas em aspa e entre os braços superiores, que são os maiores, uma flor-de-lis de verde.

BARRADAS. Desconhece-se a origem desta família, sabendo-se, contudo, que já no reinado de D. Afonso V vivia em Beja Lopo Barradas, que nesta cidade possuía muitas fazendas, as quais lhe haviam sido confiscadas por ele seguir o partido de Castela, ou seus pai e avô, como querem alguns autores, visto os bens provirem deles, e lhe foram restituídas pelo tratado de paz.

Parecem ser originários os Barradas da provincia do Alentejo, pois aí se expandiu grandemente o apelido, ligando-se sobretudo aos Caldeiras, Castelos-Brancos, Silveiras e Muito-Pão.

As suas armas, anteriores ao *Livro do Armeiro-mor*, são: De azul, com cruz de prata cantonada de vinte vieiras de ouro,



Barradas

realçadas de vermelho, cinco em cada cantão, postas em sautor. Timbre: dois troncos esgalhados de ouro, passados em aspa, com cinco vieiras das armas, pendentes do meio e das extremidades deles.

BARREGÃO. Existia já no reinado de D. Afonso Henriques este apelido, proveniente de alcunha. Houve em tempos mais modernos pessoas do mesmo apelido, mas não se sabe se descendiam dos primeiros que o usaram.

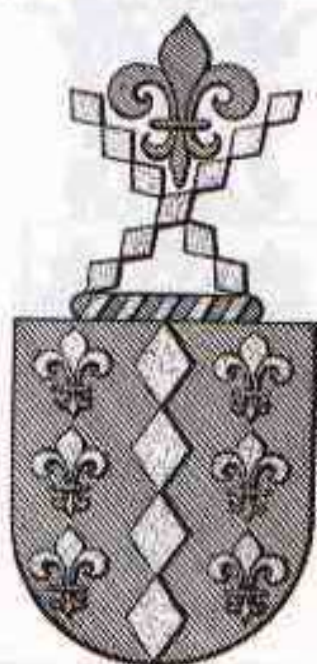
Não se conhecem armas próprias desta família, mas parece que usou as dos *Barejolas*, a acreditar no *Tesouro da Nobreza*, do Rei de Armas Índia Francisco Coelho.

BARREIROS. Não se sabe a proveniência desta família, mas o apelido é de origem geográfica, embora usado sem preposição. É possível que haja mais do que uma família do mesmo

apelido, tão numerosos são os lugares que em Portugal têm o nome de Barreiros. Uma das famílias parece provir da Quinta de Barreiros, a uma légua de Braga, nas terras de Entre Homem e Cávado, segundo diz o genealogista Manso de Lima; doutra, que existia em Viseu já no século XVI, talvez derive o apelido de um lugar situado no seu distrito.

D. João Ribeiro Gaio, Bispo de Malaca, reúne-os na mesma quintilha com os Barros, quando lhes canta a nobreza.

Não têm os Barreiros armas próprias, mas usam as dos Bairros (v.).



Barejola

Os descendentes de Rui Barreiros, que viveu em Viseu, com sua mulher, Maria de Barros, filha de Lopo de Barros e de Isabel de Figueiredo, usaram as armas dos Barros, que lhes vinham por este casamento. Os Barreiros do Alentejo também trazem as armas dos Barros.

BARRETO. Entre as mais antigas e nobres famílias de Portugal encontra-se a dos Barretos, pois descende de D. Arnaldo de Baião, pai de D. Guido Araldes, avô de D. Soeiro Guedes, bisavô de D. Nuno Soares, trisavô de D. Soeiro Nunes, 4.º avô de Nuno Soares, que casou com Maria Pires Perna, filha de D. Pedro Pais Escacha.

De Nuno Soares e de sua mulher, Maior Pires Perna, nasceu Mem Nunes Velho, sepultado no mosteiro de Carvoeiro, junto da barra de Viana do Castelo, o qual de seu casamento teve filhos que tomaram o apelido de Barreto, parece que derivado de terem o solar junto da referida barra. Gomes Mendes Barreto, filho do sobredito Mem Nunes Velho, possuiu, por sua mãe, parte do padroado da igreja de Valadarez, em Baião, uns casais na honra de Gestação, parte do padroado da vila de Marim, e uma herdade na mesma freguesia. Viveu em tempo dos Reis D. Afonso II e D. Sancho II e recebeu-se com D. Constança Pais, filha de D. Paio Gomes Gravel e de D. Sancha Pais, de cujo matrimónio houve geração, continuadora do apelido.

O Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, nas suas trovas, dedicou aos Barretos a seguinte:

*O de Bretanha senhor
mandou contra os Mahometos
seu filho de grão valor
à Hespanha, e dos Barretos
foi este progenitor.*

Também o insigne linhagista Manuel de Sousa da Silva não se esqueceu deles, cantando-os nesta quintilha:

*Na barra do claro Lima
Dos Barretos o Solar
Esteve junto do mar
Que deitando areia em cima
O veio a sepultar.*



Barreto

Trazem por armas: De arminhos, pleno. Timbre: busto de donzela, vestida de arminhos, com os cabelos soltos de ouro.

BARRIGA. É muito antigo em Portugal este apelido, porquanto se encontra já em tempo de D. Afonso Henriques a viver na provincia da Beira um Martim Barriga. Também no reinado de D. Dinis vivia Gil Barriga, que tinha uma casa honrada na pro-

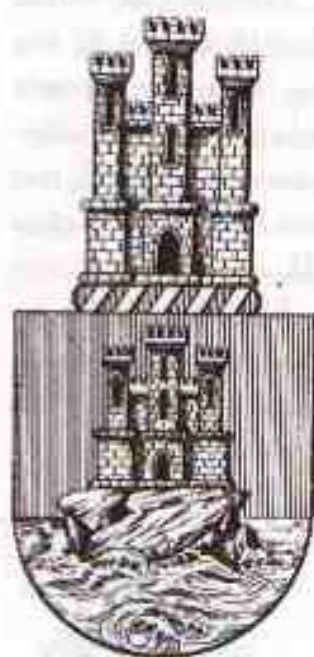
víncia de Entre Douro e Minho. Não se conhece, porém, geração destas pessoas e só em tempo de D. Afonso V se pode começar a genealogia seguida desta família. O apelido provém, certamente, de alcunha e podia esta, portanto, originar em pessoas diversas várias famílias.

Pedro Álvares Barriga, cavaleiro do reinado de D. Afonso V, casou com Constança de Brito e teve entre outros filhos a Lopo Barriga, que sucedeu na casa paterna e foi comendador da Ordem de Cristo. Serviu em África no tempo de D. Manuel. O monarca deu-lhe em 1510 umas casas em Safi e em 7-IV-1515 lhe concedeu brasão de armas, que parece ter usado com um acrescentamento, pelos estremados serviços que prestou

nas terras de além. A 3-I-1534 se fez o seu inventário em Safi, promovido por sua mulher, Catarina Álvares. Dão-lhe, também, por mulher D. Joana de Eça, filha natural de D. Cristóvão de Eça, da qual deixou geração que seguiu o apelido.

Manuel de Sousa da Silva escreveu os seguintes versos, dedicados aos Barrigas:

*Em Pena Maior se vê
Em Refoios a antiga
Casa de Martim Barriga
Que o tronco deste é;
África seu valor diga.*



Barriga



Barriga,
de Lopo Barriga

Em França existe uma família Barrigue, que tem armas semelhantes às dos Barrigas, que são: De vermelho, com um castelo de prata, aberto e iluminado de negro, firmado sobre um rochedo de sua cor, cercado de água, em ponta. Timbre: o castelo do escudo.

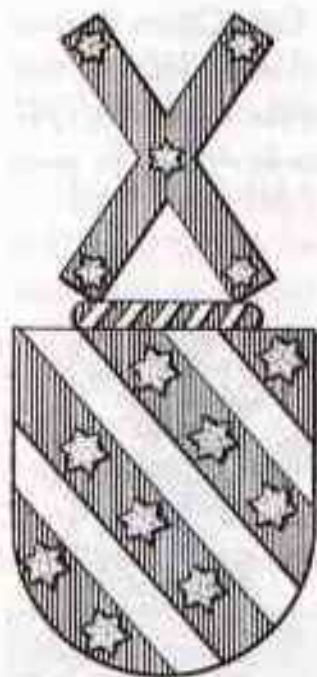
As armas concedidas a Lopo Barriga, conforme lhe atribuem alguns heraldistas são: De vermelho, com um castelo de prata, aberto e iluminado de negro, assente num rochedo de sua cor, cercado de água, em ponta, e na torre do meio uma bandeira de prata, carregada da cruz da Ordem de Cristo, hasteada de ouro e movente da fresta. Timbre: o castelo do escudo.

BARROS. É bastante incerta a origem desta família, pois os autores não concordam no seu progenitor. O mais antigo deste apelido, de quem parece poder deduzir-se a linhagem dos Barros, é Fernão Dias de Barros, morador no lugar de Barros, no concelho de Regalados, solar da família, que se supõe vivesse nos reinados de D. Afonso IV e D. Diniz.

Posto que alguns autores genealógicos e heraldistas façam diferença entre Bairro e Barros, dizendo que são linhagens diversas, assim não é na verdade, porque indistinta-

mente se empregaram as duas formas, a primeira das quais foi muito usada até princípios do século XVII.

O Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, fez-lhes os seguintes versos:



Barros

*De marca e bilicosa
se vê os de Barro solar
gente goda e generosa
em Biscaya não tem par
e cá é mui valorosa.*

E Manuel de Sousa da Silva também, numa das suas quintilhas, lhes assinalou o valor, dizendo:

*Lá desse logar de Barros
Tomaram o appellido
de todos bem conhecido
Os cavalleiros bizarros
Que tem seu nome subido.*



Barros,
de Francisco de Barros

As armas dos Barros são: De vermelho, com três bandas de prata, acompanhadas de nove estrelas de seis pontas, de ouro, postas 1, 3, 3 e 2. Timbre: aspa de vermelho, carregado de cinco estrelas do escudo.

A um Francisco de Barros deu-se por acrescentamento das armas dos Barros: chefe de ouro carregado dum leão de azul, armado de vermelho. Timbre: o mesmo leão. Alguns autores descrevem diferentemente este acrescentamento, chamando leopardo ao leão e dando por timbre três troncos esgalhados, de sua cor, atados de vermelho, que é uma variante do timbre dos Bairros.

Não se sabe quem era este Francisco de Barros nomeado nos livros de armas, mas talvez fosse Francisco de Barros de Paiva, filho de João de Barros de Azevedo, contador-mor do Reino, e de sua mulher, Ana Figueira, o qual sucedera a seu pai na contadoria-mor, teve comenda na Ordem de Cristo e foro na Casa Real, com dois mil réis de moradia, e esteve vinte anos na Índia, onde serviu valorosamente. Voltando ao Reino, acompanhou seu parente D. Gil Eanes da Costa na embaixada ao Imperador Carlos V, cuja Corte abandonou por desavenças, pelo que regressou à Pátria. D. João III o mandou por capitão de S. Tomé, onde se conservou oito anos, adquirindo grande riqueza. Foi também primeiro governador da Costa da Mina, capitão de Mazagão e do Conselho do Rei. Ao mesmo Príncipe serviu também comandando uma frota que comboiava navios com trigo para o abastecimento do Reino. Viveu na Quinta da Fonte Velha, no limite de Pontével, termo de Santarém, e morreu a 13-VI-1570, vindo a ser sepultado no capitulo do mosteiro de S. Francisco de Lisboa.

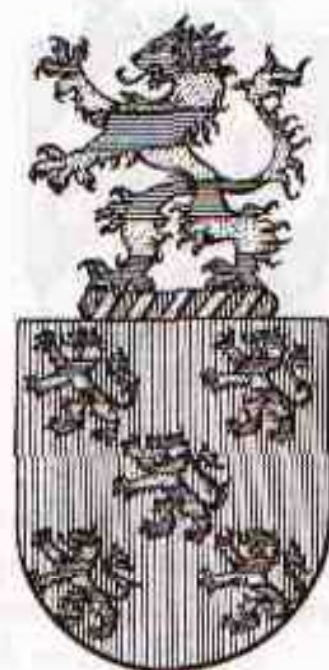
BARROSO. Tem esta família a mesma origem que a dos Bastos. D. Gomes Mendes Guedeão, neto de D. Gueda, o Velho, recebeu-se com D. Châmoa Mendes de Sousa, filha de D. Mem Viegas de Sousa e de D. Elvira Fernandes de Toledo, sua mulher, do qual matrimónio nasceu D. Egas Gomes Barroso, o primeiro que usou este apelido, tirado das Terras de Barroso, na provincia de Trás-os-Montes, onde, no lugar de Sipiões, tinha uma torre, solar da família, que herdara de seus antepassados. D. Egas Gomes Barroso foi rico-homem e viveu em tempo dos Reis D. Sancho II e D. Afonso III, em cujo serviço socorreu D. Fernando, o Santo, de Castela, no cerco de Sevilha no ano de 1247. Casou com D. Urraca Vasques de Ambia, filha de D. Vasco Guedelha de Ambia, de quem teve vários filhos, de um dos quais provieram os Bastos.

D. João Ribeiro Gaiô dedicou aos Barrosos estes versos:

*Os titulos que estes tem
em arabigo escriptos são;
tão antiga geração
que dizem alguns que vem
daquele grão Serião.*

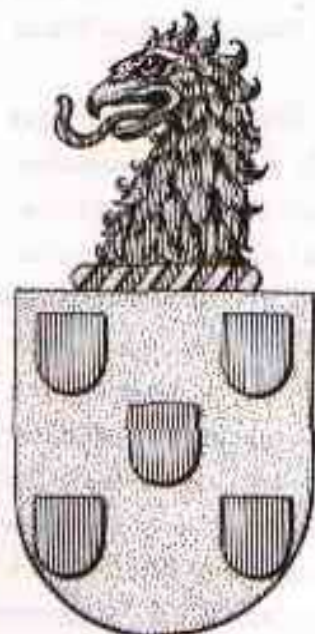
Entre as quintilhas de Manuel de Sousa da Silva encontra-se a seguinte:

*De Basto na fresca terra
Foi o solar de Barroso
Algum tempo poderoso
Hoje Castela o enterra
com o título generoso.*



BARROSO

As armas usadas por esta família são: De vermelho, com cinco leões de azul, armados e lampassados de ouro, cada um carregado de três ou de duas faixas do mesmo. Timbre: um leão do escudo.



BARVANÇA

BARVANÇA. Desconhece-se a origem desta família, sabendo-se apenas que as suas armas já existiam antes de 1509 por se encontrarem registadas no *Livro do Armeiro-mor*. Se bem que os livros de armas em geral lhe dêem por apelido Barvança, supõe-se que esta forma é antiquada, correspondendo a Barbança.

As suas armas são: De ouro, com cinco escudetes de vermelho. Timbre: pescoço e cabeça de águia de vermelho, armada de ouro.

Pode ser que tanto o apelido como as armas se encontrem deturpadas e que o nome seja Bragança, de Fernão Mendes, o Braganção, e os escudetes correspondam aos crescentes das armas que a esta atribuem alguns heraldistas, não se sabe com que fundamento. Dão-lhes os mesmos esmaltes, mas emitem o timbre.

Os escudetes que uns lhes dão por símbolos heráldicos outros lhes chamam cutelos e dizem estar com o gume para baixo, dizendo que por o seu cabo ser pequeníssimo foram confundidos com escudetes.

Atribuem-se aos Barbaças armas iguais.

BASTO e BASTOS. Procede esta família de D. Gomes Viegas de Basto, filho de D. Egas Gomes Barroso e de sua mulher, D. Urraca Vasques de Ambia, e foi o primeiro que tomou tal apelido por viver no concelho de Cabeceiras de Basto, onde possuía muitas quintas que herdara de seu pai. Viveu D. Gomes Viegas em tempo dos Reis D. Afonso II, D. Sancho II e D. Afonso III. Esteve com o embaixador Rui Gomes de Briteiros no Concílio de Leão, onde se depôs o Rei D. Sancho II e se nomeou governador do Reino seu irmão, no ano de 1245. Casou com D. Maior Rodrigues de Vasconcelos, filha de Rui Peres de Gandarei e de sua mulher, Teresa Vasques, de quem teve geração que continuou o apelido de Basto. Fora do matrimónio teve, da filha de um escudeiro, D. Pedro Gomes Barroso, cuja descendência seguiu este apelido. Antigamente o apelido era Basto, precedido da preposição *do*, mas em princípios do século XVII começou a transformar-se, primeiro pela preposição que passou a *de* e depois pela pluralização do nome. Assim os *do Basto* tornaram-se em *de Bastos* ou simplesmente *Bastos*, pois hoje usam-no quase todos sem preposição.

O capitão-mor de Santa Cruz de Riba Tâmega, Manuel de Sousa da Silva, perpetuou-lhes a memória nestes versos:

*Em Basto de Cabeceiras
Tiveram sua guarida
Os de família sabida
Dos Bastos em terras primeiras
Algum tempo conhecidas.*



Batalha

Não têm armas próprias, usando uns as dos Barrosos e outros as dos Bairros.

BATALHA. Ignora-se a origem desta família. Parece que em Portugal existem algumas linhagens do mesmo apelido com proveniências diversas e nacionalidades diferentes.

Sabe-se que já na primeira metade do século XVIII usavam as seguintes armas, bastante parecidas com as de uma família da Borgonha, chamada *Bataille de Mandelot*: De azul, com três flamas de ouro, relaçadas de vermelho. Timbre: uma flama do escudo.

BEÇA. São oriundos os Beças da família espanhola Baeza, cujo apelido tomou da cidade do mesmo nome. Descende esta linhagem dos senhores da Biscaia e passou a Portugal em tempo do nosso Rei D. Fernando, na pessoa de João Afonso de Baeza, que teve mercê de Alter do Chão e do Vimieiro. O apelido entre nós corrompeu-se, transformando-se de Baeça em Beça. Da família dos Beças diz o Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, nas suas trovas:

*Geração é bem antiga
agora pouco lembrada
da honra muito amiga
mas a pobreza os obriga
de grandes tornarem-se em nada.*

As armas que usam são: Faixado de ouro e de vermelho de seis peças; bordadura do segundo carregada de dez crescentes de prata. Timbre: um lobo sainte de sua cor, carregado de um crescente de prata na espádua.



Beça

BEJA. Desconhece-se a origem desta família, sabendo-se apenas que tirou a sua designação da cidade de Beja. Já existiam pessoas deste apelido no reinado de D. Dinis como: Pedro Esteves de Beja, bom cavaleiro, privado do mesmo soberano e meirinho-mor na provincia de Entre Douro e Minho; Gomes Lourenço de Beja, valido do mencionado Rei e comendador-mor da Ordem de Sant'Iago; e João Domingues de Beja, escrivão da Puridade de D. Dinis e seu porteiro-mor, conselheiro e vassalo de D. Afonso IV, com quem esteve na batalha do Salado. João Domingues

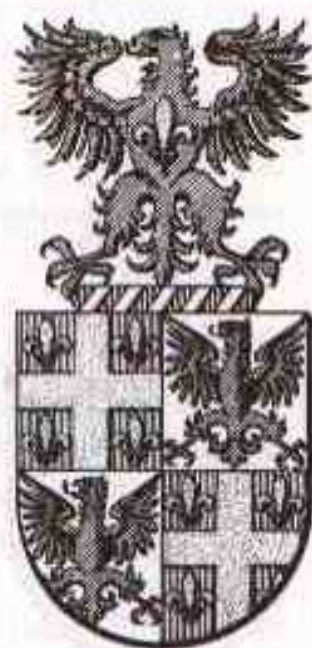


Beja

de Beja era filho de Domingos Pais de Beja, reposteiro-mor do *Lavrador*.

As armas dos Bejas são: De vermelho, com cruz de ouro cantonada de quatro flores-de-lis do mesmo. Timbre: uma aspa de vermelho carregada em chefe de duas flores-de-lis de ouro.

Outros trazem por armas: Esquartelado: o primeiro e o quarto de vermelho, com cruz de ouro cantonada de quatro flores-de-lis do mesmo; o segundo e o terceiro de prata, com uma águia estendida de púrpura. Timbre: a águia do escudo com uma flor de lis de ouro no peito.



Beja (outros)

BELÉM. V. *Belhém*.

BELEZA. Família nobre de Portugal cuja origem se desconhece, posto que Sanches de Baena diga que procede de D. João de Belles, vindo ao Reino no tempo de D. Afonso II e aqui casando com D. Elvira, senhora nobre, o qual recebera muitas honras



Beleza

do monarca português. Menos antiga é com certeza esta linhagem, porquanto o apelido é pouquíssimo vulgar. Deve antes provir de alcunhas ou de terra, se bem que não o preceda preposição, que pode ter desaparecido, como aconteceu noutros.

Há na freguesia de Santa Cruz do Douro, no concelho de Baião, um lugar chamado Beleza, que talvez desse o nome à família, tanto mais que esta parece ser do Norte. Um dos seus ramos, o dos Belezas de Andrade, tinha casa em Miragaia, junto do Porto.

As armas que trazem são: De ouro, com uma jarra de duas asas de vermelho, com flores de sua cor, sustida de dois leões de negro, afrontados e lampassados de vermelho. Timbre: um leão do escudo.

BELHÉM. Família holandesa que entrou em Portugal, onde o apelido passou a escrever-se e a pronunciar-se *Bellém*. André de Bellém, natural da cidade de Doesbourg, nos Países-Baixos, foi o primeiro que veio para Portugal. Era filho de Arnaldo de Bellém e de Matilde Zeelst, filha de Pedro Zoolst, pertencentes às mais nobres e antigas famílias daquela cidade. Sua filha, D. Grácia de Bellém, casou com Pedro Hasse, hamburguês que veio para Lisboa em 1693. Por este casamento se ligaram os apelidos *Hasse de Bellém*.

Braamcamp Freire colheu notícia das suas armas no *Nobiliário* do desembargador Jorge Salter de Mendonça, que se refere a um documento passado em Doesbourg. Informa Anselmo Braamcamp que na Flandres houve uns Barões de Bellém, de apelido Rym, mas que as suas armas eram muito diferentes.

As armas dos Belhém são: De ouro, com três rodas de negro; partido, de ouro, com três cravos de negro. Timbre: uma roda do escudo, entre duas asas de ouro.



Belhém

BELIAGO ou **BELIÁGUA.** Não se conhece a origem desta família, nem o significado do apelido, sabendo-se apenas que é antiga e que teve assento na cidade do Porto.

A pessoa mais antiga que referem as genealogias viveu no tempo de D. Dinis e era conhecida pelo Dr. Beliago. Serviu o bispo de Coimbra D. Gil Alma, que se lhe refere no seu testamento. Parece seu descendente Fernão Gonçalves Beliago, grande letrado, desembargador de D. João I, que o enviou por embaixador a Castela, em 1411, com João Gomes da Silva e Martim do Sem, para ajustarem as pazes.

As armas usadas pelos Beliagos são: De azul, com um pé ondado de prata e de azul e banda de ouro carregada de três rosas naturais de vermelho, folhadas de verde, ladeada de duas cotas de armas de prata. Timbre: cabeça de baleia de sua cor, saindo-lhe da boca um ramo de ouro com três rosas de vermelho, folhadas de verde.



Bellete

BELLETE. Família francesa, em cujo país de origem se chama *Baillet*. Parece que este apelido existia na descendência de Tomás da Silva da Câmara, que vivia em 1724, segundo informa Anselmo Braamcamp Freire.

As suas armas são: De azul, com banda de vermelho perfilada de ouro e acompanhada de dois dragões do mesmo. Timbre: um dragão do escudo.



Beliago

BELTRÃO. São os Beltrões de origem espanhola, procedendo o apelido de patronímico derivado de *Beltran*. Desconhece-se ao certo o princípio dos que vieram para Portugal reinando D. Afonso V, no ano de 1458, na pessoa de Manuel Beltrão, mas querem alguns genealogistas que fosse filho de D. Beltran de la Cueva, 1.º Duque de Albuquerque.



Beltrão

Diz-se que este Manuel Beltrão veio de Castela, o que também não está provado, porquanto já existiam pessoas do apelido em Portugal. Viveu em Aguiar da Beira, onde casou nobremente com Francisca da Mota. Desse matrimónio houve geração, da qual provieram os Beltrões de Carapito de Aguiar, lugar distante três léguas daquela vila, e os de Cassurrães, junto de Mangualde.

As armas destes Beltrões, que parece serem as dos de Andaluzia, são: De ouro, com dois crescentes de negro, deitados adossados e unidos. Timbre: um dos crescentes do escudo.



Bem

BEM. Família cujo princípio se desconhece, mas que já existia no século XVII. Foi um dos seus ilustres ornamentos D. Tomás Caetano do Bem, clérigo regular teatino, mestre de Teologia, cronista da Casa de Bragança, académico da Academia Real da História Portuguesa e da Academia Real das Ciências (1718-1797).

As armas que lhe competem são: De prata, com três businas de caça de negro, embo-cadas e viroladas de ouro, com cordão de vermelho, e uma estrela de oito raios do mesmo, em abismo. Timbre: a estrela do escudo.

BEMBO. Família veneziana que passou a Portugal, parece que no reinado de D. João III, na pessoa de Fabrício Bembo, natural de Cremona, morador em Lisboa em 24-XI-1545, data dum atestado de nobreza que lhe passaram os governadores daquela cidade italiana, onde os Bembos eram fidalgos. Viveu Fabrício Bembo mais de quarenta anos em Portugal, deixando por filho legítimo a Afonso Bembo, que teve Carta de brasão de armas, concedida pelo Rei D. Filipe I a 28-I-1583.



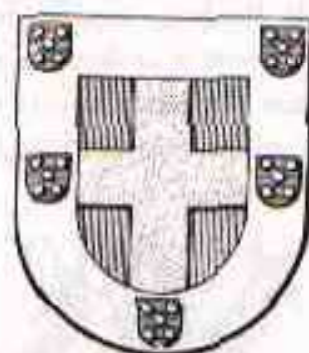
Bembo

As suas armas são: De azul, com asna de ouro acompanhada de três rosas do mesmo. Timbre: um hipógrifo de ouro. Usam por divisa: *VIRTUS ET HONOR*, num listel de ouro.

BEMOI, BEMOHI ou BEMOIN. Príncipe africano do século XV. Soba dos Jalofo, tribo entre o Senegal e a Gâmbia, veio em 1488 a Lisboa para pedir auxílio ao Rei de Portugal, D. João II, contra os seus inimigos. Abjurou o islamismo, foi baptizado com o seu séquito, e tomou o caminho da Guiné, com muitos clérigos capitaneados pelo dominicano pregador

régio mestre Álvaro. Desgraçadamente, e com grande mágoa de D. João II, o comandante da armada, Pêro Vaz da Cunha, matou-o por supeitas, ao chegar à foz do Senegal.

A este príncipe concedera o soberano de Portugal, em 1488, segundo narra João de Barros na *Ásia*, déc. I, l. III, cap. VII, f. 32, as seguintes armas: De vermelho, com cruz de ouro; bordadura de prata, com cinco escudetes de azul, carregados cada um de cinco besantes de prata, postos em sautor.



Bemoi

BENAMBAL. Apelido cujo uso se desconhece e que alguns heraldistas atribuíram a Álvaro do Couto, dizendo que lhe fora concedido juntamente com as armas, por D. João III em 1536. (V. Couto).

BENAVIDES. V. *Benevides*.

BENDRIS. No século XVIII passou a Portugal D. José Jorge Moura Luís Carlos Pascoal Vidal, natural da cidade de Valença, no reino de Aragão, o qual foi cavaleiro da Ordem de Cristo e capitão de cavalos no regimento de Moura, reformado no posto de sargento-mor de Cavalaria. Era filho de Marcos Jorge Vidal e de sua mulher, D. Maria

Manuel de Bendris, naturais da mesma cidade, do que parece deduzir-se que o apelido Bendris seria castelhano, mas o Visconde de Sanches de Baena afirma que era francês e, talvez, corrupção de *Bindrais*. Se esta informação é verdadeira, a família passara primeiro a Aragão.

D. José Jorge Vidal recebeu-se com D. Joaquina Inácia da Gama, natural de Estremoz, filha legítima de Manuel Pires Cabeça e de D. Andresa Martins de Gouveia, de cujo matrimónio nasceu José Roberto Vidal da Gama, cavaleiro professo na Ordem de Cristo e desembargador da Casa da Suplicação, que teve mercê de Carta de brasão de armas, por sucessão, dada em 7-III-1770, com as armas de Vidal e de Bendris.

As armas desta família são: De azul, com um castelo de prata.



Bendris

BENEVIDES. É antiga e nobre família de Espanha que provém de Rodrigo Inigues de Biedma, senhor da casa de Sotoburmo e da terra de Lima, na raia de Galiza, e a pessoa mais antiga que se conhece deste apelido, e que de sua mulher houve a Inigo Inigues de Biedma, que se achou na conquista de Galiza, na tomada de Jaen, no ano de 1246, e que passando a Aragão aí casou com D. Maria de Vilhafanda e Godoy, dama da Rainha. Deste matrimónio nasceu Rodrigo Inigues de Biedma, que foi senhor de Molinares, Estiviel e Menxibar, pelo seu casamento com D. Joana Dias de Frenes, filha de Diogo Sanches de Frenes. Rodrigo Inigues houve de sua mulher Diogo Sanches de Biedma, alcaide dos Alcáceres de Jaen, senhor da Roda, de Menxibar e Torre de Estiviel, que lograva por 1312, capitão-general da gente da cidade de Jaen e um dos que estiveram no cerco de Gibraltar. De sua mulher, D. Maria Afonso, filha de Afonso Godins e de D. Inês Tenório, teve Mem Rodrigues de Biedma e Benavides, progenitor dos deste apelido.



Benevides

Não foi Mem Rodrigues de Biedma a primeira pessoa do apelido de Benavides, que já existia há muito tempo, pois um filho ilegítimo de D. Afonso VII, chamado *o Imperador*, D. João Afonso, o usava, tomado da vila de Benavides, de que era senhor, por varonia se transmitiu o apelido até outro João Afonso de Benavides, terceiro neto do primeiro, o qual veio a morrer sem geração. Era, este, filho de João Afonso de Benavides e de sua mulher, D. Teresa Godins, filha de Afonso Godins e de D. Inês Peres Tenório.

Por ser primo coirmão de Mem Rodrigues de Biedma, ambos netos maternos de Afonso Godins e de D. Inês Peres Tenório, e lhe faltar descendência que herdasse a sua casa, a deixou ao referido Mem Rodrigues com obrigação de se apelar de Benavides e de trazer suas armas.

Mem Rodrigues de Biedma e Benavides foi, portanto, senhor da casa de Benavides e da vila de Santo Estêvão del

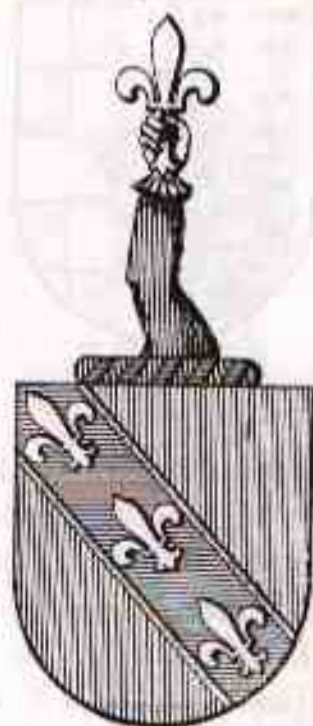
Puerto, Despelunque, Javalquinto e da terra de Roda, Menxivar, guarda-mor do Rei D. Pedro e capitão-general da fronteira pelos anos de 1360. Esteve no socorro de Gibraltar quando foi entregue pelos Mouros e, nas guerras do seu tempo, mostrou-se valoroso soldado. Casou em Toledo com D. Mécia Afonso de Toledo, 5.^a senhora de Mocejon, filha de Afonso Melendes de Toledo, 4.^o senhor de Mocejon, e de sua mulher, D. Teresa Afonso. Passou a segundas núpcias com D. Teresa Manrique, filha de D. Gomes Manrique, arcebispo de Toledo depois de viúvo, e de sua prima D. Maria Manrique. De ambos os matrimónios deixou geração, mas só do segundo houve varões.

Posto que aparentada com a primeira linhagem dos Benavides, a segunda não desce de dela e houve o apelido por herança.

Passaram os Benavides a Portugal no tempo de D. Afonso V, na pessoa de Inês de Benavides, sobrinha de D. Inês de Benavides, mulher de Pedro de Mendanha, alcaide-mor de Castro Nuno em Castela e de Barcelos em Portugal, e diz-se que era próxima parenta de D. João de Benavides, Conde de Santo Estêvão. Inês de Benavides casou com Pedro de Paredinhas de Mendanha, alcaide-mor de Codilhas, em Castela, sobrinho do referido Pedro de Mendanha, marido de sua tia. Acompanhou Isabel de Benavides seu filho Gregório de Benavides, que aqui casou com Filipa Mendes de Mesquita, filha de Pedro da Costa Chaves e sobrinha do contador de Guimarães Rui Mendes de Mesquita, da qual teve numerosa geração que continuou o apelido, mais tarde corrompido em Benevides.

As suas armas são: De prata, com um leão de vermelho, carregado de três bandas de ouro. Timbre: o leão do escudo.

BERENGUER. Descende esta família dos Condes de Barcelona, pelo que é de preclaríssima linhagem. Veio para Portugal no tempo de D. João III ou talvez do seu antecessor, o Dr. Pedro Berenguer de Lemenhano, que, segundo a tradição de seus descendentes, era natural de Valença ou da Catalunha. Teve o foro de fidalgo da Casa Real e o hábito de cavaleiro da Ordem de Cristo. Passou à ilha da Madeira, onde ficou a viver em uma quinta que fez, a qual por esta circunstância ficou conhecida pela quinta do Doutor; justificou descender dos Berenguer de Lemenhano, do reino de Valença e Catalunha, e fidalgo de cota de armas, pelo que D. João III, em 12-XI-1524, lhe deu Carta de brasão de armas, por sucessão, com as do apelido Berenguer. Casou, a primeira vez, na mesma ilha, com Isabel Rodrigues de Andrade, filha herdeira de Rodrigo Anes, criado do infante D. Henrique, e de sua mulher, Isabel Rodrigues de Andrade, os quais, em Julho de 1505, instituíram morgado para a referida filha; e recebeu-se em segundas núpcias Maria Escócia, filha de André Pires e de Joana de Escócia Drummond, de quem houve geração. Deixou do primeiro matrimónio numerosa prole, que usou os seus apelidos, continuando o de Berenguer, que algumas vezes, pelo menos nos



Berenguer

documentos, se deturpou em *Beringel*, assim como o de Lemenhano em *Leminhano* e *Leminhana*.

Trazem por armas: De vermelho, com banda de azul, perfilada de ouro, carregada de três flores-de-lis de prata. Timbre: um braço vestido de vermelho, tendo na mão uma flor-de-lis do escudo.

BERMAN. Família de origem francesa ou flamenga que passou a Portugal, corrompendo-se o apelido em *Borman*, *Brumão* e *Bormão* ou *Burmão*, forma esta que persistiu. Existe na ilha de S. Miguel, onde mantém nobreza como no passado. Não registou esta família as suas armas em Portugal, as quais são: De azul, com três flores-de-lis-de prata em roquete, encimadas por três besantes de ouro, alinhados em chefe.



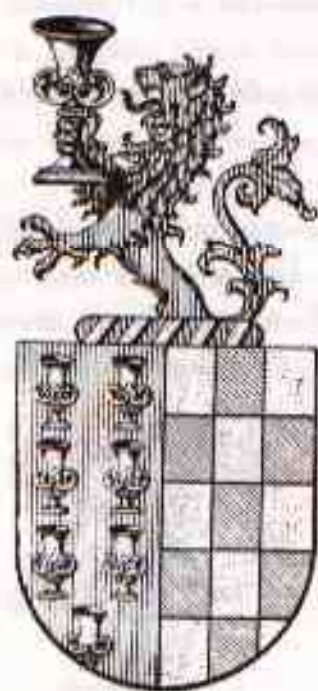
Berman

BERMUDES. Família de origem espanhola, da qual, parece, passou mais de um ramo a Portugal. Cristóvão Bermudes prestou notáveis serviços a D. Afonso V na guerra contra Castela, em que foi preso, no desbarato de D. Garcia, Bispo de

Évora. Pelas grandes perdas que causara aos Castelhanos, com Pedro de Mendaña o Rei Católico, D. Fernando, o mandou degolar.

O nome desta família é de origem patronímica, porquanto é natural que nem todos provenham da mesma pessoa.

As armas que os Bermudes usam em Portugal são: Partido: o primeiro de vermelho, com sete redomas de ouro, 2, 2, 2 e 1; o segundo xadrezado de ouro e de verde de três peças em faixa e cinco em pala. Timbre: um leão sainte de vermelho tendo na mão direita uma redoma do escudo.



Bermudes

BERNARDES. Família cujo apelido primeiramente foi patronímico. É natural que nem todos os que assim se chamam pertençam à mesma linhagem, se bem que este patronímico não se usou muito. Uma família nobre assim chamada existia já em

tempo dos Reis D. Afonso V e D. João II, morando em Ponte do Lima. Dela descende muita nobreza minhota e um ramo de *Bernardes de Óbidos*, e *Heitor Bernardes Botado*, pessoa de muito valor e de grandes espíritos, no dizer de Manso de Lima, e que para dar largas ao seu gênio guerreiro foi servir o Imperador Carlos V, que lhe fez mercê de armas novas. Voltou a Portugal e, casando, deu origem aos Bernardes Botados.



Bernardes



Bernardes Botado

Não há a certeza de os Bernardes terem armas próprias, como pretendeu Anselmo Braamcamp Freire, que, ao referir-se às de Heitor Bernardes Botado, disse serem esquarteladas de Bernardes e de Botado.

Neste caso, elas seriam: De ouro, com duas águias afrontadas de negro. Timbre: uma águia sainte de negro, gotada de ouro.

Assim, Bernardes Botados usariam: Esquartelado de Bernardes e de Botados. (V. *Botado*).

BERREDO. Família de antiga linhagem cujo solar é a Quinta de Berredo, na freguesia de Santo Estêvão de Geraz, concelho de Lanhoso, a qual foi de Martim Pais Ribeira, que fez dela honra, tomando os descendentes este apelido. Ligaram-se os Berredos aos Pereiras pelo casamento de Maria Gonçalves de Berredo, filha de Gonçalo Anes de Berredo, com Rui Vasques Pereira, de quem provieram os

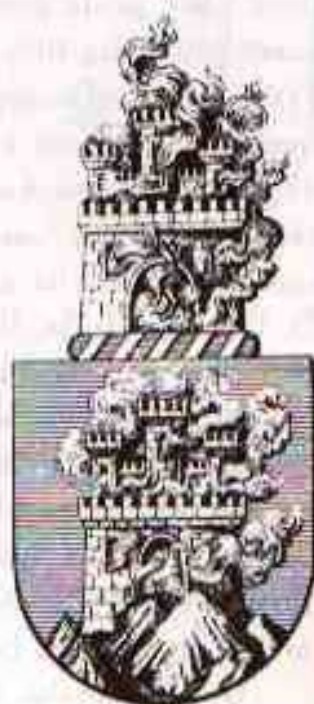
senhores de Basto, Pereiras de Berredo. Anteriormente ligaram-se os Berredos aos Briteiros pelo casamento de D. Mendo Rodrigues de Briteiros com D. Maria Anes de Veiga, filha de João Pires da Veiga e de D. Teresa Martins de Berredo, por cujo matrimónio passou a maior parte da casa de Berredo aos Briteiros. Destes foi filho D. João Mendes de Briteiros, casado com D. Urraca Afonso, filha bastarda do Rei D. Afonso III de Portugal, depois mulher de D. Pedro Anes Gago, da qual teve D. Gonçalo de Gusmão, que se recebeu com D. Sancha de Gusmão, filha de Pedro Nunes de Gusmão, nascendo do referido consórcio D. Maria Gonçalves de Berredo, mulher de Rui Vasques Pereira, mencionados.

O insigne genealogista Manuel de Sousa da Silva, a respeito desta família, escreveu os seguintes versos:

*Esta quinta de Berrêdo
No Concelho de Lanhoso
É o Solar poderoso
Dos Berrêdos que mais cedo
Acabou o tempo bondoso.*

As armas que lhe competem são: De azul, com um castelo de prata, ardente, assente sobre uma rocha de sua cor. Timbre: o castelo do escudo.

BETHANCOURT. Família francesa que passou a Portugal, instalando-se na ilha da Madeira, onde muito se expandiu, passando daí a outros lugares. O solar da família é o lugar de Bethancourt, na Picardia, do qual se diz que tiveram o senho-



Berredo

rio. Tanto no país de origem como em Portugal tiveram sempre nobreza e neste se aliaram com as mais distintas famílias.

Posto que em França o apelido fosse Bethancourt, em Portugal generalizou-se a forma Bettencourt, aparecendo às vezes algumas outras, deturpadas, como Bethencourt, Betancourt, Betancor, etc.

Parece que a pessoa mais antiga que se conhece desta linhagem é João de Bethancourt, senhor dos lugares de Bethancourt e de Granville, na Normandia, camareiro-mor do duque de Borgonha, casado com Madame Maria de Braquemont Florenville e Sedan, que vivia por 1360. Seu filho João de Bethancourt armou navios e no desejo de achar novas terras lançou-se no Oceano, descobrindo as Canárias. Deixou as ilhas entregues a dois sobrinhos que consigo levava, Maciot e Henrique de Bethancourt, filhos de seu irmão Reinaldo de Bettencourt, e não voltou da sua pátria porque aí morreu, pouco depois da chegada, solteiro, deixando, porém, filhos ilegítimos, de que proveio descendência existente nas sobreditas ilhas.

Ficaram com o governo e senhorio das Canárias os sobrinhos mencionados, mas, morrendo Henrique, Maciot vendeu-as ao Infante D. Henrique e passou à ilha da Madeira, onde viveu honradamente e teve as saboarias da ilha. Foi cavaleiro da Ordem de Malta e deixou geração ilegítima, casando uma filha com Rui Gonçalves da Câmara, de quem não teve descendência, pelo que instituiu o morgado de Água de Mel, que ficou a seu primo Gaspar de Bethancourt. Maciot de Betancourt deixou sucessão nas Canárias, a qual se uniu aos Aguilares.

Henrique de Bethancourt, irmão de Maciot, casou em França com Madame Lerianda de Gardalme, que mandou buscar depois de pacificadas as Canárias, da qual teve pelo menos três filhos, um dos quais, Maciot de Bethancourt, casou em Castela com uma senhora de apelido Guevara, de quem houve um filho, André de Bethancourt, que foi para França; outro, Henrique de Bethancourt, morou na Madeira com seu tio Maciot e casou na Ribeira Brava com uma filha de João de Moraes, cujo matrimónio deu origem a larga geração; e o terceiro, Gaspar de Bethancourt, que também passou com seu tio Maciot à ilha da Madeira e desta veio para Lisboa, onde se recebeu com D. Guiomar de Sá, filha de João Afonso de Sá e neta de João Rodrigues de Sá, camareiro-mor. Este Gaspar de Bethancourt foi o sucessor do morgado de Águas de Mel já referido, e voltou para a Madeira com sua mulher, de quem teve filhos e filhas que continuaram o apelido; falecendo, porém, antes dela, passou esta a segundas núpcias com Fernão Álvares da Maia, do qual outrossim houve descendência. Gaspar de Bethancourt deixou um filho bastardo, legitimado, por nome Gaspar Perdomo, que casou com Brites Velho, filha de João Afonso Coscos e de Leonor Velho, do qual matrimónio provieram também Bethancourts.

Outro sobrinho do Rei das Canárias, Jorge de Bethancourt, filho de Reinaldo de Bethancourt, veio de França para Castela, com seu tio e seus irmãos Maciot e Henrique,



Bettencourt

e parece ter ficado em Valhadolide para tratar dos negócios do tio, casando aí com D. Elvira de Ávila, filha de Estêvão Domingo de Ávila, senhor das Navas e Cespadoza, no Reino da Galiza, e de sua mulher. Teve deste matrimónio João Sanches de Bethancourt, senhor de S. Bartolomeu dos Lunares e Nave Redonda, em sucessão a seu pai, casado com Maria Vaz de Vadilho ou de Padilha, de quem teve filhos, dois dos quais, Antão e João Gonçalves de Ávila, vieram para Portugal. Antão Gonçalves de Ávila, no tempo das comunicações de Castela, entrou por Almeida, onde o recebeu Afonso Gonçalves de Antona, criado da Infanta D. Beatriz, mais tarde Duquesa de Sabóia, o qual, pela boa hospedagem que recebeu de Afonso Gonçalves, se tornou seu amigo, acompanhando-o à ilha Graciosa e casando com sua filha Inês Gonçalves de Antona, com a qual houve em dote a parte de terra que seu sogro aí tinha. Vieram deste casamento os Ávilas Bethancourts. Seu irmão João Gonçalves de Ávila serviu em África e depois casou na Graciosa com Leonor Álvares, ficando dele geração.

Posto que saídos de França ao mesmo tempo, os Bethancourts chegaram a Portugal por vias e em épocas diversas.

As suas armas são: De prata, com um leão de negro, armado e lampassado de vermelho. Timbre: o leão do escudo.

BEZERRA. Família originária da Galiza que já existia no século XII, ligada á dos Limas, entrando depois nas mais nobres famílias, quer da Galiza, quer de Portugal.

As armas que trazem são: De verde, com duas bezerras de ouro, uma sobre a outra. Timbre: uma bezerra do escudo.

BICUDO. Família nobre da cidade do Porto, existente, também, nas ilhas, onde se ligou aos Medeiros. O Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, nas suas trovas cantou-os deste modo:

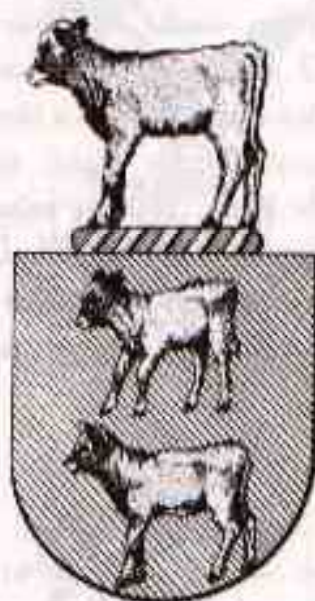


Bicudo

*Foram sempre mui sizudos
e do Porto naturaes,
antigos, e como tais
são carneiros e bicudos,
os que ha são principaes.*

Manuel de Sousa da Silva, o insigne genealogista, também lhes dedicou a seguinte quintilha, porém juntando-os aos Bicos:

*Do Porto são naturais
Vem a Fanzeres morar
na terra de Gondomar
Os Bicos mui principaes
Que em Bicudos vem a dar.*



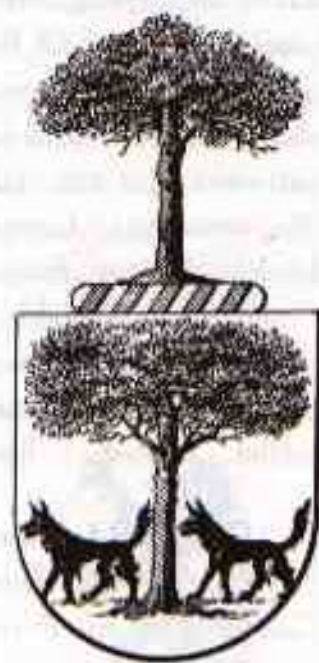
Bezerra

As suas armas são: De verde, com uma faixa de prata e de azul, sustendo três bicudos de prata e acompanhada em ponta de um carneiro do mesmo, armado de ouro. Timbre: um pássaro do escudo.

BISCAINHO. Família cujo progenitor veio da Biscaia ou lá esteve, pelo que assim se nomeou.

As armas usadas pelos Biscainhos são: De prata, com uma árvore de verde, ladeada de dois lobos passantes de negro, armados de vermelho. Timbre: a árvore do escudo.

BIVAR. Família de grande nobreza e antiguidade, porquanto descende de D. Fruela, Rei das Astúrias, por seu filho D. Sigirico ou Singerico, que povoaou Lara no ano de 762. Este foi pai de D. Gomesindo ou Gundesindo, que, por sua vez, o foi de Flain ou Lain Gundesindes, vulgarmente chamado Lain Calvo, senhor de Bivar e Villalin e um dos juizes eleitos para governar Castela. Teve a seu cargo o governo das armas castelhanas e recebeu-se com D. Teresa Nunes, filha de Nuno Nunes Razura, igualmente juiz de Castela, a quem coube o governo politico e judicial, e de sua mulher D. Ergelona. Deste matrimónio nasceram vários filhos, de um dos quais proveio a família dos Castros, e entre eles Fernão Lains, povoador de Haro, na Rioja. Parece que também foi senhor de Bivar. Dele se acha notícia em uma doação do Rei D. Fruela ao Apóstolo Sant'Iago, feita em 28-VI-934. Do seu casamento teve Lain Fernandes, sucessor da casa paterna e senhor de Bivar, que vivia no ano de 946. Casou com D. Argoncía, filha de Inigo, senhor da Biscaia, e foram pais de Nuno Lains, outrossim sucessor dos bens de seu pai e do senhorio de Bivar, Conde, de quem há notícias no ano de 984. De sua mulher, D. Elo ou Egilona, sua parenta, senhora dos solares de Castro e Tovar, filha de Fernando Rodrigues, nasceu Lain Nunes, Conde, senhor de Bivar e da casa paterna, pai de Diogo Lains, que possuiu os mesmos senhorios e bens e se matrimoniou com D. Teresa Nunes, filha do conde D. Nuno Álvares da Maia e de sua mulher, D. Gontrode Guterres, ou, segundo certo autor genealógico, com D. Teresa Rodrigues das Astúrias, filha de D. Rodrigo Álvares das Astúrias e de sua mulher D. Gontrode Guterres. Foi seu filho Rui Dias de Bivar, cognominado o *Cid Campeador*, ou simplesmente o *Cid*, figura gloriosa e quase lendária da história da Península Ibérica. O Conde D. Pedro diz que «foi o mais honrado fidalgo que houve em Espanha». Morreu no ano de 1099 e casara com D. Ximena Dias das Astúrias, filha de D. Diogo Rodrigues das Astúrias, Conde de Oviedo, senhor de Noronha,



Biscainho



Bivar

rico-homem e governador das Astúrias, e de sua mulher, a Infanta D. Ximena, de quem deixou geração. O Cid foi o primeiro que usou o apelido de Bivar, tirado do senhario desta terra.

D. João Ribeiro Gaio, Bispo de Malaca, escreveu os versos seguintes, dedicados ao grande Cid:

*Destruição de Pagãos
mais temido que Samsão
foi este de cujas mãos
receberam os cristãos
sua perdida nação.*

As armas dos Bivares são: Cortado: o primeiro partido: I esquartelado de vermelho com um castelo de ouro (*Castela*), e de prata, com um leão de púrpura, armado de azul (*Leão*); II de vermelho, com quatro palas de ouro (*Aragão*); o segundo de vermelho, com uma azinheira de verde, arrancada de prata, ladeada à esquerda de um leão de ouro. Timbre: o leão do escudo.

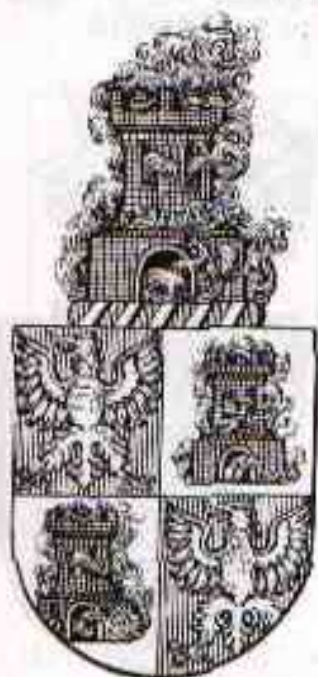
BIVEIRO. Família espanhola que passou a Portugal, onde o apelido de Bivero, usado no país de origem, se transformou em *Biveiro*, *Viveiro* e *Viveiros*. O Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, nas suas trovas, ocupou-se dos Viveiros, dedicando-lhes a seguinte quimilha:

*Afonso Pires Viveiro
do solar de Orto gira
ao conde de Atamira
deu sua filha como herdeiro
sendo de antes escudeiro.*



Biveiro

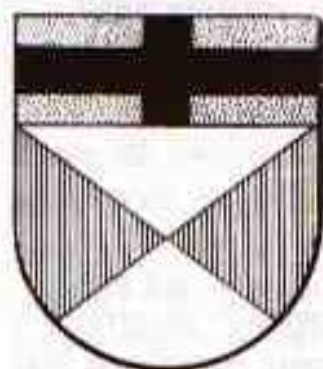
As armas dos Biveiros são: De ouro, com três montes de sua cor sobre um contra-chefe ondado e faixado de seis peças de prata e de azul, sustendo cada monte um ramo de ortigas de sete folhas de verde.



Bobadilla

BOBADILHA. Família de Espanha, antiga e da melhor nobreza, que passou a Portugal. Em Espanha o apelido é *Bovadilla* ou *Bobadilla*. Trazem por armas as seguintes: Esquartelado: o primeiro e quarto de vermelho, com uma águia estendida de prata; o segundo e o terceiro de prata, com uma torre de negro, aberta, iluminada e rematada por chamas de ouro. Timbre: a torre do escudo ou águia de negro com uma chave de ouro no bico.

BOCANEGRA. Forma aporuguesada do apelido *Boccanera*, de certa família genovesa, descendente de Misser Egidio Bocanegra, irmão de Simão Bocanegra, Duque Perpétuo de Génova. Misser Egidio era almirante de França e, por instâncias de D. Afonso XI de Castela, foi servi-lo no ofício de almirante-mor do mar. Este Rei lhe deu o senhorio



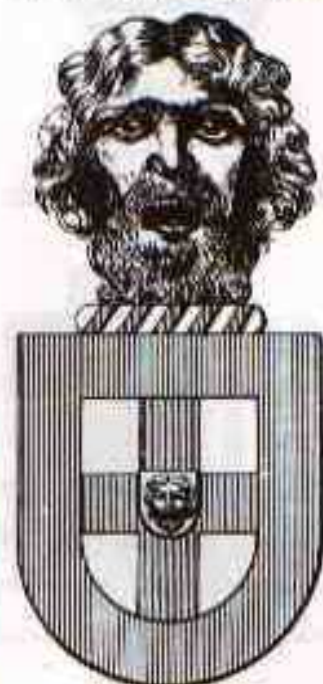
Bocanegra

da vila de Palma, em 2-IX-1342, e lhe fez mercê do Alcácer de Manisse, em Algeciras, pelos grandes serviços prestados em 1344, na conquista desta praça. Comprou a vila de Fuente-el-Alamo a Diogo Fernandes de Medina e a seu pedido instituiu D. Pedro o Cruel o morgado de Palma e Fuente-el-Alamo, por privilégio dado em Sevilha aos 20-XI-1360, com a condição de o seu administrador viver no Reino de Castela e de servir os seus soberanos. Também o Rei D. Henrique II lhe fez mercê perpétua da vila de Utiel, a 17-VII-1366. Sem embargo de ter servido o ofício de almirante vinte e seis anos, alcançando grandes vitórias, o mandou matar injustamente o Rei

D. Pedro o Cruel, no ano de 1367, por ódio a seu irmão o Rei D. Henrique II. Recebeu-se com D. Maria Piesco, de quem deixou geração, continuadora do apelido de Bocanegra. Os Bocanegras passaram a Portugal, mas o apelido foi pouco usado cá e parece que actualmente se encontra extinto.

As armas que traz esta família, na Itália, na Espanha e em Portugal, são: Franchado de prata e de vermelho e chefe de ouro carregado de uma cruz de negro.

BOCARRO. De Nuno Martins de Chacim e de sua terceira mulher, D. Maria Gomes de Briteiros, ambos das melhores linhagens portuguesas, nasceu Rui Nunes de Chacim, que se casou com D. Aldonça Martins, senhora de não menos preclara ascendência, filha de Martin Tavaia e de D. Aldonça Pais. Deste matrimónio nasceu Nuno Rodrigues Bocarro, que foi morto com D. Álvaro Nunes de Lara, junto da cidade de Miranda do Douro, com o qual fora para apartar uma pendência. Casara em Lisboa com D. Maria



Bocarro

Miguéis, filha de Miguel Fernandes, colação de D. Afonso IV, de cujo matrimónio se diz descenderem os Bocarros. Teve Nuno Rodrigues uma irmã, por nome Maria Rodrigues, que foi manceba de D. Dinis e depois mulher de Martin Fernandes Barreto.

Dos Bocarros se ocupou o Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, na seguinte quintilha:

*De Lisboa cidadãos
foram sempre os Bocarros
contra os bravos castelhães
são os braços mui bizarros
em todas as discensões.*



Bocarro, de Beja

Os deste apelido trazem por armas as seguintes: De prata, com cruz de vermelho carregada, no centro, de um escudete do campo, com uma cabeça de homem, posta de frente, com a boca aberta; bordadura de vermelho. Timbre: a cabeça do escudo.

As que usam os Bocarros de Beja são: Cortado o primeiro de vermelho, com uma águia de duas cabeças estendida de prata, coroada de ouro e encimada por uma estrela de oito pontas do mesmo; o segundo de azul, cinco cabeças de reis mouros coroadas e barbudas de ouro, cortadas de vermelho, postas 2 e 3, com um crescente de prata voltado, posto entre as duas de cima. Timbre: a estrela do escudo.

BODE. Os deste apelido, que deve ter principiado por alcunha, parece descenderem de Manuel Bode, que viveu no século XVI.

As armas usadas por esta família são: De prata, com um carvalho de sua cor, sobre



Bode

um monte de verde, e um bode de negro trepante sobre o lado esquerdo do monte. Usam como divisa em um listel de púrpura com letras de ouro: QUEM A BOA ÁRVORE SE CHEGA, BOA SOMBRA O COBRE.

BON. Família francesa da qual passou um ramo a Portugal. Em França tem o título de marqueses de Saint-Hilaire.

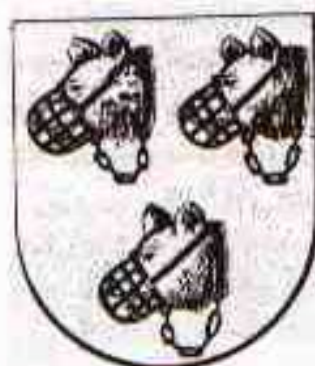


Bon

Usam os deste apelido as seguintes armas: De vermelho, com banda de ouro carregada de um urso de negro.

BONINE. Família originária de França onde o apelido é *Bonnin*.

As armas deste apelido são: De ouro, com três cabeças de urso, de sua cor, açamadas e encorrentadas de negro.



Bonine

BORGES. Não se conhece bem a origem deste apelido, que os genealogistas dizem ter sido tomado da cidade de Bourges, arcebispado e cabeça da província de Berry. Também a proveniência da família se ignora, pois, pelas armas, alguns supõem-na saída da dos Sandes ou da dos Sens.

A pessoa mais antiga que se conhece da linhagem é Rodrigo Anes, que, segundo dizem, passou a França, onde serviu Filipe Augusto nas guerras que manteve durante o seu reinado, mostrando tanto valor e ganhando tanta fama, que quando os hereges assolaram a província de Berry o Rei mandou-o socorrer Bourges. Nesta empresa foi tão feliz, que em pouco tempo venceu e destróçou os inimigos, causando-lhes sete mil mortes. Em memória desta acção se immortalizou o nome do *cavaleiro de Bourges*, passando

seus descendentes a chamarem-se Borges. Parece que por tais feitos provêm as armas, que hoje usam os deste apelido ou somente a bordadura, semeada de flores-de-lis.

Rodrigo Anes, de volta a Portugal, estabeleceu-se em Trás-os-Montes, na comarca da Torre de Moncorvo, onde fez solar desta família. Foi seu filho e de sua mulher, Grácia Mendes, João Rodrigues Borges, senhor da terra de Álvaro, casado com Catarina Lopes, sepultada na igreja do mosteiro de S. Domingos, em Santarém, à entrada da porta, com o seguinte leiteiro: «Esta sepultura é da muito / virtuosa Caterina Lopes mu- / lher que foi de João Rodrigues / Borges que foi senhor da terra / de Álvaro. Faleceu em / Maio de 1220».

Deste matrimónio provêm a estirpe dos Borges, da qual Manuel de Sousa da Silva escreveu esta quintilha:

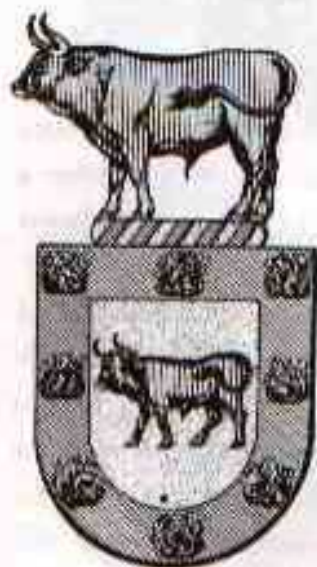
*Lá de Crespo e Lourêdo
Em Basto foram senhores
Os altos progenitores
Dos Borges que muito ledo
Alcançaram outros maiores.*



Borges

As armas que usam são: De vermelho, com um leão de ouro, armado e lampassado de azul; bordadura cosida de azul, semeada de flores-de-lis de ouro. Timbre: o leão do escudo.

BORJA. Família espanhola de grande categoria, que passou à Itália, tomando ali o seu apelido a forma *Borgia*. Em Portugal um dos mais notáveis membros desta família, que depois foi elevado aos altares como S. Francisco de Borja, casou com D. Leonor de Castro, filha de D. Álvaro de Castro, senhor do Torrão, e de D. Isabel de Melo, e um filho do Duque santo, D. João de Borja, Conde de Ficalho, também se recebeu, em segundas núpcias, com uma portuguesa, D. Francisca de Aragão, filha de Nuno Rodrigues Barreto, senhor da Quarteira e alcaide-mor de Faro, e de D. Isabel de Melo, da qual deixou ilustre descendência.



Borja

As armas usadas pelos Borjas são: De ouro, com um boi passante de vermelho; bordadura de verde carregada de oito flamas de ouro. Timbre: o boi do escudo.

BORRALHO. Família antiga, cuja origem se desconhece, existindo já no reinado de D. João I. Embora houvesse pessoas deste apelido em vários pontos do País, encontrava-se a família mais difundida no Alentejo, pelo que parece ser oriunda desta província ou pelo menos das suas proximidades. Cita-se

um Heitor Borralho, que viveu em tempo de D. João II, por ter entrado em diversas expedições, e um António Borralho, Murça que, em 1748, tirou Carta de brasão de armas.

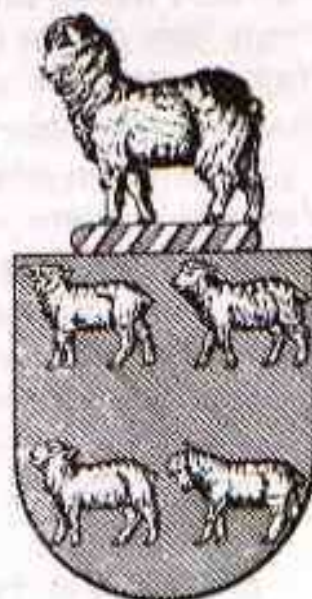
Usam os Borralhos as seguintes armas: De azul, com três estrelas de oito raios de

ouro; chefe endentado do mesmo. Timbre: um leão saínte de azul, armado e lampassado de vermelho e carregado de uma estrela do escudo na espádua.



Borralho

BORREGO. Família nobre cuja origem se desconhece, mas que alguns autores dizem ser a dos Cordeiros. Borreco é forma antiga de Borrego, hoje usada, parecendo aquela estar extinta. Já no século XV vivia no Sardoal Afonso Dias Borreco, pessoa principal da dita vila e parente de Frei Leonel de Parada, comendador da Ordem de S. João do Hospital, pro-



Borreco

vindo daquele e de sua mulher, Isabel Dias, descendência nobre que se conservou na região.

As armas pertencentes aos Borreco são: De verde, com quatro borreco de prata acantonados. Timbre: um dos borreco do escudo.

BOTADO. Desconhece-se a origem deste apelido, que, certamente, provém de alcunha. A pessoa mais antiga que com ele se encontra nos nobiliários é João Martins Botado, juiz das sisas de Torres Vedras, que vivia nos meados do século XV, de quem descendeu Acácio Botado, capelão-mor da Imperatriz D. Isabel, mulher de Carlos V, e Bispo de Sigüenza.

Heitor Bernardes Botado, filho de Manuel Botado e de sua primeira mulher, Maria Bernardes, e neto materno de Heitor Bernardes, serviu o Imperador Carlos V, que no cerco de Tunis lhe mandou romper os canos por onde ia a água para a cidade.

Deu-lhe o Imperador armas ou lhe acrescentou as de sua família, se é que o primeiro e quarto quartéis do seu brasão correspondem ao apelido Bernardes.



Botado

Heitor Bernardes Botado foi moço da câmara do Infante D. Luís, acrescentado a escudeiro e cavaleiro. Teve o foro de cavaleiro da casa de D. João II e o de cavaleiro de esporas douradas concedidas por Carlos V. Casou com Aldonça Gorjão, de quem, parece, deixou descendência. Encontra-se sepultado na igreja do Turcifal em sepultura com o brasão de armas concedido pelo Imperador e na qual se diz ter falecido a 22-XI-1578.

Braamcamp Freire dá aos Botados as seguintes armas: De azul, com três bicas de chafariz, de prata, postas em faixa, dispostas em roquete e botando água, também de prata.

Assim têm sido descritas as armas dos Botados, mas o investigador Rogério de Figueiroa Rego, seguindo uma informação de Jorge de Moser, publicou um estudo com o título de *Um Herói Português na Empresa de Tânis — Resolução de um Problema Heráldico-genealógico*, em que insere a transcrição do registo da concessão do Imperador, da qual se desconhece confirmação portuguesa.

Neste registo acha-se: Esquartelado: o primeiro e quarto de ouro com duas águias afrontadas de negro; o segundo e quarto de azul, com um aqueduto de prata, de três ordens. Timbre: águia nascente de negro, lampassada de vermelho. (V. Bernardes).

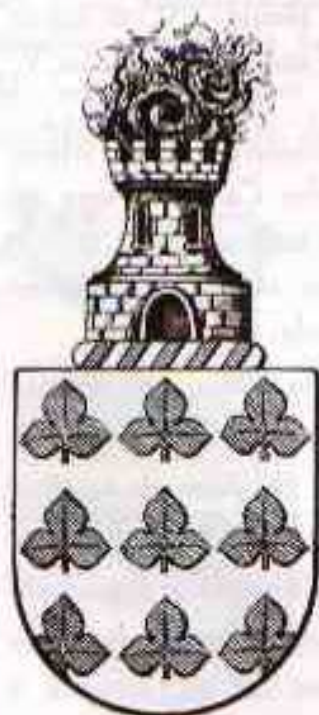
Já por na mercê do Imperador Carlos V não se dizer que o quartel das águias eram armas de Heitor Bernardes Botado e que o outro lhe era acrescentado, já por se desconhecer qualquer documento ou registo em livro oficial que atribua as águias dos Bernardes, estas devem fazer parte daquela concessão, aludindo ao Império, embora por forma diversa da habitual: a águia de duas cabeças coroada ou mesmo sem coroa.

BOTAFOGO. Família nobre cujo apelido se derivou de alcunha posta numa acção guerreira, parece que efectuada na África. No tempo de D. Manuel I vivia João Gonçalves, fidalgo da Casa do mesmo Príncipe, e sua mãe, D. Francisco de Vilalobos, que, com seus herdeiros, jazem enterrados em sepultura própria que tinha na igreja do mosteiro de S. Domingos de Elvas, em cuja cidade vivia esta família. Paula Lopes Armalhas, sua filha ou neta, casou na mesma cidade com Fernão de Carvalho Mouzinho, cavaleiro-fidalgo da Casa de D. João III e cevadeiro-mor da Rainha D. Catarina, mulher do soberano. Tiveram geração e nela se encontram pessoas com o nome de João Gonçalves Botafogo, assim como o apelido Vilalobos.

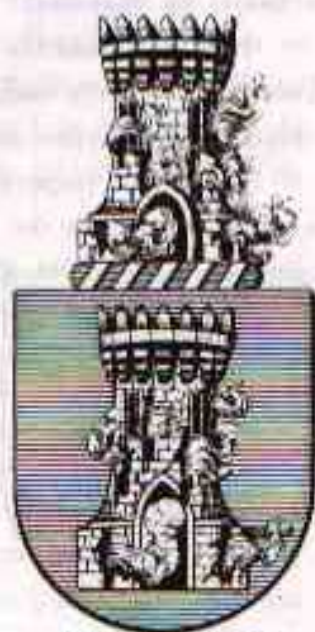
Pedro Carvalho Botafogo, filho de Paula Lopes, tirou Carta de brasão de armas em 28-V-1571 com as dos Carvalhos, Mouzinhos, Vilalobos e Botafogos. Todas estas circunstâncias mostram que Paula Lopes provinha de João Gonçalves Botafogo e de sua mulher, D. Francisca de Vilalobos.

Trazem por armas os Botafogos: De prata, com nove folhas de hera de verde, 3, 3 e 3. Timbre: uma torre de prata lavrada de negro, que bota fogo pelo alto.

Outros usam-nas deste modo: De azul, com uma torre de prata, aberta e iluminada de negro, botando fogo de sua cor por três fendas de cada lado. Timbre: a torre do escudo. Talvez estas sejam as principais e aquelas de ramo secundário.



Botafogo



Botafogo (outros)

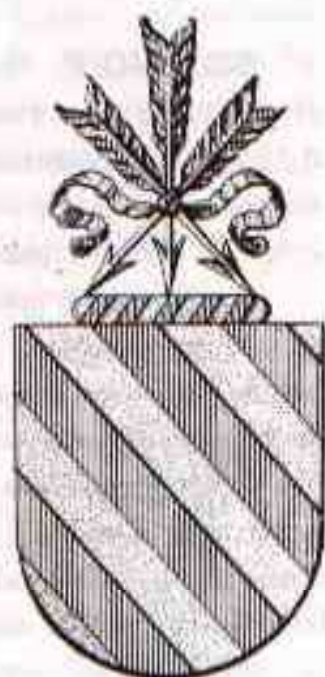
BOTELHO. Procedem os Botelhos de D. Vasco Martins Mogudo e de sua primeira mulher, D. Elvira Vasques de Soverosa, por seu filho Martim Vasques Barba, nascido quando ainda vivia o primeiro marido desta senhora, D. Paio Soares de Valadares. Martim Vasques casou-se com D. Urraca ou Elvira Rodrigues, filha de Rui Peres de Ferreira e de D. Teresa Peres de Cambra, e dela teve Pedro Martins Botelho, João Martins Botelho e Alda Martins Botelho, que, primeiro, se recebeu com Fernão Reimão de Canhedo e, em segundas núpcias, com João Pires Alcoforado, o *Tenro*. Tanto Pedro Martins Botelho como seu irmão João Martins Botelho casaram e tiveram filhos que continuaram o apelido.

O erudito Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, cantou os Botelhos nos seguintes versos:

*Com D. Vasques Mecia
Afonso Botelho casou,
de quem esta linha ficou,
o qual com grande valentia
em Aguiar acabou.*

Também Manuel de Sousa da Silva, notável genealogista, os não esqueceu, escrevendo esta quintilha:

*Lá em Airiz de Ferreyra,
De Aguiar no Concelho
Ha o lugar de Botelho
Dos Botelhos a primeira
Casa do Portugal velho.*



Botelho

As armas que lhe pertencem são: De ouro, com quatro bandas de vermelho. Três frechas invertidas de vermelho, armadas de prata, postas em roquete e atadas de ouro ou leão sainte de ouro, carregado de quatro bandas de vermelho, ou, ainda, leão sainte de ouro, armado e lampassado de vermelho, carregado de quatro bandas do mesmo, com um feixe de três setas de vermelho, armadas de ouro.

BOTETO. Família de ignorada origem, mas que, pelo apelido, pode ser estrangeira. No tempo de D. Manuel I, antes de 1509, já esta família possuía armas, pois se incluíram no *Livro do Armeiro-mor*. O apelido parece encontrar-se extinto há muito.

As armas que lhe competem são: Esquartelado: o primeiro e o quarto de ouro pleno; o segundo e terceiro, de prata, com seis pintas de arminho, de negro, 3, 2 e 1. Timbre: meio mouro barbudo, vestido de ouro, forrado de arminhos, fofado de prata e de vermelho, na mão direita uma pedra de prata em acção de atirar com ela.

Alguns heraldistas descrevem estas armas, dizendo que o escudo é esquartelado de Meneses e de Barretos. Talvez assim seja, provindo o apelido *Boteto* de alcunha posta

BOTO. Descendem os Botos de Estêvão Anes, natural de Évora, homem muito honrado que foi na armada que D. João I mandou a África para a conquista da cidade de Ceuta, em cuja expugnação se mostrou valoroso soldado. Intrépidamente entrou numa das torres sem que o pressentissem, cortando com duas cutiladas as cabeças dos mouros que nela estavam, as quais, depois, mostrou aos companheiros e perguntou-lhes se as botava em baixo. Diz-se que por esta pergunta os soldados o alcunharam de Boto, palavra que tomou como apelido por ter origem em feito tão heróico, continuando seus descendentes a usá-lo.

Estêvão Anes voltou para Évora, onde era casado com Maria Anes. Jazem ambos sepultados na capela do Espírito Santo da igreja de S. Domingos, mandada fazer à sua custa por seu descendente Gonçalo Boto. Deste matrimónio nasceu Martim Esteves Boto, que alguns autores dão como o ganhador do apelido. Foi notável jurisconsulto que serviu a Casa Real portuguesa desde D. João I a D. Afonso V. D. Afonso V, que lhe manifestava grande affecto, lhe deu por Carta de 1-IV-1462 armas novas com a justificação de que tinham sido enormes os serviços por ele prestados nas tomadas de Ceuta e Tânger, além dos que lhe devia o próprio monarca outorgante pelos cavalos e homens que, equipados à sua custa, levara Martim Esteves à tomada de Alcácer, onde, de resto, fora armado cavaleiro pelo Africano. De Martim Esteves Boto ficou geração.

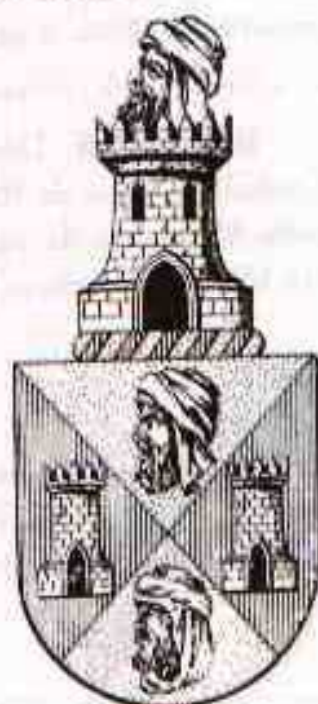
João Rodrigues de Sá cantou os Botos nos seguintes versos:

*Duas cabeças cortadas
postas em campo dourado
de Mouros, & em cooraaado
duas torres assentadas,
onde o feyto, foi passado.*

*Armas que Botos ganharão
saão por mouros que matarão
naquelas torres em Ceyta,
quando da danada seyta
Portugueses a livraram.*

Também o Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, deles se não esqueceu:

*Cabeças de mouros são
por mão dos Botos furtados
e as duas torres entradas
quando el Rei Dom João
teve de as de Ceita tomadas.*



Boto

As armas dos deste apelido são: Franchado: o primeiro e quarto, de ouro com uma cabeça de mouro, fofada de prata; o segundo e terceiro, de vermelho com uma torre de prata, aberta e iluminada de negro. Timbre: uma torre do escudo encimada pela cabeça de mouro.

BOUCHARD. Do grande condestável de França Bouchard, cujo officio exerceu no tempo de Carlos Magno, descendeu o Conde Luís de Bouchard, oriundo de Richeirol,

no ducado da Sabóia, pai do Conde Henrique de Bouchard, avô de Luís de Bouchard, bisavô de Henrique de Bouchard e terceiro avô de Nicolau Bouchard, natural de Avinhão, em cuja cidade foi familiar do Santo Ofício, morador em Lisboa, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, reconhecido fidalgo pelo Rei D. Pedro II em 1681, reconhecimento este que se confirmou em 1713.

Nicolau Bouchard casou com D. Francisca Clara e foi pai de Henrique José Bouchard, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, que teve brasão de armas dos Bouchards por Carta de 1718; avô de Nicolau Vicente Bouchard, morador em Lisboa, capitão do 2.º Regimento de Infantaria da Armada Real, a quem se passou Carta de brasão de armas dos Bouchards em 6-IX-1751, casado com D. Quitéria Maria Joaquina Rosa; e bisavô de Henrique José Bouchard, natural de Lisboa, tenente do mesmo regimento, que teve brasão com iguais armas, concedido a 17-XI-1791.



Bouchard

As armas deste ramo da família Bouchard são: Cortado; o primeiro de azul, com um leopardo de ouro; o segundo de prata, pleno. Timbre: um leão de ouro.

BOURBON. Descendem os que em Portugal usam este apelido de D. Vitória de Cardaillac, dama da Rainha, filha de Gilberto Francisco de Cardaillac, Barão de la Chapelle-Marival, e de sua mulher, Madalena de Bourbon, dos verdadeiros Bourbons, pois era filha de Henrique de Bourbon, Visconde de Lavedan e Barão de Malausc, neto de Carlos, bastardo de Bourbon, filho de João II, Duque de Bourbon. D. Vitória de Cardaillac casou-se com D. Luís de Lima, 1.º Conde dos Arcos, e tiveram D. Madalena de Bourbon, dama do Paço, segunda mulher de D. Tomás de Noronha, pelo casamento 3.º Conde dos Arcos, o qual era do Conselho de Estado e Guerra de D. Afonso VI, presidente do Conselho Ultramarino e gentil-homem da Câmara do Príncipe D. Teodósio.



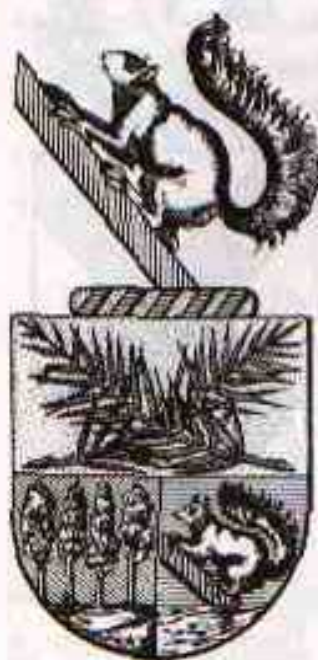
Bourbon

As suas armas são: De prata, com banda de azul semeada de flores-de-lis de ouro, carregada de um filete de vermelho.

BRAAMCAMP. Família holandesa que passou a Portugal na pessoa do diplomata Hermano José Braamcamp, filho de João Braamicamp e de sua mulher, D. Henriqueta Van Heck, ambos de Amsterdão, e que, ao serviço da Prússia, foi ministro residente em Portugal de 1751 a 1775. Em Lisboa casou com D. Maria Inácia de Almeida Castelo Branco, filha do brigadeiro Manuel de Almeida Castelo Branco e de sua mulher, D. Helena da Cruz Pinto.

Hermano José Braamcamp era cavaleiro professo da Ordem de Cristo e fixou-se definitivamente em Portugal. Do seu matrimónio proveio larga geração.

As suas armas são: Cortado: o primeiro de ouro, com duas palmas de verde, passadas em aspa; o segundo partido: o 1.º de verde, com quatro árvores de prata dispostas num terreiro do mesmo; o segundo de azul, com um esquilo de prata, rompante sobre uma prancha de vermelho, saínte em banda de um mar de prata. Timbre: o esquilo e a prancha do escudo. Trazem por legenda: **LABOR VINCIT OERUMNAS.**



Braamcamp

BRACAMONTE. Família de origem francesa, descendente dum almirante de França, a qual passou às Ilhas. A forma originária do apelido é *Bracamont*.

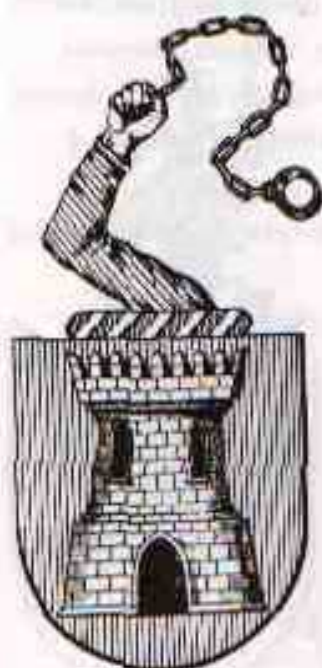


Bracamonte

D. João Ribeiro Gaio, Bispo de Malaca, escreveu a respeito desta família os seguintes versos:

*Dentre geadas e montes
dessa feróz Alemanha
donde não bebem de fontes
vieram os Bracamontes
a esta nossa Hespanha.*

As suas armas são: De prata, com uma asna de negro e um malhete do mesmo posto em faixa, no cantão direito do chefe. Timbre: um braço armado de prata empunhando um malhete em acção de descarregar uma pancada.



Braga

BRAGA. É mal conhecida a origem desta família que, segundo se supõe, tomou o apelido da cidade de Braga. A pessoa mais antiga que se encontra com ele é Gonçalo Esteves de Braga, que viveu no reinado de D. Fernando. Possuiu bens em Coimbra, que o Rei deu, por Carta de 6 de Outubro de 1369, a João Gonçalves Cerveira, para ele e seus descendentes.

Usam as seguintes armas: De vermelho, com uma torre de prata aberta e iluminada de negro. Timbre: um braço vestido de verde, segurando na mão uma cadeia de ouro, com sua braga na ponta, em acção de dar com ela.

BRAGANÇA. Descende de D. Afonso, filho ilegítimo de D. João I, casado com D. Beatriz Pereira de Alvim, filha do condestável D. Nuno Álvares Pereira, a Casa de Bragança.

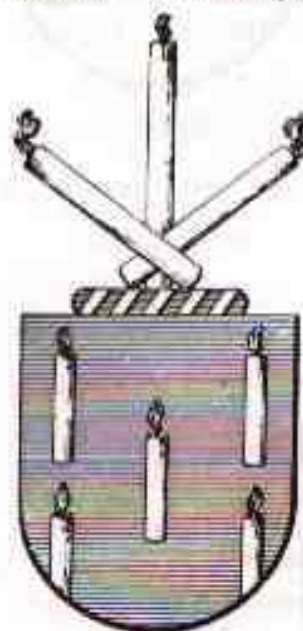
Diz António Soares de Albergaria, insigne heraldista dos princípios do século XVII, que as suas armas foram ordenadas pelo rei de armas Arrieta.

São: De prata, com uma aspa de vermelho, carregada de cinco escudetes das armas do reino, com um filete de negro sobreposto em barra. Timbre: um pescoço e cabeça de cavalo de vermelho, bridado de ouro.



Bragança

BRANDÃO. Querem alguns genealogistas que os Brandões viessem do estrangeiro, enquanto outros lhes dão origem nacional. Parece que as mais antigas pessoas que usaram o apelido, ou pelo menos que se conhecem, são Carlos e Fernão Brandão. Dão-lhes por solar Paços de Brandão, na Terra da



Brandão

Feira. Carlos Brandão viveu em Riomeão, distante meia légua do mosteiro de Grijó, onde se chama Paços de Brandão, e sepultou-se no sobredito mosteiro. Fernão Brandão, que se supõe ser seu irmão, viveu em tempo do Conde D. Henrique e de seu filho o Rei D. Afonso I, e deixou filhos, pelos quais se continuou o apelido.

João Rodrigues de Sá, senhor de Matosinhos, dedicou a esta linhagem os seguintes versos:

*Çinquo brandões, nom em cruz,
em campo vermelho fazem
e com resplendor que fazem
dar clarydade, & dão luz
de nobreza dos que os trazem.*

*De terras, & possysões
dos cavalleiros Brandões
achey antygua memorea
em muy vrdadeyra estorea
dantygua inquryções.*

Também o Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, não se esqueceu de louvar os Brandões nesta quintilha:

*São cavaleiros Inglezes
que vieram a Lisboa
com mui luzidos arnezes
e pelejaram mil vezes
em defensão da Coroa.*

As armas que usam os Brandões são: De azul, com cinco brandões de ouro acesos de sua cor. Timbre: três brandões do escudo em roquete.



Brandão, de João
Brandão

Os descendentes de João Brandão Sanches, que foi feitor na Flandres e comendador da Ordem de Cristo, que pertencia aos legítimos Brandões, usaram armas diversas, que são: De prata, com uma águia de perfil, voante de negro, com o dorso vermelho, tendo nas garras um brandão de ouro, em banda, aceso de vermelho.

De Duarte Brandão, famoso aventureiro dos séculos XV e XVI, provêm os Brandões de Buarcos, que tiveram armas diferentes, pelo que D. João Ribeiro Gaio os não inclui na mesma quintilha que dedicou aos Brandões e lhes fez esta:

*Do tão valente esforçado
Como todos os sabidos,
e de Rei muito amado,
são destes dragos unidos
em campo azul pintados.*

Trazem as seguintes armas: De azul, com dois dragões de ouro, lampassados de vermelho e suas caudas e pescoços passados e repassados em aspa, as cabeças em fuga. Timbre: os dragões do escudo.



Brandão, de Duarte Brandão

BRAVO. Os Bravos são oriundos da Galiza, onde tiveram o solar. Já nos princípios da Monarquia Portuguesa existiam, pois o Conde D. Pedro se refere a Diogo Bravo de Riba do Minho, casado com D. Loba, filha de D. Mem de Gundar e de D. Toda. Não se sabe, porém, deduzir dos antigos os que mais tarde houve. No tempo em que o cardeal D. Henrique, depois Rei, foi arcebispo de Braga, servia de provisor e governador do arcebispado o Dr. Pedro Bravo, que, parece, era natural de Évora. Deixou vários filhos ilegítimos pelos quais se continuou a linhagem.

Martim Gomes Bravo, natural da Galiza e fidalgo honrado, passou a Portugal por crimes e fez assento em Aveiro. Casou com Cecília Cardoso, criada da Infanta Santa Joana, da qual deixou geração.

Outros ramos há que não se sabem ligar a estes.

As armas que usam são: De ouro, com uma serpe volante de verde, lampassada de vermelho. Timbre: a serpe do escudo.

BREDERODE. Família holandesa de que passou um ramo a Portugal. Trazem por armas as seguintes: De ouro, com



Bravo



Brederode

um leão de vermelho, armado e lampassado de azul, encimado por um lambel do mesmo Timbre: dois braços vestidos de verde, arregaçados de ouro, tendo em cada mão uma pata de cavalo de negro, ferrada de ouro, cravejada de prata, com o casco para cima. Usam por divisa: PEUT ÊTRE.

BRITEIROS. De D. Pedro de Longos, cavaleiro ilustre da época de D. Afonso VI, Rei de Leão, que tomou o apelido e morou na quinta de Longos, freguesia de Santa Cristina de Longos, segundo Manuel de Sousa da Silva, ou em S. João de Longos Vales, junto de Monção, conforme quer o Marquês de Montebelo, foi filho D. Mendo Pires de Longos, herdeiro da casa paterna, que viveu em tempo de D. Afonso Henriques. Casou este D. Mendo Pires com D. Marinha Gomes, pela qual, parece, veio aos descendentes a quinta de Cabeceiras de Basto, filha de D. Gomes Mendes Guedeão e de sua segunda mulher, D. Maior Pais, de cujo matrimónio nasceu D. Gomes Mendes de Briteiros, mulher de Egas Viegas, senhor de Penagate e de Rendufe.

D. Gomes Mendes sucedeu na Casa de seu pai e viveu na quinta de Briteiros, na freguesia de S. Salvador de Briteiros, situada entre Braga e Guimarães, da qual tomou o apelido que seus descendentes seguiram. Recebeu-se com D. Urraca Gomes da Silva, filha de D. Gomes Pais da Silva e de D. Urraca Nunes, de quem teve geração. Seu filho primogénito, D. Rui Gomes de Briteiros, casou com D. Elvira Anes, filha de João Peres da Maia e de D. Guiomar Mendes de Sousa, por cujo casamento entraram nos Briteiros alguns bens da Casa dos Sousas, o que levou, mais tarde, os Briteiros a pretenderem esta Casa.

A linhagem dos Briteiros ilustrou-se muito pelos grandes casamentos que fez, dos quais salientaremos os efectuados com D. Urraca Afonso, filha bastarda de D. Afonso III de Portugal, e com D. Fernão Sanches, filho ilegítimo de D. Dinis.

Nas quintilhas dedicadas por Manuel de Sousa da Silva às famílias nobres portuguesas encontra-se esta:

*Entre Braga e Guimarães
foi a casa dos Briteiros
Esforçados cavalleiros
poderosos e leaes
No tempo dos Reis primeiros.*



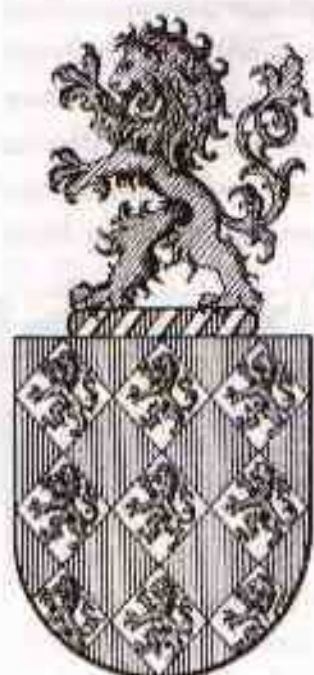
Briteiros

Certos heraldistas dizem que usaram por armas as dos Britos, enquanto outros lhes designam por próprias as seguintes: Esquartelado: o primeiro e quarto de prata, com um leão de púrpura; o segundo e terceiro xadrezado de ouro e de azul.

BRITO. É muito antiga a família dos Britos, cujo apelido tomou de Brito, entre o rio Ave e a portela dos Leitões. Fazem alguns autores tronco da linhagem a D. Hero, grande senhor que viveu antes do Conde D. Henrique, e a sua mulher a Condessa Adozinda, filha de Afonso Romães, pais de D. Gosindo Hoeris.

Por 1033 da era cristã vivia Aires de Brito, que nesse ano doou todas as herdades que possuía em Oliveira, Carrazedo, Subilhães e honra de Santa Maria ao prior e clérigos do mosteiro que fundara no julgado de Vermoim, em Oliveira, junto do rio Ave. Uma sua filha recebeu-se com D. Soeiro de Brito, rico-homem do Rei D. Afonso VI de Leão, o qual restaurou o mosteiro de Oliveira, fundado por seu sogro, e lhe confirmou as doações deste, acrescentando-lhe outras. Destes provio a linhagem dos Britos.

D. João Ribeiro Gaio, Bispo de Malaca, escreveu a respeito dos Britos a seguinte quintilha:

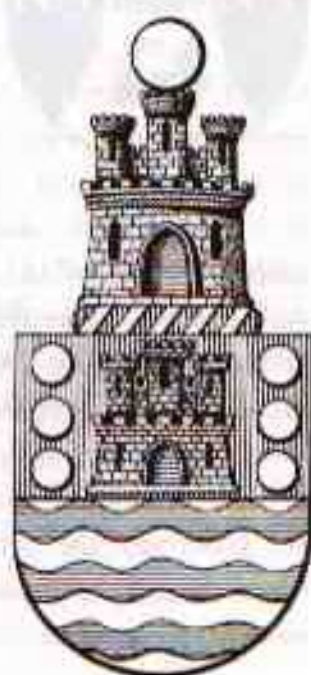


Brito

*Vindos são da grão Bretanha
os Britos mais esforçados
que os que trazem pintados
vieram ter a Hespanha
onde são mui estimados.*

Também Manuel de Sousa da Silva dedilhou a lira para os cantar nestes versos:

*De Britos a fresca ribeira
Junte ao Ave cristalino
Deu seu nome peregrino
Aos Britos que de Serveira
Hoje Viscondes se assinam.*



Brito de Nicote

As armas que usam, tanto em Portugal como na Espanha, são: De vermelho, com nove lisonjas de prata, apontadas e firmadas nos bordos do escudo, postas 3, 3 e 3, cada lisonja carregada de um leão de púrpura. Timbre: um leão do escudo.

Filipe de Brito de Nicote (Nicot em França), fidalgo da Casa de D. Filipe II e cavaleiro da Ordem de Cristo, serviu na Índia na conquista dos Reinos do Pegu e na fortaleza de Seriam, que defendeu e sustentou, por cujos serviços mereceu do monarca a concessão de Carta de armas novas, dadas com o apelido de Brito de Nicote, designando-lhe por solar o castelo de Seriam. Esta concessão tem data de 27-III-1608 e no ano seguinte Filipe de Brito de Nicote houve despacho régio para revisão das armas referidas, cuja alteração se ignora.

As armas dos Britos de Nicote são: Cortado: o primeiro de vermelho, com um castelo de ouro, lavrado de negro, aberto e iluminado de azul, ladeado de seis besantes de prata alinhados em pala, 3 à direita e 3 à esquerda; o segundo de prata, ondado de azul. Timbre: o castelo do escudo encimado por um dos besantes.

BROWNE. Família de origem irlandesa, que passou a Portugal no século XVII. André Browne foi pai do Dr. Pedro Browne, casado com D. Francisca de Xavier Clamouse, e estes de Domingos de Clamouse Browne, cavaleiro professo na Ordem de Cristo,

cônsul de França na cidade do Porto, casado com D. Maria Custódia do Nascimento Browne, filha de Domingos Fernandes Sada e de sua mulher, Maria da Cruz, de quem houve Manuel de Clamouse Browne, que teve Carta de brasão com as armas dos Brownese Clamouses em 13-II-1850.



Browne

Usam as armas seguintes: De prata, flanqueado de negro, com três merletas do mesmo alinhadas em pala, e um leopardo do primeiro sobre cada flanco.

BRUM. Família de origem flamenga que passou às ilhas. Descendem de Wilhelm van der Bruyn ou Guilherme de Brum, como em Portugal se chamou, o qual nasceu em Maestrichte e passou no último quartel do século XV à ilha da Madeira, onde casou e teve geração, que se ramificou por várias ilhas do arquipélago açoriano, designadamente no Faial,

originando-se aí os Bruns da Silveira, Terras Bruns, Bruns do Canto, Cunhas Bruns e outros ramos ilustres. Na ilha Terceira também os Bruns se aparentaram com as principais famílias, tais como Bettencourts, Cantos, Carvalhais, Meneses, Noronhas, Pereiras e Pains.

As armas que usam, concedidas em Portugal, por sucessão, em 1760, são: De prata, com faixa de vermelho, carregada de três flores-de-lis de ouro e em chefe três perdizes da sua cor, alinhadas em faixa.



Brum

BUITRAGO. Antiga família espanhola, descendente do biscainho D. Rodrigo Gutierrez, Conde e Governador da cidade de Segóvia, em Castela-a-Velha. Seu neto, D. Gomes Rodrigues de Segóvia, casado com D. Adrezinha Perez de Ayanguis, irmã de D. João Perez de Ayanguis, senhor da Casa de Mazeta, na Biscaia, progenitor de família de Buitron, teria sido o progenitor desta família, por ter povoado o lugar a que deu o nome de Buitrago, de que seus filhos tomaram o apelido.

Difundiu-se Olmedo, Medina del Campo, Málaga, e América Espanhola, tendo dado também, um ramo português.

Desta família trata D. Juan Florez de Ocariz, no seu *Nobiliário do Novo Reino de Granada*. Em 1487 estiveram na conquista de Málaga, onde se fixaram, os cavaleiros D. Garcia de Buitrago e D. Alonso de Buitrago, naturais de Segóvia e da primeira nobreza desta antiga cidade.



Buitrago

Trazem por armas: Esquartelado: o primeiro e quarto partidos: o primeiro de verde, com um castelo de ouro aberto e iluminado de azul; o segundo de prata, com uma árvore de verde firmada em um terrado e ladeada de dois lobos passantes de negro; o segundo e terceiro de vermelho, com uma cruz da prata carregada de cinco lobos passantes de negro e cantonada

de quatro *buítrones* (rastros, cestos de vime para apanhar peixe nos rios) de ouro, com as bocas voltadas para o centro, e bordadura de púrpura carregada de oito serpentes de ouro, quatro em cada flanco, as da direita volvidas, e três lisonjas deitadas do mesmo, duas no chefe e uma em ponta.

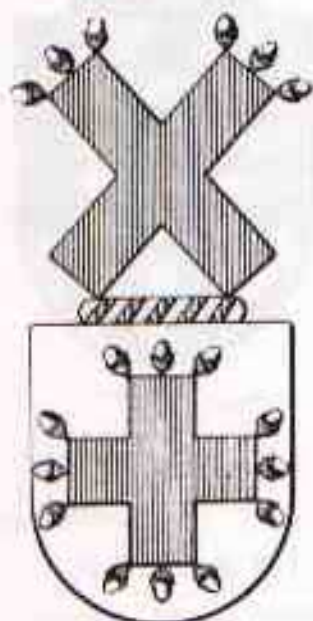
BULHÃO ou **BULHÕES**. Antiga família, portuguesa que, segundo certos genealogistas, proviria de algum parente de Godofredo de Bouillon, ou Bulhão ou Bulhões, que porventura tivesse vindo auxiliar D. Afonso Henriques na conquista do Reino. O mais antigo que se encontra em Portugal é Vicente Martins de Bulhão, cujo pai devia ser Martim, como indica o patronímico. Viveu no reinado de D. Afonso Henriques e, talvez, ainda no tempo do Conde D. Henrique. A Sé de Lisboa fazia-lhe aniversário a 14 das calendas de Fevereiro, para o que seu filho Martim de Bulhão legou as suas casas junto de S. Mamede. Este Martim de Bulhão, viveu em Lisboa, próximo da Sé, no sítio, onde actualmente se encontra a igreja de Santo António. Recebeu-se com D. Teresa Taveira, filha de Paio Soares Romeu, o postrimeiro, e de D. Sancha Henriques de Portocarreiro. D. Teresa foi sepultada na igreja velha de S. Vicente e depois trasladada para a de Santo António, onde tinha epitáfio dizendo que nascera na mesma casa que seu glorioso filho. Parece que as casas de seu marido eram as de S. Mamede, que ele deixou para aniversários pelas almas de seu pai e sua.

Martim de Bulhão e sua mulher tiveram diversos filhos, um dos quais, Fernando Martins de Bulhão, foi Santo António de Lisboa ou de Pádua.

Outra filha de Martim de Bulhão e de D. Teresa Taveira é, também, digna de menção especial: D. Maria Martins Taveira, que foi cónega regente no mosteiro de S. Miguel das Donas, em Lisboa, e morreu em cheiro de santidade.

O apelido Bulhão só muitos séculos depois se transformou em Bulhões, como presentemente se usa.

D. João Ribeiro Gaio, Bispo de Malaca, escreveu os seguintes versos a respeito dos Bulhões:



Bulhões

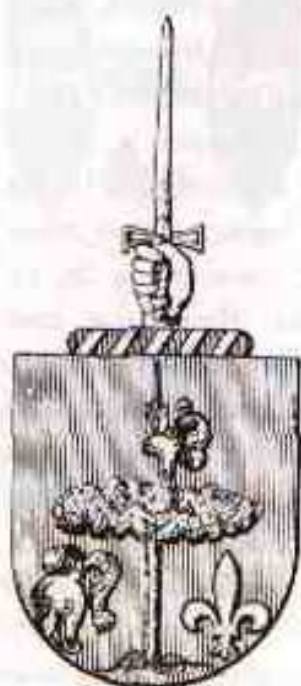
*Do Santo é geração
de Lisboa padroeiro
de moncieur de Bulhão
esforçado cavaleiro
no descender tal condão.*

Na sua *Geografia Genealógica*, Manuel de Sousa da Silva incluiu esta quintilha:

*De Lisboa no distrito
está a quinta de Bulhões
é o berço dos varões
que seu nome tem escrito
nos seus sublimes brasões.*

Usam os desta família por armas: De prata, com uma cruz de vermelho, solta, maçanetada de doze bolotas de ouro com os casculhos de verde. Timbre: uma aspa de vermelho, com seis bolotas do escudo nas pontas de cima, três em cada uma.

BURGUEIRA. Família de origem desconhecida, cujas armas são: De vermelho, com um pinheiro arrancado de ouro, acompanhado em chefe de um morrião



Burgueira

com plumas de prata, encimado por uma mão segurando uma espada de prata, e em ponta, à direita, de um outro morrião, também de prata, e à esquerda de uma flor-de-lis de ouro. Timbre: a mão do escudo.

BUSTAMANTE. Família originária de Castela cujo apelido tomou do lugar de Bustamante, de que possuía o senhorio. Passou um ramo a Portugal e daqui ao Rio de Janeiro.

As armas usadas por esta família são: De ouro, com treze arruelas de azul, 3, 3, 3, 3 e 1.



Bustamante

BUZIO. Ignora-se a origem desta família, cujo apelido se encontra também com a forma de *Bugios*. A pessoa mais antiga que dela se conhece é Fernão Lourenço dos Buzios, que se supõe haver casado em Arronches, por, no termo desta vila, possuir uma herdade, denominada Coutada de Arronches, que pertencera a Lopo de Moura.

A família dos Buzios usa as seguintes armas: Xadrezado de ouro e de azul, de treze peças em faixa e doze em pala, e três palas de vermelho brocantes sobre o xadrezado. Timbre: duas buzinas de negro, embocadas e viroladas de ouro, passadas em aspa.



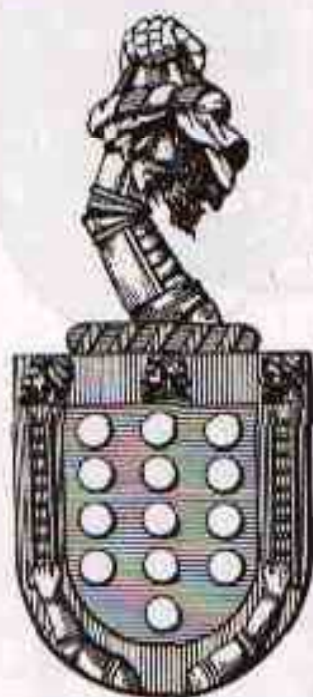
Buzio



ABEÇA. Esta família provém da Andaluzia e é ramo da dos Altamiranos, pois o primeiro que usou o apelido de Cabeça, em *Espanha Cabeza*, foi Gonçalo Fernandes Altamirano, que, reinando D. Fernando, o *Santo*, esteve no sítio da cidade de Córdova, onde se distinguiu pelos seus actos heróicos.

As armas dos Cabeças são: De azul, com treze besantes de prata, postos 3, 3, 3, 3, e 1, e bordadura cosida de vermelho, carregada, em chefe, de três cabeças de mouro, cortadas de vermelho e fotadas de prata e azul, e nos flancos de duas escadas de assalto, de dez degraus, de ouro, cada uma empunhada por um braço armado de prata, os braços

adossados e curvados ao pé da bordadura. Timbre: braço armado de prata, tendo suspensa pela fota uma cabeça de mouro do escudo.



Cabeça

CABEÇA DE VACA. Família nobre de origem espanhola. Veio para Portugal João Fernandes Cabeça de Vaca, descendente de Pedro Fernandes Cabeça de Vaca, que morreu no sítio de Lisboa em 1384, que parece provir de Fernão Rodrigues Cabeça de Vaca e de sua mulher D. Urraca Nunes, filha de Nuno Vasques de Bragança.

Aquele João Fernandes fez assento na quinta de Mó, freguesia de Guilhade, concelho dos Arcos de



Cabeça de Vaca

Valdevez, e deve ter vivido no século XVI. Dele proveio descendência do mesmo apelido.

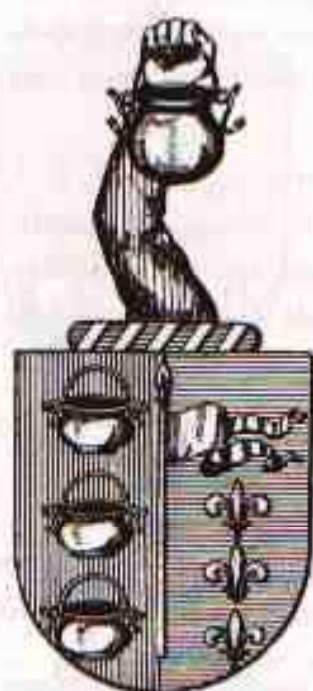
Nos fins de 1377 ou princípios de 1378, em sucessão a D. Pedro Tenório, bispo de Coimbra, tomou conta desta diocese D. João Cabeça de Vaca, que nos começos de 1385 já tinha morrido.

Usam por armas: Xadrezado de ouro e de vermelho, de quatro peças em pala e quatro em faixa; bordadura de azul carregada de seis cabeças de vaca de prata. Timbre: uma das cabeças do escudo.

CABEDO. Família originária das montanhas de Oviedo, ilustre e muito antiga, que, em Espanha, se chama *Quevedo*. Passou a Portugal Diogo Dias de Quevedo, em companhia do Infante D. Pedro, filho de D. João I, quando regressou ao Reino, depois da longa viagem que fizera pela Europa. Parece que era filho do morgado de Ilaredo, no vale de Gincha, junto ao lugar de Santa Olaia, como informa Manso de Lima. Morrendo o Infante D. Pedro, passou para o serviço do Infante D. Fernando, que vivia em Setúbal, pelo que a família dos Cabedos aí ficou. Do seu casamento nasceram filhos, pelos quais se continuou o apelido, com a forma que tomou em Portugal.

O Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, dedicou uma das suas quintilhas aos Quevedos, escrevendo:

*Estes em . . . viveram
nas das Asturias montanhas
antes dos godos vieram
que sempre prevaleceram
por suas grandes façanhas.*

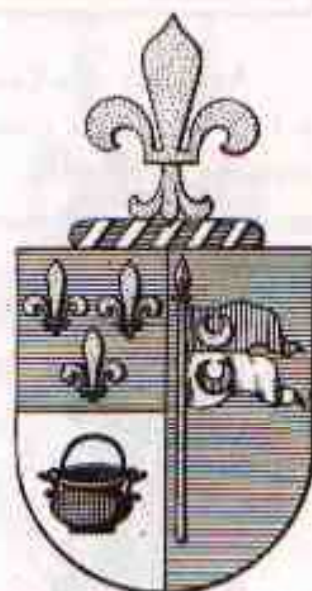


Cabedo

As armas desta família são: Partido: o primeiro de vermelho, com três caldeiras de prata, alinhadas em pala; o segundo de azul com um pendão de prata de duas pontas, hasteado de ouro e flutuando para a esquerda, a sua haste em pala, movente do traço do partido; o pendão acompanhado em

ponta de três flores-de-lis de ouro, alinhadas em pala. Timbre: um braço vestido de vermelho, empunhando uma caldeira de prata.

Outros usam-nas da seguinte forma: Partido: o primeiro de azul com três flores-de-lis de ouro, cortado de prata com uma caldeira de negro; o segundo de azul, com um pendão de duas pontas, cortado de vermelho e de prata, carregado de um crescente de ouro no vermelho e outro de vermelho na prata, hasteado de ouro, o pendão flutuando para a esquerda. Timbre: uma flor-de-lis do escudo.



Cabedo

CABRAL. Família antiga cuja origem se ignora. O mais antigo do apelido de que se encontra menção é Pedro Anes Cabral, porteiro e reposteiro-mor de D. Afonso III no ano de 1271. Os Cabraes principiaram a tornar-se mais conhecidos na história com o bispo da Guarda D. Gil Cabral e com Álvaro Gil Cabral, que se recebeu com a filha única e herdeira de Diogo Afonso de Figueiredo e de sua mulher, Constança Rodrigues Pereira,

esta terceira neta por bastardia de D. Afonso III. Daquele matrimónio nasceram filhos, continuando na sua linha primogénita o senhorio de Azurara e a alcaidaria-mor de Belmonte.

De Álvaro Gil Cabral e sua mulher foi terceiro neto Pedro Álvares Cabral, o Navegador, e Diogo Fernandes Cabral, o qual teve de Maria de Macedo a Jorge Dias Cabral, que serviu o Imperador Carlos V nas guerras de Napoleão, na companhia do grande capitão Gonçalo Fernandes de Córdova, que, pela sua muita valentia, o escolheu para, com mais dez espanhóis, entrar em combate com igual número de franceses. Pelos actos de valor que praticou deu-lhe o Imperador novas armas, que D. João III lhe confirmou em 22-VII-1530.

João Rodrigues de Sá, senhor de Matosinhos, nas suas coplas, não se esqueceu dos Cabrais, escrevendo a seu respeito, as seguintes:

*De purpura celestial
sobre prata muy lüzente
a jeração muy valente
que delas se diz Cabral
traz sem outro deferente.*

*E pera questas aponte,
escrito trazem na fronte
seu esforço, & lealdade
naquella grão lyberdade
de castello de Belmonte.*

Aludem os últimos versos à prerrogativa que tiveram de, pela sua muita lealdade, não prestarem menagem da alcaidaria. Igualmente D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, os cantou nesta quintilha:

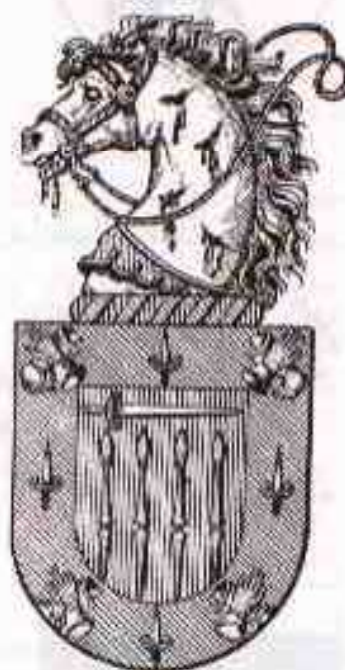


Cabral

*De Belmonte a liberdade
foi proeza dos Cabraes:
a Índia dos outros taes
Napoles dirá a verdade
porque lá deram sinaes.*

As armas que usam os desta linhagem são: De prata, com duas cabras de púrpura, uma sobre a outra. Timbre: uma das cabras.

As que o Imperador Carlos V deu a Jorge Dias Cabral e competem aos seus descendentes são: De vermelho, com quatro lanças de ouro,



Cabral, de Jorge Dias

hasteadas do mesmo, alinhadas em faixa e acompanhadas, em chefe, por um estoque de prata, quarnecido de ouro e prata em faixa; bordadura cosida de verde, carregada de quatro manoplas e coxotes de prata, acantonados e de quatro adagas de prata, guarnecidas de negro, postas no alto, no baixo e nos flancos. Timbre: pescoço e cabeça de cavalo de prata, enfreado de vermelho, com quatro feridas do mesmo e a boca gotejante de sangue.

CABREIRA. Família da Galiza descendente dos senhores de Cabreira. Os que actualmente existem em Portugal provêm de Antão Cabreira, fidalgo castelhano que veio homiziado e cuja naturalidade parece ser Córdova, posto que haja quem diga ter nascido em Beja. Casou em Olivença no ano de 1473 com Brites Lobo da Gama, filha de Tomé Lobo e de Leonor da Gama, e deixou geração, que se espalhou pelo Alentejo. Pelas provanças que se foram tirar a Córdova para seu neto Antão Cabreira Lobo ser cava-leiro da Ordem de Malta, se averiguou proceder aquele primeiro Antão Cabreira dos senhores de Cabreira.

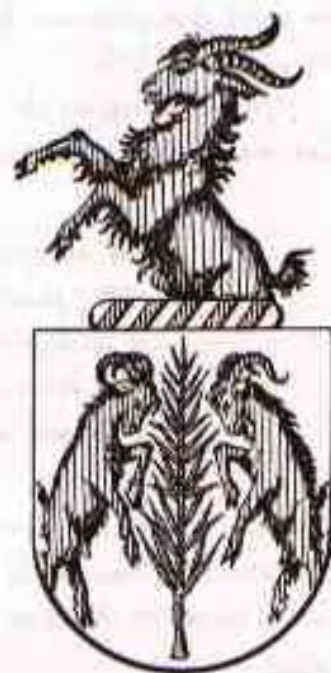


Cabreira

Anteriormente a este, veio para Portugal Pedro Cabreira, o qual dei-xou descendência, que também se manteve no Alentejo. O apelido em Espanha é *Cabrera*.

As armas que competem a esta família são: De prata, com duas cabras de negro, gotadas de ouro, uma sobre a outra. Timbre: uma cabra do escudo.

CABRITA. Família cuja origem se desconhece. As suas armas são: De prata, com uma palma de verde posta em pala, sustida por duas cabras rompantes de vermelho, afrontadas, picadas de negro. Timbre: uma cabra do escudo, sainte.



Cabrita

CACENA. Família genovesa da qual passou a Portugal Lucas de Cacena, filho de Bartolomeu de Cacena e neto de António de Cacena, fidalgo do tronco desta geração, que na Itália se chama *Cassano*. Lucas de Cacena estabeleceu-se na ilha Terceira e registou as suas armas, de que obteve carta concedida por D. João III em 22-VII-1530.



Cacena

As armas usadas pelos deste apelido são: De ouro, com três faixas de negro e um crescente de vermelho ao meio do chefe. Timbre: um leopardo sainte de ouro, carregado de um crescente de vermelho no peito.

CÁCERES. Provêm os deste apelido de Cáceres, em Castela, donde passaram diversas vezes a Portugal. Gonçalo Martins de Cáceres, filho de Gonçalo de Cáceres, mora-dor em Castela, e de sua mulher D. N... de Andrade, foi um dos fidalgos que tomaram o partido do Rei D. Pedro, o Cruel, contra o Conde de Trastámara, D. Henrique, pelo

que, vencendo este, se passou a Portugal, onde serviu D. Fernando, de quem foi vassalo e cavaleiro de sua casa. O mesmo soberano lhe deu Sarzedas, Póvoa e Meadas com toda a jurisdição civil e crime, mero e misto império, por Carta de 8 de Julho do ano de 1371, e os almoxarifados de Elvas e Campo Maior, por Carta de 20-VI-1373, os direitos da vila de Elvas, por Carta de 3-VIII-1373, e os quartos da mesma vila, com obrigação de o servir com dez lanças, por Carta de 25-IX-1372, ano em que nela vivia. Foi casado com D. Maria de la Penha, filha de João de la Penha, de quem houve geração, que não ficou em Portugal. Quando o Rei D. Henrique II morreu, Gonçalo Martins de Cáceres voltou para Castela e foi vassalo do Rei D. João I deste reino. Seu sétimo neto, D. Álvaro de Ulhoa e Monroy, serviu contra Portugal, nas guerras da Aclamação, e morreu prisioneiro em Lisboa.

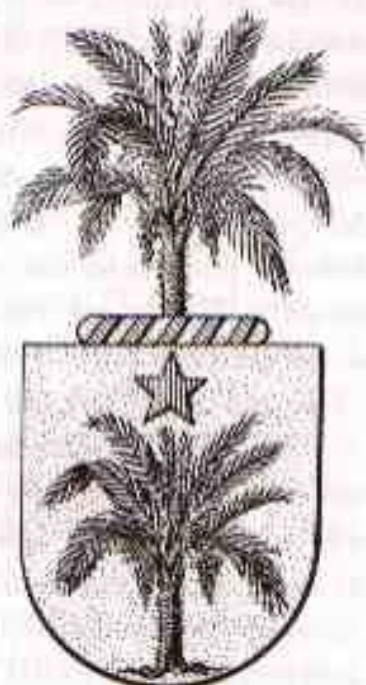
Pelo mesmo motivo que passara a Portugal Gonçalo Martins de Cáceres, também seu irmão Álvaro Mendes de Cáceres veio desterrado. O Rei D. Fernando lhe fez mercê, de juro e herdade, dos julgados de Algodres e Fornos com todas as suas rendas, alta e baixa jurisdição, exceptuadas a apelação, o crime e a correição, por Carta de 3-I-1372. Pelos muitos serviços feitos ao soberano lhe deu este, por Carta de 23 de Fevereiro do mesmo ano, o julgado de Penaverde com jurisdição, mero e misto império, salvo as apelações. A 25 de Junho de 1374 houve mercê régia do castelo de Sortelha e a

28-IX-1377 as Sarzedas e Meadas, de juro, com todos os seus direitos e rendas, e a Póvoa, as quais haviam sido de Gonçalo Martins de Cáceres, seu irmão, restituído a Castela. Como, por morte do Rei D. Fernando, Álvaro Mendes de Cáceres voltou para a sua pátria, D. João I de Portugal deu todos os bens móveis e de raiz que ele tinha neste Reino a João Lourenço Ferreira. Deste Álvaro Mendes de Cáceres ficou descendência em Portugal, que possuiu os senhorios de Algodres e de Fornos.

Também no reinado de D. Fernando veio fugido a Henrique II de Castela Afonso Pires de Cáceres, que viveu em Estremoz. O soberano lhe confiscou os bens móveis e de raiz que tinha na vila, por haver praticado crimes em seu desserviço, e os deu, por Carta de 29-VIII-1369, a Rui Castelo, comendador de Alcântara.

Álvaro Gonçalves de Cáceres, cronista-mor de D. Afonso V, teve Carta de brasão de armas por mercê nova de 23-VI-1459.

As armas que lhe concederam são: De ouro, com uma palmeira de verde, frutada de sua cor, e uma estreia de vermelho no meio do chefe. Timbre: a palmeira do escudo.



Cáceres

CAIADO. De origem espanhola, passaram os Caiados a Portugal já unidos aos Gamboas, pelo que não se sabe a qual dos apelidos correspondem as armas que lhes atribuem ou se elas são comuns a ambos. Lopo Sanches de Gamboa, senhor da casa de Olaço, na jurisdição da vila de Guimbar e província de Guipúzcoa, filho de Rui Peres de Gamboa, viveu na Biscaia, foi governador e alcaide-mor da vila de Gustaria, que, durante sete anos,

defendeu, servindo o Rei de Castela D. Pedro, o *Cruel*, contra D. Henrique II, motivo por que teve de vir para Portugal quando este último ficou vencedor. Embarcou-se com sua mulher e filhos, dirigindo-se a Lisboa, onde fixou residência na freguesia de Nossa Senhora dos Mártires, e onde fez casas, no sítio em que no século XVIII estavam as dos Condes da Ribeira. Casou com D. Sancha de Cayara, senhora da casa de Atalaia, na província de Guipúzcoa, por amores, quando estava na Corte do Rei D. Afonso de Aragão. Alguns autores dizem que da deturpação que o apelido desta senhora sofreu em Portugal se originou o de Caiado, explicação pouco verosímil. Foram ambos enterrados no mosteiro de S. Francisco da Cidade, em cuja campa estavam as suas armas. Deixaram diversos filhos, um dos quais, Nuno Caiado de Gamboa, em tempo de D. Manuel requereu Carta de brasão de armas, que se lhe passou a 2-VII-1506, para o que pediu se mandasse tirar inquirição de sua nobreza, o que se fez em Espanha.

As armas dos Caiados de Gamboa são: De vermelho, com um elmo de prata posto de frente, guarnecido de ouro e sustido por um lobo de sua cor e um galgo de prata, coleirado de ouro, ambos rampantes e afrontados; chefe cosido de verde, carregado de três folhas de gólfão, cosidas de azul. Timbre: um lobo passante de negro, lampassado de vermelho.



Caiado de Gamboa

CAINHO. Desconhece-se a origem desta família, sabendo-se da sua existência apenas pelos livros de armaria. Talvez o apelido ande deturpado e seja o de Chainho, que teve certo relevo no século XVI.

As armas atribuídas aos Cainhos são: De prata, com seis coticas de vermelho.



Cainho

CALAÇA. Ignora-se o princípio desta família, que já existia no tempo de D. João I. Um N... Calaça, morador em Elvas, é o mais antigo que se conhece. Viveu nos reinados de D. João I, D. Duarte e D. Afonso V,

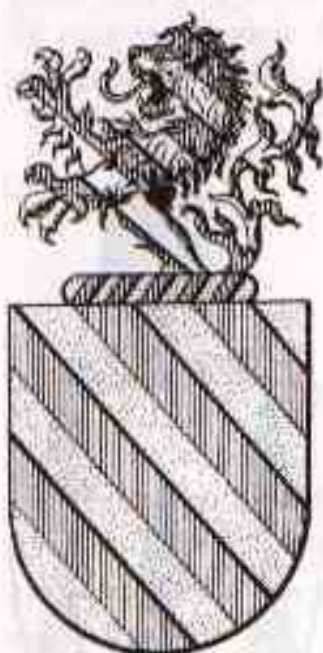
e foi sepultado na igreja de Santa Maria da Alcáçova, em grande túmulo de pedra, metido num arco, à cabeceira duma das naves, junto da pia baptismal, túmulo este que nos meados do século XVII se encontrava todo caiado, de maneira que não se percebiam inscrições nem armas. Rui Calaça, seu filho, mandou, por disposição testamentária, que se consertasse o túmulo, o que parece demonstrar que já seria então muito antigo. Este N... Calaça foi casado, mas não se sabe o nome de sua mulher, de quem houve diversos filhos, prolongadores do apelido. Os Calaças foram dos primeiros povoadores da ilha de S. Miguel.



Calaça

Tem esta família por armas: De prata, com um leão de azul, armado e lampassado de vermelho. Timbre: o leão sainte.

CALADO. Desconhece-se a origem deste apelido, certamente principiado em alcunha. A pessoa mais antiga que com ele aparece é Lourenço Calado, vedor da Justiça e meirinho da Beira no reinado de D. Afonso VI, como se vê duma provisão do mesmo príncipe datada de 12-IV-1335. No tempo de D. Afonso V viveu Martim Calado, escudeiro da Casa Real, aio dum sobrinho do mesmo Rei, alcaide dos montes do termo de Lisboa, officio que cedeu ao Rei por 5400 reais brancos de tença anual, concedidos por Carta de 13-XI-1455, mais tarde cavaleiro da Casa do mesmo soberano e contador da comarca de Setúbal por Carta de 14-X-1465. Foi criado da Rainha D. Isabel, mãe de D. João II, cavaleiro da casa deste príncipe, do qual houve confirmação do officio de contador por Carta de Maio de 1486. Entre este Martim Calado e Lourenço Calado, primeiramente referido, nenhuma relação de parentesco se conhece ao certo, supondo-se, porém, um descendente do outro. Martim Calado casou e deixou geração que continuou o apelido.



Calado

As armas desta família, que alguns dizem proceder da dos Botelhos, são: De ouro, com quatro bandas de vermelho. Timbre: um leão sainte de ouro, carregado de quatro bandas de vermelho.

CALATAYUD. Família espanhola que procede de Rodrigo Sanches Zapata de Calatayud e de D. Iria Ximenes, pessoas de antiga nobreza, apelido tomado da cidade de Calatayud, no Reino de Aragão. Passou a Portugal ao serviço de D. Leonor, mulher do Rei D. Manuel, João de Calatayud, que casou neste reino com D. Constança Soares de Figueiroa, senhora castelhana que também veio com a mesma princesa no officio de camareira-menor. Deste matrimónio nasceram vários filhos que usaram o apelido de Calatayud, um dos quais foi porteiro-mor de D. Sebastião. Dos restantes só um passou a Castela, onde se recebeu e viveu, deixando geração.



Calatayud

As armas que usam são: De vermelho, com uma sapata xadrezada de prata e de negro; bordadura cosida do primeiro, carregada de oito esmaltes de ouro, cada escudete com uma banda de negro.

CALÇA. Família antiga do Alentejo, cuja origem se desconhece, sabendo-se, contudo, ser anterior a 1509, pois já figuram as suas armas no *Livro do Ameiro-mor*, concluído neste ano. No tempo de D. João II foi bispo de Ceuta D. Álvaro de Calça.



Calça

Usam por armas as seguintes: De azul, com nove vieiras de prata, postas 3, 3 e 3. Timbre: um chapéu de Romeiro, de azul, com a aba levantada à direita e carregada de uma vieira de prata.

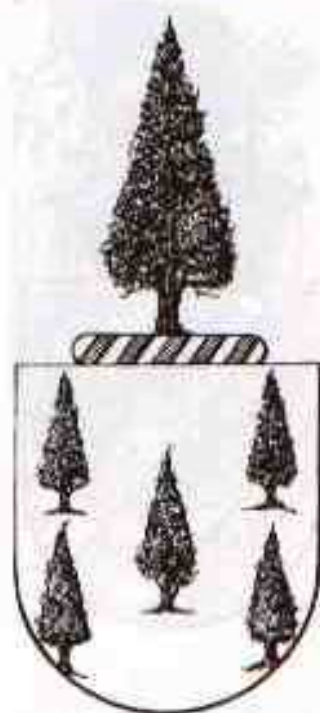
CALDAS. Procedem de D. Garcia Rodrigues de Caldas, rico-homem de pendão e caldeira, natural do Reino das Astúrias, que se diz ser da Casa dos senhores de Caldelas. Tomou partido contra D. Henrique, Conde de Trastámara, nas lutas havidas com seu irmão o Rei de Castela D. Pedro, o Cruel, pelo que, quando este foi vencido e aquele, com o nome de Henrique II, subiu ao trono, teve de fugir à sua vingança, vindo para Portugal na companhia de D. Fernão Anes de Lima, seu parente.

Recebeu-se com D. Leonor de Luís Gonçalves de Sousa e de sua mulher, D. Leonor de Magalhães, senhora que lhe levou em dote as quintas da Solda, Camposa e S. Martinho de Vascões, em Coura; a apresentação da igreja de Camposa, na vila dos Arcos, e de S. Martinho de Vascões; a quinta de Vila Verde e do Paço de Coura, na freguesia de Vascões.

Seus filhos continuaram o apelido.

Desta família e das suas armas dizia-se, como informa o Padre António Soares de Albergaria no primeiro terço do século XVII: «De Caldas nem armas nem almas».

As armas que usam os deste apelido são: De prata com cinco ciprestes de verde. Timbre: um cipreste do escudo.



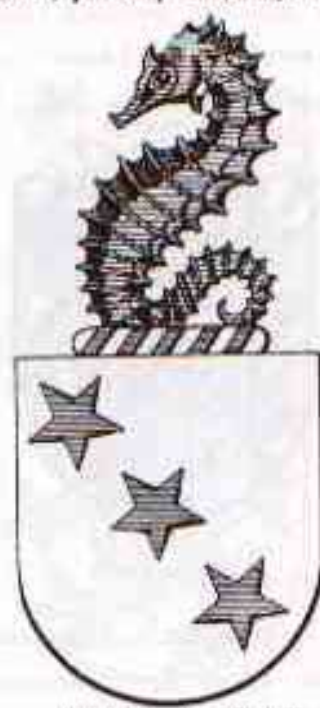
Caldas

CALDEIRA. Procede esta família de Gonçalo Rodrigues, o Roas, cavaleiro nobre que vivia na vila da Sertã nos reinados de D. Fernando e de D. João I, príncipe este que, devido ao valor demonstrado e à intercessão do Condestável, de quem Gonçalo Rodrigues era muito amigo, o fez capitão. Esteve Gonçalo Rodrigues, com este posto, na batalha de Aljubarrota, onde muito se notabilizou e aí tomou a bagagem aos castelhanos, nas quais se achavam um anjo de prata e um grande pedaço do Santo Lenho, que ofereceu, respectivamente, a D. João I e a D. Nuno Álvares Pereira. O Rei, por sua vez, deu o anjo à Colegiada de Guimarães, que o conduzia nas procissões das festas do Anjo.

Gonçalo Rodrigues apossou-se, também, duma notável caldeira de



Caldeira



Caldeira, de André Caldeira

bronze em que se cozião três ou quatro bois juntos, que se guarda no mosteiro de Alcobaça. Por haver tomado aos castelhanos esta caldeira, a qual se diz que com sua muita força levantou ao ar, e em remuneração dos grandes serviços prestados, lhe mandou o Rei que tomasse por apelido o de Caldeira, peça lembrada, igualmente, nas armas.

Gonçalo Rodrigues Caldeira foi notário e escrivão da câmara de D. João I, que o casou com D. Inês de Macedo, filha de Álvaro de Macedo e de sua mulher, Joana Ribeiro, de cujo matrimónio deixou filhos, havendo-os, também, ilegítimos, uns e outros continuadores do apelido.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, nas suas trovas escreveu acerca dos Caldeiras:

*Nessa batalha real
aos castelhanos tomou
a caldeira de metal
e desta a quem como tal
o tal nome lhe ficou.*

Trazem por armas: De azul, com banda de prata, carregada de três caldeiras de negra, acompanhada de duas flores-de-lis de ouro. Timbre: dois braços vestidos de azul, sustentando nas mãos uma caldeira do escudo, ou braço armado de prata, sustendo uma caldeira do escudo.

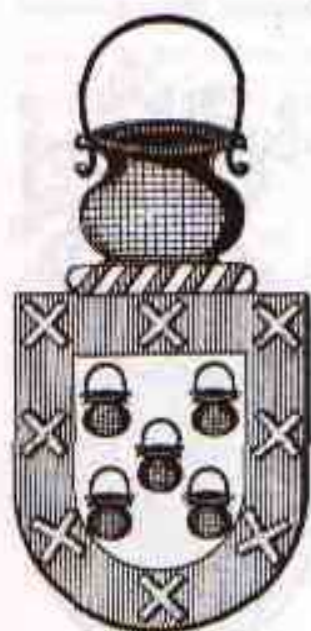
André Caldeira teve, por Carta de 20-VII-1599, armas novas, que são: De prata, com três estrelas de azul alinhadas em banda. Timbre: um cavalo marinho, sainte, de azul.

CALDEIRÃO. Família originária das Astúrias, donde veio André Caldeirão, que viveu em Lisboa, homem de grande negócio e cabedais, que adquiriu muitas fazendas. Deixou um filho, Manuel Caldeirão, que casou com D. Guiomar Caldeira, filha de Bento Rodrigues Caldeirão e de sua mulher, Leonor Caldeira, de quem deixou geração.

Não se sabe se este Bento Rodrigues Caldeirão era dos mesmos, mas apenas que foi irmão nobre da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, e que teve outros filhos além da mulher de André Caldeirão.

De Manuel Caldeirão e de sua mulher, D. Guiomar Caldeira, foi filho André Caldeira, que teve armas novas. Não se sabe ao certo a que apelido correspondem, mas, como os livros de armas as atribuem ao de Caldeira, nele se descrevem.

As armas dos Caldeirões, usadas em Portugal e Espanha, onde o apelido é *Calderon*, são: De prata, com cinco caldeiras de negro; bordadura de vermelho, carregada de oito aspas de ouro. Timbre: uma caldeira do escudo.



Caldeirão

CALHEIROS. Antiga família minhota que parece provir da dos Velhos. Vasco Fernandes de Calheiros, que viveu no reinado de D. Afonso III, tomou o apelido da quinta e torre

de Calheiros, na freguesia de Santa Eufémia de Calheiros, termo de Ponte do Lima, na qual viveu, sendo, pois, o Paço Vedro de Calheiros o seu solar.

O grande linhagista Manuel de Sousa da Silva escreveu, a propósito desta família, a seguinte quintilha:

*Esta torre de Calheiros
de Ponto do Lima perto
Em o tempo descoberto
que é solar dos Calheiros
A quem deve seu nome certo.*



Calheiros

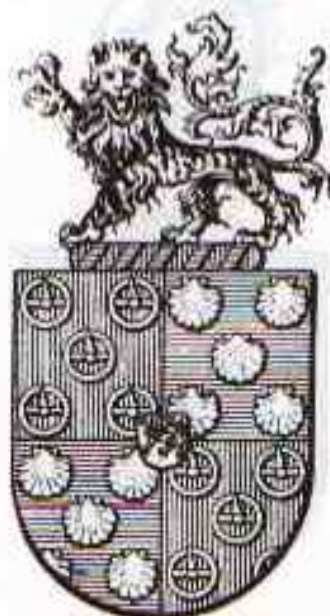
Os Calheiros trazem por armas: De azul, com cinco vieiras de prata realçadas de negro e acompanhadas de três estrelas de cinco pontas do mesmo, alinhadas em faixa no contracabeço. Timbre: dois bordões de romeiro de prata, passados em aspa, sustentendo uma vieira do escudo.

CALVO e CALVOS. Parece pertencerem a uma só família os dos apelidos Calvo e Calvos. No tempo de D. Dinis, Martim Mendes de Calvos possuía honrada a quinta de Calvos, na freguesia de Santa Maria de Gémeos, no Entre Douro e Minho, este talvez progenitor da linhagem e a referida quinta seu solar. Foi, naturalmente, seu descendente Afonso Vaz de Calvos, criado do Duque de Bragança D. Afonso I, que teve mercê de D. Afonso V, em 1454, de não ser obrigado a exercer nenhum ofício da ordenança do Porto, cidade onde vivia. Deixou geração que usou o mesmo apelido.

Entre as coplas de Manuel de Sousa da Silva encontra-se esta que lhes dedicou:

*Bem se vê junto do Douro
Em Pena longa estar
De Calvos esse lugar
Que é dos Calvos, sem agouro,
O mais antigo solar.*

Trazem por armas: Esquartelado: o primeiro e o quarto de vermelho, com cinco fivelas redondas de prata postas em sautor; o segundo e o terceiro de azul, com cinco vieiras de prata, também em sautor; escudete sobreposto de ouro, com um leopardo de sua cor. Timbre: o leopardo do escudo.



Calvo e Calvos

CAMACHO. Família andaluza de que passou um ramo a Portugal. Dinis Camacho, filho de outro do mesmo nome, viveu na vila da Sertã, onde serviu o officio de tabelião das notas e foi cavaleiro-fidalgo das Casas de D. Manuel I e D. João III. Casou com Iria Fernandes, filha de Simão Fernandes e de sua mulher, Isabel Anes, que era filha de João Afonso, possuidor de casas no terreiro das Mulatas, as quais depois foram do dito seu genro e filha. De sua mulher deixou Dinis Camacho vários filhos, que continuaram a geração e o apelido.

São as armas desta familia: De vermelho, com um castelo de prata, saindo de um



Camacho

mar do mesmo, aguado de azul e ladeado de dois pinheiros de verde, com pinhas de ouro, cada pinheiro encimado por uma estrela de oito pontas de ouro.

Outros Camachos portugueses usam as armas dos Camanhos.

CAMANHO. Família espanhola cujo apelido originário é *Camaño*.



Camanho

As armas pertencentes a esta familia são: De ouro, com três arruelas de vermelho, carregadas cada uma de três faixas de prata; bordadura de vermelho carregada de oito aspas de ouro.

Em Portugal alguns Camachos usam estas armas.

CÂMARA. Descende a familia dos Câmaras da dos Zarcos, antiga em Portugal. João Gonçalves Zarco, cavaleiro da Casa do Infante D. Henrique, que o armou cavaleiro na tomada de Ceuta, foi criado do Infante D. Fernando e o descobridor da Madeira, o que fez por ordem do Infante D. Henrique, que em recompensa lhe deu a capitania dela. Por ter desembarcado junto do Funchal, no sítio chamado Câmara de Lobos, lhe deu D. Afonso V, por Carta de 4-VII-1460, o apelido de Câmara de Lobos com armas novas, falantes. O apelido não se continuou na forma originária, mas somente na de Câmara.

João Gonçalves da Câmara de Lobos casou com Constança Rodrigues de Sá, filha de Rodrigo Anes de Sá e de Mécia Rodrigues do Avelar, de quem teve numerosa geração que levou o sangue e apelido dos Câmaras às mais illustres familias. João Rodrigues de Sá, seu parente, cantou os Câmaras na seguinte décima:

*Nuuma torre de menajem
dous lobos querem trepar
em campo cor dum pumar
que são armas da lynhajem,
muy dygna de nomear.*

*Camara he seu apelydo,
em Portugal muy sabido,
& na Ilha da Madeira
que sua vida primeyra
destes a tem recebido.*

Também o Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, os louvou na quintilha:

*Quem a ilha da Madeira
a Portugal ajuntou
Camaras de lobos tomou
por armas por ser para
a cousa que nele achou.*

Usam por armas: De negro, com uma torre de prata, assente num monte de verde, sustida por dois lobos rampantes de ouro. Timbre: um dos lobos passante.



Câmara de Lobos

Os Condes da Ribeira Grande, primeiro Condes de Vila Franca, trazem por armas: De verde, com uma torre coberta de prata, rematada por uma cruzeta de ouro, e sustida por dois lobos rampantes de sua cor afrontados. Usam por divisa: PELA FÉ, PELO PRÍNCIPE, PELA PÁTRIA.



Câmara dos Condes da Ribeira

A estas se referem os versos de João Rodrigues de Sá e não às verdadeiras, tal como as concedeu

D. Afonso V, pelo que a diferenciação das armas se deu antes do referido ano, legalmente autorizada ou não.

CAMELO. Provêm os Camelos da linhagem dos Cunhas, pois D. Martim Lourenço da Cunha teve de sua mulher, D. Sancha Garcia de Penha, diversos filhos, entre os quais D. Gonçalo Martins Camelo, casado com D. Teresa Anes de Portocarreiro, filho de João Pires de Portocarreiro e de sua mulher, D. Maior Anes, e Fernão Martins Camelo, casado com D. Ouroana Pereira, filha de Pedro Pires Velho e de D. Teresa Pires Pereira. Destes dois filhos houve geração, porém o apelido de Camelo, proveniente de alcunha, só continuou na de D. Gonçalo Martins.

D. João Ribeiro Gaio, Bispo de Malaca, escreveu os seguintes versos:

*D. Fernão Martins Camelo
foi primeiro assim chamado
com D. Viviana casado
para por merecelo
foi, foi mui afamado.*

E também Manuel de Sousa da Silva, insigne genealogista, deles se ocupou nesta quintilha:

Os Camelos esforçados
Sempre foram moradores
de Bayão hoje senhores
Tresentos anos passados
Até aqui seus sucessores.

São suas armas as seguintes: De prata, com três vieiras de azul, realçadas de ouro. Timbre: uma cabeça e pescoço de camelo, de sua cor.



Camelo

Lopo Rodrigues Camelo, escrivão da Câmara de D. Sebastião e da Câmara do Mestrado da Ordem de Cristo, vindo, na companhia do referido Príncipe, de Odemira para Coimbra, no dia de S. Simão de 1570, ao atravessar uma ribeira, esteve em risco de perecer se não fora o Rei, que lhe acudiu, pegando-lhe por uma das mãos. D. Sebastião, querendo remunerar-lhe os serviços, lhe deu armas novas, alusivas ao mencionado facto, por Carta de 10-III-1576, as quais são: De verde, com uma ribeira onçada de prata, aguada de azul, e dois braços, com as mãos dadas, um vestido de ouro, com a letra REY de negro, movente do



Camelo, de Lopo Rodrigues Camelo

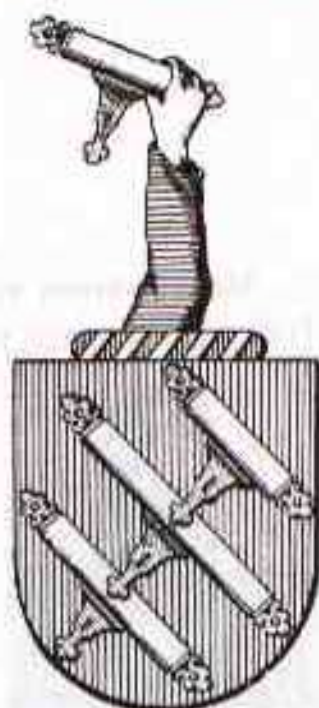
ângulo direito do chefe, o outro vestido de azul, sainte do bordo inferior da ribeira e brocante sobre ela; a ribeira acompanhada de uma estrela no cantão esquerdo do chefe, e de uma flor-de-lis do mesmo, no cantão direito da ponta. Timbre: um braço em pala, vestido de azul, elevando uma estrela de ouro.

CAMINHA. Família antiga que descende de D. Nodinho, ilustre e valoroso cavaleiro, que viveu no tempo de D. Fernando, o Magno, na terra de Neiva, da qual deve ter sido um dos primeiros povoadores. Do seu casamento nasceu Paio Nodins, sucessor da casa paterna. Viveu no reinado de D. Afonso VI e foi seu filho Paio Pais Caminha, chamado pelo Conde D. Pedro Paio Caminhão, o qual viveu em tempo do Conde D. Henrique, sucedeu na casa de seu pai e fundou o mosteiro de S. João de Neiva, no ano de 1100, dando-lhe a maior parte das fazendas que possuía na terra de Neiva. Do seu casamento nasceu Gonçalo Pais Caminha, por alcunha o Sapo, que fez uma torre distante uma légua de Caminha, chamada a Torre de D. Sapo. Foi morto por Nuno Soares Velho e deixou geração.

Fernão Caminha, que se supõe descendente de Paio Pais Caminha, vivia na Galiza, mas, tomando o partido de D. Fernando de Portugal contra D. Henrique, o *Bastardo*, de Castela, se passou com os filhos em 1367 para o Reino daquele soberano, que em prémio dos seus serviços-lhe deu o senhorio das terras de Santo Estêvão de Geraz. Casou na Galiza, deixando geração que seguiu o apelido. O erudito linhagista Manuel de Sousa da Silva dedicou-lhe a seguinte quintilha:

*Os Caminhas, de Caminha
Devem certo proceder,
Para o Porto vem viver
Donde foram mui azinha
A Villa Viçosa ter.*

Os deste apelido trazem por armas: De vermelho com três trancas de prata, ferradas de ouro, postas em banda e alinhadas em barra, cada tranca guarnecida de uma aldraba do mesmo, pela qual está ligada a do alto à do meio, a do meio à de baixo e esta ao ângulo direito da ponta. Timbre: um braço vestido de azul, empunhando uma tranca do escudo.



Caminha

CAMISÃO. Família originária da Andaluzia. Cristóvão Gomes Camisão, natural de Xerez de la Frontera, passou a Portugal, onde deixou geração. Diogo de Urbina, rei de armas de Castela, passou-lhe Carta de brasão em Madrid, a 14-VIII-1612, na qual se refere à família Camisão, cujas armas, baseando-se neste documento, os reis de armas portugueses concederam a seus descendentes, tais como seguem: De vermelho, com uma camisa de armas de prata; bordadura cosida de azul, carregada de oito estrelas de ouro.



Camisão

CAMÕES. Família galega de que o primeiro que viveu em Portugal foi Vasco Peres de Camões, que veio servir o Rei D. Fernando, cujo partido tomara nas pretensões que teve à Coroa de Castela contra D. Henrique, o *Bastardo*. D. Fernando lhe deu, por tal motivo, as alcaidarias-mores de Portalegre e Alenquer, diversas vilas e as herdades e terras que sua irmã, a Infanta D. Beatriz, possuía em Estremoz, perdendo quase tudo por seguir o Rei de Castela D. João I, quando quis apossar-se da Coroa portuguesa. Na batalha de Aljubarrota, onde se encontrava com seu primo Aires Pires de Camões, que também viera para Portugal em serviço de D. Fernando, ficou prisioneiro e este morto. Do seu



Camões

matrimónio com D. Mariana Tenreiro, filha de Gonçalo Tenreiro, capitão-mor da armada de Portugal em tempo de D. Fernando, e de Maria Fernandes, teve diversos filhos por quem se continuou o apelido de Camões.

As suas armas são: De verde, com uma serpe de ouro, sainte em pala de entre dois penhascos de prata. Timbre: a serpe do escudo, sainte.

CAMPELO. Provém esta família da dos Moraes. Martim Gonçalves de Moraes, quinto padroeiro do capítulo de S. Francisco e senhor das honras de Vinhais e Alagoas, assim como dos seus padroados. Foi casado com D. Lourença ou Constança Lourenço de Távora, filha de Lourenço Pires de Távora, senhor do Mogadouro, e de Guiomar Rodrigues, de cujo matrimónio nasceu, entre outros, Lourenço Martins de Moraes, que se casou com D. Domingas Anes, do concelho de Baião, filha de João de..., senhor da quinta da Quelha, na freguesia de S. João de Ovil.

Este Lourenço Martins de Moraes teve de sua mulher a João Lourenço de Moraes, que sucedeu na casa paterna, foi senhor da quinta da Quelha, onde viveu, e teve grande casa na freguesia de S. Bartolomeu de Campelo. Casou e houve a Lourenço Anes de Moraes Campelo, chamado mais vulgarmente Lourenço Anes Campelo ou só Lourenço Campelo, pelo lugar em que morava, e teve o senhorio da quinta da Quelha. Casou e houve vários filhos, contemporâneos dos Reis D. Afonso V e D. João II, os quais seguiram o apelido de Campelo, que transmitiram à geração.

Por esta ascendência de Moraes alguns usam as armas dos Moraes, visto não as haver próprias do apelido Campelo. Outros, porém, trazem as dos Campos, de Gonçalo Vaz de Campos, de quem não provém, mas por incompetência dos reis de armas que em várias Cartas de brasão da segunda metade do século XVIII lhas concederam.

CAMPO. São de origem espanhola os do apelido «do Campo», que se transformou «de Campos», nos últimos séculos. Os que se ligaram aos Coelho, dando os Coelho do Campo, provém do casamento de Gonçalo Pires Coelho, que esteve no cerco de Guimarães com Aires Gomes da Silva, em tempo de D. João I, para cujo serviço passou, pelo que o mesmo Príncipe lhe deu os senhorios de Felgueiras, Vieira e Lousada e a quinta de Almança, coutando-lhe o couto de Canelas no ano de 1385, tudo de juro e herdade, o qual se recebeu com D. Brites ou Isabel do Campo, natural de Castela, senhora de Sobradilho, junto de Ciudad Rodrigo.

Gonçalo Pires Coelho era filho de Pedro Coelho, cavaleiro muito esforçado e senhor

de muitos vassallos, morto por ordem de D. Pedro I, em virtude de ser culpado na morte de D. Inês de Castro, e de sua mulher, D. Aldonça Vasques Pereira. Do casamento de Gonçalo Pires Coelho e de D. Brites ou Isabel do Campo nasceu pelo menos um filho, Luís Coelho do Campo, de quem proveio larga descendência.



Campo



Campo (outros)

As armas pertencentes a este apelido, que em Espanha tem a forma de Ocampo, são: De prata, com cinco pontos de arminho de negro, postos em sautor; bordadura de vermelho, carregada de oito aspas de ouro.

Outros, também espanhóis, com a forma originária de Ocampo, trazem: Xadrezado de verde e de prata, de três peças em faixa e quatro em pala

CAMPOS. Há em Portugal, pelo menos, duas linhagens de Campos: uma portuguesa e outra espanhola (v. *Campo*). Dos Campos portugueses o mais antigo que se conhece é Martim de Campos, que vivia em Entre Douro e Minho no tempo de D. Afonso III e foi senhor do casal do Cortinal Grande e de mais bens na freguesia de Sant'Iago de Atães, termo da vila do Prado, comarca de Viana do Castelo, como se verifica das Inquirições que o mesmo Príncipe mandou fazer. Deste Martim de Campos ficou geração do seu apelido.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, escreveu dos Campos, a quem atribuía por ascendente o Conde D. Ramiro de Campos, um dos maiores, se não o maior, dos senhores de Espanha no seu tempo, a seguinte quintilha:

*Deste Ramiro afamado
de Campos conde e senhor
vem os Campos, cujo honor
lhe deu brazão sublimado
digno de todo o louvor.*



Campos

D. Afonso V, por Carta de 11-V-1465, concedeu a Gonçalo Vaz de Campos, escudeiro e criado do prior da Ordem de S. João, D. Frei Vasco de Ataíde, e alcaide da vila do Crato pelo mesmo prior, por serviços que o referido Gonçalo Vaz prestara na tomada de Alcácer, em África, armas de mercê nova, assim como seguem: De azul, com três cabeças de leão, de ouro, cortadas, ensanguentadas e lampassadas de vermelho. Timbre: uma cabeça de leão do escudo.

CANELAS. Dizem alguns autores que os deste apelido descendem de Fernão Martins de Almeida, que comprou a quinta de Canelas, que ficou a sua filha D. Mor ou Maria Fernandes de Almeida, também chamada D. Maria Canelas, a qual se recebeu com Martim Soares de Baguim, senhor da quinta de Baguim do Monte, freguesia de Rio Tinto, no concelho de Gondomar, filho de D. Sociro Peres e neto de D. Pedro Pais, alferes-mor de D. Afonso Henriques, de cujo matrimónio deixou descendência em que se continuou o senhorio de Canelas.

Manuel de Sousa da Silva, distinto genealogista, escreveu estes versos:

*Martim Sueiro Baguim
Que Rio Tinto morou
donde este nome tomou
O qual tambem outrosim
de Canellas se chamou.*

Também se diz que esta familia provém de João Pires Canelas, cidadão de Lisboa.

Tem por armas: Franchado: o primeiro e o quarto de prata, com uma flor-de-lis de azul; o segundo e o terceiro de verde, com um escudete de prata, carregado de cinco verguetas de vermelho. Timbre: um grifo sainte de azul, armado e lampasado de prata, com um escudete das armas pendente do bico por uma fita de verde.



Canelas

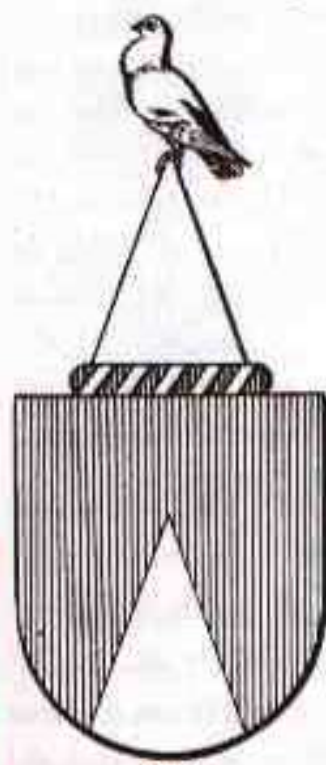
CANTO. Familia que os genealogistas pretendem ser de origem inglesa, a qual passou à Galiza nas pessoas de João de Kant e de seus filhos, cujos descendentes vieram para Portugal, de onde foram para a ilha Terceira.

Pedro Anes do Canto, filho de João Anes do Canto e de sua mulher, Francisca da Silva, neto paterno de Vasco Fernandes do Canto e de sua mulher e bisneto de João Fernandes de Souto Maior e de sua mulher, Maria do Canto, viveu na Terceira e foi o primeiro provedor das suas armadas. Fidalgo da Casa de D. João III, a quem serviu no segundo cerco de Arzila, estando cercada pelo Rei de Fez e com a praia ocupada por muitas bombardas, praça que foi dos primeiros a socorrer com um navio armado, em que

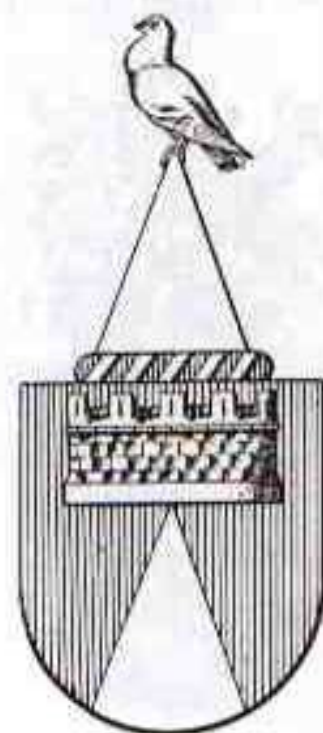
levou muita gente, que com grande perigo desembarcou. Defendeu com a sua companhia o baluarte que o Conde D. Vasco lhe encarregou, até chegada de mais socorro, feitos estes que o dito Rei remunerou, concedendo-lhe acrescentamento das suas armas, por Carta de 28 de Janeiro de 1539.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, occupou-se dos Cantos nos versos que seguem:

*De Guimarães naturaes
são estes Cantos honrados
agora são principaes
com os Silvas misturados
e ricos não os ha mais.*



Canto



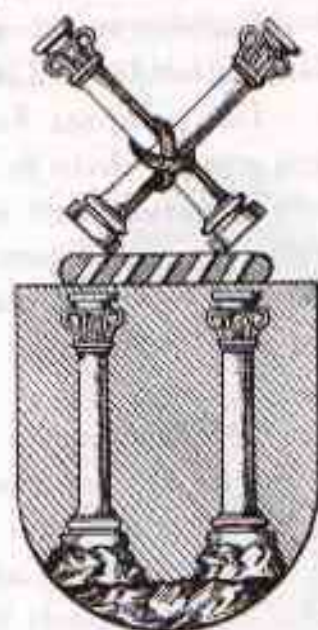
Canto, de Pedro Anes

As armas pertencentes a esta linhagem são: De vermelho, canto de prata em forma de ponta diminuída. Timbre: o canto do escudo rematado por um pombo branco.

As acrescentadas a Pedro Anes do Canto são: De vermelho, com um baluarte de prata, lavrado de negro, com quatro bombardas de sua cor, entre as ameias, e sustido por uma ponta de prata. Timbre: o dos Cantos.

CÃO. Família cuja origem se desconhece, sabendo-se apenas que no reinado de D. João I já existia, pois nele viveu Gonçalo Cão. O apelido deve provir de alcunha, como o mostra a falta de preposição. Ilustrou-se esta família, sobretudo, com Diogo Cão, escudeiro e depois cavaleiro da Casa do Infante D. Henrique, que fez por mandado de D. João II duas viagens de descobrimento à costa de África, em 1482 e 1484, o qual teve mercê de armas novas por Carta de 14-IV-1484.

As armas que lhe foram concedidas são: De verde, com duas colunas de prata, rematadas cada uma por uma cruz de azul e firmadas sobre dois montes, moventes de um terreiro, tudo de sua cor. Timbre: as duas colunas do escudo passadas em aspa e atadas de verde.

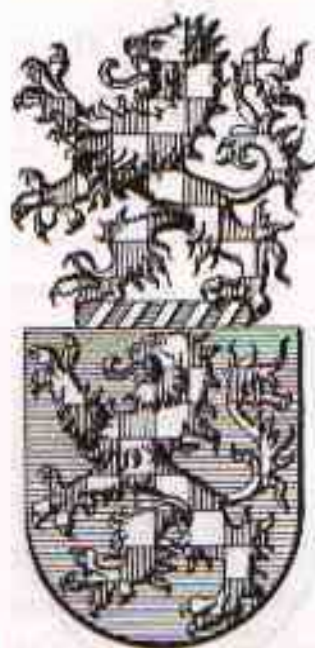


Cão

CÁRCAMO. Família muito antiga de Espanha, cujo solar é nas Astúrias. O primeiro que se conhece do apelido é Afonso Cárcamo, senhor da vila de Quinçoces, no Reino de Leão, casado com D. Inígia Inígues, filha do Infante D. Inígo Arista e neta paterna de D. Garcia, Rei de Navarra, de cujo matrimónio proveio larga descendência, da qual, no século XVI, D. Diogo Inígues de Cárcamo, filho de D. Afonso de Cárcamo e de sua mulher, D. Luísa de Vargas, veio para Portugal com o Infante D. Luís, que o trouxe em agradecimento do modo por que

o trataram em Córdova seu pai e parentes. Este príncipe, por sua morte, o deixou recomendado ao senhor D. António, seu filho, de quem foi servidor e grande valido. Teve uma comenda na Ordem de Avis e casou com D. Antónia de Vilhena, viúva de D. Rodrigo Manuel de Figueiredo, filha de D. Pedro de Toar e de D. Brites de Miranda, de quem houve geração, continuadora do apelido.

As armas que esta família usa, tanto em Espanha como em Portugal, são: De azul, com um leão xadrezado de vermelho e de prata, lampassado do mesmo. Timbre: o leão do escudo.



Cárcamo

CÁRDENAS. Descendem os Cárdenas dos senhores de Biscaia, porquanto D. Sancho Lopes, filho de D. Lopo Lopes e de sua mulher, D. Maria Armengol, neto de D. Lopo Dias, senhor de Biscaia, e de sua mulher, D. Aldonça Rodrigues de



Cárdenas

Castro, teve o senhorio de Cárdenas, junto de Rioja, perto de Nájera, o qual D. Sancho foi pai de D. Rui Sanches de Cárdenas, que lhe sucedeu no senhorio e de quem provieram os deste apelido.

As armas que usam são as seguintes: De ouro, com dois lobos de sua cor, um sobre o outro; bordadura de vermelho, carregada de oito SS de ouro. Timbre: um lobo do escudo.

CARDI. Família originária de Florença, de onde passou a Portugal, no reinado de D. João III, Simeão Cardi, que na ilha da Madeira fundou casa e deixou geração.

As armas que lhe pertencem são:

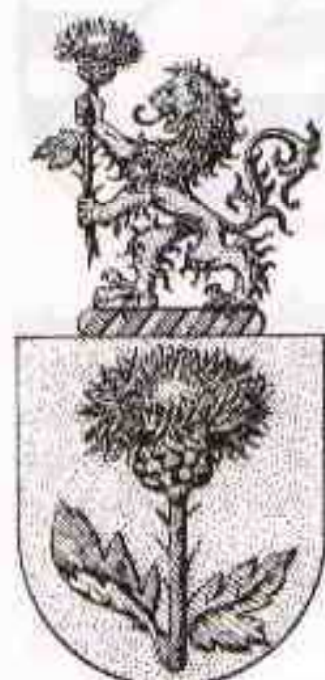
De prata, com três faixas de negro e chefe cosido de ouro, carregado de um crescente de vermelho. Diz-se que estas armas foram confirmadas em Portugal por Carta de 7-X-1530.



Cardi

CARDIM. Procede esta família de Inglaterra, de onde veio Rubel ou Roberto Cardim, que se supõe fizesse parte da comitiva da Rainha D. Filipa de Lancastre, mulher de D. João I. Casou em Portugal com Joana Fernandes, filha de António Fernandes Menage, como entende Diogo Rangel, de cujo matrimónio provieram os do apelido Cardim.

São suas armas as seguintes: De ouro, com um cardo florido de verde. Timbre: um leão de ouro com um cardo de verde nas garras.



Cardim

CARDOSO. Este apelido já existia no ano de 1170, mas só se conhece a sequência das gerações deste o tempo de D. Afonso III, com D. Hermigo Cardoso, que vivia em Lamego, o

qual, com João Pais Cardoso, depôs nas Inquirições que o mesmo soberano mandou tirar no Reino. Possuíram os Cardosos, por mercê de D. Fernando, a quinta do Cardoso, em S. Martinho de Mouros, com outros bens, em morgado. Foram senhores da honra de Cardoso e eram naturais do mosteiro de Mancelos.



Cardoso

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, occupou-se deles em uma das suas trovas, por esta forma:



Cardoso, de Pêro Cardoso

*Cavaleiros valorosos
foram estes cá na Hespanha,
de cardos, ditos Cardozos
brandos e mui maviosos
de linhagem de Alemanha.*

Usam as seguintes armas: De vermelho, com um cardo de verde, florido de duas peças de prata, uma sobre a outra, arrancado de ouro e sustido por dois leões afrontados do mesmo. Timbre: uma cabeça de leão de ouro, com um cardo de verde na boca.

Pêro Cardoso, pelos seus serviços, teve, em 1573, dadas por Rodolfo, que foi Rei da Hungria e depois Imperador, armas novas, que Filipe I lhe confirmou em 1580. São tais

como seguem: De azul, com um dragão de ouro, picado de verde, e um grifo, também de ouro, batalhantes. Timbre: o grifo do escudo, com a cabeça do dragão nas garras.

CARDUCHO. Família italiana que passou a Portugal, transformando o apelido originário — *Carducci*.

As suas armas são: Faixado de prata e de azul, com uma banda de ouro atravessante.



Carducho

CARI. Chamava-se esta família, no país de origem, a

Inglaterra, *Carey* ou *Cary*. No Reino Unido possui a família deste nome as casas de Lancerton, Cokington, Parc-Abley, Cloveli e outras das mais illustres. Na companhia da Rainha D. Catarina de Inglaterra, filha de D. João IV de Portugal, veio Sir John Cary, pai de D. António Carlos Cari, de quem descendem os do apelido, em Portugal.

As armas que usam são: De prata, com banda de negro, carregada de três rosas do campo, abotoadas de ouro. Timbre: um cisne de prata.



Cari

CARMONA. Procedem os Carmonas de Espanha e estão aparentados com os Freires de Andrade. Parece que passaram a Portugal diversas vezes, porém o ramo mais importante foi o que se fixou em Barcelos.

As armas que lhes pertencem são: De azul, com banda de ouro, abocada de duas cabeças de serpe de verde e acompanhada de duas flores-de-lis do segundo.



Carmona

Há quem atribua ao ramo de Barcelos o uso das seguintes armas: De azul, com uma águia estendida de ouro.



Carmona, de Barcelos

CARNEIRO. Várias origens se dão aos Carneiros: uns fazem-nos derivar dos Condes de Mouton, de França; outros que procedem de D. Lourenço Anes Carnes, de cujo ape-

lido se teria derivado o de Carneiro; outros ainda, que seriam de Espanha, pois já no século XII existia lá o apelido. Havia, porém, a serra de Carneiro, designação antiga de uma serra perto do Porto, e uma freguesia do mesmo nome, no antigo concelho de Gestação. O indivíduo mais antigo que se conhece com o apelido, mais provavelmente oriundo de alcunha, é Pedro Carneiro, senhor das terras de Valdevez no tempo do Conde D. Henrique, de quem procedeu a família.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, dedicou-lhes a seguinte quintilha:

*Estes portugueses são
de França e Caza Real
donde palica (sic) Montam
tão antiga geração
que deu nome a Portugal.*

Igualmente Manuel de Sousa da Silva deles se ocupou nestes versos:

*Dos que o Porto tomaram
Aos mouros, foi um Moutão
E ali teve geração
Que o seu nome mudaram
Em Carneiros que hoje são.*

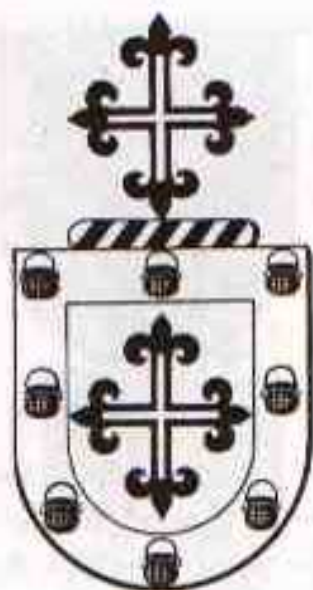
O bispo de Malaca, ao tratar dos de Pedro de Alcáçova, escreveu:

*Estes com os de Moutam
Portugales verdadeiros
nam teram nenhum primeiro
assí só de sangue sam
antigo, nobre e guerreiro.*



Carneiro

As armas dos Carneiros são: De vermelho, com banda de azul, perfilada de ouro, carregada de três flores-de-lis do mesmo e acompanhada de dois carneiros de prata, armados de ouro. Timbre: um dos carneiros do escudo.



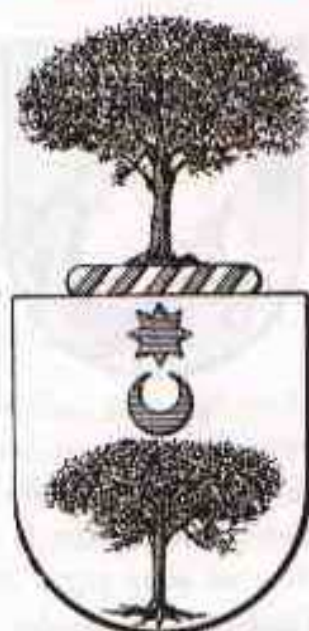
CARO

CARO. Família de que se desconhece a origem.

Usa por armas as seguintes: De prata, com uma cruz florenciada de negro e vazia do campo; bordadura cosida de prata, carregada de oito caldeiras de negro. Timbre: a cruz do escudo.

CARRASCO. Família da Andaluzia que passou a Moura.

Trazem por armas os deste apelido: De prata, com um carrasco de verde, encimado por um crescente



CARRASCO

e uma estrela de oito raios de azul, esta sobre aquele. Timbre: o carrasco do escudo.

CARREGOSA. Ignora-se a proveniência desta família, a quem se atribuem as seguintes armas: De vermelho, com um leão de ouro deitado entre quatro ramos de cardos do mesmo; bordadura cosida do campo carregada de oito aspas de ouro.

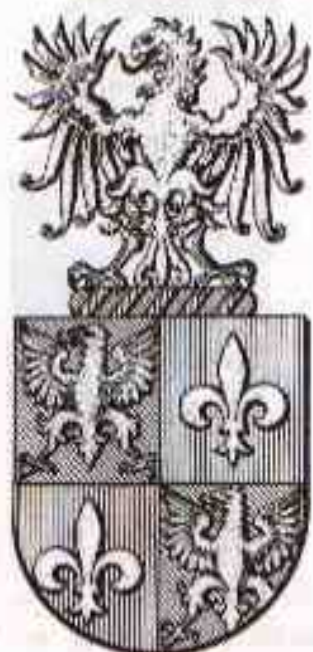


Carregosa

CARREGUEIRO. Ignoram-se os princípios desta família, sabendo-se apenas que já no tempo de D. Afonso II vivia Vasco Afonso Carregueiro. Só no reinado de D. Afonso IV começa a história dos Carregueiros com Rodrigues Anes Carregueiro, que no ano de 1347 instituiu

uma capela da invocação de S. Dinis em S. Domingos de Lisboa, na qual applicou muitos bens, entre os quais o casal de Carregueiro, no termo de Belém. Casou-se com Clara Garcia, de quem teve vários filhos, pelos quais se continuou o apelido.

Trazem por armas: Esquartelado: o primeiro e o quarto de verde, com uma águia estendida de ouro, armada e lampassada de vermelho; o segundo e o terceiro de vermelho, com uma flor-de-lis de ouro. Timbre: a águia do escudo.



Carregueiro



Carreira

CARREIRA. Alguns autores dizem que esta família veio de Espanha;

porém, neste país não se encontram as armas que usa em Portugal, as quais são: De verde, com seis burelas onçadas de prata; bordadura do mesmo, carregada de sete gaviões de negro, cada um deles carregado no peito de uma letra de ouro, formando a palavra *Requiem*.

CARREIRO. Dizem alguns genealogistas que os Carreiros procedem de Itália, ao passo que outros afirmam que a sua origem é portuguesa. Usam os deste apelido dois escudos de armas, o primeiro que abaixo se descreve igual ao dos Pinas, da cidade da Guarda, apenas diferenciado nos esmaltes; o segundo idêntico ao dos Pinas da cidade de Évora, diferindo somente em ter um castelo em lugar de torre. Tal semelhança de armas com as dos Pinas faz suspeitar que provenham desta família os Carreiros ou que dela recebessem sangue, pelo que adoptassem as suas armas.



Carreiro

Usam uns: De prata, com banda de azul carregada dum leão de ouro, acompanhada de dois pinheiros de verde, arrancados e frutados de ouro. Timbre: o leão do escudo sainte.

Outros trazem: De vermelho, com um castelo de prata, sobre uma rocha do mesmo.



Carreiro (outros)

CARRETEIRO. Família de origem desconhecida e sem armas próprias. Usa as armas dos Carreiros, primeiramente descritas.

CARRIÇO. Desconhecem-se quaisquer circunstâncias históricas referentes a esta família. Dão-lhe, porém, armas próprias, falantes, que são: De prata, com três carriços de verde, saindo dum rio de azul, em ponta.



Carriço

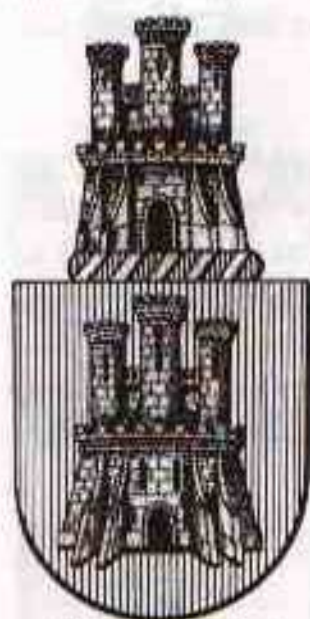
CARRILHO. São muito antigos os Carrilhos, pois já no ano de 1140 vivia em Espanha Rui Dias Carrillo, que teve geração, continuadora do apelido. Gonçalo Carrilho, fidalgo principal de Castela, passou a Castelo

de Vide, onde fez assento e teve por filho Gonçalo Fernandes Carrilho, de quem descendem os Carrilhos portugueses. Também há sangue dos Carrilhos nos descendentes de Pedro Vaz de Melo, por D. Catarina Carrillo, senhora castelhana, de quem este teve filhos ilegítimos.



Carrilho

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, escreveu dos Carrilhos os seguintes versos:

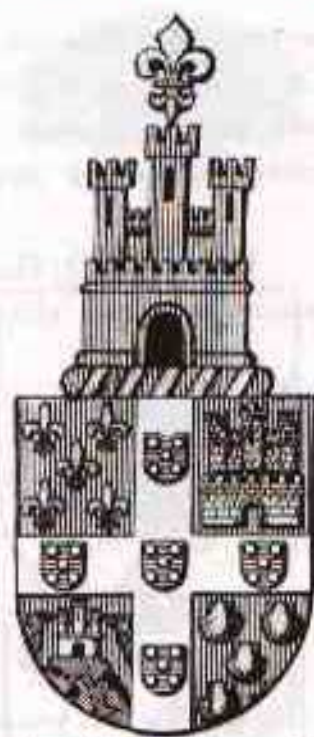


Carrilho (outros)

*De esse Rodrigo Afonso
Carrilho tão nomeado,
nos altos montes gerado
onde se fala vasconço
foi este escudo honrado.*

São suas armas: De azul, com cinco flores-de-lis de ouro, postas em sautor. Timbre: uma raposa passante de ouro, armada de azul.

Outros usam as que seguem, comuns a Espanha e Portugal: De vermelho, com um castelo de ouro. Timbre: o castelo do escudo.



Carrilho, de Gaspar Gil

Os descendentes de Gaspar Gil Carrilho trazem por armas: Esquartelado: o primeiro de vermelho, com cinco flores-de-lis de ouro (*Albuquerque antigo*); o segundo de vermelho, com um castelo de ouro (*Carrilho*); o terceiro de vermelho, com um castelo de prata, sobre uma serra de verde, o castelo ladeado de duas cabeças de serpe, do mesmo, afrontadas e moventes dos flancos (*Serra*); o quarto de vermelho, com cinco vicieiras de ouro, realçadas de negro (*Velho*); e, brocante sobre todo o esquartelado, carregado de cinco escudetes de azul, cada um com cinco besantes de prata, postos em sautor (que é de Afonso Sanches). Timbre: um castelo de vermelho, rematado por uma flor-de-lis de ouro. Foram concedidas por Carta de 20-XII-1567, de D. Sebastião.

CARVAJAL. Família de Espanha, da qual se conhece como mais antiga pessoa do apelido a Gonçalo de Carvajal, que alguns autores pretendem ser descendente de D. Bermudo II, Rei de Leão, por seu filho natural D. Gonçalo. Tomaram os desta família o apelido do lugar de Carvajal, junto da cidade de Leão, do qual tiveram o senhorio. O referido Gonçalo Gonçalves de Carvajal viveu no reinado de D. Afonso IX de Leão e foi pai de Diogo Gonçalves de Carvajal, que viveu na cidade de Palência e aí fundou, com seu filho Gonçalo Gil de Carvajal, o mosteiro de S. Marcos, de freiras da Ordem de S. Bernardo, onde se mandou sepultar. Morreu em 1253 e teve primogénito a Gonçalo Gil de Carvajal, fundador, com seu pai, do dito mosteiro. Sucedeu na casa paterna e no padroado do mosteiro. Deste, nasceu Álvaro Gil de Carvajal, filho segundo, que Salazar de Castro diz ter passado a Portugal depois de 1300 e muitos genealogistas fazem traçar dos Carvajais de Portugal (*N. Carvajal*).



Outras vezes vieram para Portugal pessoas do mesmo apelido, conservando os descendentes de algumas o apelido na forma originária.

As armas usadas pela família Carvajal são: De ouro, com banda de negro. Alguns acrescentam-lhe um ramo de carvalho, frutado de verde, posto em orla.

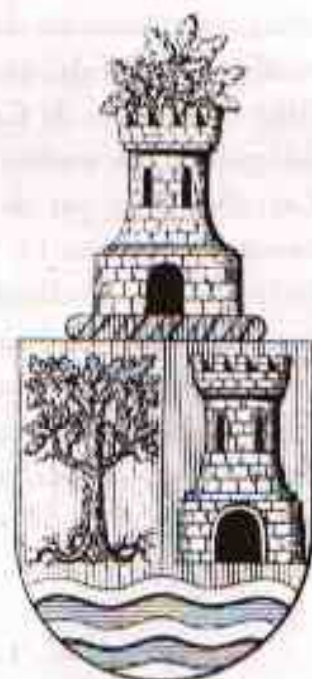
CARVALHAIS. V. *Carvalho*.

CARVALHAL. Se bem que esta família tenha apelido português, supõe-se que a sua origem é espanhola e que descende de Álvaro Gil de Carvajal, que passou a este Reino, segundo Salazar de Castro, depois de 1300. (V. *Carvajal*). Álvaro Gil de Carvajal foi senhor de Évora Monte e pai de Pedro Gonçalves do Carvalho, alcaide-mor de Almada, casado com D. Aldonça Rodrigues da Silva, filha de Martim Gomes da Silva, senhor da Casa de Silva, e de sua mulher, D. Teresa Garcia de Seabra, de cujo matrimónio nasceram Martim Gonçalves do Carvalho, que serviu D. João I nas lutas contra os Castelhanos e foi companheiro de seu sobrinho, o Condestável, nas suas empresas militares, e Iria Gonçalves do Carvalho, a santa matrona, mãe de heróicos varões, entre os quais se distingue, pelas suas virtudes e grande engenho guerreiro, D. Nuno Álvares Pereira, beatificado pela Igreja.

Desta linhagem descende, pois, não só parte das mais distintas famílias portuguesas mas a maioria das Casas reinantes europeias.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaió, nas suas quintilhas heráldico-genealógicas, refere-se a esta família da seguinte forma:

*São estes do Carvalho
da gente nobre e honrada
em Castela afamada
mas não já em Portugal
porque não tem lá pousada.*



Carvalho



Carvalho Benfeito

As armas que trazem os deste apelido são: Partido: o primeiro de vermelho, com um carvalho de verde; o segundo também de vermelho, com uma torre de prata, aberta, iluminada e lavrada de negro; o todo sustido por um contrachefe ondado de prata e azul. Timbre: a torre do escudo rematada por um ramo de verde.

Alguns ramos da família usam o apelido no plural, porém as armas dos Carvalhais são as mesmas atrás descritas.

Há também em Portugal uma família chamada Carvalho Benfeito, que tirou o seu apelido do lugar de igual nome, onde Diogo Fernandes, valoroso cavaleiro que muito se distinguiu

no cerco de Arzila, instituiu um morgado. Diogo Fernandes, que parece ter sido, também, conhecido por Diogo Fernandes de Beja, em virtude de ter vivido nesta cidade, era filho de Pedro Fernandes Vila Nova, que veio de Castela e se fixou em Moura, e irmão de Jerónimo Fernandes, pai de Pedro de Vila Nova e de mestre Manuel de Vila Boa, ambos com Cartas de armas novas dos seus apelidos. Diogo Fernandes do Carvalho Benfeito também recebeu mercê de armas novas por Carta de 27-IX-1537, em remuneração dos serviços prestados nas terras de além.

As armas são: De vermelho, com um castelo de prata, aberto, iluminado e lavrado de negro. Timbre: meio mouro, caído para diante, moribundo, vestido de malha, fofado, posto de perfil e atravessado por uma lança de prata, quebrada, hastçada de negro e ensanguentada, que lhe passa por baixo do braço esquerdo.

CARVALHAL BENFEITO. V. *Carvalhal*.

CARVALHO. Antiga família portuguesa que se supõe proceda de Bartolomeu Domingues, instituidor do morgado de Carvalho, descendente de Domingos Feirol e de sua mulher, D. Belida, os quais também se lhe dão por pais e a este Domingos Feirol por filho de D. Paio de Carvalho, sogro de Martim Fernandes Brandão. De Bartolomeu Domingues e sua mulher nasceu Soeiro Gomes de Carvalho, que sucedeu no morgado de Carvalho e foi pai de Fernão Gomes de Carvalho, administrador do referido vínculo, vassalo do Infante D. Afonso, filho do Rei D. Dinis, o qual morreu nos Olivais de Santarém, numa pendência havida entre o Infante e o Rei seu pai. Casou Fernão Gomes com D. Maior Rodrigues da Fonseca, filha de Rui Vasques da Fonseca e de D. Maria Gonçalves de Moreira, de quem teve vários filhos, entre os quais se distinguiu D. Gil Fernandes de Carvalho, o primogénito, valoroso cavaleiro que chegou a mestre da Ordem de Sant'Iago. Parece que o apelido foi tirado do lugar do Carvalho, concelho de Penacova, situado nas abas da serra do Carvalho.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, cantou esta família nos seguintes versos:

*Contam as velhas patranhas
os Carvalhos de um vilão
descenderem que é busão
pois vemos tantas façanhas
desta antiga geração.*

Também Manuel de Sousa da Silva não os esqueceu, escrevendo esta quintilha:

*Carvalho conto antigo
Em Basto hoje se vê,
Que o solar certo é
Ilustrissimo abrigo
Dos Carvalhos sem o dẽ*



Carvalho

As armas deste apelido são: De azul, com uma estrela de ouro de oito raios, encerrada numa caderna de crescentes de prata. Timbre: um cisne de prata, membrado e armado de ouro, com a estrela do escudo no peito.

CARVALHOSA. Ignora-se a origem desta família, sabendo-se apenas que tomou o apelido da Quinta de Carvalhosa, no concelho de Santa Cruz de Ribã Tãmega, e que já existia pelos anos de 1273. No reinado de D. João I era alcaide-mor de Celorico de Basto um membro desta geração, a qual só se conhece com sequência depois de ligada à dos Palhavãs, cujas armas usa, por não as ter próprias. (V. *Palhavã*)

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, tratou dos Carvalhosas nos seguintes versos:

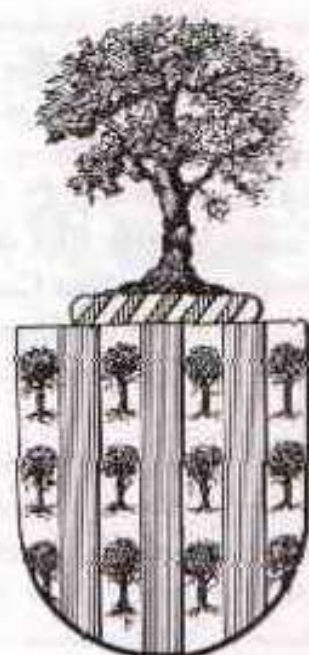
*Capela nobre honrou
fica agora ajustado
a outro de Carvalhosa
deste braço apossado.*

Igualmente se ocupou deles, em verso, o insigne lithagista Manuel de Sousa da Silva, escrevendo:

*Em Santa Cruz São Romão
Que se diz da Carvalhosa
Tem essa quinta honrosa
Que é solar da geração
dos Carvalhosas famosa.*

CARVÃO. Não possui a família deste apelido armas próprias, mas usa as dos Carvoeiros, com a qual, decerto, apenas tem comunidade de radical nominativo. (V. *Carvoeiro*).

CARVOEIRO. Descende esta família, como se supõe, de Domingos Esteves, homem rico que viveu no Redondo em tempo de D. Dinis, de quem nasceu Gonçalo Esteves Carvoeiro, o qual foi sepultado na sé de Évora, numa das paredes junto da capela do Santo Cristo, e no letreiro que conta a batalha do Salado se diz que fora alferes-mor, cargo que talvez exercesse em impedimento de seu cunhado Gonçalo Gomes de Azevedo. Não se conhece, porém, ligação de Gonçalo Esteves Carvoeiro com as pessoas do mesmo apelido que aparecem mais tarde, mas é natural que sejam seus descendentes, posto que se deva notar a falta de preposição no apelido daquele, quando ela antecede o dos supostos descendentes, além de que estes usam o apelido no plural. Vilas-Boas diz que têm por solar a terra de Carvoeiro, no termo de Barcelos.



Carvoeiro

Escreveu D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, acerca desta família:

*Na batalha de Tarifa
dos de Evora foi capitão
o senhor deste brazão
donde prenderam califa
do mor senhor filho então.*

As armas dos Carvoeiros são: De prata, com três palas de vermelho, acompanhadas de doze sobreiros de verde, postos 4, 4 e 4. Timbre: um sobreiro do escudo.

CASADO. Família de origem castelhana que provém da dos Palomeques. Gomes Peres Palomeque, que se supõe pertencer à linhagem dos Carrilhos, foi pai de Diego Gomes Palomeque, casado com D. Teresa Barroso, de cujo matrimónio, entre outros, nasceu Pedro Dias Carrilho de Toledo. Este foi adiantado de Carçola no ano de 1299 e primeiro senhor da vila de Garcies e da torre de S. Tomé, no termo de Jaen, e alcaide-mor da vila e castelo de Quesada, junto de Baeça, no bispado de Córdoba, cuja torre



Casado

comprou para nela fazer fortaleza que defendesse os Cristãos dos Mouros que os perseguiam naquela região. Pedro Dias Carrilho casou com D. Teresa Rodrigues de Biedma, filha de Rodrigo Iñigues de Biedma e de D. Joana Dias de Tunes, da qual teve Diego Sanches de Quesada, 2.º senhor da vila de Garcies e da Torre de S. Tomé, pelos tempos de D. Afonso XI de Castela e de seu filho, D. Pedro, o Cruel, a quem seguiu, passando a Portugal, quando se fizeram as pazes. Dele foi filho, entre outros, Ponce Dias de Quesada, morto no concelho de Aguilar com mais fidalgos por D. Pedro, o Cruel, Rei de Castela

no ano de 1353, motivo por que seus filhos saíram de Castela, vindo para Portugal Lopo Dias de Quesada, que neste Reino foi agasalhado com honra. Estabeleceu-se no Porto e do seu matrimónio teve Martin Dias de Quesada, que viveu na mesma cidade, onde foi cidadão. Deste nasceu João Casado, também cidadão do Porto, onde morou nos reinados de D. Duarte e de D. Afonso V. Passou a Viana do Castelo e aí se recebeu com D. Maria Gomes Madriz, filha de D. Gomes Madriz, comendatário de S. Romão de Neiva. Foram estes o tronco dos Casados, corrupção do apelido de origem.

As armas dos Casados são as mesmas dos Quesadas, a saber: De vermelho, com quatro palas de prata carregadas, cada uma, de seis pontos de arminho, de negro.

CASAL. Procedem os Casais de Martin do Casal, cujos ascendentes se desconhecem, o qual viveu no reinado de D. Afonso III e possuía alguns bens que seus avós tiveram por mercê de D. Sancho I, sabendo-se pelas Inquirições daquele soberano que era honra sua a freguesia de S. João das Caldas de Gomães, dada por D. Sancho I, conforme dizem as testemunhas. Casou com D. Grácia, filha natural de D. Pedro Fernandes Portugal e de D. Grácia Fernandes, de quem, segundo escreveu um autor do século XVII,

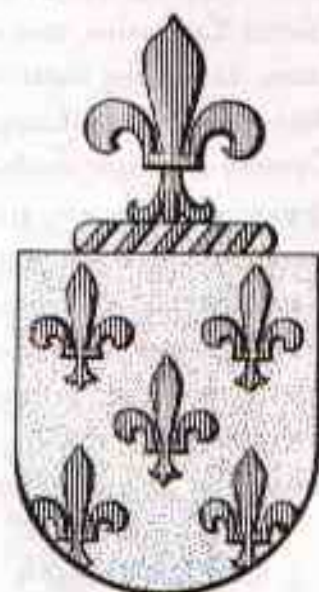
nasceram Rui e Garcia Martins do Casal, continuadores do apelido. Querem alguns que fosse solar da família Casal Soeiro, junto da vila dos Arcos de Valdevez, de onde tomaram o apelido.

A D. João Ribeiro Caio, bispo de Malaca, se deve a seguinte quintilha:

*Daquele bom cavaleiro
D. Rodrigo do Casal
Gracia mui principal
foi este que como tal
era nas lides primeiro.*

Manuel de Sousa Silva escreveu:

*Dom Sancho primeiro deu
A honra de Guminhães
No termo de Guimarães
Aos do Casal que no seu
Tempo foram principais.*



Casal

Traz esta família por armas: De ouro, com cinco flores-de-lis de vermelho.

CASCO. O primeiro que se conhece deste apelido é Gonçalo Casco, que viveu no reinado de D. Fernando I e seguiu as partes do Mestre de Avis. Era primo de Martim Vasques, de Gil Lourenço e de Gil Fernandes, o *Bom*, que defendeu Elvas. Morou na cidade de Évora, de onde se julga fosse natural, e na mesma administrou o morgado de S. Miguel de Machede, instituído por seu tio Gil Rodrigues de Vasconcelos. Recebeu-se

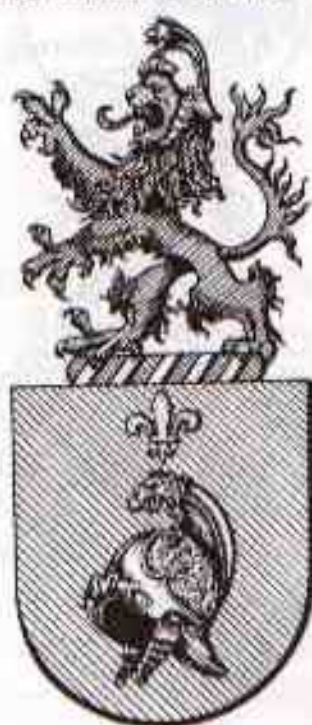


Casco

com Leonor Gonçalves, como se verifica duma sentença do cabido acerca do referido morgado, a qual alguns autores supõem ser filha dum indivíduo da família Sousa de Alvim e que os descendentes dizem que o era de Álvaro Gonçalves de Moura. Deste casamento nasceram, entre outros, João Casco e Martim Casco, que deixaram geração do mesmo apelido.

A família parece originária das Astúrias, pois lá existe o mesmo apelido, porém com armas diversas, que alguns autores dizem ter sido também usadas em Portugal.

As suas armas são: De prata, com um pinheiro de verde e uma onça de sua cor, lampassada de negro, rompante contra a árvore; tudo sustido de um contrachefe ondado de azul.



Casco, de Évora

Os Cascos de Évora trazem: De verde, com um casco de prata, encimado por uma flor-de-lis de ouro. Timbre: um leão de púrpura com o casco do escudo na cabeça.

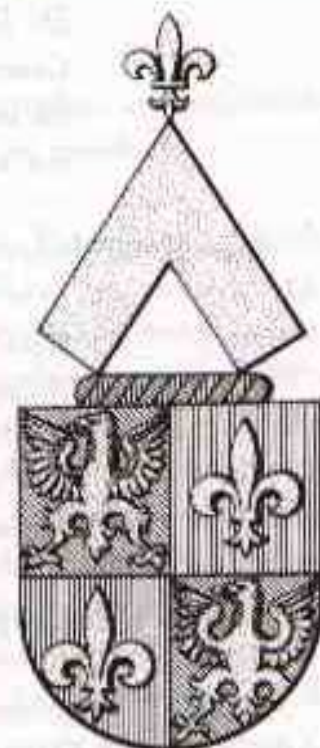
CASQUEIRO. Família antiga do Alentejo, cuja origem se desconhece. A pessoa deste apelido, que os nobiliários dão como vivendo em tempos mais recuados, é Pedro Nunes Casqueiro, morador na vila de Moura, onde foi muito honrado e rico, o qual se casou na mesma localidade com Antónia Lobo, de quem teve dois filhos: João Casqueiro, que se recebeu com Catarina ou Caetana Martins, mulher nobre de Moura, de cujo matrimónio houve geração do apelido de Casqueiro; e Beatriz Nunes Casqueiro, que foi mulher de Lourenço Xara, fidalgo castelhano, natural de Freixenal.

As armas dos Casqueiros são: Esquartelado: o primeiro e quarto de verde, com uma águia estendida de ouro; o segundo e terceiro de vermelho, com uma flor-de-lis de ouro. Timbre: uma asna de ouro, rematada por uma flor-de-lis do mesmo.

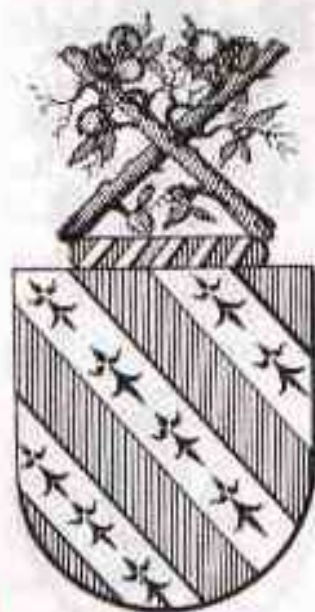
CASTANHEDA. Família das mais antigas da Península, descendente dos Reis de Leão por D. Guterre Rodrigues de Castanheda, filho segundo de D. Rodrigo Dias das Astúrias, rico-homem, Conde de Oviedo, senhor do solar de Nava e Noronha, e de sua mulher, D. Maria Justos ou D. Ximena Gomes, como alguns autores pretendem. D. Guterre Rodrigues foi a primeira pessoa que usou o apelido de Castanheda. O Conde D. Pedro diz no seu Nobiliário que era Conde e casado, mas não indica o nome de sua mulher. Foram seus filhos: D. Nuno Guterres de Castanheda, *o das quatro mãos*, vassallo do Rei de Castela, de quem descendem os Castanhedas, e D. Rodrigo Guterres, *o Beicudo*, progenitor dos Segóvias.

Esta família, cujo apelido na Espanha se escreve *Castañeda*, passou a Portugal diversas vezes. Rui de Castanheda, fidalgo castelhano, diz-se que veio a este Reino por homicídio que cometera no da sua naturalidade e parece ser o que em 1502 foi para a Índia por capitão dum navio quando D. Vasco da Gama, pela segunda vez, embarcou para aquele Estado. O Rei D. Manuel lhe deu quitação, em 13-V-1504, da quantia de 171 932 reais, resultante da venda da especiaria de 7-XI-1507 a 28-VIII-1509. Recebeu-se duas vezes: a primeira com Guiomar de Proença, da qual não houve geração, e a segunda com Isabel de Proença, filha dum irmão da primeira mulher, de quem teve descendência.

Parece que no reinado de D. Afonso V veio para Portugal Lopo Fernandes de Castanheda, castelhano, pai do conhecido historiador Fernão Lopes de Castanheda.



Casqueiro



Castanheda

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, escreveu a seguinte quintilha, dedicada aos Castanhedas:

O Conde mui esforçado
D. Guterre de Leão
de Castanheda chamado
teve esta geração
do qual seu rei foi liorado.

As armas que os Castanhedas usam, tanto na Espanha como em Portugal, são: De vermelho, com três bandas de prata, carregadas de nove mosquetas de negro, postas 2, 4 e 3. Timbre: dois ramos de castanheiro de verde, frutados de ouro, cruzados em aspa.

CASTANHO. Família asturiense que passou a Portugal no reinado de D. João III, fazendo assento na vila de Abrantes. Pedro Castanho, o mais antigo que se conhece, era natural de Vila Viçosa, de que teve o governo, e pessoa na qual se tinha muita confiança. Matrimoniou-se com sua prima, Maria Nunes Freire, dos Lobos e Camas de Olivença, de quem deixou geração que continuou o apelido.

Pedro Castanho, dos das Astúrias, foi pai de Isabel Castanho, mulher de António Vaz de Guzmán, natural de Aiamonte, filho de Salvador Gomes de Guzmán, de quem teve Diogo Castanho de Guzmán, que viveu em Elvas e casou com Joana Pinto, de cujo matrimónio ficou descendência.

As armas usadas pelos Castanhos são: De prata, com um castanheiro arrancado de verde, ladeado à esquerda dum lobo passante. Timbre: um lobo saínte de negro, com um ramo de castanheiro na mão.



Castanho

CASTEL-BRANCO. V. Castelo-Branco.

CASTELO. Família espanhola, cujo apelido original é del Castillo. Já no reinado de D. Fernando I havia Castelos em Portugal, pois é desse tempo Rui Castelo, comendador de Alcântara, a quem o mesmo Príncipe fez mercê dos bens móveis e de raiz que Domingos Afonso Pires de Cáceres possuía em Estremoz, os quais lhes foram confiscados por crimes praticados em desserviço do Rei, que também lhe concedeu todos os bens que Vasco Martins de Monsanto tinha na mesma vila, perdidos por se encontrar culpado na morte de Álvaro Vasques de Castelo-Branco. Esta doação fez-se por Carta datada de 29-VIII-1369.

Não se encontram neste as famílias de igual apelido que se conhecem em Portugal, por falta de algumas gerações intermediárias. Os de Santarém só se conhecem a partir dos fins do século XVI e os de Moura talvez não se possam recuar mais de um século.

se bem que se saiba que um seu ascendente, João Vicente Castelo, foi alcaide-mor de Campo Maior, morador na mesma vila, fidalgo de solar e instituidor duma capela na igreja de Santa Clara, onde se enterrou em sepultura com as suas armas.

Usam os Castelos, tanto em Portugal como na Espanha, as armas seguintes: De vermelho, com um castelo de prata sobre um monte de verde. Timbre: um braço armado de prata, tendo na mão uma bandeira do mesmo, hasteada de negro, posta em faixa.

CASTELO-BRANCO. Não se sabe ao certo qual a origem desta família, supondo alguns que procede da dos Castelos-Brancos, de Espanha, do Reino de Aragão. O primeiro que parece ter usado o apelido em Portugal é Martim de Castelo-Branco, que vivia pelos anos de 1255 na vila de Castelo Branco, em tempo de D. Afonso III, do qual parece descenderem em linha recta os que com o mesmo apelido habitaram posteriormente a mesma vila e dela se difundiram pelo Reino.

João Rodrigues de Sá escreveu no século XVI os seguintes versos, cantando esta família:



Castelo-Branco

*Onde se der campo franco
em noito max dino estado,
rompente lyão dourado
trarão os de Castel Branco
em campo azul assentado.*

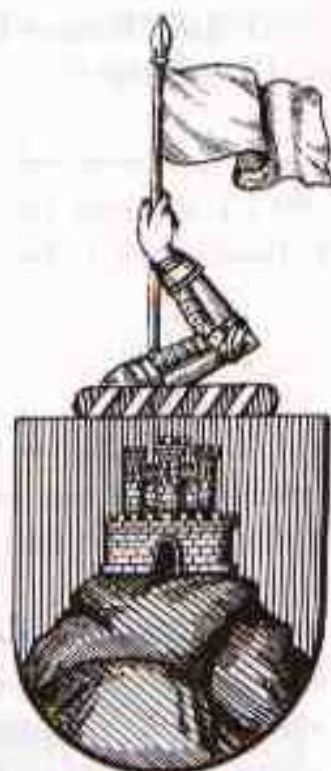
*E de sua perfeição,
E quanto val com rezão,
dará muyto certa prova
em seu conde Vila noua,
aquella de Portymão.*

Também o bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, na sua *Heraldologia Métrica*, não esqueceu os Castelos-Brancos. É dele esta quintilha:

*Dos que nos campos valentes
d'Ourique sacrificaram
seu sangue onde alcançaram
fama, mas seus descendentes
Casteis Brancos se chamaram.*

As armas desta linhagem são: De azul, com um leão de ouro, armado e lampassado de vermelho. Timbre: o leão do escudo.

CASTILHO. Família das Astúrias, que passou por diversas vezes a Portugal. O seu solar é Castillo Pedroso ou Santander, segundo certos autores indicam, nas montanhas de Burgos. Não se sabe em que pessoa principiou o apelido, mas este já existia quando



Castelo

se feriu a batalha do Salado, pois nela levava o pendão do Infante D. Pedro, mais tarde Rei, um rico-homem de D. Afonso XI de Castela, por nome D. Pedro Fernandes de Castilho, fidalgo de grande estimação. Os principais ramos fixaram-se em Burgos, Biscaia, Galiza, Guadalajara e Madrid, de onde passaram a Portugal no tempo de D. João III.

Bartolomeu de Castilho, senhor da Casa dos Castilhos nas Astúrias, teve de seu matrimónio a João de Castilho, que por falta de descendência varonil sucedeu a seu irmão primogénito na casa dos Castilhos, e casando-se teve Sancho Gonçalves de Castilho, senhor da casa e solar dos Castilhos de quem foi filho legítimo, entre outros, João de Castilho, sucessor da casa paterna, marido de D. Constança Manuel, filha de D. Diogo. Deste matrimónio teve João de Castilho por filho segundo a Diogo Sanches de Castilho, casado a primeira vez com Maria Fernandes de Santilhana, filha de Garcia Fernandes de Santilhana, o qual viveu nas montanhas da Biscaia. De Diogo Sanches e de sua primeira mulher nasceu João de Castilho, que veio para Portugal, fazendo assento em Tomar, e teve o officio de mestre das obras do mosteiro de Nossa Senhora de Belém e do convento da Ordem de Cristo em Tomar. Foi escrivão da Câmara e da Fazenda del-rei D. João III, recebeu várias mercês régias e casou-se com senhora cuja identidade os autores genealógicos não definem, pois lhe chamam Maria de Quintanilha, filha de Afonso de Quintanilha; Maria Fernandes de Quintanilha, filha de Garcia Fernandes de Quintanilha; Maria Fernandes de Santilhana, filha de Garcia Fernandes de Santilhana, que outros lhe dão por mãe; Felícia de Neiva; e D. Violante de Eça, filha de João Ferreira, a qual é indicada por sua segunda mulher, que depois de viúva passou a novo matrimónio com Heitor de Sousa. Qualquer que fosse sua mulher, dela teve, se não de mais do que de uma, a diversos filhos que continuaram o apelido e a quem, por alvará de 7-1-1561, o Rei confirmou as armas dos Castilhos das montanhas da Biscaia.

Diogo Sanches de Castilho casou segunda vez com D. Maria Zorrilha, de quem nasceu, entre outros, Diogo de Castilho, morador em Coimbra, que dizem natural de Santarém, mestre da obra de pedra que o Rei mandou fazer, construindo a ponte daquela cidade. Foi da governança de Coimbra e casou com Isabel de Ilharco, filha de João de Ilharco, de quem teve vários filhos, que seguiram os apelidos Castilho e Ilharco.

Outros Castilhos portugueses provêm de Diogo ou Rodrigo de Castilho, natural de Xerez, fidalgo honrado que no tempo de D. Afonso V passou a este Reino com muitos cavaleiros que seguiram o partido da Excelente Senhora contra os Reis de Aragão. Do seu matrimónio nasceram filhos continuadores do apelido.

Ainda outros vêm de Pedro Fernandes de Castilho, que viveu na Biscaia, pai de João Sanz de Castilho, avô de Pedro Sanz de Castilho, também morador na Biscaia, de quem nasceu, de legítimo matrimónio, Afonso de Castilho, que passou a Portugal, segundo dizem em companhia de sua tia, D. Maria Sanz de Castilho. Este Afonso de Castilho serviu em Azamor e casou diversas vezes. Deixou geração do apelido Castilho.



Castilho

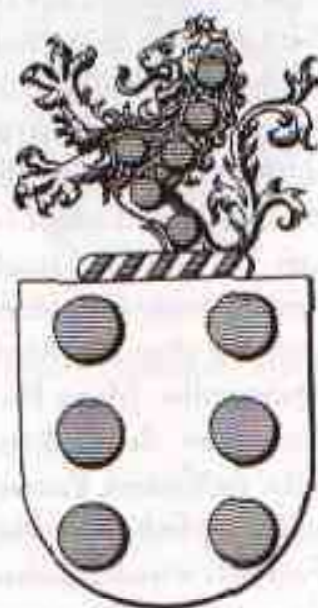
Os Castilhos usam em Portugal as armas que lhes foram confirmadas em 1561: De verde, com um castelo de prata, aberto, iluminado e lavrado de negro, encimado por uma flor-de-lis de ouro e ladeado por dois galgos de prata, coleirados de vermelho, levantados, afrontados e presos por cadeias de ouro às ameias do castelo. Timbre: um galgo do escudo ou o castelo do escudo.

CASTRO. É uma das maiores e mais antigas famílias da Espanha, que alguns autores dizem provir de D. Fruela, Rei das Astúrias, pai de D. Singérico, avô de D. Gomesindo e bisavô de Lain Calvo. Este Lain Calvo foi eleito pelos Castelhanos para ser um dos juizes que os governaram e viveu no reinado de D. Ordonho. A ele alude a carta de fundação do mosteiro de Santa Maria de



Castro, legitimados

Aguilar del Campo, de 25-II-981, e a de confirmação de terras à Ordem de Sant'Iago no ano de 953, feita pelo mesmo soberano. Recebeu-se com D. Teresa ou Elvira Nunes, filha de Nuno Rasura, também juiz eleito pelos povos de Castela, e de D. Argilona. Lain Calvo, que foi senhor de Bivar, teve do referido matrimónio, entre outros filhos, a Fernão Laines, a quem se refere a doação que o Rei D. Fruela fez ao Apóstolo Sant'Iago, de duas léguas de terra, a 28-VI-972, e a fundação e reedificação do mosteiro de



Castro, bastardos

Astorga, a 15-II-975. Povoou Haro e Rioja e foi pai de Lain Calvo, que vivia no ano de 946, o qual, casando-se com D. Argôncia, filha de Iñigo Fortunes, senhor de Biscaia, e neta do Duque D. Fortun, teve Nuno Laines. Sabe-se que Nuno Laines foi Conde, vivia no ano de 984 e casou com D. Elo, filha de D. Fernando Rodrigues e sua parenta em 3.^o e 4.^o grau de consanguinidade, de quem houve Lain Nunes, também Conde, pai de D. Diogo Laines, casado com D. Teresa Rodrigues, dos quais nasceu o Cid Rui Dias, o Campeador, que o Conde D. Pedro, no seu *Livro das Linhagens*, chama «o mais honrado cavaleiro de Espanha que rei não fosse», cujo sangue deve ter entrado em todas as Casas reinantes da Europa. De D. Diogo Laines foi irmão mais novo D. Fernando Laines, que se recebeu com D. Ximena Rodrigues das Astúrias, filha do Conde D. Nu. o Alvarez da Maia e de D. Controde Guterres, filha do Conde D. Guterres, nascendo deste matrimónio D. Álvaro Fernandes da Maia, também Conde.



Castro, dos senhores da Penha Verde

senhor do solar de Castro Xerez, que recebeu por parte de seu bisavô o Conde D. Guterre. Esteve na tomada de Toledo, de que veio a ser alcaide, foi cavaleiro muito valoroso e casou com D. Uíia Ansures, filha do Conde D. Pedro Ansures. Entre outros filhos teve D. Maria Álvares, que herdou a casa e solar de Castro e foi mulher do Infante D. Fernando, filho bastardo de D. Sancho I de Aragão, a quem chamaram o Infante de Navarra. Deste matrimónio nasceram vários filhos que usaram o apelido de Castro, mas que só se continuou por D. Rodrigo Fernandes de Castro, o Calvo.

Diversos casamentos contraiu esta família com pessoas portuguesas, algumas da Família Real, dando origem a nobilíssimos ramos de que saíram ilustres casas titulares. No século XVI escreveu João Rodrigues de Sá:

*Os que non sofrem mais lastro
de nobreza fydalguia,
seys arruelas dirya
quazuis trazem os de Castro
em campo dargentaria.*

*E quem vir estes xynaes,
sayba que com estes taes,
vindos de Bizcaya ha tanto,
agora tem caa Monsanto,
E a villa de Casquaes.*

Igualmente o bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, deles escreveu:

*Os que de Galiza vem
são estes Castros honrados,
lá e cá mui afamados,
e treze arruelas tem
do sangue dos outros nado.*

E Manuel de Sousa da Silva lembrou-se deles nesta quintilha:

*Em São Martinho do Conde
Os Dades solar tem
Para elle os Castros vem
Lá de Fornellos de donde
passaram ca para aquem.*

As armas que trazem os Castros provindos do ramo legitimo são: De ouro, com treze arruelas de azul, postas 3, 3, 3, 3 e 1. Timbre: um leão de ouro, sainte, armado e lampassado de azul.

Os que descendem dos ramos illegitimos usam: De prata, com seis arruelas de azul, 2, 2 e 2. Timbre: um leão de prata, sainte, carregado das arruelas do escudo.

Os Castros, senhores da Penha Verde, também de ramo illegitimo, alteraram o timbre para: um leão de ouro, sainte, segurando nas mãos uma roda de navalhas de Santa Catarina, de sua cor, com as navalhas de prata.

Os Marquizes de Cascais também mudaram o timbre para: um caranguejo de prata, carregado das arruelas do escudo.



Catanho

CATANHO. Família italiana que passou a Portugal. O apelido originário é *Cattaneo*.

As armas que usa esta família são: Cortado: o primeiro de ouro, com uma águia estendida e coroada de negro, sainte do traço do costado; o segundo de prata, com três faixas de azul.

CATELA. Desconhece-se a origem desta família, porém sabe-se que a pessoa mais antiga do apelido, Maria Catela, casada com Manuel Rodrigues Ximenes, era natural de Estremoz e que vivia no século XVI. Deste matrimónio nasceu Maria Ximenes, que morou em Montemor-o-Novo e se recebeu com Cristóvão Álvares, filho do licenciado Manuel Álvares e de sua mulher, Marquesa Lopes. Foram pais de António de Miranda Catela, o qual justificou a sua ascendência até seus avós paternos e maternos, passando-se-lhe, em virtude desta, Carta de brasão de armas dos Catelas, com brica vermelha carregada de uma almofada de ouro, por diferença. Foi-lhe dada a referida Carta em 13-III-1653.

As armas usadas pelos Catelas são as dos Calaças. (V. *Calaça*).

CAVALCANTI. Família originária de Itália, que se diz ter ali passado de França, antes do século XIV. Baptista Cavalcanti, ilustre fidalgo de Florença, casou com Francisca Achioli, filha de Zenóbio Achioli e de Catarina Delfini; tiveram Rodrigo Cavalcanti e António Cavalcanti. O primeiro dos filhos passou a Castela, casando em Madrid, onde deixou geração nobre. António Cavalcanti casou e teve Filipe Cavalcanti, que veio homiziado para Portugal e em Pernambuco casou com D. Catarina de Albuquerque, filha bastarda de Jerónimo de Albuquerque e de D. Maria de Arcoverde, descendendo deste matrimónio os Cavalcantis de Albuquerque.

Há quem dê diversa ascendência a Filipe Cavalcanti, fazendo-o filho do Duque Cosme de Médicis e descendente de João Cavalcanti e de Genebra Maneli.

As armas trazidas por esta família são: De prata, mantelado de vermelho semeado de quadrifólios do primeiro esmalte e uma asna de azul, brocante sobre o traço do mantelado. Timbre: hipógrifo rampante de sua cor, entre chamas.



Cavalcanti



Cavaleiro

CAVALEIRO. Esta família já existia no reinado de D. João II, mas ignora-se quando e em que pessoa começou o apelido. Joane Gonçalves Cavaleiro morou em Montemor-o-Velho no tempo do mencionado Rei e foi vereador no ano de 1490, nesta vila. Dele provêm os Cavaleiros conhecidos.

Trazem por armas os deste apelido: De vermelho, com um leão de ouro; chefe cosido de azul, carregado de três flores-de-lis de ouro. Timbre: um leão de vermelho com uma flor-de-lis na espádua.

CEISSA. Ignora-se a origem desta família, mas o apelido deve provir da povoação de Ceissa, no concelho de Vila Nova de Ourém.

As armas que trazem são: De vermelho, com meio corpo de mulher vestida de prata, coroadado de ouro à antiga e cortado de um traço de vermelho na garganta. Timbre: um cavaleiro armado de ponto em branco, montado a cavalo, com uma lança na mão direita, tudo de prata.



Centeio

CENTEIO. Família cuja origem se desconhece, mas de apelido proveniente de alcunha, possivelmente o mesmo que *Centeno*.

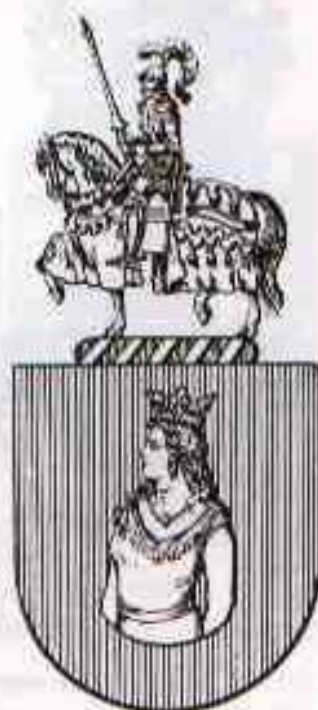
São-lhe atribuídas por armas as seguintes: De verde, com uma águia estendida de ouro, armada de vermelho, com dois cordões do mesmo, lançados de uma perna à outra, por cima da cauda. Timbre: a águia do escudo, sem os cordões.

Outros do mesmo apelido trazem: De ouro, com cinco molhos de espigas de centeio de verde, atados de vermelho e postos em sautor. Timbre: uma águia estendida de ouro, armada de vermelho, com os pés atados do mesmo.

CENTENO. V. *Centeio*.

CERDA. V. *Lacerda*.

CEREJO. Família de Serpa, à qual pertenceu Manuel Cerejo, casado com D. Maria Pessanha, pais de Lopo Cerejo, administrador do morgado dos Cerejos, casado com sua parenta Isabel Bocarro, pais de outro Lopo Cerejo, administrador do mesmo vínculo, casado com D. Isabel Pereira Falcão. Destes nasceu Manuel Cerejo, casado com Maria Gonçalves Raposo, dos quais foi filho Luís Cerejo, morador em Serpa e casado com Isabel Semeira da Costa, filha de Henrique Semeiro, fidalgo inglês que passou a Portugal por não querer abandonar a religião católica, e de sua mulher, D. Maior Quaresma. De



Ceissa



Centeio (outros)



Cerejo

Luis Cerejo e de Isabel Semeira da Costa nasceu Manuel da Costa Cerejo, natural de Serpa, que se recebeu com Paula Bernardes de Andrade, pais de Bernardo da Costa Cerejo, marido de sua sobrinha D. Francisca Maria Xavier da Costa Cerejo, dos quais foi filho o bacharel João Baptista Henriques, casado com D. Maria Antónia de Vasconcelos, administradora dum morgado, moradores em Lisboa. Deste matrimónio nasceu Luis António da Costa Cerejo e Vasconcelos, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, familiar do Santo Officio, morador em Lisboa, a quem se passou, a 3-VI-1735, carta de brasão com diversas armas, entre as quais as dos Cerejos.

Parece que esta família é de origem espanhola, pois existe também em Espanha, com o apelido de *Cerezo* e as mesmas armas que usam cá, as quais são: De ouro, com uma cerejeira de vermelho; bordadura cosida de prata, carregada de quatro leões de vermelho, postos 1, 2 e 1. Timbre: um dos leões do escudo.

CERNA. Dizem alguns autores que os Cernas vieram de França, reinando em Portugal D. Fernando, e que se fixaram na cidade do Porto. Em Espanha há uma família de *la Serna* que não sabemos se é a mesma de *la Cerna*, passada a Portugal, pois as suas armas são diversas.

Os Cernas usam as seguintes: De prata, com um leão de sua cor, armado de vermelho; bordadura do mesmo, carregada de três flores-de-lis, duas nos ângulos do chefe e uma a meio da ponta, e três castelos, dois nos ângulos da ponta e uma ao meio do chefe, tudo de ouro. Timbre: o leão do escudo, sainte.

CERNACHE. Tem esta família a mesma origem que a dos Pinheiros, provindo de João Esteves e de sua mulher Maria Rodrigues, como alegam uns autores; ou da dos Vieiras, conforme outros, que a fazem descender de Fernão Álvares Vieira, criado de D. João I, a quem acompanhou quando este matou o Conde João Fernandes Andeiro, e de uma mulher de Cernache, junto de

Coimbra, a qual tinha bom dote; ou, ainda, de Fernão Álvares, natural de Coimbra, servidor do Mestre de Avis, e de sua mulher, Maria Vieira, natural de Cernache. Parece, porém, que os Cernaches procedem daquele João Esteves e da sua referida mulher. João Esteves era de ilustre ascendência, pois vinha dos de Penela, linhagem entroncada nas melhores da Península, e estava próximamente aparentado com o Condestável D. Nuno Álvares Pereira por ser filho de uma sua irmã.

Do casamento de João Esteves com Maria Rodrigues nasceram: Estêvão Anes, que se recebeu com Grácia Martins, senhora de boa linhagem, com geração, da qual provêm



Cerna

os Pinheiros; D. Aldonça Anes, mulher de Fernão Gonçalves Cogominho, conforme dizem alguns autores, o que não é possível, porquanto este viveu no reinado de D. Afonso IV, de quem foi meirinho-mor; e Álvaro Anes, que pelo seu casamento, tomou o apelido de Cernache. Álvaro Anes Cernache teve o officio de anadel-mor dos besteiros de cavalo no tempo de D. João I, esteve na batalha de Aljubarrota como alferes da Ala dos Namorados, e na tomada de Ceuta, onde o mesmo Príncipe o armou cavaleiro e aí ficou a servir durante muito tempo, prestando serviços que lhe foram recompensados com a mercê da colheita de Coja, da terra de Vila Nova de Gaia, e de uns casais no sítio das Andorinhas, freguesia de Lamarosa, junto de Coimbra. Em Cernache fundou o hospital, com uma albergaria, cuja administração ficou ao município de Coimbra; teve mercê dos direitos reais do rio Douro e de uma comenda. Não casou, mas de uma mulher solteira chamada Clara Anes houve Fernão Álvares, que foi legitimado por escritura pública, confirmada por D. João I em 25-VI-1422. Este Fernão Álvares Cernache teve mercê de várias fazendas por D. Afonso V, de juro e herdade, casou com Leonor Afonso de Alvim, de junto de Barroso, onde instituiu um vínculo que tinha por cabeça a capela de S. Domingos. Deste matrimónio provêm os do apelido Cernache, originado em Álvaro Anes, pois talvez haja outros, de linhagem diversa, embora oriundos do mesmo lugar.

As armas de Álvaro Anes de Cernache são as seguintes: De vermelho, com cinco verguetas de ouro; bordadura cosida de azul, carregada de oito vieiras de prata. Timbre: um leão de vermelho, com uma vieira de prata na espádua.



Cernache

CERNIGE. V. *Sernige*.

CERQUEIRA. Teve esta família seu solar, que possivelmente não foi o primitivo em Camposa, freguesia do Vale, no termo dos Arcos de Valdevez, e sabe-se que já existia no reinado de D. Pedro I, pois na lista que o mesmo soberano mandou fazer das pessoas que tinham comedia no mosteiro de Grijó figuram Diogo Gonçalves Cerqueira e seus dois filhos bastardos Diogo Gonçalves Cerqueira e Vasco Gonçalves Cerqueira, e também Gonçalo Pires Cerqueira e dois filhos ilegítimos.



Cerqueira

Na freguesia de Couto de Esteves, concelho de Sever do Vouga, há um lugar chamado Cerqueira, donde talvez esta família tomasse o apelido, posto que o encontremos sem preposição a anteceder-lo. É possível que os fundadores do mosteiro tivessem ali algumas propriedades, que continuassem em posse de descendentes e fossem origem do apelido.

A pessoa mais antiga da família de quem se conhece descendência continuada é Rodrigo Anes Cerqueira, senhor da terra e couto de Camposa.

Trazem os deste apelido por armas: De vermelho, com um leão de ouro, armado e lampassado de azul, com coleira do primeiro esmalte, guarnecida de ouro. Timbre: o leão do escudo.

CERVEIRA. Procedem os Cerveiras da família dos Velhos, pois D. Nuno Soares, o *Velho*, e sua segunda mulher, D. Gontrode Fernandes, foram os pais de João Nunes de Cerveira, o primeiro que teve este apelido, tirado de Vila Nova de Cerveira. Segundo alguns autores, João Nunes não era filho destes, mas de outro D. Nuno Soares, mais recuado, e de sua mulher, D. Elvira Toriz. João Nunes de Cerveira, senhor da Quinta dos Cerveiras, na freguesia de S. Paio de Pousada, termo de Braga, recebeu-se com D. Sancha Anes, filha de D. João Soares, de quem teve diversos filhos que continuaram o apelido.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, escreveu desta família:



Cerveira

*João Afonso de Cerveira
a Dona Pires Maria
escolheu por companheira
dos quais a genealogia
dos Cerveiras foi primeira.*

Igualmente Manuel de Sousa da Silva se lhe referiu, nos seguintes versos:

*Junto de Braga cidade
Em São Paio de Pousada
Está a casa honrada
Dos Selveiras, que na idade
Antiga foi celebrada.*

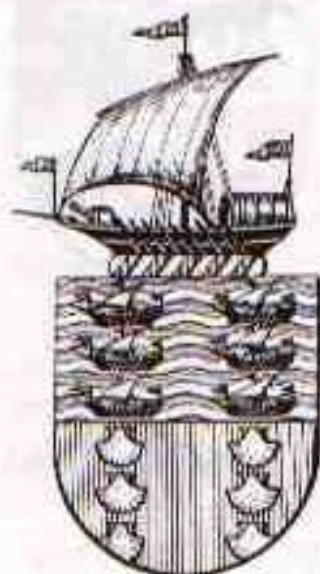


Cerveira (outros)

As suas armas são: De prata, com duas cervas de púrpura passantes, uma sobre a outra; bordadura cosida de prata, carregada de treze escudetes de azul, cada um carregado de cinco besantes de prata, postos em sautor. Timbre: uma cerva do escudo.

Usam outros: Esquartelado; o primeiro e quarto de vermelho, cruz florenciada e vazia de ouro; o segundo e o terceiro de prata, com duas cervas de púrpura, passantes, uma sobre a outra; bordadura de prata, carregada de doze escudetes de azul, cada um carregado de cinco besantes de prata, postos em sautor. Timbre: uma cerva passante de púrpura, carregada duma cruz florenciada e vazia de ouro.

CÉSAR. Já nos primeiros tempos da Monarquia portuguesa se encontram pessoas com o patronímico César, como Adozinda César, que doou bens ao mosteiro de Arouca em 8-1-1086; Paio César, que em 1114 também fez doação ao referido mosteiro; Pedro César, morto em Jerusalém, pai de D. João César, prior do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra em 1211; e João César, pai de Fernando César, legitimado por D. Afonso IV.



César

É natural que por então o patronímico ainda se não tivesse fixado e que algumas das pessoas apontadas nenhum parentesco tivessem com as outras nem com a família dos Césares. A pessoa mais antiga que se conhece desta linhagem é João César, fidalgo muito honrado, que viveu no reinado de D. Dinis, de quem foi vassalo. Era pessoa de grande autoridade, pelo que o mesmo Rei o encarregou de fazer as Inquirições das honras de Entre Douro e Minho. Teve a alcaidaria de Évora, reinando D. Afonso IV. A Vasco Fernandes César, natural de Borba, termo da Merceana, cavaleiro-fidalgo da Casa de D. João III, feitor e guarda-mor da carga e descarga da Casa da Índia e de todas as suas armadas, acrescentou o mesmo Príncipe, por carta de 22-VII-1539, a seu requerimento, as armas dos Vieiras, que usava. Fez-lhe esta mercê atendendo aos serviços feitos ao Rei seu pai e a si próprio, tanto na Corte como

na África, ajudando a construir o castelo de Mazagão, servindo dois anos de adail em Azamor, indo por capitão duma nau e uma caravela ao socorro de Arzila, e, sobretudo, por ter desbaratado seis fustas de mouros, no Estreito, quando capitaneava um navio do Rei, causando muitas mortes. Este Vasco Fernandes César era filho de Luis Anes César e de sua mulher, Maria Vieira.

As suas armas ficaram, com o referido acrescentamento, constituídas pela seguinte forma: Cortado: o primeiro ondado de prata e de azul, com seis fustas de sua cor, postas 2, 2, e 2, cada uma com nove remos de ouro e dois pendões de vermelho, com um crescente de prata, um à proa e outro à popa; o segundo de vermelho, com seis vieiras de ouro postas 2, 2 e 2, que são as armas dos Vieiras. Timbre: uma das fustas do escudo.

CHACÃO. Família originária da Navarra, de cujo Reino passou ao de Castela. Gonçalo Iñigues Chacon, senhor da casa e comendador da Ordem de Sant'Iago, vivia em 1331. Casou com D. Teresa Garcia, de quem teve, entre outros, D. Rui Gonçalves Chacon, comendador de Calatrava na Ordem de Santiago, em 1348, comendador-mor de Castela, em 1350, havendo em 1353 perdido a comenda-mor porque o Rei D. Pedro, o Cruel, quis que ela passasse a D. João Garcia de Vilaguera, irmão de D. Maria de Padilla, sua mulher, e o matou em Sevilha em 1358. Deste foram filhos D. Sancho Fernandes Chacon e Teresa Fernandes Chacon, que se recebeu com João Afonso de Arnalte, que teve vários filhos, um dos quais, Arnalte ou Hernalte Chacon, foi fidalgo por mercê dos Reis Católicos, D. Fernando e D. Isabel, que lhe deram as armas da família. Do seu casamento nasceu Diogo Gomes Chacon, que se recebeu com Violante Botelho, do qual

provieram os Botelhos Chacões de Portugal. O apelido aporuguesou-se, tomando a forma Chacão.

As armas que usa esta família tanto em Espanha como em Portugal são: Esquartelado: o primeiro e o quarto de prata, com um lobo passante de negro, armado e lampassado de vermelho; o segundo e o terceiro de azul, com uma flor-de-lis de ouro. Timbre: um lobo do escudo.

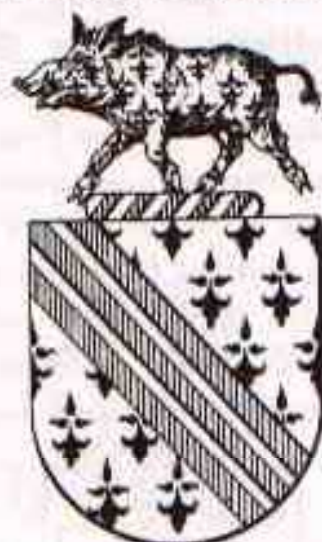


Chacão

CHACIM. Têm os Chacins sangue duma das mais antigas famílias de Portugal, pois D. Martim Pires de Chacim foi casado com D. Froilhe Nunes, filha ilegítima de D. Nuno Pires de Bragança e de Maria Pigaça, que era filha de D. Fernão Guedes e de sua segunda mulher, D. Maior Martins de Alvelo. O apelido, que se encontra extinto, foi tomado de Chacim, freguesia do concelho de Macedo de Cavaleiros.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, escreveu a respeito desta ilustre linhagem os seguintes versos:

*De Nuno Martins Chacim
de el Rei D. Dinis privado
e foi seu adiantado
o qual teve honrado fim
pois morreu como esforçado.*

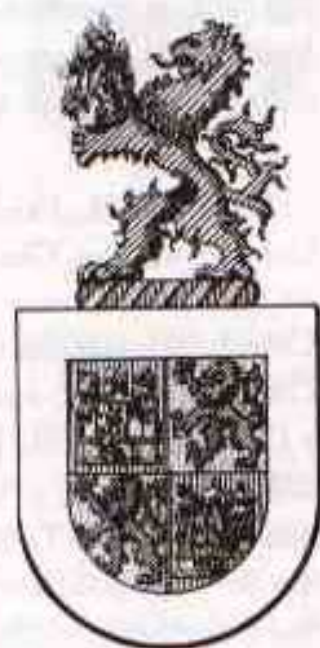


Chacim

CHACU. Diz-se que houve uma família deste apelido e que em Óbidos viveu o Padre Manuel da Silva Chacu, pessoa de muita estimação e honra, e que as suas armas se encontravam no livro dos reis de armas. Os autores que tratam deste apelido informam que as suas armas são as dos Chacins e que Chacu é corrupção de Chacim. É natural que assim não seja e que tal apelido nunca existisse, chegando até nós a sua notícia baseada apenas num erro de leitura.

CHAMA. Apelido de origem ignorada, que parece extinto. Esta família já existia antes do século XVI.

As armas usadas pelos deste apelido são: Esquartelado: o primeiro e o quarto de vermelho, com um castelo de ouro, ardendo em chamas; o segundo e o terceiro de ouro, com um leão de púrpura; bordadura de prata. Timbre: o leão tendo nos braços o castelo do escudo.



Chama

CHANOCA. Família nobre da cidade de Beja, que já existia no reinado de D. Afonso IV e cuja origem se desconhece. O indivíduo mais antigo deste apelido a que se referem as cartas de brasão é Afonso Chanoca, fidalgo, cavaleiro muito honrado.

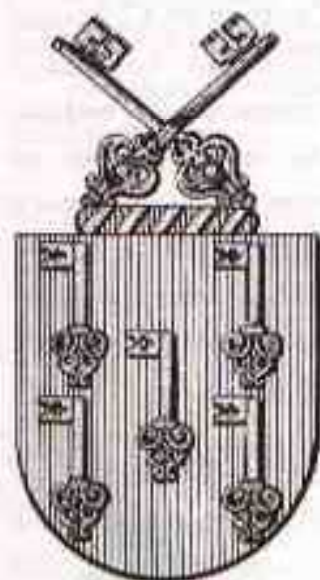
As armas pertencentes aos Chanocas são: Partido: o primeiro de ouro, com um braço de leão, em banda, encimado por uma estrela de oito pontas, tudo de vermelho; o segundo de azul, com um braço de leão em contrabanda, encimado por uma estrela de oito pontas, tudo de ouro; o braço da esquerda voltado. Timbre: os dois braços de leão do escudo, passados em aspa, sustendo uma estrela de ouro na garra de vermelho, à direita.



Chanoca

CHAVES. Dizem os genealogistas que esta família provém de Garcia Lopes de Chaves que, com seu irmão Rui Lopes de Chaves, ganhou a vila do seu nome aos Mouros, no ano de 1160, porém não ligam por série de gerações estes com os que mais tarde usaram o mesmo apelido. O mais antigo que se aponta na geração desta família é Lourenço Pires de Chaves, talvez contemporâneo de D. Afonso III ou de seu filho.

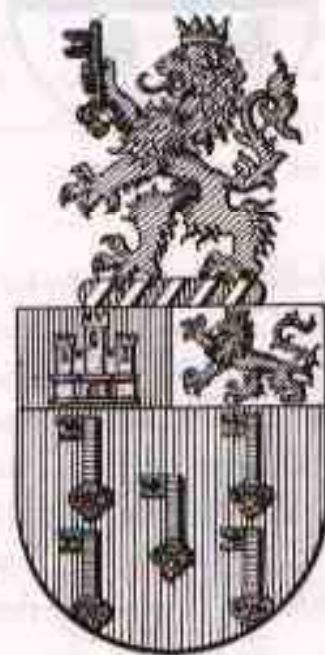
D. João Ribeiro Gaio escreveu acerca dos Chaves os seguintes versos:



Chaves

*Na claustra da catedral
Sé de Lisboa afamada
estes tem sua morada,
dizem que por ser leal
esta divisa lhes é dada.*

As armas que os Chaves usam, tanto em Portugal como na Espanha, são: De vermelho, com cinco chaves de ouro postas em pala e dispostas em aspa, com os palhetões para cima e virados à direita. Timbre: duas das chaves passadas em aspa.



Chaves, de Álvaro Lopes

A Álvaro Lopes de Chaves, cavaleiro da Ordem de Sant'Iago, secretário do Rei D. Afonso V, pelos seus muitos e estimados serviços, feitos por mar e por terra, na paz e na guerra, pelos que prestou na África na tomada de lugares e, especialmente, pelos que fez nos Reinos de Castela, mostrando, nos negócios de que o encarregou, grande fidelidade, lealdade, amor e diligência, com muitos trabalhos, despesas e perigos de sua pessoa e, também, por «boa vontade, amor e afeição» que o Rei sempre lhe tivera, concedeu-lhe este soberano acrescentamento e diferença de suas armas, por carta de 4-IV-1476.

Ficaram as armas de Álvaro Lopes constituídas da seguinte maneira: De vermelho, com cinco chaves de azul, postas em sautor, seus palhetões montantes; chefe de vermelho, carregado de um castelo de ouro com portas e frestas de azul (Castela), partido de prata, carregado de um leão de púrpura, armado e lampassado de azul e coroado de ouro (Leão). Timbre: o leão do escudo, com uma chave de azul na garra direita.

CHERMONT. Família de origem francesa que passou a Portugal no século XVIII, na pessoa de João Alexandre de Chermont, oficial do exército, fidalgo da Casa Real de França, engenheiro do Rei, que esteve ao serviço do Exército Português. Em 1757 coman-



Chermont

dava o Regimento de Artilharia do Alentejo. Foi promovido a sargento-mor de batalha com exercício no Corpo de Engenheiros a 8 de Março do mesmo ano. Em 1762 foi promovido a marechal-de-campo, vivendo na praça de Estremoz. Seu pai chamava-se Alexandre de Chermont, também fidalgo da Casa do Rei de França, cavaleiro da Ordem de S. Luís e capitão do regimento da Champagne, e sua mãe Maria Joana Felier. Era neto paterno de António de Chermont, fidalgo da mesma Casa, capitão do castelo de Fresne, e de sua mulher, Isabel Noble; e bisneto, por linha varonil, de Francisco Lemer cier, outrossim fidalgo da Casa Real, com o foro de gentil-homem ordinário da Câmara dos Reis de França, senhor de Chermont e de outras terras. João Alexandre de Chermont foi casado com Ana de Saint-Aubin Legros, de quem teve Teodósio Constantino de Chermont e outros filhos que serviram na

Índia. Uma sobrinha de João Alexandre de Chermont, por nome Maria Francisca de Chermont, justificou a sua nobreza em França, a qual alcançou duzentos anos e ficou apensa à justificação de seu sobrinho Teodósio Constantino de Chermont, a quem se passou Carta de brasão a 22-VI-1780, com as armas do seu apelido, que são: De prata, com faixa de negro, acompanhada, em chefe, de três trevos, e, em ponta, de três merletas, postas 2 e 1, tudo de negro. Timbre: uma merleta do escudo.

O apelido, em França, escreve-se *Charmont* e também lá diferem as armas, nalguns elementos.

CIAIS. Família de Florença, a cuja principal nobreza pertencia. Por 1507, Alexandre de Ciais foi presidente do Grande Conselho de Florença e generalíssimo de toda a milícia de Milão, o qual teve por filho a Policarpo de Ciais, que também pertenceu ao Supremo Conselho. Deste João de Ciais foi filho ou neto, ao que parece, João Baptista de Ciais, cidadão florentino e antiquário-mor das genealogias das famílias nobres daquela república, pai de Lourenço de Ciais, que passou a Portugal, casando na vila de Monção com D. Helena Maria Ferraz



Ciais

da Cunha. Sebastião Ciais Ferraz da Cunha, morador na vila de Arouca, filho de Lourenço de Ciais, acima referido, e de sua mulher, justificou a sua nobreza com provas vindas de Florença e teve Carta de brasão, passada a 27-VIII-1762, com as armas dos Ciais, que são: *De azul, com faixa de ouro, carregada de três montes de sua cor, moventes do bordo inferior da faixa.* Timbre: um dos montes do escudo.

CIRNE. Dizem alguns genealogistas que a família dos Cirnes provém de Inglaterra; outros que tem sua origem na Galiza e que veio a este Reino com o Conde de Caminha. Parece, porém, que os Cirnes são anteriores em Portugal a João Cirne, que viveu em tempo de D. Afonso V e que dizem viera com o referido Conde, D. Pedro de Sottomayor, pois no reinado de Pedro I Aires Afonso Cirne teve Carta do castelo de Monforte, passada a 23-VI-1357, e no de D. Fernando I Lourenço Pires Cirne houve a terra de Baldigem, por Carta de 28-VII-1367. Atendendo à peça principal das armas dos Cirnes, talvez se deva procurar a etimologia do apelido na palavra cisne que, em voz antiquada ou incorrecta, assim se pronunciava, prevalecendo tal forma à legítima. Não se conhece a ligação familiar entre Aires Afonso Cirne e Lourenço Pires Cirne, nem a destes com João Cirne, em quem começa com sequência a história desta linhagem.

João Cirne, *o Velho*, foi mordomo-mor da Rainha D. Filipa e senhor da quinta do Crestes, na freguesia do Campo, que teve em dote do seu casamento com D. Maria Fernandes de Sottomayor, filha de João Fernandes de Sottomayor e de D. Filipa de Sá e neta paterna de Fernando Anes de Sottomayor, senhor da Casa e solar de Sottomayor. João Cirne foi sepultado na igreja de S. Salvador, da freguesia do Campo, concelho de Barcelos, deixando do seu matrimónio um filho de igual nome por quem se continuou o apelido.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gajo, escreveu a respeito desta família os seguintes versos:

*Estas deu o Imperador
ao nobre porta leis
em Flandres sendo feitor
por elRei nosso senhor
que tambem mercê lhe fez.*

Depteende-se desta quintilha que as armas dos Cirnes foram dadas a Manuel Cirne, neto paterno de João Cirne, *o Velho*, e filho de João Cirne, *o Moço*, que serviu de feitor em Málaga e depois na Flandres no tempo de D. João III.

Manuel de Souza da Silva também se referiu aos Cirnes nos seus versos, escrevendo:

*Dizem que de Inglaterra
Para o Porto vieram
Os Cirnes, onde viveram
De Agrella onde os incerra
O senhorio houveram.*



Cirne

Carrião, foi mordomo-mor de D. Afonso VIII e D. Fernando, o Santo, e esteve com seus irmãos na batalha das Navas de Tolosa, no ano de 1212, morrendo no de 1234. Matrimoniou-se duas vezes: a primeira com D. Sancha Rodrigues de Lara, filha de D. Rodrigo Rodrigues de Lara, rico-homem, senhor de Penalva, Quintanilha e Traspinedo; a segunda, com D. Marquesa, que se supõe pertencer à família dos Vilalobos. De ambos os casamentos deixou D. Gonçalo Rodrigues Girão filhos, pelos quais se continuou o apelido. Entre os filhos havidos do primeiro matrimónio o segundo deles, D. Gonçalo Gonçalves Girão, sucedeu ao pai no senhorio de Cisneiros e foi chanceler-mor no ano de 1242. Contraiu casamento com D. Teresa Arias de Quixada, filha de Arias Gonçalves de Quixada e de sua mulher, D. Maria Froilaz, de quem houve geração por onde se expandiu o apelido de Cisneiros.

As armas desta linhagem são: Partido: o primeiro de vermelho, com três cisnes de prata, bicados, armados e coleirados de ouro, cortado de vermelho, com cinco flores-de-lis de prata, postas em sautor; o segundo de prata, com três palas de vermelho. Timbre: um cisne do escudo.

CLAMOUSE. Família originária de França, da cidade de Tolosa. Bernardo Clamouse, filho segundo, veio para Portugal no exercício das funções de cônsul do seu país na cidade do Porto. De sua mulher, D. Genoveva Clamouse, teve: Bernardo Clamouse, cavaleiro da Ordem de Cristo, natural do Porto, que passou a viver em Lisboa com casa de grande opulência e tirou Carta de brasão, que se lhe passou em 16-IX-1776 com as armas dos Clamouses; Manuel Clamouse, cônsul da mesma nação na cidade do Porto, requereu Carta de brasão, em França, que o rei de armas António Maria d'Hosier de Serigny passou em 4-XII-1775, com as do apelido do suplicante; D. Francisca Xavier de Clamouse, mulher do dr. Pedro Browne, dos quais nasceu Domingos Clamouse Browne,



Clamouse

cavaleiro professo da Ordem de Cristo e cônsul da França no Porto, casado com D. Maria Custódia do Nascimento Browne, pais de Manuel de Clamouse Browne, fidalgo cavaleiro da Casa Real, comendador das Ordens de Cristo e de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, proprietário e negociante de grosso trato, que teve Carta de brasão de armas de Clamouses e Brownes em 13-II-1850 e, casando, deixou sucessão. Ignoramos se Bernardo Clamouse, o que veio de França, teve mais geração.

As armas da família Clamouse são: De azul, com um lírio de ouro florido de três peças do mesmo, tendo à esquerda um pato de prata, tudo assente num contrachefe diminuto de verde; e um chefe de ouro, carregado de um elmo de negro. Timbre: o pato do escudo, sainte, a meio voo.

CLEMENTE. Querem alguns genealogistas derivar esta família de outra de igual apelido oriunda do Reino de Aragão, mas, como não ligam os Clementes portugueses com os de Espanha, vê-se que não passa de suposição tal proveniência. Os Clementes

As armas dos Coelhos são, tanto em Portugal como em Espanha, onde passaram e seguem a grafia *Coello*: De ouro, leão de púrpura, armado e lampassado de vermelho e carregado de três faixas xadrezadas de azul e de ouro; bordadura de azul, carregada de cinco coelhos de prata, manchados de negro. Timbre: um leão sainte de púrpura, armado e lampassado de vermelho e carregado de duas faixas xadrezadas de azul e de ouro.

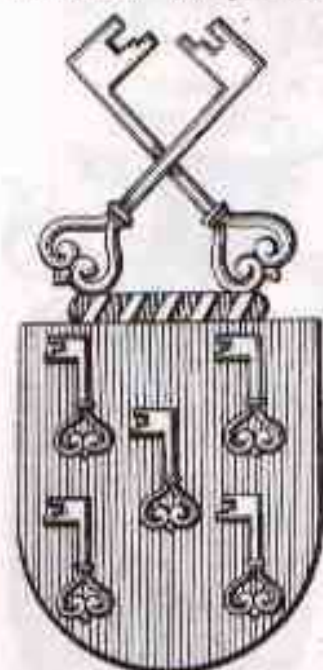
Os Coelhos que descendem de Duarte Coelho, a quem, pelos muitos serviços, foram concedidas armas novas por Carta de 6-VII-1545, usam: De ouro, com um leopardo passante de púrpura, acompanhado à direita de uma cruzeta de negro, sustida de um monte de verde em ponta; chefe de prata, carregado de cinco estrelas de seis raios de vermelho, alinhadas em faixa; bordadura de azul, carregada de cinco castelos cobertos de prata, abertos, iluminados e lavrados de negro. Timbre: o leopardo do escudo.



Coelho, do ramo de Nicolau Coelho

O ramo que provém de Nicolau Coelho traz por armas as seguintes: De vermelho, com um leão de ouro, armado e lampassado de azul, ladeado de duas colunas de ouro assentes num contrachefe cortado de verde e de faixado ondado de prata e de azul; cada coluna rematada por um escudete de azul carregado de cinco besantes de prata postos em sautor. Timbre: o leão do escudo, sainte.

COGOMINHO. Descendem os Cogominhos de D. Gueda, o *Velho*, pai de D. Mem Guedes, casado com D. Sancha Mendes Calvo, senhora da honra de Vila Marim e do padroado de Lobjigos, dos quais nasceu D. Gomes Mendes Guedeão,



Cogominho

marido de D. Châmoa Mendes de Sousa, que era filha de D. Mem Viegas de Sousa e de D. Elvira Fernandes. Do matrimónio deste D. Gomes Mendes com D. Châmoa nasceu D. Gueda Gomes, que esteve na conquista de Sevilha e foi casado com D. Urraca Mendes de Portocarreiro, filha de Henrique Fernandes Magno e de D. Ouroana Reimondo de Portocarreiro, de cuja aliança teve vários filhos de que provêm os Gansos e os Guedes. O filho mais velho, Fernão Guedes, recebeu-se com D. Maria Fogaça, de quem houve D. Fernão Fernandes Cogominho.

D. Fernão Fernandes Cogominho foi o primeiro deste apelido, que deve ter sido alcunha, senhor de Chaves, alcaide de Coimbra, rico-homem muito privado de D. Afonso III. Casou-se com D. Joana Dias, filha de Vicente Dias de Coimbra e de D. Boa Peres. Faleceu em 1377 e jaz sepultado com sua mulher na igreja do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. De D. Fernão Fernandes e de sua mulher nasceram diversos filhos que seguiram o apelido de Cogominho, continuado por seus descendentes.

O bispo de Malaca D. João Ribeiro Gaio deixou esta quintilha:

*Desse Frei Martim Fernandez
Cogominho o cavaleiro
rico homem aventureiro
são estes que foram grandes
neste Portugal primeiro.*

Ao linhagista Manuel de Sousa da Silva se deve a seguinte quintilha, dedicada à mesma família:

*Para Évora passaram
Cá de Entre Douro e Minho
Onde tiveram seu ninho
Os illustres que tomaram
O nome de Cogominho.*

As armas que usam os deste apelido são: De vermelho, com cinco chaves de prata, seus palhetões ao alto, postas em sautor. Timbre: duas chaves do escudo, passadas em aspa.

COIMBRA. Ignora-se a origem da família dos Coimbras, mas não oferece dúvida que o apelido foi tomado da cidade do seu nome. O ramo mais importante desta linhagem, se houve só uma, foi o de Braga. O Dr. João de Coimbra, morador na freguesia de S. Vicente de Fora, de Lisboa, por cima do Marco Salgado, passou a Braga, no tempo do arcebispo desta cidade, D. Diogo de Sousa, e na sua sé foi cônego e provisor, tendo as abadias de Soutelo, Barbude, S. João do Souto, na referida cidade, e outras. Fez a capela de Nossa Senhora da Conceição a 16-11-1530, vinculando-lhe importante quantia de dinheiro, para o que alcançou breve do Papa Clemente III e licença do arcebispo. Deixou o Dr. João de Coimbra filhos que continuaram a geração, transmitindo o apelido a seus descendentes.

D. Diogo Dias, casado com D. Examea Peres, teve um filho por nome D. Vicente Dias de Coimbra, sobrejuiz no ano de 1249, muito rico e honrado, que se recebeu com D. Boa Peres, de quem teve D. Godinho de Coimbra e outros. Não se sabe se destes

provirão os Coimbras que floresceram no século XVI e seguintes, mas sabe-se que o apelido também existia em tempo dos Reis D. Pedro e D. Fernando, em cujos reinados viveu um João de Coimbra, pai de Afonso Anes de Coimbra e de Martim Anes de Coimbra, este, pai de Lopo Martins de Coimbra, havido em Clara Vazques, mulher solteira, e legitimado



Coimbra



Coimbra, do Bispo de Ceuta D. Frei Henrique de Coimbra

por Carta de D. João I, passada em 15-IV-1427. Afonso Anes de Coimbra teve, para sempre, por Carta de D. Duarte, de 31-XII-1436, umas casas de foro, em Évora, onde morava. Foi pai de João Afonso de Coimbra e, conforme parece, também de Pedro Afonso de Coimbra, mas, como não se lhe conhecem mais do que netos, não se sabe se a geração continuou.

As armas dos Coimbras são: De ouro, com um cardo de verde acompanhado de uma estrela de cinco raios, cosida de prata, posta no cantão direito do chefe, e um cordão de S. Francisco do mesmo posto em orla.

D. Frei Henrique de Coimbra, bispo de Ceuta, usou por armas, como se vê no *Livro do Armeiro-mar* (1509): De púrpura, um cordeiro passante de prata e um cordão de S. Francisco do mesmo, posto em orla, o que parece modificação das armas do próprio apelido, certamente por intenção religiosa.

COLAÇO. Pretendem alguns autores que os Colaços provêm de Álvaro Anes de Pendes, fidalgo castelhano que veio para Portugal com a Rainha D. Leonor, mulher de D. Duarte, dizendo que ele casara em Setúbal com D. Maria de Aguiar, filha de Diogo Afonso de Aguiar e de sua segunda mulher. Deste casamento, informam tais autores, nasceram Fernão Anes de Pendes, que morreu na África, João Álvares Colaço, Pedro de Pendes de Aguiar, que casou mas não teve geração, e D. Isabel de Aguiar, de quem não há mais notícia. O mencionado João Álvares Colaço, bom cavaleiro, militou na África, obrando notáveis actos, por cujo motivo, como dizem os genealogistas, lhe deu D. Afonso V, em 1473, armas novas. Recebeu-se em Sintra com D. Ana de Góis, filha de Pedro Anes de Góis e de sua mulher, D. Maria Nunes, de cujo matrimónio nasceram diversos filhos que propagaram o apelido Colaço.

Pretendem outros autores que os Colaços são mais antigos, alegando que em tempo de D. Afonso III vivia Fernão Colaço, de Portel, e que no de D. Fernando existiu Afonso Colaço, fidalgo honrado, avô de João Álvares Colaço, a quem foram concedidas armas novas.

Querem ainda outros que provenham de João Álvares de Pina, colaço de D. João I.

Vê-se, pois, que todos lhes dão por ascendente um João Álvares, que bem podia ser o da família dos Pinas pela circunstância de ser colaço do Mestre de Avis, tanto mais plausível este quanto é notória a semelhança das armas dos Colaços e dos Pinas, pois somente variam nos esmaltes.

É natural que existissem em tempos anteriores indivíduos com igual apelido, proveniente de alcunha.

Parece que houve dois brasões de armas para este apelido. Uns usam: De vermelho, com um leão de ouro, armado e lampassado de azul. Timbre: o leão do escudo.



Colaço.



Colaço, de
João Álvares Colaço

Os descendentes de João Álvares Colaço trazem: De vermelho, banda cosida de azul, carregada de um leão de ouro, armado e lampassado de vermelho, e acompanhada de dois pinheiros de verde, arrancados e frutados de ouro. Timbre: o leão do escudo, sainte, com um ramo de pinheiro de verde, nas garras.

COLUMBEIRO. Desconhece-se a origem desta família, mas supõe-se que tomasse o apelido do lugar da Columbeira, junto de Óbidos. Parece que as armas que usa foram concedidas a António Fernandes Columbeiro e que se encontravam registadas no livro dos reis de armas, o que permite admitir que eram anteriores ao século XVI.

As armas trazidas pelos deste apelido são: De ouro, com nove lisonjas de azul, apontadas e moventes dos bordos do escudo.



Columbeiro

CONESTAGIO. Família natural de Génova, de onde passou a Portugal Jerónimo Franchi ou Francisco Conestagio, morto em 1635, ao qual, por Carta de D. Filipe I, passada em Lisboa a 7-IV-1584, lhe foram confirmadas as armas que usava.

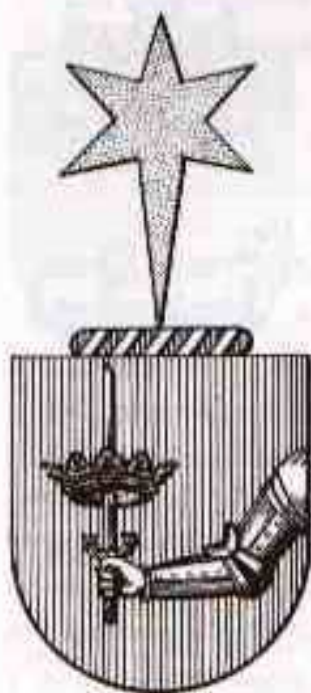
Foi secretário do cardeal Sforza, capelão de Filipe III e arcebispo de Cápua em 1634. Em Lisboa representou os interesses genoveses na feitoria da Alfândega.

Escreveu muitas obras de valor, uma das quais *Dell' Unione del Regno di Portogallo alla Corona di Castiglia*, impressa em Génova no ano de 1585, teve traduções em várias línguas, publicando-se a espanhola em Barcelona em 1610. Não há, porém, a certeza de a obra ser sua, pois alguns a atribuem ao Conde de Portalegre, D. João da Silva. O historiador Queirós Veloso supunha que este fora, apenas, quem ministrara ao genovês as informações para aquele livro, que mostra a parcialidade do seu autor.

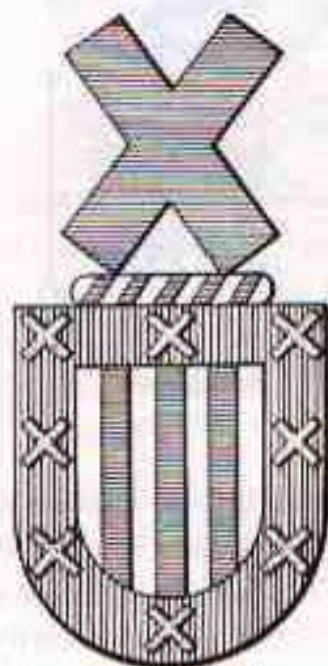
Usam os deste apelido: De vermelho, com um braço armado de prata, movente do flanco esquerdo, empunhando uma espada do mesmo, guardada de ouro, e uma coroa ducal de ouro, enfiada a meio da espada. Timbre: um cometa de ouro.

As armas desta família em Itália divergem nos metais.

CONTREIRAS. Família andaluza, que tomou o apelido do lugar de Contreras. Passou a Portugal, nacionalizando o nome.



Conestagio



Contreiras

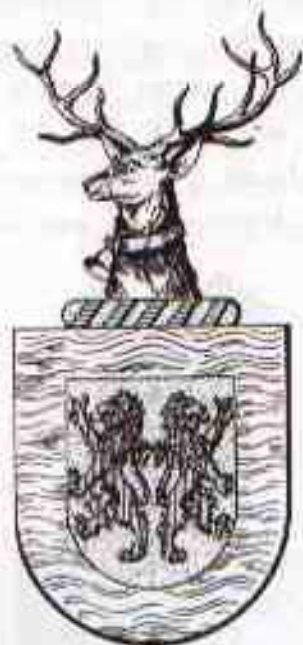
O Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, referiu-se-lhes nestes versos, que chegaram até nós incompletos:

*Os Contreiras infanções
assim foram antigamente
de Lara seu descendente
tomou por armas seis...*

As suas armas são: De prata, com três palas de azul; bordadura de vermelho carregada de oito aspas de ouro. Timbre: uma aspa de azul.

CORDEIRO. Não parece de grande antiguidade esta família e o seu apelido deve provir de alcunha, visto não ser precedido de preposição.

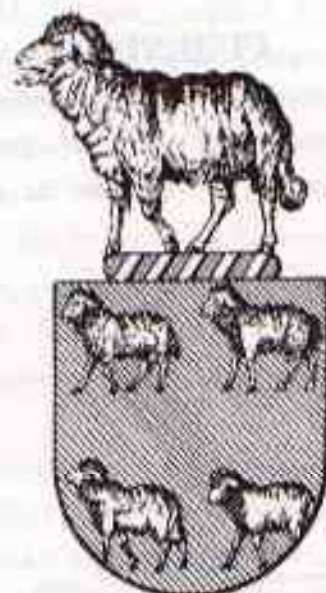
Na Espanha existe uma família *Cordero*, da qual podem ter provindo os Cordeiros portugueses, se bem que as suas armas sejam diversas. Os de Portugal usam as seguintes: De verde, com quatro cordeiros de prata acantonados. Timbre: um cordeiro do escudo.



Cordes

CORDES. Família antiga da Flandres, que se diz descender de dois filhos dum fabricante de cerveja, os quais eram vassallos do Conde soberano de Hainaut, e quando este teve uma guerra com os Flamengos se portaram com grande valentia, defendendo a ponte de Waterpont, onde guardavam as costas um ao outro. O referido Conde chegou quando eles estavam nesta acção e os armou cavaleiros, os fez nobres e lhes deu armas. Ao irmão mais velho concedeu o senhorio de Waterpont, onde se deu a acção mencionada, e ao outro o senhorio de Cordes. Tudo isto constava de documento autêntico que João Baptista de Cordes trouxe, cujas assinaturas foram reconhecidas por Bernardo Moniz, tabelião em Lisboa, a 6-VIII-1624. O primeiro que houve neste reino foi o

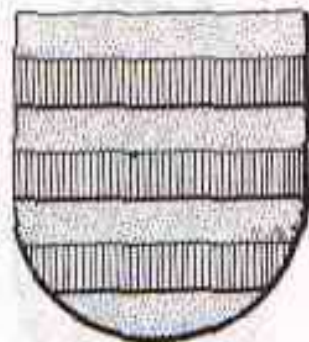
referido João Baptista de Cordes, legítimo descendente dos Condes de Flandres, como provou com certidões. Tratou-se em Lisboa sempre à lei da nobreza, foi tesoureiro do Fisco Real na mesma cidade, onde já vivia em 1626, ano em que mandou trasladar em público todos os instrumentos da sua nobreza. Casou, deixando geração que continuou o apelido.



Cordeiro

As armas que usam os Cordes em Portugal divergem alguma coisa das que trazem na Bélgica, sendo aquelas: De ouro, com dois leões de vermelho, adossados, e bordadura de prata aguada de azul. Timbre: cabeça e pescoço de veado de sua cor, coleirado e chocalhado de ouro.

CÓRDOVA. É uma das famílias mais ilustres de Castela, cujo apelido tornou da cidade de Córdoba. Descende de D. Munho, *cavaleiro castelhano e um dos povoadores de Ávila*. Foi rico-homem e pai de Domingos Munhoz, alcaide de Andujar, aguazil-mor de Sevilha, adail dos exércitos do Rei D. Fernando, o Santo, um dos três cavaleiros que em 1256 ganharam o castelo de Córdoba, senhor de Dos Hermanas, Siete Matos e de bens que o mesmo Príncipe lhe deu em Córdoba e Sevilha. Fundou nesta cidade, na Sé Metropolitana, a capela de S. Bartolomeu, onde está enterrado com sua mulher, e faleceu a 18-II-1259, deixando do seu matrimónio com D. Gila, além de outros filhos, a Fernão Munhoz. Teve este Fernão Munhoz o senhorio de Dos Hermanas, Torre de Fernão Martins e de Fernão Nunes, que ele povoou, e bens em Sevilha. Serviu de alcaide-mor e de aguazil-mor de Córdoba e morreu em 1283. Do seu casamento com D. Ora, que se supõe ser filha de D. Bermudo Vasques de Temes e de D. Teresa de Castro, nasceu D. Afonso Fernandes de Córdoba, a primeira pessoa que tomou este apelido, sucessor de seu irmão Nuno Fernandes no senhorio de Dos Hermanas 1.º senhor de Canhete, Alcalá de los Azules, Galapagar e outras terras. Foi aguazil-mor de Córdoba, adiantado da fronteira no ano de 1307 e recebeu-se com D. Teresa Ximenes ou com D. Elvira de Sottomaior, como querem alguns autores. Morreu em 1325 e sepultou-se na igreja de Córdoba, na capela de La Capa. Seus filhos continuaram a usar o apelido, propagando-o a sucessivas gerações. Desta linhagem passou a Portugal com o Duque de Alba, D. João de Aguilar e Carrascosa, sétimo neto por varonia do referido D. Afonso Fernandes de Córdoba, que em 5-II-1598 fez testamento em Campo Maior, o qual deixou uma filha por nome D. Ana de Aguilar, casada com João da Viadeira Mexia, cuja descendência se ligou com os Britos Monroys e outras famílias do Alentejo.



Córdoba

Um João de Córdoba, que se diz ter sido armado cavaleiro pelo Rei D. Sebastião, na África, foi casado com uma irmã do licenciado Martim Afonso Ferreira, de quem deixou, em Santarém, filhos com os apelidos de Córdoba, Abreu e Serra. Por diversas vezes os Córdovas casaram com senhoras portuguesas ou de famílias originárias de Portugal.

As armas usadas pelos deste apelido tanto em Espanha como em Portugal são: De ouro, com três faixas de vermelho.

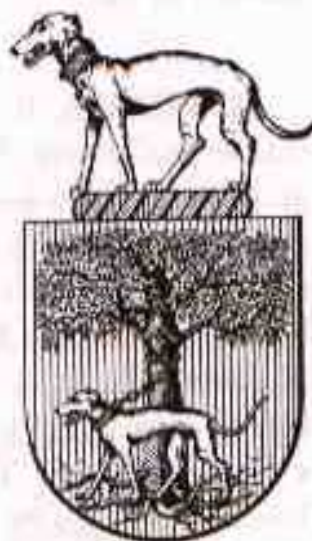
CORDOVIL. Procedem os destes apelido de dois irmãos que se diz terem vindo de Córdoba: Lourenço Anes Cordovil e Gomes Anes Cordovil, este sem mais notícia. Lourenço Anes Cordovil teve uma quinta no termo de Sesimbra, que lhe deu o Rei D. Fernando por Carta de 7-XI-1379, viveu em Setúbal, e de D. João I, sendo ainda

Regedor do Reino, houve mercê de uma quinta em Azeitão e de casas em Setúbal, feita em remuneração de serviços. Deste provêm os Cordovis.

O Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, dedicou-lhes a seguinte quintilha:

*De Cordova naturais
São os Cordovis honrados
lá e cá mui acatados
cavaleiros principaes
foram seus antepassados.*

Trazem por armas: De vermelho, com uma oliveira de verde, arrancada de prata e frutada de ouro, e um galgo de prata, coleirado de azul, guarnecido de ouro, passante, preso à árvore por uma cadeia de ouro e brocante sobre o tronco. Timbre: o galgo do escudo.



Cordovil

CORELHA. Querem alguns autores que a família portuguesa de apelido Corelha provenha dos Corellas de Navarra, onde tiveram um senhorio de que tomaram o nome, acrescentando que daí passaram a Valença, de cujo Reino vieram, no tempo do governo filipino, a Portugal.



Corelha

As armas que usam os Corelhas de Portugal e os Corellas de Navarra são muito diferentes, pelo que não permitem aproximar uma família da outra. Usam os primeiros: De vermelho, com uma torre de prata, rematada por uma donzela sainte, vestida de azul, toucada de ouro, e a torre sustida por dois galgos de prata, coleirados de azul e guarnecidos de ouro. Timbre: um galgo do escudo.

CORONA. Família espanhola que passou a Portugal, ignorando-se, porém, quem trouxe o apelido. As armas que usa, tanto na Espanha como em Portugal, são: De verde, com uma cruz florenciada de ouro, acompanhada de uma coroa do mesmo, posta no cantão direito do chefe, e de uma flor-de-lis de prata, no cantão esquerdo da ponta.



Corona

CORONEL. Procede esta linhagem de D. Gastão Garcez de Biel, que alguns autores supõem ser da casa dos Reis de Sobrarbe, o qual foi dos mais antigos ricos-homens de Aragão e muito valoroso. Serviu o Rei de Castela, D. Afonso III, cognominado o Imperador de Espanha, quando invadiu os Reinos de Valência e de Múrcia, e, também, na

batalha de Fraga, que foi das mais notáveis. Esteve igualmente ao serviço dos Reis D. Sancho IV e D. Pedro I, de Aragão, na expugnação de Huesca e na batalha que aí houve contra quatro Reis mouros, no ano de 1096, distribuindo D. Pedro o comando do lado esquerdo da vanguarda a este D. Gastão Garcez de Biel e o direito a seu irmão, o Infante D. Afonso Sanches. Foi seu filho D. Fortum Garcez de Biel, que succedeu na casa paterna, teve o senhorio da vila de Biel e de outras terras, e esteve com seu pai no sítio e batalha de Huesca. Por ser já grande o seu valor, D. Pedro lhe entregou e a seu irmão D. Afonso Sanches o governo da cidade de Huesca. Dizem os cronistas aragoneses que D. Fortum Garcez tomou as armas que usam os Coronéis no sítio de Huesca, sem darem, porém, explicação acerca do facto. Teve por filhos a D. Pedro Cornel e D. Raimundo Cornel. O primeiro succedeu na casa do pai e viveu nos reinados de D. Ramiro, o Monge, de Aragão, e de sua filha e herdeira D. Petronilha. Dele há memória pelos anos de 1136, como sendo um dos cavaleiros mais recomendáveis por sua valentia e nobreza. Deixou distinta geração que seguiu o seu apelido. O segundo filho foi rico-homem e serviu os Reis de Aragão D. Ramiro, o Monge, D. Pedro II e D. Afonso II nas suas guerras. Teve geração que se ignora se continuou.

Os Coronéis passaram a Portugal na pessoa de D. Pedro Cornel, filho de outro deste nome e neto de D. Fortum Garcez de Biel, o qual veio em serviço com a Rainha D. Dulce, mulher de D. Sancho I de Portugal, senhora que era filha de D. Raimundo Berenguer, último Conde soberano de Barcelona, e de sua mulher, a Rainha de Aragão, D. Petronilha. Serviu nas guerras ao Rei D. Ramiro, o Monge, de Aragão, e à Rainha D. Petronilha, sua filha; foi rico-homem de D. Afonso Henriques e de D. Sancho I de Portugal, a cujo serviço também esteve, combatendo os Mouros. Parece que em Portugal mudou o apelido para Coronel e neste Reino se casou com D. Justa Pais da Silva, filha de D. Paio Guterres da Silva e de sua mulher, D. Sancha Anes de Montor, de quem deixou descendência que usou o seu apelido e o de Sequeira.

No século XVI homiziou-se em Portugal António Coronel, que vivia em Salvaterra, na Galiza, e pertencia aos Coronéis de Segóvia. Morou na vila de Monção e a sua descendência permaneceu em Portugal.

Também do ramo de Segóvia, onde foi regedor, veio Inigo Peres Coronel, que se fixou em Elvas e teve geração vasta e de grande riqueza e categoria neste país. Com a Infanta D. Isabel, primeira mulher de D. Manuel I, veio Mestre Tomás da Veiga, casado com D. Constança Coronel, dos de Segóvia, o qual era natural de Tordesilhas e médico da Câmara dos Reis Católicos D. Fernando e D. Isabel, pais da Infanta. Teve vários filhos, mas só um deles, Mestre Rodrigo da Veiga ficou em Portugal, onde foi médico da Câmara de D. Manuel e teve larga descendência. Dos Coronéis de Segóvia passou ainda a este Reino Mestre Nicolau Coronel, médico insigne, fisco da Rainha D. Maria, segunda mulher de D. Manuel, com a qual veio, recebendo o ordenado anual de 12 000 réis. Este Rei o tomou por médico da sua Câmara e lhe deu



Coronel

Carta de brasão de armas a 6-V-1499. Serviu, também, de guarda-reposteiro de D. João III. Deixou geração que ficou em Portugal.

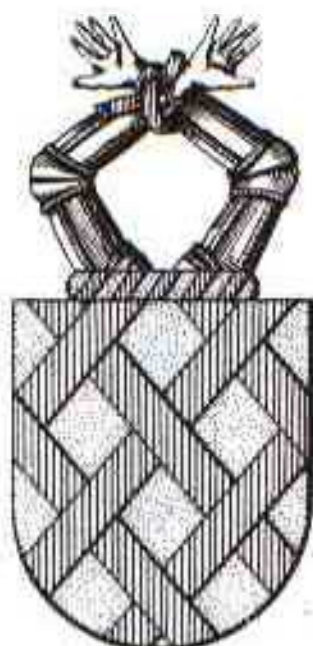
O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, escreveu a seguinte quintilha acerca dos Coroneis:

*Uns dizem que de Cornela
outros dizem de coroa
que foi posta àquela dona
por não fazer adulterio
se queimou como matrona.*

As armas dos deste apelido, tanto em Espanha como em Portugal são: De azul, com cinco aguietas estendidas de ouro, a do meio coroada. Timbre: a aguieta coroada do escudo.

CORREIA. É uma das mais antigas famílias portuguesas, cujo apelido começou em D. Soeiro Pais Correia, filho de D. Paio Ramires, rico-homem do Rei D. Afonso VI, o qual, embora fosse português, assistiu sempre na Corte deste soberano. D. Sociro Pais recebeu-se com D. Urraca Soares, filha de Soeiro Guedes e neta de D. Gueda o Velho, e teve filhos pelos quais se propagou o apelido. O solar da família dos Correias é o couto de Farelães, junto de Braga.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, escreveu acerca de tão ilustre linhagem os seguintes versos:



Correia

*Os que cercados de mouros
nese Monte Mor Velho
pelas correas e couros
comeram por não ter louros
tem taes armas por espelho.*

Manuel de Sousa da Silva, igualmente se lembrou deles cantando-os nos versos que seguem:

*Farrelães e o solar
Que aos Correias deu o ser
E Dom Payo veio a ter
O qual fez o sol parar
Para os mouros vencer.*



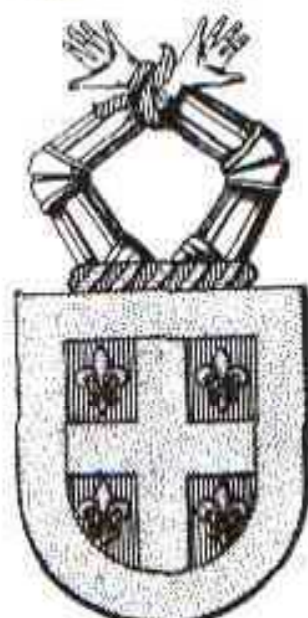
Correia de Aguiar

As armas dos Correias são: De ouro, fretado de vermelho, de seis peças. Timbre: dois braços armados de prata, recamados de ouro, com as mãos de carnção expalmadas, os pulsos passados em aspa e atados de vermelho.

Os senhores de Farelães e outros ramos, recordando a sua ligação com os Aguiares, usam por armas: De vermelho, com uma águia estendida de negro, armada e membrada de ouro e carregada de um escudete do mesmo, fretado de vermelho, de seis peças, brocante sobre a águia. Timbre: a águia do escudo, sainte, com uma correia de vermelho no bico.

Diogo Fernandes Correia, feitor na Flandres, por grandes serviços de dinheiro prestados em 1488 recebeu do Imperador Maximiliano I mercê de armas novas para ele e seus descendentes, que não teve, facto este que não inibiu os reis de armas de as concederem várias vezes no século XVIII, como sendo as dos Fernandes.

As armas concedidas a este Diogo Fernandes Correia são: Esquartelado: o primeiro de ouro, com uma águia de duas



Correia,
dos senhores de Belas

cabeças de negro, carregada de um crescente cosido de vermelho, brocante sobre o peito e asas; o segundo de vermelho, com três vieiras de prata; o terceiro de vermelho, com uma torre de prata; o quarto de vermelho, com três escudetes de prata, cada escudete com uma cruz de vermelho. Timbre: uma águia, de uma só cabeça, de negro, sainte, com um escudete do quarto quartel no bico, pendente de um torçal de vermelho.

Referindo-se ao ramo dos senhores de Belas, D. João Ribeiro Gaio escreveu ainda:

*Couros e Correias são
os deste progenitores
Atougua também são
e de Belas são senhores.*

Os Correias senhores de Belas ligaram as armas deste apelido às dos Atouguias, pela seguinte maneira: De vermelho, com cruz de ouro, cantonada de quatro flores-de-lis do mesmo; bordadura também de ouro (Atouguia). Timbre: dois braços de prata, com as mãos de carnação, espalmadas, os pulsos passados em aspa e atados de vermelho (Correia).

António Correia, que muito se distinguiu na Índia quando governava este Estado Diogo Lopes de Sequeira, indo por capitão-mór de uma frota contra o Rei de Barém, que guerreava o Rei de Ormuz, vassalo do de Portugal, pelejou com ele, obrou grandes façanhas e o venceu, pelo que D. João III, por Carta de 14-1-1540, lhe acrescentou suas armas, que ficaram assim constituídas: Esquartelado: o primeiro de vermelho, com uma



Correia, de Diogo
Fernandes Correia



Correia Barém

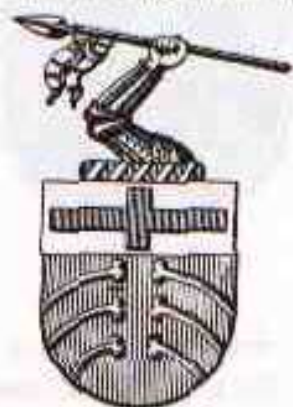
cabeça de mouro, cortada, lotada de prata e coroada de ouro; o segundo e o terceiro de vermelho, com uma águia de negro, estendida, armada e membrada de ouro, e um escudete de ouro, fretado de vermelho, de seis peças, brocante sobre todo o corpo da águia (Correia); o quarto contra-esquartelado: o primeiro e o quarto de azul, com uma cruz potenteia e vazia de ouro (Teixeira); o segundo e o terceiro de verde, com cinco flores-de-lis de ouro, postas em sautor (Mota). Timbre: um braço armado de prata, com a cabeça de um mouro pendurada pela fota. Seus descendentes se apelidaram Correia Barém ou Baharém.

CORTE-REAL. Provêm os Corte-Reais da família dos Costas, do Algarve, ignorando-se ao certo a origem do apelido, que começou em Vasco Anes da Costa, cavaleiro honrado de Tavira, no tempo de D. João I, ou em seus filhos Vasco Anes Corte-Real, Gil Vaz da Costa e Afonso Vaz da Costa, que também o usaram, transmitindo-se à descendência dos dois primeiros, pois do terceiro não consta que a houvesse. Informam alguns autores genealógicos que Vasco Anes Corte-Real, criado e valido de D. Duarte, dele recebeu o apelido por ser muito agasalhador de pessoas, dizendo o mesmo Príncipe que a sua corte era real quando nela estava Vasco Anes. Foi alcaide-mor de Tavira e Silves, fronteiro-mor do Algarve, o primeiro que desembarcou em Ceuta com o Infante e que entrou na porta de Almina.

Outros autores dizem que veio o apelido a Vasco Anes da Costa, seu pai, por este oferecido a D. João I para ir ao desafio dos Doze de Inglaterra e que, deste acontecimento, juntara às armas dos Costas a cruz vermelha, a qual trazia no escudo o cavaleiro inglês com quem se batera. Parece mais natural que o apelido tenha começado em Vasco Anes da Costa e os filhos o recebessem dele do que haver principiado em Vasco Anes, seu filho, e deste o tomassem os irmãos.

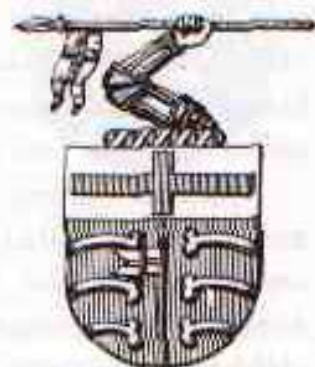
As armas dos Cortes-Reais são: De vermelho, com seis costas de prata, postas 2, 2 e 2 e firmadas nos flancos; chefe de prata, carregado de uma cruz do primeiro esmalte, solta nos flancos. Timbre: um braço armado de prata, guarnecido de ouro, com lança enristada de prata, hasteada de ouro, com uma bandeira de duas pontas também de prata, carregada de uma cruz de S. Jorge de vermelho.

Jerónimo Corte-Real, filho de Vasco Anes Corte-Real e de sua mulher, D. Joana da Silva, neto paterno de João Vaz Corte-Real e de sua mulher, Maria de Abarca, bisneto de Vasco Anes Corte-Real e de sua mulher, Mor Escudeiro, e terceiro neto de Vasco Anes da Costa, o mais antigo a que nos referimos, instituiu o morgado de Vale de Palma,



Corte-Real

o qual, por não ter geração, passou a seu sobrinho João Vaz Corte-Real, filho segundo de seu irmão Manuel Corte-Real. Desejando Jerónimo Corte-Real que os administradores do morgado pudessem usar as armas dos Cortes-Reais sem a diferença que teriam de pôr, em virtude de o chefe da linhagem ser o sobredito seu irmão Manuel, pediu a



Corte-Real, dos morgados de Vale de Palma

D. João III lhe concedesse acrescentamento para ele e seus descendentes, o que o soberano fez por Carta de 22-X-1542, confirmada em 10-III-1544. O acrescentamento pedido foi *uma lança com bandeira farpada e nela uma cruz*, a qual os Corte-Reais traziam detrás do escudo. As suas armas ficaram assim ordenadas: De vermelho com seis costas de prata, postas 2, 2 e 2 e firmadas nos flancos e uma lança de prata, hasteada de ouro com bandeira de duas pontas também de prata, carregada de uma cruz de vermelho, posta em pala no meio do escudo; chefe de prata carregado de uma cruz de vermelho solta nos flancos. Timbre: um braço armado de prata, guarnecido de ouro, com lança enristada de prata, hasteada de ouro, com bandeira de duas pontas também de prata, carregada de uma cruz de S. Jorge de vermelho.

Da Carta de acrescentamento concedida a este Jerónimo Corte-Real, parece depreender-se que seu pai foi o ganhador do acrescentamento do chefe posto nas armas dos Costas, o qual originou as dos Cortes-Reais.

Não pode a alusão que ali se encontra referir-se a outro acrescentamento, pois mais nenhum se conhece e, sendo ele o chefe da linhagem, era natural que não se perdesse. Pedindo o mencionado Jerónimo por acrescentamento a lança com a bandeira, prova-se que tudo o mais já existia nas armas paternas. Assim, se desfaz a lenda de a cruz provir do escudo do cavaleiro inglês com quem se batera Vasco Anes da Costa, no torneio dos Doze de Inglaterra.

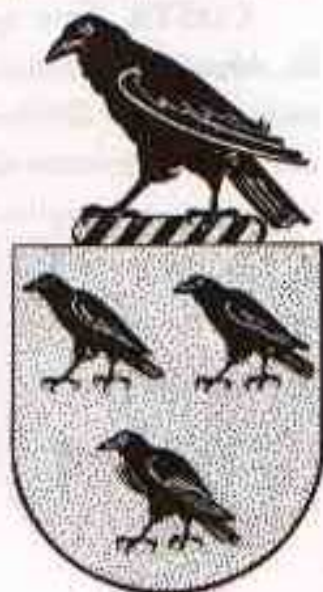
CORTÊS. Há em Portugal diversas famílias deste apelido, umas procedentes de Espanha, outras naturais do próprio país. Destas, nem todas tomaram o apelido igualmente, pois algumas tiraram-no de alcunha, enquanto outras o tomaram de localidades, como Vila Cortês. Na região de Miranda do Corvo, à Lousã, existe uma família Cortês, a que pertenceu Manuel Lopes Caetano Cortês Serra, capitão-mor da vilas



Cortês

da Lousã e Serpins e do couto de Semide, o qual teve Carta de brasão de armas, passada a 14-XII-1771, em que se lhe concederam por sucessão as armas dos Limas, Serras, Gonçalves e Corteses, estas como a seguir se descrevem: De prata, com uma cruz florenciada de vermelho, rodeada de chamas de azul.

Alguns autores atribuem as armas de Fernão Cortês, conquistador do México, aos Corteses de Portugal, o que é erro, pois estes são anteriores ao herói espanhol.



Corvacho

CORVACHO. Desconhecem-se as origens desta família, cujo nome provavelmente deriva de alcunha, pois Corvacho é diminutivo de corvo e significa corvo pequeno. As suas armas, que já se encontram no *Livro do Armeiro-mor* e no *Livro da Torre do Tombo*, são: De ouro, com três corvos de negro. Timbre: um corvo do escudo.

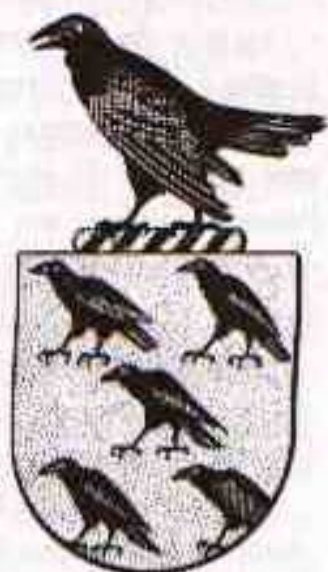
CORVEIRA. Esta família provém do Reino de Aragão, onde é distinta. O grande genealogista Manuel de Sousa da Silva escreveu acerca desta linhagem, a quintilha:

*Esse couto de Curveiras
Em Penafiel encobre
A casa illustre e nobre
dos Curveiras a primeira
Que o tempo tornou pobre.*



Corvinel

Tanto em Portugal como na Espanha, onde se chama *Corvera*, usa esta família as armas seguintes: De ouro, com cinco corvos de negro, postos em sautor. Timbre: um corvo do escudo.



Corveira

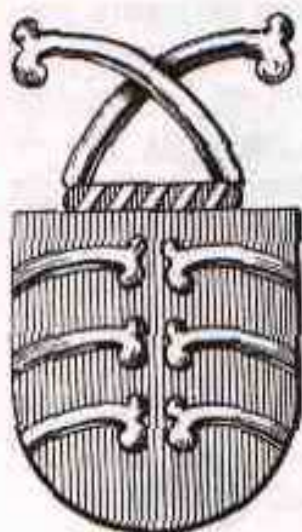
CORVINEL. Parece proceder de Itália a família deste apelido, pois nos princípios do século XVI vivia em Lisboa Francisco Cobinel, primeiro feitor de Goa, o qual era natural de Florença, da família Corbinelli.

As armas dos Corbinellis são diferentes das dos Corvinéis, mas estas já se encontram registadas no *Livro dos Reis de Armas*, como informa o 1.^o Visconde de Sanches de Baena. Em Portugal trazem: De prata, com um castelo de vermelho, bordadura de prata, perfilada interiormente de negro, carregada de sete mosquetas do mesmo. Timbre: um corvo de negro.

COSTA. Este apelido é muito antigo em Portugal, pois já existia no tempo de D. Afonso Henriques. Pretendem alguns autores que foi seu solar a Quinta da Costa, na comarca de Guimarães, mas nem todos os do apelido têm a mesma origem, pelo que deve haver diversos solares, que se ignoram quais sejam. O topónimo Costa é bastante vulgar, o que explica a quantidade de pessoas de igual apelido.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, dedicou-lhes os versos seguintes:

*A quem quebrou a espada
com costas se defendeu,
seu inimigo venceu,
houve sua namorada
posto que também morreu.*



Costa

Os Costas trazem por armas: De vermelho, com seis costas de prata, postas 2, 2 e 2, firmadas nos flancos. Timbre: duas costas de prata, passadas em aspa. O ramo dos Costas do cardeal de Alpedrinha, D. Jorge da Costa, usa as armas que este adoptou: Partido: o primeiro de azul, com uma roda de Santa Catarina, de ouro, armada de prata, com o segundo de vermelho, com seis costas de prata, postas 2, 2 e 2, firmadas nos flancos. Timbre: duas costas de prata, passadas em aspa e atadas de vermelho.



Costa,
dos senhores de Pancas

COTA. Dizem os genealogistas que os Costas provêm duma família romana que teve cônsules, generais e capitães notáveis e que se ramificou para Milão, de onde passou a Espanha, mas não ligam os mais antigos portugueses deste apelido com tão illustre linhagem, embora digam que a ela pertence. No reinado de D. Dinis foi vereador de Santarém João Anes Cota, o mais antigo que se conhece em Portugal com o apelido, que, no ano de 1298, assistiu às demarcações de Castro e Almoester, por ordem da Câmara daquela vila. Dizem que foram seus filhos Fernão Anes Cota e Pedro Anes Cota, o primeiro morador em Santarém e casado com Ana Rodrigues de Sousa, de cujo matrimônio descendem os do apelido de Cota.

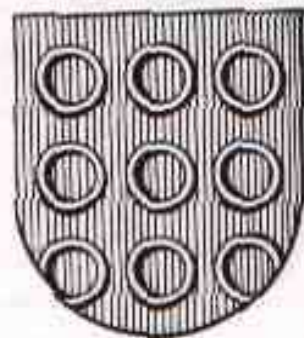


Cota

As armas desta família são: De prata, com uma cota de armas de vermelho e a legenda *SINE SANGUINE NON EST VICTORIA*, de negro, posta em orla. Timbre: a cota do escudo.

COTIMO. Ignora-se a origem desta família, mas supõe-se que provém dos *Coëtmen*, nobres do ducado da Bretanha, em França, tanto mais que as armas dos Cotimos são iguais às dos *Marqueses de Coëtmen*. Parece existir há muito em Portugal, pois as suas armas achavam-se no *Livro dos Reis de Armas*, anterior aos princípios do século XVI. A pessoa mais antiga do apelido, que se conhece, é Inês Pires Cotimo, casada com Estêvão Rodrigues da Costa, dos quais nasceu Pedro Anes Cotimo, natural de Alcácer do Sal e morador em Setúbal, fidalgo da Casa de D. João II, que, dos seus dois matrimônios, teve geração, por onde se continuou o apelido.

As armas que usam são: De vermelho, com nove memórias de prata, postas 3, 3 e 3.



Cotimo

COTRIM. Supõem os genealogistas que esta família é de origem estrangeira, querendo uns que viesse de Itália e se chamasse Quatrino e outros que seja de proveniência inglesa, o que parece mais verosímil. Os primeiros que se conhecem em Portugal com este apelido são Jaime Cotrim e seu irmão Heitor Cotrim, este fidalgo da Casa de D. Afonso V e seu pajem da lança. Jaime Cotrim também foi fidalgo da mesma Casa e monteiro-mor do Infante D. Henrique. Sabe-se que foi seu filho João Martins Canas Cotrim, que viveu no termo de Dornes, na quinta de Souto de Ereira, casado com Maria Álvares de Sá, filha de Fernão Rodrigues de Sá, fidalgo da Casa do Rei, de cujo matrimónio descendem os Cotrims.

João Rodrigues de Sá, nos versos que fez, cantou esta família pela seguinte forma:

*De cos mais fazem tesouro
nu escudo escaques são,
onde xaques nom darão,
se nom for em prata ou ouro,
dama, roques, nem pião.*

*Co este que luguar tome
a geração, E se asome
dos Cotryns, rezão seria
que mayor foy na valya
que a moeda de seu nome.*

Igualmente o bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, o consagrou escrevendo a quintilha:

*Em campo de prata tem
uns escaques de Cotrims
que em Portugal são ceitis,
mas o sangue destes vem
dos que trazem flor de liz*



Cotrim



Couceiro (antigas)

A família Cotrim usa por armas: Xadrezado de ouro e de azul, de seis peças em faixa e sete em pala. Timbre: Três plumas de azul chapeadas de ouro, reunidas em ponta.

COUCEIRO. Desconhece-se a origem desta família, se bem que os genealogistas digam que tomou o apelido de Couceiro, freguesia do concelho de Vila Verde, o que se pode admitir. A pessoa mais antiga do apelido de que há notícia é Diogo Couceiro, morador em Tentúgal, o qual deve ter vivido nos reinados de D. Fernando e D. João I, pois de um



Couceiro (modernas)

de seus filhos se sabe que viveu no deste Rei, alcançando, ainda o de D. Afonso V. Do mencionado Diogo Couceiro descendem as demais pessoas do apelido.

As armas antigas dos Couceiros são: De azul, com três taças (couçoeiras) de ouro. Timbre: leão nascente de azul, armado e lampassado de vermelho, com uma taça do escudo na garra direita.

Modernamente trazem por armas: De vermelho, com três couceiras de prata, alinhadas em faixa, a do meio ladeada de dois leões de ouro, lampassados de vermelho. Timbre: um leão do escudo, sainte.

A Francisco Couceiro, de Santarém, escudeiro fidalgo da Excelente Senhora, diz-se que foram dadas as seguintes armas, de que não se conhece documento de mercê: De prata, com uma águia de púrpura, realçada de ouro, com uma argola de couceira no bico, de azul. Timbre: a águia do escudo.



Couceiro, de Francisco Couceiro

COUROS. O primeiro deste apelido, que se conhece, é João Domingues de Couros, natural do Porto e homem muito honrado, o qual viveu no século XV e deixou descendência.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, dedicou a esta família os seguintes versos:



Couros

*Toda Espanha foi de mouros,
só o Porto teve não
pelo esforço dos Couros,
traziam couros de touros
donde vem este braço.*

Também Manuel de Sousa da Silva lhe fez esta quintilha:

*Os que se chamam de Couros,
Do Porto são naturais
Onde foram principais
E ainda os seus vindouros
São conhecidos por tais.*

As armas que trazem são: De prata, gotado de vermelho com uma serpente de verde, ensanguentada, enroscada em duas pernas armadas de azul, passadas em aspa, e mordendo o coto da direita. Timbre: meio braço vestido de azul, com manopla de prata, empunhando um pescoço e cabeça de serpente de verde, cortada de vermelho.

COUTINHO. É uma das mais antigas e ilustres famílias de Portugal, que atingiu grande brilho pelas suas valorosas acções e alianças que teve com membros da Casa Real. Parece provir esta linhagem de D. Garcia Rodrigues da Fonseca, que esteve na conquista de Lamego com seu irmão D. Paio Rodrigues, de quem descendem os FONSECAS. D. D. Garcia Rodrigues da Fonseca foi casado com D. Dordia Ramires, filha de D. Pinhão Rausendo, possuiu a honra de Fonseca e o couto de Leomil e teve por filho a D. Egas Garcia da Fonseca, senhor do mesmo couto, que se recebeu com D. Mor Pais de Curveira, filha de D. Paio Pires Romeu e de D. Goda Soares da Maia. Destes nasceram vários filhos e entre eles D. Vicente Viegas Coutinho, senhor do couto de Leomil, que por ser de pequena extensão chamavam *coutinho*, de cuja designação tomou o apelido, e, casando com D. Sancha, foi pai de Martim Vicente Coutinho, que teve o mesmo senhorio. Seu filho Estêvão Martins Coutinho, senhor do couto de Leomil, recebeu-se com D. Teresa ou Urraca Rodrigues da Fonseca, filha de Rui Mendes da Fonseca e de sua mulher, D. Teresa Anes, de quem deixou geração.

Desta descendência uns filhos seguiram o apelido de Fonseca e outro, Fernão Martins da Fonseca ou Coutinho, pois ambos os apelidos ao mesmo tempo lhe dão os genealogistas, o que se não coaduna com o uso da época, foi progenitor dos Coutinhos. Fernão Martins, bom cavaleiro, como diz o Conde D. Pedro, e rico-homem de D. Fernando, possuiu o couto de Leomil e casou-se com D. Teresa Pires Varela, filha de Pedro Miguel, conhecido por Pêro Palha, natural de Santiago, e de sua mulher D. Urraca Fernandes, de quem nasceu Vasco Fernandes Coutinho, cujos descendentes seguiram o apelido de Coutinho. D. Leonor Coutinho, filha deste Vasco Fernandes Coutinho e de sua mulher, Brites Gonçalves de Moura, recebeu-se com D. Fernando, senhor de Bragança, filho bastardo do Infante D. João, que o era de D. Pedro I e de D. Inês de Castro. D. João Coutinho, filho primogénito de D. Gonçalo Coutinho, 2.^o Conde de Marialva, e de sua mulher, D. Brites de Melo, teve contratado matrimónio com D. Catarina, filha de D. Fernando, 2.^o Duque de Bragança. D. Guiomar Coutinho, filha de D. Francisco Coutinho, 4.^o Conde de Marialva, e de sua segunda mulher, D. Brites de Melo, foi casada com o Infante D. Fernando, filho de D. Manuel. Mostram os casamentos indicados quão elevada era a categoria da família.

João Rodrigues de Sá, tratando das linhagens portuguesas, escreveu estes versos acerca dos Coutinhos:

*As cinco estrelas sanguinhas
em campo douro pintado
do sangue antigo, & honrado
são nobres armas coutinhas,
feytas dum çeo estrelado.*

*E sabbes desta gente
que ganhou antiguamente,
segundo a memorea alcança,
a casa por sua lança
quagora tem no presente.*



Coutinho

Também o bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio lhes dedicou a quintilha:

*Doz coutos foram senhores
que tomaram á alarve gente
Os Coutinhos que ao presente
em Portugal são maiores,
e godos antigamente.*

As armas usadas pelos desta linhagem são: De ouro, com cinco estrelas de cinco raios de vermelho, postas em sautor. Timbre: um leopardo de vermelho, armado e lampassado de ouro, carregado de uma estrela de cinco raios do mesmo na espádua, tendo uma capela de flores na garra direita.

COUTO. A pessoa mais antiga que se encontra com este apelido é Rui Gonçalves do Couto, *o Babilão*, assim chamado por ter ido a Babilónia. Era filho de Gonçalo Rodrigues da Maia, *o Velho*, e de sua mulher, D. Sancha Gonçalves de Belmir, o qual foi senhor do couto de Palmazãos e por sua vez, era filho de Rodrigo Gonçalves, senhor do mesmo couto. Rui Gonçalves da Maia ou do Couto, obrou grandes façanhas na Babilónia, de onde veio rico. Viveu em Entre Douro e Minho, recebeu-se com D. Estevainha e foi senhor do couto de Palmazãos, do qual tomou apelido. Seu filho Fernão Rodrigues Babilão teve o senhorio do mesmo couto e por não haver geração do matrimónio contraído com D. Elvira o deu, em 1298, ao mosteiro de Santo Tirso. O apelido de Couto continuou-se por outros irmãos, que deixaram descendência. O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, dedicou aos Coutos os seguintes versos:

*Nos espanta e espantou
o grão feito que estes fez
D.^{uo} com um batel tomou
a um galeão francez
de que esta só alcançou.*

Manuel de Sousa da Silva também escreveu uma quintilha aos Vales e Babilões, que diz:

*Em Palmalaioz couto antigo
Na Maia as casas estam
que o solar dos Valles são
E dos Babilões abrigo
de que não ha geração.*



Couto

Usam as seguintes armas, que foram concedidas, por Carta de 8-III-1536, a Álvaro do Couto: De vermelho, com um castelo de prata, lavrado de negro, aberto e iluminado sobre um contrachefe ondado de prata e de azul. Timbre: o castelo do escudo.

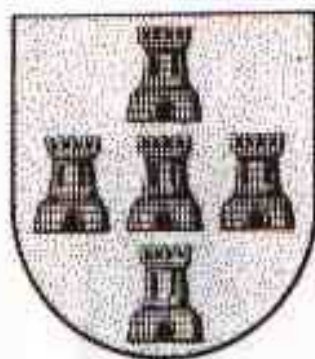
COVA. V. *Lacueva*.

CRAESBEECK. Família flamenga, oriunda da cidade de Lovaina. Sabe-se que o Imperador Carlos V deu armas em 1530 a Guilherme van Craesbeeck e que seu neto, Pedro Craesbeeck, natural da mesma cidade, veio para Portugal, estabelecendo-se em Lisboa no ano de 1592. Foi impressor notável e discípulo do celeberrimo Cristóvão Plantino, de Antuérpia, e foi o fundador duma dinastia de impressores, muito ilustres, que nos séculos XV e XVI trabalharam brilhantemente em Portugal. Estabeleceu uma oficina tipográfica que imprimiu obras muito estimadas pela beleza do trabalho. Teve o foro de cavaleiro da Casa Real a 25-X-1617 e o privilégio de impressor régio por alvará de 28-V-1620. As obras que imprimiu têm as datas compreendidas entre 1597 e 1632. Recebeu-se com Susana Domingues de Beja, filha de João Domingues de Beja ou de Antuérpia e de sua mulher, Catarina Gomes Pacheco, de quem teve diversos filhos que seguiram o apelido Craesbeeck, devendo o casamento ter-se efectuado em 1599 ou anteriormente.

As armas da família Craesbeeck são: De azul, com uma estrela de ouro de seis raios, encimada por um crescente de prata. Timbre: a estrela do escudo.



Craesbeeck

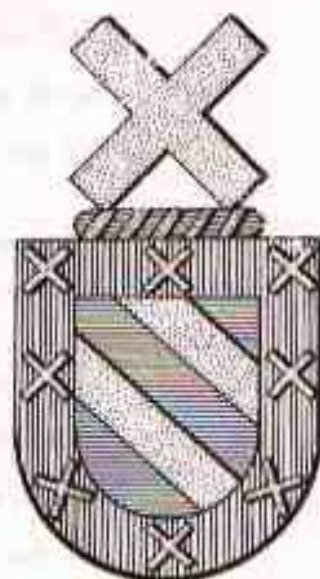


Crato

CRATO. Ignora-se a origem desta família, que tirou o apelido da vila do Crato, no Alentejo, em cuja província viveu na primeira metade do século XVI Belchior do Crato. Este é a pessoa mais antiga do apelido que se conhece, sabendo-se que era primo coirmão da mulher de Álvaro Mexia, de Isabel Vaz, mulher de Rui Gonçalves de Castelo-Branco, e de Brites Belo, mulher de Diogo de Barros. Viveu em Portalegre e foi casado com Ana Gonçalves de Basto, de quem teve diversos filhos que seguiram o apelido paterno.

Usam por armas: De ouro, com cinco torres de vermelho, postas em cruz.

CRIADO. Família espanhola que tem o seu solar no Reino de Sevilha. A pessoa mais antiga deste apelido que se conhece em Portugal é Rodrigo Afonso Criado, que se diz ser natural de Sevilha e ter vindo em serviço da Princesa D. Isabel,



Criado

quando se passou a Portugal para casar com o Príncipe D. Afonso, filho de D. João II, no ano de 1490. Contraiu matrimónio em Montemor-o-Velho com Isabel Vaz de Pina e faleceu em Verride, ao que parece. Teve vários filhos, mas só de um houve descendência, que continuou a usar este apelido.

Trazem por armas os Criados: De azul, com duas bandas de ouro; bordadura cosida de vermelho, carregada de oito aspas de ouro. Timbre, uma aspa do escudo.



Cubelos

CUBELLOS. Família aragonesa, cujo solar é junto de Calpe, de onde se espalhou por vários Reinos de Espanha, dando, também, um ramo para Portugal, que se fixou no Alentejo. Usam as seguintes armas: De vermelho, com três cubelos de prata, abertos e iluminados de negro. Timbre: um cubelo do escudo.

CUEVA. V. *Lacueva.*

CUNHA. Linhagem das mais antigas de Portugal, que provém de D. Paio Guterres da Silva, adiantado de Portugal, governador de muitas terras pelo Rei D. Afonso VI de Leão e seu rico-homem, fundador dos mosteiros de Cucujães, Tibães, S. Simão da Junqueira, S. Salvador do Souto e Santo Estêvão de Vilela, e de João Ramires, senhor de Montor. Seu terceiro filho, D. Fernão Pais da Cunha, teve o senhorio da quinta de Cunha-a-Velha, da qual tomou o apelido. Recebeu-se com D. Mor Rendufes, filha de Rendulo Soleima e de sua mulher, D. Acha, de quem teve D. Lourenço Fernandes da Cunha, que continuou a linhagem.

João Rodrigues de Sá louva esta família nos seguintes versos:



Cunha

*Cinco cunhas testemunhas
sobre campo couro banha
são de vir de terra estranha
o nobre sangue dos Cunhas,
a selo mais em Espanha.*

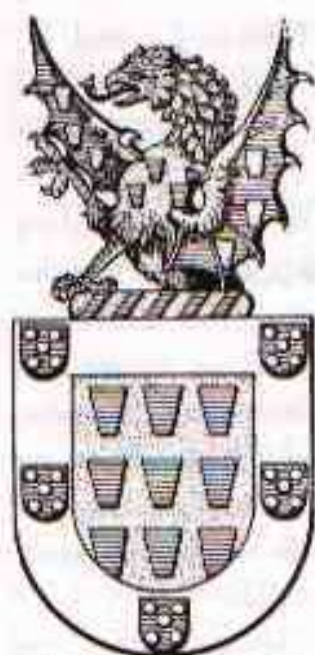
*O certo não sabem donde
mais que vyrem quão co conde
dom Anrique no começo
Santarem he de seu preçõ
testemunha que lhauonde.*

Igualmente o Bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, cantou tão antiga linhagem na quintilha:

*Dizem que na praia
do famoso rio Douro
matou o deste um rei moçabo
que a mulher lhe tinha em Gaya
furtada com seu tesouro.*



Cunha, dos senhores de Tabua (antiga)



Cunha, dos senhores
de Tábua (modernas)

As armas que lhe pertencem são: De ouro, com nove cunhas de azul, postas 3, 3 e 3. Timbre: grifo sainte de ouro, semeado de cunhas de azul, com asas de um no outro.

Os senhores de Tábua e seus descendentes usavam antigamente: Esquartelado: o primeiro e o quarto de ouro, com nove cunhas de azul, postas 3, 3 e 3; o segundo e o terceiro de prata, com cruz florenciada e vazia de vermelho; bordadura de prata carregada de nove escudetes de azul, cada escudete carregado de cinco besantes de prata, postos em sautor. Compuseram assim as suas armas — de Cunhas e Albergarias — por se ter reunido a chefia dos Albergarias à dos Cunhas.

Modernamente estas armas simplificaram-se, passando a ser: De ouro, com nove cunhas de azul, postas 3, 3 e 3; bordadura cosida de prata, carregada de cinco escudetes de azul, cada escudete carregado de cinco besantes de prata, postos em sautor. Timbre: um grifo sainte de ouro, semeado de cunhas de azul, com asas de um no outro.



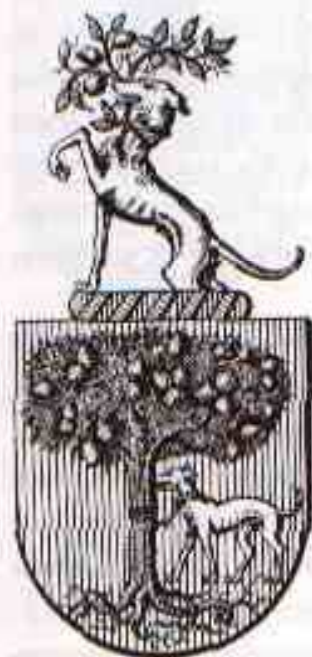


ANTAS. V. *Antas.*

DELGADO. Dizem os genealogistas que esta família procede de Paio Delgado, vindo, portanto, dos primeiros tempos da Monarquia portuguesa. O apelido tem sua origem em alcunha, que pode ter sido posta, em épocas diversas, a mais de um

indivíduo, originando várias famílias que não provieram do mesmo tronco.

Os deste apelido usam por armas: De vermelho, com um limoeiro de verde arrancado e frutado de ouro, acompanhado à esquerda de um galgo de prata, parado, coleirado de azul, preso ao tronco por uma cadeia de ouro. Timbre: o galgo do escudo, sainte, com um ramo de limoeiro de verde, frutado de ouro, na boca.



Delgado

DESCARÇA. Parece ser família originária da Biscaia. Querem alguns que um ramo tenha passado a Milão, onde teve grande casa, da qual saíram o Papa Inocência XI (*Benedetto Odescalchi*) e seu sobrinho o príncipe D. Lívio. Outros autores, porém, dizem que esta família passou de Milão a Biscaia. O Papa Inocência XI pertencia aos Odescalchi, cujas armas são



Descarça

diversas das usadas pelos Descarças. O primeiro deste apelido que veio para Portugal foi Martin Descarça, que deve ter vivido no século XVII. Morou em Laveiras, termo de Lisboa, numa quinta que comprou junto ao mosteiro. Recebeu-se com uma filha de Tomás Missavel, de cujo matrimónio teve um filho de nome igual ao seu, e, enviuvando, passou a segundas núpcias com Maria Alcoforado Godinho, de quem houve Manuel Descarça Alcoforado. Ambos os filhos casaram e deixaram geração que continuou o apelido.

As armas dos Descarças são: De prata, com três faixas de vermelho, acompanhadas de seis cálices do mesmo, postos 3, 2 e 1; chefe de ouro, carregado de uma águia de negro, estendida, partido de prata com um leão de púrpura.

DEUS-DARÁ. Este apelido provém de Manuel Álvares, chamado *Deus-Dará*, filho de António Álvares de la Penha. Morou Manuel Álvares em Pernambuco, onde obrou muitos serviços nas guerras que lá houve, prestados, quer com sua pessoa e fazenda, ajudando a sustentar o exército durante mais de quatro anos com seu dinheiro e mantimentos que fez conduzir de outras partes, os quais obteve pela sua boa diligência e indústria, quer com o dinheiro que pedia, assistindo várias vezes com ele aos soldados para não desampararem os postos, quando a Fazenda Real se encontrava com menos rendimentos para os socorrer, assim como nas ocasiões em que os soldados, vendo o poderio do inimigo e faltos dos mantimentos, desanimavam de sair das trincheiras ao campo, com evidente risco, em busca de farinha e carne em abundância.

Manuel Álvares consumiu também a muita fazenda que possuía no tratamento dos enfermos e feridos, aos quais assistia com grande caridade. Procedeu com notável valor e zelo no serviço das armas, pelejando com os Holandeses e indo com muita gente sitiar o arraial e assaltar a vila de Iguaçu, depois do que levou o inimigo prisioneiro ao Recife. *Resgatou com o seu dinheiro muita da gente que os Holandeses aprisionaram e mandaram para as Índias, a qual, pelas enfermidades e fraqueza, pereceria se ele a não libertasse; e proveu de matalotagem outros soldados e religiosos que foram embarcados para a Holanda, dando-lhes roupa e mantimento para a viagem.* Também seu filho Simão Álvares de la Penha, graduado em Cânones pela Universidade de Coimbra, obrou, na carreira das Letras, grandes serviços no Brasil, exercendo durante algum tempo os postos de auditor-geral do exército de Pernambuco, de provedor da Fazenda do mesmo Estado e de ouvidor-geral do Rio de Janeiro e mais capitânias do Sul. Depois voltou a Pernambuco, enviado pelo Vice-Rei Marquês de Montalvão, a tratar com o Conde de Nassau alguns negócios importantes da Coroa de Portugal, no que procedeu como devia, passando em seguida ao Alentejo, onde assistiu nas fronteiras de Elvas.

D. João IV, atendendo a todos os serviços de Manuel Álvares e aos de seu filho Simão, às grandes dividas por aquele contraídas para servir a Coroa e a que cedia a acção de poder repetir os empréstimos que fizera à Fazenda Real nas guerras de Pernambuco, concedeu-lhe a mercê de poder usar o apelido *Deus-Dará* com as armas que lhe havia



Deus-Dará

de conceder. O mesmo soberano fez, conjuntamente, mercê: a Simão Álvares, seu filho, do cargo de provedor-mor da Fazenda do Brasil, por seis anos, na vagante dos providos antes de 12-V-1645, em que foi despachado, e de promessa de cinquenta mil réis de pensão numa das comendas que se houvessem de pensionar na Ordem de Cristo, para os ter com o hábito dela, que lhe mandara lançar; a outro seu filho e a quem casasse com uma filha de Manuel Álvares dois hábitos da Ordem de Sant'Iago ou de Avis, com doze mil réis de pensão cada um nas comendas destas Ordens e a propriedade do cargo de provedor da Fazenda, em Pernambuco, quando se restaurasse esta praça, para filho, genro ou parente que ele nomeasse, entrando a servi-lo na mesma vagante de 12-V-1645. Todas estas mercês foram feitas por alvará passado em Lisboa a 21-VI-1645, que

teve a verba de se haver consignado por conta desta promessa, a Manuel Álvares, vinte e cinco mil réis de renda nos rendimentos da capitania de S. Paulo e S. Vicente, no Brasil, de que lhe foi passada portaria em 24-J-1646. A Carta de brasão de armas novas passada a Simão Álvares de la Penha Deus-Dará, depois de seu pai já ser defunto, em Lisboa aos 4-VIII-1646, concede-lhe as seguintes: De prata, com dois braços vestidos de verde, moventes dos ângulos superiores do escudo para o centro, as mãos juntas e abertas, largando moedas de ouro e prata; bordadura de verde, com a legenda *DEUS DARÁ*, em letras de ouro. Timbre: um braço do escudo com moedas de ouro na mão.



Dias

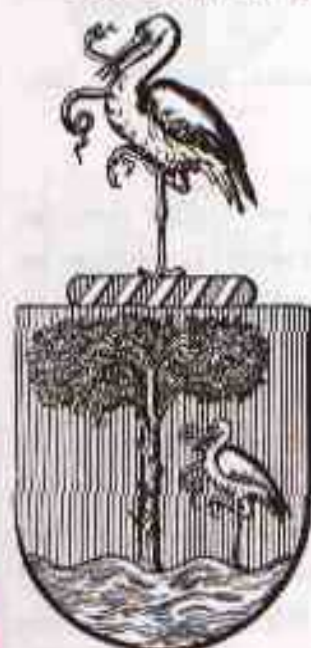
DIAS. Este apelido foi na origem patronímico derivado de Diego, pelo que não há só uma família deste nome, mas muitíssimas. Alguns usam por armas as seguintes, que parece terem sido dadas a um *Domingos Dias*: De vermelho, com um casco de prata, posto de frente, guarnecido de plumas de várias cores, sustido por um braço armado de prata, movente do flanco esquerdo, o casco encimado por uma águia de negro estendida, e contrachefe de prata, ondado de azul. Timbre: a águia do escudo.

Outros Dias, provenientes de Espanha, onde o apelido é *Diez*, trazem: De azul, com um luzeiro de ouro, de dez raios. Timbre: o luzeiro do escudo.



Dias (ramo espanhol)

DOCÉM. V. *Océm*.



Dogaldo

DOGALDO. Desconhecem-se as origens deste apelido, talvez deturpado. As armas que se lhe atribuem são: De vermelho, com uma árvore de sua cor, sustida de um mar de prata, a árvore tendo à esquerda uma cegonha do mesmo, armada de ouro, com uma cobra de verde no bico. Timbre: a cegonha do escudo.

DÓRIA. Família muito ilustre e uma das vinte e oito da república de Génova. Um dos seus membros passou à ilha da Madeira, onde sua



Dória

filha Leonor Dória casou com Rui Gonçalves da Velosa, filho de Gonçalo Anes da Velosa, escudeiro da casa do Infante D. Fernando, de quem deixou descendência.

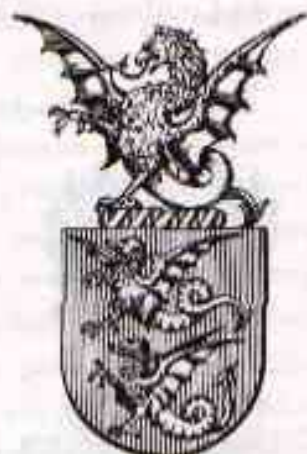
As armas dos Dórias são: De ouro, cortado de prata e uma águia de negro, estendida, armada e membrada de vermelho e coroada à antiga de negro. Timbre: a águia do escudo, sainte.



Dragão

DRAGÃO. Ignora-se a procedência deste apelido, certamente alcunha, no princípio. Tem por armas esta família as seguintes: De ouro, com uma águia de vermelho, estendida. Timbre: a águia do escudo.

DRAGO. Família de Castela, que parece ter passado a Portugal por diversas vezes. O apelido deve provir de alcunha. Em tempo de D. Afonso V, veio de Castela João Pires Drago. Também passou a Portugal, proveniente do mesmo Reino, Rui Drago, homem



Drago

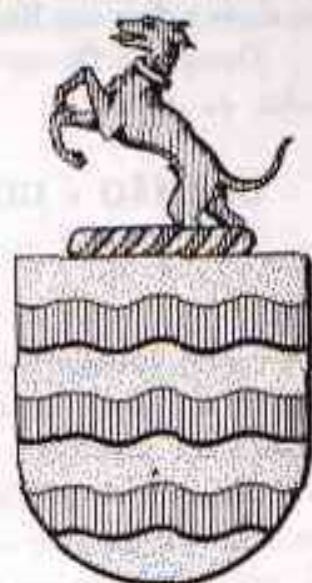
fidalgos, pai de Manuel Drago, que foi comendador de S. Salvador do Souto, no termo de Guimarães. Este Manuel Drago recebeu-se em Évora com Filipa de Macedo, filha de João Gonçalves de Macedo e de Isabel Gomes Rebelo, a qual Filipa de Macedo tinha conversação com o bispo de Évora, D. Afonso, filho do Marquês de Valença, de quem tivera dois filhos e uma filha, quando ele ainda era secular, e a quem ele casou, dando-lhe por dote a quinta da Sempre Noiva, junto de Évora, em que ela já vivia, e que, segundo a tradição, recebeu o nome de Sempre Noiva pelas muitas visitas que o bispo lhe fazia. Deste matrimónio nasceu Rui Drago de Portugal, que seus descendentes pretendem ser filho do bispo por sua mãe se achar grávida de cinco meses quando casou. Deixou geração de dois matrimónios que contraiu e de uma escrava.

As armas deste apelido são: De vermelho com dois dragões de prata, armados e lampassados de azul. Timbre: um dragão do escudo.

DRUMMOND. Família originária da Escócia e uma das maiores e mais distintas daquele Reino. João de Drummond ou João Escórcio, passou a Portugal, fixando-se na ilha da Madeira, onde deixou descendência. Parece que se consorciou duas vezes: a primeira com Catarina Vaz de Lordelo, a segunda com Branca Afonso. Os seus descendentes, principalmente os das linhas femininas, procuraram estabelecer a verdadeira origem do nome, apurando que João Escórcio era um filho segundo da casa de Drummond de Stobhall, na Escócia, cuja varonia e primogenitura (oriundas de Walter Drummond) se conservaram naquele país até 1878. Nesta data, sobrevivendo a morte do 6.º Conde de Perth, último representante dessa linha, muitas pessoas da Madeira, Açores e Brasil pretenderam habilitar-se à herança, mas não o conseguiram por falta de documentos autênticos. Em 1519, e ainda depois, nos anos de 1604 e 1634, alguns descendentes de

João Escórcio estabeleceram correspondência com os membros da família Drummond de Stobhall, trocando-se cartas, algumas escritas em latim. Estão publicadas no livro *The Genealogy of the most noble and ancient house of Drummond*, dado à estampa em Edimburgo em 1831. O *Arquivo Histórico da Madeira* traduziu-as e publicou-as no seu volume III. Nessas cartas aos parentes portugueses, os nobres estrangeiros confirmaram que um filho de lord Drummond — que era irmão da Rainha Arabela da Escócia — fora por 1420 para França em busca de honra e fama, não tendo seus irmãos mais nenhuma notícia dele; daí a persuasão de que seria o mesmo que, por essa época, aportou à Madeira e se fez chamar João Escórcio, apelido tirado de Escócia. Em Portugal escreveu-se o nome desta família com as formas *Drummond*, *Durmond* e *Durmão*.

As armas desta família são as seguintes: De ouro, com três faixas onçadas de vermelho. Timbre: um galgo de vermelho, coleirado de ouro, sainte.



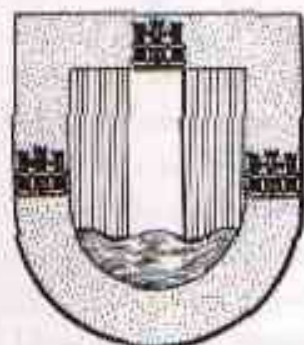
Drummond



Duque Estrada

DUQUE ESTRADA. Família nobre que parece descender de Grimaldo, Duque de Brabante e de Estralen, o qual, sendo perseguido por Carlos Martel, seu tio, passou a Espanha, aqui combatendo os infiéis. Diz-se que os seus descendentes conservaram o título de Duques de Estralen e que este se corrompeu, motivo por que o apelido por eles adoptado é Duque Estrada, que alguns usaram separadamente. No reinado de D. Afonso V veio para Portugal João de Estrada e, no domínio filipino, o cardeal Alberto, Arquiduque de Áustria, trouxe consigo João Duque Estrada, cavaleiro da cidade de Antuérpia.

As suas armas são: Partido: o primeiro de ouro, com uma águia de negro, estendida, coroada do mesmo; o segundo de azul, com três bandas de ouro carregadas de sete mosquetas de negro, postas 2, 3 e 2. Timbre: a águia do escudo.



Durão

DURÃO. Há muitas famílias com este apelido, tanto em Portugal como na Espanha, pois ele foi na origem patronímico de Durando ou Durão, em português, e Durán, em espanhol. O patronímico, em Portugal, possui também a forma *Durães*. Há duas famílias portuguesas deste apelido (desconhecendo-se quem lhes deu origem), as quais



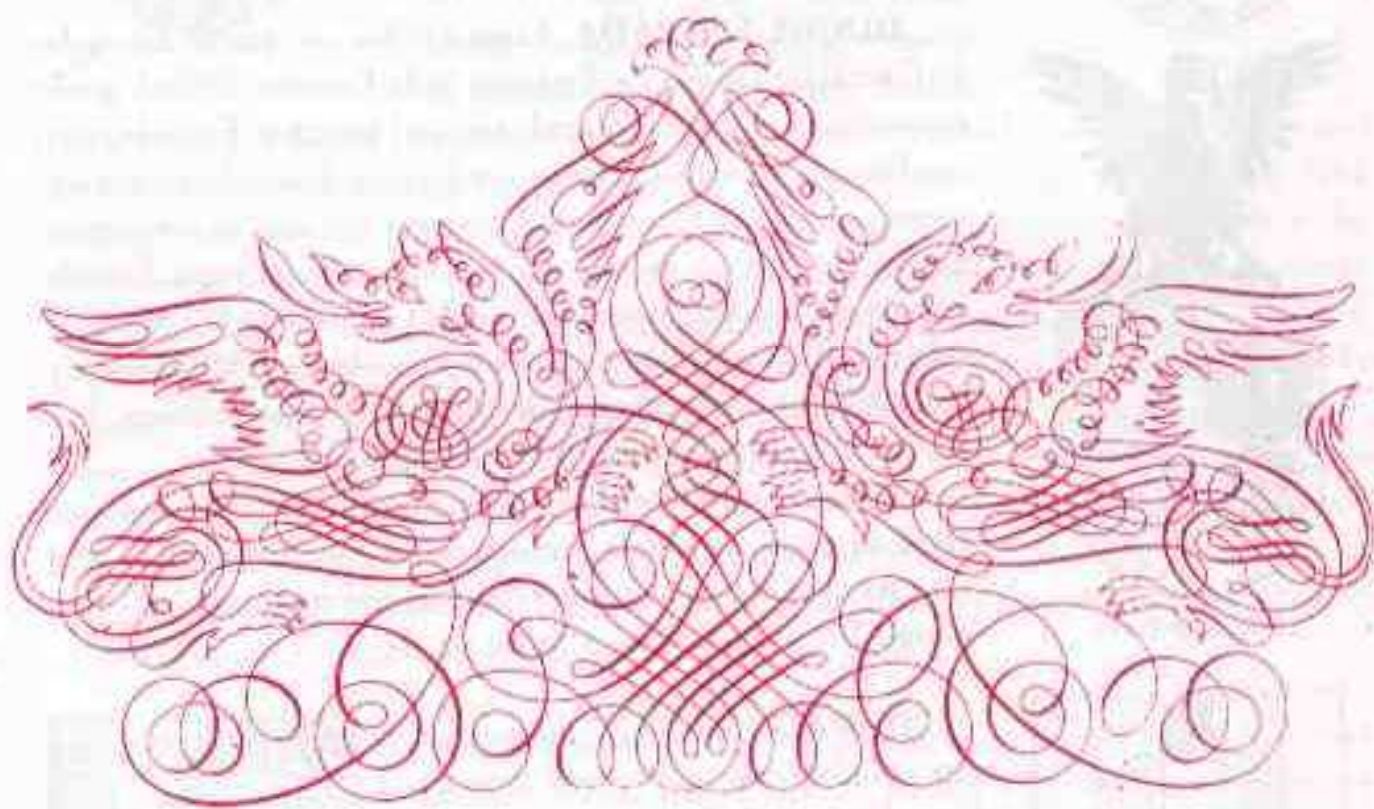
Durão (outros)

têm armas, porém diversas das que usam as de Espanha, pelo que não devem provir de lá.

Uma delas traz as seguintes: De vermelho, com uma pala de prata assente num pé ondado de prata e de azul; bordadura de ouro, carregada de três castelos de negro, um no chefe e dois nos flancos.

Outra usa: De ouro, com um leão de sua cor; bordadura de azul, carregada de oito rodas de ouro.

DURMÃO e DURMOND. V. *Drummond*.





ANES. V. *Anes.*

EÇA. *Conta-se entre as mais nobres famílias, a dos Eças, pela sua origem real, bem patente nas armas do apelido. Provém de D. Pedro I, de Portugal, e de D. Inês de Castro, por seu filho D. João, senhor da terra e julgado de Lafões, das*

vilas de Seia, Porto de Mós, Gullar, Sátão, Penalva, Rio de Moinhos, Besteiros, Sever, Fonte Arcada, Benviver, Moimenta, Armamar, Tanha, Riba de Vizela, Figueiredo, Aguiar da Beira, Cerquiz, Oliveira do Conde, Oliveira do Bairro com suas jurisdições e rendas, todas concedidas por mercê de seu pai por Carta de 1360, para ele e seus descendentes. Teve, também, o senhorio de Gouveia, que lhe deu seu irmão D. Fernando. Casou-se a primeira vez com D. Maria Teles de Meneses, viúva de Álvaro Dias de Sousa, irmã de D. Leonor Teles e filha de Martim Afonso Teles de Meneses e de sua mulher, D. Aldonça de Vasconcelos. Por falsas promessas da Rainha sua cunhada, que, ao mesmo tempo que lhe fazia crer no adultério de sua mulher, lhe prometia a mão da Princesa D. Beatriz, D. João, talvez mais espicaçado pela visão do trono do que pela infidelidade de D. Maria Teles, assassinou-a injustamente nos seus paços de Coimbra, a par de S. Bartolomeu. A sua segurança obrigou-o a deixar a Pátria, passando a Castela. Tomou armas contra Portugal, atacando Trancoso e Elvas, o que levou D. Fernando a julgá-lo por traidor e inimigo da Pátria com perda do direito de sucessão ao Reino.

Se não tivesse sido arrastado ao assassinio de sua mulher, subiria, possivelmente, ao trono, pois era muito estimado dos Portugueses pelas suas boas qualidades e génio, mas D. João I de Castela, temendo que voltasse a Portugal e fosse aclamado Rei, o encerrou numa prisão, em Salamanca, onde morreu. De sua primeira mulher teve D. Fernando de Eça. Recebeu-se segunda vez, em Castela, com D. Constança, filha bastarda de D. Henrique II e de D. Elvira Iñigues de la Vega, por cujo casamento teve, de juro e herdade, o condado de Valência de Campos, que ficou conhecido por Valência de D. Juan, com outras terras. Houve deste matrimónio três filhas. Teve, ainda, três filhos ilegítimos, dos quais dois foram genros, respectivamente, do Dr. João das Regras e do Conde de Ourém, João Fernandes Andeiro.

D. Fernando de Eça, filho primogénito, saiu do Reino com seu pai e viveu durante muito tempo na Galiza, onde teve o senhorio da vila de Eça, que lhe deu em préstamo o Duque de Arjona, D. Fradique de Castro, seu primo segundo, da qual tomou o apelido.

Foi casado com várias mulheres, sendo todas vivas, mas somente se conhece o nome de uma: D. Isabel de Avallos, em cuja casa morreu, arrependido dos seus desvarios, conforme se diz, mortificado com penitências e envolto no hábito de S. Francisco. Esta senhora era filha de João Lopes de Avallos, adiantado de Múrcia, e neta de Rui Lopes de Avallos, Condestável de Castela. Teve das suas diversas mulheres quarenta e dois filhos, dos quais se conhecem dezanove. Destes, parece que sete foram havidos em D. Isabel de Avallos.

Por esta abundante geração se continuou o apelido de Eça, do qual faz memória João Rodrigues de Sá, nos seus versos, pela seguinte forma:

*Os que num cordão com noos
Tem labeo darmas reaes,
E os pontos trazem mais
das quynas, tem por avoos,
ynfantes, & reys, seus pais.*

*E que andem sem estado,
quejando foy o passado,
rezão nom sera quesqueça
o real sangue dos d'Eça,
posto quo tempo he mudado.*

Também o bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, os não esqueceu, escrevendo a quintilha:

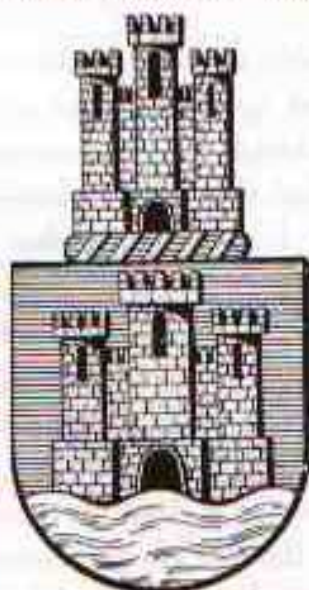
*Dezas dos Decios descendem
de grão romana nobreza,
posto que alguns mais pretendem
por travessa a Alteza
que é a fonte donde procedem.*



Eça

Nestes versos há manifesta confusão entre os Eças e os Dezas, aludindo-se a ambas as famílias.

As armas dos Eças são: De prata, com cinco escudetes de azul postos em cruz, os dos flancos deitados e apontados para o centro, cada escudete carregado de nove besantes do campo, postos 3, 3 e 3, e um cordão de São Francisco de púrpura, com seus nós, passado em cruz, em aspa e em orla, brocante sobre os escudetes, salvo o do meio, que lhe fica sobreposto. Timbre: uma águia de vermelho, ou de azul, estendida, armada e membrada de ouro, carregada no peito de cinco besantes de prata, postos em sautor.



Emaús

EMAÚS. Família holandesa. Nicolau Emaús veio para Portugal por 1674 e viveu em Lisboa com grande casa. Seus pais eram Pedro Emaús e Catarina Berghen. Nicolau Emaús foi casado com Helena van Zitar, de quem nasceram José Pedro, desembargador do Paço, e André, pai de José Joaquim Emaús, desembargador e corregedor do Crime, de quem foi neto o desembargador da Relação e Casa do Porto Inácio Pedro Quintela Emaús.

que teve Carta de brasão de armas em 29-VI-1830, concedendo-lhe escudo partido de Emaúses e Bandeiras.

As armas que usam em Portugal os deste apelido, bastante diferentes das que trazem na Holanda, são: De azul, com um castelo de ouro, aberto e iluminado de negro e contra-chefe ondado de água. Timbre: o castelo do escudo.

ENCERRABODES. Parece que esta família teve origem no Alentejo e querem certos autores que o apelido começasse com Pedro Rodrigues do Landroal, alcaide-mor da vila do mesmo nome, contemporâneo de D. João I, a quem prestou muitos serviços. Viveram principalmente nas vilas de Olivença e da Arruda.

As armas que usam são: De ouro, com uma águia de negro, estendida, armada e membrada de azul; chefe de vermelho, carregado de duas colunas de prata, passadas em aspa. Timbre: uma asa de negro.

ENES. V. *Anes*.

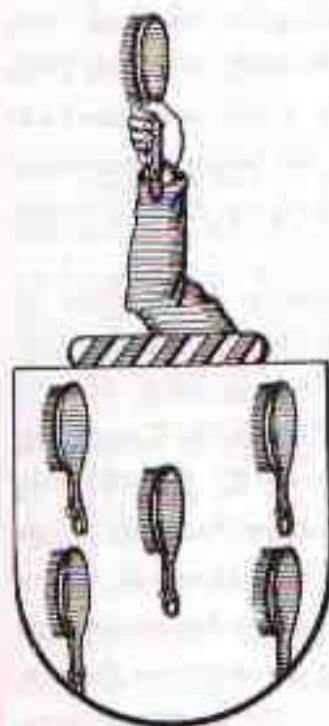
ESCOVAR. Família originária de Castela, da terra de Campos. D. Rodrigo de Escovar, fidalgo honrado de Castela, casado com D. Branca Coronel, filha de João Coronel, senhor de Ponferrada, foi pai de Álvaro Rodrigues de Escovar, que sucedeu na casa paterna e se recebeu com D. Isabel de Belves, filha

de D. Rodrigo de Chaves, rico-homem castelhano. Este Álvaro Rodrigues passou a Portugal com a Princesa D. Joana, a Excelente Senhora, servindo-lhe de pajem do seu guião real e sua mulher de camareira-mor. Viveram algum tempo com a referida Princesa e, pouco depois, morreram ambos em Santarém. Deixaram cinco filhos: Pedro de Escovar Coronel, Francisco de Escovar, D. Leonor de Escovar e D. Maria de Escovar, ambas freiras. Destes filhos ficou geração, que continuou o apelido.

É possível que nem todos os que existem em Portugal provenham de Álvaro Rodrigues de Escovar, pois devem ter vindo mais ramos de Espanha. O apelido originário é *Escobar* e correspondem-lhe as seguintes armas, também usadas em Portugal: De prata, com cinco escovas de azul com cabos do mesmo e uma correia de vermelho nos extremos dos cabos; as escovas em pala, postas em sautor, com as sedas para a direita. Timbre: um braço vestido de azul com uma escova do escudo na mão.



Encerrabodes



Escovar

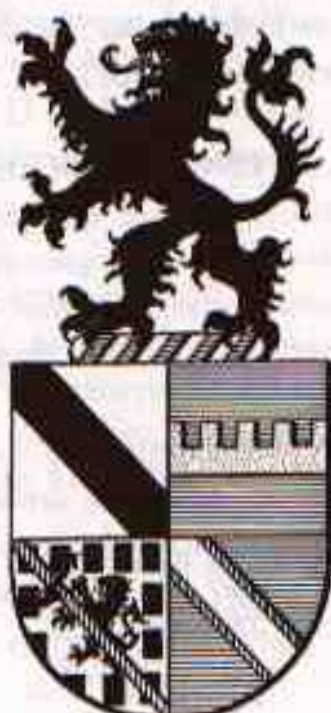
ESCUDEIRO. Família nobre, cujo solar é nas montanhas de Burgos, próximo da vila de Espinosa de los Monteros. Passou a Portugal Pedro Escudero de Lugo, e seus filhos casaram na cidade do Porto, nela se aparentando com os Seixas.

As suas armas são: De ouro, com um leão de sua cor, coroado de vermelho; bordadura de azul, carregada de oito estrelas de ouro, de oito raios. Timbre: o leão do escudo.



Escudero

ESMERALDO. Provém esta família de França, da província do Artois. No reinado de D. Manuel I passou a Portugal João Esmeraldo, que foi fidalgo da sua casa e morou na ilha da Madeira. Em 1508 se lhe passou, em Malines, Carta de brasão de armas, que apresentou em Portugal, as quais lhe foram confirmadas por Carta datada de Évora, 16-V-1520. Provou, para tal fim, descender dos



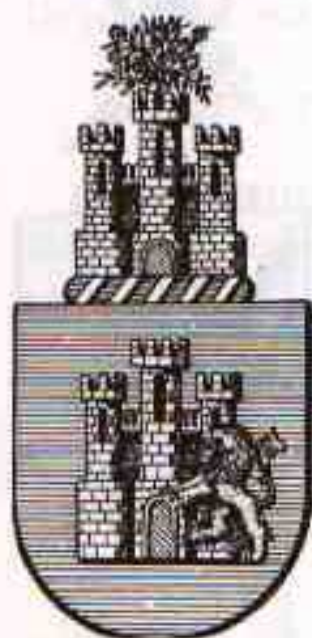
Esmeraldo

Esmeraldos, dos de Levargua, da casa de Fimes e dos senhores de Norduchel, linhagens antigas e nobres da Picardia, Flandres e Brabante. Este João Esmeraldo, chamado o Velho, para se distinguir de um filho de nome igual, casou-se com Águeda de Abreu, instituindo ambos, em 1522, o morgado dos Esmeraldos, no Funchal, que ele acrescentou em 1527. A sua descendência conservou-se nas ilhas, vivendo distintamente.

As armas confirmadas em Portugal, que correspondem às linhagens referidas, são: Esquartelado: o primeiro de prata, com banda de negro; o segundo de azul, com uma faixa ameada de cinco peças de ouro; o terceiro de prata, com um leão de negro, acompanhado de treze bilhetas do mesmo, postas em orla, e um filete de vermelho, em banda, brocante; o quarto de azul, com uma banda de prata, perfilada de vermelho. Timbre: um leão de negro.

ESPARGOSA. Família que descende de Branca Esteves, amante de D. João de Sousa, do qual teve Cristóvão Esteves de Espargosa, que, com grande número de testemunhas e alguns papéis deixados por sua mãe, provou a filiação, demonstrando estar já concebido quando ela casou com Mestre Estêvão. Este Cristóvão Esteves de Espargosa, letrado de grande capacidade e bom procedimento, foi do conselho de D. João III, do seu Desembargo do Paço e casado com Isabel Pinto, filha de João Lopes Pinto, de quem teve diversos filhos, que seguiram o seu apelido, tomado da quinta de Espargosa, que o Rei lhe deu por solar. Cristóvão Esteves instituiu, com a mulher, morgado das suas terras e das legítimas de dois filhos, Estêvão e Guiomar de Espargosa, freira no mosteiro de Cós. Nesta instituição chamaram para primeiro administrador o filho Estêvão e seus descendentes e, na falta destes, sua filha D. Branca de Espargosa, casada com o desembargador

Rodrigo Monteiro, seus filhos e descendentes, e, na falta de todos, ao parente mais próximo. Era cabeça deste morgado uma quinta no Vale da Pinta, termo de Santarém, com todas as pertenças, casaís, vinhas e olivais, matos e casas, o casal foreiro à Ordem do Hospital, a quinta da Espargosa com a herdade do Moutinho, no termo de Mértola, várias casas em Évora, a quinta da Silveira, no termo desta cidade, e outra quinta no termo de Lisboa, com várias propriedades.



Espargosa

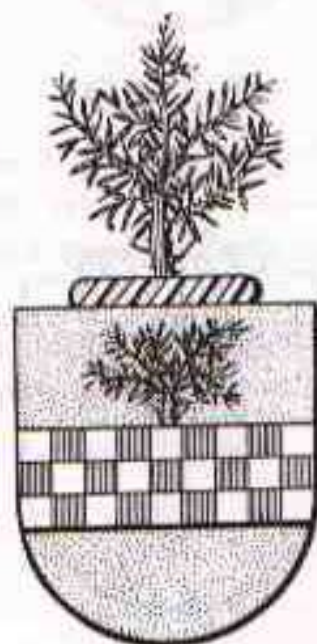
A escritura da instituição foi feita em 7-VI-1543, em Lisboa, na Ribeira, onde moravam, pelo tabelião Henrique Nunes. Branca Esteves, mãe de Cristóvão Esteves de Espargosa, casou, como se disse, com Mestre Estêvão, boticário em Beja, de nacionalidade castelhana, cristão-novo, que se diz ser afillhado de Bernardim Freire e chamar-se, antes de purificado pelo baptismo, Isac. Deste casamento teve Bernardim Esteves de Alte, feito fidalgo de solar por D. João III, por alvará de 1583, no qual sana o «defeito de nascimento». Uma vez viúva, Branca Esteves teve, de João Pedroso, tabelião de Beja, Mateus Esteves. Diz-se que depois se recebeu novamente com Cristóvão Velho, natural de Cuba.

As armas dos Espargosas, concedidas por Carta de 3-XI-1533 ao licenciado Cristóvão Esteves de Espargosa, são: De azul, com um castelo de prata, lavrado de negro, aberto de verde, e um leão de ouro brocante sobre o lado esquerdo do castelo e rampante contra a porta. Timbre: o castelo do escudo, rematado por um ramo de espargueira de ouro, florido do mesmo.

Se bem que Cristóvão Esteves de Espargosa não fosse filho de Mestre Estêvão, foi-lhe suprido o «defeito de nascimento» por Carta Régia de 29-VIII-1533, o que parece demonstrar a origem judaica dos Espargosas.

ESPÍNOLA. Família italiana que passou a Portugal na pessoa de Lucano de Spinola, vindo de Espanha, onde já existiam os deste apelido. É uma das vinte e oito famílias nobres da república de Génova. Na Espanha teve muitos varões ilustres e grandes casas, como as dos Marquesses de Balhazés, Duques de S. Severino e outras. Lucano Spinola fez registar as suas armas em Portugal, o que o Rei D. Manuel lhe concedeu por Carta de 1513, na qual se lhe chama Lucano de Espíndola. Esta família fixou-se na Madeira.

As armas que usam são: De ouro, com uma faixa xadrezada de prata e vermelho, de três tiras, sustendo um ramo de espinhas de vermelho, movente do bordo superior da faixa. Timbre: o ramo do escudo.



Espinola

ESPINOSA. Família espanhola que passou a Portugal antes do século XVI. As armas que usam em Portugal, diversas das do país de origem, são: Cortado: o primeiro partido: o 1.º de vermelho, com um ramo de espinheiro de sua cor, arrancado de prata e florido de ouro; o 2.º de vermelho, com um leão de ouro; o segundo de prata, com uma trompa de caça de negro, embocada de ouro e atada de vermelho. Timbre: o leão do escudo, tendo nas garras o ramo de espinheiro do escudo.



Espinosa

ESQUIVEL. Provêm os Esquiveis da Cantábria. Este apelido passou a Portugal na pessoa de Bernardo Ramires Esquivel, capitão-de-mar-e-guerra, filho de António Esquivel, natural e morador na Biscaia. Recebeu-se com D. Maria Bocarro, filha herdeira de Diogo Bocarro, de quem teve diversos filhos, que continuaram o apelido.

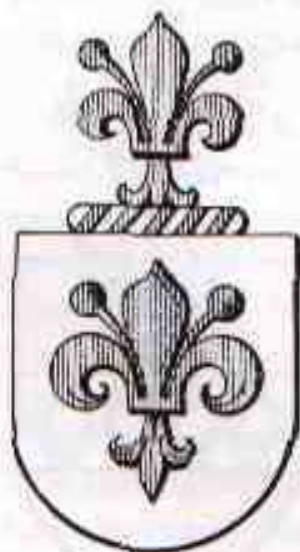


Esquivel

Usam as seguintes armas: Partido: o primeiro de ouro, com uma águia arrebatando um coelho de suas cores; o segundo de azul, com três faixas de ouro. Timbre: a águia arrebatando o coelho do escudo.

ESTEVES. Não há somente uma família deste apelido, pois sendo, na origem, patronímico, podem existir tantas como o número de indivíduos que usaram o nome de Estêvão, enquanto foi uso os filhos derivarem o sobrenome do nome dos pais. A forma intermédia — Estevães ou Estevéns — ainda é, se bem que

pouquíssimo, usada por algumas famílias. A Lopo Esteves, cavaleiro, morador em Olivença, que serviu D. Afonso V, tanto no Reino como na África, estando pessoalmente nas tomadas das vilas de Alcácer e de Tânger e na da cidade de Ceuta, com homens de armas, besteiros e outra gente, cidade onde continuou como fronteiro, deu aquele Príncipe, em atenção aos seus «muytos continuados e esmerados serviços» e «comsyramdo em sua bondade industria e descripçom e no bom desejo e vontade com que sempre continuou em nosso serviço assy nos feitos das



Esteves



Esteves, de Lopo Esteves

guerras como em todollos outros a nosso serviço tocantes», armas novas por Carta de 8-XI-1471.

Estas armas são: De púrpura, com uma águia estendida de prata, bicada e sancada de negro. Timbre: a águia do escudo.

Os Esteves antigos de quem descendem os Carregueiros, pela mulher de Vasco Afonso Carregueiro, e os Veigas, que provêm de Leonardo Esteves, usam as seguintes armas: De prata, com uma flor-de-lis de vermelho. Timbre: a flor-de-lis do escudo.

ESTRADA. V. Duque Estrada.

EVANGELHO. Parece que o primeiro deste apelido foi Martim Esteves Evangelho, chamado *o Beirão* por ser natural da Beira, homem de bem que morou na Atouguia, contemporâneo de D. João II. Recebeu-se duas vezes: a primeira com Isabel Fernandes e a segunda com Catarina Anes, havendo de ambos os matrimónios filhos que continuaram o seu apelido, que um neto levou às ilhas. Os Evangelhos usam por armas as seguintes:

De azul, com uma cruz de ouro, cantonada de quatro besantes figurados de prata: o primeiro de uma águia estendida de sua cor; o segundo de um anjo vestido de vermelho com asas de verde; o terceiro de um boi de sua cor; e o quarto de um leão de sua cor. Timbre: dois braços vestidos de azul, sustendo um livro de prata, aberto.



Evangelho

EVELIN. Família francesa que esteve na conquista da Terra Santa com Roberto, Duque da Normandia, e que recebeu em doação de Balduino, Rei de Jerusalém, a cidade de Beirute, que continuou na posse dos descendentes.



Evelin

Passou esta família a Chipre, mas, devido à perda da ilha, voltou a França, fixando-se em Ruão. Daqui veio para Portugal Carlos Evelin, capitão de cavalos, que serviu D. Afonso VI contra Castela e se casou, neste Reino, onde deixou geração, sendo por último residente de França.

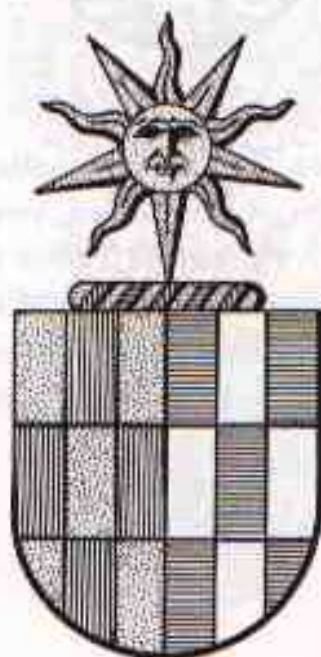
As armas que trazem em Portugal são: De ouro, com um leão de azul; chefe de vermelho, carregado de uma cruz de Jerusalém do primeiro esmite. Timbre: o leão do escudo.



AFES. Descende esta família de D. Fafes Godins, que viveu no reinado de D. Sancho I, a quem serviu, sucessor da casa de seu pai, que tinha muitas quintas na terra de Lanhoso e o padroado do mosteiro de Fonte Arcada, e de sua mulher D. Sancha Geraldês, filha de Geraldo Nunes, chamado Geraldo Cabrão, e de sua mulher D. Sancha

Pais. D. Fafes Godins era filho de D. Godinho Pais, que serviu D. Afonso Henriques, com quem esteve em Ourique e noutras batalhas, e de sua mulher D. Gontinha ou Guiomar Mendes, filha de Mem Moniz de Riba de Douro e de sua mulher D. Urraca Mendes de Sousa. Este D. Godinho, que herdara a casa paterna e acrescentara muito o mosteiro de Fonte Arcada, era filho de D. Fafes Luz, que passou a Portugal com o Conde D. Henrique, de quem foi alferes-mor e rico-homem, ajudando-o em todas as suas batalhas, e de D. Frolhe Viegas, sua mulher, filha de D. Egas Pais de Penagate, que lhe levou em dote as quintas e torres de Vasconcelos, Ornelas e outras, situadas no concelho de Entre Homem e Cávado.

D. Fafes Luz era filho de D. Godinho Fafes, fundador do mosteiro de Fonte Arcada, na terra de Lanhoso, antes do ano de 1082, contemporâneo de D. Afonso VI de Leão e sucessor de seu pai D. Fafes Sarrazim de Lanhoso, rico-homem, que sucedeu a seu pai no castelo e terras de Lanhoso, das quais foi Conde. Morreu este D. Fafes na batalha de Águas de Maias, servindo o Rei D. Garcia de Portugal, e recebeu-se com D. Urraca Mendes, filha de D. Mendo Alão de Bragança. D. Sarrazim ajudou a expulsar de Entre Douro e Minho os Mouros, que aí estavam desde que Almançor, capitão de Córdoba, tomara ao Rei D. Bermudo II de Leão este território rio e povo ou o castelo e terras de Lanhoso, nele situados. A origem desta família é, pois, da melhor nobreza antiga. Deve-se advertir, porém, que sendo Fafes um patronímico, pode haver mais de uma família com igual nome, apesar de ser pouco vulgar e ter decaído muito cedo como nome de baptismo. Por três filhos de D. Fafes Godins e de sua mulher D. Sancha Geraldês — Rui, Mem e Soeiro Fafes — se conti-



Fafes

nuou a linhagem dos Fafes, se bem que a geração de alguns deles não fosse muito longe. O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, canta-os nestes versos:

*Este alferes esfaçado
de Henrique de Portugal
último conde louvado
foi D. Fafes seu privado
forte como Anibal.*

Manuel de Sousa da Silva também lhes dedicou a seguinte quintilha:

*Dos Fafes a caza honrada
Monte Longo a reserva
Mas de Lanhoso se observa
Veio para cá mudada
Onde seu nome conserva.*

As armas usadas pelos Fafes são: Partido, o primeiro, nove pontos equipolados, de ouro e de vermelho; o segundo, nove pontos equipolados de azul e prata. Timbre: um sol de ouro.

FAGUNDES. Família nobre que procede, segundo alguns autores, de Gil Fagundes, natural de Merufe, no jugado da Feira, nomeado pelo Conde D. Pedro no *Livro de Linhagens*. Como esta designação familiar foi, na origem, patronímico, derivado de Facundo ou Fagundo, pode haver com ela famílias de proveniência diversa. O Conde D. Pedro diz que Gil Fagundes se casou com D. Mor Vasques de Moura, filha de Vasco Martins Serrão e de D. Teresa Pais, da qual teve duas filhas: D. Mécia Gil, mulher de Gonçalo Mendes de Alvelos, e D. Senhorinha Gil, mulher de Estêvão Mafaldo, com geração. Não somente as filhas de Gil Fagundes seguiram o uso, tomando patronímico do nome do pai, como Merufe, a não ser lugar desaparecido, fica no concelho de Monção. É pouco provável, pois, que seja esta a origem dos Fagundes.

Outros autores falam de João Álvares Fagundes, pai de Álvaro Anes Fagundes, e de outros, de quem vêm os de Viana do Castelo, vivendo o mais antigo destes, ao que se supõe, no século XV. D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, refere-se-lhes nos seguintes versos.

*Dameusfes naturais
são os Fagundes honrados
em Viana os ha taís
nos outros tempos passados
foram muito principaes.*



Fagundes

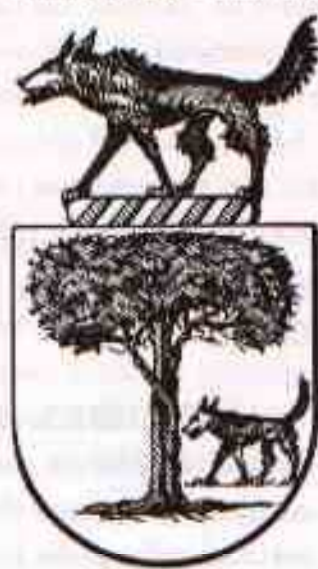
Manuel de Sousa da Silva também se lembrou deles nas suas quintilhas, dizendo

*Gil Fagundes cavalleiro
Em Boteca foi creado
de Freitas em o julgado
E seu gremio verdadeiro
Em Viana é conservado.*

As armas dos Fagundes são: De prata, com cinco chaves de azul, postas em sautor, seus palhetões ao alto. Timbre: duas chaves do escudo passadas em aspa.

FAIA. Família cuja origem se desconhece. A Manuel Gomes Faia se deu Carta de brasão em 1651, com as deste apelido e aos de Afonsos, Bastos e Feios. Manuel Gomes Faia era morador na Esgueira, da companhia das Ordenanças desta vila, filho de Bartolomeu Afonso Picado e de sua mulher Maria de Basto, irmã de João André Feio, André Pires Feio, Manuel Gomes Faia e Cristóvão Feio, que serviram de capitães nas fortalezas dos navios na Índia, todos filhos de André Pires Feio e de sua mulher Margarida Rodrigues de Basto, também moradores na Esgueira.

As armas da família deste apelido são: De prata, com uma faia de verde, tendo à esquerda um lobo passante de sua cor, armado e lampassado de vermelho. Timbre: o lobo do escudo.



Faia

FAJARDO. Procedem os Fajardos das famílias dos Gale-



Fajardo

gos, Diogo Peres Galego, cavaleiro, de Santa Marta de Ortigueira, casado com D. Estefânia Vaaborn, teve Sociro Dias Galego, que, de sua mulher D. Inês Garcia de Seabra, houve a Pedro Garcia Galego. Este foi senhor de Santa Marta de Ortigueira e casado com D. Teresa Nunes Maldonado, filha de D. Nuno Peres Maldonado e de sua mulher D. Alda Fernandes Turrichão, ou de sua segunda mulher D. Mor Peres Redondo, como querem outros, pai de João Peres Galego, que morreu no ano de 1268 em uma batalha, e de sua mulher D. Maria Tenório, filha de Mem Peres Tenório, houve Pedro Anes Galego, senhor de Santa Marta de Ortigueira, o primeiro que se chamou Fajardo, marido de D. Isabel Mexia, de quem ficou descendência, que seguiu o apelido de Fajardo. Dizem que a alcunha de Fajardo, imposta a Pedro Anes, significa cerro forte — *faxchar* — na língua dos Árabes, aos quais a devia. Parece que os Fajardos passaram a Portugal por mais de uma vez.

As armas dos Falcões são: De azul, com três bordões de prata, ferrados de vermelho, postos em pala e alinhados em faixa. Timbre: um falcão de sua cor, com um bordão do escudo no bico e no pé direito.

FARIA. Família das mais antigas de Portugal, sabendo-se que já no tempo de D. Afonso Henriques vivia João de Faria, pai do beato D. Godinho, arcebispo de Braga por morte de D. João Peculiar. Aparece depois, no reinado de D. Afonso III, um Frei João de Faria, clérigo de el-rei e seu conselheiro, da Ordem dos Pregadores, que em 1277 assistiu à audiência concedida por aquele príncipe ao nuncio do Papa João XXI. Este Frei João era irmão ou filho de D. Teresa Martins, viúva de Pedro Martins da Infanta, a quem o arcediogo de Braga, D. Pedro Viegas, comprou a 13 das Calendas de Março do ano de 1305, o censo de cinco maravedis, pago pelas herdade da Ermida de S. Paio, no julgado de Vermoim.

Nas *Inquirições* de D. Afonso III, tiradas no ano de 1258, figura Gonçalo Gomes de Faria e nas de D. Dinis, do ano de 1288, se fala em Lourenço de Faria, senhor da Quintã de Onega do Paço, que então era de D. Estêvão Peres de Rates, agente de D. Afonso III e clérigo de D. Dinis, que parece ser da linhagem dos Farias. Em 1360, no instrumento de comprovação do matrimónio de D. Pedro I com D. Inês de Castro, menciona-se Garcia Martins de Faria, cavaleiro.

Nas *Inquirições* de D. Dinis também figura um Vicente Gonçalves, que tinha propriedade honrada na freguesia de Santa Maria de Faria Antiga, a qual, na ocasião em que os inquisidores aí foram, era de D. Estêvão Peres de Rates. Este D. Vicente Gonçalves, como também aparece nomeado, posto que não se lhe dê apelido nas *Inquirições*, devia pertencer à linhagem dos Farias, pois D. Estêvão Peres de Rates herdou a propriedade dele e de Lourenço de Faria, que passou aos Farias Machados, morgados da Bagoeira e senhores da Casa das Hortas.

Entre todos os membros da linhagem, o mais conhecido é Nuno Gonçalves de Faria, alcaide do castelo de Faria, que, em troca da própria vida, salvou este de cair nas mãos dos Castelhanos, que o sitiaram no ano de 1373. Os poetas, os prosadores, os dramaturgos e os artistas plásticos aproveitaram o heróico feito para comporem trabalhos, em que se exalta o nacionalismo de tão nobre acto.

Quem era Nuno Gonçalves, não se sabe ao certo. Dizem alguns autores que seu pai se chamou Gonçalo Fernandes de Faria e o avô Fernão Pires de Faria, coevo de D. Afonso III. Até o presente não se pôde comprovar esta ascendência. Parece que teve um irmão chamado Álvaro Fernandes, escudeiro, que serviu de testemunha em certo processo do ano de 1362. Foram seus contemporâneos Martim Gonçalves de Faria e Álvaro Garcia de Faria, que o Rei armou cavaleiros antes de entrarem na batalha de Aljubarrota, o segundo dos quais se menciona entre os setenta e dois fidalgos que aclamaram Rei D. João, Mestre de Avis. Na *Crónica de D. João I* se refere, entre as pessoas notáveis de Loulé e Silves que acompanharam Nun'Álvares nos seus feitos de armas, Lopo Esteves de Faria. Sendo ainda Regedor do Reino, D. João, Mestre de Avis, doou bens em Évora e seu termo, no ano de 1384, a Gomes Lourenço de Faria. Em 1431 foram legitimados pelo Rei, Rodrigo Aires de Faria e Guiomar de Faria, filhos de Aires Lourenço de Faria, morador em Portel, havidos de Catarina Lourenço, mulher solteira. No ano

de 1437 restituiu D. Duarte os bens situados no Ribatejo e no termo de Torres Vedras a Fernão Álvares de Faria, recebedor da Alfândega de Lisboa, que ele houvera em casamento com Leonor de Gorizo e que perdera por certo delito. Este Fernão Álvares já era recebedor da Alfândega em 1434. João Vaz de Faria, ou apenas João de Faria, foi escrivão, distribuidor e contador da Chancelaria da Correição do Algarve por mercê régia de 1439, e pai de Gil Anes de Faria, escudeiro do Infante D. Fernando, morador em Lagos, que sucedeu em 1456 nos officios paternos.

Mais antiga do que estes últimos houve ainda uma senhora, chamada D. Teresa Anes de Faria, D. Teresa de Faria ou D. Teresa da Agrela, que instituiu o morgado da Agrela, em Barcelos, entre 1355 e 1358, a qual parece ter morrido neste ano. Era mãe de D. Gonçalo de Faria, deão da Sé de Braga, também designado por D. Gonçalo Anes de Faria, falecido antes de sua mãe, e, conforme se supõe, irmã de Afonso Vicente, casado com Sancha Esteves, em cujos netos e na sua falta do «mais chegado da linhagem do dito Afonso Vicente», ela mandou nomear o vínculo que instituíra. Afonso Vicente e sua mulher houveram Fernão Afonso, abade de Fornelos, Nicolau Afonso, cônego da Sé de Braga, e Lourenço Afonso, cônego da Sé do Porto, todos administradores do morgado da Agrela; Domingos Anes, casado com Andreza Esteves, dos quais nasceu uma filha chamada Marinha, e Martim Afonso, que teve de sua mulher a Bartolomeu Esteves.

São, como se vê, bastante nebulosos os princípios desta família, se bem que não falem pessoas de distinção com o apelido, mas sem ligação conhecida entre si, o que permite, apenas, deduzir as gerações dos fins do século XIV. O ramo principal, pelo brilho que adquiriu, mas que não se sabe se representa a linhagem, é o do alcaide Nuno Gonçalves de Faria. A descendência deste herói é das mais illustres, entrando o seu sangue nas principais famílias de Portugal.

O solar desta família é a freguesia de Faria, termo da vila de Barcelos, no sopé do monte da Franqueira, em cujo cimo se ergueu o castelo de Faria. Embora a família tomasse o apelido desta freguesia de Santa Maria de Faria, talvez tivesse seu princípio na Quinta da Onega do Paço, situada no lugar de Espeses, na freguesia de S. Romão de Milhazes, limitrofe de Faria.

João Rodrigues de Sá escreveu os seguintes versos dedicados aos Farias:

*Oo pee d'uum castelo herguido,
por se nom ver abaixado,
jaz huum corpo espedaçado
em myltas partes partydo
por nom ser duma apartado.*

*Faryee que nom farya
per onde a caualaria
se perdesse erro nem tacha,
que nesta maneira sacha,
por guardar a que deuya*

Esta linhagem também foi cantada por Manuel de Sousa da Silva, na quintilha:

*Vem da terra de Faria
A geração singular
De que por não entregar
O forte que defendia
Viu seu pai espedaçar.*



Farias

As armas do Farias são: De vermelho, com uma torre de prata, aberta e iluminada de negro, acompanhada de cinco flores-de-lis de prata, três em chefe e uma em cada flanco. Timbre: a torre do escudo, rematada por uma das flores-de-lis.

No *Livro do Armeiro-mor* encontram-se estas armas com elmo de ouro, distinguindo-se, assim, os Farias e outras famílias das restantes, que nele figuram com elmo de prata. Ignora-se por que motivo o seu autor, João du Cros, deu o elmo de ouro a certas famílias.

FARINHA. Família muito antiga, ramo da dos Góis. Diogo Gonçalves, senhor de Góis, que casou com D. Maria Anaia, irmã do bispo de Coimbra, D. João Anaia, e filha de D. Martim Anaia, teve o referido senhorio por doação do Conde D. Henrique e o povoou. Seu filho, Gonçalo Dias de Góis, que esteve na batalha de Ourique, casou com D. Elvira Forjaz, filha de D. Forjaz Vermuiz e de D. Elvira Gonçalves de Vilalobos, e teve, entre outros, a Salvador Gonçalves, casado com D. Teresa ou Maior Mendes, filha de D. Mendo de Refóios e de D. Gontina Pais da Silva, de quem foi filho Pedro Salvadores, senhor de Góis e da honra de Farinha Podre, na comarca de Coimbra. Este Pedro Salvadores recebeu-se com sua sobrinha, D. Maria Nunes, filha de D. Nuno de Esposade, e teve diversos filhos, que tomaram o apelido de Farinha, tirado de um dos senhorios do pai, originando-se assim nova família. Diz D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, nas suas quintilhas, acerca desta família:

*De D. Afonso Farinha
grande Prior do Hospital
cavaleiro principal
vem esta mui nobre linha
dos grandes de Portugal.*

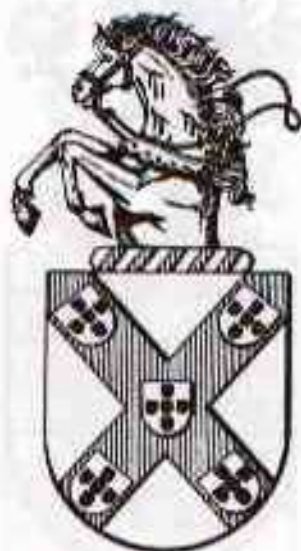
As armas dos Farinhas são: De azul, com nove besantes de prata postos em sautor, acompanhados de quatro cruzes florenciadas de ouro e vazias do campo, uma em chefe, uma em ponta e uma em cada flanco. Timbre: seis espigas de trigo de ouro, reunidas em ponta.



Farinha

FARO. Família das mais nobres de Portugal porque descende de D. João I. Este Príncipe houve de Inês Pires, que depois foi comendadeira de Santos, a D. Afonso, que casou com D. Brites, filha herdeira do Condestável D. Nun'Álvares Pereira, por cujo matrimónio houve o condado de Barcelos. O Infante D. Pedro, sendo Regente na menoridade de seu sobrinho D. Afonso V, deu a D. Afonso o título de Duque de Bragança.

Fez este Duque os paços de Guimarães e de Chaves, a igreja de Ourém e muitos outros edifícios situados nos seus senhorios. Foi seu filho segundo D. Fernando, que herdou a casa paterna por seu irmão primogénito morrer em vida do pai, no estado de solteiro. Teve a mercê de Conde de Arraiolos, feita por D. Afonso V, e a de Marquês de Vila Viçosa e foi 2.^o Duque de Bragança. Casou com D. Joana de Castro, filha herdeira de D. João de Castro, senhor do Cadaval, e de sua mulher, D. Leonor da Cunha. Teve o 2.^o Duque de Bragança vários filhos, entre eles D. Afonso, que teve mercê de Conde de Faro em 22-V-1469, feita por D. Afonso V.



Faro

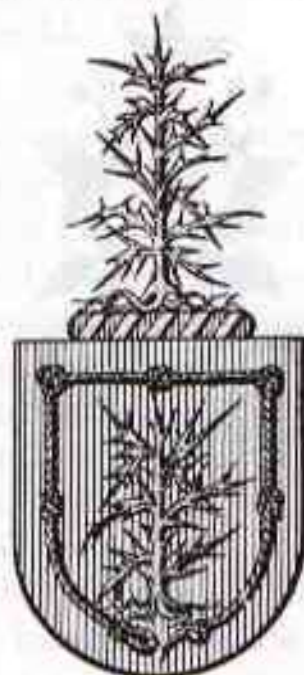
Recebeu-se com D. Maria de Noronha, herdeira da casa de Odemira, filha de D. Sancho de Noronha, comendador-mor de Santiago, alcaide-mor de Estremoz e Elvas, senhor do Vimieiro, Mortágua e Aveiro, filho bastardo do Conde de Gijón, de quem teve D. Fernando de Faro e D. Francisco de Faro, entre outros filhos, os quais foram os primeiros a usar este apelido, tirado do condado de seu pai. De D. Fernando de Faro, senhor do Vimieiro, casado com D. Isabel de Melo, filha de D. Gomes de Figueiredo, provedor de Évora, e de sua mulher, Leonor de Melo, é que provêm os Faros.

Nem todos os que usam este apelido descendem de D. João I, porque também os há, de pequena linhagem, que tomaram o apelido da cidade de Faro, onde foram moradores, e talvez também existam outros que venham dos Haros, de Espanha, a cujo nome familiar aporuguesado, como tanto se usou antigamente, correspondia o de Faro.

Os descendentes da Casa Real usam por armas: De vermelho, com uma aspa de vermelho, carregada de cinco escudetes do primeiro, cada escudete sobrecarregado de cinco escudetes de azul postos em cruz, cada um deles com cinco besantes de prata postos em sautor. Timbre: um cavalo sainte de prata, bridado de vermelho, enfreado de ouro, com três lanças no pescoço, vertendo sangue.

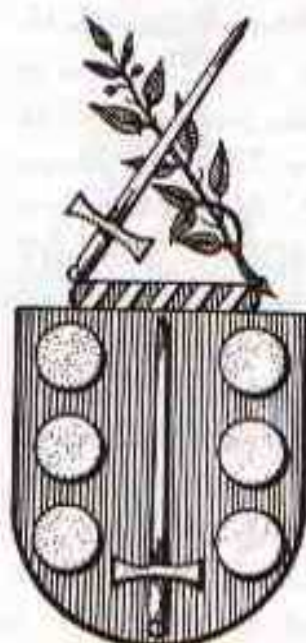
Outros ramos destes Faros, como os Condes de Faro e de Odemira e os Condes do Vimieiro, usaram a aspa de vermelho, carregada de cinco escudetes das armas do Reino, e aqueles primeiros também a trouxeram carregada de cinco escudetes de azul, cada um sobrecarregado de dez besantes de prata e por diferença... Timbre: o mesmo cavalo sainte.

FAZENDA. Nada se sabe acerca da origem desta família. Diz-se que o primeiro do apelido foi João Afonso da Fazenda, assim chamado por ter um ofício na Fazenda Real. As armas dos Fazendas e dos Coimbras são iguais, variando apenas nos esmaltes e em as destes terem no cantão dextro do chefe uma estrela de cinco pontas o que talvez indique — mudança de esmaltes e junção da estrela — diferença de ramo e aliança.



Fazenda

As armas dos Fazendas, anteriores ao *Livro do Armeiro-mor*, feito em 1509, são: De vermelho, com um cardo de ouro arrancado, e um cordão de S. Francisco do mesmo posto em orla. Timbre: o cardo do escudo.



Feijó

FEIJÓ. O mais antigo deste apelido que se conhece é Gil Pires Feijó, casado com D. Inês Soares Coelho, filha de D. Soeiro Viegas Coelho e de sua mulher D. Mor Mendes, aquele bisneto de D. Egas Moniz, o *Aio*, e de sua primeira mulher D. Maior Pais da Silva. A antiga grafia de Feio, com *y*, levou a confusão com Feijó, pelo que as origens não são claras.

As armas dos Feijós são: De vermelho, com uma espada de prata, guarnecida de ouro, ladeada de seis besantes do mesmo, três a cada flanco, alinhados em pala. Timbre: a espada



Feijó (outros)

do escudo e um ramo de feijoeiro de verde, florido de azul, passados em aspa.

Outros usam: De azul, com três faixas de vermelho, perfiladas de ouro. Timbre: leão de prata, armado, lampassado e bandado de vermelho.

FEIO. Descendem os Feios das mais antigas linhagens portuguesas. De Gil Anes de Ataíde e de sua mulher, D. Elvira Anes Alcoforado, nasceu Martim Gil, a quem chamaram o *Feio*, alcunha de que derivou o apelido. Martim Gil recebeu-se com D. Maria Fernandes, filha de Fernão Martins Leitão e de D. Maria Anes, da qual teve vários filhos, sendo um deles Martim Gil Feio, de quem, parece, descendem os deste apelido, pois não se conhece a ligação dele com João Feio fidalgo honrado do tempo de D. Fernando, ascendente certo mais remoto da família. Alguns autores dizem que os Feios descendem de D. Rodrigo Fernandes, o *Feio de Valdorna*, outros de um dos Infantes de Carrião, e Brandão informa que havia um Pedro Feio em 1177 a. D., que possuía uma fazenda em Tomar, junto da de Gonçalo Zarco. Também certos autores começam a deduzir a linhagem dos Feios, não a partir de João Feio, que alguns chamam Fernão, mas de seu bisavô Fernão Feio, que dizem descendente dos Infantes de Carrião e fundador, com sua mulher, das igrejas de Santa Maria de Peraboa e de S. Silvestre da Covilhã.



Feio

No século XIX e talvez mesmo anteriormente, muitas pessoas escreviam *Fêo* em lugar de *Feio* e *Corrêa* em vez de *Correia*. A grafia em nada alterava a pronúncia, que era Feio e

Correia, tal como no adjectivo e substantivo de que derivaram os dois apelidos. Certas pessoas da linhagem dos Feios, que adoptaram a forma escrita *Fêo*, pronunciavam o e brando e, em Lisboa, análogamente ao que fazem com *rio* e *tio*, a que dão valores de ditongo, dizendo *riu* e *tiu*, passaram a proferir o apelido *Feu*. Julgam muitos que o apelido

assim pronunciado é diverso do de Feio e que corresponde ao espanhol *Feu*, de que existe um ramo no Algarve. Só a ignorância da origem é causa da confusão. Igual nobreza possuem os que escrevem Feio e Fêo.

A D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, se deve a seguinte quintilha que dizem aplicada aos Feios, mas que parece referir-se aos Farias:

*Antre o de Ave nomeado
está posto já no chão
este castelo afamado
do que com grão coração
vio seu pai expedado.*



Feio (outros)



Feio, de Paulo Cabral
de Castelo Branco

As armas dos Feios são: De azul, com três bandas de vermelho, perfiladas de ouro. Timbre: um ramo de feijoeiro florido, tudo de verde.

Outros Feios, descendentes de Paulo Cabral de Castelo-Branco, usam: De prata, com três bandas de vermelho. Timbre: um leão bandado de prata e de vermelho.

Ainda outros trazem: De azul, com três bandas de vermelho, perfiladas de ouro. Timbre: um leão de prata, armado, lampassado e bandado de vermelho.

FELGUEIRA. Não se conhece a origem desta família, nem do apelido, que parece provir de topónimo, ainda que se não saiba do seu uso com preposição. Parece que D. Pedro I deu o castelo de Fraião, no termo de Coura, a Lourenço Felgueira, o mais antigo deste apelido que se conhece. É bastante duvidoso que este Lourenço Felgueira vivesse no reinado de D. Pedro, e que em 1521 vivesse um seu bisneto e que uma trineta estivesse então para casar. Ou a mercê lhe foi feita em época mais moderna ou houve uma a três gerações mais entre as indicadas. Dizem os autores genealógicos que teve por filho a Lopo Felgueira, senhor da Torre do Soreiro, na freguesia de Santiago de Pias, termo de Monção, que se supõe já tivesse pertencido ao pai e é considerada assento principal da família. Deste foi filho Rui Gonçalves Felgueira, senhor da referida Torre e alcaide do castelo de Fraião, o qual se recebeu com Violante Lopes de Calheiros, filha de Garcia Lopes de Calheiros, senhor da Casa de Calheiros, de quem houve descendência, por onde se propagou o apelido de Felgueira. A forma mais antiga do apelido parece



Felgueira

ser *Filgueira* e modernamente aparece a de *Felgueiras*, talvez para harmonizar o apelido com o topónimo que alguns indicam como sua origem.

Manuel de Sousa da Silva, capitão-mor de Santa Cruz de Riba Tâmega, ocupou-se dos Felgueiras nesta quintilha:

*Da geração de Felgueiras
E o berço verdadeiro
Essa quinta de Sabreira
No Minho em a Ribeira
Que é dos nossos o primeiro.*

As armas do apelido Felgueira são: De azul, com nove lisonjas de prata, apontadas e moventes dos bordos do escudo, pastas 3, 3 e 3. Timbre: uma cabeça e pescoço de lobo, lisonjado de azul e de prata.

FERNANDES. Patronímico de Fernando, pelo que o actual apelido não tem uma só origem. Há diversas famílias deste apelido, duas das quais têm armas próprias. Diogo



Fernandes, de Diogo Fernandes Correia

Fernandes Correia, feitor de D. João II na Flandres e cavaleiro da sua Casa, pelos grandes serviços prestados ao Imperador Maximiliano I em 1488, com dinheiro, recebeu deste mercê de armas novas. A alguns Fernandes que nada deviam ter de comum com Diogo Fernandes Correia, deram os reis de armas como representando o apelido Fernandes as que o Imperador Maximiliano lhe concedeu, alterando a ordem dos quartéis.

As armas usadas por estes Fernandes são: Esquartelado: o primeiro de ouro, com uma águia de duas cabeças, de negro, armada de vermelho, carregada de um crescente de prata no peito; o segundo de vermelho, com três escudetes de prata, cada escudete com uma cruz de vermelho; o terceiro de vermelho, com um castelo de prata; e o quarto de vermelho, com três vieiras de prata. Timbre: uma águia estendida de uma só cabeça, de negro, com um escudete do segundo quartel no bico, pendente de um torçal de vermelho.

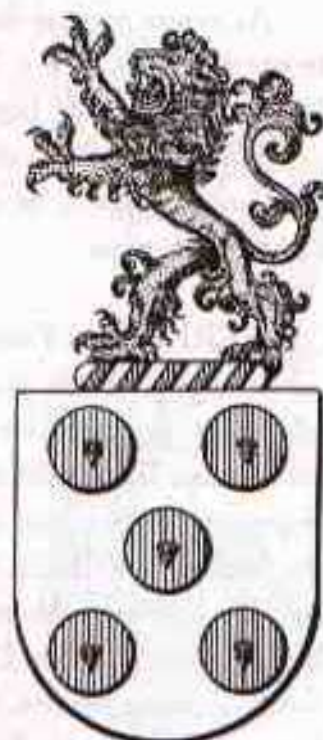
Outros Fernandes trazem por armas: De azul, com uma torre de ouro com seis bombardas de negro, quatro saintes das ameias e duas de duas canhoneiras junto à porta. Timbre: a torre do escudo.



Fernandes (torres)

FERRÃO. Já existia nos princípios do século XV o apelido Ferrão, mas ignora-se a sua origem, parecendo, contudo, ser da Beira, pois nesta província viveram os mais antigos que com ele se conhecem e aí se desenvolveu. Deve provir de alcunha e a pessoa mais remota que o usou, de que há notícia, foi Álvaro Gonçalves Ferrão, morador em Viseu e casado com Branca Vaz da Costa. Deste casal foi filha Leonor ou Joana Ferrão, mulher de Vasco Pais de Castelo-Branco, de cujo matrimónio nasceram diversos filhos, que seguiram o apelido de Castelo-Branco. Parece que os Ferrões Castelos-Branco provêm do referido consórcio. Vasco Pais de Castelo-Branco era filho de Vasco Pais Cardoso, alcaide-mor de Trancoso, senhor de Moreira e de Ervilhão, e de sua mulher D. Isabel Vasques de Castelo-Branco.

As armas dos Ferrões são: De prata, com cinco arruelas de vermelho, cada uma com seu ferrão de azul, apontado para baixo. Timbre: um leão de ouro.



Ferrão

FERRAZ. Família muito antiga, da qual se desconhece a origem certa. Fernão Gonçalves, da Terra de Sousa, casado com D. Exâmea Dias de Urró, filha de Diogo Gonçalves de Urró, teve de sua mulher, ao que parece, dois filhos, que foram Martim Ferraz e talvez Bento Ferraz. Martim Ferraz foi senhor da Quinta do Poço Covo, na freguesia da Reguenga, concelho de Refóios, a qual ficou honrada na terceira inquirição de D. Dinis. Viveu nos reinados de D. Sancho II e D. Afonso III e supõe-se que tenha casado com uma filha de N. Lobato de Lustosa, filho de D. Gustavo Dias de Lustosa, por onde lhe proviria o padroado da igreja de Santiago de Lustosa, que possuiu, assim como os de S. Jorge de Cela, Santa Maria de Estromil e S. Cristóvão de Refóios. Isto dizem uns, mas outros autores afirmam que Fernão Gonçalves e sua mulher D. Examea Dias de Urró tiveram duas filhas: D. Teresa, mulher de Martim Brandão, o velho, e D. Maria Fernandes, de quem procedem os Ferrazes. Esta versão parece mais aceitável.

Manuel de Sousa da Silva escreveu a seguinte quintilha dedicada aos Ferrazes:

*Em Refóios Paço Covo
Solar mui nobre jáz
da qual a origem traz
No tempo velho e novo
A geração de Ferraz*



Ferraz (antigo)

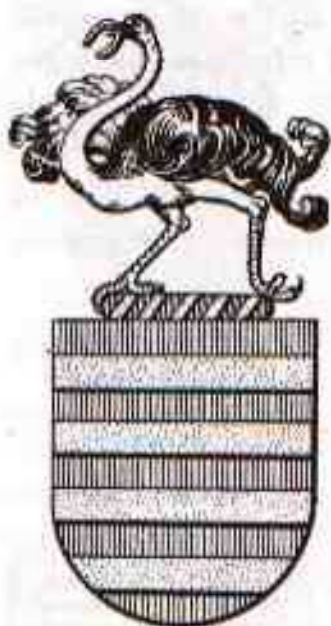


Ferraz (moderno)

As armas antigas dos Ferrazes são: De azul, com seis arruelas de vermelho, perfiladas de ouro, postas 2, 2 e 2 e cada uma carregada de três faixas do mesmo. Timbre: um leão de ouro, armado e lampassado de vermelho, tendo nas garras uma alabarda de prata.

Modernamente usam: De vermelho, com seis besantes de prata, postos 2, 2 e 2, e cada um carregado de três faixas de negro. Timbre: cinco besantes do escudo, firmados e postos em aspa.

FERREIRA. Família nobre, das mais antigas, cujos princípios não são bem conhecidos. Parece ser de origem castelhana e o seu solar a vila de Ferreira, no Reino de Castela, hoje chamada Herrera de Rupisverga, na entrada da terra de Campos. A pessoa mais antiga deste apelido mencionada pelos genealogistas é D. Álvaro Rodrigues Ferreira, rico-homem de Leão, que vivia por 1170, senhor de Meilas, hoje Mancilhe de la Serra, em Castela-a-Velha, o qual se diz ter sido meirinho de Leão. Parece que, de sua mulher, teve D. Rodrigo Álvares Ferreira, que foi senhor do solar da vila de Ferreira e chefe da família dos Herreras, D. Fernando Álvares Ferreira e D. Teresa Álvares Ferreira, mulher de D. Sancho Nunes de Barbosa. D. Fernando Álvares Ferreira, supra citado, viveu em Portugal no Paço de Ferreira, situado na freguesia de S. João de Eiris, concelho de Aguiar de Sousa, e serviu o Rei D. Sancho I, de quem foi rico-homem, e dele recebeu em mercê muitos herdamentos no referido concelho. Do seu matrimónio nasceram filhos, dos quais provêm os Ferreiras, de Portugal. Dos Ferreiras disse o bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, nos seus versos:

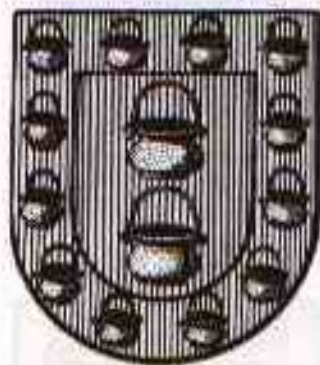


Ferreira

*Três barras trazem douradas
postas em campo sanguinho
dos Ferreiras assentadas
vemos os d'Antre Douro e Minho
de gente mui afamadas*

Manuel de Sousa da Silva também lhes dedicou a seguinte quintilha:

*Em Vila Verde de Airiz
Junto do rio Ferreira
Foi a morada primeira
Da progenia que se diz
Dos Ferreiras verdadeira.*



Ferreira (de Espanha)

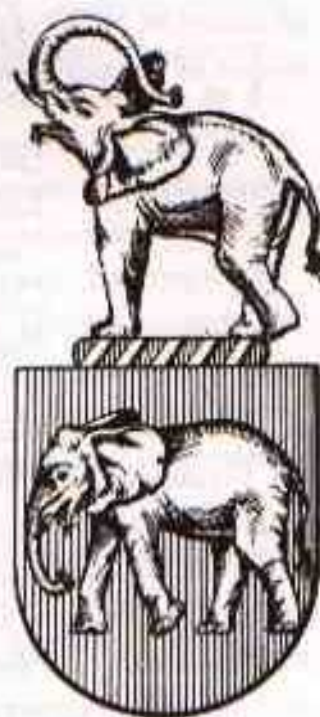
Os Ferreiras usam em Portugal as seguintes armas: De vermelho, com quatro faixas de ouro. Timbre: um abestruz de sua cor, com uma ferradura de ouro no bico.

Outros Ferreiras trazem as dos Herreras de Espanha, que são: De vermelho, com duas caldeiras de ouro, uma sobre a outra; bordadura cosida de vermelho, carregada de doze caldeiras do segundo.

FERRER. Família de origem espanhola. Nos coutos de Alcobaça há um lugar chamado Ferrer, mas não parece ser o solar da família deste nome existente em Portugal, porquanto não usa o apelido com preposição.

As armas dos Ferreres em Portugal são: De vermelho com um elefante de prata. Timbre: o elefante do escudo.

FIALHO. Família cuja origem se desconhece. João Fialho, contador dos Contos e cavaleiro da Casa de D. João III, foi homem honrado de Lisboa e casado com Maria Fróis Borges, filha de João Borges de Basto, cavaleiro da Casa Real, de quem teve diversos filhos, que continuaram o apelido. Seus dois filhos, Filipe Fialho Borges e Manuel Fialho, tiveram Cartas de brasão de armas, passadas, respectivamente, em 1533 e 1540, mas só com as armas dos Borges. Alguns heraldistas atribuem-lhes as armas dos Frielas, mas não se lhe conhecem armas próprias, nem Cartas de brasão onde figurem emblemas relativos ao apelido.



Ferrer



Fidalgo

FIDALGO. Ignora-se a origem da família deste apelido em Portugal, mas talvez exista mais do que uma família com o nome de Fidalgo, alcunha relativamente vulgar. Em Espanha há Hidalgos e naturalmente deles provêm os que em Portugal usam as armas aqui descritas, que são as dos Dias, originários daquele país, onde se chamam *Diez*.

As mencionadas armas são: De azul, com um luzeiro de ouro, de dez raios. Timbre: o luzeiro do escudo.

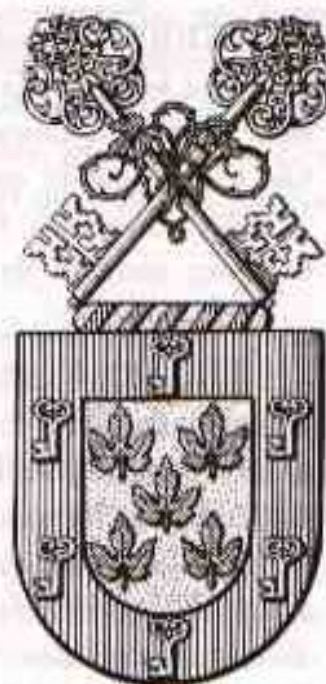
FIGUEIRA. Vieram de Espanha em diversas épocas ramos da linhagem, dos quais descenderam pessoas que continuaram o apelido. É natural que também os haja de origem portuguesa. Em tempo de D. Fernando passou a Portugal Gonçalo Figueira, que alguns autores dizem se chamava em Espanha Gonçalo Figueiroa, o que é pouco aceitável. Veio na companhia do Conde de Castro Xerez, D. Fernando de Castro, que, indo para

Inglaterra, lhe recomendou um filho, que aqui deixava. Foi cidadão de Lisboa e do matrimónio deixou dois filhos, por quem se propagou o apelido. No ano de 1485 homisiou-se em Portugal, por morte de homem praticada em Alcalá de Henares, Lopo de la Higuera, bacharel natural de Toledo, filho de Fernão de la Higuera, vassalo de D. Henrique IV de Castela, ou de Álvaro Fernandes de la Higuera, secretário dos Reis D. João e D. Henrique IV, como informam certas fontes. Foi naturalizado por D. João II de Portugal, por Carta de 6-VII-1486. Recebeu-se com Isabel Dias Tamayo, filha de Afonso ou Álvaro Dias Tamayo, e dela houve larga geração, que se espalhou pelo Minho e Alentejo. Manuel

de Sousa da Silva, capitão-mor de Santa Cruz de Riba Tâmega, cantou as Figueiras nesta quintilha:

*Em Benviver Fundiatais
Teve assento a verdadeira
Casa de Pedro Figueira
Cavaleiro entre os mais
Nessa idade primeira.*

Os Figueiras usam as armas dos Figueiredos (v.) ou as dos Figueiroas (v.). Os Figueiras de Chaves trazem as seguintes armas: De ouro, com cinco folhas de figueira de verde, postas em sautor, e bordadura de vermelho, carregada de seis chaves de prata. Timbre: duas chaves de prata, passadas em aspa e atadas com um ramo de figueira de verde. Estas armas dos Figueiras de Chaves já existiam à data da feitura do *Livro do Armeiro-Mor*, em 1509, pois nele se encontram iluminadas. Delas teve Carta de brasão, passada por Diogo de S. Romão, em 7-III-1590, Francisco Figueira de Azevedo, fidalgo da Casa Real, do Conselho de El-Rei, comendador de Valongo na Ordem de Cristo, provedor da armada em que D. Sebastião passou a África. Na Carta se diz que as armas não têm diferença por ser chefe da família e que ele era filho de João Figueira de Azevedo, provedor da câmara de Évora e contador das comarcas de Além Tejo, e de sua mulher, Catarina de Sá, neto paterno de Diogo Figueira e de sua mulher, N. de Azevedo, e bisneto de Afonso Figueira.



Figueira de Chaves

FIGUEIREDO. Querem os linhagistas que esta família proceda de Goesto Ansures, cavaleiro lendário que fazem libertador de algumas donzelas que eram conduzidas pelos Mouros para pagamento do tributo anual de cem donzelas nobres destinadas a concubinas do Rei de Córdoba, conforme o ajuste feito com o Rei Mauregato. Dizem ainda os linhagistas que Goesto Ansures se enamorou de uma das libertas e que de ambos provêm os Figueiredos, mas não seguem desde eles até o tempo de D. Pedro I a descendência senão por conjecturas, por lhes faltarem os elementos, como declaram. Assim, apontam Ansur Goestis, suposto filho de Goesto Ansures, cavaleiro que vivia no território de Viseu em 871, com sua mulher, D. Eleva, os quais nesse mesmo ano fizeram doação de várias rendas e ornamentos ao mosteiro de Arouca; seus presumidos filho, Soeiro Ansur, e neto, Ansur Soares, de quem fala o Conde D. Pedro no *Livro das Linhagens*, este casado com D. Maria Viegas de Regalados, filha de Egas Pais de Penagate e de sua mulher, D. Sancha Mendes de Briteiros. Ansur Soares e sua mulher, D. Maria Viegas, tiveram Gomes Ansures, que se recebeu com D. Estevainha Pires da Nóbrega, filha de Pedro Ouriques da Nóbrega, e de sua mulher, D. Maria Viegas, e deles nasceram Martim Gomes Ansur, D. Maria Gomes, mulher de Gonçalo ou Geraldo Gonçalves de Atouguia, e D. Teresa Gomes, casada com Gonçalo Gonçalves do Lago. Martim Gomes Ansures casou com D. Teresa Fernandes, filha de Fernão Gonçalves, senhor de Azam-

buja, e de D. Ouroana Godins, de quem teve João Martins Ansures, que se recebeu com D. Sancha Gones, Soeiro Martins de Figueiredo e Estevainha Martins, casada com Henrique Soares de Barbudo e depois com Vicente Anes César. Soeiro Martins de Figueiredo é o primeiro do apelido, viveu nos reinados de D. Afonso II, D. Sancho e D. Afonso III, e por 1260 doou ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra certas fazendas para aniversários. A filiação deste Soeiro Martins não é certa, assim como o não é a de Estêvão Soares de Figueiredo, que lhe indicam por filho, nem a de Vasco Esteves de Figueiredo, mencionado por neto. Este Vasco Esteves foi senhor da Torre e julgado de Figueiredo, e a ele aludem as Inquirições de D. Dinis. Conjectura-se que foram seus filhos Gil, Lourenço, Afonso e Garcia Vasques de Figueiredo, mas dos dois últimos parece que a geração foi longa, pois a daqueles ou breve se extinguiu ou se desconhece qual seja.

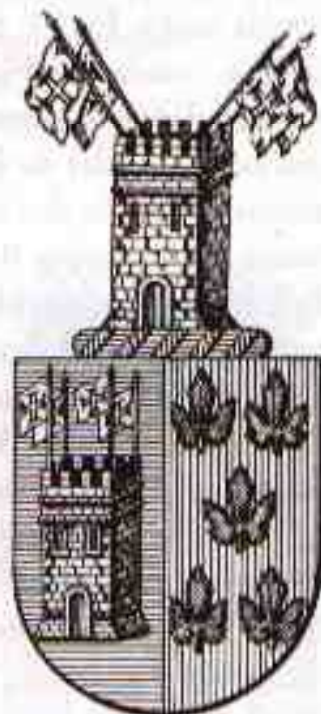
Até aqui, reinado de D. Afonso IV, é, pois, bastante problemática a linhagem dos Figueiredos. Igualmente o é a origem que atribuem ao apelido: de a libertação das donzelas se ter feito num figueiral (ou figueiredo), ou de o libertador, quebradas as armas, se ter servido de um ramo de figueira, à maneira de maça.

As armas dos Figueiredos são: De vermelho, com cinco folhas de figueira de verde, nervadas e perfiladas de ouro, postas em sautor. Timbre: um braço vestido de azul, com um ramo de figueira de ouro na mão, folhado de cinco peças de verde; ou dois braços de leão de vermelho, passados em aspa, e cada um com uma folha de figueira de verde nas garras.



Figueiredo.

Os descendentes de João de Figueiredo, que esteve no cerco de Arzila, obrando notáveis feitos, pelo que D. João III lhe acrescentou as armas por Carta de 8-X-1528, usam: Partido: o primeiro de azul, com uma torre quadrada de prata, lavrada, aberta e iluminada de vermelho, acompanhada de quatro bandeiras do segundo esmalte com a cruz de Cristo do terceiro, hasteadas de ouro, cada uma firmada num dos ângulos da torre; o segundo de vermelho, com cinco folhas de figueira de verde, perfiladas de ouro, postas em sautor. Timbre: a torre, com as quatro bandeiras do escudo, moventes das ameias, duas para cada lado.



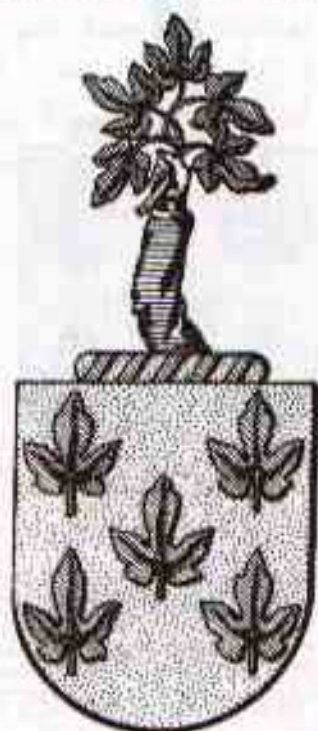
Figueiredo, de João de Figueiredo

FIGUEIROA. Família cuja origem os genealogistas colocam em tempos recuados e uma das mais nobres da Espanha. Ferrando ou Fernando, descendente de Ferrando, régulo da Maia e de sua mulher, Maria, que os discípulos do Apóstolo Santiago converteram à fé cristã, foi pai de Froila Ferrandes, Conde e prócere da Monarquia goda, ca-

sado com Tavira, viúva de Ardabastor, de quem tivera Ervígio, Rei dos Godos. Froila Ferrandes houve de sua mulher, entre outros filhos, a Sona Ferrandes, Conde e prócer, como seu pai, e alcaide de Lugo, onde vivia pelos anos de 653. Foi rico-homem dos Reis D. Rodrigo e D. Pelaio, esteve com seus irmãos no 15.º Concílio Toledano, celebrado no ano de 688, com seu irmão Sunifredo se achou em Covadonga e recebeu-se com uma filha de D. Pedro, Duque de Cantábria, de quem teve Ferrando Fernandes, alcaide de Lugo, alferes-mor do Rei D. Fruela I e marido de D. Maria de Ulhoa, filha de Fernão Sanches e de sua mulher, D. Nunilona de Gusmão, de cujo matrimónio nasceu, com muitos outros, Soeiro Fernandes. Este sucedeu na casa paterna por morte dos irmãos, com os quais e com outros parentes esteve na libertação das donzelas que os Mouros levavam a Olmen, filho do Rei de Córdoba, em pagamento do tributo de Mauregato. Entre as donzelas libertadas se encontravam suas irmãs Memorana e Sancha. Soeiro Fernandes, que foi grande cavaleiro na Galiza e benfeitor do mosteiro de Sobrado, casou com D. Teresa ou Urraca, filha de D. Gomesindo, de quem houve D. Soeiro Soares e outros filhos, progenitores dos Soutomaiors e dos Maldonados.

Soeiro Soares, Conde e sucessor dos senhorios paternos, recebeu-se com D. Urraca, irmã de Lain Calvo e filha de D. Gomesindo, da qual teve D. Diogo Soares, progenitor dos senhores da Biscaia, e Pedro Soares, que ficou herdado no solar de Figueiroa, na Galiza. Foi capitão dos Galegos na batalha de Clavijo e do seu casamento teve Odoario Peres, sucessor do solar e casa de Figueiroa, grande valido de Ordonho II, pelos anos de 913, pai de Gonçalo Odoares, sucessor do mesmo solar e casa, que teve diversas contendas com o Rei D. Sancho I e vivia no ano de 966. Seu filho Gonçalo Gonçalves, que possuiu o solar de Figueiroa e os bens paternos, foi rico-homem em Castela e de sua mulher, Ilduara, parenta de S. Rosendo, houve Ramon Gonçalves, senhor da Casa de seu pai e do solar de Figueiroa, rico-homem do Rei D. Fernando I, por quem teve a tenência do castelo de Oliva. João Ramon, seu filho e sucessor, tanto na casa como no solar, esteve na conquista de Toledo; pelos anos de 1085 foi pai de Pedro Anes, igualmente senhor dos bens e solar paternos. Casado com D. Maria de Andrade. Deste matrimónio nasceu Ramon Peres de Figueiroa, que teve os mesmos senhorios e tomou o apelido do seu solar. Viveu no tempo do Rei D. Afonso VII, esteve na batalha de Alarcos e contraiu matrimónio com D. Maria da Nóvoa, filha de João Arkias da Nóvoa e irmã do 9.º mestre da Ordem de Calatrava, D. Gonçalo Anes da Nóvoa. Deste casamento provieram os Figueiroas, cujo solar fica no campo de Petoburgo, entre as cidades da Corunha e Betanços, na Galiza.

O apelido, que em Espanha se escreve *Figueroa*, passou a Portugal na pessoa de Martim de Figueiroa, que viveu no Porto e teve geração que o continuou. Também Gonçalo Garcia de Figueiroa, natural de Córdoba, veio para Portugal, casando com D. Margarida de Loronha, filha de Duarte de Loronha e de Grácia Rodrigues de Andrade, de quem deixou



Figueiroa

geração, D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, dedicou uma das suas quintilhas aos Figueiroas:

*É linhagem antiga e boa
e também duques descendem
do solar de Figueiroa,
cujas armas se pertendem
porque a fama delas voa.*

Não os esqueceu também Manuel de Sousa da Silva nas suas trovas, dizendo:

*Martinho de Figueiroa
Lá em Gallisa nasceo
para o Porto morar veio
Aonde dos seus ainda sôa
O presente nome seu.*

O genealogista Tendilla dedicou-lhe as seguintes quadras:

*«Firme las cinco hojas de figuera,
El escudo de oro bien pintado,
Que así a los suyos la idade primera
Los condes de Trastamera han dotado.*

*Son las armas delos que en tal manera
De Figueroa como ellas, se han llamado.
Los que trahen estas hojas per sus gentes
Son caballeros claros y excellentes.»*

As suas armas são: De ouro, com cinco folhas de figueira de verde, postas em sautor. Timbre: um braço vestido de azul, com um ramo de figueira de ouro na mão, folhado de cinco peças de verde.

FILIPE. Apelido originado em patronímico, pelo que deve haver diversas famílias com esta denominação. A um Fernão Filipe foram dadas as armas, abaixo descritas, que usaram seus descendentes, os Filipes, da vila de Olivença. É natural que outros do mesmo apelido, sem terem igual origem, também tenham usado estas armas, facto que se verifica com frequência, pelo que os símbolos heráldicos não são garantia absoluta de comunidade de origem.

As armas dos Filipes são: De prata, com seis rosas de quatro folhas de vermelho; bordadura de verde, carregada de dez aspas de ouro. Timbre: uma aspa de ouro carregada de três rosas do escudo, uma no centro e duas nas hastes superiores.

FLORES. Descende esta família de D. Pelaio Fruela, o *Dícono*, e de sua segunda mulher, D. Aldonça Nunes. Seu filho D. Pelaio Pelais, senhor de Paramo de La Foceya,



Filipe

nas Astúrias, e de diversos estados desta provincia e da Galiza, casou com Muma Dona chamada Maior Gonçalves, conforme refere a escritura de doação que fez no ano de 1097 do mosteiro de S. Pedro à Sé de Oviedo. Esta senhora era parenta muito próxima do grande Rui Dias, o *Cid*. Entre vários filhos tiveram D. Froila Pelais, senhor do primitivo solar da família, no concelho de Someniego, nas Astúrias, teve o senhorio de Paramo de La Foceya, viveu no reinado de D. Afonso VI, sendo muito herdado e poderoso em Someniego e Teverga. Está sepultado em Teverga, junto do concelho de Someniego, com epitáfio que declara a filiação. Seu filho Pelaio Froilaz esteve no concílio que a Rainha D. Urraca celebrou em Oviedo, em 1115, e no de 1120 confirmou a doação que D. Andarquina fez à igreja de Burgos. Sucedeu na casa paterna e nos senhorios que este possuiu nas Astúrias, e foi senhor do forte de Coiança, lugar modernamente chamado S. João. Tomou o partido da Rainha D. Urraca contra o Rei D. Afonso VII, seu marido, o qual o mandou cercar em Coiança, que apesar de defender com grande valor se viu obrigado a entregar, ficando prisioneiro do Rei. Este perdoou-lhe, não sem lhe confiscar grande parte dos bens, mas por fim o teve muito na sua graça. Recebeu-se com D. Maria Rodrigues Osório, filha de D. Rodrigo Martins Osório e de sua mulher D. Urraca Fernandes de Castro, de cujo matrimónio nasceu Froila Pelais, sucessor dos bens de seu pai, muito reduzido pela mencionada confiscação. Teve, pelo menos, três filhos, Pelaio, Pedro e Soeiro, os primeiros, que se chamaram Flores, transformação do património Froilaz. O mais velho, Pelaio Flores, vivia nos últimos anos do reinado de D. Afonso VII e foi chamado de *Tabladiesse*, porque vivia neste lugar, no concelho de Bavia. Foi rico-homem de D. Fernando II de Leão, confirmando actos deste Rei nos anos de 1174, 1178 e 1180. Dele descendem os Flores.

No reinado de D. Sebastião, foi cavaleiro-fidalgo da sua Casa e morador em Abiul, Gonçalo Flores de Leão, casado com Leonor Vaz de Castelo-Branco, de quem ficou descendência com o apelido de Flores. D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, celebra a sua nobreza, dizendo:

*De solares são senhores
e foram de grãos tezouros
os desta caza de Flores
os quais foram defensores
da Hespanha contra os mouros.*

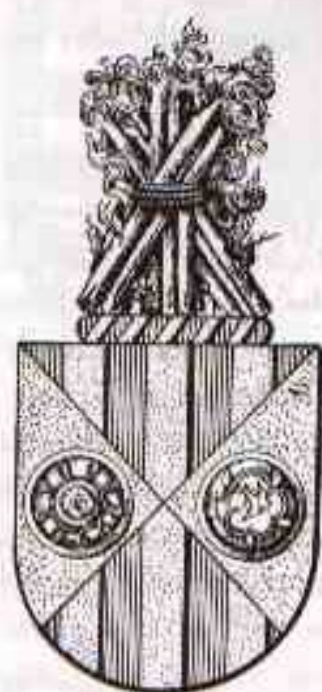
As armas dos Flores são as seguintes: Partido: o primeiro de prata, com um leão de vermelho, mantelado de azul, semeado de flores-de-lis de ouro; o segundo de vermelho, com seis caldeiras de ouro, postas 2, 2 e 2, e bordadura cosida de azul, carregada de dez cruzes de Malta de prata. Timbre: um porco-espinho de negro, com os espinhos de ouro.



Flores

FOGAÇA. Ignora-se a origem desta família, sabendo-se apenas que no ano de 1133 Pedro Fogaça confirmou a doação feita por D. Afonso Henriques ao mosteiro de S. Romão

de Neiva. Só a partir do reinado de D. Afonso IV se conhece a genealogia seguida dos Fogaças. Em tempo deste Rei viveu João Lourenço Fogaça, cujos filhos continuaram o apelido. O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, dedicou aos Fogaças a seguinte quintilha:



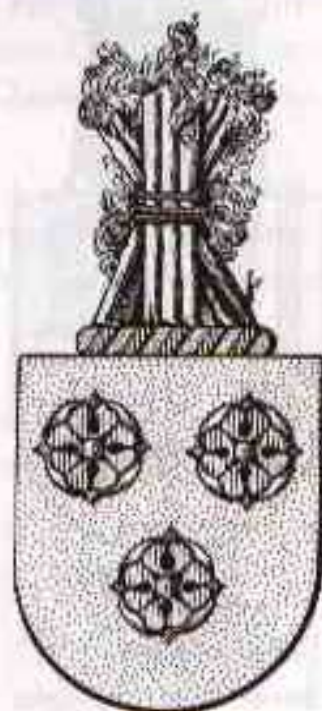
Fogaça

*Quem cuidou ver esquecido
os Fogaças tão guerreiros
tão leais tão conhecidos
portuguezes verdadeiros
de mouros muito temidos!*

As armas deste apelido são: Franchado: o primeiro de vermelho, com três palas de ouro; o segundo de ouro, com uma fogaça de sua cor; e assim os contrários. Timbre: um molho de lenha em chamas de sua cor.

Os que descendem de António Fogaça usam: De ouro, com três rosas de quatro folhas de vermelho,

botoadas de ouro e apontadas de verde. Timbre: um molho de lenha em chamas de sua cor.



Fogaça de António Fogaça

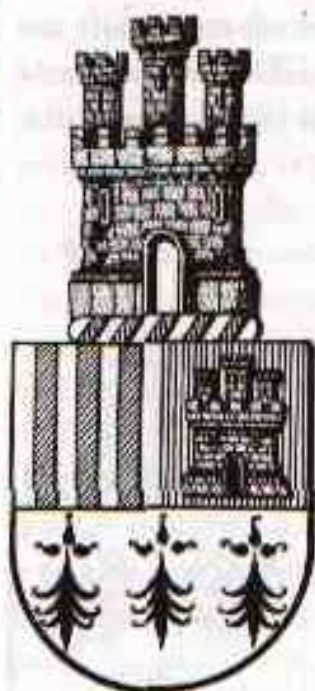
FÓIOS. Família espanhola que passou a Portugal no tempo do Rei D. Fernando, na pessoa de Garcia de Fóios, fidalgo castelhano, que recebeu o título de vassalo de D. João I, o qual pelos muitos serviços recebidos lhe fez mercê das vilas de Terena e Ferreira, assim como de muitos bens em Arronches e Monsaraz. Sòmente se conhece descendência continuada desta família a partir de Mendo de Fóios, morador na Ameixoeira, que viveu no reinado de D. Afonso V e se recebeu com Isabel Henriques, filha de João Moreira e de Marta da Mota, de quem teve diversos filhos, que seguiram o apelido. Em Espanha o apelido é *Hoyos*.

As armas dos Fóios são: De azul, com banda de ouro, abocada por duas cabeças de serpe do mesmo, dentadas de vermelho, e bordadura de prata carregada de oito mosquetas de negro.



Fóios

FÓIS. Regista Braamcamp Freire este apelido, que se desconhece, dizendo que as suas armas estão na Sala dos Brasões, no palácio de Sintra, e assinala a sua semelhança com a dos *Gaios* e as dos *Góios*. É natural que seja erro do pintor na grafia do apelido, se não o foi do próprio Braamcamp, que toma o mesmo escudo da Sala dos Veados como fonte das armas dos *Góios*, sem dizer que está com indicação de apelido diverso. Na dú-



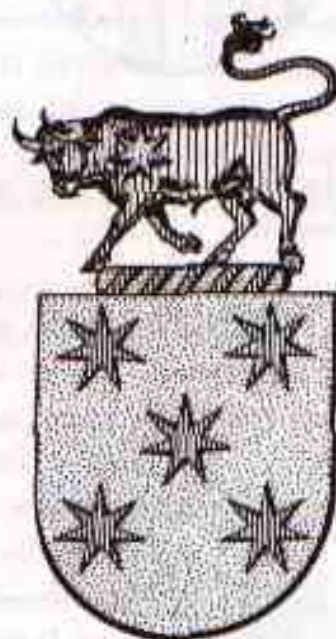
Fóis

vida do que seja, registam-se as armas que se lhe atribuem (v. Góios), a cuja família devem pertencer. As armas atribuídas a Fóis são: Cortado: o primeiro partido de prata, com três palas de vermelho, e de vermelho com um castelo de ouro; o segundo de prata, com três mosquetas de negro, alinhadas em faixa. Timbre: o castelo do escudo.

FONSECA. É uma das mais antigas famílias de Portugal e cujo apelido muito se divulgou. Parece provir da linhagem dos de Riba Douro, descendendo de D. Moninho Viegas, o Gasco, casado com D. Valida Trocosendes, de quem foi filho D. Garcia Moniz, que os Mouros mataram na conquista de Riba Douro. Este foi pai de D. Rodrigo Garcia, pai de D. Garcia Rodrigues, que se chamou da Fonseca por ter o senhorio deste lugar, o qual tomou aos Mouros com seu irmão D. Paio Garcia. Foi também senhor do couto de Leomil, por doação do Conde D. Henrique no ano de 1102, e casado com D. Dordia

Ramires, filha de D. Ramiro Pinhones, senhor de Távora, de quem teve D. Egas Garcia da Fonseca, chamado o *Bufo*, sucessor dos senhorios do couto de Leomil e da honra de Fonseca, rico-homem, marido de D. Maior Pais de Curveira, filha de D. Paio Pires Romeu. Deste casal descendem os FONSECAS, os Coutinhos e outras famílias. A honra de Fonseca ficava junto de S. Martinho de Mouros. O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, deixou entre as suas quintilhas uma dedicada aos FONSECAS, dizendo:

*Dos Fontojos senadores
família mui principal
procede este braço tal
donde vem muitos primetros
de Castela e Portugal.*



Fonseca

As armas desta família são: De ouro, com cinco estrelas de sete raios de vermelho, postas em sautor. Timbre: um touro de vermelho passante, armado de ouro e carregado de uma estrela de sete raios do mesmo sobre a espádua.



Fontana

FONTANA. Família de origem castelhana. Em Portugal usa as seguintes armas, algum tanto diversas das que traz em Espanha: De verde, com uma fonte alta de prata, com duas bicas, e duas águias de ouro, coroadas do mesmo, postas de perfil e afrontadas, pousadas na borda do tanque, bebendo, uma a cada flanco; chefe de azul.

FONTES. Parece que esta família é originária do Alentejo. Na vila de Figueiró houve um ramo dela, vivendo aí Diogo Pires de Fontes, no século XVI, o qual deixou geração, por onde se continuou o apelido. Também no lugar de Vila Verde de Oura, no termo de Chaves, houve uma família de apelido Fontes, cujo ascendente mais recuado que se conhece foi Gonçalo de Fontes, daí natural e morador, casado em Chaves com D. Maria de Moraes.



Fontes

As armas dos Fontes são: Partido: o primeiro de prata, com três faixas de azul, cada faixa carregada de três flores-de-lis de ouro e bordadura de vermelho, carregada de oito aspas de ouro; o segundo de verde, com banda de prata.

FONTOURA. Família espanhola, conforme se diz, originária do lugar de Fontoura, nas Astúrias. Nas províncias de Trás-os-Montes, do Minho e da Beira, há povoados de igual nome, que podem ser a origem da família deste apelido em Portugal. O mais antigo que os genealogistas indicam nos seus títulos é Pedro de Fontoura, morador em Chaves, onde casou com Leonor Rodrigues de Araújo, de quem proveio descendência, que continuou o apelido.

As armas que trazem os Fontouras são: Partido: o primeiro de verde, com uma fonte alta de ouro, de duas bicas, e bacia redonda de ouro, correndo das bicas água de sua cor; o segundo de prata, com uma árvore de verde e uma bandeira de vermelho, hasteada de ouro, sainte da árvore, a qual é acompanhada, à esquerda, de um galgo de negro preso ao tronco por uma cadeia de ouro.



Fontoura



Frade

FRADE. Parece descender esta família de D. Egas Moniz e de sua primeira mulher, D. Maior Pais da Silva, por seu filho Lourenço Viegas, o *Espadeiro*, fidalgo muito valoroso, que desde os dezanove anos combateu nas batalhas, achando-se na tomada de Santarém, na lide do Campo de Ourique, como capitão da retaguarda, e na batalha que o Infante D. Sancho teve com os Mouros de Sevilha, na qual lhes tomou o pendão. Deste Lourenço Viegas, o *Espadeiro*, foi filho ilegítimo, havido numa mulher por alcunha a *Ortigueira*, D. Egas Lourenço, que casou com D. Mor Mendes, neta de Egas Pais de Penagate, ou, como outros referem, com D. Aldara Ramires, filha de Ramiro Frederiques, chamado Ramiro Frade, e de sua mulher, D. Sancha Gomes, e neta paterna de Frederico Valderiques, conhecido por Frade Valdrique. De D. Egas Lourenço e de sua mulher nasceram vários filhos, e entre eles Gomes Viegas Frade, que casou com D. Teresa Gonçalves, filha de Gonçalo Gonçalves,

de cujo matrimónio parece provirem os Frades, sendo seu quinto neto Álvaro Afonso Frade. Este prestou assinalados serviços a D. Afonso V, tanto em Portugal como nas tomadas de Alcácer, Arzila e Tânger, onde esteve em pessoa e com homens de armas, besteiros e outra gente. Era escudeiro, vassalo de El-Rei e morava em Olivença. Todos os serviços enumerados e ainda os que prestou fora da guerra, assim como «a sua bondade, emdustría e descripção» foram causa de o Rei lhe fazer mercê de armas novas se não de acrescentamento das antigas, por Carta de 8-XI-1471.

As armas usadas pelos Frades, concedidas a Álvaro Afonso Frade, são: Esquartelado: o primeiro e o quarto de azul, com um besante de prata; o segundo e o terceiro de prata, com uma estrela de púrpura; e uma cruz de vermelho, brocante sobre o esquartelado e firmada num contrachefe de prata, ondado de azul. Timbre: uma aspa de vermelho, carregada de uma estrela de prata.

FRAGA. Parece que esta família é originária da província da Beira, desconhecendo-se as gerações anteriores a João da Fraga, que era juiz das sisas e direitos reais em 1481. Houve-os na comarca da Guarda, de onde passaram para a de Viseu e também para as ilhas açorianas.

As armas dos deste apelido são: De prata, com um vulcão de suas cores. Timbre: o vulcão do escudo.



Fraga

FRAGOSO. Família muito antiga em Portugal, pois já no tempo de D. Dinis tinha um vínculo no Alentejo. No reinado de D. João III passou a Portugal Pedro Fragosi ou Fulgosi, pois dizem os genealogistas que a família mudara o apelido desta para aquela forma. Este Pedro Fragosi era

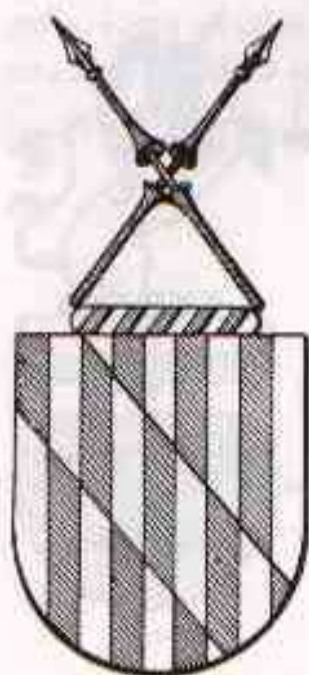
filho de Octaviano Fragosi, Duque de Génova e D. João III lhe fez algumas mercês. O apelido aportuneguesou-se passando a Fragoso.

Os Fragosos usam as seguintes armas: De azul, com três sóis de ouro. Timbre: um lobo passante, de sua cor.



Fragoso

FRANCA. Parece que não há só uma família deste apelido, em Portugal. Há uma família de origem genovesa, que se supõe principiar em Lançarote da Franca (ou de Franqui), que alcançou o reinado de D. João I e casou com D. Leonor de Abreu, filha de Lopo Vaz de Castelo-Branco, monteiro-mor do mesmo Rei. Estes foram os progenitores de uma família de Francas.



Franca

Os Francas, de Portugal, usam as seguintes armas: De prata, com quatro palas de verde e uma banda, atravessante sobre o todo, entrecambada. Timbre: duas lanças de prata, hasteadas de verde, passadas em aspa.

FRANÇA. Diz-se que esta família procede de João de França, filho bastardo de João II, Duque de Alençon, que teria vindo para Portugal em tempo de D. Afonso V, e aqui casaria, deixando sucessão. Há outras famílias do mesmo apelido, que o tomaram de o seu progenitor, sendo português, ter estado em França.

Alguns Francas usam as armas dos Francas (v.). Os que dizem vir dos Duques de Alençon trazem: De azul, semeado de flores-de-lis de ouro e



França, dos descendentes dos Duques de Alençon

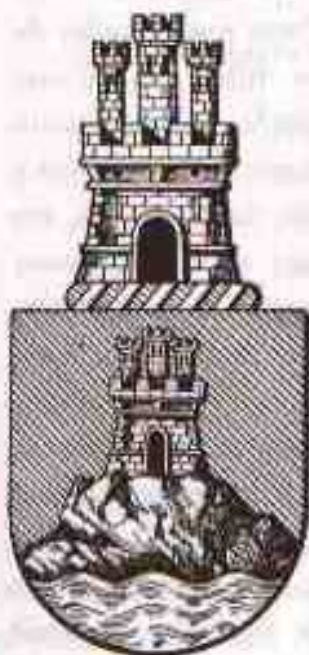
uma banda atravessante de prata; bordadura cosida de vermelho, carregada de oito besantes de prata.

FRANCHI V. *Franqui*.

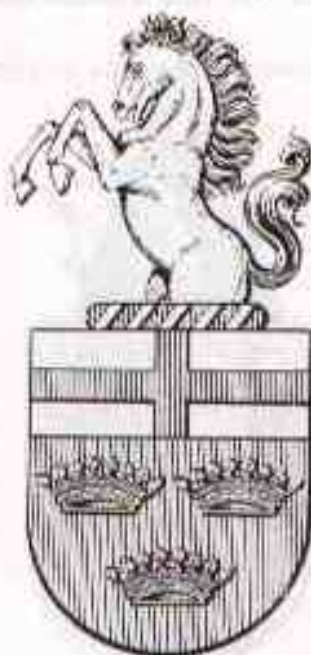
FRANCO. Descendem os Francos, ao que parece, de Roberto de la Corne, que com seu irmão Guilherme de la Corne povoou Vila Franca. Roberto de la Corne foi senhor da mesma vila e alcaide de Azambuja. Casou em Portugal e teve João Roberto de la Corne, o *Franco*, senhor e alcaide de Atouguia, que, do seu casamento, teve Gonçalo Anes Franco, alcaide e senhor de Atouguia, que casou com D. Teresa Gil, filha de Gil Varela e de D. Estevainha Pires. Tiveram geração e dizem os genealogistas que deles procedem os Francos.

As armas que usam os Francos são: De verde, com um castelo de prata, assente num rochedo de sua cor, o rochedo batido por um mar de prata, ondado de azul. Timbre: o castelo.

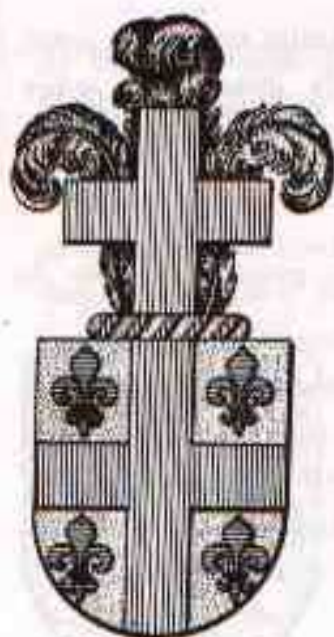
Outros do mesmo apelido trazem: De vermelho, com três coroas de oito florões, de ouro; chefe de prata, carregado de uma cruz de vermelho. Timbre: cavalo nascente de prata. Estas armas, com pequena deturpação do timbre, são as dos Franquis.



Franco



Franco (outros)

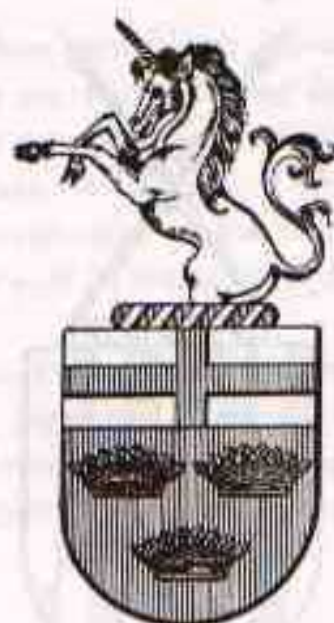


Franco (outros)

Alguns Francos de Espanha e Portugal usam: De ouro, com uma cruz de vermelho, acantonada de quatro flores-de-lis de azul. Timbre: a cruz do escudo, brocante sobre três plumas de ouro e de vermelho. Estas armas foram, certamente, baseadas nas dos Atouguias, que descendem de Roberto de la Corne.

FRANQUI. Família genovesa, cujo apelido na forma originária é *Franchi*.

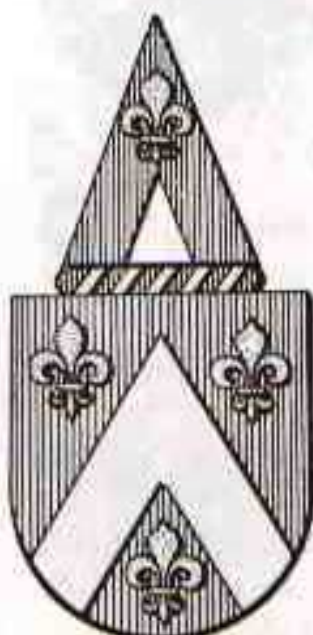
Tem por armas: De vermelho, com três coroas de oito florões, de



Franqui

ouro; chefe de prata, carregado de uma cruz de vermelho. Timbre: um unicórnio sainte de prata.

FRAZÃO. Esta família é bastante antiga, porquanto já no tempo de D. Sancho II e D. Afonso III vivia Garcia Pires Frazão, fidalgo, que parece tomou o apelido da honra de Frazão, no Entre Douro e Minho, no concelho de Paços de Ferreira, a qual se compunha da freguesia de Frazão, da de Seroia (ou Seroa) e da de Arreigada. Este Garcia Pires Frazão foi pai de Martim Frazão, que teve por filhos Gil Martins Frazão e D. Constança Martins, que foi abadessa de Jazente e manceba do mestre da Ordem de Cristo, Martim Gonçalves Leitão, de quem houve descendência. Gil Martins Frazão viveu no tempo de D. Dinis, foi casado com uma senhora Vasconcelos e seus filhos tiveram o foro de cavaleiros e comedia no mosteiro de Grijó, por serem descendentes dos fundadores. Gil Martins Frazão houve por filhos a Diogo Gil Frazão, Vasco Gil Frazão e António



Frazão

Gil Frazão, sendo o primeiro morador no Porto nos reinados de D. Afonso IV e D. Pedro I. Entre outros filhos houve este a Geraldo Dias Frazão, alcunhado o *Machucho*, por ser muito prudente. A ele se refere Camilo Castelo Branco e parece que a mencionada alcunha passou a apelido nos descendentes, em que figuram os avós do desembargador João de Barros, autor do *Espelho de Casados*. Os Frazões aparentaram-se com distintas famílias, tais como os Cardosos, senhores da honra de Cardoso, os Sás, de João Rodrigues de Sá, o *das Galés*, e outras. Actualmente o apelido anda reunido a outros, existindo os Francos Frazões (Condes de Penha Garcia), Figueiredos Frazões (Viscondes do Sardoal), Ornelas Françaes do Carvalho Frazões Figueiroas (Condes da Calçada, na ilha da Madeira), Medeiros Frazões, Frazões de Vasconcelos, Frazões Pachecos, Amaraes Frazões, etc., na ilha de S. Miguel e no Continente. A esta fa-

mília, como a outras, com iguais símbolos — as flores-de-lis — atribuem os genealogistas origem francesa. O apelido, ainda que de origem geográfica, tem-se usado sem preposição. O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, nas suas quintilhas, referindo-se aos Frazões, diz:

*Amado foi desta gente
o rico Martim Farazão
chefe desta geração
já esquecida ao presente,
mas muito lembrada então.*

Igualmente Manuel de Sousa da Silva, insigne genealogista, escreveu:

*Refoios de Santo Tirso
Tem a honra de Frazam
De donde naturais são
Os que por respeito disso
O seu mesmo nome hão.*

São armas pertencentes ao apelido Frazão: De vermelho, com asna de prata, acompanhada de três flores-de-lis de ouro. Timbre: uma asna de vermelho, carregada de uma flor-de-lis de ouro entre os braços ou sobre a cabeça.

FREIRE. Família antiga, da Galiza, que se reuniu à dos Andrades, quase no princípio, ligando-se depois, por novos laços matrimoniais tão repetidas vezes que é difícil distinguir uma da outra. Estas uniões fizeram uma só família, a dos Freires de Andrade (v. *Andrade*), que passou a Portugal na Idade Média. Uns usam os dois apelidos reunidos, outros só o de Andrade ou só o de Freire, sendo a este, conforme parece, que originariamente pertenciam as armas com a banda, abocada pelas cabeças de serpe.

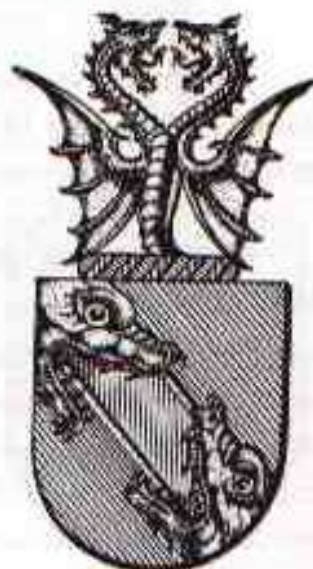
D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca fez aos Andrades e Freires os seguintes versos:

*Nas de Galiza montanhas
tem os Freires solar
Monifroes se usavam chamar
vindo de França a Espanha
aos mouros guerrear.*

E também, só dedicados aos Freires, estes:

*A banda que atravez fende
sobre esmeralda luzente
com cabeças de serpente
Freires de Andrade comprehende
De Galiza descendente*

*Em que lá tenha logar
para se mais nomear
e nos reinos de Castela
os que cá tem Bobadela
não serão para calar.*



FREIRE

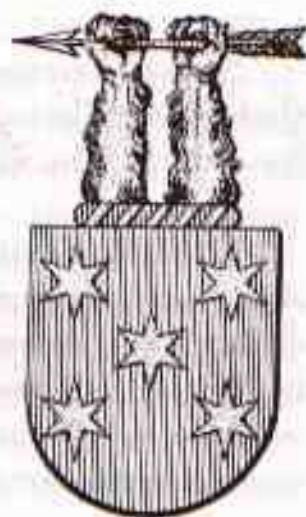
Usam os Freires: De verde, com banda de vermelho, perfilada de ouro, abocada por duas cabeças de serpe do mesmo. Timbre: uma serpe de duas cabeças batalhantes, de ouro, sainte.

FREITAS. Provém esta família de D. Gonçalo Ouveques, fundador do mosteiro de Cete, pai de Diogo Gonçalves de Urró, que esteve na batalha do Campo de Ourique com D. Afonso Henriques. Este Diogo Gonçalves casou com D. Urraca Mendes de Bragança, irmã de D. Fernão Mendes de Bragança, cunhado daquele Rei, e ambos filhos de D. Mem Fernandes de Bragança e de sua mulher, D. Sancha Viegas. Do casamento de Diogo Gonçalves com D. Urraca nasceram vários filhos e, entre eles, João Dias de Freitas, que viveu no reinado de D. Afonso Henriques, o qual tomou este apelido por ser senhor do paço de Freitas, no concelho de Fafe. Foi casado com D. Maior ou Maria Geraldês, filha de Geraldo Nunes, por alcunha *o Cabrão*, e de D. Sancha Pais, e teve, também, o senhorio da quinta do Corvo. Seus filhos seguiram o apelido de Freitas. D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, refere-se a esta família nos versos seguintes:

*Em cinco estrelas douradas
postas em campo sanguinho
dos Freitas godos usadas
Entre o Douro e mais o Minho
foram as mais veneradas.*

Também a eles dedicou uma quintilha Manuel de Sousa da Silva, dizendo:

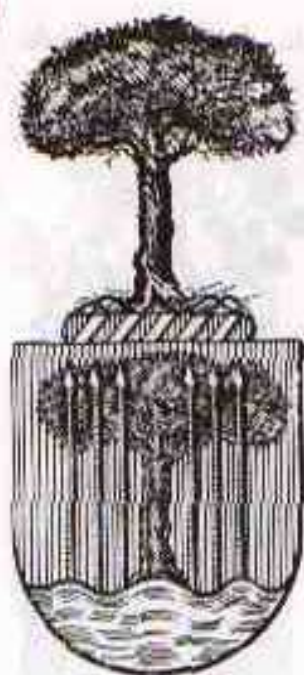
*De Freitas este julgado
No tempo de Guimarães
deu seu nome a estes lares
E dom Martim esforçado
O espelho dos leaes.*



Freitas

As armas que usam os Freitas são: De vermelho, com cinco estrelas de seis raios de ouro. Timbre: dois braços de leão, de ouro, em pala, segurando nas garras uma flecha de prata, hasteada de vermelho, ou dois braços de leão de ouro, passados em aspa.

FREIXINHO. Descendem os deste apelido da família dos Amados, por Gonçalo Pires Amado, casado com Brites Aires de Sequeira, de Marialva, filha de Aires de Sequeira. Seu filho promogénito, o Dr. Pedro Gonçalves Amado, por alcunha *o Rico*, viveu na vila de Fonte Arcada, na Beira, fundou e dotou a igreja do Freixinho, pertencente ao mesmo concelho, e depois ao de Sernancelhe, da qual foi primeiro padroeiro e em cuja capela-mor, do lado do Evangelho, se sepultou em 1541, tendo o túmulo sua inscrição, em língua latina. Casou com D. Maria Anes de Almeida, que passou a segundas núpcias com João Afonso de Azevedo, *o Velho*, filha de João de Almeida da Mesquita, criado do



Freixinho

Infante D. Duarte, com o foro de escudeiro, natural da vila de Ansiães, e de sua primeira mulher, *D. Catarina da Mesquita*. Teve o Dr. Pedro Gonçalves Amado um filho do mesmo nome, conforme informam certos genealogistas, que foi doutor em *Leis*, muito estimado, e que casou três vezes, sendo a primeira com Maria Anes Ferreira, filha de João Afonso de Azevedo, o *Velho*, seu padasto, a qual não teve geração. Casou segunda vez com D. Branca de Coval e terceira com Brites de Andrade, viúva de Roberto do Olival e filha de Rui de Andrade e de sua mulher, Maria de Brito. Não é certo que deixasse geração do terceiro matrimônio, havendo-a, porém, do segundo. Foi seu filho, dizem que havido em Branca de Coval, o Dr. Jubiléu Freixinho Leitão, natural do Freixinho, ou Freixo, como então ainda se chamava o lugar, que casou com Leonor de Góis, filha de Pedro Dias. Deste casamento nasceram diversos filhos, que tomaram o apelido de Freixinho, mas cuja geração parece ter-se extinguido breve.

Atribuem-se ao apelido Freixinho as armas abaixo descritas, que o desembargador Jorge Salter de Mendonça diz terem sido dadas em 1530 por D. João III ao Dr. Pedro Gonçalves de Almeida, do Freixinho. Este devia ser o segundo Dr. Pedro Gonçalves, que teria o apelido de Almeida por sua mãe, *D. Maria Anes de Almeida*, ou o de Amado, por seu pai, como indicam outros genealogistas.

As armas são: De vermelho, com um freixo de verde, ladeado de seis lanças de prata, hasteadas de ouro, três de cada lado, tudo sustido por um chefe de prata, ondado de azul. Timbre: o freixo do escudo.

FRIAS. Família das Astúrias, de que passou um ramo a Portugal. D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, referiu-se a esta família nos seguintes versos:

*Estes dois caudilhos fortes
por esta torre treparam
onde a um deles mataram
e ao outro com sem morrer
os de dentro lho deixaram.*

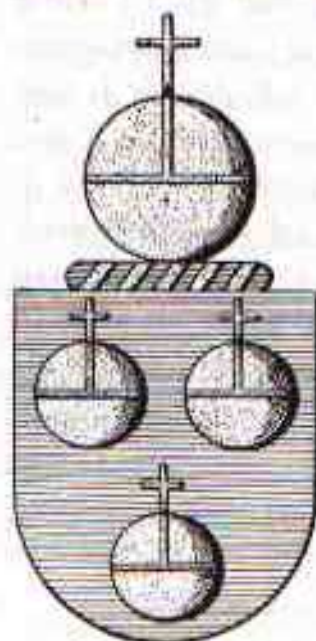
Os deste apelido usam as seguintes armas: De prata, com uma torre de azul, ladeada por dois leões de sua cor, afrontados, a torre sustida de um rio de prata e de azul; bordadura de vermelha, carregada de oito aspas de ouro. Timbre: a torre do escudo.



Frias

FRIELAS. Desconhece-se a origem desta família, cujo apelido deve ter tomado do lugar de Frielas, no concelho de Loures. Existia anteriormente a 1509, pois as suas armas se encontram registadas no *Livro do Armeiro-mor*, feito no referido ano.

As armas que se lhe atribuem são:
De azul, com três mundos de ouro.
Timbre: um mundo do escudo.



Frielas

FRÓIS. Procedem os Fróis do Infante D. Asnar Fruela, filho de D. Fruela II, Rei de Leão, Oviedo e Galiza, e de sua mulher, D. Nunila Ximena. Casando com D. Ximena, filha do Conde D. Guisvaldo, rico-homem de D. Afonso o Magno, seu embaixador a Roma e mordomo-mor do Rei. D. Fruela, houve, entre outros filhos, a D. Paio Fruela, chamado o *Diácono*, por ter recebido ordens deste grau. Possuiu grande fazenda em Carrião e na Galiza e de sua primeira mulher, D. Aldonça Ordonhes, filha do Infante D. Ordonho, o Cego, teve D. Paio Pais, rico-homem de Castela, senhor de Paramo de la Tocera e de muitas terras em Carrião, casado com D. Maior Gonçalves. D. Fruela Pais, seu filho, teve muitas terras no concelho de Somiedo e de Paramo de la Tocera, havendo do matrimónio D. Paio Froilas, senhor da Casa e senhorios que possuíam nas Astúrias, de Torrede e Coiança (mais tarde Valença de D. João). Seguiu o partido da Rainha D. Urraca contra o Rei D. Afonso II, por cujo motivo lhe confiscaram a maior parte dos bens. Casou com D. Maria Rodrigues Osório, filha de D. Rodrigo Martins Osório, nascendo do matrimónio D. Fruela Pais, que depois de viver na Galiza alguns anos, veio para Portugal e aqui teve os senhorios de Maiorca e Alhadas, hoje no concelho da Figueira da Foz. Recebeu-se duas vezes, a primeira na Galiza, dela ficando geração que seguiu o patronímico com a forma de *Flores*; a segunda, em Portugal, com Godinha Cides, da Coimbra, filha ou irmã de Gonçalo Cides, que vivia em 1080. Deste matrimónio nasceram diversos filhos, que tomaram o patronímico com a forma *Fróis*. Deles, Martim Fróis, foi contemporâneo de D. Afonso Henriques, morador em Coimbra, onde morreu, e de quem descendem os Fróis.



Fróis

As suas armas são: De azul, com um terno de crescentes de ouro, apontados e unidos.
Timbre: uma pomba de prata, bicada e membrada de ouro, tendo no bico um ramo de ouro, florido de azul.

FROTA. Querem alguns genealogistas que esta família provenha de um cavaleiro que veio numa frota do Norte combater os mouros na tomada de Alcácer do Sal e que ficando em Portugal passou a ser conhecido pelo da Frota. Não é crível que a origem



Prota

seja tão antiga e que esta família exista, em Portugal, desde aquela batalha. Parece, porém, que já aqui existiam anteriormente a 1500.

Atribuem-se aos Frotas as seguintes armas: Cortado, de ouro e de vermelho, com um leão entrecimbado, brocante sobre o cortado. Timbre: um leão de ouro, sainte, armado e lampasado de vermelho.

FURTADO. Um dos mais antigos e nobres apelidos de Espanha. Diz-se que esta família provém de Fernão Peres de Lara, chamado *o Furtado*, por sua mãe, a Rainha D. Urraca, mãe do Rei de Castela D. Afonso VII, chamado *o Imperador*, e mulher do Conde D. Raimundo, o haver tido a furto de D. Pedro Gonçalves de Lara. Este Fernão Peres, *o Furtado*, foi pai de D. Leonor Furtado, senhora de Mendobil, que se recebeu com D. Diogo de Mendonça, sobre cujos pais há divergência de nomes, conforme os autores, parecendo mais certo que era filho de Lopo Gonçalves de Mendonça, senhor

de Mendonça, e de sua mulher, D. Maria Garcia de Aiala. D. Diogo Lopes e sua mulher tiveram vários filhos, alguns dos quais tomaram por apelido Furtado. Por dois deles passou esta família a Portugal. *Fernão Furtado*, seu filho, que vivia no ano de 1242 e veio no tempo de D. Afonso III, na companhia da Rainha D. Brites, recebendo do mesmo soberano, em mercê, a honra de Pedroso, e casando com D. Guiomar Afonso de Resende, filha de Giraldo Afonso de Resende, da qual deixou geração; e Pedro Dias Furtado ou Pedro Dias de Mendonça, também filho dos mesmos, um dos duzentos fidalgos que D. Afonso X herdou em Sevilha em 1253, casou com D. Maria Arrais, filha de D. Fernando Arrais, fidalgo castelhano, fronteiro-mor das armas de D. Afonso IV de Castela contra o Algarve, de cujo matrimónio nasceu *Fernando Arrais de Mendonça*, fronteiro-mor contra Portugal, a cujo Reino passou depois de feita a paz, estabelecendo-se no Algarve, onde casou e deixou descendentes. Estes foram os primeiros que vieram para Portugal, mas não os únicos.

O apelido Furtado, português, nem sempre teve a mesma proveniência. Por alcunha ou por origem geográfica outras famílias existem com ele. Em Espanha se escreve *Hurtado*. Os que vieram de Espanha usam Furtado, Mendoça ou Mendonça, Furtado de Mendonça ou Mendonça Furtado e Arrais de Mendonça ou Mendoça Arrais. D. João Ribeiro Gaió, bispo de Malaca, nas suas quintilhas, diz dos Furtados:

*Estes trazem dez panelas
a modo de coração,
as quais folhas de ervas são
porque derramaram nelas
sangue de alarve geração.*

As armas aqui descritas, atribuídas aos Furtados, são as dos Arrais, embora aumentado o número de folhas de gólfão (panelas). O mesmo autor, aludindo aos Furtados e Mendoças, escreveu:



Furtado

*De Calvo Laim louvado
e da grã dona Tareja
nasceu o forte Furtado
de Mendonça, afortunado
na paz, e mais na peleja.*

Também o mesmo bispo, debaixo da rubrica de Furtados de Mendonça, de Sevilha, deixou os seguintes versos:

*O que a furto foi gerado
vem dos condes de Aragão
e o duque foi baptizado
no grão do Rio Jordão
por um grande perlado.*

Igualmente cantou os Furtados e Mendoças, o grande genealógico Manuel de Sousa da Silva, nesta quintilha:

*Para esta terra vem
De Biscaya os sublimados
Ilustrissimos Furtados
Que em Penafiel tem
E Aguiar coutos honrados.*

Os Furtados usam as armas dos Mendoças: Franchado: o primeiro e o quarto de verde, com banda de vermelho, perfilada de ouro; o segundo e o terceiro de ouro, com um S de negro. Timbre: uma asa de ouro, carregada de um S de negro.

FUSEIRO. Ignora-se o princípio desta família, sabendo-se, porém, que no reinado de D. Afonso IV vivia em Évora Lourenço Pires Fuseiro. O apelido deve provir de alcunha, certamente tomada de ofício.

As armas dos Fuseiros são: De azul, com cinco lisonjas de ouro, vazias, apontadas e unidas em cruz. Timbre: duas asas de azul, com uma lisonja do escudo no meio.



Fuseiro



de brasão de armas, com as dos Gachineiros, passada pelo principal rei de armas Portugal António Rodrigues a 20-XI-1524, em Évora. Três dos seus descendentes tiveram Cartas de brasão de armas, passadas, respectivamente, em 30-XI-1622, 2-VI-1710 e 22-IV-1731.

Estas armas são: De vermelho, com dois gatos de prata, passantes, um sobre o outro. Timbre: um gato do escudo.

GAGO. Já no reinado de D. Sancho I havia em Portugal o apelido de Gago, originário de alcunha, bastante vulgar, pelo que não se deve garantir que só existiu uma família com esta denominação. Martim Gago viveu no tempo de D. Sancho I e de D. Afonso II; João Pires Gago nos princípios do século

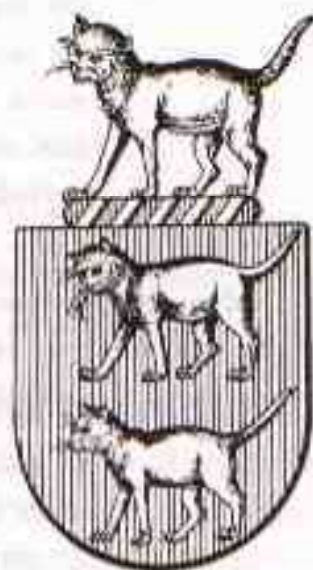


Gago

XIV; Bartolomeu Gago foi senhor da honra de Mascarenhas; e D. Pedro Anes Gago, genro do Rei D. Afonso III, por haver casado com sua filha ilegítima D. Urraca Afonso. No reinado de D. João I viveu um João Gago, de quem se supõe sejam filhos Estêvão e Lourenço Anes Gago, o primeiro dos quais morou em Alcácer do Sal e o segundo em Beja. Do primeiro provieram os Gagos, aonde passou seu descendente Luís Gago, de Beja, nos fins do século XV, estabelecendo-se nos Açores.

Em Espanha também houve Gagos.

As armas dos Gagos de Portugal são: De vermelho, com aspa de prata, acompanhada, em chefe, de uma estrela de oito raios, e nos flancos e em ponta de três crescentes



Gachineiro

ACHINEIRO. Família nobre portuguesa de que se ignora a origem. A pessoa mais antiga deste apelido, que se conhece, é Diogo Veloso Gachineiro, casado com Maria Pires, natural de Gondoriz, na diocese de Braga, de quem teve geração. Foi bisneto deste Diogo Veloso Gachineiro, outro de igual nome, escudeiro fidalgo, natural daquela freguesia, que teve Carta

de prata, os dos flancos deitados e apontados. Timbre: um leopardo de vermelho, carregado da estrela do escudo na testa.

GAIÃO. V. *Gaio e Gaioso.*

GALIO. É muito antigo este apelido em Portugal. D. Soeiro Mendes da Maia, o Bom, contemporâneo do Conde D. Henrique e de seu filho D. Afonso Henriques, foi pai de Gonçalo Soares Mouro, que se recebeu com D. Urraca Soares Gaio, irmã de D. Nuno Soares Gaio. Nos reinados de D. Afonso III, D. Dinis e D. Afonso IV, viveu Martim Gomes Gaio, que acompanhou este Rei na batalha do Salado, onde morreu, o qual talvez fosse descendente de algum dos Gaios acima referidos. Casou este Martim Gomes Gaio com Aldonça Anes de Belmir, de quem teve geração, continuadora daquele apelido. Também na Galiza houve Gaios antigos, pois Lopo Gonçalves de Abreu, grande cavaleiro de D. Dinis e um dos que seguiram o partido de seu filho o Infante D. Afonso, casou com D. Aldonça Rodrigues, filha de Rodrigo Anes Gaio, daquele Reino, e de sua mulher D. Milia Pires de Cerveira.

O bispo de Malaca D. João Ribeiro Gaio, nas suas quintilhas deixou uma dedicada à linhagem de que provinha, dizendo:

*Do que se armou cavaleiro
na rota dos castilhanos
por o Rei João primeiro
este vem de longos anos
portuguez mui verdadeiro.*

Manuel de Sousa da Silva igualmente dedicou aos Gaios uma quintilha, mas errou no titulo chamando Gaios aos Gaias ou supôs que aqueles viessem destes. Assim escreveu:

*Sueiro Annes da Gaia
foi por morar no jugado
de Gaya assim chamado
Veyo da eza da Maya
Tão illustre no passado.*



As armas dos Gaios são: De prata, com três mosquetas de negro alinhadas em faixa; chefe de vermelho, com um castelo de ouro, partido de ouro com quatro palas de vermelho. Timbre: um castelo de ouro rematado por uma bandeira de arminhos, hasteada de ouro, a haste movente, em pala das ameias da torre do meio.

As armas dos Gaios são idênticas e certamente pela semelhança dos apelidos se passou à comunidade dos símbolos. É provável que estas armas pertençam aos Gaios, pois tanto o Livro do Armeiro-mor, de 1509, como o de António Godinho, de 1530, as dão a este

apelido e não atribuem nenhuma ao de Gaio, que tem por documento heráldico mais antigo uma Carta de brasão concedida em 31-X-1571. O apelido Gaio deve provir de alcunha, significando alegre, folgazão e sendo também nome de pássaro. Modernamente, por desconhecimento do valor do j na grafia antiga, alguns transformaram o apelido em Gajo, o que, além de grande erro, é de pouco bom-gosto pelo sentido pejorativo que tem.

GAIOSO. Alguns autores dizem que é uma só família Gaio, Gaião e Gaios, apesar das diversas formas dos apelidos.

Não é impossível que assim suceda, sendo Gaião o aumentativo de Gaio, como se verifica em Sousa e Sousão, Correia e Correão, Gasco e Gascão, mas pode, também, ser forma absolutamente diversa, não tendo nenhuma comunidade genealógica as famílias que as adoptaram. É também admissível que Gaios e Gaio sejam o mesmo apelido, aplicado a ramos diversos de uma só família, porque também há exemplos como Cício e Cicioso, Ganso e Gansoso. Desconhecendo-se a genealogia desta linhagem é impossível garantir a existência de origem comum e somente que ela é aceitável.

Atribuem-se aos Gaiosos as seguintes armas: De azul, com três faixas de ouro, a do meio acompanhada de dois peixes de prata, nadantes.



Gaiosos

GAIVÃO. V. *Gavião.*

GAJO. V. *Gaio.*

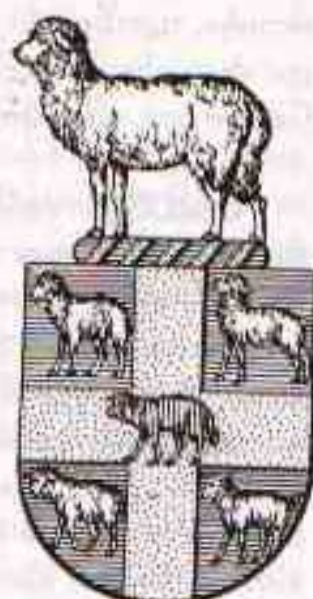
GALEGO. Família da Galiza, muito antiga, cujo ascendente mais remoto que se conhece é Diogo Peres Galego, cavaleiro da Casa de Santa Marta de Ortigueira. Foi seu filho Soeiro Dias Galego, casado com D. Inês Garcia de Seabra, pais de Pedro Garcia Galego, senhor de Santa Marta de Ortigueira, e casado com D. Teresa Nunes Maldonado, irmã de D. Ermesenda Nunes Maldonado, mulher de D. Paio Mendes de Soutomaior. Tiveram diversos filhos: João Peres Galego, morto no ano de 1268, casado com D. Maria Tenório, e progenitor dos Fajardos. (V. *Fajardo*); D. Fernão Peres Galego, mestre da Ordem de Alcântara, falecido em 1296; Estêvão Peres Galego; D. Estefânia Peres Galego, mulher de D. Pedro Fernandes de Trava, pais de D. Gonçalo Peres, mestre de Alcântara, morto no ano de 1312; D. Inês Peres, casada com Pedro Anes Redondo, com geração; D. Sancha Peres, freira, e D. Maior Peres Galego, que se recebeu com Fernão Aires de Meira, senhor da Casa de Meira, na Galiza. Não se conhece a ligação destes primeiros Galegos com os que houve posteriormente.

Afonso Galego de Andrade, fidalgo galego e primo coirmão do Conde de Ourém, João Fernandes Andeiro, passou a Portugal, casando-se com D. Maria Anes Ribeira, irmã de D. Maria de Sousa, mulher do primeiro conde de Marialva. D. Vasco Fernandes Coutinho, teve geração que em breve abandonou o apelido de Galego e seguiu o de Andrade.

João Galego, que também era dos de Ortigueira, teve por filha a Leonor Fernandes Galego, casada nobremente em Olivença com Francisco de Magalhães Cabeça de Vaca, filho de Fernão Lourenço Cabeça, nascendo deste matrimónio diversos filhos com geração, continuada na mesma vila portuguesa e no Alentejo.

Outro ramo, pelo menos, parece ter havido desta família, o dos Pontes Galegos, vivendo no século XVII e princípio do seguinte dois irmãos, Domingos da Ponte Galego e António da Ponte Galego, o primeiro dos quais foi general de artilharia em Trás-os-Montes, nas guerras da Aclamação, e o segundo tenente de mestre-de-campo de infantaria, na mesma província, ficando geração deste.

As armas que usam os Galegos em Portugal são: De azul, com cruz de ouro carregada de um cordeiro de vermelho e cantonada de quatro cordeiros de prata. Timbre: um cordeiro de prata.



Galego

GALHARDO. Não se sabe ao certo a origem deste apelido em Portugal, que se vê em pessoas do século XVI, filhos de Afonso Vaz Soares de Albergaria, morador em Abrantes, onde era dos principais, e casado na mesma vila com Inês Ribeiro Temudo, filha de Diogo Ribeiro de Souto-maior, fidalgo da Casa Real, e de sua segunda mulher, Joana Temudo. Teve este Afonso Vaz Soares de Albergaria, do seu matrimónio, pelo menos quatro filhos, de um dos quais — Fernão Soares Galhardo de Albergaria — se sabe provir geração de Galhardos.



Galhardo

Em tempo de D. João I viveu Pedro Esteves Galhardo, talvez ascendente destes. Juzarte Soares Galhardo, filho do acima referido Afonso Vaz Soares de Albergaria, teve Carta de brasão, a 6-IV-1529, com as armas dos Galhardos, por descender da linhagem do mesmo apelido por linha masculina.

As armas dos Galhardos são: De vermelho, com um leopardo de ouro, armado de azul, encimado por uma flor-de-lis do mesmo. Timbre: o leopardo do escudo.

GALVÃO. Sobre a origem desta família nada se sabe ao certo, mas, apenas, que no reinado de D. Afonso Henriques, vivia Pedro Galvão, homem nobre, que teve grande casa em Guimarães, onde morava pelos anos de 1170. Morreu a 12-VIII-1179, sepultando-se no mosteiro de Santa Marinha da Costa, diante do altar do Capítulo, onde também se enterrou D. Maria Pais, sua mulher. Deixaram ao referido mosteiro umas herdades com algumas alfaías da casa, de maior preço, e certa quantia de dinheiro para se ornar a igreja, impondo a obrigação de os cônegos do mosteiro lhe fazerem um aniversário por suas almas. Destes foi filho único D. Paio Galvão, que se educou no mesmo mosteiro,

de Leão, e de sua mulher D. Sancha. Seu filho D. Garcia Ordonhes, Conde de Nájera e de Cabreira, o senhor de Aza no tempo de D. Afonso VI de Leão, pelo qual teve em honra a cidade de Nájera no ano de 1076, casou com a Infanta D. Urraca, sua tia, prima coirmã de sua mãe, filha de D. Garcia VI, Rei de Navarra, e de D. Estefânia de Barcelona. O Rei D. Afonso VI de Leão lhe cometeu a criação de seu filho o Infante D. Sancho. Esteve na batalha de Alcoraz no ano de 1096 e no de 1106 foi para a Andaluzia. Teve por filho D. Garcia Garcês. Este, dizem alguns autores, não era filho de D. Garcia Ordonhes, mas de D. Garcia Garcês, Conde e senhor de Aza, morto no ano de 1087, e de sua mulher a Infanta de Castela D. Elvira, filha do Rei D. Fernando I, o *Magno*, e de sua mulher D. Sancha, Rainha de Leão e Galiza; e que seus avós paternos eram o Conde D. Garcia Fernandes, acima, senhor de Aza e Maranhão, e D. Nuna. Há pois, discordância, não se sabendo se era neto ou bisneto de D. Garcia Fernandes e se dele provinha pelo filho ou pela filha, ambos herdeiros do senhorio de Aza. D. Garcia Garcês sucedeu na casa paterna, sendo Conde de Nájera e Cabreira e senhor de Aza no ano de 1087. Foi aio do Infante D. Sancho e armado cavaleiro no ano de 1099 pelo Conde D. Raimundo de Borgonha, pai do Imperador Afonso VII. Morreu na batalha de Vellez, no ano de 1108. Contraíu matrimónio com D. Eva Peres de Trava, filha do Conde D. Pedro Fernandes de Trava e de sua mulher D. Maior de Urgel, a qual passou a segundas núpcias com o Conde D. Pedro Gonçalves de Lara, de quem houve geração. D. Garcia Garcês teve de sua mulher a D. Garcia Garcês de Aza, sucessor da casa de seu pai, excepto nos senhorios de Nájera e de Cabreira. Foi tutor do Rei D. Afonso VIII de Castela, governando este Reino na sua menoridade, e um dos mais notáveis cavaleiros da época, confirmando doações desde o ano de 1127 até o de 1161, mas não teve a categoria de Conde. Recebeu-se com D. Sancha Bermudes, filha de D. Bermudo Peres, Conde de Trava e Trastámara, de quem teve D. Garcia Garcês, senhor de Montijo, Penafiel e Castelo Sarracim, vivendo pelos anos de 1166, no reinado de D. Afonso VIII, de quem foi rico-homem. Casou a primeira vez com D. Leonor Fortunes, filha de D. Fortun Lopes, rico-homem, senhor de Sória e de Santo Estêvão de Gormaz, e de sua mulher D. Elvira Peres. Contraíu segundas núpcias com uma filha de Diogo Dias de Velasco e de sua mulher D. Enderquina, de quem teve descendência. Do primeiro casamento nasceu D. Rodrigo Garcês de Aza, que sucedeu na casa do pai e depois tomou o hábito de Cister na Ordem de Calatrava. Esteve em 1212 na batalha das Navas de Tolosa, na qual, por se encontrar muito ferido o mestre daquela ordem, D. Rui Dias, nele renunciou o cargo. No segundo dia depois da batalha foi o novo mestre ao castelo de Bilcheze, acompanhado dos Reis de Castela e Aragão, e o obrigou a render-se. Teve filhos, entre os quais Garcia Rodrigues de Aza, caçador-mor de D. Afonso X de Castela, que casou em Ágreda. Dão-lhe por filhos Afonso Rodrigues Garcês e Garcia Garçês, que serviu D. Afonso III de Portugal na conquista do Algarve.

Afonso Rodrigues Garcês, freire da Ordem do Templo, deve ter vindo em serviço da mesma a Portugal. Em Castela foi caçador-mor. Seu filho Rodrigo Afonso Garcês, vassalo de D. Dinis, foi um dos principais povoadores da vila de Pinhel, edificada pelo mesmo soberano, e primeiro alcaide dela contra Castela nas guerras que houve então. Estando em Santarém a 9-VIII-1278 teve Carta de nobreza. Casou por ordem de D. Dinis

com Ana Esteves Velho, filha de João ou Estêvão Velho, embaixador à Corte de Aragão e condutor da Rainha Santa Isabel a Portugal, e de sua mulher Estefânia Anes de Aboim. Deixou este Afonso Rodrigues geração, que continuou o apelido Garcês, originariamente patronímico.



Garcês

As armas usadas por alguns Garceses em Portugal são: De prata, com três faixas de vermelho, e bordadura do mesmo, carregada de oito aspas de ouro.

Outros ramos vieram para o nosso país. Sancho Garcês, fidalgo muito honrado, natural de Agreda, no Reino de Navarra, seguiu o partido contrário ao seu Rei e passou a Castela. Estando em Burgos, foi ferido com uma seta, por ordem do Rei de Navarra, e se transferiu a Cidade Rodrigo, morrendo na raia de Portugal, num pequeno lugar chamado Vilar de Cervo, onde o sepultaram. Com ele veio seu filho Afonso Garcês e sua filha, Leonor, casada em Portugal com Fernão de Moura, senhor da Azambuja. Afonso Garcês casou com Leonor Pereira de Alvim, deixando geração daquele apelido.

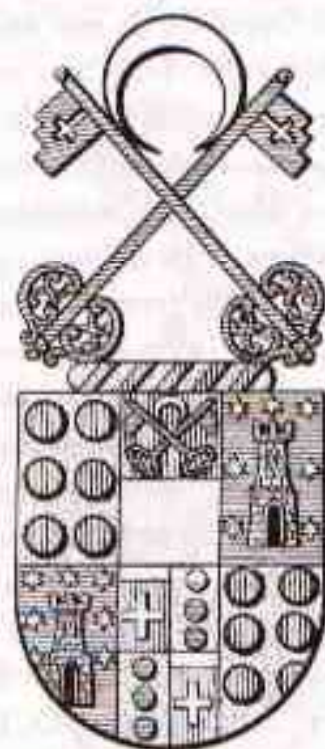
O erudito genealogista Manuel de Sousa da Silva refere-se a esta família nos seguintes versos:

*Seis escudos em um fez
de nobre gerações seis
O douto Afonso Gracéz
o mais veleiro português
daquele tempo em leis.*



Garcês, de João Garcês

O «douto» Afonso Garcês era filho de Catarina Garcês, filha de Fernão Garcês, fidalgo natural do Reino de Aragão, e de seu marido, filho de Gil Esteves de Outiz, o qual usou as armas abaixo descritas que não correspondiam somente ao apelido de Garcês, mas a outros da sua ascendência. João Garcês, filho deste Afonso Garcês, trouxe somente as armas dos



Garcês, de Afonso Garcês

Garceses de Aragão, que são: De azul, com uma torre de ouro, lavrada de negro, acompanhada de sete estrelas de seis raios de ouro, postas em orla, no chefe e nos flancos.

Foi o doutor Afonso Garcês, atrás referido, secretário da embaixada de D. Lopo de Almeida a França e secretário dos Reis D. Afonso V e D. João II, trouxe por armas as seguintes talvez também usadas por alguns descendentes: Partido de dois traços e cortado de um: 1.º e 6.º de ouro, com seis arruelas de vermelho 2, 2 e 2; 2.º cortado: o primeiro de vermelho, com duas chaves cosidas de azul passadas em aspa, encimadas por um crescente

invertido de prata; o segundo de prata, pleno; 3.º e 4.º de azul, com uma torre de ouro, acompanhada de sete estrelas de seis raios do mesmo postas em orla, no chefe e nos flancos; 5.º esquartelado: o primeiro de vermelho, com cruz solta de prata e chefe do mesmo; o segundo de ouro, com três arruelas de azul alinhadas em pala. Timbre: as chaves e o crescente do segundo quartel.

Estas armas foram-lhe confirmadas por Carta de D. João II, passada em 12-III-1492, em virtude de outra que Afonso Garcês mostrou passada por Castela e Aragão, rei de armas, datada de 4-VII-1491.

João Garcês, filho de outro Afonso Garcês, por alcunha o *Esquerdo*, teve Carta de armas novas, concedidas a 6-XI-1481, por D. Afonso V, em recompensa dos seus grandes feitos obrados em Alcácer Ceguer, Ceuta, Arzila, Tânger e noutros lugares de além, as quais são: De azul, com uma garça de ouro, recatada, posta de frente, acompanhada de quatro estrelas de seis raios do mesmo, postas 2 e 2. Timbre: a garça do escudo.

GARCIA. Este apelido foi originariamente patronímico, pelo que há diversas famílias que o usam sem proveniência comum. Entre as famílias que usam este apelido, uma das mais notáveis em Portugal foi a dos Garcias de Chaves, que segundo certos genealogistas vem de Luis de Mendaña, fidalgo asturiano, do tempo de D. João II de Castela, e de sua mulher, D. Ana, filha de Afonso Garcia de Chaves, de cujo matrimónio foi filho, ou, como outros querem, neto Pedro Garcia de Chaves. Este Pedro Garcia de Chaves ou Pedro Afonso Garcia viveu em Portugal, era homem honrado e rico, morador em Almeida, e instituiu a capela de S. João na Misericórdia da mesma vila. Deixou geração que entrou em grandes casas.

Outra família deste apelido foi a dos Garcias Mascarenhas, da Beira, cujo ascendente mais antigo que se conhece é Marcos Garcia Mascarenhas, talvez ainda nascido no século XV, que se casou em Valezim com uma filha de Martim Anes, pessoa principal, de cujo matrimónio provém, julga-se, parte da nobreza da referida provincia.

Há, ainda, os Garcias de Gondim, cujo ascendente mais antigo que se conhece é Gonçalo Garcia de Gondim, bisavô por varonia de Gaspar Rodrigues de Gondim, natural de Viana do Castelo, a quem D. João III, em 26-I-1543, deu Carta de brasão de armas por descender da geração dos Garcias de Gondim.

As armas que vários ramos de Garcias usam são as dos Garcias de Gondim, de quem talvez não provenham, como o dos Garcias Mascarenhas. Tais armas são: De prata, com três leopardos de vermelho, armados e lampassados de azul, um sobre o outro. Timbre: um leopardo do escudo.



Garcia de Gondim

GARRIDO. Família espanhola, antiga. Também existem em Portugal famílias do mesmo apelido sem comunidade de origem, por ele provir de alcunha bastante comum. Em Castelo de Vide houve uns Garridos que dizem ser dos de Espanha, o que é possível

pela proximidade dos territórios. É, porém, menos provável que o primeiro citado pelos genealogistas fosse senhor da Casa de Garrido e da governança de Castelo de Vide, porquanto era pessoa de condição humilde. Chamava-se este António Gonçalves Garrido e sua mulher Isabel Freire ou Ferreira, e teve diversos filhos, por um dos quais provêm os Garridos da Quinta da Bouça, em Penela, ascendentes dos Coutinhos Garridos.

As armas dos Garridos de Espanha, também usadas em Portugal por um ramo que daquele país passou a Trás-os-Montes, são: De ouro, com banda de vermelho, abocada por duas cabeças de serpe de verde, acompanhada por dois lobos rampantes de negro, um em chefe e outro em ponta; bordadura de vermelho, carregada de oito aspas de ouro. Timbre: um lobo do escudo.



Garrido

GARRO. Ignora-se a origem desta família, sabendo-se, apenas, que já no século XIV existia o apelido, pois vivia em Elvas Pedro Esteves Garro. Este teve um filho, chamado Afonso Pires Garro, escudeiro e vassalo de el-rei, pai de Pedro Afonso Garro, também escudeiro e vassalo do Rei, servindo D. João I nas guerras contra Castela e na tomada de Ceuta, onde, por muitos anos, ficou em serviço até o mesmo soberano o mandar regressar.



Garro

Foi muito valoroso e casou com Brites Gil, filha de Gil Eanes, o Cavaleiro, e neta paterna de Gil Lourenço, que era irmão de Fernão Gil, pai de Gil Fernandes, o Bom, alcaide-mor de Elvas, de cujo matrimónio deixou geração. Não se sabe se foi seu descendente Nuno Martins Garro, fidalgo muito honrado e escudeiro do Duque de Bragança, que serviu D. Afonso V, tanto contra Castela como nas guerras de África, quer por mar quer por terra, pelo que este príncipe lhe concedeu armas novas por Carta de 31-VIII-1475. Este Nuno Martins foi



Garro, de Nuno Martins Garro

casado e deixou descendência, também no Alentejo, pelo que parece ser a família desta província.

As armas dos Garros são: De vermelho, com um leão de prata, empunhando nas garras uma bandeira de verde, de duas pontas, hasteada de ouro e carregada de uma flor-de-lis do mesmo. Timbre: o leão do escudo. As de mercê nova, dadas a Nuno Martins Garro, são: De azul, com uma onça de ouro, saltante. Timbre: a onça do escudo.



Gasco

GASCO. Família de origem espanhola, cujo apelido é *Gascon*, que em Portugal se transformou em Gasco. Usa por armas: Partido: o primeiro de azul, com uma águia de ouro estendida; o segundo de vermelho, com um castelo de prata, acompanhado de sete flores-de-lis de ouro postas em orla, três em chefe e quatro nos flancos. Timbre: a águia do escudo, sainte.

GATACHO. Se bem que o *Livro do Armeiro-mor* traga descritas as armas dos Gatos, debaixo do apelido de Gatacho, não se sabe da existência de família assim designada. Gatacho é, talvez, o diminutivo de Gato, dado a algum desta família, como se deu aumentativo a outras, a saber Correão, Sousão, etc.

GATO. Descendem os Gatos da família dos Velhos, uma das mais antigas de Portugal. D. Nuno Soares Velho e sua mulher, D. Mor Pires Perna, foram pais de Pedro Nunes Velho, que se casou com D. Maria Anes, filha de João Viegas Ranha, que entre vários filhos teve a D. Afonso Pires Gato. Este se recebeu com D. Urraca Fernandes, filha de D. Fernão Pires Pelegrim e de D. Urraca, de quem deixou geração que tomou por apelido a alcunha paterna. O grande genealogista Manuel de Sousa da Silva deixou, entre as suas quintilhas, a seguinte:

*De Gestaço honra antiga
Do concelho de Bayão
Naturaes os Gatos são
Onde tanto também se abriga
Das Moraes a geração.*

As armas dos Gatos são: De ouro, com dois gatos de azul, passantes, um sobre o outro; bordadura de vermelho, carregada de oito crescentes de prata. Timbre: um gato de azul, saltante, carregado de um crescente de prata na espádua.



Gato



Gatucho

GATUCHO. Não se conhece nenhuma família com este apelido, que parece ser diminutivo do de Gato, o qual teria, também, a forma de Gatacho.

As armas atribuídas às duas formas diminutivas são, porém, diversas, pois se indicam para os Gatucho as seguintes: De ouro, com duas palas de verde; bordadura de vermelho, carregada de oito crescentes de prata.

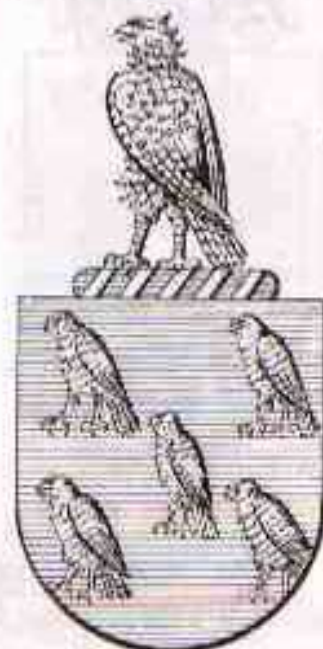
GAVIÃO. Parece que os deste apelido descendem de Gonçalo Martins, por alcunha o Gavião, escudeiro, morador em Beja, onde era pessoa principal, o qual foi muito valente e contemporâneo de D. Afonso IV. Houve dois filhos, Martim Gonçalves Gavião e Estêvão Gonçalves Gavião, os quais usaram a alcunha paterna por apelido, que se continuou na sua descendência. Gavião e Gaivão são nomes de uma ave de rapina, porém a segunda forma é antiquada, mas há uma família deste apelido, ignorando-se a sua origem, pelo que não se pode garantir que seja da linhagem dos Gaviões.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, deixou os seguintes versos, dedicados aos Gaviões:

*Não trazem feros alões
postos em campo sanguinho
mas brancos trez gaivões
os Gaivões que vem do Minho
na guerra foram leões.*

Por estes versos parece que os Gaviões eram do Minho e possuíam armas próprias, diversas das dos Gaviões, o que levaria a supô-los família diferente.

As armas dos Gaviões são: De azul, com cinco gaviões de sua cor, sancados de ouro. Timbre: um gavião do escudo.



Gavião

GAZO. Família de Génova, onde tem o senhorio do castelo de Gazo. Passou a Portugal em 1704 João André Gazo, que foi neste Reino capitão de Bombardeiros, sargento-mor de Artilharia, tenente-coronel, coronel e general-de-batalha, servindo com armas e cavalos à sua custa. Era natural de Génova, filho de Francisco Maria Gazo, capitão de Bombardeiros daquela república, senhor da casa e quinta dos Gazos, nos subúrbios da mesma cidade, pertencente à freguesia de S. Ciro, e de sua mulher, D. Maria Madalena Gazo.



Gazo

João André Gazo foi casado com D. Madalena Santa Hugues, filha de António Hugues, fidalgo genovês, natural de Araci, freguesia de Santo António, e de sua mulher, D. Ana Hugues, natural de Génova. Seu filho, António Francisco Gazo, natural e morador em Estremoz, sargento-mor da mesma praça, teve a 2-I-1759 Carta de brasão com as armas dos Gazos, que são: De prata, com um leão de vermelho, com uma pega de sua cor na garra direita. Timbre: o leão do escudo, sainte.

Frei Manuel de Santo António e Silva diz que a ave é uma garça, porém Anselmo Braamcamp Freire julga que deve ser uma pega, em italiano *gazza*, o que é racional.



Gentil

GENTIL. Família italiana, uma das vinte e oito nobres da república de Génova, onde se chamava *Gentile*. Veio para Portugal um membro seu, que serviu nas guerras. Esta família passou depois ao Brasil e teve o governo da cidade do Grão-Pará.

Trazem por armas: Nove pontos equipolados de ouro e de azul. Timbre: uma águia de negro, membrada e coroada de ouro, sainte.

GERALDES ou GIRALDES. É patronímico que se converteu em apelido, pronunciando-se e escrevendo-se de ambos os modos. Há diversas famílias assim designadas, por a origem do nome ser o nome próprio Geraldo.

Uma das famílias Geraldês portuguesa usa as seguintes armas: Esquartelado: o primeiro e o quarto, de azul, com três flores-de-lis de ouro; o segundo, de prata, com um pé de trigo espigado de verde; o terceiro, de prata, com uma cabeça humana de sua cor, de cabelos ruivos.

De Florença, terra da sua naturalidade, passaram a Portugal os irmãos Lucas e Nicolau Giralde, pessoas nobres. Tiveram grande negócio neste Reino e no Estado da Índia e passavam créditos aos ministros que El-Rei mandava ao estrangeiro. Fundaram casas nobres no Largo do Correio, com as suas armas e a inscrição: Giralde de Florência, ao pé do leão do escudo. Lucas Giralde serviu o Rei D. Manuel com seu dinheiro,



Geraldês

que, em França, mandou dar por seus agentes a João Vaz de Caminha, em 1520, para cousas do serviço do mesmo soberano, e a António de Azevedo. Comprou o mesmo Lucas Giralde a capitania dos Ilhéus a Jerónimo de Figueiredo de Alarcão. Morreu solteiro, deixando dois filhos, Francisco Giralde e D. Luísa Giralde, que se casaram e tiveram geração.

As armas destes Giralde, em Itália *Giraldi*, são: De prata, com um leão de negro, coroado de ouro. Timbre: o leão do escudo.



Geraldês ou Giralde de Itália

GIL. Não existe uma só família desta denominação, porquanto Gil é patronímico, do nome próprio Egídio ou Gil. A um mestre Gil, certamente um dos cirurgiões-mores dos Reis D. Afonso V ou D. Manuel I, pois ambos os monarcas tiveram físicos com este nome, foram dadas armas novas.

A Pedro Gil, filho do capitão Manuel Gil, o *Velho*, e de sua mulher, Catarina Carilho da Serra, moradores em Castelo de Vide, no século XVI, deu o Rei, em 1562, Carta



Gil, de Mestre Gil

de brasão de armas, que contém vários apelidos e não parece poder atribuir-se a *Gil*, como fazem alguns autores.

Ao físico mestre Gil se concederam as seguintes armas: Cortado: o primeiro de vermelho, com um leão de ouro, movente da partição, saínte do traço do cortado; o segundo de prata, com três raios de vermelho, moventes também do cortado. Timbre: um leão de ouro, armado e lampassado de vermelho.

As armas concedidas a Pedro Gil são: Esquartelado: o primeiro e o quarto de ouro, com três faixas de vermelho (*Córdova*); o segundo e o terceiro do segundo esmalte, com um



Gil, de Pedro Gil

castelo de ouro (*Carrilho*); e uma cruz de prata, carregada de cinco escudetes de azul, alternados com quatro leões de púrpura, brocante sobre o esquartelado, cada escudete carregado de cinco besantes de prata, postos em sautor, que é de D. João Afonso de Albuquerque, seu pretenso quarto avô. Timbre: uma águia de negro, estendida.

GIRALDES. V. *Geraldes*.

GIRALTE. Família de origem desconhecida. Atribuem-se-lhe as seguintes armas: De verde, com uma torre de prata, ladeada de duas serpes do mesmo, realçadas de negro, afrontadas. Timbre: a torre do escudo, rematada por uma das serpes.



Giralte

GIRÃO. Esta família é uma das mais ilustres de Espanha. D. Gonçalo Pelais, senhor de Cisneiros e dos castelos de Buenga, Boçon, Pajares, Astorga, Alva de Quiros, nas Astúrias, e de outros muitos Estados, viveu em Proaça e três vezes se rebelou contra os seus soberanos, sendo as duas primeiras contra o Rei D. Afonso VII, pelos anos de 1131, por cujo motivo lhe foram tomados os seus castelos das Astúrias, onde se fortificara, pelas forças capitaneadas pelos partidários do Rei, o que o levou a refugiar-se em Portugal, visto ter ficado despojado dos bens e fortalezas que possuía. Aqui morreu no ano de 1133. Intitulou-se Conde e parece que se recebeu com uma filha de D. Pedro Gonçalves, senhor de Cisneiros em Barcel. Foi seu filho D. Rodrigo Gonçalves de Cisneiros, que serviu os Reis D. Afonso VI e D. Afonso VII, e com o pri-

meiro destes esteve na batalha de Toledo, onde o soberano se encontrou em perigo evidente de ficar prisioneiro, porque se encontrava a pé, o que levou D. Rodrigo Gonçalves a ceder-lhe o seu cavalo para se retirar. O Rei, ao montar, cortou um girão do vestido, que lhe deu para lembrança daquele acto, salvando-se de ficar cativo, o que não aconteceu a D. Rodrigo Gonçalves, ao qual aprisionaram. Parece que houve quem pretendesse apresentar-se como autor do auxílio prestado ao soberano, mas D. Rodrigo mostrou o girão que o Rei lhe havia dado, provando a este ser ele o verdadeiro autor da façanha. Depois serviu o Rei D. Afonso VII, mas, entrando na última rebelião, não sucedeu logo na casa paterna. Congraçou-se com o Rei, que lhe restituiu, e a sua irmã, D. Muraca Gonçalves de Cisneiros, e ao marido desta, D. Rodrigo Gonçalves Osório, a herdade de Cisneiros e os demais bens que o Conde D. Gonçalo Pelais possuía, tudo por doação do ano de 1135, na qual se refere, também, a sua mulher. Foi rico-homem, confirmando no ano de 1145. Recebeu-se com D. Inês, ou Estefânia de Armengol, de quem houve D. Gonçalo Rodrigues Girão de Cisneiros, sucessor da Casa de seu pai, senhor de Cisneiros e Bureva e rico-homem, que vivia no ano de 1158. Parece que foi este o primeiro que usou o apelido Girão, que seus descendentes continuaram.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, deixou essa quintilha dedicada aos Girões:

*A quem fez sem nenhum medo
vagar Afonso rei
na batalha de Toledo
el rei disse eu te farei
conde, girão muito cedo.*

Passaram a Portugal D. Pedro Girão, filho de D. João Afonso Girão, rico-homem de Castela, senhor de Frechoso, e de sua mulher, D. Urraca Galinha, a quem D. Fernando de Portugal fez mercê do julgado de Mesão Frio, Cains e Godim, chamando-lhe seu vassalo, por Carta passada no Porto, a 14-V-1372. Deste, foi irmão mais velho D. Afonso Teles Girão, rico-homem de Castela e senhor de Frechoso, que do matrimónio teve dois filhos, ambos passados a Portugal: Pedro Afonso Girão, que veio com seu tio, por morte do Rei D. Pedro de Castela, tomando a voz de D. Fernando de Portugal na sua pretensão ao trono castelhano, e D. Maria Teles Girão, ou apenas, D. Maria Girão, que se casou com Martim Vasques da Cunha, à qual e a seus herdeiros por linha direita deu D. Fernando, de juro e herdade, os lugares de Tarouca e Valdigem, com seus termos e jurisdições, excepto apelações, por carta passada em Vila Nova de Anços, a 5-III-1372, o que este soberano fez para casamento com o dito Martim Vasques, seu vassalo, pelo parentesco que com ela tinha. Este Martim Vasques da Cunha, de quem foi primeira mulher, teve, em primeira vida, o título de Conde de Valença de Campos e deixou geração do referido matrimónio.



Girão

De Pedro Afonso Girão proveio larga descendência deste apelido em Portugal. Também veio para este Reino, por crimes, António Girão, que se diz ser da Casa dos Duques de Ossuna, que foi pai de Amador Girão, morador na quinta do Lago, no concelho de Lafões, junto de Vouzela, casado com Maria Freire, de quem deixou geração.

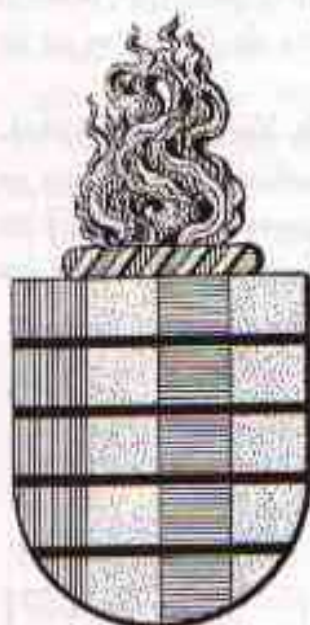
O apelido em Espanha se diz *Giron* e tem por armas as seguintes, também usadas em Portugal: Cortado: 1. partido, o primeiro, de de vermelho, com um castelo de ouro, aberto, iluminado e lavrado de azul (*Castela*), e o segundo, de prata, com um leão de púrpura, armado e lampassado de azul, coroado de ouro (*Leão*); 2. de ouro, com três girões de vermelho, moventes do baixo do escudo, reunidos ao meio do traço do cortado. Timbre: o leão do escudo, com um girão de ouro na espádua.

GODINHO. Família nobre, cujos membros parece descenderem de D. Godinho Fafes e de sua mulher, D. Gontinha, ou Guiomar Mendes, filha de D. Mem Moniz de

Riba de Douro e de sua mulher, D. Urraca ou Ouroana Mendes de Sousa, o qual D. Godinho serviu D. Afonso Henriques, com quem esteve na batalha de Ourique e noutras mais, e confirmou doações daquela reinado.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, dedicou aos Godinhos os seguintes versos:

*Casou com Dona Fruela,
D. Fafes o esforçado,
mui estimada donzela
formosa rica e bela
trouxe este brazão honrado.*



Godinho



Godinho

As suas armas são: Palado de vermelho, ouro, azul e ouro, com quatro filetes de negro, brocantes em faixa; ou partido: o primeiro contrafaixado de cinco peças de ouro e de vermelho; o segundo contrafaixado de cinco peças de ouro e de azul. Timbre: chamas de ouro, afoqueadas de vermelho; ou hidra de ouro, lampassada de vermelho, sainte.

Outros Godinhos trazem: De prata, com cinco aguietas estendidas de negro. Timbre: uma das aguietas do escudo.



Godinho (outros)

GODINS. Provém esta família de D. Godinho, fidalgo muito honrado e rico, grande privado do Rei de Castela, D. Afonso, o Sábio, o qual era da linhagem dos moedeiros de Coimbra, conforme diz o Conde D. Pedro, porquanto parece

que seu pai seria D. Vicente Dias de Coimbra, que governou a Casa da Moeda de Coimbra, e sua mãe D. Boa Pires. Seus avós paternos eram D. Diogo Dias, que teve o mesmo ofício de moedeiro, e sua mulher, D. Exâmea Pires da Maia, filha de D. Pedro Pais, alferes-mor de D. Afonso Henriques.

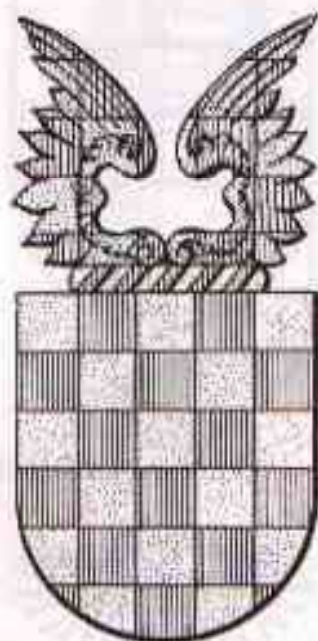
D. Godinho foi para Castela e casou com D. Maria Nunes de Gusmão, filha de D. Pedro Nunes de Gusmão e de D. Maria Garcia de Roa. Foram seus filhos Vicente, Afonso e D. Urraca Godins, esta mulher de Rodrigo Afonso Ribeiro, com geração.

Dé Vicente Godins proveio descendência que tomou este patronímico por apelido, e de Afonso Godins, que se diz ter sido senhor da Quinta de Ronge, cujo nome se modificou com o tempo para Rangel e foi solar desta família, e de vários senhorios no termo de Coimbra, dados por D. Dinis, e de outros em Castela, onde viveu, concedidos pelo Rei D. Sancho, ficou geração que tomou o apelido Godinez e o apelido Rangel. Os Godinez de Castela vêm de D. Maria Afonso Godins, filha do referido Afonso Godins, e de seu marido, Diogo Sanches de Biedma; os Rangéis de Portugal descendem de Martim Afonso Rangel, filho do mesmo Afonso Godins e senhor da Quinta de Ronge, e os de Castela, de Estêvão Rangel, seu irmão.

Antes de 1540 passou a Portugal Francisco Godinez, natural de Xerez de los Caballeros, médico muito sabedor, que por alvará de 16-VI-1569 foi recebido por médico da Câmara, para o que não somente contribuiu a sua ciência, mas a recomendação de D. João de Mendonça, embaixador de Castela na Corte portuguesa. Este Francisco Godinez era filho legítimo de Aires Godinez, pessoa nobre, morador em Xerez de los Caballeros, comarca de Badajoz, parente próximo de D. Afonso Godinez, alcaide-mor de Toledo, e se recebeu com Isabel Fernandes de Oliveira, filha de Jorge Fernandes de Oliveira, de cujo matrimônio teve descendência que, em parte, reverteu o apelido para forma portuguesa.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, fez a seguinte quintilha dedicada aos Godins:

*O que fundou sendo monte
o mui nobre mosteiro
D. Godinho padroeiro
dele que se diz de Fonte
foi desta casa o primeiro.*



Godins

As armas que usam, tanto em Portugal como em Espanha, são: Xadrezado de ouro e vermelho, de cinco peças em faixa e seis em pala. Timbre: duas asas abertas, xadrezadas do escudo.

GODOLFIM. Família inglesa, cujo mais antigo ascendente parece ser Sir Francis Godolphin, senhor da casa e estado de Godolphin, na província de Cornualha. Seu bisneto por varonia, Sir William Godolphin, foi embaixador de Inglaterra ao Rei de Es-

panha, escrevendo de Madrid, em carta datada de 27-XII-1683 ou 1685, a António Cabral da Cunha, fidalgo-cavaleiro da Casa Real, natural de Lisboa, a quem chamava primo. Este António Cabral da Cunha era filho de António Cabral, nascido na ilha de S. Miguel, cavaleiro do hábito de Sant'Iago, fidalgo-cavaleiro da Casa Real e cabo dos galeões no Estado da Índia, e de sua segunda mulher, D. Maria da Cunha, filha de João Cardoso e de D. Maria Correia; neto paterno de Francisco Bormans (aportuguesado em Burmão), natural e morador na mesma ilha, e de sua mulher, Margarida Rangel, filha de Nuno Velho Cabral; e bisneto de Luís Dulfos Bormans, flamengo honrado e rico, que viveu na ilha de S. Miguel, onde se casou com Margarida Sipiman, filha de João Sipiman, fidalgo inglês, e de sua mulher, Marquesa Gonçalves Caiado, filha de Francisco Dias Caiado, cidadão do Porto, que passando a Ponta Delgada aí foi juiz e vereador, e de sua mulher, Teresa Gonçalves. António Cabral da Cunha, a quem o embaixador inglês na Corte espanhola chamava primo, foi casado com D. Bárbara Maria de Matos, irmã do Padre Salvador de Azevedo, freire do convento de Palmela, filha de D. Lourenço de la Roche (em Portugal, *de la Rocca*), fidalgo francês, e de sua mulher, D. Cecília de Almeida, natural de Lisboa. Não se sabe de que linha provém a este António Cabral da Cunha o parentesco com os Godolfins, mas é natural que seja pelos seus ascendentes ingleses Sipimans. O uso, em Portugal, do apelido Godolfim, ou Goodolfim, começou em filhos deste António Cabral da Cunha.

As armas que a família Godolfim traz, tanto em Inglaterra como em Portugal, são: De vermelho, com uma águia de prata de duas cabeças, estendida e acompanhada de três flores-de-lis do mesmo. Timbre: um golfinho de sua cor, nadante.



Godolfim



Godoy

GODOY. Família espanhola de que há descendentes em Portugal. As armas que os deste apelido usam, quer em Espanha quer em Portugal, são: Xadrezado de azul e de ouro, de dezasseis peças. Timbre: uma coroa de louros de verde.

GÓIOS. Este apelido parece ser o mesmo que Góis, provindo de Nuno Martins de Góios e de sua mulher, Branca Lourenço do Avelar. Nuno Martins de Góios era filho de Martim Vasques de Góis, senhor de Góis, vassalo de D. Pedro I de Portugal, que andou com o Rei D. Pedro de Castela nas lutas que este teve com o Rei de Aragão, e de sua mulher, D. Violante de Melo, filha de Martim Afonso de Melo e de D. Maria Vasques de Resende. Do matrimónio referido teve Nuno Martins de Góis geração.

Ao poeta quinhentista João Rodrigues de Sá se devem os seguintes versos, dedicados aos Góios:

*Sobre prata d'ouro syno
com as barras d'Aragão,
arminhos tão bem estão,
E mais hum castelo em pino,
armas de dom Anyão.*

*De dom Anyão d'Estrada,
a quem primeiro foy dada
a vida de Goes derdade
deixou della a nomeada.*

As armas dos Góios são: De prata, com três mosquetas de negro; chefe partido de vermelho, com um castelo de ouro (Castela), e de ouro, com quatro palas de vermelho (Aragão). Timbre: o castelo do escudo, tendo à esquerda um estandarte de arminhos, a haste movente, em faixa, das aneias da torre do meio.



Góios

GÓIS. Provém esta família de D. Anião, que parece haver tido o senhorio de Góis, pai de D. Maria Anaia e do bispo de Coimbra, D. João Anaia, aos quais como ao pai os nobiliários chamam corruptamente Anião. D. Maria Anaia casou-se com Diogo Gonçalves, que teve o senhorio de Góis. Foi seu filho Gonçalo Dias, que esteve no Campo de Ourique com D. Afonso Henriques e se recebeu com D. Elvira Forjaz, filha de D. Forjaz Vermuiz e de D. Elvira Gonçalves de Vilalobos, de cujo matrimónio nasceu Salvador Gonçalves, marido de D. Teresa ou Maior Mendes, filha de D. Mendo de Refóios e de D. Gontinha Pais da Silva. Deste Salvador Gonçalves e de sua mulher nasceu Pedro Salvadores, senhor de Góis e da honra de Farinha, no julgado de Penacova, o qual casou com sua sobrinha, D. Maria Nunes, filha de Nuno de Esposade, seu irmão, de quem teve diversos filhos, que tomaram, em parte, o apelido de Farinha. Entre os referidos filhos nasceu Vasco Pires Farinha, que de D. Marinha Pires, mulher fidalga, freira no mosteiro de Ferreira, houve filhos e entre eles a D. Maria Vasques Farinha, que por seus irmãos não terem descendência, herdou o senhorio de Góis. Casou esta senhora com Vasco Rodrigues, filho de Rui Pais Viegas, e teve, além de outros, a Martim Vasques de Góis, que succedeu no senhorio, serviu o Rei D. Pedro de Castela contra o Rei de Aragão e foi casado com D. Violante de Melo, filha de Martim Afonso de Melo e de D. Maria Vasques de Resende, de cujo matrimónio nasceram filhos que seguiram, uns o apelido de Góis e outro o de Góios. (V. Góios).

Há, também, quem diga provirem os Góios de Salvador Gonçalves e de sua mulher, D. Teresa ou Maior Mendes, acima referidos, por seu filho Salvador Dias.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, dedicou aos Góis esta quintilha:



Góis

*Os que a Goes possuíram
(vila é em Portugal)
foi gente mui principal,
desastres a consumiram
com quem lhe queria mal.*

As armas dos Góis são: De azul, com seis cadernas de crescentes de prata, 1, 2, 2 e 2. Timbre: um dragão de verde, sainte, armado e lampassado de vermelho e carregado de um crescente invertido de prata, no peito.



Góis, de Damião de Góis

Ao cronista Damião de Góis confirmou D. Sebastião, por carta de 15-VIII-1567, em atenção aos serviços que prestara a D. Manuel e D. João III, as armas que o Imperador Carlos V lhe dera, as quais são: De azul, com cinco cadernas de crescentes de prata, postas em sautor. Timbre: um leão de prata, armado e coroado de ouro, sainte, ladeado de duas asas de azul, semeadas de cadernas de crescentes do escudo.

GOMES. Os individuos deste apelido não constituem uma só família, porquanto a designação familiar foi na origem patronímico. Ignora-se quem primitivamente usou as armas que os Gomes trazem, não devendo ser dos princípios, nem, talvez, da primeira metade do século XVI, pois não vêm registadas no *Livro do Armeiro-mor*, nem no de Antônio Godinho. A Carta de brasão de armas mais antiga que se conhece, na qual se mencionem armas de Gomes, é de 20-III-1621. Se este documento é verdadeiro na parte genealógica e as armas dos Gomes provêm da linha indicada, vieram de Espanha com Martim Gomes Bravo, fidalgo galego, casado com Cecília Cardoso, criada da Infanta D. Joana, irmã do Rei D. João II, dos quais nasceu Fernão Gomes Bravo, pai de Miguel Gomes Bravo, natural de Aveiro, escudeiro-fidalgo da Casa de D. João III, bisavô de D. Maria Gomes Bravo, natural da Esgueira, casada com Diogo Dias Coimbra, natural da comarca da Esgueira, moço da câmara do mesmo Príncipe, terceiro avô de João Gomes Coimbra, natural da vila da Esgueira, e de sua mulher, D. Maria Jorge de Almeida, natural de Lisboa, e quarto avô de Diogo Dias Coimbra Pimentel de Amaral, a quem se passou a referida carta de brasão de armas. Este último era irmão inteiro de D. Apolinário de Almeida, patriarca da Etiópia e bispo de Niceia, e de D. Gregório dos Anjos, primeiro bispo do Maranhão e Grão-Pará. Podem, ainda, as mencionadas armas ser privativas desta linha, mas já concedidas em Portugal, talvez no reinado de D. João II, pois nelas figura um pelicano.

As armas usadas pelos Gomes são: de azul, com um pelicano de ouro, ferido de vermelho no ninho. Timbre: o pelicano do escudo.



Gomes

GOMIDE. O mais antigo desta família que se conhece é Nuno Martins de Gomide, natural de Portalegre e contemporâneo de D. Pedro I, cuja mulher não se sabe ao certo quem foi, pois lhe dão diversos nomes, dizendo que se chamou Bartolesa Lourenço, Leonor Tavares e outra senhora, de apelido Gorjão. É possível que todas fossem suas mulheres, pois o número não é elevado, sobretudo para a época. Se, porém, não casou três vezes, Bartolesa Lourenço e a Gorjão foram, decerto, suas mulheres, ainda que ilegítimas, porquanto seus netos (ou filhos) usaram o patronímico Lourenço uns e Gorjão outros. Alguns autores dizem que estas duas mulheres eram uma só, Bartolesa Lourenço Gorjão — irmã de Pedro Tavares, alcaide de Portalegre.



Gomide

Nuno Martins de Gomide teve uma filha cujo nome se ignora, casada com Gil Esteves Fariseu, senhor da quinta de Bucelas, que lhe foi coutada. Deste casal dizem uns autores que eram filhos Gonçalo Lourenço de Gomide, D. Vasco Lourenço de Gomide, Gil Lourenço de Gomide e Leonor Afonso Gorjão. Dos filhos havidos proveio geração deste apelido, que mais tarde o ramo principal abandonou.

São de Manuel de Sousa da Silva, insigne genealogista, os seguintes versos:

*Deu o ser aos Gomides
a quinta do nome seu
dos quaes certo descendeu
Afonso que tantas lides
no Oriente venceu.*

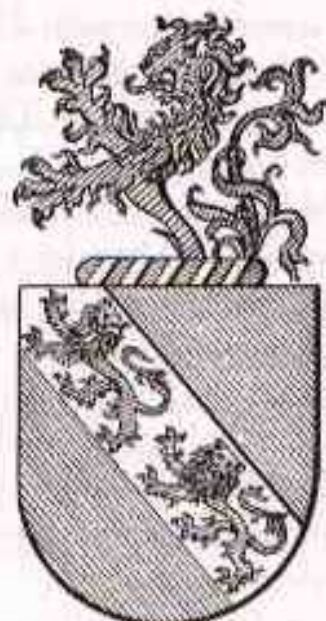
Este Afonso é o grande Afonso de Albuquerque, bisneto, por varonia, de Gonçalo Lourenço de Gomide, acima referido. O solar da família deve ser a freguesia de Gomide, no concelho de Vila Verde, distrito de Braga.

As armas dos Gomides são: De azul, com cinco gomis de ouro, tapados, postos em sautor. Timbre: um gomil do escudo.

GONÇALVES. Não têm os deste apelido uma só proveniência, por ele, no princípio, ser patronímico de Gonçalo.

Antão Gonçalves teve as seguintes armas, que se encontram registadas no *Livro da Armeira-mor*, acabado em 1509: De verde, com banda de prata, carregada de dois leopardos de púrpura, armados e lampassados de vermelho.

Timbre: um leão de púrpura, armado e lampassado de vermelho, sainte.



Gonçalves

GORGEL. V. Gurgel.

GORIZO. Desconhece-se a origem desta família e, também, não se sabe, ao certo, a forma primitiva do apelido, pois se encontra Gorizo, Gorisso e Guarizo, parecendo, porém, a primeira a exacta. O apelido é de origem geográfica, por ser precedido de preposição, mas o lugar de onde foi tirado, se era em Portugal, já não existe há séculos. E, porém, *provável que provenha dos Reinos hispânicos, porque o facto de se encontrar escrito com z e com ss indica pronúncia espanhola.* Há, presentemente, em Portugal, o apelido Garizo, cujas afinidades com aquele se desconhecem, embora ele corresponda a uma das suas antigas formas escritas: Guarizo. A pessoa mais antiga que se encontra deste apelido é Afonso Martins de Gorizo, que tomou o partido de D. João I de Portugal contra o de Castela. Seus sogros e suas cunhadas, Maria Afonso e Brites Afonso, passaram para o partido contrário, pelo que o Rei de Portugal lhes confiscou os bens móveis e de raiz que tinham em Lisboa e em quaisquer outros lugares, o que fez por Carta de 3-V-1384, dando-os ao referido Afonso Martins de Gorizo. O mesmo Rei lhe fez, também, mercê de todos os bens móveis e de raiz que Rui Fernandes tinha em Povos, na Castanheira, em Aldeia Galega e em outras quaisquer lugares, por se ter passado a Castela, perdendo-os, doação que tem a data de 5 de Janeiro do mesmo ano. Afonso Martins de Gorizo foi casado com uma filha de João Afonso de Atalaia e de sua mulher, Maria Afonso, e deixou geração.

As armas que usam os Gorizos são as seguintes: De prata, com cinco aguietas de vermelho, estendidas, sancadas de negro, postas em sautor. Timbre: uma aguieta do escudo.



Gorizo

GORJÃO. Diz-se que esta família é originária de França e que João Gorjão (no seu país Jean Gourjon), cavaleiro daí natural, se passou, por homísio, a Portugal, reinando D. Manuel I, que o tornou por fidalgo da sua Casa. De João Gorjão, nascido em França ou em Portugal, foi filho Sebastião Anes Gorjão, vassalo de D. Manuel, que se casou com Isabel Afonso e jaz sepultado na igreja matriz do Turcifal, num túmulo de pedra, à porta do norte. Deste matrimónio provêm os do apelido Gorjão, conforme diz Rangel de Macedo.

Outros genealogistas pretendem que em 1360 passou a Portugal, vinda de França esta família e dão por mais antigo um Joane Anes Gorjão, pai de outro de igual nome, que viveu no Turcifal onde teve casa e serviu os reis portugueses, estando sepultado na igreja matriz da mesma terra, com sua mulher, Isabel ou Maria Afonso, num túmulo de pedra da parte do norte. Estes foram pais de um terceiro Joane Anes Gorjão, que sucedeu na casa paterna e serviu o rei D. João I. Foi casado com Maria Dias, viveu também no Turcifal e ambos se enterraram na igreja matriz. Tiveram vários filhos por onde se propagou o apelido Gorjão.

Quanto ao nome familiar querem alguns que seja derivado de Gorge, apelido de uma família francesa que teve o senhorio de Entraigues, em Berry, mas não apresentam

documentos que o provem ou permitam, pelo menos, admiti-lo como hipótese. De igual modo não aduzem documentação quanto às primeiras gerações em Portugal. São, pois, muito incertos os princípios da família e a única coisa verídica que se pode apresentar é a existência de um João Anes Gorjão, morador no Turcifal, termo de Torres Vedras, por 1450, que teve questões com Álvaro Franco, também residente no dito lugar, e este matou Pedro Folgado, que interveio numa briga, pelo que foi perdoado com a condição, de servir três anos em Ceuta, por Carta Régia de 6-VII-1456. Talvez este fosse o terceiro Joane Anes, acima referido, casado com Maria Dias,

A família dos Gorjões parece não ter armas próprias. Os livros antigos, como o do Armeiro-mor ou o de António Godinho, ambos do século XVI, não as registam e só em duas obras do século XVIII elas se descrevem, mas com esmaltes diversos das que se deram por Carta de brasão no século XIX. As desta Carta, única que se conhece com representação heráldica do apelido Gorjão, são as dos Galhardos, de onde se pode inferir que estes, por qualquer via, eram ascendentes daquela família, motivo pelo qual ela usou as suas armas, que o rei de armas, pouco escrupuloso, entendeu poder descrever como próprias dos Gorjões.



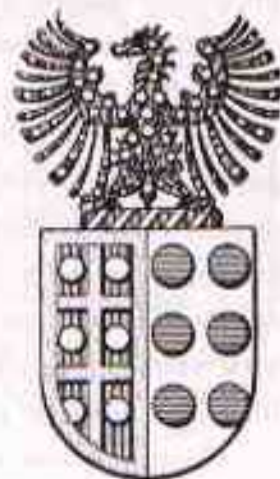
Gorjões

GOSMA. Família de origem desconhecida, mas provavelmente estrangeira, cujo apelido deve ter sido de uso muito restrito. Parece que a um Pêro de Gosma se deram as armas a seguir descritas: De azul, com uma torre coberta de prata, aberta, iluminada e lavrada de negro. Timbre: a torre do escudo.

GOUVEIA. É de origem antiga esta família e o primeiro que usou o apelido se chamou Fernão Nunes de Gouveia, contemporâneo de D. João I, filho de Nuno Fernandes de Bobadela, alcaide de Gouveia por mercê de D. Fernando, feita no ano de 1368, confirmada por D. João I no de 1384, e de sua mulher, Teresa Anes. Nuno Fernandes de Bobadela provinha, por vronia, de Fernão Baveca, contemporâneo de D. Afonso III, casado com Teresa Pires de Vides, filha de Pedro Pires de Vides e de sua mulher, D. Maria Fernandes de Bobadela, a qual lhe levou em casamento algumas fazendas na freguesia de S. Miguel

de Bobadela, em Trás-os-Montes. Fernão Nunes de Gouveia tomou o apelido da vila deste nome, na provincia da Beira, de que seu pai era alcaide, como dizem os genealogistas. Recebeu-se com D. Brites de Melo, filha de Rui Vaz de Melo, senhor de Gouveia, e de sua mulher, D. Aldonça de Castro. Este casamento deu origem às armas que usam os do apelido Gouveia. De Fernão Nunes de Gouveia e de sua mulher, D. Brites de Melo, nasceram filhos, por quem se propagou o apelido.

As armas que trazem: são as seguintes: Partido: o primeiro de vermelho, com uma dobre cruz de ouro, acompanhada de



Gouveia

seis besantes de prata; e um debrum do segundo esmalte (*Melo*); o segundo de prata, com seis arruelas de azul, 2, 2 e 2 (*Castro*). Timbre: uma águia de vermelho estendida, besantada de prata. Estas armas são, como já se disse, as dos apelidos Melo e Castro. O timbre é o dos Melos, mas por diferença se lhe mudou a cor de negro para vermelho.

GRÃ. Família de origem italiana, que procede de D. Vivaldo Vivaldi, cavaleiro, da família dos Vivaldis, da república de Génova, o qual passou em 1257 a Lisboa, fugindo à perseguição de Simão Boca-Negra. D. Vivaldo Vivaldi casou com uma senhora chamada D. Inês, que, enviuvando, fundou o mosteiro de Santa Clara, em Lisboa. Tiveram por filho a D. João Vivaldi, pai de Estêvão Anes, que descobriu a grã e o modo de se



Grã

beneficiar, pelo que foi conhecido por Estêvão Anes da Grã. A alcunha passou como apelido a seus descendentes, os quais abandonaram o da família. Este Estêvão Anes da Grã foi ascendente de outro de igual nome, um dos fidalgos que auxiliaram o Mestre de Avis quando esteve cercado em Lisboa pelo Rei de Castela, D. João I, cidadão da mesma cidade e casado com Leonor Fernandes Pimentel ou com Leonor Dias, filha de Diogo Álvares e de sua mulher, Inês Álvares, como pretende o Padre António Carvalho da Costa, e de cujo matrimónio ficou geração.

As armas dos Grãs são: De ouro, com uma águia de vermelho, estendida. Timbre: a águia do escudo, sainte.

GRALHO. Ignora-se a origem desta família, que parece natural da província do Alentejo. O apelido provém, certamente, de alcunha.



Gralho

As armas que se lhe atribuem são: De ouro, com cinco gralhos de negro, postos em sautor.

Timbre: um gralho do escudo.

GRAMAXO. Família alentejana, de Évora, que parece vir já do reinado de D. Afonso III e que no tempo de D. João I teve importantes mercês régias.

As armas usadas pelos deste apelido são: De vermelho, com um leão de ouro, armado e lampassado de azul, cantonado de quatro merletas de ouro. Timbre: o leão do escudo, sainte, rematado por uma merleta de vermelho.



Gramaxo

GRANADA. Família espanhola que tomou o apelido da cidade de Granada e da qual passou um ramo a Portugal.

As armas usadas, tanto em Espanha como cá, são: De azul, com cinco romãs de ouro, rachadas de vermelho, postas em sautor, e cinco escudetes de prata, postos em orla, cada escudete carregado de uma banda de negro.



Granada

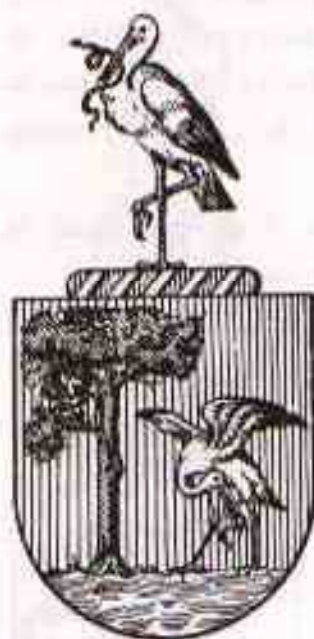
GUADIANA. Família espanhola cuja origem se ignora e que parece haver tirado o seu apelido do rio Guadiana.



Guadiana

As armas usadas pelos desta família, quer em Espanha, quer em tugal, são: De azul, com uma ponte de prata de três arcos, assente num contrachele de prata, aguado de azul; a ponte encimada por três flores-de-lis de ouro, 1 e 2.

GUALDIM. Família desconhecida e cujas armas são semelhantes às dos Dogaldos: De vermelho, com uma árvore de verde, arrancada de prata, sustida de um rio de sua cor, a árvore tendo à esquerda uma cegonha do mesmo, sancada de ouro, com uma cobra de sua cor no bico. Timbre: a cegonha do escudo.



Gualdim

GUANTE. V. *Gante*.

GUARDA. Não se sabe quem usou primeiramente este apelido, provavelmente tomado da cidade da Guarda, mas o mais antigo que com ele se conhece é Estêvão da Guarda, secretário de D. Dinis, seu eichão e escanção-mor, ofício que depois se chamou copeiro-mor, procurador e plenipotenciário do mesmo Príncipe no ajuste das diferenças havidas com seu filho o infante D. Afonso, depois Rei e IV do nome.

Em remuneração dos muitos serviços dele recebidos, D. Dinis lhe deu para ele e seus legítimos descendentes os casais que possuía em Torres Vedras, e por alvará de 24-IV-1317 se vê que ele era seu escrivão, pois assim é designado neste diploma. Aos 9-VI-1320 fez testamento no castelo de Lisboa, junto dos paços onde vivia, no qual declara ser freguês de Santa Cruz e S. Mamede. Foi sepultado na igreja de S. Vi-



Guarda

cente, em sepultura de pedra alta, levantada do chão, com as suas armas em cima, conforme testemunha Gaspar Álvares de Lousada, que a viu. Frei António Brandão, na *Monarquia Lusitana*, entende que Estêvão da Guarda veio de Aragão com a Rainha Santa Isabel, mas não apresenta fundamentos incontestáveis.

Recebeu-se Estêvão da Guarda com D. Sancha Domingues, como se verifica do emprazamento que o convento de S. Vicente lhe fez da Quinta de Água Livre, por sua vida somente, datado de 20-X-1322. Esta senhora testou em Lisboa aos 10-X-1347, mandando-se sepultar na capela de S. Vicente; com seu marido instituiu uma capela com três capelães; nomeou por testamenteiros a seu irmão, Mestre Gil Domingues e a seu marido; deixou a sua sobrinha, Marinha Gonçalves, cinquenta dobras; referiu-se, também, a seus netos, Rodrigo Anes e João Anes; e nomeou legatários a Margarida e Alda, filhas de Vicente Figueira, a Maria Martins e Domingas Martins, filhas de Maria Domingues, viúva de D. Paio, e a outros mais. Deixou geração que continuou o apelido.

As armas desta família são: De azul, com banda de ouro, carregada de três flores-de-lis do primeiro esmalte. Timbre: uma flor-de-lis do escudo.

GUARIZO. V. *Gorizo.*

GUEDES. Uma das famílias mais antigas de Portugal. D. Arnaldo de Baião, personagem do século X, e sua mulher, D. Ufo, filha de Gocoindo Bosco, foram pais de D. Guido Arnaldes, senhor de Aguiar de Sousa e do Paço de Sousa, que sua mulher lhe levou em dote. Este D. Guido foi casado com D. Leogunda Soares, de cujo matrimónio nasceu D. Soeiro Guedes, como lhe chamam os genealogistas, se bem que este patronímico não deriva de Guido, mas de Gueda, que poderia ter sido o nome do pai e não como eles o indicam. D. Soeiro, que foi o fundador do mosteiro da Várzea, teve, entre outros, um filho por nome D. Gueda, *o Velho*, senhor de Barroso, de quem nasceu D. Mem Guedes, também chamado *o Velho*, rico-homem, sucessor do senhorio, casado com D. Sancha, pais de D. Gomes Mendes Guedeão, que também foi senhor de Barroso, rico-homem de D. Afonso Henriques, que se recobeu a primeira vez com D. Châmoa Mendes de Sousa, filha de D. Mendo Viegas de Sousa e de sua mulher, D. Elvira Fernandes de Toledo.

D. Gomes Mendes, de sua mulher, D. Châmoa Mendes, houve a D. Gueda Gomes, que esteve na tomada de Sevilha e foi tão valoroso e robusto que lhe chamaram, como a seu pai, *o Guedeão*. Teve do seu primeiro casamento com D. Urraca Henriques de Portocarreiro, filha de D. Henrique Fernandes Magro e de sua mulher, D. Ouroana de Portocarreiro, vários filhos que tomaram o patronímico de Guedes, nascendo entre eles D. Alvite Guedes, que, recebendo-se com D. Urraca Mendes de Gundar, filha de D. Mendo de Gundar e de sua mulher, D. Goda, houveram por filho a D. Gueda Alvites. Este casou com D. Maria Viegas do Vinhal, filha de D. Egas do Vinhal e teve Paio Guedes, muito bom cavaleiro, casado com D. Urraca Pais de Grades, que se entende ser filha de Lourenço Pais de Grades. Paio Guedes e sua mulher houveram filhos que, além do patronímico, usaram já como apelido o sobrenome de Guedes, considerando-se, aqueles, portanto, o tronco desta família. O patronímico Guedes teve nos primeiros tempos a forma *Guedas*.



Guedes

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, escreveu a seguinte quintilha referente aos Guedes:

*Em campo azul sem falha
sinco flores dourado são
do Guedes este brazão
porque chamou na batalha
o grande rei D. João.*

As armas usadas por esta família são: De azul, com cinco flores-de-lis de ouro, postas em sautor. Timbre: uma flor-de-lis do escudo ou um leopardo de azul, rampante e sainte, carregado de uma flor-de-lis de ouro na testa.

GUERRA. Há duas famílias deste apelido em Portugal, uma das quais originária das Astúrias, onde é o seu solar. Desta veio para Portugal Sebastião Rodrigues da Guerra, fidalgo ilustre da Galiza, que viveu na Beira, casado com Isabel Rodrigues, sendo ascendente dos Guerras da vila de Linhares e de outras partes da mesma província. Parece que também outros da mesma família vieram para o nosso país.

Outros Guerras provêm do Rei de Portugal D. Pedro I e de D. Inês de Castro, filha bastarda de D. Pedro Fernandes de Castro, o da Guerra, senhor de Lemos, Sarria e Trastamara, rico-homem e mordomo-mor de D. Afonso XI de Castela, adiantado-mor da fronteira e pertigueiro-mor da terra de Santiago, e de D. Aldonça Soares de Valadares, filha de D. Lourenço Soares de Valadares, rico-homem e fronteiro-mor de Entre Douro e Minho, e de sua mulher, D. Sancha Nunes de Chacim. Seu filho, o Infante D. João, senhor da terra e julgado de Lafões, das vilas de Seia e Porto de Mós, de Guffar, Sátão, Penalva, Rio de Moinhos, Besteiros, Sever, Fonte Arcada, Benviver, Moimenta, Armamar, Tanha, Riha de Vizela, Figueiredo, Aguiar da Beira, Cerquiz, Oliveira do Conde, Oliveira do Bairro, com suas jurisdições e rendas, e, também, de Gouveia, o qual por seu segundo casamento com D. Constança, filha bastarda de D. Henrique de Castela e de D. Elvira Iniguez de la Vega, teve o condado de Valência e outras terras. Houve três filhos ilegítimos: D. Afonso de Cascais, D. Pedro da Guerra e D. Fernando de Eça. D. Pedro da Guerra recebeu-se com D. Teresa de Andeiro, filha de D. João Fernandes de Andeiro, Conde de Ourém, não se sabendo se foi desta mulher que deixou descendência, na qual continuou o apelido de Guerra, proveniente da alcunha posta a D. Pedro Fernandes de Castro, pai de D. Inês de Castro.

Os Guerras, de que primeiro se tratou, usam por armas:



Guerra (das Astúrias)

De verde, com uma torre de prata, assente sobre chamas, que a envolvem; bordadura de ouro, carregada da legenda AVE MARIA GRATIA PLENA, de negro. Timbre: a torre do escudo.

Os Guerras descendentes do Infante D. João trazem por armas as mesmas que os Eças (v.).

GUERREIRO. Família originária da Andaluzia, que passou a Portugal na pessoa de Bartolomeu Guerrero, fidalgo natural daquela província e um dos vinte e quatro regedores da cidade de Sevilha, cargo hereditário que somente era exercido por fidalgos notórios, que para ele se habilitavam por prova de limpeza de sangue. Bartolomeu Guerrero veio para Portugal no tempo de D. Afonso V, por tomar o partido da Excelente Senhora contra sua tia, a Rainha Católica D. Isabel. Foi casado com uma senhora



Guerreiro

da illustre família de Guzmán, de quem teve Afonso Guerrero de Guzmán e Catarina Guerrero, ambos vindos para Portugal com seu pai. Afonso Guerrero de Guzmán viveu em Ourique e do seu casamento deixou geração que seguiu o apelido de Guerreiro; Catarina Guerrero casou em Beja com Luís Mestre Fencin ou Toncin, homem nobre da mesma cidade, de quem houve descendência que também seguiu o apelido de Guerreiro. Esta família deu, em Portugal, grande número de varões illustres, principalmente nas Letras, e foi tão poderosa na comarca de Ourique que, apesar de estar muito aparentada com a dos Mestres, também muito opulenta, se lhe opôs, causando tais movimentos no País com os seus partidos que a Corte teve necessidade de enviar ministros a promoverem a pacificação entre as duas famílias, a fim de evitar mais graves consequências.

Os Guerreiros usam em Portugal as seguintes armas: De vermelho, com um leão de ouro, empunhando uma espada de prata, guarnecida do segundo esmalte, na garra direita.

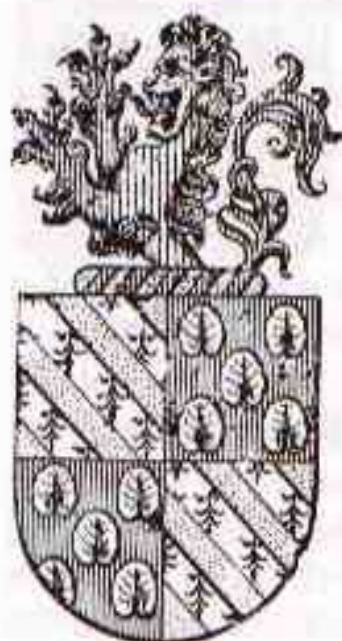
Timbre: um braço armado de prata, empunhando a espada do escudo, em atitude de dar um golpe.

GUEVARA. Descende esta família do Conde D. Ladrão, senhor de Álava, Biscaia, Guipúscoa, Leguin e Aivar, que se chamou Príncipe dos Navarros, e fundou com sua mulher o morgado de Onhate. Teve por filho a D. Vela Ladrão, vulgarmente conhecido pelo Conde D. Vela de Navarra, sucessor dos senhorios de Aivar, Onhate, Leguin, Guipúscoa, Álava e Biscaia, que teve de sua mulher a D. João Velez e a D. Inês de Guevara, casada com Guterre Dias de Sandoval, de quem houve geração. D. João Velez sucedeu ao pai e foi senhor de Álava, Onhate e Guevara e, servindo D. Sancho, o Sábio, de Granada, se passou para D. Afonso VIII, Rei de Castela. Casou e houve D. Teresa Anes de Guevara, mulher de D. Fernando Rodrigues de Azagra, filho de D. Rodrigo Peres de Azagra, e de sua mulher, D. Toda Lopes, com geração.

No reinado de D. Henrique II de Castela vivia D. Beltran de Guevara, senhor de

Onhate, rico-homem do mesmo soberano, que lhe fez mercê do senhorio de Vale de Leniz. Não se sabe de quem era filho este D. Beltran, mas o facto de ele ser senhor de Onhate mostra que descendia dos primeiramente referidos. Casou com D. Mécia de Ayala, senhora de Escalante e Treceno, filha de D. Fernão Peres de Ayala, rico-homem, senhor de Ayala, adiantado-mor de Múrcia, e de sua mulher, D. Elvira Álvares de Cevallos, senhora de Escalante, de quem houve descendência, que seguiu o apelido de Guevara.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, dedicou aos Guevaras a seguinte quintilha:



Guevara

*Em guerra e discrição
houve muitos desta gente
que tiveram grão condão
e mais não há diferente
da gotica geração.*

Trazem os deste apelido por armas: Esquartelado: o primeiro e o quarto de ouro, com três bandas de arminhos; o segundo e o terceiro de vermelho, com cinco folhas de golfão de prata. Timbre: um leão de vermelho, sainte.

GUIMARÃES. Este apelido foi tirado do topónimo Guimarães, por diversas pessoas e em várias épocas. Ainda presentemente é, talvez, a terra cujo nome é tomado como apelido por maior quantidade de pessoas, sobretudo das que passam ao Brasil e desejam marcar, por este modo, a origem.

O Conde D. Pedro, no seu *Livro de Linhagens*, fala de algumas pessoas que se chamaram de Guimarães, como Domingos Anes Mouro, bom cavaleiro, que abriu as portas aos escudeiros e cavaleiros e foi casado com D. Estevainha Anes de Freitas, filha de Estêvão Anes de Freitas e os filhos de D. Pedro Fromarigues, de Riba de Vizela, que se chamaram D. Paio Pires de Guimarães, D. Pedro Pires de Guimarães e D. Fernão Pires de Guimarães, dos quais ficou geração que não seguiu o apelido de Guimarães.

Deduzem geralmente os genealogistas esta família a partir de Martinho de Guimarães ou Martinho de Castro de Guimarães, que se diz ter sido escrivão da câmara do arcebispo D. Jorge da Costa, tabelião-geral d'el-rei, comendador de Garfe e juiz ordinário de Braga nos anos de 1494 e 1544, ou, como pretendem outros autores, criado do arcebispo D. Fernando da Guerra. Quanto aos pais deste Martinho de Guimarães, uns dizem que era filho de Luís Anes, cónego de Guimarães e abade de S. Cosme de Garfe, e de uma senhora aparentada com o arcebispo D. Fernando da Guerra, ao passo que outros afirmam ser filho deste arcebispo e de D. Joana da Cunha, solteira, da cidade de Braga, filha de Manuel da Cunha e de sua mulher, Helena Pereira do Lago. Citam estes genealogistas como prova a sepultura de Inês de Castro de Guimarães, filha de

Cristóvão de Castro de Guimarães e neta de Martinho de Guimarães, existente na igreja colegiada de Guimarães, debaixo do coro, com inscrição onde se declarava a sua ascendência até D. Pedro I e D. Inês de Castro. É, pois, deste Martinho de Castro de Guimarães, ou só de Guimarães, que parece provirem todos os do mesmo apelido que formam geração e pertencem a uma só linhagem.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, dedicou aos Guimarães os seguintes versos:



Guimarães

*Foi da gente nobre e honrada
o que traz são Real
sobre rede levantada
uma espada colorada
de Braga foi natural.*

Também Manuel de Sousa da Silva, insigne linhagista, deles se lembrou, escrevendo esta quintilha:

*Em Guimarães o primeiro
Ahi nasceu de Portugal
Dom Affonso sem igual
Que é o tronco verdadeiro
D'essa prosapia real.*

As armas usadas pelos deste apelido são: De prata, fretado de dez peças em banda e nove em contrabanda de negro, com pala de vermelho; e um leão de arminhos, armado e lampassado de azul, brocante sobre o todo. Timbre: o leão do escudo.

Outros trazem: Fendido de prata e de púrpura e uma pala de vermelho, carregada de um leão de prata, armado e lampassado de vermelho, brocante sobre o fendido. Timbre: o leão do escudo.



Guivar

GUIVAR. Família que alguns livros de armaria registam, dando-lhe as armas abaixo descritas, mas que parece não ter existido e o mencionado apelido ser, apenas, deturpação de Aguilar, feita pelo estrangeiro João du Cros no *Livro do Armeiro-mor*, ponto de partida dos autores que as descrevem.

As armas que se lhes atribuem são: De ouro, com uma águia de vermelho estendida, armada e membrada de negro e carregada de um crescente de prata no peito. Timbre: a águia do escudo.



Guimarães (outros)

GUNDAR. Os que em Portugal usam o apelido de Gundar provêm de D. Gregório Mendes de Gundar Soutomaior e de sua mulher, D. Beatriz Álvares de Araújo, descendentes, conforme afirmavam, das famílias solarengas dos Mendes, Gundares, Araújo e Soutomaiors, do Reino da Galiza, senhores da torre de Sande e das casas de Pombeiro e Soutomaior. D. Gregório Mendes de Gundar e sua mulher, D. Beatriz Álvares de Araújo, foram pais de D. Tristão Mendes de Gundar e Soutomaior, avós de D. Filipe Mendes de Gundar e Soutomaior, bisavós de D. Leonardo Mendes de Araújo e terceiros avós de Estêvão Mendes de Araújo, natural da freguesia de S. João de Alves, na Galiza, que passou a Portugal, estabelecendo-se na freguesia de S. Paio dos Arcos. Estêvão Mendes de Araújo recebeu-se com D. Inês Maria Duarte, de cujo matrimónio nasceu Félix Duarte, ajudante de Infantaria, com exercício de engenheiro na praça de Valença do Minho, ao qual foi passada Carta de brasão de armas em 28-IX-1770.

Querem alguns autores que estes Gundares descendam de D. Mendo de Gundar, que viveu em Portugal no tempo do Conde D. Henrique e da Rainha D. Teresa, sua mulher, o qual foi sepultado em Telões. Este D. Mendo de Gundar, casado na Galiza com D. Goda, parece que era natural das Astúrias e viveu no concelho de Gestaço. Foi alcaide de Celorico de Basto, fundador de dois mosteiros e senhor de S. Salvador de Lafões. De D. Mendo e de D. Goda descendem os Motas, os Regos e outros. Os Gundares antigos são referidos nestes versos por Manuel de Sousa da Silva:



Gundar

*No concelho de Gestaço
Moraaram os de Gundar
Seu esforço singular
Nunca o tempo escaço
O poderá duvidar.*

As armas que trazem os Gundares modernos são: Partido: o primeiro de vermelho; o segundo de ouro com quatro bandas de azul.

GURGEL. Pretendem alguns ser este apelido, que tem, outrossim, a grafia de *Gorgel*, o mesmo que *Gorjão*. Não parece que seja assim, embora se desconheça a origem. Sabe-se que João de Campos e Matos vivia em Santarém em 1704 e 1705, em cuja vila exercitava o ofício de escrivão da Câmara, e que eram seus filhos Cláudio Gurgel do Amaral e José do Amaral Gurgel, este preso no aljube de Santarém, onde, em 14-III-1705, passou procuração a seu irmão, lavrada nas notas de João Carlos de Oliveira. Cláudio Gurgel do Amaral viveu igualmente em Santarém e casou com D. Brites Teresa de Melo, a qual aos 16-II-1704 passou procuração bastante a seu marido, nas notas do mesmo tabelião. Parece que deste casal provém o ramo que foi para o Brasil na pessoa do Dr. José Correia do Amaral Gurgel, que, seguindo a carreira da magistratura, para ali teve despacho com o lugar de ouvidor de Sergipe de El-Rei. Nesta colónia casou e teve descendência, entre a qual se conta Francisco do Amaral Gurgel, morador no seu



Gurgel

engenho de Santo António de Rio Fundo, termo da vila de Santo Amaro da Purificação, a quem foi dada Carta de brasão de armas de Amarais e Gurgéis a 9-VI-1769.

As armas que usam os deste apelido são: De vermelho, com um leopardo de ouro, encimado por uma flor-de-lis do mesmo. Timbre: um leão de ouro.

GUSMÃO. Figura esta família entre as mais ilustres de Espanha, provindo, por varonia, dos Reis de Leão. D. Ordonho I, Rei de Leão e de Oviedo, e sua mulher, D. Nuna ou Mumadona, foram pais de D. Nuno, Infante de Leão, que se casou com uma filha de D. Rodrigo II, Conde de Castela, filho do Rei D. Ramiro I e de sua mulher, D. Urraca Paterna, de cujo matrimónio nasceu, entre outros, D. Rodrigo Nunes, que fundou o castelo de Gundemaro, em Castela-a-Velha, em uma vila de Gundemaro Pinioliz, seu sogro, em homenagem ao qual lhe deu o seu nome. Pretendem alguns escritores que este nome de Gundemaro se corrompeu em Guzmán, ficando o referido castelo por solar da família, de onde ela tomou o apelido. D. Rodrigo casou com uma senhora de apelido Gundemaris, que lhe levou em dote aquela vila. Houve alguns filhos, sendo um deles D. Nuno Rodrigues, que viveu nos reinados de D. Afonso V e D. Fernando I, o *Magno*, e de quem existem muitas referências nos documentos até ao ano de 1040. Dizem certos escritores que D. Nuno Rodrigues foi casado com D. Ximena Ordonhes, filha do Infante D. Ordonho e de D. Fronilda Pelais, enquanto outros asseveram que sua mulher era filha de D. Bermudo II e da infanta D. Fronilda Pelais, sendo, portanto, conforme aqueles, neta deste D. Bermudo. D. José Manuel Trelles, na obra *Astúrias Ilustrada*, afirma que viu documentos pelos quais D. Nuno Rodrigues fora casado com D. Enderquina, cujos pais se ignoram. Foi D. Nuno Rodrigues Conde de Astorga e teve diversos filhos, sucedendo-lhe D. Rodrigo Nunes, também Conde de Astorga, que morreu na batalha de Sacralias, pelo ano de 1086, e se recebera com D. Urraca Dias ou Elvira, filha do Conde D. Diogo Nunes, fundador do mosteiro de S. Miguel de Espinosa no ano de 1033. Nasceram deste matrimónio D. Álvaro Rodrigues e D. Nuno Rodrigues, o primeiro dos quais foi rico-homem, senhor da Casa de Guzmán, no Campo de Roa, casado com D. Elvira Gonçalves, que também teve por marido a D. Fruela de Trastamara, filha de D. Gonçalo Gomes, dando-lhe alguns autores a descendência que teve seu irmão, D. Nuno Rodrigues. Este D. Nuno Rodrigues, filho de D. Rodrigo Nunes, foi também rico-homem e senhor de Guzmán, e recebeu-se com D. Elvira de Mançanedo, filha do D. Gonçalo Gomes, senhor de Mançanedo. Morreu no ano de 1130, ficando do matrimónio D. Rui Nunes de Guzmán, rico-homem, senhor de Guzmán no Campo de Roa, que ainda no ano de 1194 confirmava privilégios. Recebeu-se com D. Goda Gonçalves de Lara, filha do Conde D. Gonçalo Nunes de Lara e de sua mulher, D. Goda Gonçalves Salvadores. Parece que este D. Rui Nunes foi o primeiro que usou o apelido de Guzmán e dele veio larga descendência, sendo um de seus filhos pai do glorioso S. Domingos de Guzmán,

fundador da Ordem dos Pregadores. Os* Gusmões passaram a Portugal várias vezes e aqui vieram casar muitas outras.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, fez-lhes estes versos:



Gusmão

*Um cavaleiro bretão
que se ajuntou a esta gente
misturou este braço
o qual não foi diferente
da gotica geração.*

*Gusmão quer dizer nobreza
em arabigo e em vulgar,
Godo magno e com certeza
pois dele é o solar
de Torralva, em Tropeza.*

Com o título de *Outros Gusmões*
deixou mais esta quintilha:

*Estes são das mesmas gentes
trazem torre defumada
por sinal que foi queimada
dos Flores seus descendentes
Aranda la bien cercada.*



Gusmão (outros)

Dos que passaram a Portugal, uns usam por armas: De azul, com duas caldeiras xadrezadas de ouro e de vermelho, uma sobre a outra, com três serpentes de ouro em cada uma das asas; bordadura de prata, carregada de oito mosquetas de negro. Timbre: três pescoços de serpe de ouro, o do meio montante.

Outros trazem: Franchado: o primeiro e o quarto de azul, com uma caldeira xadrezada de ouro e de vermelho, com três serpentes de ouro em cada uma das asas; o segundo e o terceiro de prata com cinco mosquetas de negro, postas em cruz.





AGEN. Esta família, também dita *van der Hagen*, passou ao Faial na pessoa de Guilherme van der Hagen, fidalgo da Alemanha e muito abastado, que levou consigo mulher, casa e família. Trouxe duas arcas carregadas de gente e fazenda, com o fim de povoar aquela ilha, e fez-se acompanhar de oficiais mecânicos de todos os officios.

com suas mulheres. Viveu na ilha de S. Jorge à lei da nobreza, com todo o aparato e serviço; e teve as suas armas confirmadas por D. João II, cuja Carta ardeu na sua casa da Ilha Terceira.

A família van der Hagen é originária de Clèves. O apelido foi traduzido em Portugal para Silveira, forma em que ainda hoje é usado, mas, por deturpação, deu, também, Vandraga. Parece que Guilherme van der Hagen, no Faial, se chamou ou foi conhecido por Guilherme Vandraga da Silveira, tendo assim no seu nome as duas formas — adulterada e traduzida — do apelido de origem.

As armas que os descendentes de Guilherme van der Hagen usam são as mesmas que ele trouxe da Alemanha: Partido: o primeiro de ouro, com uma árvore de duas copas de verde, assente em um contra-chefe do mesmo; o segundo de negro, com um leão de prata, armado, lampassado e coroado de ouro.



Hagen

HARO. Uma das mais illustres famílias da Península. Dizem alguns autores que ela provém de Fernando, régulo da Maia, e de sua mulher, Maria, aos quais os discípulos do Apóstolo Santiago converteram à fé cristã. Um seu descendente, chamado Ferrando ou Fernando, foi pai de Froila Ferrandes, Conde e prócer no tempo dos Reis godos, marido de Tavira, já viúva de Ardabastro e mãe do Ervígio, Rei dos Godos. Teve este Froila Ferrandes do seu casamento diversos filhos, entre os quais houve Sonas Ferrandes, também Conde e prócer, alcaide de Lugo, onde vivia pelo ano de 653. Foi rico-homem e pessoa muito autorizada no tempo dos Reis D. Rodrigo e D. Pelaio, esteve no 15.º Concílio Toledano com seus irmãos no ano de 688 e achou-se com seu irmão Sunifredo em Covadonga e com o Rei D. Pelaio. Casou com uma filha de D. Pedro, Duque de Cantábria, e de uma filha do Rei Costa, de cujo matrimónio houve filhos, sucedendo-lhe Ferrando

Ferrandes, alcaide de Lugo e alferes-mor do Rei D. Fruela I, o qual se recebeu com D. Maria de Ulhoa, filha de Fernão Sanches, que foi rico-homem e grande senhor da Galiza, e de sua mulher D. Nunilona de Gusmão, nascendo de entre ambos muitos filhos e filhas. Destes filhos foi Soeiro Ferrandes, um dos da contenda com os Mouros pelo pagamento do tributo das donzelas ao Rei Mauregato, por entre elas irem duas irmãs suas. Era notável cavaleiro da Galiza e grande benfeitor do mosteiro de Sobrado e dele provieram famílias ilustríssimas como Soutomaiors, Maldonados, Figueiroas, Munhoz, Mansos, Mendoças, Avalos, Bazans, Roxas, Fenestrosas, Cardenas, Ayalas, Avelanedas, Lobos, além de outras que não tiveram princípio nos seus descendentes, mas deles receberam sangue.

D. Lopo Dias, 10.^o senhor soberano da Biscaia, de Nájera, de Castela-a-Velha, de Álava e de Haro, era 11.^o neto do referido Soeiro Ferrandes, morreu no ano de 1170, e de sua mulher, D. Aldonça Rodrigues de Castro, filha de D. Rodrigo Fernandes de Castro, rico-homem, senhor do solar de Castro, e de sua mulher, D. Estefânia Peres de Trava, houve vários filhos, sendo o mais velho D. Diogo Lopes de Haro, o *Bom*, o primeiro que tomou este apelido do senhorio da vila do seu nome. Sucedeu na casa paterna, foi 11.^o senhor soberano da Biscaia, possuiu os senhorios de Bureva, Castela-a-Velha, Nájera, Rioja, Burgos, Haro e outras terras, teve o cargo de alferes-mor de D. Afonso VIII e o de capitão-general na batalha das Navas de Tolosa, travada no ano de 1212 e morreu no de 1214. Casou a primeira vez com D. Maria Manrique de Lara, filha do Conde D. Manrique de Lara, Visconde de Narbona, e de sua mulher D. Hermezenda de Narbona, e segunda vez com D. Toda Peres de Azagra, filha de D. Pedro Rodrigues de Azagra, 1.^o senhor soberano de Alvarracim, e de sua mulher D. Toda Peres de Arazuri, havendo de ambos os matrimónios geração que seguiu o seu apelido.

Esta família passou a Portugal, parece que por diversas vezes, D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, referiu-se aos Haros nos versos seguintes:

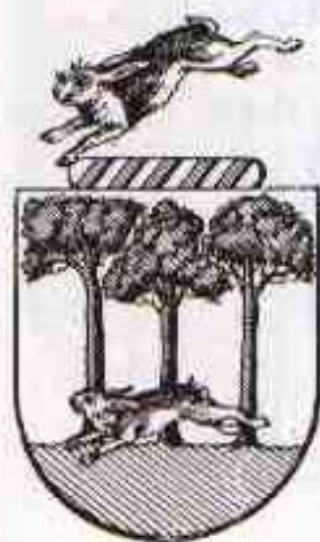
*A D. Diogo de Haro
el Rei D. Sancho matou
D. Biscaia lhe tomou,
posto que custou mui caro;
este solar acabou.*

As armas dos deste apelido, tanto em Espanha como em Portugal, são: De ouro, com dois lobos de sua cor, passantes, um sobre o outro, cevados, dentro de uma orla de prata, carregada de quatro pedaços de cadeia de azul; bordadura de vermelho, carregada de oito aspas de ouro. Timbre: um lobo do escudo, carregado de uma aspa de ouro na espádua.



Haro

HASSE. Família que parece hamburguesa, passada a Portugal no século XVII. Dela se sabe que Jacob Hasse, natural de Hamburgo, um dos quatro senadores do Conselho Supremo daquela república, que tinha o governo criminal e político, era católico, pelo que, pretendendo opor-se à doutrina de Lutero então começada a pregar na referida cidade e não o havendo conseguido, deliberou deixar o cargo que exercitava e recolher-se a uma sua fazenda, situada nos confins de Hamburgo, mas já no Reino da Dinamarca. Foi casado com Catarina de Redres, sua companheira em todas as adversidades como grande prosélita da fé católica. Seu filho Gaspar Hasse, coronel de um regimento de Infantaria na Dinamarca, onde viveu, casou com Sofia Siveyrs, de quem houve alguns filhos, dos quais um foi Pedro Hasse, que morou em Hamburgo, mas não ocupou os lugares honrosos que tiveram seus avós, por ser católico. Recebeu-se com Ana de Hasse, certamente sua parenta. Deste matrimónio nasceram Jacob Hasse, morador no Reino da Dinamarca, secretário e contador-mor do Rei daí, e Pedro Hasse, que no ano de 1693 veio para Portugal. Pedro Hasse viveu em Lisboa, onde se casou com D. Grácia de Belém, filha de André de Belém, natural da cidade de Doseborek, na Alemanha inferior, neta



Hasse

de Arnaldo de Belém e de Matild Zeelst, filha de Pedro Zeelst, das famílias mais nobres e antigas da referida cidade. Teve o foro de fidalgo em Portugal e a mercê do hábito da Ordem de Cristo para seu filho, instituiu morgado para seus descendentes, com obrigação do uso das armas dos Hasses, e do casamento mencionado deixou por filhos: o Dr. Pedro Hasse de Belém, cônego na Sé de Lisboa, inquisidor do Santo Officio na Corte de Lisboa, do Conselho de Sua Majestade, comissário-geral da Bula da Cruzada, pessoa de grandes letras, muito estimada, e André Hasse de Belém, sucessor da casa paterna e administrador do morgado, fidalgo da Casa Real, deputado de capa e espada da Junta do Comércio, casado duas vezes e com geração, pelo menos do primeiro matrimónio, que continuou o apelido de Hasse.

As armas usadas pelos Hasses, tanto em Portugal como na Holanda, onde o apelido se escreve *Haes*, são: De prata, com três árvores de verde assentes em um contra-chefe do mesmo, sobre o qual corre uma lebre de sua cor. Timbre: a lebre do escudo.

HAUCOURT. Família francesa que tirou o apelido do castelo de Haucourt no país de Brie, da provincia da Champanha, de nobreza antiga, mas da qual se desconhecem as primeiras gerações. O mais antigo ascendente conhecido do ramo português é João d'Haucourt, escudeiro, senhor de La Fortelle, pai de Cláudio d'Haucourt, senhor de La Fortelle, de Neufmontier e de outras terras, escuso do pagamento de tributos por ter provado que era de antiga e nobre linhagem, o qual vivia por 1547 casado com Ragunda de Montagu. Destes nasceu Noytel d'Haucourt, que succedeu nos senhorios e casa paterna e casou, por escritura de contrato feito em 4-VI-1564, com Ana de Soubry, de quem teve Adolfo d'Haucourt, escudeiro, senhor de Boissy e estribeiro do Rei Luís XIII, casado.

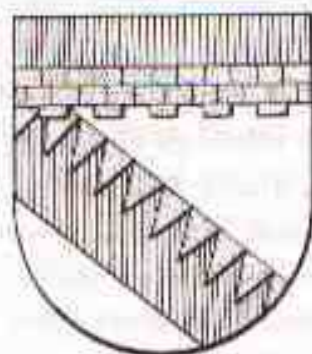
por escritura celebrada em 21-VIII-1591, em Brié, com Maria de Villemor, filha de Nicolau de Villemor, senhor de Boissy, no país de Brie, e de sua mulher.

Nasceu deste matrimónio Dionísio Gualter d'Haucourt, senhor de Boissy, casado com Francisca de Bonjardim, que foram pais de Filipe Manuel Gualter d'Haucourt, que viveu em Paris e foi muito estimado na Corte de Luís XIV. Este soberano, quando se casou, escolheu-o para um dos gentis-homens do serviço da Rainha sua mulher, de que lhe passou Carta em 20-III-1660. Foi commissário-geral das galés de França e em 1665, por escritura feita em Paris, contratou casamento com Ana d'Albrade Raconitz, filha de Pedro d'Albrade Raconitz, escudeiro e senhor de Chevelu, e de sua mulher, Madalena de La Marche.

Passou este Filipe Manuel Gualter d'Haucourt a Portugal, com licença de Luis XIV, dada em Versalhes a 13-IX-1674, acompanhando a Rainha D. Maria Francisca Isabel de Sabóia. Seu filho primogénito, Pedro d'Haucourt, morreu solteiro em França, onde

era guarda da Rainha, sem deixar geração, mas teve-a sua filha, D. Ângela Maria Antónia d'Haucourt, que foi criada no paço dos Reis de Portugal, para onde veio com quatro anos de idade. Esta senhora foi criada da Infanta D. Isabel, que muito a estimou, e recebeu-se com Frutuoso de Padilha Salazar. Seus descendentes continuaram os apelidos Padilha e Haucourt, forma que usaram em Portugal.

Trazem por armas: De prata, com banda de vermelho endentada na sua metade superior e chefe cortado bastilhado de quatro peças de vermelho e de ouro, o ouro lavrado de negro.



Haucourt

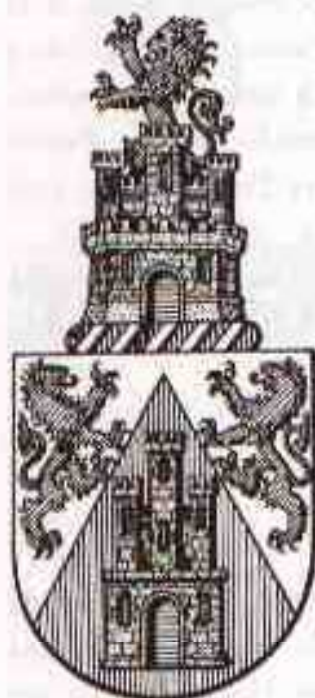
HAUSSY ou **HAUXY**, V. *Aussy*.

HENRIQUES. Há várias famílias de Henriques, porquanto este apelido foi, na origem, patronímico derivado de Henrique. A principal é a que provém de D. Henrique II, filho bastardo de D. Afonso XI, Rei de Castela, e de D. Leonor Nunes de Gusmão, filha de D. Pedro Nunes de Gusmão e de sua mulher D. Joana Ponce de Leão. D. Henrique II matou e tirou a Coroa de Castela a seu irmão D. Pedro, o Cruel, e de D. Brites Fernandes de Angulo, filha de Pedro Afonso de Angulo, alcaide-mor de Córdoba, e de sua mulher D. Sancha Iñigues de Cárcamo, houve filhos ilegítimos, sendo um deles D. Fernando Henriques, nascido no ano de 1365 e casado com D. Leonor Sarmiento, filha de D. Diogo Peres Sarmiento, senhor de Vilamaior e Salinas, e de sua mulher D. Mécia de Castro, a qual D. Leonor era sua parenta em segundo e terceiro grau de consanguinidade, porquanto a mãe dela era prima coirmã de D. Fernando Henriques. Deste matrimónio nasceu outro D. Fernando Henriques, que veio para Portugal e foi tratado por neto del-rei. Teve o senhorio das Alcáçovas, doado por D. Duarte com o consentimento do Infante D. Henrique para casamento do referido D. Fernando, a quem chamava tio, o qual foi confirmado por D. Afonso V em 24-VIII-1439. Este monarca fez nova doação a D. Branca

de Melo sua mulher, em 5-II-1453, declarando nela que D. Fernando era seu primo, neto do Rei D. Henrique II de Castela.

D. Fernando Henriques, além de ser o primeiro senhor das Alcáçovas, teve o reguengo do mesmo nome por mercê de 1440 e foi aposentador-mor de D. João II e do seu conselho. Recebeu-se com D. Branca de Melo, senhora de Barbacena, filha de Martim Afonso de Melo, alcaide-mor de Évora e de Olivença e guarda-mor de D. João I, e de sua segunda mulher D. Briolanja de Sousa, de cujo matrimónio teve larga descendência que seguiu o apelido de Henriques.

João Rodrigues de Sá cantou os Henriques nas suas trovas heráldicas, dizendo:



Henriques

*Está mas nom posto em alto
doura um castelo real
em vermelho, apar do qual
fazem dous lyoens hum salto
sobre o segundo metal.*

*Vinda do Conde Gijão
Annriquez he jeração,
que com taes armas que tem
dos reys de Castela uem,
mas nom jaa per soçessão.*

Igualmente o bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, os não esqueceu nos seus versos, escrevendo:

*Este também é real
e vem do Conde Girão,
é a mesma geração
que temos em Portugal
mas não já na sossessão.*

E de outros Henriques diz:

*Henrique é nome alemão,
e foi companheiro forte
e mui antigo braço
e vieram lá do norte
contra a agarena nação.*

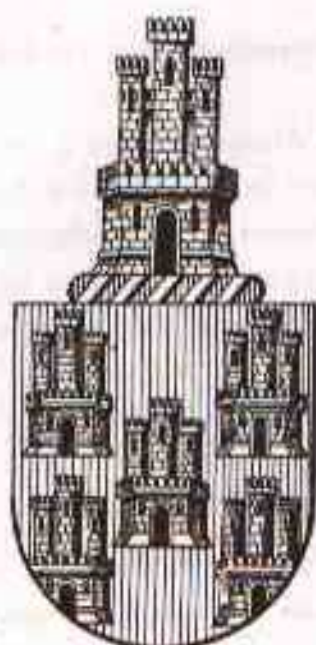


Henriques (outros)

Refere-se ao cavaleiro Henrique que ajudou o primeiro Rei de Portugal na tomada de Lisboa, na qual morreu, estando enterrado no mosteiro de S. Vicente de Fora.

As armas dos Henriques são: De vermelho, com um castelo de ouro, aberto, iluminado e lavrado de azul (*Castela*); mantelado de prata, carregado de dois leões de púrpura, armados e lampassados de azul, o da direita voltado (*Leão*). Timbre: o castelo do escudo, rematado por um leão de púrpura, sainte.

Outros Henriques usam em Portugal e na Dinamarca, onde se denominam *Eriksen*, as seguintes armas: De azul, com uma âncora de ouro.



Herédia

HERÉDIA. Família de Espanha, de que passou a Portugal, no século XV, um dos seus membros, Afonso de Herédia, o Cavaleiro. Este era fidalgo muito principal, descendente dos Condes de Fontes, no Reino de Aragão, alcaide-mor de Barcelos e primo segundo do alcaide-mor de Castro Nuno. Afonso de Herédia, que veio no reinado de D. Afonso V por tomar o partido da Princesa D. Joana contra os Reis Católicos, foi casado com D. Margarida Álvares Carneiro, irmã de Diogo Carneiro. Vivia em 1518, ano em que era juiz ordinário de Barcelos, sendo designado em certo documento dessa data pelo muito honrado Afonso de Herédia. Passou à África com o Duque de Bragança D. Jaime, quando foi à tomada de Azamor. Teve diversos filhos que continuaram o apelido paterno. Parece que outros ramos de Herédias vieram para Portugal, um com descendência em Pinhel e outro nas ilhas.

As armas que os deste apelido usam, tanto em Espanha como em Portugal, são: De vermelho, com cinco castelos de prata, postos em sautor. Timbre: um castelo do escudo.

HERRERA. V. *Ferreira.*

HOLBECHE. Esta família é originária do condado de Lincoln, do senhorio de Holbeche, cujo apelido tomou no reinado do famoso Guilherme de Inglaterra. O mais antigo que se conhece é Oliveiros Holbeche Genesiário, pai de João Holbeche, que sucedeu a seu irmão no senhorio paterno, por não ter filhos. Recebeu-se com Doroteia de Godonei, filha de João, Barão de Godonei, da qual houve Lourenço Holbeche, que serviu, na Irlanda, o Rei Henrique II da Inglaterra e se casou com uma filha do cavaleiro João Criasy. Deste matrimónio nasceu João Holbeche, que teve o foro de cavaleiro, serviu Ricardo I e João Sem Terra nas lutas contra a França e houve de sua mulher, filha do cavaleiro João Branche, a Lourenço Holbeche, que serviu Henrique III, pelos anos de 1260. Consorciou-se com Cristina Weston, filha do cavaleiro Tomás Weston, de quem descendeu o Conde de Portland e lord tesoureiro do Rei Carlos I de Inglaterra.

Seu filho Tomás sucedeu no senhorio de Holbeche e o segundo, Ricardo Holbeche, casou com Úrsula Kinston, filha de João Kinston, senhor de Kinston, da qual teve a João Holbeche, que serviu Henrique IV, filho do Duque de Lancaster, e recebendo-se com Cassandra de Erby, senhora de Hoffelyke, no condado de Lincoln, houve a Tomás Holbeche. Deste Tomás Holbeche e de sua mulher, Alice de Kenan, nasceu outro do mesmo nome, que em 1435 serviu com valor Henrique V, de Inglaterra, que também foi rei de França, e se matrimoniou com uma filha de Ricardo Brearly. Também deste consórcio nasceu um filho chamado Tomás Holbeche, que, prestando grandes serviços a Eduardo IV, Ricardo III e Eduardo V, teve acrescentamento das armas dos Holbeches, que eram: De verde, com cinco vieiras de prata, postas em sautor. Para o acrescentamento foi o escudo

partido, ficando no primeiro de ouro, com chefe de azul carregado de três cabeças de leão, arrancadas de ouro, e no segundo às armas atrás mencionadas.

Tomás Holbeche contraiu casamento com Ana Varley, filha do cavaleiro Varley, senhor de Milhas, de quem teve Eduardo Holbeche, que vivia por 1509, no reinado de Henrique VII, e se recebeu com Juliana de Portington, senhora de Portington. Seu filho Tomás Holbeche foi contemporâneo de Henrique VIII e matrimoniou-se com Maria de Harvey, filha de João de Harvey, da qual houve Guilherme Holbeche, que viveu no

tempo da Rainha Isabel e se casou com Joana Oughton, filha do cavaleiro Tomás Oughton, nascendo do consórcio Tomás Holbeche, contemporâneo de Jaime I e marido de Isabel de Haylas, filha do cavaleiro Tomás Haylas. Nasceu deste casamento Guilherme Holbeche, que viveu nos reinados de Jaime I e de Carlos I, e casou com Ana de Begeley, filha do cavaleiro Rolando de Begeley, tendo por filho a Francisco Holbeche, casado com uma senhora da casa de Russell, de quem houve, outro Francisco Holbeche. Este veio para Portugal em 1654 na companhia de Sir Ricardo Russell, seu primo, confessor de Rainha D. Catarina e bispo de Portalegre e Viseu. Estabeleceu-se em Lisboa e foi cônsul da nação britânica e sabe-se que era filho João Holbeche, cavaleiro da Ordem de Cristo, tesoureiro-proprietário do Tesouro da Casa Real, secretário dos Filhamentos, o qual casou, deixando geração continuadora do apelido.

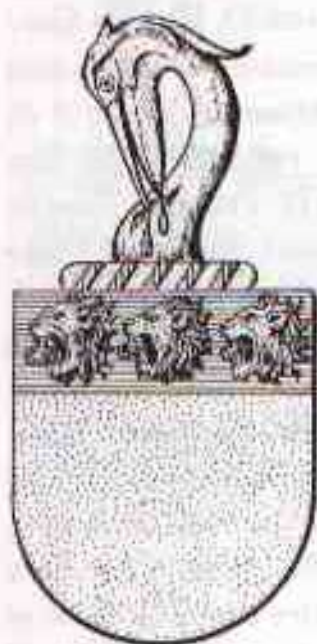
As armas dos Holbeches, com o acrescentamento do escudo acima referido, quer em Inglaterra, quer em Portugal, são: De ouro, com chefe de azul, carregado de três cabeças de

leão, arrancadas de ouro. Timbre: uma cabeça e pescoço de pelicano, ferido de vermelho.

Um autor português diz que em Portugal usaram as armas com o acrescentamento, que em Inglaterra se acham registadas como de Holbeach, certamente forma antiquada ou variante de um ramo da família.

HOLTZSCHUHER. Família alemã, da Baviera, onde se chama Holtzschuher de Harlach. Veio para Portugal na pessoa de Wolfgang Holtzschuher, que acompanhou o seu patricio e famoso cavaleiro Martim Behaim, natural de Nuremberga, conforme este refere na sua *História Diplomática*. Wolfgang Holtzschuher praticou valorosos feitos, pelo que D. Manuel, por Carta de 8-II-1503, lhe acrescentou as armas de família com a Cruz de Cristo. Parece que casou com D. Filipa Cardoso de Almeida, deixando geração deste matrimônio.

As armas do apelido, usadas em Portugal, são as mesmas que lhe atribuem na Baviera e na Holanda. Com o acrescentamento referido são as seguintes: Esquartelado: o primeiro e o quarto de ouro, com uma alparca de negro, forrada de vermelho,



Holbeche



Holtzschuher

solada de prata, com a ponta para a esquerda; o segundo e o terceiro de azul, com um busto de mouro, vestido de ouro e fotado de vermelho e de prata; e uma Cruz da Ordem de Cristo suspensa, brocante sobre o esquartelado. Timbre: um busto de mouro, vestido de vermelho, forrado de ouro e fotado de vermelho.

HOMEM. Família de velha linhagem, por quanto procede dos Pereiras, que vinham dos Trastamaras. D. Rodrigo Forjaz de Trastamara, casado com D. Urraca Rodrigues de Castro, filha de D. Fernão Rodrigues de Castro, o *Calvo*, teve deste matrimónio por filho a D. Gonçalo Rodrigues, senhor do couto de Palmeira, o qual se recebeu com D. Frolhe Afonso, filha do Conde D. Afonso de Celanova, nascendo do consórcio D. Rodrigo Gonçalves de Pereira, que aos vinte anos de idade obrou grandes proezas e se recebeu com D. Sancha Henriques de Portocarreiro, filha de D. Henrique Fernandes Magro e de D. Ouroana Reimondes de Portocarreiro. Deste D. Rodrigo e de sua mulher foi filho D. Pedro Rodrigues de Pereira, que em peleja venceu seu primo D. Pedro de Poiares, o qual se matrimoniou em segundas núpcias com D. Maria Pires Gravel, filha de D. Pedro Pires Gravel e de D. Maria Pais Correia, de quem teve D. Pedro Pires de Pereira.

A D. Pedro Pires de Pereira chamaram vulgarmente Pedro Homem, de cuja alcunha se desconhece a causa. Viveu no tempo de D. Afonso III, foi segundo senhor da Lajeosa e de Gestosa, teve fazendas em Touro, Vila Boa, Alfaiates, Muacha, Nespereira, Ribacoa, Servilhe, Gelo, Telada e Casal de Outeiro. Esteve D. Pedro

Pires de Pereira na conquista de Sevilha no ano de 1248 e casou com D. Teresa Anes Redondo, filha de D. João Pires Redondo e de sua mulher D. Gotinha Soares de Melo. Sabe-se que já tinha morrido em 18-VI-1269, porque nesta data se juntaram todos os seus filhos em Alfaiates para procederem a partilhas dos bens que deixara, escolhendo para louvados D. Frei Vasco de Badalhouce, D. Gonçalo Pires de Pereira, grão-comendador da Ordem do Hospital em Espanha, D. Gonçalo Gonçalves, chantre das sés do Porto e de Coimbra, e D. Frei Martim Fagundes, comendador de Leça e lugar-tenente do grão-comendador em Portugal, e Martim Pires de Pereira, cujas partilhas se fizeram amigavelmente, ficando os bens em três quinhões. Teve diversos filhos pelos quais a alcunha de Homem passou à descendência, convertida em apelido.

Esta família usa por armas a seguinte: De azul, com seis crescentes

de ouro, 2, 2 e 2. Timbre: um leão de azul, com um machado de armas de prata, encabado de ouro.

HONORATI. Família italiana, da qual passou um ramo a Portugal.

As armas usadas no País de origem e aqui são: De azul, com banda de vermelho perfilada de ouro.

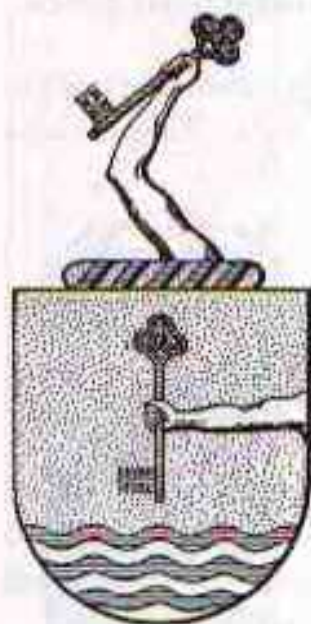


Homem



Honorati

HORTA. Família do Reino de Aragão, onde se chama Huerta, da qual passou ao Algarve no reinado de D. Afonso V, Pedro de Horta, que se recebeu em Portugal com Catarina Lourenço, de quem houve geração que seguiu o apelido. No tempo do mesmo Rei houve em Alenquer outros Hortas, vivendo aí Martim de Horta, fidalgo da Casa desse soberano, como dizia a sua sepultura no mosteiro de S. Francisco daquela vila, à entrada da capela-mor. Morreu em 1503 e foi casado com Catarina Fernandes, que parece ser da família dos Malaquias. Também deixou descendência que continuou o apelido.



Horta

Houve também Hortas nos concelhos próximos da Guarda, que certamente eram de outra origem, pois no século XVI já se encontravam bastante espalhados. Estes talvez tirassem o apelido da Horta de Numão na Beira, o que outros ramos cuja proveniência se desconhece terão feito, não daquela freguesia, mas de simples propriedades denominadas hortas. Algumas famílias deste apelido escrevem *Orta*.

As suas armas são: De ouro, com um braço de carnação, posto em faixa, movente do flanco esquerdo, empunhando uma chave de azul, posta em pala, seu palhetão para baixo e um contracheife ondado de seis peças, de azul e de prata. Timbre: o braço empunhando a chave do escudo.

HUET. Família originária da cidade de Verdun, na Lorena, que passou a Portugal na pessoa de Duarte Cláudio Huet, que nasceu na cidade de Fresne, no ducado de Lorena, em 1614, e morreu em Portugal cerca de 1671. Foi camareiro-mor de D. Duarte de Bragança, irmão de D. João IV, perto de nove anos, acompanhando o Infante durante todo o tempo que esteve prisioneiro dos espanhóis em Milão. Foi armado cavaleiro por aquele Infante, a quem pediu que o crismasse com o nome de Duarte, que juntou ao de Cláudio Huet, usado anteriormente, e por tal motivo, como afilhado, lhe pedia a bênção todos os dias. O Infante, ao fazer testamento, o presenteou com algumas jóias de valor e lhe pediu que fizesse trasladar seu corpo, depois de morto, para a Pátria, que nunca esquecerá. A 5-V-1650 chegou Duarte Cláudio Huet a Portugal, entregando o testamento do Infante a seu irmão o Rei D. João IV. Este príncipe, atendendo aos serviços que ele prestara ao Infante, lhe fez diversas mercês, entre as quais a de comendador de S. Salvador de Tangil na Ordem de Cristo e a de fidalgo da Casa Real.

Duarte Cláudio Huet era filho segundo de Vicente Huet, senhor de Jussenit e da casa de Huet, no ducado da Lorena, e de Catarina Simon de la Pier, da família Dufresne, senhores de Ducange, neto paterno de Cristóvão Huet, senhor de Jussenit, e de sua mulher e parenta Ana Sillet; bisneto de Vicente Huet, senhor de Jussenit e governador de Metz, e de sua mulher Júlia Cláudia, que dizia descender dos Cláudios romanos. Em Portugal, Duarte Cláudio Huet seguiu a carreira das armas, ganhando novas mercês régias. Em 1652 casou com D. Constança Malheiro Pereira de Bacelar Souto Maior, filha de Marcos Malheiro Pereira de Bacelar, senhor da casa e torre de Bacelar, comendador na Ordem



Huet

o 1.º de verde, com um leão cosido de vermelho, armado e lampassado de ouro, o segundo de negro, com uma estrela de seis raios de prata, posta em chefe. Timbre: uma estrela do escudo, entre duas asas de prata cortadas de negro, de um no outro.

de Cristo, alcaide-mor de Vila Nova de Milfontes, fidalgo da Casa Real, senhor do morgado de São Miguel de Fontoura, procurador às Cortes e padroeiro das igrejas de Cossourado e S. Martinho de Coura, e, alternando, da de S. Miguel de Fontoura, e de sua mulher D. Helena de Meireles Moscoso Borges e Azevedo Souto Maior. Deste consórcio houve geração, que continuou a usar o apelido Huet.

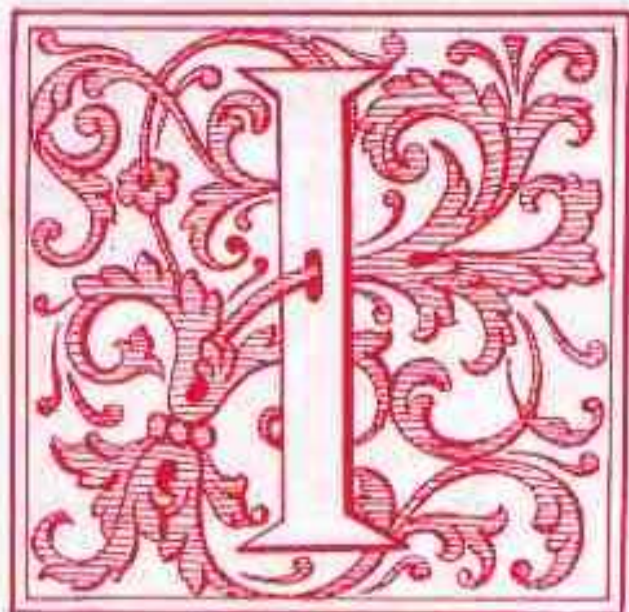
As armas dos Huets, tanto na Lorena como em Portugal, são: De azul, com três flores-de-lis de ouro. Timbre: uma flor-de-lis do escudo.

HUSTARTE. Família originária da Flandres, onde o apelido se escreve Hustaerdt, de que passou um ramo a Portugal, usando cá as mesmas armas, que são: Partido: o primeiro cortado;



Hustarte

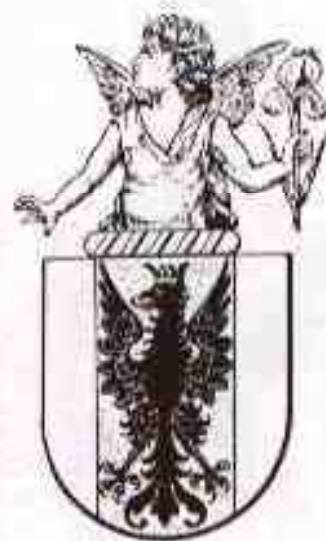




IMPERIAL. Entre as vinte e nove famílias nobres de Génova contava-se a dos Imperiales, que em 1617 viu elevado à dignidade de doge um dos seus membros, João Imperiale. Deu muitos varões ilustres às armas e às letras, bastantes cardeais e teve o ducado de Santo Ângelo, no Reino de Nápoles. Reinando D. Manuel I passou a Portugal

Agostinho Imperiale, filho de Frederico Imperiale, que em 1529 provou a sua ascendência em documento autêntico, pelo que D. João III lhe mandou registar as suas armas, das quais se lhe passou Carta a 17 de Junho do mesmo ano.

As armas desta família usadas na Itália e em Portugal são: De ouro, flanqueado, em pala, de prata, o ouro carregado de uma águia de negro, estendida, coroada de ouro. Timbre: um anjo sainte, vestido de prata sombreado de púrpura, com um lírio de prata, hasteado de verde, na mão esquerda.

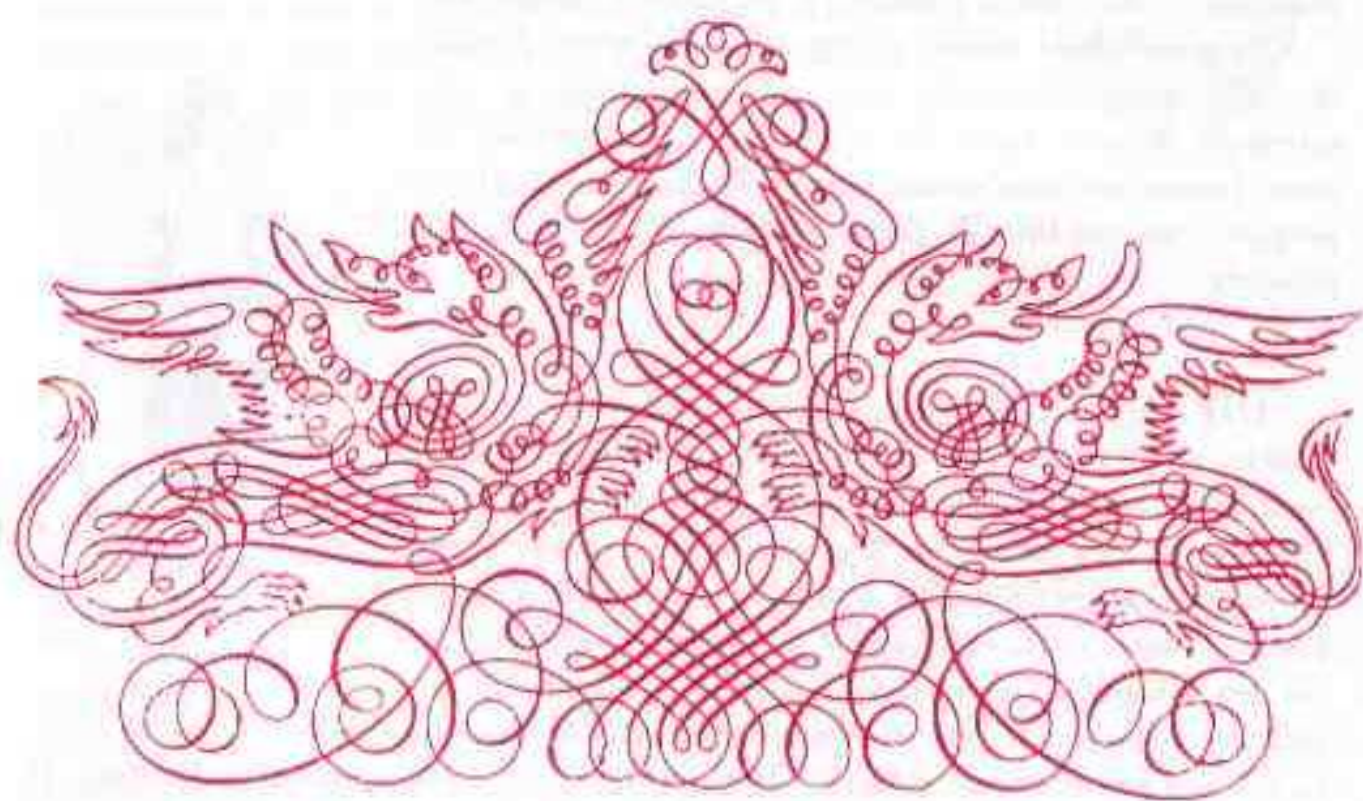


Imperial

INFANTE. Começa este apelido num filho de Nuno Tristão, cavaleiro da Casa do Infante D. Henrique, onde se criou desde menino, homem de grande valor que serviu aquele príncipe nos descobrimentos da costa da Guiné. Nuno Tristão foi morto pelo gentio no Rio do Ouro, que se ficou a chamar Rio do Tristão. Viveu em Lagos e sua viúva houve tença, que lhe deu o Infante. Do matrimónio nasceu João Infante, cujo apelido tomou por se criar na Casa do Infante D. Henrique, ou por seu pai o ter por alcunha. Também foi muito valoroso e serviu D. João II nos descobrimentos, atingindo a Serra Parda, descobrindo o Rio do Infante, por ele assim denominado, e o Cabo Tormentoso, chamado depois da Boa Esperança. Regressou ao Reino em 1487. Do seu casamento deixou geração que continuou o apelido.

Não se conhecem armas próprias do apelido, mas Jacinto Leitão Manso de Lima supõe que as tivesse, porquanto Nuno Infante, filho deste João Infante, na sua sepultura, na capela-mor da igreja paroquial de Santa Cruz, de Santarém, ostenta um escudo raso assente em duas espadas cruzadas em aspa. Na heráldica das famílias portuguesas sô-

mente se encontra o escudo liso dos Menezes. Certamente não pertencia a tão antiga e ilustre família, pois seu neto, se tal sucedesse, pediria estas armas e não invocaria, sòmente, a linhagem dos Sobrinhos, para se lhe concederem as deste apelido. Nem o *Livro do Armeiro-mor*, nem o de António Godinho, ambos do século XVI, se referem aos Infantes. É de admitir que o escudo da sepultura fosse apenas emblema sem representação de família, isto é, o escudo do cavaleiro que ainda não tem armas, mas as espera alcançar.





de D. João I e serviu em África, pelo que teve em recompensa o senhorio do Vimieiro. Casou e deixou filhos, de um dos quais provieram os Jácomes Reimondos e de outro os Jácomes do Lago.

Jácome Dias Correia, cidadão do Porto e irmão de Gonçalo Dias Correia, corregedor da Corte e de Lisboa, passou às ilhas, onde teve grande fortuna e casou com Brites Rodrigues, filha de Rui Vaz Gago, homem muito rico, e de sua mulher, Catarina Gomes Raposo, naturais de Beja. Deste Jácome Dias Correia proveio a linhagem dos Jácomes, das ilhas.



Jácome (da Holanda)

Da Holanda veio para Portugal um indivíduo por nome Jácome, da vila de Dorte, de origem nobre, conforme se diz, que ficou conhecido por Jácome de Holanda. Foi o primeiro que veio da Índia por via terrestre e teve grandes contratos com os Reis de Portugal. Casou com uma criada da Rainha D. Leonor, alemã de nação, chamada no Reino Cosma Mendes, de quem deixou descendência que se apelidou Jácome. Seu filho Francisco Jácome registou as suas armas, de que se lhe passou Carta em 5 de Setembro de 1561.

Os Jácomes provenientes de Vasco Jácome usam por armas: Partido: o primeiro de azul, com uma torre de prata; o segundo de ouro, com meia águia de negro, movente do traço do partido. Timbre: a torre do escudo.

As armas dos que descendem de Jácome de Holanda são:



Jácome

Partido: o primeiro de ouro, com três lll de negro, postos 2 e 1; o segundo de prata, com quatro asnas de vermelho e brica de verde, carregada de um cisne de prata. Timbre: o cisne do escudo.



Jervis

JERVIS. Família originária do condado de Staford, na Inglaterra. Veio para Portugal Ricardo Jarvis, que se fixou no Funchal, ilha da Madeira, casando com Maria de Faria, senhora muito nobre. Seu bisneto, António Fernandes Correia Jarvis de Atouguia, teve Carta de brasão de armas, por sucessão, passada a 30 de Setembro de 1780. O brasão concedido tem, em escudo esquartelado, as armas dos Jervis, Farias, Correias e Barbosas. Parece que foi este o primeiro documento heráldico com as armas dos Jervis passado em Portugal, porque junto da sentença de nobreza para a obtenção da Carta referida se encontra uma carta autêntica do Rei de Armas Londres. O apelido é usado por uns com a forma *Jarvis* e por outros com a de *Jervis*.

As armas que trazem, tanto na Inglaterra como em Portugal, são: De negro, asna de arminhos, acompanhado de três merletas de ouro, postas 2 e 1. Timbre: uma merleta do escudo.

JOANES. Patronímico de João, assim como Anes, Eanes e Enes, pelo que a sua origem é vária. Os descendentes de Domingos Joanes, que viveu em Oliveira do Hospital, não se chamaram Joanes, mas, como este era o único apelativo daquele, além do nome de baptismo, assim ficou registado nos livros de brasões de armas. A estátua deste cavaleiro encontra-se na capela dos Ferreiros, fundada por ele e sua mulher, na vila de Oliveira do Hospital. É equestre e ele está vestido de armas, empunhando maça, tem suspenso do ombro o escudo, onde se vêem as suas armas. Estas são: De azul, com aspa de prata acompanhada de quatro flores-de-lis de ouro. Timbre: a aspa do escudo, com uma das flores-de-lis entre os braços superiores. Foram estas armas concedidas por Carta de 23 de Abril de 1515 a seu quarto neto, Fr. André do Amaral, do Conselho do Rei D. Manuel, chanceler-mor e embaixador de Rodes, comendador de Vera Cruz. Por tal motivo alguns, erradamente, as descrevem como sendo do apelido Amaral.



JOANES

JÚDICE. Família originária da Córsega; pelo menos já ali existia no século XI, quando, nos fins desta centúria, Pisa tomou solenemente posse da ilha. Para lá voltaram, entre outros exilados, os Condes de Cinarca, cujo título pertencia à família Júdice. Em Génova tornou-se conhecida esta ilustre família desde o século XVI e pertenciam-lhe na Itália os títulos de Marquês de Voghera, Duque de Giovenazzo e Príncipe

de Cellamare. Em 1568 foi eleito doge de Génova Paulo Baptista Giudici. Este ancião respeitável foi pai de Nicolau Júdice, Príncipe de Cellamari e Duque de Giovenazzo, que, além de outro filho, teve Francisco Júdice, cardeal-arcebispo de Monbreal, bispo de Ortia e de Valletti, diácono do Sacro Colégio, e ainda outro filho, Domingos Júdice, Príncipe de Cellamari, vice-rei e capitão-general de Aragão, grande de Espanha, embaixador de Espanha junto da Santa Sé, do Duque de Sabóia, dos Reis da França e de Portugal.



Júdice

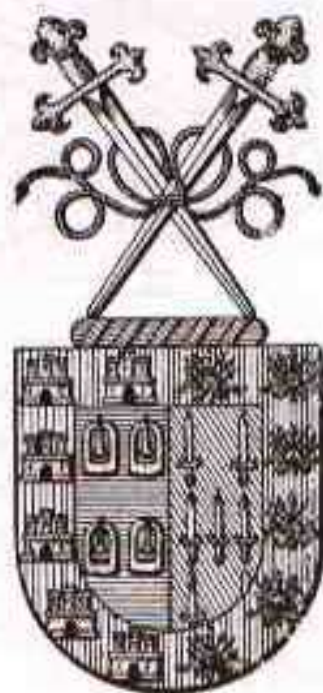
Este Domingos Júdice, entre outros, teve os dois filhos, Nicolau Júdice, cardeal, e António Júdice, que promoveu em Paris uma conspiração conhecida por conspiração «Cellamare», que visava o poder do Regente, cujo governo queria reivindicar para o Rei de Espanha. A conspiração foi descoberta antes da sua execução. António Júdice foi marechal de campo e embaixador de Espanha em Paris; usava o título de Príncipe de Cellamare e Duque de Giovenazzo e era também grande de Espanha, vice-rei de Navarra e cavaleiro do Espírito Santo. Nasceu em Nápoles em 1657 e morreu em Sevilha a 16 de Maio de 1733, sem filhos varões.

A ascendência directa dos Júdices, a começar no século XVII, é a seguinte: Santos Júdice — Nasceu no começo do século XVII. Era natural da Córsega e foi pai do capitão João Júdice. O capitão João Júdice era natural da Córsega. Casou em São Pedro de Arena, Génova, com D. Maria Rosalina Marengghi, filha de Nicolau Marengghi, natural de São Pedro de Arena. O casamento, como se vê do respectivo termo, realizou-se na capela dos pais da noiva, sendo dois dias depois dada a bênção pelo capelão. O capitão João Júdice foi pai de Paulo André Júdice.

As armas que usa esta família são: Esquartelado de vermelho e de negro, com uma cruz de prata, brocante sobre os traços do esquartelado.

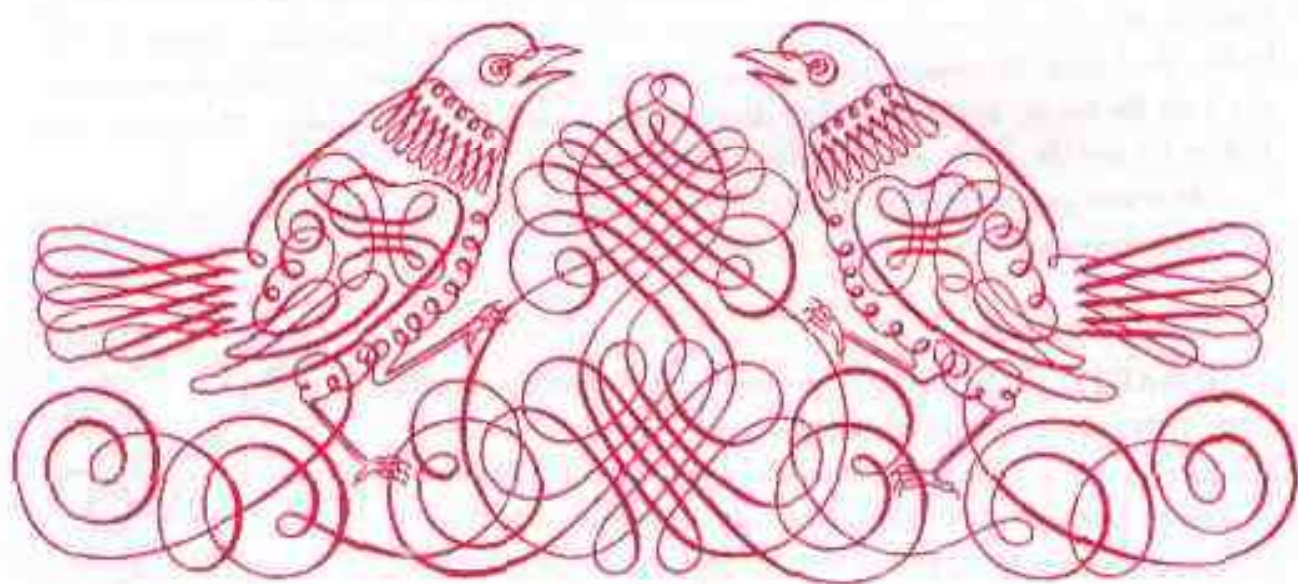
JUSARTE. É patronímico convertido em apelido e não, como referem os genealogistas, nome de família estrangeira. Dizem eles que o Conde de Liusarte, natural de Inglaterra ou de França, como outros pretendem, veio na comitiva da Rainha D. Filipa de Lancastre e que foi pai de Gaspar e de Rodrigo Jusarte, descendendo do primeiro os Jusartes do Alentejo e do segundo os da região de Coimbra.

Outros autores, porém, dizem que no tempo do Rei D. Fernando III passaram de Portugal a Castela dois fidalgos de apelido Jusarte — um dos quais se chamava Cristóvão — encontrando-se no cerco de Antequera por 1220, onde com mais cinco cristãos tiveram duelo com sete mouros, de cujo sucesso se originaram as suas armas. São muito fantasiosas ambas as origens, para se lhes dar crédito. Parece que os primeiros Jusartes são do tempo do Rei D. João I.



Jusarte

As armas usadas pelos Jusartes são: Partido: o primeiro, de azul, com quatro fivelas de ouro, postas 2 e 2; o segundo, de verde, com sete espadas de prata, ensanguentadas, guarnecidas de ouro, co mas pontas para cima postas, 2, 3 e 2; bordadura carregada à direita de seis castelos de ouro e à esquerda de seis feixes de troços de lanças de sua cor, cada feixe de sete peças atadas de ouro. Timbre: duas espadas do escudo, com as pontas firmadas no virol, passadas em aspa e atadas com uma correia de verde.





AMPENER. Família de Antuérpia, que passou a Portugal na pessoa de Guilherme de Kampener, natural daquela cidade, o qual se fixou em Viana e aí casou com D. Francisca de Lima, senhora da Quinta do Barco, em Vitorino das Donas, filha de Manuel de Abreu. Ambos fundaram em 1647 a capela do Santo Cristo, na igreja do

Carmo, em Viana, na qual puseram suas armas, e instituíram, em 3 de Fevereiro de 1653, um vínculo na Quinta do Barco. Deixaram descendência cujos representantes são os senhores do paço de Vitorino das Donas.

As armas de Guilherme de Kampener, que se supõe pertençam a este apelido, são: De verde, com um leão de ouro, coroado do mesmo. Timbre: um homem camponês, sainte, coroado de louros, tendo em cada mão uma foicinha.



Kampener

KENNEDY. Família irlandesa que veio para Portugal na pessoa de Daniel Kennedy, aqui se estabelecendo os seus descendentes, de que passou um ramo ao Brasil. Daniel Kennedy pertenceu ao exército de Wellington. Distinguiu-se na batalha da Roliça (1808), no ataque do Porto (1809) e,



Kennedy

sobretudo, na batalha do Buçaco (1810), por forma a merecer louvores do comandante do exército anglo-luso. Tinha o posto de capitão. Wellington fez constar em especial os seus feitos no ofício que enviou a D. Miguel Pereira Forjaz, ministro da Guerra, com data de 30 de Setembro de 1810, em que relata a grande batalha do Buçaco, ofício que foi publicado na *Gazeta de Lisboa*, no mesmo ano de 1810, no n.º 237.

Foi pai do pintor Guilherme Kennedy (1805-1829), que morreu em Lisboa, legando todos os seus quadros ao Colégio dos Inglesinhos, e avô da famosa pianista Mariana Kennedy (1828-1870).

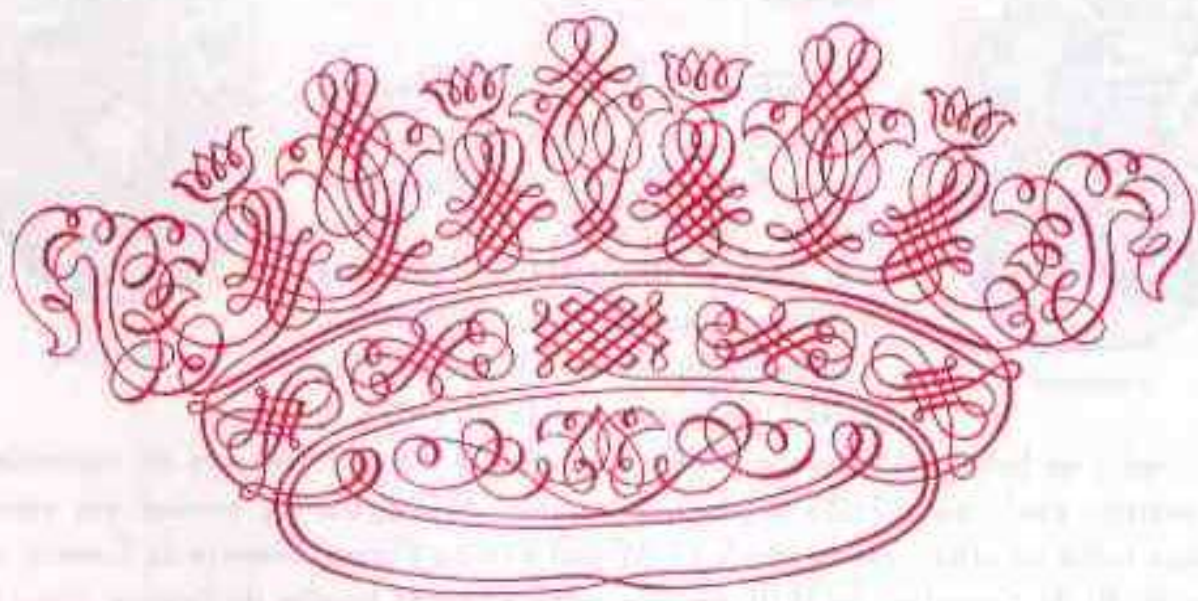
Usam por armas: De negro, com três elmos de prata, postos 2 e 1, e uma vieira de ouro em abismo. Timbre: um braço armado de prata, empunhando um alfanje de prata, guarnecido de ouro. Trazem por divisa: GALEA SPES SALUTIS.

KOPKE. Família alemã, descendente de Nicolau Kopke, natural de Hamburgo, e de sua mulher, Emerência Crochman, de que foi filho Cristiano Kopke, nascido em Hamburgo aos 27 de Agosto de 1693. Este veio para Portugal e foi cônsul daquela cidade e das outras da Liga Hanseática no Porto, onde morreu a 31 de Outubro de 1759. Casara a 22 de Março de 1731 com D. Doroteia Moring Whittingham, nascida em 21 de Dezembro de 1708 e falecida aos 24 de Março de 1759, filha de João Moring, natural de Gueldria, na Holanda, e de sua mulher, D. Doroteia Inácia Whittingham, neta paterna de Jácome Moring, e de sua mulher, Mariana van Zeller, e materna de Henry Whittingham, morador na cidade do Porto, e de sua mulher, D. Doroteia Maynarda da Silva. Do casamento de Cristiano Kopke com D. Doroteia Moring Whittingham nasceram vários filhos, que seguiram o apelido paterno.

As armas dos Kopkes são: De azul, com uma estrela de cinco pontas de prata, acompanhada de três crescentes do mesmo, postos 2 e 1. Timbre: um crescente do escudo, encimado por uma estrela de prata.



Kopke

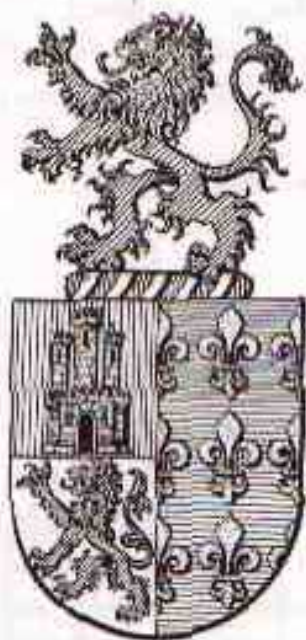




ACERDA. Os deste apelido provêm do Rei D. Afonso X, *o Sábio*, de Castela, e de sua mulher, D. Violante de Aragão, por seu filho mais velho, D. Fernando de la Cerda, que nasceu a 24 de Janeiro de 1256, com uma guedelha de cabelos no peito, como dizem autores antigos. Recebeu-se com Branca de França, filha de

S. Luis, Rei de França, e de sua mulher, Margarida de Provença. Morreu em vida do pai, no ano de 1275, deixando os seguintes filhos, havidos do matrimónio: D. Afonso de la Cerda, que segue; D. Fernando de la Cerda, que casou com D. Joana Nunes de Lara, viúva do Infante D. Henrique e filha de D. João Nunes de Lara, senhor de Lara, e de sua mulher, Teresa Álvares de Azagra, cujos descendentes seguiram o apelido de Lara, e D. Margarida de la Cerda, que foi mulher do Infante D. Filipe.

D. Afonso de la Cerda não succedeu nos Reinos de seu avô, D. Afonso, *o Sábio*, porque seu tio, D. Sancho, irmão de seu pai, se introduziu na posse deles ainda em vida de D. Afonso X, que se inclinava a que o referido neto fosse o sucessor. Pedindo auxilio a D. Pedro, Rei de Aragão, para obtenção do trono usurpado, este o reteve no seu Reino por assim lhe convir a seus negócios. D. Afonso intitulava-se Rei de Castela e nas pazes celebradas pelo Rei D. Sancho com o Rei Filipe, *o Formoso*, de França, foi prometido a este por D. Sancho largar o Reino de Múrcia a D. Afonso, com a condição de que ele abandonasse o titulo de Rei de Castela, ficando feudatário dos Reis de Castela, e que, por sua morte sem filhos, lhe succedesse seu irmão D. Fernando de la Cerda. Prometendo D. Jaime de Aragão socorrer D. Afonso para que pudesse tomar os Reinos de seu pai, este príncipe lhe deu o Reino de Aragão e foi jurado Rei de Castela, Toledo, Córdova e Jaen, mas de todos ficou privado, e só conservou alguns estados em Castela, os quais foram as vilas de Alva de Tormes, Bejar, Valle de Corneja, Real de Manzanares, Gibrleão, Algava, os montes de Greda em Magão, a Póvoa de Sarria, a terra de Lemos e alguns herdamentos na Andaluzia. Depois, D. Afonso XI lhe deu muitas vilas e castelos de juro e herdade, outras somente em sua vida e várias rendas do Reino. D. Afonso de la Cerda recebeu-se com D. Mafalda de Narbona, filha de Aimérico VI, Visconde de Narbona, e de sua mulher, Silvia de Fox, de quem teve diversos filhos, que seguiram o apelido paterno. O filho terceiro, D. João Afonso de la Cerda, foi senhor de Gibrleão, Guelva, Real de Manzanares e Deza, por doação do pai. Viveu em Portugal alguns anos e o Rei D. Dinis lhe deu herdamentos, casando-o com sua filha ilegítima, D. Maria Afonso,



Lacerda

havia em D. Marinha Gomes, mulher nobre de Lisboa. A sua descendência, na segunda geração, voltou definitivamente para Castela.

Reinando em Portugal D. João I, veio de Castela um fidalgo chamado Martim Gonçalves de la Cerda, que se casou com D. Violante Pereira, filha bastarda de D. Álvaro Gonçalves Pereira, prior do Crato, e de Marinha Domingues, de quem teve geração, que, quase toda, seguiu os apelidos de Pereira de Lacerda.

D. João Ribeiro Gaiò deixou uma quadra em honra dos Lacerdas, que diz:

*Tanto forte como Samsão
dos de Castela e Leão
e do sangue de Navarra
nasceu o deste braço.*

As armas dos deste apelido, tanto em Espanha como em Portugal, são: Partido: o primeiro de vermelho com um castelo de ouro (Castela), cortado de prata, com um leão de púrpura, armado e lampassado de vermelho (Leão); o segundo de azul, semado de flores-de-lis de ouro (França). Timbre: o leão do escudo.

LA CUEVA ou LACUEVA. Família castelhana, muito ilustre. Pelos anos de 1152 vivia D. Pedro de la Cueva, data em que o Conde D. Manrique e sua mulher, D. Ermesenda, lhe concederam privilégio, do qual consta *er infanção e hijo dalgo*, como o era na terra do Conde, e lhe fez mercê do herdamento de Xafra. Casou-se com D. Carmona, provindo deste matrimónio os Cuevas. João Perez Mogulhém, natural da vila de Cáceres, nas Montanhas, recebeu-se com Ana Carrilho e passou a viver na cidade de Jaen. Desconhece-se a ascendência deste João Perez, mas sabe-se que seu filho, Martim Perez Mogulhém, que foi músico de partido de Jaen, casou por amores e a furto com D. Catarina de la Cueva, filha de D. João Cobo de la Cueva, vinte-e-quatro da cidade de Jaen, lugar que os principais dela costumavam ocupar, e de sua primeira mulher, D. Brites Cobo de Narvais, sua prima. Este Martin Perez, enviuvado, se fez clérigo e veio a ser capelão da sé de Jaen. Seu sogro, D. João Cobo de la Cueva, era filho de Bartolomeu Cobo del Rincón e de sua segunda mulher, D. Catarina Soares de la Cueva, filha de João de Bulsidano; sua sogra, D. Brites Cobo de Narvais, era filha de João Cobo del Rincón e de sua mulher, D. Brites de Narvais e Guzmán, filha de Afonso de Narvais, cavaleiro da Ordem de Santiago. Não se conhece a ligação destes Cuevas com o tronco da linhagem.

D. Fernando de la Cueva e Mendoça, filho segundo de Martim Perez Mogulhém, serviu na Flandres em 1629, foi capitão de uma companhia de Infantaria que veio para Portugal para o presídio da torre de S. Julião, da qual teve patente de governador, passada pela Duquesa de Mântua, regente de Portugal. Encontrava-se na referida torre em 1640 quando se aclamou D. João IV e, induzido por D. Fernando Mascarenhas, Conde da



Lacueva

Torre, com promessa do Rei, entregou o presidio, acto grandemente vantajoso para a causa portugueza, pelo que D. João IV o naturalizou, lhe deu o foro de fidalgo de sua Casa e o hábito de Cristo com a comenda do Pinheiro. Viveu D. Fernando de la Cueva em Santarém e aí se recebeu com D. Apolónia de Sousa Coutinho, filha de Luís de Atouguia e de D. Isabel Coutinho, de cujo matrimónio deixou descendência, havendo-a também ilegítima, a qual continuou o apelido de Cueva, mas parece que, passadas poucas gerações, de todo se extinguiu, pelo menos em Portugal.

A forma correcta do apelido é *Cueva*, mas não se sabe se igualmente se usaram as de *Lacueva* e *Delacueva* ou, mesmo, a tradução *Cova*, pois todas estas se encontram em manuscritos antigos portugueses. Pode, contudo, ter havido somente deturpação por parte de seus autores, não verificada no uso e linguagem falada.

As armas do apelido, quer em Espanha quer em Portugal, são: De prata, com um dragão de verde, mantelado de ouro, com duas palas de vermelho; bordadura do mesmo carregada de oito aspas de ouro. Timbre: o dragão do escudo, sainte.

LAFETÁ. Veio esta família para Portugal no tempo de D. Manuel I, na pessoa de João Francisco de Lafecitar, Lafetat ou Lafetá, formas deturpadas do verdadeiro apelido, que no nosso país se fixou na última. Era Francisco de Lafetá pessoa de grande distinção, natural da cidade de Cremona, no ducado de Milão, junto do rio Pó. Na Itália a forma do apelido é *Alfaiati* e na Bélgica, onde esta família também passou, *Affaytadi*.

Sabe-se que no século XIV vivia em Cremona Agostinho de Lafetá, que se tratava como fidalgo que era, o qual foi pai de Agostinho de Lafetá, sucessor da casa e que teve o título de Conde; de Carlos de Lafetá, que seguiu o costume italiano, dedicando-se ao comércio, e se estabeleceu na Flandres, de onde se correspondia com seu irmão, João Francisco, para Portugal, e com outros parentes, para Itália, e de João Francisco de Lafetá. Este último estabeleceu casa de comércio em Portugal, onde, então, estava florescente o comércio dos géneros da Índia Oriental, que se mandavam de Lisboa para toda a Europa. El-Rei lhe fez quitação a 16 de Junho de 1507 de 8921\$000 reais, por Carta expedida de Abrantes e onde se declara ser ele mercador cremonês e estante em Lisboa; e em 1520 se lhe passou outra Carta de quitação de tudo que recebera dos tesoureiros da Casa da Índia desde o ano de 1500 até o de 1514. Possuiu grandes cabedais e muita estimação, tanto que D. João III o fez fidalgo de sua Casa, tomando-lhe, também, por moços de sua câmara, a Brás Silveira e a outros seus criados. Teve a comenda do Mogadouro, na Ordem de Cristo, e



Lafetá

instituiu dois rendosos morgados para seus dois filhos varões. Não se casou, mas deixou dois filhos bastardos, havidos em D. Guiomar Freire — Agostinho e Cosme —, em Maria Gonçalves de Carvalhosa, de menor condição — D. Inês e D. Lucrécia —, e em Branca de Castro, natural de Setúbal, que alguns autores dizem ser fanqueira, filha de uma confeitadeira de nação — D. Madalena. Ainda alguns genealógicos lhe dão por filha a D. Antónia de Lafetá, que ele não nomeia no testamento, pois só fala de dois filhos e de três filhas. A descendência de João Francisco de Lafetá entrou nas grandes casas portuguesas.

As armas desta família, tanto na Itália como na Bélgica e em Portugal, são: De azul, com um castelo de ouro. Timbre: o castelo do escudo.

LAGARTO. Parece que a família dos Lagartos é oriunda do bispado de Lamego e que já existia no reinado de D. Manuel I. O apelido, que não se sabe em quem começou, deve, certamente, a sua origem a alcunha.



Lagarto

As armas dos Lagartos são: De prata, com três lagartos de verde, picados de ouro, passantes, um sobre o outro. Timbre: um lagarto do escudo.

LAGO. Figura entre as famílias mais antigas de Portugal, a dos Lagos, cujo apelido foi tomado da vila do Lago, no Reino da Galiza, como pretende certo autor, ou, mais verosimilmente, da honra do Lago, na freguesia do Lago, no concelho de Entre Homem e Cávado, a qual constava de grande quinta, com um lago e uma torre de habitação. Ficava a honra do Lago defronte do couto da Palmeira, que era dos ascendentes dos Pereiras, ramo da mesma linhagem.

Provêm os Lagos de D. Mendo, irmão de Desidério, último Rei dos Longobardos, que veio com uma poderosa armada das partes de Roma para conquistar o Reino da Galiza e ser seu soberano. Devido a grande tempestade que o assaltou junto do cabo de Piorne, ficou malgrado o seu intento, destruindo-se toda a armada, de cujo desastre se conseguiu salvar somente com cinco cavaleiros.

No ano de 740, reinando em Leão D. Afonso I, aportaram na Galiza e, frustrado o plano que a ela os trazia, ficou D. Mendo ao serviço dos Reis de Espanha, casando com a Condessa D. Joana Romães, conforme dizem alguns autores, filha do Infante D. Romão Vermudes, irmão ilegítimo do Rei D. Afonso, o Casto. De D. Mendo foi filho D. Froila Mendes, bom cavaleiro, que se recebeu com D. Grixivera Álvares das Astúrias, filha do Conde D. Álvaro das Astúrias e neta paterna de D. Ordonho I de Leão, de cujo matrimónio nasceu o Conde D. Vermudo Forjaz, que sucedeu nas terras de Trastámara a seu pai e casou com D. Aldonça Rodrigues, sua prima, filha de D. Rodrigo Romães, Conde de Monterroso, irmão de sua avó D. Joana Romães. Do casamento do conde D. Vermudo Forjaz com D. Aldonça Rodrigues foi filho o Conde D. Froila Vermudes, homem de grandes acções, cavaleiro de valor, que serviu o Rei D. Afonso de Leão na

tomada de Oviedo com tanta lealdade e fidelidade que o mesmo soberano, sabendo que ele ficara cego, se pranteou pela perda de tão grande soldado e lhe deu muitas terras do seu Reino. O Conde D. Froila sucedeu nos senhorios paternos de Trastámara e, casando com D. Sancha Rodrigues ou Ordonhes, que dizem ser filha do Infante D. Ordonho, dela houve D. Rodrigo Forjaz de Trastámara. Este não se quis chamar Conde, que o era de Trastámara e de outras muitas terras. Foi cavaleiro valoroso, que batalhou contra os Mouros em tempo do Rei D. Fernando de Leão e, quando o soberano repartiu o Reino por seus filhos, D. Rodrigo seguiu o partido de D. Garcia, Rei da Galiza e Portugal, e com ele esteve na batalha de Água de Maias, da qual saiu mal ferido. Na batalha de Santarém prendeu o Rei D. Sancho, que entregou ao Rei D. Garcia, seu irmão, após o que morreu. Recebeu-se com D. Moninha Gonçalves, filha de D. Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador, e de sua mulher, D. Maior.

Seu filho, D. Froila Vermuís, sucedeu ao pai na casa e nos vários herdamentos, contraindo matrimónio com D. Elvira Gonçalves, filha de D. Gonçalo Munhoz de Vilalobos, o *Despinhado*, de quem houve a D. Rodrigo Forjaz de Trastámara, sucessor das terras paternas. Esteve D. Rodrigo Forjaz na batalha das Navas de Tolosa com Afonso VII, em 16 de Julho de 1212, prestou grandes serviços ao Rei D. Fernando, tomou Sevilha na era de 1248 e por seu conselho este Rei também muitos lugares aos Mouros. Casou-se com D. Urraca Rodrigues de Castro, filha de D. Rodrigo Fernandes de Castro, o *Calco*, rico-homem, senhor da casa de Castro, e da Condessa D. Estevainha Pires de Trava, de cujo matrimónio nasceu D. Gonçalo Rodrigues, rico-homem, que passou a servir D. Sancho I de Portugal em virtude de diferenças que teve com seu sobrinho, D. Álvaro Pires de Castro, no tempo de D. Fernando, o *Santo*.

D. Sancho I deu a D. Gonçalo Rodrigues o couto de Palmeira, na província de Entre Douro e Minho, junto do rio Ave, e por ter este senhorio se passou a chamar D. Gonçalo Rodrigues de Palmeira. Em 1177 doou a quinta de Palmeira ao mosteiro de Landim, doação que seus filhos Fernão Gonçalves e Gonçalo confirmaram. D. Gonçalo Rodrigues partiu do ombro até à cintura, de um só golpe, D. Guterre, por este lhe dizer que mentia no que prometera a seu sobrinho D. Álvaro acerca da divisão dos bens que haviam conquistado e costumavam partilhar com os soldados. Contraiu matrimónio com D. Froile Afonso, filha do Conde D. Afonso de Cela Nova, irmão de S. Rosendo, de quem teve, entre outros, a D. Rodrigo Gonçalves de Pereira, tronco dos deste apelido; passou a segundas núpcias com D. Urraca Viegas, viúva do Conde D. Vasco Sanches, filha de D. Egas Moniz e de sua segunda mulher, D. Teresa Afonso, de quem houve, além de outros, a D. Gonçalo Gonçalves.

Viveu D. Gonçalo Gonçalves no concelho de Entre Homem e Cávado, na quinta do Lago, sendo senhor da honra do mesmo nome, pelo que dela tomou apelido. Foi casado com D. Maria Pais, filha de D. Paio Curvo, senhor de Toronho, rico-homem do Imperador D. Afonso VII, e de sua mulher, D. Maria de Maranhon, neta paterna de D. Fernando Anes, senhor de Montor, e de sua mulher D. Urraca Gomes, filha do Conde D. Gomes Nunes de Cela Nova, e neta materna de D. Rui Peres de Maranhon, rico-homem. Foram seus filhos Gomes Gonçalves do Lago e D. Maria Gonçalves, mulher de D. Fernando Álvares de Castro, descendendo daquele a linhagem dos Lagos.

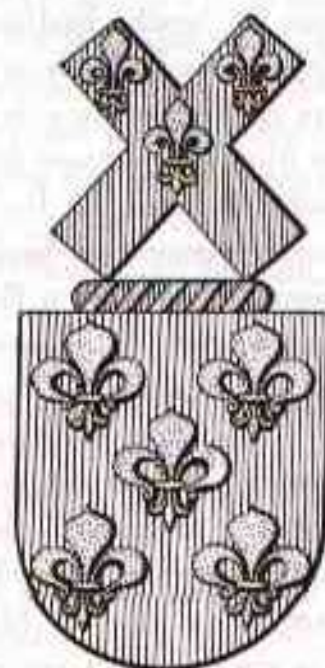
Manuel de Sousa da Silva, grande investigador das famílias do Minho, deixou, entre as suas quintilhas, uma dedicada aos Lagos Pereira, dizendo:

*A Torre do Lago antiga
 Á vista está a Palmeira
 Sua origem primeira
 Pelo que é razão a siga
 E chame aos seus Pereiras.*



Lago

Os Lagos trazem por armas: De vermelho, com uma torre de prata, lavrada de negro, rematada por uma donzela, sainte, vestida de azul, com os cabelos soltos; a torre assente num mar de azul, ondado de prata, onde nadam três peixes do mesmo, e acompanhada de três flores-de-lis de ouro alinhadas em chefe. Timbre: a donzela do escudo, sainte, com uma flor-de-lis



Lago (outros)

de ouro na mão direita; ou aspa de vermelho, carregada de três flores-de-lis de ouro.

Outros Lagos, talvez de origem diversa, trazem: De vermelho, com cinco flores-de-lis de ouro, postas em sautor. Timbre: aspa de vermelho, carregada de três flores-de-lis de ouro, duas em chefe e uma no meio.

LAMADEITA. Família espanhola que passou a Portugal pelo século XVII, na pessoa de Bartolomeu Lamadeita, natural de Requeixo, jurisdição da Puebla de Senabria,



Lamadeita

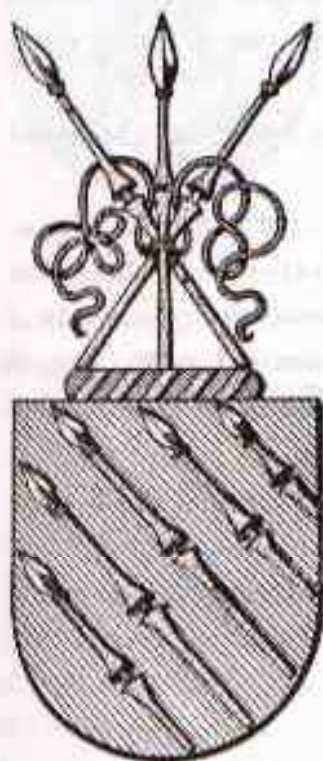
Reino de Castela, filho de Estêvão Lamadeita, natural do mesmo lugar. Bartolomeu Lamadeita foi pai de Estêvão Lamadeita, avô de Domingos Gil Lamadeita e bisavô de Francisco Gil Lamadeita, administrador de um opulento morgado em Moimenta e casado com D. Maria Josefa Salgado Lousada, natural de Vila Nova da Serra, jurisdição da Puebla de Senabria, em Castela, filha de D. Francisco Rodrigues de Lousada e neta paterna de outro de igual nome e de sua mulher, D. Catarina de Lousada. Francisco Gil Lamadeita e sua mulher, D. Maria Josefa Salgado Lousada, foram pais de João Gil Lamadeita Rodrigues Lousada, nascido em Moimenta, que teve mercê de Carta de brasão de armas, passada em 5 de Fevereiro de 1771, na qual se lhe deram por sucessão, entre outras, as dos Lamadeitas. A família dos Lamadeitas é das mais ilustres em Castela e Galiza, onde teve o senhorio de Deça e de outras terras.

As armas, confirmadas em Portugal, são: De azul, com uma torre de prata, rematada por águia do mesmo estendida. Timbre: a águia do escudo.

LANÇA. V. *Lanções*.

LANCASTRE e LANCASTRO. V. *Lencastre*.

LANÇÕES. Registam alguns livros de armas como sendo vozes diversas do mesmo apelido *Lança*, *Lanços*, *Lançois* e *Lanções*. Os *Lanças* existem no Alentejo, parece que, pelo menos, desde meados do século XVI, mas os genealogistas não informam, por desconhecimento, da sua origem, pelo que se não sabe se é família



Lanções

portuguesa, se proveniente de Espanha. Dos *Lanços*, *Lançois* e *Lanções* já lhes assinalam a origem, dizendo que primitivamente a família se chamou *Lanços* e é muito qualificada na Galiza, tendo o seu solar em Lourinha, junto de Porrinho, província de Pontevedra, e que dela era chefe o Conde de Maceda, título que o Rei D. Filipe IV dera a D. Alonso de Lanços e Andrade.

Garcia de Lanços, fidalgo honrado da Galiza, senhor da casa de Domestas, regedor de Betanços, junto de Pontedeume, foi pai de Afonso de Lanços, senhor de Lourinha, progenitor dos Condes de Maceda, e de Pedro Garcia de Lanços, que se casou com Isabel Lopes Lobato, outrossim mulher de Pedro Vaz de Abreu, filha de Rui Lobato e de sua mulher, Aldonça ou Melícia de Lira. Deste casamento nasceram Constança de Lanços, que se recebeu com Pedro Soares, *o de Beja*, assim chamado por morar na Quinta de Beja, freguesia de S. João, termo de Monção, filho de Diogo Soares de Brito; Afonso de Lanços e Andrade, regedor-mor de Betanços e senhor da Lourinha, casado com Ana Gomes Soares, filha de Paio Rodrigues

de Araújo; e Isabel de Lanços, primeira mulher de Francisco Álvares Cerqueira, filho de João Álvares Cerqueira e de Isabel Lopes, ao qual Francisco outros chamam Francisco Álvares de Lanções. É, pois, destes filhos de Pedro Garcia de Lanços e de Isabel Lopes Lobato que descendem os Lanços ou Lanções da província do Minho.

Outros autores dizem que esta família provém da dos Andrades, da Galiza, e que por Fernão Peres de Andrade ter herdado a terra de Lanções, no mesmo Reino, seus filhos tomaram por apelido o nome do senhorio. Esta informação não contraria a anteriormente indicada, pois ambas colocam a família exactamente na mesma região, além de que se encontra nos Lanços o apelido de Andrade. Sômente dizem aqueles que Lanços era a forma primitiva, a qual se corrompeu em Lanções, ao passo que estes já dão esta forma como originária. O *Livro do Armêto-Mor*, acabado em 1509, traz as armas destes apelidos subordinadas ao título de *Lanções*.

D. João Ribeiro Gaio escreveu dos Lanções:

*De Lopo Lanço Garcia
vem os Lanções mui valentes
e de Fernandes Maria
dAndrade e seus ascendentes
tiveram grande valia.*

Se *Lanças*, *Lanços* e *Lanções* é tudo o mesmo, não se pode afirmar, nem a qual, ao certo, pertencem as armas registadas no *Livro do Armeiro-Mor*, porque, embora neste se atribuam aos Lanções, são os Lanças que as usaram por concessão de Carta de brasão de armas, passada no século XVIII, portanto, já tardiamente, pelo que o rei de armas pode ter ido buscar àquele código armas de apelido idêntico, embora não soubesse se de igual origem.

Há na Galiza, província de Lugo, município de Villalba, duas freguesias chamadas San Martin de Lanzós e San Salvador de Lanzós.

O nome destas paróquias se pronuncia em português Lanços, o que muito o aproxima de Lanço ou Lançois, grafia antiga e moderna de uma das formas indicadas pelos livros de armas. Por outro lado, Lanços, forma de apelido que os genealogistas dão a uma família galega que passou a Portugal, é, talvez, correspondente a Lanzós, com a mudança da letra *z* na sua equivalente *ç* e com a falta do assento, muito vulgar nos manuscritos antigos.

Há, ainda, a considerar que Villalba, a cuja jurisdição municipal pertencem as freguesias de Lanzós, fica distante uns cinquenta quilómetros de Betanços.

As armas usadas pelos deste apelido são: De verde, com cinco lanças de prata, em banda, hasteadas de ouro, e alinhadas em contrabanda. Timbre: três lanças do escudo, enfeixadas e atadas de verde.

LANÇOS. V. Lanções.



Landim

LANDIM. A pessoa mais antiga que se conhece deste apelido é Estêvão Anes de Landim, donatário das terras de Candeias e Mecansos, em Santa Maria de Oliveira, por Carta de D. Fernando, passada em 1373. Seu filho João de Landim foi vassalo de D. João I e recebeu-se com D. Maria de Vasconcelos, filha de Mem de Oliveira e de sua mulher, D. Joana Garcia. Este João de Landim foi sepultado à porta da igreja de Santiago de Estremoz. Dele e de sua mulher descendem os do apelido de Landim.

As armas dos Landins são as seguintes: De prata, com uma faixa de vermelho, acompanhada, em chefe, de uma cabeça de leopardo do mesmo. Timbre: a cabeça de leopardo do escudo entre duas asas estendidas de ouro.

O apelido em Espanha é *Leon* e as armas que lá usa esta família são as mesmas que traz em Portugal: De prata, com um leão de vermelho; bordadura do mesmo, carregada de oito aspas de ouro. Timbre: o leão do escudo.

Os que descendem de João Lopes, acima referido, usam: De prata, com uma cruz solta e vazia de azul, maçanetada de doze bolotas de vermelho com casculhos de ouro. Timbre: uma aspa de azul, maçanetada como a cruz do escudo.

LEBORÃO. A família dos Leborões ou *Laborões*, como incorrectamente também se encontra escrito, tem o seu solar na Quinta do Outeiro, antigo concelho de Rossas, junto de Cabeceiras de Basto, onde existia ainda no século passado uma torre com cadeia, da qual, assim como do concelho de Rossas, tinha esta família o senhorio. Na referida torre havia, ao que referem certos escritores, uma inscrição que começava: «Não he Lebre he Lebrão desta família foi último possuidor Jacinto Laborão».



Leborão

O que mais remotamente se sabe dos Leborões é que Fernão Afonso Leborão era meio-irmão de João Afonso de Santarém, vedor da Fazenda de D. João I, e de Fernando Afonso de Santarém, *camareiro privado do mesmo Príncipe*, todos naturais da mesma vila. Aquele Fernão Afonso Leborão, cujo apelido lhe veio de ser muito afeiçoado à caça das lebres, conforme se diz, passou a Guimarães, com sua manceba, quando seu irmão Fernando Afonso de Santarém, que se enamorara de uma dama do paço, pelo que El-Rei o proibira de a ele voltar, desobedeceu ao soberano e foi por este perseguido até uma igreja, onde o matou, estando agarrado a um crucifixo. Fernão

Afonso Leborão viveu em Guimarães com sua manceba Emília da Costa, que dizem ter recebido à hora da morte, de quem teve: Duarte Fernandes Leborão, casado com Catarina de Almeida, filha de D. Diogo Fernandes de Almeida e de sua mulher, Leonor Fernandes Farto; Afonso Fernandes Leborão, casado no Porto com Brites Ferraz, filha de Afonso Ferraz, e Roque Leborão, vindo, pelos primeiros, a descendência deste apelido.

As armas atribuídas aos Leborões são: De verde, com duas lebres de ouro, passantes, uma sobre a outra. Timbre: uma lebre do escudo.

LEBRÃO. É, certamente, voz diferente do apelido Leborão, e, portanto, com a mesma origem. As armas que se lhe atribuem, também falantes, divergem um pouco das dos Lebrões, o que pode, apenas, indicar diferença de ramo. São: De prata, com três lebres de sua cor, uma sobre a outra. Timbre: uma lebre do escudo.



Lebrão

D. Toda Asnar, viúva do Rei D. Ordonho II de Leão. Deste matrimónio nasceu D. Gonçalo Fernandes, que morrendo em vida do pai não lhe sucedeu na casa. Foi Conde de Lara e Bureva e senhor de Aza, que povoou, assim como Múrcia e Santo Estêvão de Gormaz, em Castela-a-Velha. Confirmou doações nos anos de 934, 938, 944 e 947, morrendo em 970. Recebeu-se com D. Nuna, filha de D. Nuno, Infante de Leão, da qual teve D. Nuno Gonçalves, sucessor da casa paterna, Conde e senhor de Lara, governador de Álava, Lantaron e Celorigo. Perseguiu muito os Mouros e dele se acham notícias desde o ano de 1023 até o de 1047. De sua mulher, D. Dordia Dias, houve a D. Gonçalo Nunes Minaia, que sucedeu ao pai. Este foi Conde e senhor da casa de Lara, confirmando doações entre os anos de 1040 a 1075, no qual parece ter morrido. Contraiu matrimónio com D. Gontroda, que parece ser filha do Conde D. Gonçalo da Maia, dele nascendo D. Nuno Gonçalves de Lara, o primeiro que usou o apelido, tirado do seu senhorio. Sucedeu ao pai, foi Conde e senhor da Casa de Lara, governador de Lara, Astúrias e Mena. No ano de 1062 confirmou certa doação e no de 1063 conduziu, com outros, o corpo de Santa Justa, que lhe ofereceu o Rei de Sevilha, onde estava, levando em seu lugar o de Santo Isidoro, doutor e arcebispo de Sevilha, e o de Santo Alvito para Leão. Em 1069 acompanhou D. Sancho III quando deu ao mosteiro de S. Pedro de Arlanza o lugar de Hortiguelas e com o mesmo esteve nas batalhas dadas ao Rei D. Garcia de Galiza, seu irmão, em uma das quais governou a vanguarda e na de Santarém governou a ala direita, ficando nesta mal ferido. Também serviu o Rei D. Afonso VI e confirmou um privilégio deste soberano ao mosteiro de S. Sebastião e ao seu abade S. Domingos de Silos. Testou em 1083 e foi casado com D. Munia ou D. Hermesenda Gonçalves da Maia, filha de D. Gonçalo Trastamires da Maia e de sua mulher, D. Useu Soares. Destes descende a linhagem dos Laras.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, canta esta família nos seguintes versos:

*Dos sete Infantes de Lara
que morreram á traição
pelos mouros de Viana
ficou esta geração
que aos mouros custou cara.*

As armas usadas em Espanha e Portugal são: De prata, com duas caldeiras de negro, com arcos e asas de ouro, postas uma sobre a outra. Timbre: um galgo de prata, sainte, malhado de negro.

Outro ramo de Laras tem armas diversas, usadas tanto em Espanha como em Portugal, que são as seguintes: De vermelho, com duas caldeiras xadrezadas de ouro e de negro, com quatro cabeças de serpe de verde em cada uma das asas; as caldeiras postas uma sobre a outra.



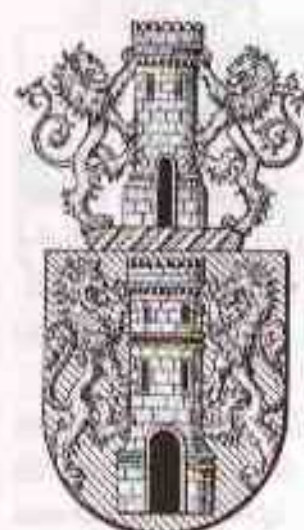
Lara



Lara (outros)

LARZEDO. Família cuja genealogia e origem do apelido se desconhece. Alguns autores dão este apelido como forma diversa de Louredo ou Lauredo, o que é erro evidente.

Já em 1509, data do acabamento do *Livro do Armeiro-Mor*, esta família tinha armas, pois se encontram nele registadas. São, tais armas, as seguintes: De verde, com uma torre



Larzedo

de ouro, ladeada de dois leões do mesmo, armados e lampassados de vermelho, afrontados e trepantes. Timbre: a torre com os leões do escudo.

LEAL. Ignora-se a origem desta família e de onde provém o seu apelido, que, decerto, foi tomado de alcunha. Parece que já nos fins do século XV possuía armas, porquanto autores antigos dizem que elas existiam no *Livro dos Reis de Armas*.

Usam os deste apelido as seguintes armas: De prata, com dois galgos

de negro, passantes um sobre o outro, armados de vermelho, acompanhados de sete estrelas de oito raios do mesmo, postas em orla, no chefe e nos flancos. Timbre: um galgo do escudo com uma estrela de prata de oito raios na espádua.



Leal

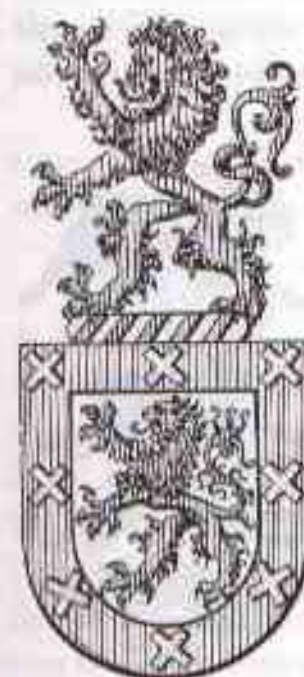
LEÃO. Esta família é originária de Castela e teve solar na cidade de Leão, da qual se apelidou, passando a Burgos, em cuja sé fez seu jazigo. Depois da conquista da Andaluzia, fixou-se em Baeça e daí foram seus membros alcaides-mores.

Pedro Soares de Leão passou a Portugal no tempo de D. Fernando, que lhe fez mercê dos senhorios de Vilas Boas e da Torre de D. Chama.

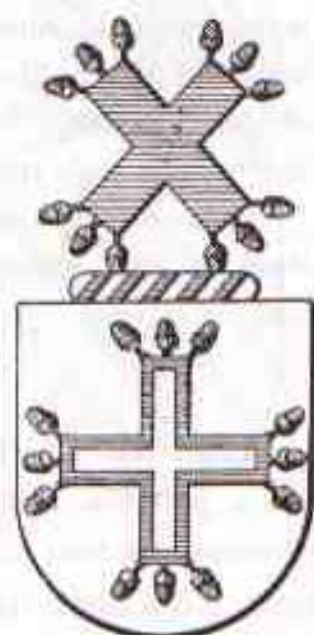
Também veio para Portugal outro ramo desta família, proveniente de João Lopes de Leão, que descendia de D. Gil de Leão, cavaleiro de Burgos.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, escreveu a seguinte quintilha, dedicada aos Leões:

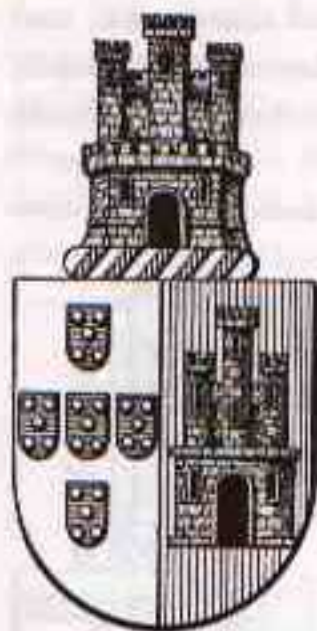
*Esta geração real
De Castela e de Leão
acabou em Aragão
sendo sempre mui leal
mosino com seu irmão.*



Leão



Leão (do João Lopes de Leão)



Ledo

LEDO. Família que parece de origem espanhola, existente na província do Minho. Afonso Fernandes Ledo, o mais antigo que se conhece, viveu no meado do século XV em Ponte do Lima, de cuja vila era dos principais. Dele faz menção o foral de Ponte de Lima. Foi pai de Bartolomeu Ledo, casado com Maria Gonçalves do Campo, de quem deixou geração; de Constança Ledo, mulher de Gonçalo de Barros, com descendência; e de Catarina Ledo, que se recebeu com Fernão Gonçalves da Ponte, também com geração. Por estes filhos se dilatou o apelido Ledo, conservando-se na referida província.

As armas dos Ledos são as seguintes: Partido: o primeiro de prata, com cinco escudetes de azul, postos em sautor e carregados cada um de cinco besantes do primeiro esmalte, o segundo de vermelho, com um castelo de ouro. Timbre: o castelo do escudo.

LEIRA. Nada se sabe da família deste apelido, à qual se referem autores antigos somente na atribuição de armas, fazendo-a, alguns, predecessora dos Leis e dos Liras, no que certamente há muita ignorância da origem, que se pretendeu suprir com arrojadadas aproximações. Atribuem-se-lhe as mesmas armas dos Leis (V. *Leis* e *Lira*).

LEIS. Família desconhecida, se é que o apelido existe, porquanto dizem ser corrupção de *Leiras*, plural de *Leira*, talvez forma primitiva de *Lira*, como pretendem alguns autores.

Houve vários letrados que se chamaram *das Leis*, por lidarem com elas e, daí, serem assim designados para diferença de outros de igual nome e patronímico, mas não parece que tal denominação haja passado à descendência.

Tanto o *Livro do Armeiro-Mor*, como o de António Godinho, códices quinhentistas, registam em *Leis* as armas que parece pertencerem aos Liras. (V. *Lira*).

As armas apontadas a este apelido são: De ouro, com cinco coticas em banda, de azul. Timbre: leão sainte de ouro, armado lampassado de azul e carregado das peças do escudo.

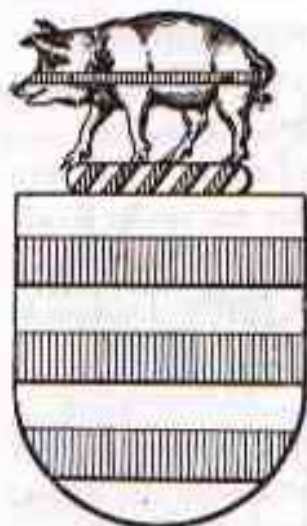


Leis

LEITÃO. Procedem os Leitões de Martim Pires Leitão de Lodares, fidalgo principal, que possuiu o morgado de Cidoro, junto de Abiul, o padroado da igreja de Santa Marinha, no termo de Barcelos, e o senhorio de Lodares. Seus pais foram Pedro Martins de Lodares e sua mulher D. Sancha Pires de Valdomar, seu avô paterno Martim Pais de Lodares, filho de D. Paio Forjaz, neto de D. Fruela Guedes e bisneto de D. Gueda Soares, *O Velho*, tronco das melhores linhagens. Martim Pires de Lodares recebeu-se com D. Teresa Rodrigues de Urró, filha de Rui Dias de Urró e de sua mulher, D. Teresa Fernandes Martinhata. Deste matrimónio foram filhos Gonçalo Martins Leitão, casado

com D. Maria Esteves Falacheira, com geração; Fernão Martins Leitão, casado com D. Maria Canelas, com geração; Rui Leitão, sem geração; Pedro Martins Leitão, casado, com geração; e D. Joana Leitão, mulher de João Mendes de Aguiar. A sua descendência continuou o apelido de Leitão, proveniente de alcunha.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, fez esta quintilha dedicada aos Leitões:

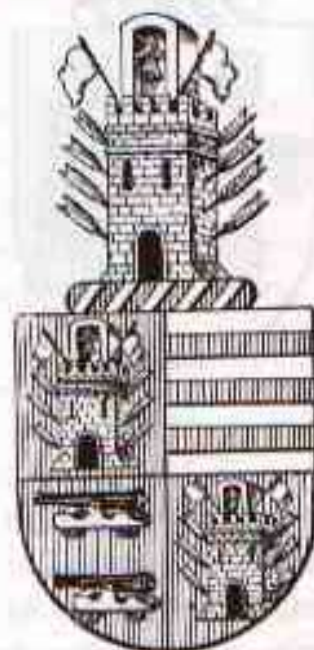


Leitão

*Martim Leitão de Lodares
foi o primeiro dos Leitões
vindo de outras gerações
do qual vieram aos pares
muitos mui nobres varões.*

Também o insigne genealogista
Manuel de Sousa da Silva perpetuou
a linhagem nestes versos:

*O solar tem em Lodares
De Louzada os que são
da progenia de Leitão
cavaleiros singulares
Houve dessa geração.*



Leitão
(de Cristóvão Leitão)

As armas dos Leitões são: De prata, com três faixas de vermelho. Timbre: um leitão passante de prata, carregado de um filete de vermelho, em faixa.

A Cristóvão Leitão, cavaleiro fidalgo da Casa Real, coronel e capitão dos alabardeiros del-rei, que no Reino de Nápoles, na defesa de Pisa e noutros lugares da Itália em serviço dos Reis Católicos deu grandes provas de valor e, também, pela sua acção na tomada de Azamor assim como na de Arzila, pelejando esforçadamente, lhe fez D. João III, por Carta de 21 de Abril de 1524, acrescentamento de suas armas, assim constituídos: Esquartelado: o primeiro e o quarto de vermelho, com uma torre de prata iluminada de negro, cravada de setas de ouro, rematada por uma sineira com sino de azul, a sineira ladeada por duas bandeiras do segundo, moventes das amcias; o segundo, de prata, com três faixas de vermelho (Leitão); o terceiro de vermelho, com duas bombardas de sua cor sobre carretões de ouro, uma sobre a outra. Timbre: a torre do escudo.

Este Cristóvão era quinto neto, por varonia, de Gonçalo Martins Leitão e de sua mulher, D. Maria Esteves Falacheira, acima referidos.

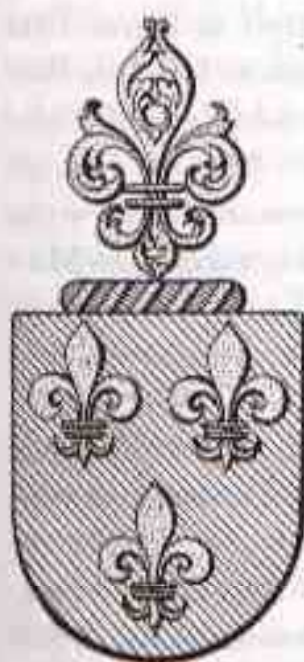
LEITE. A origem desta família encontra-se por esclarecer, sabendo-se, apenas, que Álvaro Anes Leite viveu no tempo de D. João I e D. Duarte, teve o senhorio da terra de Calvos e de Basto, na provincia de Entre Douro e Minho, foi alcaide-mor de Monforte de Rio Livre e se recebeu com Filipa Borges, filha de D. Diogo Borges, comendatário de São Miguel de Refóios e senhor das quintas da Jóia e do Corgo. Este Álvaro Anes tirou a terra de Calvos, por demanda, a João Rodrigues Pereira, no que, também, contendeu

João Leite, irmão de Rui Leite, tesoureiro da Moeda em Lisboa. Por esta demanda se vê que havia mais pessoas do mesmo apelido na época, o que mostra que já vinha de trás. Alguns autores dizem que Álvaro Anes era filho de Pedro Esteves Leite, outros de João Álvares Leite, neto de Álvaro Pires Leite e bisneto de Pedro Esteves da Roda, da família dos Chaves, e de sua mulher, que dizem ser filha de Afonso Anes Leite, abade de Pensalvos. Os patronímicos e a cronologia levam a desconfiar de tais ascendências, pelo que o mais certo é começar a deduzir esta família de Álvaro Anes Leite.

Quanto ao apelido, alcunha na origem, diz-se que principiou no facto de o seu primeiro portador gostar muito de *leite coito*, isto é, cozido ou fervido.

Manuel de Sousa da Silva, na sua *Corografia Métrica*, escreveu:

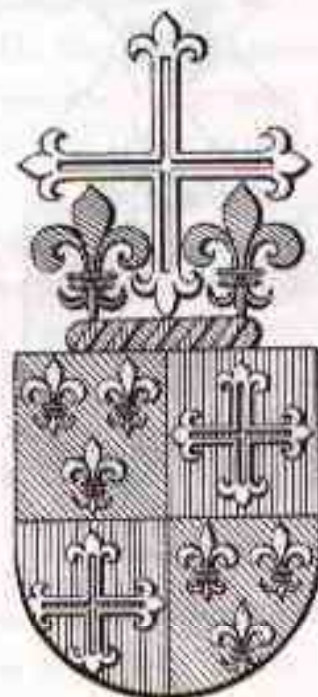
*Em Calvos de Basto tem
Sua illustre guarida
Essa família subida
Que dizem que de França vem,
Dos Leites enobrecida.*



Leite (antigo)

As armas dos Leites são: De verde, com três flores-de-lis de ouro, postas 2 e 1. Timbre: uma flor-de-lis do escudo.

Modernamente usam: Esquarte-lado: o primeiro e o quarto de verde, com três flores-de-lis de ouro, postas 2 e 1; o segundo e o terceiro de verme-lho, com uma cruz de prata, floren-ciada e vazia. Timbre: a cruz do escudo, ladeada por duas flores-de-lis de verde.



Leite (moderno)

Alguns autores dizem que estas últimas armas são privativas dos Leites Pereiras, o que parece evidente.

LEME. Família flamenga, cujo antepassado mais antigo que se conhece é Martim Lem, cavaleiro nobre e rico da cidade de Bruges, que teve de sua mulher Martim Lem e Carlos Lem, almirante de França.

Martim Lem, filho mais velho, sucedeu na casa e nos feudos paternos. Mostrou-se tão admirador de Portugal que desejou contribuir para a expedição de D. Afonso V contra os infiéis, para o que aparelhou uma urca à sua custa, na qual mandou seu filho António Leme com vários homens de lanças e espingardas para com ele servirem. Embora as notícias da família assim o refiram, parece, porém, que este Martim Lem veio para Portugal com o fim de comerciar, estabelecendo-se em Lisboa com grande negócio e a quem D. Afonso V tomou por escudeiro-fidalgo da sua Casa em agradecimento de ter mandado armar



Leme

à sua custa uma embarcação em que seu filho com gente de armas o foi servir em África. Martim Leme não se casou, mas teve em Leonor Rodrigues, mulher solteira, os seguintes filhos bastardos: Luis Leme, legitimado com todos os seus irmãos em 1464 por D. Afonso V, a pedido do pai, a quem se chama flamengo honrado, escudeiro e mercador em Lisboa, sem mais notícia; Martim Leme, gentil-homem da casa do Imperador Maximiliano I, sem mais notícia; António Leme, que passou a África a servir na guerra contra os Mouros, por ordem de seu pai, como se referiu acima, e se encontrou



Leme
(de António Leme)

na tomada de Arzila e na de Tânger no ano de 1463, por cujos serviços o Rei o fez fidalgo de sua Casa, de onde passou para a de seu filho, o Príncipe D. João, quando lhe pôs casa, que teve confirmação das armas paternas por Carta de 12 de Novembro de 1471 e se recebeu com D. Catarina de Barros, filha de Pedro Gonçalves da Clara e de sua mulher, Isabel de Barros, casamento que alguns atribuem a seu neto de igual nome, de quem descendem os Lemes da ilha da Madeira; Rodrigo Leme, sem geração; Catarina Leme, que se recebeu com Fernão Gomes da Mina, com geração, e Maria Leme, casada com Martim Denis, com geração.

O apelido na Flandres é *Lem*, cuja pronúncia se manteve em Portugal pela adição de um *e* final.

As armas dos Lemes, usadas na Flandres e em Portugal, são: De prata, com três merletas de negro. Timbre: uma merleta do escudo.

As armas usadas por António Leme e seus descendentes, conforme a Carta do Rei D. Afonso V, diferenciadas das de seu pai para as poder usar sem diferença de filho, mas como chefe de linhagem, são: De ouro, com cinco merletas de negro, postas em sautor. Timbre: uma aspa de ouro, carregada de uma merleta de negro.

LEMERCHIER. Família originária da Flandres, onde se chama *le Merchier*. Os *le Merchier du Payage*, nobilitados em 11 de Março de 1600, passaram a Portugal em época ignorada.

Têm por armas as seguintes: De prata, com banda de azul carregada de três viciras de ouro. Timbre: um mocho de ouro.

LE MOS. Família originária dos reis de Leão por provir da de Vila Mayor. Principiou em D. Bermudo Ordonhes, senhor de Lemos, filho de D. Ordonho, senhor de Lemos, e de sua mulher, D. Urraca Garcia. Em linha seguida conhece-se o seguinte: Vasco Lopes de Lemos, que viveu pelos anos de 740 e se encontrou com o Rei D. Afonso I na conquista de Lugo, pai de Lopo de Lemos, senhor do Vale de Lemos, cujo senhorio



Lemerchier

constava de vinte castelos, casado com Sancha de Saavedra, pais de Fernão Lopes de Lemos, casado com Eugénia Garcia, da família dos Osórios. Deste matrimónio nasceu Diogo Lopes de Lemos, que viveu no reinado de D. Afonso o Casto, casado com D. Entroda, filha dos senhores de Biscaia, de quem teve Afonso Lopes de Lemos, um dos treze da Ordem de Sant'Iago, dos que lhe deram princípio, marido de D. Estefânia Gonçalves, da casa de Lara, pai de Afonso Lopes de Lemos, casado com D. Maria Forjaz, da qual houve Lopo de Lemos, que esteve na batalha da Água de Maías, casado com D. Maria Fernandes, irmã do conde de Trava e filha de Fernão Peres. Nasceu deste casamento Afonso Lopes de Lemos, que se recebeu com D. Maior da Noboa e Meneses, de quem teve, entre outros, a Lopo Afonso de Lemos, pai de Rui de Lemos, que viveu no reinado de D. Afonso IV de Portugal, a quem serviu, pelo que recebeu mercê de várias terras. Seu filho, Vasco Martins de Lemos, foi alcaide de Beja e pai de Giraldo Martins de Lemos, instituidor do morgado do Calhariz, junto de Benfica, que viveu reinando D. Fernando I e foi cidadão de Lisboa e casado com Berengueira Anes. Este Giraldo Martins houve por filho a Gomes Martins de Lemos, aio do duque de Bragança, D. Afonso, que teve por mercê de D. João I para si e seus descendentes legítimos as fazendas pertencentes a Garcia Rodrigues Taborda, morto ao serviço de Castela, por carta de 27-VIII-1385, e, também, a vila de Oliveira do Conde, confiscada a João Fernandes Pacheco, que passara a servir o rei castelhano. D. João I lhe confirmou o morgado do Calhariz, nele instituído por sua mãe com a terça dos bens, confirmação esta feita por Carta de 27-XII-1396. Gomes Martins de Lemos contraiu matrimónio com Mécia Vasques de Góis, filha herdeira de Álvaro Vasques de Góis, senhor do morgado de Góis, de quem deixou geração, continuadora do apelido.

Não são concordes os autores em qual dos Lemos veio primeiro para Portugal, pois dizem uns que Rui de Lemos, como se refere acima, e outros que o avô deste Rui, assim como também discordam na ascendência do mesmo Rui de Lemos.

João Rodrigues de Sá, o ilustre quinhentista, dedicou aos Lemos estes versos:

*Antiguas, E nom modernas
de sangue nobre, E honrrado,
em escudo nom dourado
são douro çinquo cadernas,
mas de vermelho pintado.*

*Lemos he a geração
cujas estas armas são,
de Gualiza antigamente
a Portugal esta jente
veyo com justa razão.*

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, também celebrou a mesma linhagem, cantando-a deste modo:

*De Galiza são os Lemos
antigos fortes e nobres
como hoje em dia vemos
mas os de cá como pobres
por pobres os esquecemos.*

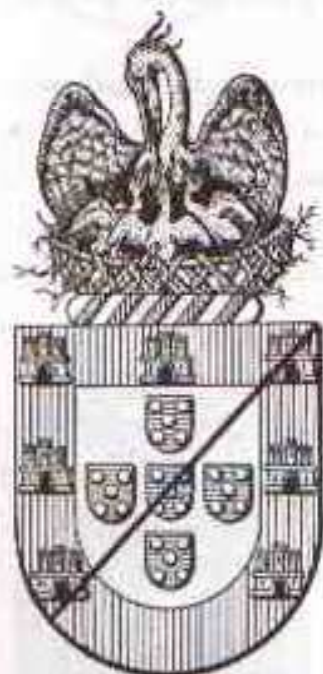


Lemos

É natural que o compilador dos versos misturasse os de João Rodrigues de Sá com os do bispo de Malaca, pois a estes junta mais duas quintilhas que são perfeitamente iguais às feitas por aquele.

As armas dos Lemos, usadas em Portugal e Espanha, são: De vermelho, com cinco cadernas de crescentes de ouro, postas em sautor. Timbre: uma águia de vermelho, armada de ouro, carregada de uma caderna de crescentes do mesmo no peito e assentada sobre um ninho de sua cor.

LENCASTRE. Uma das famílias mais nobres de Portugal pela sua origem régia, não muito antiga, pois descende de D. João II, que teve em D. Ana de Mendonça, filha de Nuno Furtado de Mendonça, aposentador-mor de D. Afonso V e do seu Conselho, e de sua mulher, D. Leonor da Silva, um filho bastardo, D. Jorge. D. Ana de Mendonça recolheu-se no mosteiro das Comendadeiras de Santos, em Lisboa, onde viveu honestamente e aí faleceu. Eram seus irmãos Jorge Furtado de Mendonça, comendador das Entradas, de Sines e da Represa, camareiro de seu sobrinho D. Jorge, e António de Mendonça Furtado, comendador de Veiros, do Cano, de Serpa e de Moura, na Ordem de Avis. Tomou D. Jorge o apelido de Lencastre, que lhe vinha por sua terceira avó a Rainha D. Filipa de Lencastre, mulher de D. João I, filha do Duque de Lencastre e irmã do Rei de Inglaterra. D. Jorge foi muito estimado do Rei seu pai que, morrendo-lhe em 1491 seu único filho legítimo, o Príncipe D. Afonso, de uma queda de cavalo, intentou instituir herdeiro do trono o bastardo, ao que se opôs a Rainha D. Leonor, sua mulher, que pretendia ficasse sucessor da Coroa seu irmão D. Manuel, Duque de Beja, o que se deu.



Lencastre

D. Jorge de Lencastre foi Duque de Coimbra por mercê de D. Manuel I, senhor de Montemor-o-Novo e de muitas outras terras e mestre da Ordem de Sant'Iago. Recebeu-se com D. Brites de Vilhena, filha do D. Álvaro de Portugal, justiça maior de Castela, filho do Duque de Bragança D. Fernando, e de sua mulher, D. Filipa de Melo, de cujo matrimónio deixou filhos: D. João de Lencastre, marquês de Torres Novas e 1.º Duque de Aveiro, casado com D. Juliana de Noronha, com geração; D. Luís de Lencastre, casado com D. Madalena de Granada, com geração; D. Afonso de Lencastre, casado com D. Violante Henriques, com geração; D. Jaime, bispo de Ceuta e capelão-mor da Rainha D. Catarina; D. Helena, comendadeira de Santos; D. António, frade graciano, e D. Jorge, frade jerónimo.

O apelido também se tem usado com as formas de *Alencastre* e de *Lancastro* ou *Lancastre*, esta a mais próxima do original.

As armas dos Lencastres são: De prata, com cinco escudetes de azul, postos em cruz, cada escudete carregado de cinco besantes de prata, postos em sautor; bordadura

de vermelho, carregada de sete castelos de ouro, e um filete de negro, posto em contra-banda e atravessante sobre tudo. Timbre: um pelicano ferido de vermelho, nos eu ninho, do mesmo.

LEOTE. V. *Liote*.

LIMA. É das famílias principais de Portugal, pois descende de D. Fernão Aires Baticela, chamado *o de Anho*, que se casou com D. Teresa Bermudes, filha de D. Bermudo Peres Potestade de Trava e de sua mulher, D. Teresa Henriques, irmã inteira do Rei D. Afonso Henriques, fundadores do mosteiro de Sobrado. Deste casamento nasceram D. João Fernandes de Lima, *o Bom*; D. Rui Fernandes Codorniz, que casou e teve geração; D. Gil Fernandes Baticela, que foi marido de D. Teresa Pais, filha de Paio Mendes Sored e de D. Ermezenda Nunes Maldonado, com geração; D. Maria Fernandes, sem mais notícia, e D. Teresa Fernandes, mulher de D. Lopo Rodrigues de Ulhoa.

D. João Fernandes de Lima, *o Bom*, foi o primeiro do apelido, que tomou da terra de Lima, na Galiza, a qual se chamava, então, de Limia, por ser daí natural. Recebeu-se com D. Beringueira Afonso de Baião, filha de Afonso Henriques de Baião e de sua mulher, D. Teresa Pires de Bragança, filha de D. Pedro Fernandes de Bragança, e de sua mulher, D. Froile Sanches, de quem teve D. Fernão Anes de Lima, continuador da linhagem e apelido. Casando D. João Fernandes segunda vez com D. Maria Pais Ribeiro, filha de D. Paio Moniz e de sua mulher, D. Urraca Nunes de Bragança, dela houve a Gonçalo Anes, que parece ter sido morto, junto de Granada, pelos Mouros; D. Teresa Anes, mulher de D. Mendo Garcia de Sousa, e D. Maria Anes, mulher do rei D. Fernando de Leão e depois mulher de D. Afonso Teles de Córdova.

A D. João Ribeiro Gaió, bispo de Malaca, se deve a seguinte quintilha, dedicada aos Limas:

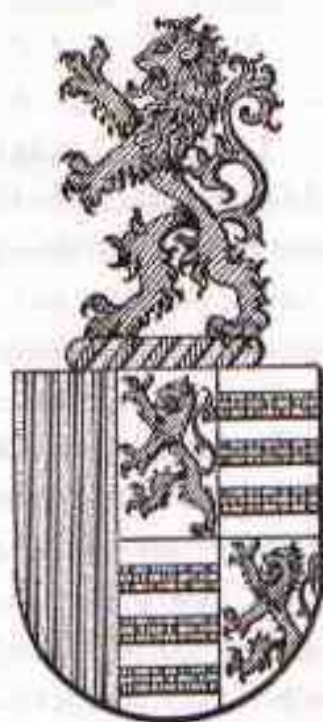
*Os reis godos de Aragão
e os Froyazes, e os de Trava
deste escudo avós são
domados da gente brava
que venceu sua nação.*



Lima (antigo)

São do genealogista Manuel de Sousa da Silva os versos seguintes, feitos à mesma família:

*Fernando Agnes de Lima
de Gallisa cá passou
E em Gallisa fundou
A casa de grande estima
Dos Viscondes se gerou.*



Lima (moderno)

As armas antigas dos *Limas* são: De ouro, com quatro palas de vermelho.

Modernamente usam as seguintes: Terciado em pala: 1, de ouro, com quatro palas de vermelho (*Limas*); 2, cortado: o primeiro de prata, com um leão de púrpura, armado e lampassado de vermelho (*Silva*); o segundo de prata, com três faixas xadrezadas de vermelho e de ouro, de três tiras (*Sotomaior*); 3, cortado de *Sotomaior* e de *Silva*. Timbre: o leão do escudo.

Alguns autores não dão o escudo terciado em pala, mas esquartelado de *Silvas* e de *Sotomaiors* e flanqueado à direita de *Limas*, o que é mais lógico.

LIMPO. Família alentejana, cujo membro mais antigo que se conhece é Álvaro Limpo, que por 1467 vivia na vila de Moura, se bem que se diga ter esta família origem em Mourão. Este Rui Limpo alcançou os reinados de D. Afonso V e de D. João II e de seu matrimónio deixou filhos que continuaram o apelido.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, referiu-se aos Limpos nos seus versos por esta forma:

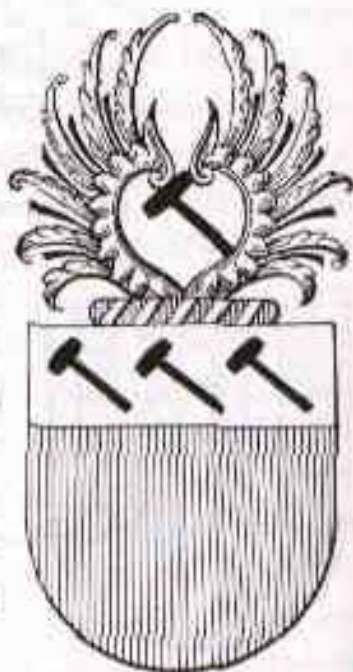
*Arcebispo e Primaz
O Limpo D. Baltazar
que em letras não teve par
foi o deste que aqui jaz
quase divino empregar,*



Limpo

As suas armas são: De ouro, com três bandas de vermelho carregadas de sete rosas de prata, abotoadas do segundo esmalte, 2, 3 e 2. Timbre: um pescoço e cabeça de galgo, de prata, coleirado de vermelho e guarnecido de ouro, com a boca aberta.

LINDE. Família flamenga da qual em 1500 já vivia em Lisboa Luís van der Linde, tio de Filipe van der Linden, cavaleiro de esporas douradas, senhor de Marneffo, na Flandres, e pai de João van der Linden, barão de Avoghenorst. É Luís van der Linden tronco dos Lindes portugueses. Sua filha Catarina van der Linden casou em 1603, em Lisboa, na freguesia de S. Julião, com Carlos Hustaerdt, natural de Antuérpia, pessoa opulenta de bens, a qual, já viúva, morreu em 1662 e se enterrou junto do marido no seu jazigo, na capela de Santo André, dos Flamengos, no mosteiro de S. Domingos. Tivera Catarina van der Linden três filhos, além de D. Maria Hustarte (forma portuguesa do apelido Hustaerdt), senhora que se recebeu com Francisco Pery, natural de Antuérpia, e deu origem à família Pery de Linde (v. *Pery*).



Linde

As armas dos Lindes, usadas na Flandres e em Portugal, são: De vermelho, com chefe de prata, carregado de três malhetes de negro postos em banda e alinhados em faixa. Timbre: um malhete do escudo posto em banda, entre duas asas à antiga, de prata. Suportes: à direita, um leão de ouro com uma bandeira com as armas do escudo nas mãos; à esquerda, um tigre rampante de sua cor, com uma bandeira de ouro, carregada de uma faixa de azul, entre três malhetes de vermelho, em banda, 2 e 1, nas mãos.

LIOTE. Família inglesa que veio para Portugal na pessoa de Gilbert Eliot, que acompanhou o Conde de Cambridge no auxilio prestado ao Rei D. Fernando I. Casou com D. ... Guterres Fernandes, filha de Fernão Guterres Telo, fidalgo castelhano e um dos vinte e oito que foram expulsos de Portugal em cumprimento do tratado de paz de Santarém, entre o rei português D. Fernando I e o castelhano D. Henrique II.



Liote

Gilbert Eliot fixou residência em Pernes e aos vinte e oito anos de idade alistou-se na hoste do Rei D. João I, a quem acompanhou a Ceuta, onde ficou e serviu com boa reputação. Contraiu matrimónio com D. Teresa de Vasconcelos, filha de Joane Mendes de Vasconcelos, senhor de Alvarenga e da terra de Parada, de quem teve Octávio Eliot, que foi pai de Fernão Liote.

De Gilbert Eliot foi quinto neto por varonia Francisco Liote, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, fidalgo da Casa Real, general da provincia do Alentejo e grande capitão feito pelo Rei D. Filipe III, que não somente lhe deu o foro de fidalgo, mas pelos assinalados serviços prestados em Tânger, lhe concedeu armas novas, por Carta de 22 de Julho de 1638.

Estas armas aludem à sua façanha de ter morto um leão que o atacara, junto daquela praça africana.

Casou Francisco Liote com Isabel Álvares Banha, de quem deixou geração que continuou aquele apelido, que geralmente se escreve Leote, embora pareça mais consentâneo com a forma inglesa a de Liote.

Os Liotes passaram de Pernes a Tânger e, mais tarde regressaram à Península, fixando-se na provincia do Algarve.

As armas concedidas a Francisco Liote são: De verde, com um braço armado de prata, movente do flanco esquerdo e com a mão de carnação, segurando pela orelha uma cabeça de leão de ouro, arrancada e ensanguentada. Timbre: o braço e a cabeça do escudo.

LIRA. Descende esta família da dos Travas, pois D. Pedro Fernandes de Trava teve de D. Elvira a D. Bermudo Peres Potestade, que houve de D. Godinha do Mato, senhora do couto de Lira, a D. Garcia Bermudes, o qual se recebeu com D. Urraca de Montenegro e teve Garcia de Lira e Lopo de Lira, fazendo deste alguns autores seu neto.



Lira

Garcia de Lira foi senhor de Lira, couto situado no bispado de Tui, na Galiza, a uma légua de Salvaterra e a outra do rio Minho. O seu descendente, Afonso Gomes de Lira, senhor de Lira e do Peço de Nogueira, fronteiro e alcaide-mor de Tui, passou a Portugal por não querer prestar obediência a D. Henrique, Rei de Castela. Serviu D. Fernando I de Portugal que no ano de 1369 o pôs por fronteiro-mor da raia da Galiza e Portugal e lhe fez mercê do préstamo de Romarigães, do senhorio de Cerez do Lira e da alcaidaria-mor de Braga. Casou-se com D. Mécia Anes do Canto filha de João Anes do Canto ou de Kant, condestável de Inglaterra, como dizem alguns genealogistas, da qual deixou geração que seguiu o apelido de Lira.

Nota-se nos livros de armas antigos grande confusão, porquanto dão aos Liras, Leiras e Leis as mesmas armas. Dizem alguns autores que Lira deriva de Leira, pelo que pode ser a forma Leis, corrupção do plural de Leiras, opinião que não é aceitável.

As armas que se lhe atribuem são: De ouro, com cinco coticas em banda, de azul. Timbre: um leão sainte, de ouro armado, lampassado de azul e carregado das peças do escudo.

LIS. Família que se diz existir já no tempo de D. Afonso IV, em cujo reinado, informam os genealogistas, veio para Portugal um fidalgo francês conhecido por Monsieur de Lis, a quem o mesmo soberano fez cavaleiro de sua Casa. Viveu em Setúbal, onde casou, tendo do matrimónio Lisuarte de Lis e Margarida de Lis, que se casou em Lisboa. Seu filho Lisuarte serviu os Reis D. Pedro e D. Fernando e teve o foro de cavaleiro de sua Casa. Morou, também, em Setúbal, e aí foi homem bom e exercitou o officio de juiz ordinário. Recebeu-se com Maria da Rocha, de quem deixou geração que continuou o apelido de Lis.

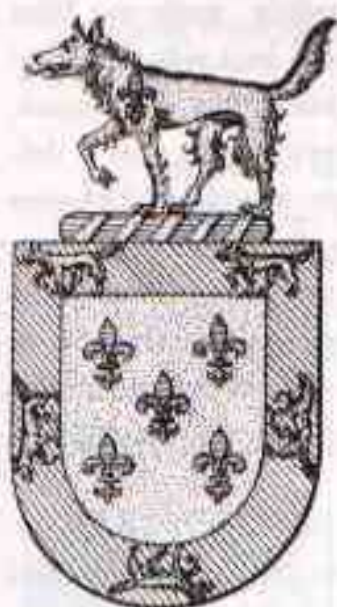
É possível que esta família não tenha origem francesa, mas tirasse o apelido do rio Lis e, também, que não seja tão antiga como acima se refere, pois Lisuarte é nome que aparece mais tarde.

As armas usadas pelos deste apelido são: De ouro, com sete coticas em banda de verde. Timbre: um leão sainte, de ouro, lampassado e coticado de verde.



Lis

LOBÃO. Família de Castela, donde veio para Portugal um fidalgo homisiado, que era natural de Arevalo, o qual matara o corregedor desta vila. Sabe-se que foi seu descendente João Esteves de Lobão, morador na Quinta de Teixeira, em Trás-os-Montes, que se casou com Maria Lopes, natural ou proveniente da vila de Almendra, em Ribacca. Deste matrimónio nasceu João de Lobão,



Lobão

herdeiro da fazenda paterna, casado com Isabel de Castro, filha de Pedro Vaz de Castro e de sua mulher, Branca Borges, dos quais proveio larga descendência com o apelido de Lobão. As armas usadas pelos Lobões são as seguintes: De ouro, com cinco flores-de-lis de azul postas em sautor; bordadura verde, carregada de cinco lobos passantes, de ouro, ou de seis. Timbre: um lobo passante de ouro, carregado de uma flor-de-lis de azul na espádua. Estas armas são as dos Lobosras.

LOBATO. Não se sabe ao certo a origem do apelido, que tanto pode ter principiado em patronímico, visto Lobato se nome próprio, como em alcunha. Nas *Inquirições* de Dinis há referência a D. Lobato de Lestosa, filho de D. Guterre Dias de Lestosa, senhor da herdade do Vilar. No tempo de D. Sancho II veio para Portugal, homisiado, por queimar um convento no couto de Melon, de que era senhor D. Vasco Lobato, fidalgo honrado da Galiza. Foi casado com D. Maria Saraça, filha de D. João Pires Saraça, faleceu em Portugal e parece que se enterrou no mosteiro de S. Domingos de Viana, em cuja vila viveu. Do seu matrimónio teve geração que seguiu o apelido.

*Veio Dom Vasco Lobato
Lá do couto de Melam
de Gallisa a Monção
Aonde neste tempo grato
Seus descendentes estão.*

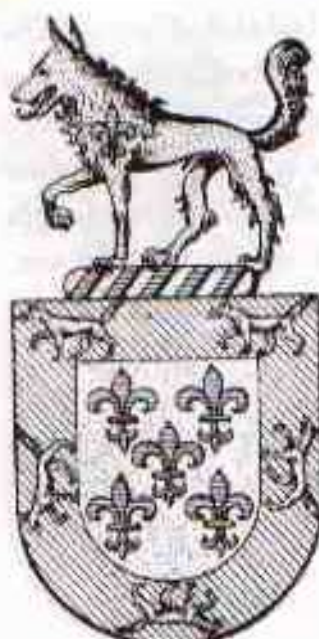
Manuel de Sousa da Silva, o insigne linhagista do século XVII, dedicou aos Lobatos a seguinte quintilha:

As armas deste apelido são: De vermelho, com três castelos de prata; bordadura de ouro, carregada de oito lobos passantes de negro. Timbre: um castelo de prata, rematado por um lobo de negro, sainte.



Lobato

LOBEIRA. Família galega que tem seu solar na quinta da Lobeira, comarca de Pontevedra, procedente de Rodrigo Sanches de Lobeira, primeiro bispo de Compostela. Passaram a Portugal no tempo dos primeiros Reis. Pedro Soares de Alvim, que primeiro se chamou da Pousada, por viver na quinta deste nome, na freguesia de São Miguel de Carvalho, concelho de Celorico de Basto, foi contemporâneo de D. Afonso III, casado e com geração legítima. Teve um filho natural por nome João Pires de Lobeira, que a instâncias suas e do bispo de Lisboa, D. Aires Vasques, foi legitimado pelo mesmo Rei a 6 de Maio de 1271. Não se conhecem Lobeiras na ascendência de Pedro Soares de



Lobeira

cordeiro de prata e cantonada de quatro cordeiros do mesmo, todos passantes. Timbre: um dos cordeiros do escudo.

Estas armas são anteriores a 1509, data do acabamento do *Livro do Armeiro-Mor*.

LOBO. A família dos Lobos é uma das mais ilustres da Península, porquanto provém dos senhores de Biscaia. O Conde D. Lopo Dias, nono senhor soberano de Biscaia, Nagera e Castela-a-Velha, falecido no ano de 1170, foi casado com D. Aldonça Rodrigues de Castro, filha de D. Rodrigo Fernandes de



Lobo

Alvim, pelo que é natural ter aquele apelido vindo ao filho pela parte materna, que se desconhece qual haja sido. O bispo D. Aires Vasques devia ser parente de João Pires de Lobeira, pois não somente se interessou pela sua legitimação, mas o deixou herdeiro dos bens que possuía. Supõe-se que os Lobeiras portugueses provenham deste João Pires de Lobeira.

As armas dos Lobeiras são: De ouro, com cinco flores-de-lis de azul, postas em sautor; bordadura de verde, carregada de cinco lobos passantes de ouro, lampassados de vermelho e postos no sentido da bordadura. Timbre: um dos lobos do escudo carregado de uma flor-de-lis na espádua.

LOBIA. Família de origem desconhecida, cujas armas são as seguintes, muito semelhantes às dos Galegos: De azul, com cruz cosida de vermelho, carregada ao centro de um



Lobia

Castro o Calvo, rico-homem, senhor de Cuellar e de sua mulher, D. Estevainha Pires, de cujo matrimónio teve D. Pedro Lopes, morador em Castro de Urdiales, na Cantábria, de quem nasceu D. Paio Peres. D. Paio Peres, que viveu também em Castro de Urdiales, acompanhou seu primo coirmão, D. Lopo Dias de Haro, senhor de Biscaia, quando D. Fernando, o Santo, o nomeou por general na conquista de Baeça, tomando a cidade aos Mouros a 30 de Novembro de 1227 com trezentos cavaleiros infanções, filhos de ricos-homens. Casou-se com D. Sancha e foi pai de D. Pedro Pais Lobo, que contraiu matrimónio com D. Maior de Moscoso, filha de Fernão Gonçalves de Moscoso, e, passando a Portugal, teve do Rei D. Sancho a mercê do senhorio da terra de Basto. Era primo de D. Mécia Lopes de Haro, a quem acompanhou quando veio casar com o soberano português, que o estimou como parente. D. Pedro Pais Lobo teve geração, pela qual se continuou o apelido.

A João Rodrigues de Sá, famoso quinhentista, se devem os seguintes versos, feitos a esta família:

*Em campo de prata tal
cinco lobos figurados
de negra tinta pintados
trazem os deste anymal
de suas armas chamados.*

*E destes estaa no syto
o dyno de ser [e]scrito,
por quem lhe de seu louvor,
Barão de Alvito seu senhor,
E Villa Nova daluyto.*

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, também lhe dedicou esta quintilha:



Lobo, do Bispo de Tânger, D. João

*Quem por livrar a donzela
matou os lobos que traz
na alta serra de guerra
se casou depois com ela
dando lhe e ladigo aprás.*

Trazem os Lobos por armas: De prata, com cinco lobos passantes de negro, armados e lampassados de vermelho, postos em sautor. Timbre: um dos lobos do escudo.

A D. João Lobo, bispo de Tânger, pelos serviços prestados na África, no Reino e fora dele, com muita diligência e fidelidade, tanto a El-Rei D. Manuel I, como a sua irmã a Rainha D. Leonor, lhe acrescentou o mesmo monarca as armas, por Carta de 24 de Junho de 1506, que ficaram assim constituídas: De prata, com cinco lobos passantes de negro, postos em sautor; cantão de vermelho, carregado de um castelo de ouro.

LOGIERS. Família holandesa que veio para Viana do Castelo, onde se ligou à dos Kampeneres, que ali se estabeleceu no período filipino pela passagem ao Reino de Guilherme de Kampener, natural de Antuérpia, mercador.



Logiers

As armas usadas pela família Logiers são: De verde, com asna esquartelada de ouro e de vermelho, acompanhada de três cabeças de leão de ouro.

LOMBARDO. Família que tirou o apelido de ser natural da Picardia, donde passou à ilha da Madeira João Lombardo. A este e a seus irmãos Filipe Lombardo e Gil Lombardo nobilitara o Imperador Maximiliano, fazendo-os fidalgos de cota de armas, de que João Lombardo apresentou traslado a D. Manuel I, pedindo-lhe confirmação, porquanto era morador no Reino em que esperava morrer. D. Manuel, por Carta de 1513, lhe confirmou as armas que seu primo Imperador dera aos três irmãos em atenção a serviços que eles lhe haviam prestado.



Lombardo

As armas dos Lombardos são: Franchado: o primeiro de ouro, com uma águia de vermelho, estendida, coroada e membrada de ouro; o segundo e o terceiro de prata, pleno; o quarto também de ouro, com uma estrela reluzente e uma aspa de vermelho, brocante sobre os traços do franchado. Timbre: duas asas de negro, adossadas e estendidas.

LOMELINO. Família italiana, natural de Génova, da qual passaram à ilha da Madeira dois irmãos, Urbano Lomelino e Baptista Lomelino. Urbano Lomelino fixou-se na vila de Santa Cruz, onde aumentou muito a sua fazenda. Possuía engenhos e navios, trazendo seu irmão no negócio que fazia. Edificou na mesma vila em 1518, com sua mulher, o mosteiro de Nossa Se-

nhora da Piedade, de frades franciscanos, o qual orçou com muita grandeza. Foi casado com Joana Lopes, filha de Isabel Correia e de seu marido, naturais da freguesia de Santana. Urbano Lomelino instituiu com sua mulher um vínculo, ao qual esta e sua mãe uniram os seus bens, também vinculados. Por não ter filhos Urbano Lomelino nomeou administrador do vínculo seu sobrinho Jorge Lomelino, filho do irmão. Sepultou-se na igreja paroquial da vila, sendo, por ordem de sua mulher, os seus ossos trasladados para a capela-mor da igreja do mosteiro que fundaram, para túmulo de jaspe, junto do altar, da parte do Evangelho, com suas armas. Sua mulher e sogra jazem em uma capela que propositadamente fizeram no dito mosteiro.



Lomelino

Baptista Lomelino vivia na ilha da Madeira, pelos anos de 1476, e sabe-se que deixou por filho legítimo a Jorge Lomelino, que teve o foro de fidalgo-cavaleiro em 1515, esteve na tomada de Azamor, sucedeu nos vínculos instituídos por seu tio Urbano, mulher e sogra, foi padroeiro do mosteiro de Nossa Senhora da Piedade, fundado pelo mesmo tio, e morreu a 9 de Dezembro de 1548, jazendo na capela-mor da mesma igreja. Do seu matrimónio com Maria Adão, filha de João Adão e de Leonor Gonçalves, teve vários filhos que propagaram o apelido.

O apelido em Itália é Lomellini e as armas que a família usa, tanto no país de origem como em Portugal, são: Cortado, de vermelho e de ouro. Timbre: um grifo, sainte, de negro.

LOPES. Existem muitas famílias deste apelido, que na origem é patronímico de Lopo, motivo da variedade de proveniência.

Os Lopes de Cidade Rodrigo, dos quais já havia ramo em Portugal nos finais do século XV, trazem por armas: Esquartelado: o primeiro e o quarto de azul, com uma estrela de ouro, de seis raios; o segundo e o terceiro de vermelho, com uma flor-de-lis



Lopes

de prata; bordadura de vermelho, carregada de oito aspas de ouro. Timbre: uma aspa da bordadura.

A João Lopes, cavaleiro da Cisa da Infanta D. Joana, filha de D. Afonso V, pelos serviços prestados a este Príncipe por mar e por terra, tanto nas partes de África, na expugnação da vila de Arzila e tomada da cidade de Tânger e na de Anafé, como nos Reinos de Castela, estando com seu Rei na batalha que ele teve com o da Sicília, lhe fez o soberano mercê de armas novas, por Carta de 6 de Junho de 1476, passada na cidade de Toro.

As armas concedidas por D. Afonso V são assim ordenadas: De azul, com uma palmeira de ouro, rematada por um corvo de negro, levantando voo. Timbre: o corvo do escudo, com um ramo de palmeira de ouro no bico.

A D. Toribio Lopes, deão da capela da Rainha e bispo de Miranda, concedeu D. João III, por Carta passada a 4 de Novembro de 1545, armas de mercê nova, em atenção aos serviços prestados à Rainha sua mulher em Castela e em Portugal, sempre com muita

lealdade. Tais armas são: Esquartelado: o primeiro e o quarto de azul, com três estrelas de ouro; o segundo e o terceiro de prata, com uma palmeira de sua cor, furtada de ouro; sobre o todo de azul, com uma cruz de prata, potenteia; bordadura de púrpura com as palavras: UNAM PETIT A DOMINO HANC REQUIRAM UT INHABITEM IN DŌMO DOMINI, em letras de ouro.

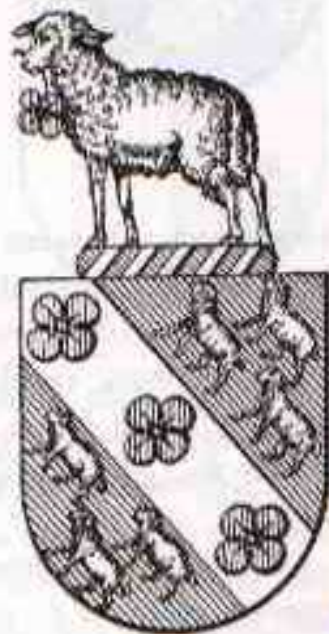


Lopes, de Toribio Lopes

pois as suas Inquirições aludem a que lugar de Lordelo, na freguesia de S. João, do julgado de Neiva, no Entre Douro e Minho, havia uma quinta honrada, assim como toda a aldeia, cujos senhores a traziam assim de posse imemorable. O apelido foi tomado deste solar, porém, não se conhece a família individualmente senão a começar no reinado de D. Afonso V, em que viveram Lopo Dias de Lordelo, provedor das capelas do mesmo príncipe, casado, com geração; Duarte Dias de Lordelo, seu irmão, conforme parece, casado com Francisca Mendes de Brito, filha de Francisco de Brito, com geração; Vasco Martins de Lordelo, que se recebeu com N... de Góis, de quem



Lopes
(de João Lopes)



Lordelo

LORDELO. Linhagem que parece já existir no tempo de D. Dinis,

teve descendência; João de Lordelo, morador no concelho de Benviver, escudeiro do Duque de Guimarães, D. Fernando, que depois o foi de Bragança, cunhado de D. Manuel, o qual teve privilégios de fidalgo por Carta de 30 de Outubro de 1475, e Brites de Lordelo, talvez irmã deste último, que teve, por seus serviços, mercê de quinze mil reais de tença cada ano para si e seus herdeiros, por mercê do *Africano*, de quem era criada, feita no ano de 1475.

As armas dos Lordelos são as seguintes: De verde, com banda de prata carregada de três quadrifólios de vermelho, acompanhada de seis cordeiros do segundo esmalte, passantes, postos em banda, 1, 2, 2 e 1. Timbre: um cordeiro do escudo, com um quadrifólio de vermelho na boca.

LORENA. Família das mais distintas de França, a qual teve o título de Duque de Lorena, sendo o primeiro Frederico de Lorena, terceiro do nome, que se recebeu com Isabel de Áustria, filha de Alberto I, o *Liberal*, 13.^o Duque de Áustria e 12.^o Conde de Aubsburgo, de quem teve geração em que se continuou o apelido e o título. Acha-se esta família unida a quase todas as grandes Casas da Europa, pois não somente recebeu sangue delas tanto das reais como das particulares —, mas porque dela procedem nobres e reis de muitos países. Deste Duque de Lorena, Frederico, e de sua mulher Isabel de Áustria, foi décimo neto por varonia Luís de Lorena, sucessor da Casa paterna, Conde de Armagnac e Príncipe de Harcourt, estribeiro-mor de Luís XIV, Rei de França, casado com Catarina de Neuville, de quem teve Henrique de Lorena e a Princesa Margarida Armanda de Lorena, terceira mulher de D. Nuno Álvares Pereira de Melo, 1.^o Duque do Cadaval, 4.^o Marquês de Ferreira e 5.^o Conde de Tentúgal, com o qual se recebeu em França a 25 de Julho de 1675. Seu irmão Henrique de Lorena foi Conde de Brione e estribeiro-mor de França, morrendo em vida do pai, e do seu matrimónio com Maria Madalena de Espinay houve a Luís de Lorena, Príncipe de Lambese, Conde de Brione e de Braine, grão-senescal hereditário de Borgonha, governador de Anjou, etc., casado com Joana Henriqueta Margarida de Durlfort. Nasceu deste casamento a Princesa Henriqueta Júlia Gabriela de Lorena, chamada Mademoiselle de Braine, com a qual casou em Paris, aos 12 de Maio de 1739, o seu parente em segundo e



LORENA

terceiro grau D. Jaime de Melo, 3.^o Duque de Cadaval, 5.^o Marquês de Ferreira e 6.^o Conde de Tentúgal.

Francisco de Lorena, Conde de Rieux, Príncipe de Harcourt, primo coirmão de Luís de Lorena, casado com Catarina de Neuville, recebeu-se com Ana de Ornano e teve a Princesa Maria Angélica (ou Catarina) Henriqueta de Lorena, que foi segunda mulher do 1.^o Duque do Cadaval, com quem se consorciou em França a 2 de Fevereiro de 1671.

Destes três matrimónios dos Duques do Cadaval com os Lorenas houve sempre geração, porém, a do casamento ultimamente referido se continuou por linha feminina, por morrer menino o único varão dele nascido.

As armas dos Lorenas são: De ouro, com banda de vermelho, carregada de três ale-
riões de prata; bordadura do segundo esmalte, carregada de oito besantes de ouro.



Lorme

LORME. Diz-se que a família de Lorme é de origem francesa, porém não se encontram em França as armas que usaram em Portugal. Ignora-se a sua origem e genealogia, sabendo-se, apenas, que a José Miguel Aires, capitão-mor da cidade do Grão-Pará, no estado do Maranhão, e a seu irmão André Miguel Aires, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, e de sua mulher D. Maria Antónia da Assunção, netos paternos de André Michel e de Catarina Michel, tiveram Carta de brasão de armas passada a 30 de Abril de 1751, para obtenção da qual justificaram descender de várias famílias, entre elas da de Lorme.

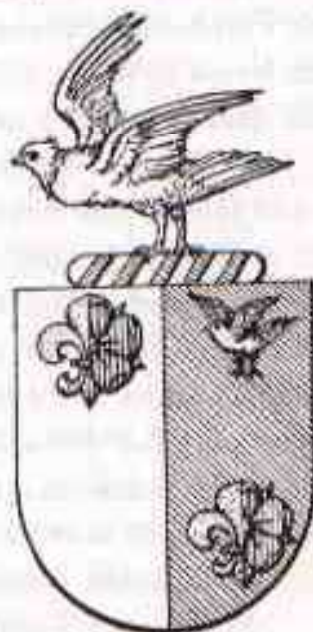
As armas que se atribuem a este ramo são as seguintes: De negro, com três bandas de prata. Timbre, um leão de sua cor, armado e lampassado de vermelho, empunhando uma espada de prata na garra direita, guarnecida de ouro.

LORONHA. Pretendem alguns autores genealogistas que a família Loronha é diversa da dos Noronhas, afirmando que a mudança de inicial naquela, aparecida posteriormente, foi

propositada. Se por um lado se verifica que os Loronhas se designaram sempre assim, por outro se vê que os linhagistas trocam o *N* por *L* com muita facilidade quando tratam dos Noronhas. Alguns linhagistas dão começo a esta família em Martim Afonso de Loronha, que dizem que era inglês e passou a Portugal, o que não é crível, pelo seu nome, de aspecto peninsular. O padre António Soares de Albergaria, consciencioso heraldista do século XVII, informa que a diferença entre Noronhas e Loronhas é de que os primeiros eram senhores da vila de Noronha, nas Astúrias, e de que os segundos tomaram o apelido da mesma vila, por terem vindo de lá, mas os Reis portugueses para não haver confusão entre as duas famílias mudaram a esta última o *N* inicial em *L*.

Martim Afonso de Loronha foi pai de Fernão de Loronha e de Martim Afonso de Loronha, escrivão do mestrado da Ordem de Cristo. Fernão de Loronha esteve em Inglaterra, de onde trouxe Carta de brasão de armas novas, dada pelo soberano inglês com meia rosa das armas reais, que ele apresentou a D. Manuel, pedindo autorização para poder usá-las em Portugal.

O Rei português não atendeu o pedido, mas prometeu por alvará de lembrança, passado a 26 de Agosto de 1506, dar-lhe Carta de armas, nas quais entraria a meia rosa concedida pelo Rei de Inglaterra ou outras quaisquer, o que faria quando algum dos reis de armas estivesse na Corte.



Loronha

Morreu D. Manuel I sem fazer a mercê e Fernão de Loronha pediu ao D. João II lhe confirmasse por Carta o alvará de seu pai, o que fez a 28 de Junho de 1524.

Este Príncipe, atendendo aos serviços prestados a seu pai e a ele próprio por Fernão de Loronha, o tirou do número geral dos homens e conto plebeu, reduzindo-o ao conto, estima e participação dos nobres fidalgos de limpo sangue e o fez fidalgo de cota de armas, dando-lhe por armas as que trouxera de Inglaterra, acrescentadas, o que tudo consta de Carta passada a 3 de Setembro de 1532. Fernão de Loronha foi cavaleiro das Casas de D. Manuel e D. João III e descobridor da ilha que se chamou de Fernão de Loronha e à qual ele pôs no me de S. João Baptista por a ter achado no dia deste santo, de que o Rei Venturoso lhe fez mercê com grande jurisdição.

O referido padre Soares de Albergaria diz que Fernão de Loronha foi mercador, o que talvez possa explicar a sua estada na Inglaterra, e que conforme achou num escrito se baptizara em pé e que diziam lhe servira de padrinho o Conde de Linhares, D. António de Noronha, que ao tempo era escrivão da Puridade de D. Manuel. Este Conde de Linhares, o primeiro do título, sendo padrinho do baptismo de Fernão de Loronha bem o pode ter sido, também, de seu pai e irmão e, assim, ainda mais verosimil se tornara a mudança da letra inicial, para diferenciar a família de cristãos-novos da de cristãos-velhos que a apadrinhara e lhe dera apelido. A origem judaica da família foi, talvez, causa do mistério que a envolve.

É, contudo, duvidosa a mudança da inicial com o fim de constituir diferença de origem.

As duas letras equivalem-se e assim se verifica, por exemplo, em *lível* e *nível*. A razão de Fernão de Loronha não ser da linhagem dos Noronhas é inaceitável como justificativa da forma Loronha, pois os maiores fidalgos deram os seus apelidos a escravos e afilhados de qualquer raça e origem, quando os apadrinharam.

Quer por a mudança da letra inicial não ter valor, quer para se integrar na qualificada família dos Noronhas, fazendo assim desaparecer o sinal da sua origem hebraica e, ao mesmo tempo, adquirir maior consideração, os descendentes abandonaram aquela forma e, actualmente, se chamam Noronhas, parecendo que nenhum retém a de Loronha.

As armas dos Loronhas são: Partido: o primeiro de prata, com meia flor-de-lis de ouro unida a meia rosa de vermelho em chefe; o segundo, de verde com meia flor-de-lis de ouro unida a meia rosa de vermelho, em ponta, encimada por uma pomba de prata, voante. Timbre: a pomba do escudo.

Braamcamp Freire classificou de confusa a descrição da carta régia de 1532 e seguiu fonte menos autorizada, onde se encontram as armas por forma diversa da aqui referida.

LOSSIO. Família alemã, de que passou um ramo a Portugal. As armas que usa são as seguintes: De azul, com um grifo de ouro, acompanhado de três folhas de plátano de prata, 2 e 1. Timbre: um grifo de sua cor, com um alfanje na garra direita e três estandartes pequenos, de cavalaria, que o cercam.



Lossio

LOUREDO. Esta família provém de Fernão Branco, o *Velho*, de Louredo, que de sua mulher teve a Henrique Fernandes, o qual, casando-se, houve a Fernão de Louredo, morador na Terra de Santa Maria. Este teve do matrimónio a Henrique Fernandes e a D. Urraca Fernandes, mulher de Estêvão Ermigues de Teixeira, nascendo do casamento do primeiro Rodrigo Henriques de Louredo, que se recebeu com D. Maria Gonçalves de Barbudo, filha de Gonçalo Pires de Belmir, da qual houve Estêvão Rodrigues, morador na Terra de Santa Maria, que se casou com D. Margarida Pires Pimentel, filha de Pedro Pimentel e dela teve Pedro Esteves de Vilamaior e Fernão Branco, os quais deixaram geração legítima que, parece, não seguiu o apelido de Louredo.

O solar deste apelido é S. Vicente de Louredo, na terra de Santa Maria. Encontra-se esta família também designada *Lauredo*, vocábulo com o mesmo significado, de forma mais próxima do latim. Pretendem certos autores que *Larzedo* seja, também, designação da mesma família, mas nesta não há senão aproximação de sons e comunidade de armas. No *Livro do Armeiro-mor*, terminado em 1509, figuram somente as armas dos Larzedos, que posteriormente se vêem atribuídas a Louredos e Lauredos. Não há notícia, modernamente, do apelido de Louredo ou Lauredo. (V. *Larzedo*, para as armas que pretendem lhe pertencam).

LOUREIRO. Família antiga da Beira, que descende de Daganiel, fidalgo que viveu na quinta do Loureiro, situada na freguesia de Santa Maria de Sirgueiros, termo de Viseu, da qual tomaram apelido seus descendentes. Casou com Sancha Gonçalves e ambos fundaram a igreja da mencionada freguesia, com a condição de nela sempre ser abade uma pessoa da sua geração, dando ao bispo de Viseu, por a sagrar, um casal no mesmo lugar. Alguns autores dão por filhos a este casal, o que não é aceitável pelos patronímicos e pela cronologia, Joane Anes de Loureiro, fidalgo honrado da Casa dos Reis D. Pedro I, D. Fernando I e D. João I, nas quais teve foro o qual dotou com suas irmãs a igreja de Sirgueiros, fazendo-a padroado para seus descendentes. Casou com Catarina de Figueiredo, de quem teve geração: Aldonça Anes de Loureiro, mulher de Rodrigo Afonso Machado, senhor de Sandomil; Catarina Anes de Loureiro, que se recebeu com João Afonso



Loureiro,
de Luis Loureiro

de Sá, rico-homem; e Maria Anes de Loureiro, mulher de Álvaro Gil Cabral, senhor de Azurara e Belmonte. Esta Catarina Anes foi, conforme alguns genealogistas, filha de Joana Anes e não sua irmã. Outros autores dão aos quatro irmãos por pai um João Loureiro, fidalgo antigo, de Viseu, cujo apelido tomou das fazendas que tinha no lugar do Loureiro, próximo desta cidade. Igualmente divergem as opiniões acerca dos casamentos das irmãs de Joane Anes de Loureiro, assim como dos pais da mulher deste, embora a dêem por membro da família dos Figueiredos.

Os Loureiros não têm armas próprias, pelo que usam as dos Figueiredos em razão do casamento deste Joane Anes. A um terceiro neto por varonia de Joane e de sua mulher

Catarina de Figueiredo, chamado Luís de Loureiro, acrescentou D. João III suas armas por Carta de 26 de Julho de 1551, em atenção aos muitos serviços que lhe prestou, tanto na Corte como fora dela e na África, na guerra contra os infiéis e principalmente no ano de 1534, quando foi por capitão à cidade de Safim, defendendo-a do ataque dos Mouros, assim como no tempo em que esteve por capitão da vila de Mazagão e em muitas outras ocasiões, nas quais deu sempre provas do seu grande valor. Teve geração legítima, que se extinguiu, e em Brites de Escovar dois bastardos, um varão e uma fêmea, ambos religiosos. O vínculo passou à linha de Nuno de Barros de Loureiro.

O acrescentamento de armas concedido a Luís de Loureiro foi ordenado desta forma: Esquartelado: o primeiro, de vermelho, com uma cidade de prata, aberta, iluminada e lavrada de negro, ladeada à esquerda de uma escada de ouro, lançada contra as suas ameias; o segundo e terceiro, de vermelho com cinco folhas de figueira de verde, perfiladas de ouro, com os pés do mesmo, postas em sautor (Figueiredo); o quarto, de ouro, com uma bandeira de verde, hasteada de vermelho com ferro de prata, partido de vermelho, com uma bandeira de prata, hasteada de ouro, com ferro de sua cor. Timbre: meio-mouro de sua cor, com as mãos atadas de ouro (o alcaide de Azamor), sustido por dois braços de leão de vermelho, passados em aspa, tendo cada um na mão uma folha do escudo.

LOURENÇO. Este apelido foi patronímico na origem, pelo que não se sabe quantas famílias haverá diferentes. João Lourenço, amo do Conde de Faro, prestou grandes serviços a D. Afonso V, tanto no Reino como na África e noutras partes, quer por mar quer por terra, pelo que o dito príncipe lhe fez mercê nova, por Carta de 5 de Setembro de 1475, das seguintes armas: De azul, com três estrelas de ouro, de oito pontas; chefe endentado do mesmo.

Estas armas são iguais às que usam os Borrachos, pelo que é natural que João Lourenço fosse desta família ou que a sua geração com ela se misturasse.



Lourenço
(de João Lourenço)

LOUSADA, Família da Galiza, onde era principal, que passou a Portugal no tempo de D. Afonso V.

João de Lousada de Ledesma, irmão de Henrique e de Gonçalo Lousada de Ledesma, veio da Galiza, com seus irmãos, e estiveram os três na batalha de Toro. Recebeu-se com Senhorinha do Rego Borges, filha herdeira de Afonso de Mansilha, fidalgo galego, e de sua mulher, Catarina Rodrigues Borges, de quem teve geração que continuou o apelido de Lousada.

As armas dos Lousadas são: De prata, com duas rochas de lousa de púrpura, moventes do flanco esquerdo do escudo e dois lagartos de sua cor, saintes em faixa das



Lousada

fendas das lousas. Timbre: um braço armado de prata, com a mão de carnção segurando um dos lagartos.

Outros trazem as seguintes armas: Cortado: o primeiro de vermelho, com um leão de ouro, com uma espada na garra direita; o segundo de vermelho, com cinco crescentes de prata, deitados. Timbre: o leão do escudo.

LUCAS. Originalmente não foi apelido, mas patronímico, o nome desta família. Os genealogistas pretendem que os Lucas viessem de Espanha, de Sabóia ou de Inglaterra, onde existiam famílias do mesmo nome. Alguns



Lousada (outros)

dizem que é portuguesa e originária da vila de Belmonte, se bem que a pessoa mais antiga que apontam não seja dali natural, nem moradora. É ela João Rodrigues Lucas, pessoa principal na vila de Alcácer do Sal, casado com Mécia Gil Salema, irmã de Cristóvão Salema, a qual enviuvando se recebeu com Afonso Dinis, que parece ter sido pai de outro de igual nome, passado à Índia como capitão de uma nau nos primeiros anos depois do seu descobrimento. João Rodrigues e sua mulher tiveram geração que continuou o apelido.

As armas que usam em Espanha e Portugal são as que seguem: Cortado: o primeiro de prata, com cinco pêras de sua cor, com pés e folhas; o segundo de azul, com três faixas de ouro. Timbre: uma pêra do escudo.



Lucas

LUCENA. Família espanhola, originária do lugar de Lucena, na Andaluzia, de que passaram dois ramos a Portugal. O primeiro parece que foi o de Vasco Fernandes de Lucena, personagem que nos cargos e até no nome anda confundida com o Dr. Vasco Fernandes de Lucena, grande letrado e embaixador ao Papa, que parece ser seu filho ou neto. Àquele se atribui naturalidade castelhana, ter vindo no reinado de D. João I, o haver sido embaixador de D. Duarte ao concílio de Basileia e seu desembargador. O segundo, que viveu notempo de D. João II, recebeu-se com D. Violante de Aboim da Silva, filha de João Lopes Azevedo, senhor de São João de Rei, Aguiar e Pena, e de sua mulher D. Leonor Leitão, de quem teve vários filhos, alguns dos quais seguiram o apelido de Lucena e outros o de Azevedo. Contraiu segundas núpcias com D. Branca de Eça, filha de D. Fernando de Eça, de

quem não teve geração, passando esta senhora a novo matrimónio com João Rodrigues de Azevedo, o Elói.

Do outro ramo sabe-se que N... de Lucena teve: Ferrão de Lucena, protonotário apostólico em Castela no tempo de Henrique IV e dos Reis Católicos D. Fernando e D. Isabel, que o enviaram no ano de 1475 por embaixador ao Rei de Inglaterra, Henrique VII, a tratar do casamento da Infanta D. Isabel com o príncipe de Gales, seu filho, sem terem dado conhecimento disto ao Rei de Aragão, D. João, pai del-rei D. Fernando, do que ele se queixou; e Grácia de Lucena, que se recebeu com Gomes de Alvarado, de quem houve a Afonso de Lucena, casado com Ana de Fontes. Deste, foi filho Fernão de Lucena, fidalgo que era parente de João de Ulhoa ou de sua mulher D. Maria Sarmiento, filha do Conde de Salinas, o qual nasceu na vila de Lucena. João de Ulhoa, fidalgo castelhano, alcaide-mor de Câmara, senhor de Samora, tomou o partido de D. Afonso V, entregando-lhe a cidade de Toro, pelo que este Príncipe lhe fez mercê de



Lucena

Castelo Rodrigo, com seu termo, para casar sua filha, D. Isabel de Ulhoa, com o 3.^o Conde de Marialva, D. Francisco Coutinho, filho do 2.^o Conde do mesmo título, D. Gonçalo Coutinho, e de sua mulher, D. Brites de Melo, casamento que se efectuou, mas de que não ficou geração, pelo que o referido Conde se tornou a receber com D. Brites de Meneses, de quem teve D. Guiomar Coutinho, mulher do Infante D. Fernando, filho de D. Manuel I. João de Ulhoa enviou Fernão de Lucena a Portugal para fazer ajuste sobre a vila de Castelo Rodrigo com a Condessa de Marialva, ajuste este que se deve presumir fosse



Lucena (outros)

com a Condessa segunda mulher do 3.^o Conde de Marialva, por Castelo Rodrigo ter sido dada para casamento da primeira mulher, filha de João de Ulhoa, falecida sem geração, motivos que certamente ele alegava para recuperar o senhorio daquela vila. Fernão de Lucena foi hóspeda da Condessa, a favor de quem sentenciou, pelo que os filhos de João de Ulhoa e seus parentes se malquistaram com ele. Por esta causa ficou em Portugal, fixando-se na vila de Leomil, bispado de Lamego, sendo já viúvo de Leonor de la Penha e com três filhos que trouxera, conforme informam alguns autores, ou casando neste Reino com Isabel de Proença, filha de Luis de Proença, estribeiro do Infante D. Fernando, e, também, com Leonor Monteiro, viúva de João Pinto de Vasconcelos, filha de Lopo Martins Monteiro. Teve diversos filhos, que tomaram o apelido de Lucena, sendo o primogénito Afonso de Lucena, que serviu a Infanta D. Guiomar, filha do Conde de Marialva, e se consorciou com Catarina Saraiva, filha de Fernão de Matos, de quem teve geração.

Os Lucenas, que tiveram sua origem em Leão, passaram à Andaluzia pelos anos de 1235 e depois a outras partes da Espanha, formando ramos com armas diversas.

Usam os descendentes de Vasco Fernandes de Lucena as seguintes armas: De azul, com um sol de ouro; bordadura de prata, carregada de oito cruzes florenciadas de verde. Timbre: uma aspa de ouro, carregada de cinco cruzes do escudo.

Os que provêm de Fernão de Lucena trazem: Esquartelado: o primeiro de azul, com um sol de ouro; o segundo de púrpura, com um leão de ouro, segurando na mão direita um livro aberto; o terceiro de vermelho, com uma dobre cruz de ouro, acompanhada de seis besantes, tudo de ouro, e um debrum do mesmo; e o quarto de ouro, com três bandeiras de azul, as duas do chefe em pala, a da direita voltada e a da ponta em faixa; ponta embutida de negro, com chamas de sua cor e o todo com bordadura de prata, carregada de oito cruzes florenciadas de verde. Timbre: uma aspa de ouro, carregada de cinco cruzes florenciadas de verde.

Estas armas são as do ramo de Vasco Fernandes de Lucena, misturadas com as dos Lucenas das vilas de Espejo, Aguilar, Lucena e outros lugares vizinhos, embora A. Braamcamp Freire as atribua aos Lucenas, morgados dos Peixinhos, descendentes de Fernão de Lucena.

LÚCIO. Família flamenga, que passou a Portugal na pessoa de Adrião Lúcio, fidalgo, que pediu a D. João III lhe mandasse registrar nos livros do Reino as armas que trouxe do seu país, as quais eram: De azul, com uma ribeira ondada de prata, posta em banda, carregada de um lúcio de sua cor e ladeada de dois leões de ouro, armados de vermelho, afrontados e trepantes. Timbre: um dos leões do escudo com o peixe na garra direita.

LUGO. Família das mais ilustres da Galiza, que descende, por varonia, dos antigos Reis godos e por alianças de D. Fruela II de Leão. D. Garcia Froila de Lugo, rico-homem de Leão, meirinho-mor do Reino de Galiza, governador da cidade de Lugo, senhor do solar e bens da casa deste apelido por morte de seu sobrinho D. Rui Gomes de Trastámara, foi pai de João Fruela de Lugo, casado com D. Sancha Lopes de Ulhoa, de quem teve Lopo Romães de Lugo, sucedeu na casa a seu pai, viveu com grande estimação na cidade de Lugo e teve D. Sancho Romães de Lugo. Este sucedeu na casa paterna, foi rico-homem de D. Afonso IX, Rei de Castela e de Leão, pertenceu ao seu Conselho e teve o ofício de falcoeiro ou caçador-mor do mesmo soberano. Foi, também, caudilho da gente de Lugo e esteve na batalha das Navas de Tolosa. Do seu casamento com D. Aldonça de Seixas houve a Rui Fruela de Lugo, que no ano de 1212 se achou na mencionada batalha com seu pai, a quem sucedeu na casa. Recebeu-se com D. Elvira Álvares de Seixas, da qual teve a Fernando Anes de Lugo e a Álvaro Anes de Lugo, que se achou no ano de 1248 na tomada de Sevilha e é tronco dos Lugos da Andaluzia.



Lúcio

Fernando Anes de Lugo succedeu na casa paterna, viveu na cidade de Lugo, onde teve cargos honrados e jaz na capela de S. Froilão, bispo de Leão, na mesma cidade, havendo contraído matrimónio com D. Inês da Nóvoa de Bolonhos, de quem deixou geração.

Até aqui parece muito duvidosa a ascendência da família, porquanto há patronímicos inexplicáveis, o que mostra o pouco escrúpulo com que foi traçada. Por filho deste Fernando Anes de Lugo e de sua mulher, D. Inês das Nóvoa, dão Lopo Peres de Lugo, a partir do qual já se nota alguma observância na regra dos patronímicos, se bem que ainda a linha genealógica não seja de confiança. Fernão de Lugo, filho de Lopo Afonso Anes de Lugo e de sua mulher, D. Ana de Andrade, foi pajem dos Reis Católicos, cujo serviço abandonou, passando a Portugal sentido da morte que estes Príncipes deram a seu tio Álvaro Anes de Lugo. Em Portugal instituiu morgado de seus bens com obrigação de os descendentes usarem sempre as armas e apelido de Lugo. Casou com D. Maria de Moscoso, de quem deixou geração, e foi sepultado em capela própria no mosteiro de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, que ficou pertencendo aos Marqueses do Turcifal, sem descendentes.

Pedro Escudeiro de Lugo e sua mulher, D. Inês de Ulhoa, foram pais de Pedro Álvares de Lugo, que estudou Direito e, passando-se a Portugal pelo mesmo ressentimento da morte de Álvaro Anes de Lugo, seu tio, seguiu neste Reino a carreira das Letras e foi corregedor do Porto. Casou com sua parenta D. Maria de Seixas, de quem teve geração.

As armas dos Lugos são as seguintes: De vermelho, com uma cruz florenciada de ouro, cheia de verde, cantonada de quatro espigas de segundo esmalte, moventes dos ângulos da cruz para os ângulos do escudo.



Lugo

LUÍS. Patronímico vulgar, o de Luís veio a converter-se mais tarde, pela perda da função, em apelido. São numerosas as famílias do mesmo nome por terem sido muitas as pessoas que deram origem a este patronímico.

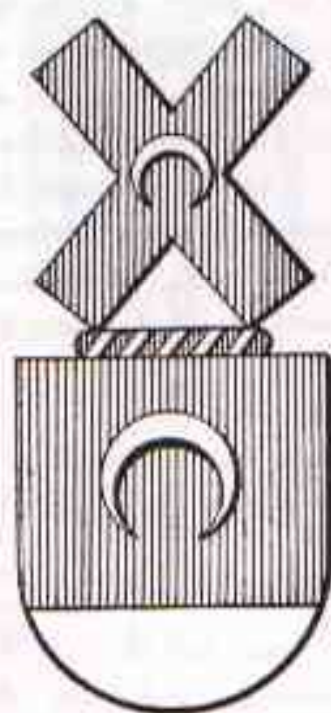


Luís, de Fernão
Luís

D. Afonso V, atendendo a que Fernão Luís, cavaleiro de sua Casa, morador na cidade do Porto, lhe prestara grandes serviços nas partes de África, na expugnação de Arzila e na tomada de Tânger contra os infiéis, e, também, em Castela, aturadamente, assim como pela sua bondade, discrição e virtudes, o tirou do conto plebeu, elevando-o à classe da nobreza e dando-lhe armas novas por Carta de 13 de Novembro de 1475, as quais são como seguem: De azul, com uma torre de prata, aberta e iluminada de verde, e um caneiro também de verde em frente dela; a torre ladeada, à esquerda, de um leão de ouro, trepante contra as ameias.

LUNA. Descendem os Lunas dos Reis de Navarra pois D. Garcia, Rei de Navarra, e sua mulher D. Estefânia, foram pais do Infante D. Fernando, que herdou da mãe as vilas de Bauta, Cacunida e Oprela e se casou com D. Nuna, filha de D. Inigo Lopes, o *Esquerro*, sexto senhor de Biscaia. O Infante D. Fernando vivia em 1060 e do referido matrimónio teve D. Lopo Fernandes ou Ferrench, infanção e rico-homem de Aragão, casado com D. Ximena, filha de D. Martim Gomes, o *Grande*, de sangue real, nascendo deste casamento D. Bacala de Luna, um dos maiores ricos-homens de Aragão, no seu tempo, povoador da vila de Luna, de que tomou apelido. O Rei D. Sancho Ramires o fez Conde de Luna em 1093, pelos seus grandes serviços. À sua iniciativa e valor se deve a conquista aos Mouros da vila de Fahaste, nas margens do Ebro, e o se haverem tornado tributárias do referido soberano muitas outras vilas que pertenciam aos Mouros. Esteve na batalha de Alcoras em 1096, vindo a morrer em 1115 ou 1117.

Foi seu filho D. Lopo Ferrench segundo senhor da vila de Luna e seus estados, esteve com seu pai na batalha de Alcoras e morreu em 1136, no campo de Huesca, com quatro cavaleiros da sua linhagem, em serviço do Rei D. Ramiro, o *Monge*. Recebeu-se com D. Urraca, irmã de D. Pedro Atares, senhor de Borja, de quem houve a D. Pedro Lopes de Luna, terceiro senhor de Luna e seus estados, serviu o Príncipe D. Ramon e esteve em Huesca no ano de 1162, nas Cortes da rainha D. Petronilha. Vivia em 1170, havendo-se consorciado com D. Maior Palas, senhora de Lucerniste, filha de D. Artal Mir, Conde de Palas, senhor de Rideboyle e Tiraga. Deste matrimónio nasceram filhos, que continuaram o apelido de Luna. D. Rodrigo de Luna, filho de outro do mesmo nome e de sua mulher D. Elvira, passou a Portugal por haver morto na Galiza um fidalgo e se começou a chamar Rui Fernandes de Luna, nome que se diz ser também o de seu pai, a fim de se encobrir, o que justificou seu neto João Jácome de Luna, como o atesta uma certidão passada a seu trineto Miguel de Vasconcelos, secretário de Estado, por Gaspar de Faria Severim, também secretário de Estado, em 1638, mencionando a referida justificação, feita em 1576. Este D. Rodrigo de Luna comprou a quinta de Sequeiros, junto de Ponte do Lima, na qual viveu. Casou em Viana do Castelo com D. Mécia Fernandes Soares de Albergaria, filha de Fernão Anes Ferraz, e de sua mulher, Guiomar Álvares Soares de Albergaria, de quem teve geração.



Luna

As armas usadas pelos Lunas, tanto em Espanha como em Portugal, são: De vermelho, com um crescente invertido de prata, e uma campanha do mesmo. Timbre: uma aspa de vermelho, carregada de um crescente invertido de prata, posto no centro.

LUPI. Família nobre de Itália que antes de 1276 já figurava entre as vinte e oito mais antigas de San Gimignano, em cuja cidade se admira uma poderosa torre que lhe pertenceu até o século XIV. Durante séculos a família dos Lupi teve sempre uma galera armada no porto de Pisa e desde o ano de 1200 foi senhora do território da Montione,

onde possuía castelo. Em 1382, estava incluída no Catálogo da Nobreza de Roma, mandado organizar pelo Papa Urbano VI, e em 1621 teve o *patriciado romano, de jure*. Conserva esta família como tradição sagrada o ter doado a S. Francisco de Assis um terreno no seu domínio de Montione, sobre o qual se levantou um dos treze oratórios fundados pelo Santo e em cujo lugar se construiu, mais tarde, o famoso mosteiro de Santa Maria de la Spineta. Teve esta família, até ao ano de 1737, sepultura na capela do mesmo convento.

Diversos membros da família dos Lupi passaram ao estrangeiro, conhecendo-se em Portugal desde o século XVIII. Vicente Lupi, natural de Roma, filho de Miguel Ângelo Lupi e de Vicência Lupi, em 1791, contando dezoito anos de idade embarcou em Lisboa em a nau *Nossa Senhora da Conceição e Santo António*, que partiu do Tejo a 29 de Março, chegando a Goa em 28 de Janeiro do ano seguinte.

Um irmão de Vicente Lupi, por nome Francisco Lupi, vivia em Lisboa no princípio do século XIX, exercendo o officio hereditário de *Registatore delle Bolle e Brevi di Nunziatura*. Teve vários filhos, um dos quais se chamou Miguel Ângelo Lupi, como o avô, e foi célebre pintor.

De Joaquim José do Nascimento Lupi, filho primogénito do referido Francisco Lupi, houve geração que chegou ao tempo presente, usando o apelido.

Há, actualmente, quem use em Portugal o apelido Lupi, sem, contudo, pertencer a esta família, mas, por adulteração gráfica de Lupe, que é, também, nome de uma ribeira no distrito de Portalegre, cuja nascente está próximo de Veiros.

Os Lupis usam diversas armas, conforme o ramo a que pertencem, sendo as dos que passaram a Portugal as seguintes, de que, porém, se ignoram os esmaltes: De... com terrado de... e nele dois lobos rampantes, afrontados, de... segurando nas mãos uma espada de ... Timbre: duas plumas de....





MAÇA. Família aragonesa que procede de D. Fortum Maza, rico-homem do Rei D. Pedro I de Aragão, cujo apelido tomou na batalha de Alcorás, onde esteve com trezentos homens armados de maças. Os deste apelido também se encontraram na batalha das Navas de Tolosa. Passaram a Portugal em época ignorada.

As armas dos Maças, tanto em *Espanha* como em *Portugal*, são: De vermelho, com uma maça de armas de ouro, em pala, ladeada por duas cadeias do mesmo, também em pala.



Maça

MACEDO. Deduzem geralmente os genealogistas esta família de João Gonçalves de Macedo, que viveu no reinado de D. Dinis, de quem foi muito mal viado por haver tomado o partido de seu filho o Infante D. Afonso, nas lutas que tiveram. Divergem porém na sua ascendência, se bem que a façam *ptoveniente da linhagem do Vinhal*. Quanto ao apelido, de origem geográfica, como o demonstra a preposição, também não

são unânimes, porquanto dizem provir de Maçada, o que não é provável, de Maceda ou de Macedo de Cavaleiros, solar mais aceitável.

João Gonçalves de Macedo, acima referido, casou com D. Urraca Esteves, filha de Estêvão Dias e de sua segunda mulher, D. Estevainha de Macieira, de quem houve geração que continuou o apelido.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, tratou conjuntamente dos Macedos e Moniza, escrevendo estes versos:

*O leal D. Egas vem
da antiga Roma se diz
leais os filhos também
e de um deles o nome tem
o postigo do Moniz.*



Macedo

Parece, todavia, que o título de Macedos e Monizes foi posto a esta quintilha por as armas dos dois apelidos serem análogas, pois *sòmente se refere a Martim Moniz*, de quem não procedem os Monizes.

As armas usadas pelos Macedos são as seguintes: De azul, com cinco estrelas de ouro *de seis raios*. Timbre: um braço vestido de azul, com uma maça de armas de ouro, armada de prata.

MACEIRA. A família deste apelido provém de D. Gomes Pires de Maceira, que fundou o mosteiro do Souto e foi casado com D. Marinha Osorez, irmã de Sarrazinho Osorez ou D. Marinha Pais, filha de D. Paio Vasquez de Bravães e de D. Sancha Soares, de quem teve filhos que continuaram o apelido durante algumas gerações. O apelido parece que foi tomado da Quinta da Maceira, da freguesia de Santo Adrião de Faria, no concelho de Barcelos.

Maceira e Macieira são a mesma coisa. Na Beira existia ainda no século XVII o apelido Maceira. Presentemente parece *ter-se extinguido esta forma*, substituída pela segunda, que não se sabe se, embora com o mesmo significado, corresponde à referida linhagem.

Escreveu o genealogista do século XVII Manuel de Sousa da Silva a seguinte quintilha, dedicada a esta linhagem:

*Vieram os de Macieira
A Portugal viver
Em Luzim é certo ter
Sua casa derradeira
No arrebalde vem a ser.*

Com o título de Luzim fez, também, os versos seguintes:

*Em S. João de Luzim
De Penafiel coutados
Moraram os sublimados
que tem o nome assim
Em esses tempos passados.*

A palavra Luzim foi, decerto, deturpação de copista, pois a rima não a consente, nem a geografia a conhece.

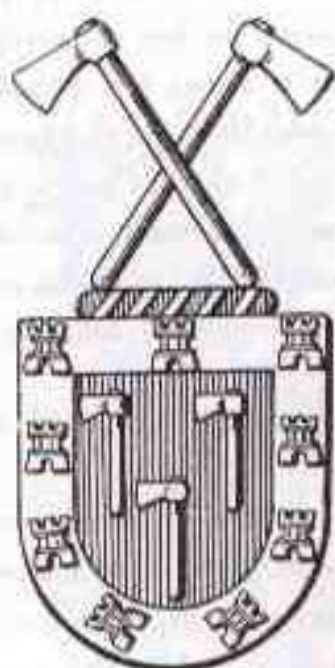
Os Maceiras usaram por armas as modernas da família Maciel (v.).

MACHADO. Procede a família dos Machados, uma das mais antigas de Portugal, de D. Moninho Viegas, o Gasco, casado com D. Valido Trocosendes, filha de D. Trocosendo Guedes, de quem teve a D. Egas Moniz, o Gasco, fundador do mosteiro de Cucujães, que se recebeu com D. Toda Hermigues, filha de D. Hermígio Alboazar. Deste casamento nasceu D. Moninho Viegas, que fundou o mosteiro de S. João de Alpendurada e

se consorciou com D. Unisco Viegas, filha de D. Egas Mendes e de sua mulher, D. Eúrica Trastamires, de quem houve a D. Egas Moniz, que doou várias terras ao mosteiro de Paço de Sousa. Este viveu nos reinados de D. Fernando, o Magno, e D. Afonso VI de Leão e contraiu matrimónio com D. Dordia Odoriz, filha de D. Odório Espinhel, senhor de Roças, nascendo do casamento D. Moninho Viegas, governador de terra de Arouca pelos anos de 1092, que serviu o Conde D. Henrique e doou uma herdade no ano de 1128 ao mosteiro de Pedroso. Foi pai de D. Mendo Moniz, que por ter sua casa no lugar de Gandarei, junto do rio Douro, se apelidou do mesmo. Viveu no tempo de D. Afonso Henriques, sendo cavaleiro valoroso, governou a ala esquerda na batalha do campo de Ourique e pretendem alguns genealogistas que ele e seus filhos, Pedro Mendes e Nuno Mendes de Gandarei, na tomada de Santarém aos Mouros, efectuada no ano de 1147, foram os primeiros a entrar no castelo, cujas portas arrombaram com machados. Foi rico-homem de D. Afonso Henriques e seu guarda-mor. Fez povoar por seu filho D. Roberto Mendes de Gandarei o lugar de Alões, ao qual, com sua mulher, deu foral, assim como também o deram ao lugar de Aveloso, que povoaram na freguesia de Tendais, ao lugar de Vilas Boas, no ano de 1122 e à vila de Groleira no ano de 1144. Teve por honra as vilas de Vilar Mediano, de Ramires e de Vale de Pagas e possuía o casal de Vila Boa, também honrado. Do seu casamento com D. Cristina Gonçalves teve D. Pedro Mendes de Gandarei, que sucedeu ao pai no senhorio da quinta de Gandarei, vivendo nos reinados de D. Afonso Henriques e D. Sancho I. Acompanhou seu pai em várias empresas, uma das quais se referiu acima. Casou com D. Elvira Martins de Nomães, filha de D. Martim Gonçalves de Nomães, de quem não teve geração, passando a segundas núpcias com outra D. Elvira Martins, filha de D. Martim Fernandes de Riba de Vizela, da qual houve, entre outros, por filho segundo a Martim Pires, de alcunha o Machado, alusão ao feito do avô e do pai. Viveu no tempo de D. Afonso II e na doação deste soberano aos frades da Ordem de S. Bento, feita no ano de 1249, assinou como testemunha. Recebeu-se com D. Maria Pires Moniz, filha de Pedro Moniz, neto paterno de D. Maria Moniz, manceba de D. Sancho I, a qual era filha de D. Moninho Osorez e de sua mulher, D. Maria Nunes, de cujo matrimónio houve filhos com o apelido de Machado, um dos quais, Martim Martins Machado, foi o continuador da linhagem.

Manuel de Sousa da Silva, autorizado linhagista, escreveu os seguintes versos:

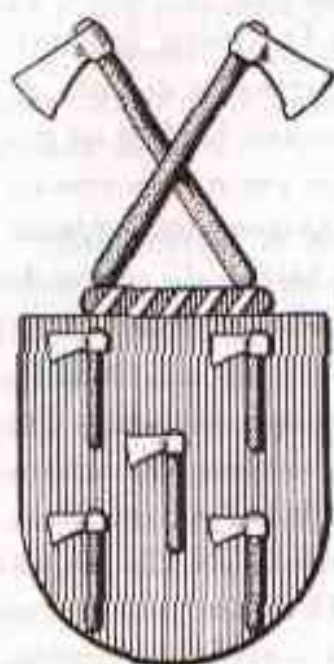
*Em Lanhoso está fundado
O solar nobre em Geraz
donde a origem traz
A família dos Machados
Assim no presente o faz*



Machado (antigo)

O ilustre poeta Francisco de Sá de Miranda dedicou aos Machados esta quintilha:

*Se nove torres tiraram
que guardavam três machados,
com dois mais bem vos pagaram,
pois Torres Nove entrarão
Martim com os quatro criados.*



Machado (moderno)

As armas antigas dos Machados eram, conforme diz o Marquês de Montebelo no seu *Memorial*: De vermelho, com três machados de...; bordadura de..., carregada de nove torres de... Timbre: dois machados do escudo passados em aspa.

Modernamente usam os deste apelido: De vermelho, com cinco machados de prata, encabados de ouro. Timbre: dois machados do escudo, passados em aspa.



Machado (outros)

A Álvaro Machado Pinto e a seu primo coirmão João Machado Moniz, pelos serviços de seus parentes à Casa de Áustria e pelos que Francisco Rodrigues Machado, seu pai e tio, prestou combatendo com muito esforço contra os Mouros, recebendo grandes feridas e ficando cativo deles, do que lhe provieram graves trabalhos tanto em Fez como em Marrocos e noutros lugares da Mauritânia, de cujo cativo foi resgatado pelos valiosos serviços que fizera e em remuneração dos seus grandes merecimentos pelo Rei Filipe de Espanha e premiado com o hábito da Ordem de Cristo, de Portugal, com tença vitalícia de trinta mil réis, lhes fez o Imperador do Sacro Romano Império, Fernando II, mercê de lhes acrescentar suas armas, por Carta de 6 de Maio de 1636, dada em Viena. Estas armas são: Esquartelado: o primeiro de verde, com três machados de prata, encabados de ouro; o segundo de negro, com uma espada de prata e um bastão de ouro, com as pontas para baixo, passados em aspa e acompanhados das letras F, I, L, F, de prata, que significam «*Ferdinandus Imperator Libenter Fecit*»; o terceiro de azul, com um coração de vermelho, cercado da legenda «*SPES MEA IN DEO EST*» de ouro; o quarto de ouro, com um galo branco semeado de penas negras, voltado.

MACIEIRA. V. *Maceira*.

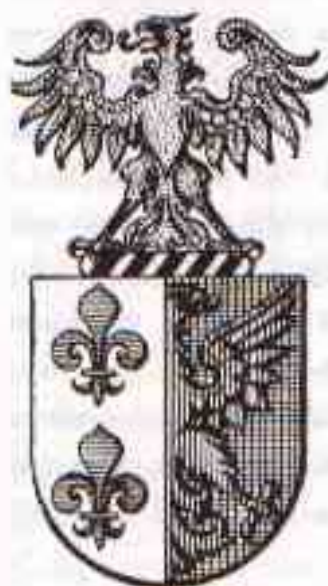
MACIEL. Se bem que antiga em Portugal, esta família é de origem francesa, como pretendem os genealogistas. Na freguesia de Darque, concelho de Viana do Castelo, havia um espaço antigo, que pertenceu à Casa de Bragança, o qual é tradição ter sido o solar dos Maciéis, que dizem ter vindo ajudar D. Afonso Henriques na conquista do Reino aos Mouros. Querem, também, que os Maciéis fossem dos primeiros povoadores

da vila de Viana e que lhes pertencesse a alcaidaria de Vila Nova de Cerveira, mas, como a sua genealogia só bastante tarde é conhecida não é provável que tivessem a antiguidade atribuída, nem talvez provenham do país que se lhes dá por berço.

O mais antigo do apelido que se conhece é Gonçalo Anes Maciel, pai de Bartolomeu

Gonçalves Maciel, que vivia por 1500 e foi comendatário do mosteiro de Palma. Este teve de Simoa Pires de Faria, filha de Pedro de Faria e neta de António Gonçalves de Faria, e talvez de outras mulheres, diversos filhos, que seguiram o apelido de Maciel e tiveram geração.

As armas antigas dos Maciéis são: Partido: o primeiro de prata, com duas flores-de-lis de azul, uma sobre a outra; o segundo de negro, com meia águia cosida de vermelho, estendida, armada de ouro, movente da partição. Timbre: uma águia de ouro, estendida.



Maciel (antigo)



Maciel (moderno)

Modernamente, esta família traz as seguintes armas: Partido: o primeiro de prata, com duas flores-de-lis de azul, uma sobre a outra; o segundo também de prata, com meia águia de vermelho, estendida, movente da partição. Timbre: uma flor-de-lis de ouro, entre dois ramos de macieira de verde, frutados de prata.

MAÇOULA. Família que não tem armas próprias, mas que usou as dos Maciéis, modernas. (V. Maciel).

MADEIRA. Parece que esta família tomou apelido de São João da Madeira, na Terra da Feira, como pretendem alguns autores. A pessoa mais antiga que dele se conhece é Afonso Martins Madeira, que viveu pelos anos de 1290 e parece ser seu irmão um João Martins Madeira. Daquele se supõe que descendem os deste apelido.

As armas dos Madeiras são: De vermelho, com cinco cabeças de águia de ouro, postas em sautor. Timbre: uma águia estendida de vermelho, armada de ouro, sainte.

MADUREIRA. Família originária da Torre de Madureira, em terras de Bragança, da qual o membro mais antigo que se conhece é Pedro Feijó de Madureira, senhor do morgado de Parada, que se supõe fosse neto dos Madureiras de Trás-os-Montes, senhores das aldeias de Vale de Prados, Vila



Madeira



Madureira

Franca, Frieira, Vidoedo e Rufe e descendente de Álvaro Anes de Sousa, que provinha de D. Gonzalo Garcia de Sousa. Este Pedro Feijó foi casado com D. Isabel Coutinho, parenta de D. Lourenço, arcebispo de Braga. Deste casamento nasceu Álvaro Anes de Madureira, que passou à cidade do Porto por haver cometido homicídio, esteve na batalha de Aljubarrota com dois filhos e vinte e cinco homens de cavalo e se recebeu duas vezes, a primeira com uma viúva rica, senhora da casa de Quebrantões e casais de Avintes, da qual não teve geração, e a segunda com Brites Martins de quem deixou filhos que continuaram o apelido. Dão os genealogistas as gerações acima, conforme vão descritas, porém, há muita dúvida e confusão nelas, talvez por existirem vários homónimos.

As armas dos Madureiras são: Esquartelado: o primeiro e o quarto, de vermelho, com um leão de ouro; o segundo e o terceiro, também de vermelho, com uma flor-de-lis de ouro. Timbre: o leão do escudo.

MAGALHÃES. Família antiga, que tomou apelido da Torre de Magalhães, na freguesia de São Martinho de Paço Vedro, termo da Barca. Parece que o primeiro que usou o apelido foi *Alonso Rodrigues de Magalhães*, cuja ascendência não se conhece com certeza, embora seja verosímil que ele provenha dos Novais. Foi senhor da Torre de Magalhães, no ano de 1312. Tinha ração no mosteiro de Tibães e do seu casamento com *D. Alda Martins de Castelões*, filha de João Martins de Castelões, o Moço, houve geração pela qual se propagou o apelido.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, dedicou aos Magalhães uma das suas trovas, a que segue:

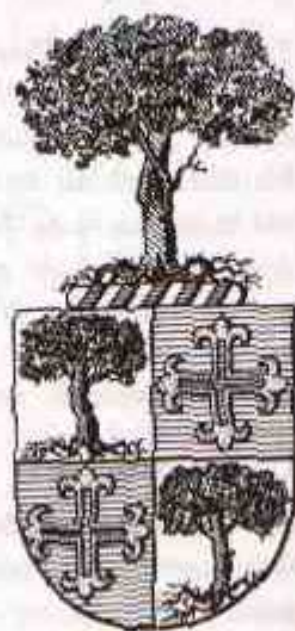


Magalhães

*Do Porto são naturais
os Magalhães e senhores
de Ponte da Barca e mais
tem outras terras maiores
sem de varões principaes.*

Manuel de Sousa da Silva também se occupou deles, escrevendo:

*Magalhães a alta torre
Em a Nobreza fundada
Foi a subida morada
Da geração mui nobre
Como era nomeada.*



Magalhães (outros)

Trazem os Magalhães por armas as seguintes: De prata, com três faixas xadrezadas de vermelho e de prata, de três tiras. Timbre: um abutre de sua cor, armado de ouro.

Outros Magalhães têm as seguintes armas: Esquartelado: o primeiro e o quarto, de prata com uma árvore arrancada de verde; o segundo e o terceiro, de azul, com uma cruz de ouro florenciada e vazia. Timbre: a árvore do escudo.

MAGRIÇO. Procede esta família da dos Coutinhos. Vasco Fernandes Coutinho, senhor do couto de Leomil, meirinho-mor do Reino na comarca da Beira, vencedor dos Castelhanos na batalha que lhes deu junto de Trancoso, em cuja vila habitava, e ganhador dos castelos de Marialva, Moreira e Sabugal, casou com D. Brites Gonçalves de Moura, filha de Gonçalo Vasques de Moura e de sua mulher, D. Leonor Gonçalves de Sequeira, nascendo deste matrimónio Gonçalo Vaz Coutinho. Este Gonçalo Vaz Coutinho foi marechal do Reino, alcaide de Trancoso e Lamego, copeiro-mor da Rainha D. Filipa, mulher de D. João I, senhor de Leomil, e se recebeu a primeira vez com D. Leonor Gonçalves de Azevedo, filha de Gonçalo Vaz de Azevedo, marechal do Reino e de sua mulher D. Inês Afonso. Entre vários filhos que houve deste matrimónio foi um deles Álvaro Gonçalves Coutinho, chamado o *Magriço*, que se diz ter sido esforçado cavaleiro e haver ido com mais onze portugueses a Inglaterra desafrontar outras tantas damas, o qual, conforme escreveram alguns, foi casado com D. Isabel de Castro, filha ilegítima de D. Pedro de Castro, senhor do Cadaval.

Afirmam certos autores que não houve geração deste casamento e que ele lhe causou grandes diferenças com os parentes de sua mulher, com quem se recebera por amores. Outros genealogistas dizem que teve por filho Gonçalo Álvares Magriço e, ainda outros, que também eram seus filhos Pedro de Vaz Moura Coutinho e Álvaro de Moura Coutinho, de quem descendem os Mouras Coutinhos da região de Basto. Os que lhe dão por filhos estes dois últimos dizem que Álvaro Gonçalves Coutinho, o *Magriço*, depois de vir de Inglaterra, viveu na quinta da Laje, na freguesia de São Miguel de Gémãos, concelho de Celorico de Basto, e foi chamado Álvaro da Lança, estando sepultado na igreja da referida freguesia, numa sepultura que tem esculpida uma lança. Não parece, porém, que Álvaro Gonçalves Coutinho, o *Magriço*, e Álvaro da Lança sejam a mesma pessoa, antes que os descendentes deste, talvez, procurassem fundi-las numa só.

Gonçalo Álvares Magriço, acima mencionado, contraiu matrimónio no Porto com Olaia de Figueiroa e teve geração que continuou a usar a alcunha de *Magriço*, como apelido.

Atribuem-lhe por armas as seguintes: De ouro, com três lambéis de dois pendentes de vermelho, postos um sobre o outro. Timbre: um leão de ouro, com uma estrela de oito raios de vermelho na espádua.



Magriço

MAGRO. Parece que esta família provém de D. Egas Moniz, o *Aio*, e de sua primeira mulher D. Maior Pais da Silva, por seu filho D. Lourenço Viegas, o *Espadeiro*, que teve de Ortigueira, sua manceba, um filho chamado D. Egas Lourenço, o qual se casou com D. Mor Mendes. Um dos filhos de D. Egas Lourenço e de sua mulher foi D. Gonçalo Viegas, o *Magro*, que teve ilegítimo a Lourenço Gonçalves Magro, aio de D. Dinis, casado com D. Branca Godins, filha de D. Godinho de Coimbra, da qual deixou geração que seguiu o apelido de Magro originado na alcunha do avô.



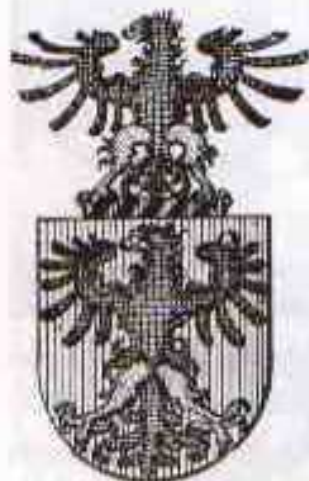
Magro

As armas dos Magros são: De azul, com uma cruz de prata, cantonada de quatro estrelas de seis pontas, de ouro. Timbre: um leopardo de azul, com uma das estrelas do escudo na testa.

MAIA. É uma das mais antigas linhagens portuguesas, a dos Maias. De D. Ramiro II de Leão e da moura *Ortiga* nasceu Alboazar Ramires, que se recebeu com D. Helena Godins, filha de D. Godinho das Astúrias, de cujo matrimónio nasceu Trastamiro Alboazar, casado a primeira vez com D. Mëndola Gonçalves, filha do Conde D. Gonçalo Nunes.

Deste casamento foi filho D. Gonçalo Trastamires da Maia, senhor da Terra da Maia, da qual tomou o apelido, contemporâneo dos Reis D. Afonso V de Leão e D. Afonso VI de Castela. Foi D. Gonçalo grande batalhador, tendo muitas guerras com os Mouros, a quem tomou a Terra da Maia, que então era toda a região situada entre o Douro e o Lima, e consorciou-se em primeiras núpcias com D. Mécia Rodrigues, filha de D. Rodrigo Vermuiz, e em segundas com D. Usco Soares, deixando geração de ambos os matrimónios, a qual seguiu o apelido de Maia.

Entre os versos feitos por D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, se encontram os seguintes, dedicados a esta linhagem:



Maia (antigo)

*Entre Braga e fertil Maya
está um nobre casal
que dizem ser dos da Maya
gente de mui boa laia
em Castela e Portugal.*

E ainda estes:

*Esta geração senhora
foi primeiro em Portugal
vinda do sangue real
e sempre mui lidadora
mas o tempo a fez igual.*



Maia (moderno)

O grande genealogista Manuel de Sousa da Silva, deixou esta quintilha referida aos Maías:

*Do infante Alboazar
Vem o guerreiro valoroso
da gram caza de Avioso
Os Mayas; que não teve par
No seu tempo glorioso.*

As armas antigas dos Maías eram: De vermelho, com uma águia estendida de negro, membrada e realçada de ouro. Timbre: a águia do escudo. Modernamente, as suas armas são: De vermelho, com uma águia estendida de ouro, armada e gotada de negro. Timbre: a águia do escudo, nascente.

MALACA. Desconhece-se quem primeiro usou este apelido, sabendo-se, apenas, que foi um dos guerreiros que tomaram Malaca.

As armas atribuídas ao apelido são: De vermelho, com um castelo de prata, aberto e iluminado de negro. Timbre: o castelo do escudo.

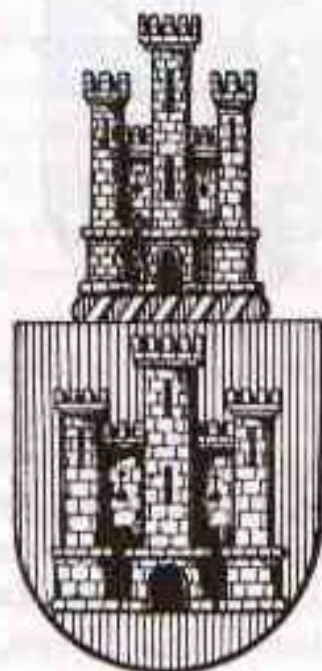
MALAFAlA. Procede esta família de Pedro Anes de Fafião, que vivia pelos anos de 1272, reinando D. Afonso III, o qual, de sua mulher, D. Sancha Gil do Avelar, filha de Gil Esteves do Avelar e de D. Dordia Afonso, teve Gonçalo Pires, senhor da honra de Malafaia, que viveu em tempo de D. Afonso IV, e de quem descendem os deste apelido.

A D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, se deve a quintilha referente aos Malafaias, a seguir transcrita:

*Boa alfaia lhe chamou
o grande rei D. Fernando
quando se lhe relatou
a embaixada que tomou
aos outros do seu bando.*



Malafaia



Malaca

Os Malafaias trazem as seguintes armas: De vermelho, com uma torre de prata, lavrada de negro, rematada por um corvo de sua cor. Timbre: as peças do escudo ou o corvo sòmente.

MALDONADO. Procede esta família da dos Aldanas, de Espanha. Pedró Aires de Aldana, 11.^o senhor de Aldana, *Sande e Reza, rico-homem*, casou com D. Egilona Soares Deza, filha do Conde D. Soeiro Odores Deza, de quem teve D. Nuno Pires Maldonado e D. Aires Pires, *que passou a Portugal* e de quem são originários os Pinheiros. D. Nuno Pires Maldonado recebeu-se a primeira vez com D. Alda Fernandes Turrichão, filha de Fernão Pires Turrichão, e de tua mulher, D. Teresa Pires, e deste matrimónio nasceram filhos pelos quais se propagou o apelido de Maldonado, cuja forma primitiva foi Maldonado, imposto como alcunha. Por várias vezes passaram a Portugal.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, escreveu em honra dos Maldonados:



Maldonado

*Estes foram esforçados
em França onde andaram
estas armas alcançaram
e por casos desastrosos
em Tordesilhas acabaram.*

As suas armas são: De vermelho, com cinco flores-de-lis de ouro, ou de prata, postas em sautor. Timbre: um leão nascente de ouro, carregado de uma flor-de-lis de vermelho na espádua.

MALHEIRO. Estêvão Malho ou Estêvão da Lavandeira, da terra de Santa Maria, foi casado com D. Mor Lourenço da Cunha, filha de Lourenço Fernandes da Cunha e de D. Maria Lourenço de Maceira, e tiveram, entre outros, por filho a Martim Esteves. Desconhece-se o nome da mulher deste Martim Esteves, de quem nasceram dois filhos, conforme referem os genealogistas, chamados Estêvão Rodrigues Malheiro e Lourenço Rodrigues Malheiro, moradores em Ponte do Lima, de onde este foi alcaide. Se o patronímico Rodrigues lhes não vinha por via materna, estes irmãos não eram filhos de Martim Esteves, havendo, portanto, engano no entroncamento. Estêvão Rodrigues Malheiro casou com D. Maior Rodrigues e de ambos parecem provir os que há deste apelido, alguns dos quais usam a forma Malheiros.

As armas dos Malheiros são: De vermelho, com uma ponte de três arcos, assente sobre um rio de sua cor em ponta, rematada por duas torres de prata, firmadas nos flancos do escudo, e de uma palmeira de sua cor entre elas. Timbre: a palmeira do escudo.



Malheiro

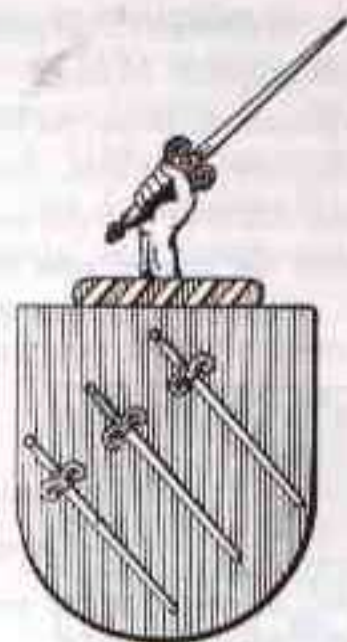
MANELO. Família italiana, que no país de origem se chamava *Manelli*. As suas armas são as seguintes: De vermelho, com três espadas em banda, de prata, guarnecidas de ouro, com as pontas para baixo, alinhadas em contrabanda. Timbre: uma mão empunhando uma espada do escudo.

MANICONGO. Assim se chamou o soberano negro da região agora chamada Congo, em Angola. Era também a designação geográfica primitivamente dada, na história dos descobrimentos portugueses, ao antigo Reino do Congo, depois incluído, em parte, na actual província ultramarina de Angola. O Manicongo compreendia toda a bacia do Zaire e tinha a sua sede na povoação indígena de Banza e Ambasse, crismada depois, pelos Portugueses, com o nome de São Salvador. Era um reino rico em matérias-primas, populoso, e um dos mais temidos da África Ocidental.

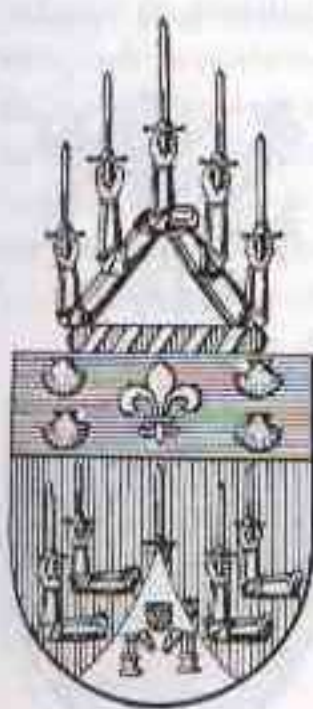
Em 1485, conforme escreveu Rui de Pina, Diogo Cão, na sua segunda viagem de descobrimento, chegou à foz do Zaire, onde levantou um padrão e enviou uma deputação ao Manicongo. Como os enviados tardassem a regressar, Diogo Cão levantou ferro, colbendo em terra alguns negros principais e trazendo-os a Portugal, onde D. João II os recebeu com a maior alegria. Diogo Cão tornou a levá-los ao Manicongo, cheios de dádivas e magnificamente tratados. Com o seu regresso a Banza, o soberano libertou os Portugueses, que conservava como reféns, e deslumbrado com os presentes e com as narrações dos seus exilados deixou-se convencer pelos capitães e frades portugueses que visitaram a sua Corte, fazendo-se baptizar com o nome de D. João, tomando sua mulher o nome de

D. Leonor, e os seus principais os nomes de D. Gonçalo, D. Lopo, D. Rodrigo, D. Vasco, D. Diogo, etc., provavelmente apadrinhados pelos capitães portugueses idos ao Manicongo. Só a partir do reinado de D. Sebastião é que o Manicongo perdeu a sua independência, sendo incorporado na província de Angola.

D. Manuel I deu ao Rei do Congo, D. Afonso, como refere João de Barros na década I da *Ásia*, as seguintes armas: De vermelho, com cinco braços armados de prata, em pata, com os antebraços em faixa, postos em sautor, as mãos de carnação empunhando espadas de prata, armadas de ouro, com as pontas para cima: chefe cosido de azul, carregado de uma flor-de-lis de prata, acantonada por quatro vieiras de ouro; ponta embutida de prata, carregada de um escudete de azul, com cinco besantes de prata postos em sautor, o escudete ladeado de dois ídolos de pedra, da sua cor, quebrados, as peanhas e as pernas em pala, os troncos com as cabeças caídas para a ponta. Timbre: os cinco braços do escudo, postos em roquete.



Manelo.



Armas do Rei do Congo.

MANIQUE. Supunha-se que esta família fosse originária de algum dos lugares denominados Manique: Manique, na freguesia de São Pedro, concelho da Lousã; Manique de Baixo, na freguesia de São Vicente de Alcabideche, concelho de Cascais, e Manique de Cima, na freguesia de São Pedro de Penaferrim, concelho de Sintra, possivelmente um dos que ficam nas proximidades de Lisboa, mas investigações históricas feitas há poucos anos conduzem a origem diversa.

Nasceu na Alemanha, no terceiro quartel do século XVI, um Jakob Meinecken, que veio para Portugal, onde se passou a chamar Diogo Manique, Menequim ou Minique, e foi língua do porto de Belém e sua torre.



Manique

Do casamento de sua filha Maria dos Reis com Silvestre de Pina provieram os Pinas Maniques. Manique do Intendente tomou este nome em virtude de ter sido dado, por Decreto de 11-VII-1791, ao intendente da Polícia Diogo Inácio de Pina Manique, chamando-se o lugar anteriormente São Pedro de Arrifana. Fica, portanto, esta vila excluída da relação dos lugares que possam ter sido solar dos Maniques.

Usam os Maniques as seguintes armas, que são as dos Maniques, certamente por pouca imaginação do rei de armas, alteradas para se formar brasão próprio daquela família: Nove pontos equipolados, cinco de ouro, carregados de um castelo de púrpura, e quatro de vermelho, carregados de um leão de ouro.

MANRIQUE. Procede esta família da dos Laras, uma das mais antigas e nobres de Espanha. D. Pedro Gonçalves de Lara, senhor da Casa de Lara, Conde de Lara, de Medina de la Torre, de Moromojon, Dueñas e Tariago, confirmou privilégios a partir do ano de 1106, no qual acompanhou o Imperador D. Afonso VI na entrada que fez em Aragão e no sítio de Saragoça, e reinando D. Urraca, filha deste soberano e mulher de D. Afonso, Rei de Aragão, teve o governo do condado de Medina. Recebeu-se com D. Eva Peres de Trava, viúva de D. Garcia Garcez, Conde de Cabreira e de Aza, filha de D. Pedro Froilaz, Conde de Trastamara, Monterroso e de Trava, e de sua mulher, D. Maior de Urgel. Deste matrimônio, D. Pedro Gonçalves de Lara houve, entre outros, D. Manrique de Lara, que teve o título de Conde e os senhorios de Molina e Meza, assim como as honras de Ávila, Segóvia, Baeça e Toledo. Foi tutor de D. Afonso VIII de Castela, governador daqueles Reinos e Visconde soberano de Narbona, por sua mulher. Sucedeu na casa paterna, parece que no ano de 1133, no qual principiou a confirmar os privilégios reais. Serviu o Imperador D. Afonso VII, de quem foi alferes-mor, ofício que já exercitava no ano de 1134, e com o mesmo soberano se encontrou na conquista de Córdoba no ano de 1146 e na de Catalunha no de 1147, esta devida ao seu valor. Ainda no



Manrique

mesmo ano esteve nas conquistas de Baeça e de Almeria e achou-se na batalha que o referido Imperador ganhou aos Mouros, junto de Córdova, no ano de 1150, na conquista de Andujar, Pedroche e Santa Eufémia, no ano de 1155, morrendo na batalha de Garcinaharro, que teve com D. Fernão Rodrugies de Castro no ano de 1164. Do seu casamento com D. Hermesenda, Viscondessa soberana de Narbona, filha de Aimerico III, Visconde soberano de Narbona, e de sua mulher, D. Hermengarda, teve geração que seguiu o apelido de Manrique, primitivamente patronímico.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, exaltou em duas quintilhas a nobreza dos Manriques, por esta forma:

*Manriques é homem rico
da casa Lara real
não nos ha em Portugal
mas em Castela nos fica
que é casa mui principal.*

*De Narbona almirante
de mui nobre geração
trouxe este nobre braço
a quem o declara infante
deve a filha com razão.*

As armas usadas pelos Manriques, tanto em Espanha, como em Portugal, são: Nove pontos equipados, cinco de ouro, carregados de um leão de vermelho, e quatro de vermelho, carregados de um castelo de ouro. Timbre: um leão do escudo.

MANSILHA. Família de origem espanhola, cujo apelido, no país de onde veio, tem a forma Mansilla.

Afonso de Mansilha, fidalgo ilustre da Galiza, veio para Portugal servindo D. Afonso V, a quem acompanhou na batalha de Toro, onde mostrou grande valor, pelo que o mesmo Principe lhe fez mercê da comenda de Oliveira, em Riba de Douro, quando a pretendiam os frades do mosteiro de Tarouca. Fez este fidalgo seu assento na quinta e paço de Oliveira, onde se recebeu com D. Catarina Rodrigues Borges, filha de Rui Borges, alcaide-mor de Santarém e senhor do concelho de Alva e de sua mulher, D. Antónia, ou Genebra de Sousa, de cujo matrimónio teve D. Senhorinha do Rego Borges, que se consorciou com João Lousada de Ledesma, fidalgo galego, o qual passou com seus irmãos a Portugal, em serviço de D. Afonso V, estando todos na batalha de Toro. Do referido casamento houve geração, que continuou o apelido de Mansilha.

Alguns autores dão, também, a Afonso de Mansilla por filho Gil Afonso de Man-



Mansilha

silha, senhor da quinta de Lourentim, na freguesia de Lobrigos, concelho de Penaguião, que parece ter casado com uma senhora de apelido Rego, de quem houve geração.

As armas dos Mansilhas, usadas em Espanha e Portugal, são: Partido: o primeiro de vermelho, com um estoque de prata, guarnecido de ouro,



Mansilha (outros)

com a ponta para baixo; o segundo também de vermelho, com uma cabeça de mouro, cortada de vermelho, toucada de um turbante de prata; bordadura cosida de azul, carregada de cinco aspas de ouro.

Também nos dois países se usam as seguintes armas: Cortado: o primeiro de ouro, com duas faixas onçadas de azul e bordadura de vermelho, carregada de cinco cabeças de serpe de verde, picadas de ouro; o segundo, de verde, com uma torre assente num rochedo isolado, posta em chefe e acompanhada em ponta, à direita, de um tanque redondo, com seu repuxo, e à esquerda, de um freixo a que estão presos dois galgos, tudo de prata.



Manso

MANSO. São de origem espanhola os Mansos. O apelido foi de princípio patronímico.

Esta família provém da linhagem dos senhores soberanos de Biscaia, uma das mais nobres da Espanha, por D. Manso Lopes, de quem se derivou o patronímico. Talvez haja mais famílias com o mesmo nome, umas com ele tomado de patronímico e outras, possivelmente, de alcunha. Dos Mansos de Espanha veio com a Excelente Senhora, reinando em Portugal D. Afonso V, Diogo Anes Manso, filho de João Manso. Foi Diogo Anes Manso pai de Pedro Dias Manso, que viveu na Cortiçada e casou com Catarina Rodrigues Temudo, de quem deixou geração que continuou o apelido.

As armas que trazem os Mansos são as seguintes: De prata, com uma águia estendida de azul, armada de vermelho. Timbre: a águia do escudo, sainte.

MANUEL. Ilustre família espanhola, que descende de D. Fernando III, o Santo, Rei de Castela, e de sua primeira mulher, D. Brites, que tiveram por filho o Infante D. Manuel, senhor da Escalona, Penafiel, senhor de Agreda por doação de D. Afonso, o Sábio, que depois lha tirou, senhor de Roa, Santo Olalha, Guelhar, Elche, Yeche, terra de Vilhena, e exercitou os officios de alferes-mor e mordomo-mor do mesmo Rei, sendo, também, adiantado-mor da fronteira. Recebeu-se a primeira vez com D. Constança de Aragão, filha de D. Jaime I, o Conquistador, Rei de Aragão, e de sua mulher, D. Violante de Hungria. Casou segunda vez com a Infanta D. Brites, filha de Amadeu IV, Conde de Sabóia, e de sua segunda mulher, Cecília. Não são concordes os autores genealógicos de qual das mulheres foram os filhos que teve: D. João Manuel e D. Violante Manuel, mulher do Infante D. Afonso, filho de D. Afonso III, Rei de Portugal.

D. João Manuel foi Príncipe de Vilhena, adiantado-mor da fronteira, senhor de Escalona, Penafiel, Alarcon, Elche, Castelo de Garcia, Munhoz, Salmeron, Val de Olivas, Cuelhar, Almenara e outras grandes terras, adiantado-mor de Múrcia e um dos maiores Príncipes do seu tempo, pelo nascimento, grande poder, etc. Serviu de tutor a D. Afonso XI e foi mordomo-mor de D. Fernando IV. Recebeu-se com a Infanta D. Constança de Aragão, falecida no ano de 1327, filha de D. Jaime II, Rei de Aragão, e de sua mulher, D. Branca de Nápoles, da qual houve D. Constança Manuel, que esteve desposada com

o Rei D. Afonso de Castela e depois foi primeira mulher do Infante D. Pedro, mais tarde Rei, primeiro do nome em Portugal.

D. João Manuel casou segunda vez com D. Branca de Lara e Lacerda, no ano de 1328, filha do Infante D. Fernando de la Cerda e de D. Joana Nunes de Lara, a *Palombinha*, de quem teve D. Fernando Manuel e D. Joana Manuel, senhora de Lara e Biscaia e da Casa de Albarracim, que se recebeu com D. Henrique II, Rei de Castela. Teve D. João Manuel dois filhos bastardos, D. Sancho Manuel e D. Henrique Manuel, este havido em D. Inês de Castanheda.

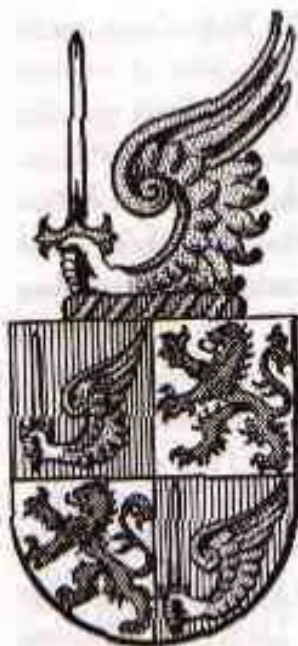
D. Fernando Manuel, filho do Príncipe D. João Manuel, foi senhor de Vilhena, Alarcon, Castilho, Penafiel, Cuelhar, Almenara, Roda e das de mais vilas incluídas na terra que então se denominava de D. João, por haver sido de seu pai. Teve o título de Príncipe de Vilhena e de déspota da Roménia; esteve com o Rei no sítio de Gibraltar, no ano de 1350, e foi um dos principais que pediram o levantamento do sítio a D. Afonso IX pelo perigo em que estava a sua vida por causa da peste que dizimava tanta gente das suas tropas; e foi capitão-general da fronteira de Córdoba, nomeado por D. Pedro I. Do seu casamento com D. Joana de Aragão, filha de D. Ramon Berenguer, Infante de Aragão e e Conde de Ampurias, teve D. Branca Manuel, que foi herdeira da Casa e senhora de Vilhena, a qual morreu sem geração, pelo que a Coroa de Castela tomou as suas terras.

D. Sancho Manuel, filho ilegítimo de D. João Manuel, foi adiantado-mor do Reino de Múrcia e casou com D. Leonor Gonçalves, que parece ser da casa de Saavedra, de quem teve geração que seguiu o apelido Manuel.

D. Henrique Manuel, filho ilegítimo de D. João Manuel, veio para Portugal com sua meia-irmã D. Constança Manuel, quando se casou com D. Pedro I, de Portugal, em cujo Reino D. Henrique foi Conde de Sintra e de Seia, senhor de Cascais, Penafiel e outras terras. Em Castela teve o senhorio de Meneses e foi Conde de Monte Alegre e tutor de D. João I, do mesmo Reino. Recebeu-se com D. Brites de Sousa, filha de Pedro Afonso de Sousa, e de D. Elvira Anes, de quem teve geração, que tomou os apelidos de Manuel e de Vilhena, passando parte a Espanha e ficando outra parte em Portugal.

Fr. João Sobrinho, religioso da Ordem do Carmo, de grande autoridade e letras, é dado por progenitor de um ramo de Manuéis portugueses, dizendo-se que em Justa Rodrigues, ama de leite do Rei D. Manuel I, fundadora do mosteiro de Jesus, em Setúbal, senhora de grande capacidade, filha de um lavrador dos arredores da cidade da Guarda, teve dois filhos bastardos, D. João Manuel e D. Nuno Manuel. Enquanto uns autores querem dar a estes Manuéis principio em Fr. João Sobrinho e Justa Rodrigues, outros pretendem que eles provêm de D. Fr. João Manuel, provincial e vigário-geral da Ordem do Carmo, que dizem ser filho bastardo de D. Duarte, havido em D. Joana Manuel, a qual dão por filha de D. Henrique Manuel, Conde de Seia e de Sintra, versões falsa, pois há documentos que a contrariam, como demonstrou Anselmo Braamcamp Freire.

D. João Manuel, filho de Fr. João Sobrinho, foi camareiro-mor de D. Manuel I enquanto Duque de Beja, e, sendo Rei, alcaide-mor de Santarém e casado com D. Isabel de Meneses, filha de Afonso Teles de Meneses, alcaide-mor de Campo Maior e Ouguela,



Manuel

A D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, se deve a quintilha seguinte:

*Do imperador Manuel
D. Beatriz nasceu
que o rei Fernando escolheu
por marido, e yoel
donde este braço descendeu.*



Manuel (outros)



Manuel de Vilhena

e de sua mulher, D. Joana de Azevedo Malafaia, de quem teve filhos que seguiam o apelido de Manuel. D. João Manuel, seu irmão, foi guarda-mor e almotacé-mor de D. Manuel I, senhor das Águias e de Salvaterra de Magos por compra feita a Pedro Correia. Casou a primeira vez com D. Leonor de Milão, filha de D. Gomes de Milão e de Maria de Aragão, e a segunda com D. Lourença de Ataíde, a qual dizem ficara donzela por impotência de seu marido, dama da rainha D. Catarina, filha do Conde D. João de Vasconcelos e de D. Maria de Ataíde. Do primeiro matrimónio houve geração, continuadora do apelido Manuel.

Como este apelido, originariamente, foi patronímico, há outras famílias que o usam sem terem a mesma proveniência e, portanto, sem direito às armas trazidas pelos descendentes do Infante D. Manuel, de Espanha.

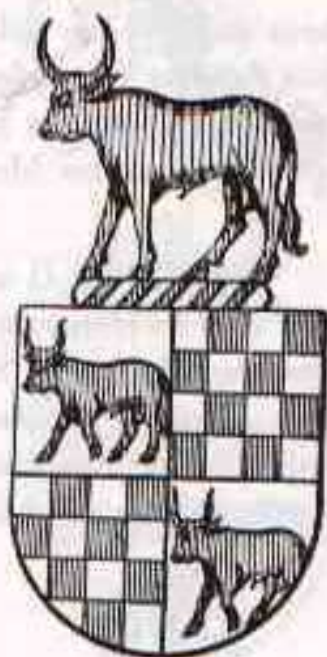
As armas dos Manuéis são: Esquartelado: o primeiro e o quarto de vermelho, com uma asa aberta de ouro, terminada por uma mão de carnação, empunhando uma espada de prata, guarnecida de ouro; o segundo e o terceiro de prata, com um leão de púrpura, armado e lampassado de azul. Timbre: as peças do primeiro quartel.

Outros Manuéis usam, tanto em Portugal como na França e Suíça, as seguintes armas: De vermelho, com uma asa aberta de ouro terminada por uma mão de carnação, empunhando uma espada de prata, guarnecida de ouro. Estes, na França e na Suíça, escrevem Manoel.

Os Manuéis de Vilhena trazem na Espanha e em Portugal: Esquartelado: o primeiro e o quarto de prata, com um leão de púrpura, armado e lampassado de azul, e coroado de ouro; o segundo e o terceiro de vermelho com uma asa aberta de ouro, terminada por uma mão de carnação, empunhando uma espada de prata, guarnecida de ouro. Timbre: o leão do escudo.

MARACOTE. Pretendem alguns autores que esta família é originária de Bolonha, na Itália, onde existe o apelido Marescotti. Afonso Gonçalves Maracote foi contemporâneo de D. Afonso V e recebeu-se com Isabel de Lordelo, filha de João Álvares, mestre da Balança, e de sua mulher, Margarida Anes, de quem houve filhos que continuaram o apelido.

Têm por armas os Maracotes: Esquartelado: o primeiro e o quarto, de prata, com um boi de vermelho; o segundo e o terceiro xadrezados de prata e de vermelho, de quatro peças em faixa e quatro em pala. Timbre: o boi do escudo.



Maracote

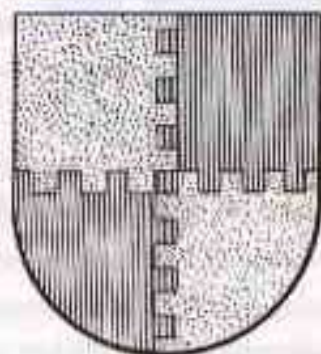


Marchão

MARCHÃO. Família espanhola da qual, em tempo de D. João I, de Portugal, foi morto na batalha de Trancoso Pedro Marchão, cavaleiro e capitão, nomeado por Fernão Lopes, entre o adiantado de Caçorla, o comendador de Huelgas e outros fidalgos, de onde se vê que também o era. Não há, porém, a certeza que os de Portugal sejam desta família porque na Inglaterra existe o apelido Marsham, que transposto para a língua portuguesa podia ter-se escrito Marchão. Ainda pode provir de Marachão, pois existiu com este apelido um Cristóvão Marachão, morador em Abrantes, casado com D. Constança de Ataíde, filha de Pedro de Ataíde e, em 1513, Pedro Marachão, que ali tinha fazenda mística com uma tapada de João Caldeira, foreira à Ordem de Malta. João Marchão viveu na vila da Amieira e casou com Catarina Cristóvão de Gouveia, de quem teve filhos, pelos quais se propagou o apelido.

As armas que se lhe atribuem são: De azul, com uma palmeira de ouro, assente num monte de prata, em ponta; chefe cosido de vermelho, carregado de uma cruz de prata. Timbre: a palmeira do escudo.

MARCHIONNI. Família italiana que veio de Florença na pessoa de Bartolomeu Marchionni, no reinado de D. João II, porém, este somente se fixou em Portugal no tempo de D. Manuel I. Tratava-se nobremente, parece que serviu na Índia e viveu em Almada, onde teve as quintas da Lagoa, Alfonsina e Vale da Torre, vinte e cinco vinhas, quatro olivais, muitas terras e outras propriedades, tanto no termo daquela vila como em Lisboa. O Rei D. Manuel lhe deu o foro de fidalgo. Morreu em Lisboa em Outubro de 1527 e foi sepultado no mosteiro de S. Domingos, na capela do Santo Cristo, onde comprou jazigo perpétuo para si e seus descendentes. Por sua morte fez-se inventário dos



Marchionni

bens no juízo dos órfãos de Almada, sendo escrivão de Almada Bartolomeu Dias e juiz António Fernandes Moreira. Recebeu-se com Catarina Lopes, de quem houve geração que continuou o apelido paterno.

As armas dos Marchionnis são: Esquartelado denticulado de ouro e de vermelho.

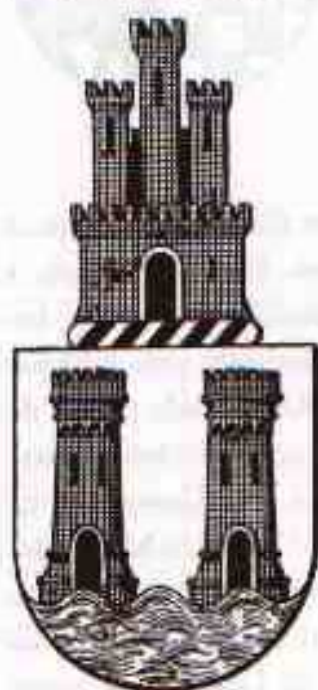
MARECOS. O mais antigo desta família de que há notícia é Rui Martins Marecos, que vivia no tempo de D. Afonso II e que possuía um casal chamado Paço, no limite de Poiães, freguesia de S. João de Guilhofrei, julgado de Penafiel de Sousa, como se averiguou pelas inquirições mandadas fazer por D. Dinis, casal que então era de seus filhos, que o traziam honradamente, mas que ficou devasso ao Rei, podendo nele entrar o mordomo. Sabe-se que foi seu filho Martim Rodrigues Marecos, cavaleiro, que teve de Te-

resa Pires de Vila Verde a Rui Martins Marecos, legitimado por D. Dinis por Carta de 31 de Dezembro de 1321, de quem parece descenderem os Marecos.

Diz-se que o apelido provém da quinta de Marecos, mas é estranho que não seja precedido de preposição tendo origem geográfica, porquanto talvez venha de alcunha, se bem que a forma pluralizada não se ajuste ao caso.

Manuel de Sousa da Silva, douto genealogista, escreveu em louvor desta família a quintilha abaixo:

*De Souza em Penafiel
De Marecos esta aldeia
Os de seu nome a Rea
Os quaes o tempo cruel
por varias partes semeia.*



Marecos

Os Marecos têm por armas as seguintes: De prata, com duas torres de negro, assentes num contrachefe ondado de azul. Timbre: um castelo de negro.

MARINHO. Família das mais antigas da Península. D. Frojão, caçador-mor e monteiro-mor, recebeu-se com D. Marinha, natural da Galiza, que a lenda diz tê-la seu marido, andando à caça, junto da praia, visto entre uns rochedos, de onde a tirara, pelo que os descendentes se chamaram Marinhos. Viveu na terra de Valadares, na Torre dos Marinhos, junto da Galiza.

De D. Frojão e de sua mulher D. Marinha nasceu D. João Forjaz Marinho, que casou com D. Elvira Ordonhes de Bovida, filha de D. Garcia Ordonhes de Bovida, e tiveram vários filhos que seguiram e propagaram o apelido de Marinho.

Certamente que o apelido não se originou no facto referido, por ser lendário, nem mesmo em a mulher de D. Frojão se chamar Marinha. Deve provir de alcunha dada a D. Frojão ou a seu filho, por qualquer circunstância desconhecida, mas relativa ao mar.



Marinho

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, escreveu os seguintes versos, dedicados aos Marinhos:

*Do antigo D. Froyão
e de uma mulher marinha
veo este antigo brazão
dos Marinhos cuja linha
se acaba já sem razão*

As armas deste apelido são: de verde, com cinco flores-de-lis de ouro, postas em sautor. Timbre: uma sereia de sua cor com o cabelo de ouro.

Outros do mesmo apelido trazem, tanto em Espanha como em Portugal: De prata, com quatro faixas ondadas de azul. Timbre: uma sereia de sua cor.



Marinho (outros)

MARIZ. É evidentemente fantasiosa a ascendência que se pretende dar aos Marizes, dizendo que provêm da família francesa de Montgomery. É seu solar a freguesia de Mariz, junto de Barcelos, e o mais antigo que se conhece do apelido, em Portugal, se chamou Afonso Nunes de Mariz, casado com Maria Esteves, filha de Estêvão Gonçalves e de sua mulher, Urraca Afonso, de cujo matrimónio descendem os do apelido de Mariz.

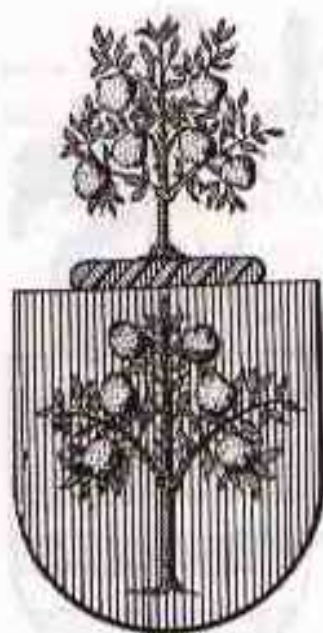
Alguns autores dão a seguinte ascendência a este Afonso Nunes de Mariz, a qual, embora mais verosímil do que a dos Montgomery, não é de muita fé: Roberto Mengo de Mariz passou de França a Espanha, reinando D. Afonso VII, e esteve na batalha que Nuno Afonso, governador de Toledo, deu aos Mouros de Córdoba e de Sevilha, e cortou a cabeça ao rei mouro Bencarra, de Sevilha; seu filho, Pedro Mengo de Mariz, casou com uma filha de Nuno Afonso, alcaide-mor de Sevilha, que a ele se refere em seu testamento; seu neto, Nuno Peres Mengo de Mariz, casou com Iria Gonçalves Palomeque e teve o referido Afonso Nunes de Mariz.

Os Mariz trazem por armas: De azul, com cinco vieiras de ouro, postas em cruz, acompanhadas de quatro rosas de prata. Timbre: um leão sainte de azul, sustendo uma vieira do escudo.



Mariz

MARMELEIRO. Esta família é antiga, mas não se sabe quem usou primeiramente o apelido. Diogo Gonçalves Marmeleiro, contemporâneo de D. João I, senhor da quinta



Marmeleiro



Marques (outros)

do Marmeleiro, foi pai de Afonso Gonçalves Marmeleiro e avô, por este filho, de Pedro Afonso (ou Gonçalves) Marmeleiro, natural de Estremoz, casado com Inês Álvares de Moura, o qual faleceu em 1558 e teve geração que continuou o apelido.

As armas dos Marmeleiros são: De vermelho, com um marmeleiro de verde, frutado de ouro. Timbre: um ramo de marmeleiro de verde, frutado de ouro.

MARQUES. Sendo Marques o patronímico de Marcos são muitas as famílias que usam este nome, hoje apelido, por serem diversas as origens que teve, não somente em Portugal, mas na Espanha, de onde os Marquez também cá passaram, aportuguesando o apelido.

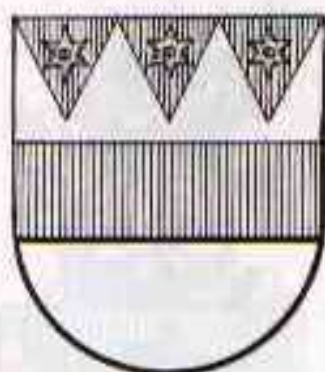
A António Marques de Oliveira, cônsul em Antuérpia, concedeu o Imperador Carlos V, em 24 de Abril de 1545, as seguintes armas: Cortado, o primeiro de ouro com uma águia estendida de negro, armada de vermelho; o segundo de vermelho, com uma vila com seus muros e torres com ameias, tudo de prata, assente em um rio do mesmo. Timbre: a águia do escudo. Outros, de Espanha, usam



Marques, de António
Marques de Oliveira

tanto neste país como em Portugal: De azul, com um castelo de prata, ladeado por duas chaves adossadas de ouro, os seus palhetões para baixo.

MARTEL. Família espanhola à qual pertenceu D. Gonçalo Martel de la Puente, casado com D. Francisca Lasso de Mendonça, pais de D. Afonso Peres Martel, nascido em 1547. Este foi senhor de Almoster, Torre de Benamafon, Monte Martel e do padroado da capela-mor de Sevilha, serviu o Rei D. Filipe II com grande valor e passou com sua Casa a viver em Badajoz, onde morava em 1573. Foi familiar do Santo Ofício pela Inquisição de Lerena e recebeu-se com D. Leonor de Chaves e Pinel, senhora desta casa em Badajoz, filha herdeira de D. João de Chaves e de D. Mécia Pinel, da qual teve D. Gonçalo Martel de los Rios, sucessor da casa paterna, com geração em Badajoz, e D. Rodrigo Martel de Chaves. Herdou este D. Rodrigo Martel um morgado instituído para ele por sua mãe na defesa do Vale de Sevilha, chamada a Defesa de Pinella, com sua casa no termo de Badajoz e Monterroso e umas casas nobres em Badajoz. Casou com D. Brites de Mendonça, sua prima, filha de Miguel de Mendonça de Chaves e de D. Maria de Vera, neta paterna de Martim de Chaves de Mendonça e de D. Brites de Chaves Tablada, de quem



Martel

teve D. Miguel Martel de Mendoça, morador em Badajoz, onde exercitou o officio de regedor e serviu de soldado de cavalo na companhia de couraças da nobreza da mesma cidade, sendo capitão D. Lopo Tordoy, seu primo, e depois foi alferes de couraças de D. Afonso Martel de Vargas, seu primo coirmão, e serviu duas vezes de capitão de infantaria, o que tudo lhe mereceu alcançar o hábito da Ordem de Sant'Iago.

De D. Miguel Martel de Mendonça foi irmã inteira D. Leonor de Mendoça, mulher de Cristóvão Lobo Encerrabodes.

Há em Portugal o apelido Martel, parece que vindo de Espanha, talvez desta família.

Os Martéis portugueses obtiveram no final do século XVIII carta de brasão com as armas dos Matelas, que, certamente, lhes foram dadas por aproximação gráfica e não de parentesco, as quais são: De prata, com uma faixa de vermelho, e um chefe endentado de três peças do mesmo, cada peça carregada de uma moleta de ouro.

MARTELLI. Família florentina, uma das senatoriais da república de Florença. Dominico Martelli foi nomeado senador pelo Duque Alexandre de Médicis em 1532, cargo que seus descendentes continuaram. Passou esta família a Espanha, estabelecendo-se com grandeza em Sevilha. Também na cidade de Milão há uma família do mesmo apelido. Julião Martelli, natural de Milão, viveu em Lisboa, onde se fixou e deixou descendência, que se tratou nobremente. Dos primeiros parece não ter passado ninguém a Portugal.

As armas que os segundos usaram são: De azul, com um castelo de prata, ladeado de dois leões de ouro, afrontados e trepantes, cada leão empunhando na garra direita um martelo de ouro. Timbre: um leão do escudo.



Martelo

MARTELO. Família de origem espanhola, que parece ter-se fixado em Veiros, no Alentejo. Duarte Lourenço Martelo foi pessoa principal nesta vila, que devia ter vivido na primeira metade do século XVI, terceiro avô de Pedro Francisco Martelo, sargento-mor da vila da Fronteira e cavaleiro da Ordem de Cristo, a quem foi concedida Carta de brasão de armas, por sucessão, com as dos Martelos, a 24 de Abril de 1703.



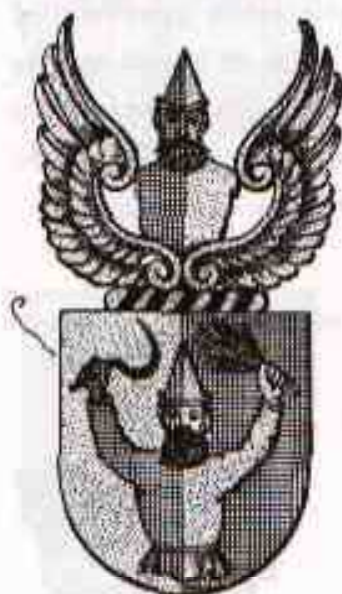
Martelli

O apelido em Espanha é Martel e as suas armas as que seguem: De ouro, com uma meia pala solta em baixo e potenteia no alto, tendo pendentes das extremidades da travessa duas meias palas mais curtas do que a do meio, tudo de vermelho e encimado por três flores-de-lis de azul, postas 1 e 2. Timbre: uma flor-de-lis do escudo.

Outros Martelos, de origem italiana, tanto no país de onde provêm, como na Espanha e em Portugal, usam estas armas: De vermelho, com um grifo de ouro, rampante. Timbre: o grifo do escudo.



Martelo (outros)



Martini

MARTINI. Provêm os deste apelido em Portugal de Ambrósio Martini, italiano, homem de honrado procedimento, que serviu os Imperadores Fernando e Maximiliano II, seu filho. Este soberano o levantou do estado plebeu ao nobre, fazendo-o fidalgo e lhe deu armas novas.

Martini é patronímico, significando o mesmo que Martins, porquanto, se este Ambrósio Martini teve geração, o que se ignora, é natural ter o apelido passado à forma portuguesa.

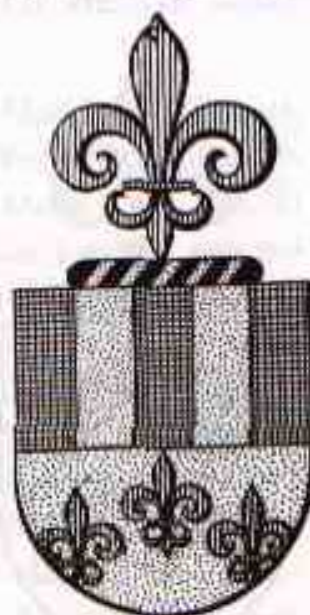
As armas que o Imperador lhe concedeu em 2 de Novembro de 1565 são: Partido, de ouro e de negro, com um homem nascente, barbado de sua cor, de braços levantados, tendo uma foice na mão direita e cinco espigas na esquerda, vestido de cassaca estreita, toucado de um chapéu cónico, tudo entrecambiado. Timbre: o homem do escudo, sainte, sem braços, entre duas asas de ouro, forradas de negro.



Martins, de Diogo Martins

MARTINS. Não há uma só família deste apelido, mas muitíssima porquanto na origem foi patronímico de Martinho ou Martim, sua forma abreviada. Como o patronímico também existe em Espanha, é natural que dos Reinos vizinhos muitas pessoas que o usavam passassem a Portugal, onde Martinez tomaria a forma portuguesa, vindo, assim, aumentar o número das famílias que usam este apelido.

A Diogo Martins, cavaleiro-fidalgo da Casa de D. Sebastião,



Martins (outros)



Martins, de Estêvão
Martins

pelos serviços que a este prestou e a seu avô D. João III, lhe fez o mesmo Príncipe mercê de o tirar do conto plebeu para o dos homens nobres, criando-o fidalgo de cota de armas e dando-lhe, por Carta de 18 de Maio de 1560 as seguintes armas: Cortado: o primeiro de negro, com duas barras de ouro; o segundo de ouro, com três flores-de-lis de púrpura em pala. Timbre: uma das flores-de-lis do escudo.

Outros Martins usaram estas armas alteradas da seguinte forma: Cortado: o primeiro de negro, com duas palas de ouro; o segundo de ouro,

com três flores-de-lis de vermelho postas 2 e 1 ou 1 e 2. Timbre: uma flor-de-lis do escudo.

Estêvão Martins, mestre-escola da sé de Lisboa, primeiro provedor do Hospital Real de Todos-os-Santos e Conde palatino, que parece ter morrido em 1506, trazia por armas: Partido: o primeiro de ouro, com meia águia de negro, coroada de ouro, movente da partição; o segundo de vermelho, com uma almarraxa de prata, gotada de azul. Timbre: a almarraxa do escudo. Estas armas foram, evidentemente, dadas pelo Imperador do Sacro Romano Império. São as que alguns autores atribuem aos Mestres, por haverem tomado a dignidade como apelido.

Ainda outros Martins usam: Partido: o primeiro de azul, com um castelo de ouro e um corvo de sua cor, junto à porta; o segundo, de ouro, com uma águia de perfil volante de azul. Timbre: cinco plumas, três de azul e duas de ouro. Parece que estas são as de João Martins de Deus, que passou das Astúrias a Portugal, embora as dos Martinez das Astúrias não sejam iguais, mas semelhantes.

MASCARENHAS. Parece que esta família principiou em Estêvão Rodrigues, senhor do lugar de Mascarenhas, no julgado de Mirandela, e seu primeiro povoador, contemporâneo de D. Sancho I, a quem acompanhou na tomada de Elvas e de Torres Novas. Casou com Urraca Anes, de quem teve Lourenço Esteves Mascarenhas, senhor de Mascarenhas, que do seu matrimónio houve a Afonso Lourenço Mascarenhas, senhor de Mascarenhas, pai de Afonso Mascarenhas, senhor do mesmo lugar, vassalo do Rei D. Fernando e pai de Martim Vaz Mascarenhas. Assim deduzem alguns autores a genealogia dos Mascarenhas nas suas primeiras gerações, porém outros a começam neste Martim Vaz ou em Fernão Martins, seu filho.

Martim Vaz Mascarenhas foi homem honrado e nobre de Évora, a quem D. Fernando coutou a herdade da Capitoa, no termo da mesma cidade, na qual ele instituiu o morgado do Capitão. Teve filhos, entre os quais Fernão Martins Mascarenhas, fidalgo

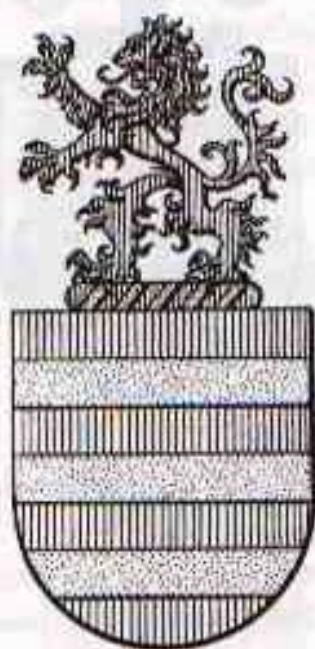


Martins (outros)

e criado do Infante D. João, filho de D. João I, comendador-mor da Ordem de Sant'Iago em tempo de D. Afonso V e casado com D. Filipa, de quem deixou geração.

As armas dos Mascarenhas são: De vermelho, com três faixas de ouro. Timbre: um leão de vermelho, armado e lampassado de ouro.

D. Pedro Mascarenhas, filho de D. Fernão Martins Mascarenhas, neto de Nuno



Mascarenhas

Vaz Mascarenhas e bisneto de Fernão Martins Mascarenhas, o primeiro, acima referido, foi alcaide-mor de Trancoso, comendador de Castelo Novo, estribeiro-mor de D. João III, aposentador-mor e camareiro de seu filho o Príncipe D. João e embaixador daquele Rei a Roma e ao Imperador Carlos V. Foi ele que pediu a vinda dos padres da Companhia de Jesus para Portugal. Sendo embaixador a Carlos V, ofereceu ao Imperador, a sua mulher e a outros Príncipes, um banquete em que a lenha queimada nas chaminés era de canela. Governou durante um ano o Estado da



Mascarenhas, de D. Pedro Mascarenhas

Índia com o título de Vice-Rei. Recebeu-se primeira vez com D. Filipa Henriques e segunda com D. Helena Mascarenhas, não deixando geração de nenhum dos matrimónios.

D. Pedro Mascarenhas usou as armas do seu apelido, acrescentadas da seguinte forma: De vermelho, com três faixas de ouro; bordadura cosida de azul, carregada de dezasseis memórias de ouro, repassadas umas pelas outras, duas a duas. Timbre: um leão de ouro, segurando nas garras uma palma com tâmaras, tudo de sua cor.

Diz-se que este acrescentamento foi concedido por D. João III, em 1554, ano em que D. Pedro partiu para a Índia por vice-rei.

MASSUELOS. Família espanhola que parece ter passado a Portugal na pessoa de D. Pedro de Torres e Massuelos, que se recebeu com D. Damiana Maria Teixeira, de quem houve geração. Dois netos seus tiveram, em 1795, Cartas de brasão de armas, por sucessão, sendo-lhe concedidas, entre as de outros apelidos, as dos Massuelos, que são as seguintes: Esquartelado: o primeiro e o quarto de vermelho, com um castelo de ouro, lavrado e iluminado de negro; o segundo e o terceiro de prata, com um lobo passante de negro; bordadura de vermelho, carregada de oito aspas de ouro.



Massuelos

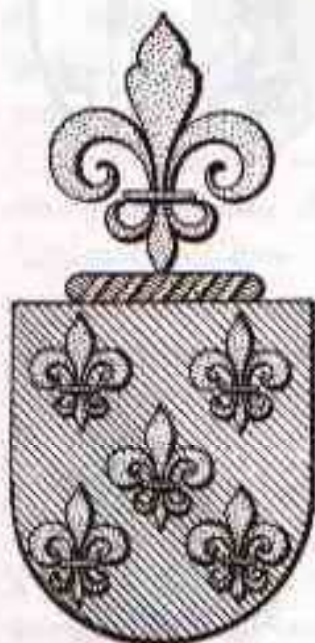
MATA. Família antiga que parece proceder dos Guedes. Em Espanha há também uma família do mesmo apelido, tirado da casa e solar da Mata, no vale de Ribara, na Galiza, cujo senhor mais antigo que se conhece foi Rui Fernandes da Mata, o *Feio*, casado com D. Sancha Ramires, de quem teve geração, entre a qual se encontram os Matas, de Ciudad Rodrigo.

Nos princípios do século XV viveu Gonçalo Anes da Mata, casado com Mécia Teles, filha de Nuno Teles de Faria, de que proveio muita descendência do seu apelido.

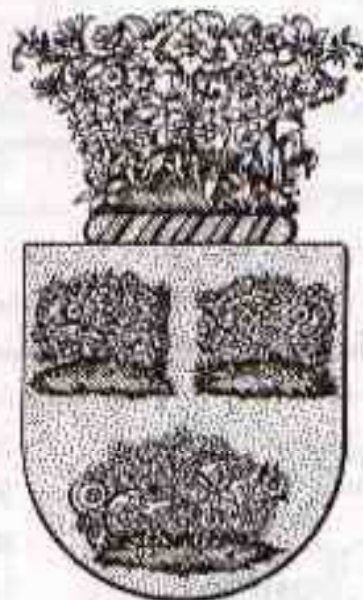
As armas dos Matas são: De verde, com cinco flores-de-lis de ouro, postas em sautor. Timbre: uma flor-de-lis do escudo.

Houve em Portugal outros Matas que tiveram princípio em Luis Gomes de Elvas Coronel, filho de António Gomes de Elvas, possuidor de grande casa, e de sua mulher,

Brites Mendes de Azevedo, neta paterna de Manuel Mendes de Tânger, a quem D. Manuel I deu este apelido e armas novas. Luis Gomes de Elvas Coronel teve grossíssimos cabedais e viveu com grande fausto, justificou sua nobreza em 1607 e desejando ter apelido e novo solar pediu a D. Filipe II lhe desse por solar a Quinta da Mata de Flores, que havia comprado às freiras de Odivelas, situada em Loures, no termo de Lisboa, junto da igreja paroquial. O soberano lhe concedeu a graça pedida, passando-lhe Carta em 18 de Fe-



Mata



Mata, de Luis Gomes de Elvas

vereiro de 1606 para que fosse em Portugal fidalgo de solar conhecido e que tivesse o apelido de Mata e armas novas. Foi fidalgo da Casa do mesmo Rei, pelos grandes serviços que lhe prestara e em consideração de um donativo de 70 000 cruzados teve o officio de correio-mor de Portugal e de todos os seus domínios. Sepultou-se na capela de Nossa Senhora da Pérsia, na igreja de Nossa Senhora da Graça, que comprou para seu jazigo e para onde mandou trasladar os ossos de seus pais. Casou primeira vez com D. Branca Antónia de Elvas, filha de António Fernandes de Elvas e de Maior Fernandes, e segunda com D. Isabel Vaz Coronel, filha de Reimão Nunes Pereira e de Inês Peres Coronel, ambas suas parentas. Dos dois matrimónios deixou geração, continuando na do primeiro o officio de correio-mor.

As armas-novas concedidas a Luis Gomes de Elvas são: De ouro, com três matas de verde, floridas de sua cor. Timbre: uma mata do escudo.

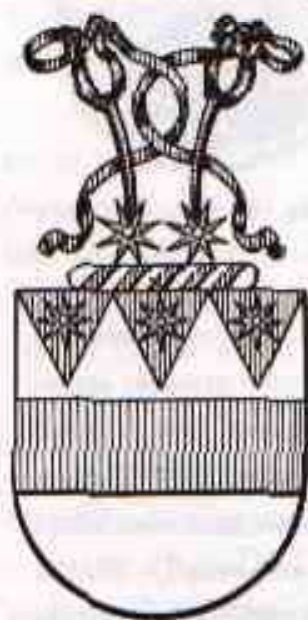
MATAMOUROS. Família de origem espanhola, da qual passou a Portugal Juan Mancebo Furtado de Matamouros, fidalgo e notável guerreiro, natural da vila de Albacete, em Castela. Depois de haver prestado serviços de valor ao seu Rei nas guerras da Flandres, em Granada e na batalha de Lepanto, junto de D. João de Áustria, *acompanhou o Duque de Alba* quando entrou o seu exército em Portugal, no tempo de D. Filipe. Tomou parte importante na batalha de Alcântara, em 1580, e em 20 de Março de 1586 pertencia à guarnição do castelo de Lisboa. Deixou geração que seguiu o apelido de Matamouros ou Mata-Mouros.

As suas armas são: Esquartelado: o primeiro de vermelho, com um braço nu, empunhando uma espada de prata; o segundo de azul, com três cabeças de mouro cortadas e ensanguentadas; o terceiro de vermelho, com uma cabeça de rei mouro; o quarto de prata, com três bandeiras de vermelho, postas 1 e 2. Timbre: *a cabeça do mouro do terceiro quartel*.



Matamouros

MATELA. Família da província da Beira, cujo ascendente mais antigo que se conhece é Vicente Domingues, morador em Valongo, termo de Pinhel, onde herdou um morgado instituído em 15 de Agosto de 1357 por Sancho Martins e sua mulher, Maria Domingues,



Mateia

irmã do referido Vicente Domingues. Foi este, pai ou avô de Fernão Vaz, escudeiro-fidalgo, que, por sua vez, o foi de João Fernandes, escudeiro, casado com Branca Matela. Tiveram dois filhos: João Matela, que herdou o morgado e morreu sem geração, e Pedro Matela, escudeiro, que viveu pelos anos de 1490 e foi casado com Isabel do Cocho, filha de Pedro do Cocho, de quem procedem os do apelido de Matela, na Beira.

Ignora-se se os Matelas da Estremadura e Alentejo têm a mesma origem. O apelido, nos princípios



Matela (outros)

do século XVII, transformou-se em Metelo, forma por que hoje é usado.

As armas dos Matelas são: De prata, com uma faixa de vermelho, e um chefe endentado de três peças do mesmo, cada peça carregada de uma moleta de oito pontas de ouro. Timbre: duas esporas de ouro com as rosetas para baixo e as correias de vermelho.

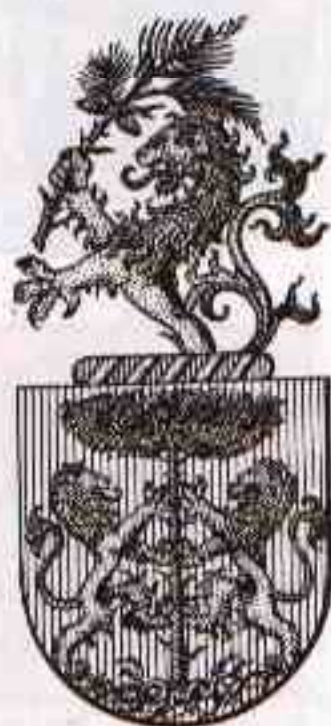
Em duas Cartas de brasão do século XVIII deram-se as mesmas armas, attribuindo-as ao apelido Metelo, com o timbre modificado deste modo: Um braço armado de prata, com duas esporas de ouro pendentes da mão por correias de vermelho.

MATOS. Família das mais antigas de Portugal, pois descende dos Reis de Leão, por D. Hermigo Alboazar, senhor do castelo de Távora, e de sua mulher, D. Dórdia Osorez, de quem foi filho D. Egas Hermigues. Este D. Egas, bisneto por varonia de D. Ramiro II de Leão, casou com D. Gontinha Eriz, filha de D. Ero, Conde de Lugo e um dos maiores senhores do seu tempo. Pelo seu grande valor foi D. Egas Hermigues chamado *o Bravo*. Fundou o mosteiro do Freixo, com sua mulher, de quem teve D. Paio Viegas, herdado no concelho de Argos, comarca de Lamego, onde fez a quinta de Matos, na qual viveu. Do seu matrimónio nasceu D. Hermigo Pais de Matos, sucessor da casa paterna e primeiro do apelido, que tomou da quinta cujo senhorio tinha. Foi, também, senhor das quintas do Amaral e de Cardoso e muito devoto do mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, pelo que os cônegos regentes de Santo Agostinho lhe deram carta de seu familiar, a fim de poder lograr as indulgências concedidas pelos Papas aos familiares da ordem. No livro dos óbitos do mesmo mosteiro, chamando-se-lhe «familiaris Sanctae Crucis» se refere a sua morte, ocorrida em as *nonas de Novembro*. Teve do seu casamento vários filhos, dois dos quais foram, respectivamente, progenitores dos Amarais e dos Cardosos, por lhes terem cabido os senhorios das quintas do Amaral e de Cardoso, de que tomaram os seus apelidos.

O filho mais velho, Paio Hermigues de Matos, sucedeu no senhorio da quinta de Matos e no da de Rousais, viveu em tempo de D. Sancho II e D. Afonso III, foi senhor do casal de Neomais, trazendo as referidas quintas por honra, como se vê das Inquirições, em que se lhe chama *miles*, e tinha muitas herdades, compradas a Martim Anes, João Moniz, João Gonçalves e Pedro Feio, situadas em Ruivães, termo de Vila Boa, e na vila de Santa Maria. Do seu matrimónio houve geração que propagou o apelido de Matos.

Manuel de Sousa da Silva deixou, em louvor desta família, os seguintes versos:

*O lugar de Matos tem,
de Argos no julgado
o solar assinalado
de Matos, e dele vem
todo o seu gremio honrado.*



Matos

As armas usadas pelos deste apelido são: De vermelho, com um pinheiro de verde, arrancado de prata, sustido por dois leões de ouro, armados e lampassados de azul, afrontados. Timbre: um leão sainte, de ouro, armado e lampassado de azul, tendo um ramo de pinheiro de verde na mão.

MEDEIROS. A origem desta família não é muito clara, porquanto os genealogistas a pretendem deduzir da que se chamou das Medas, o que não é muito aceitável, pois, se Medeiros quer dizer das medas, ou que faz medas, ou lugar onde há medas, não se explica que seja precedido de preposição, indicativa de origem geográfica, tanto mais que há povoações chamadas Medeiros. Martim Sanches das Medas, que parece contemporâneo de D. Afonso III, foi muito bom cavaleiro e na lide do Porto, no ano de 1245, levou o pendão do Conde D. Martim Gil de Soverosa, grande senhor da época, que guerreava D. Rodrigo Sanches, filho de D. Sancho I, o qual ficou vencido e morto neste combate. Casou Martim Sanches com D. Dórdia Nunes de Aguiar, filha de Nuno Martins de Aguiar, descendente de D. Arnaldo, senhor de Baião, e de D. Gonçalo Mendes de Sousa, de cujo matrimónio nasceram vários filhos que usaram o apelido das Medas, alcançando os genealogistas, por algumas linhas, até terceiros netos, sem, contudo, fazerem a ligação destes com os Medeiros.



Medeiros

uma águia estendida, sainte, de vermelho, armada de ouro.

MEDRANO. Família de Castela, de que passou um ramo a Portugal, na pessoa de D. Félix Moreno Monroy e Rós de Medrano, cadete de Infantaria de Granada, natural de S. Roque, termo da cidade de Gibraltar, a quem se passou em Portugal Carta de brasão de armas, de sucessão, a 15 de Agosto de 1776, com as dos Morenos, Monroys e Medranos. A ascendência deste D. Félix Moreno é a seguinte: D. João de Rós e Medrano, casado com D. Maria de Molina, teve D. Francisco de Rós e Medrano, cavaleiro da Ordem de Alcântara, regedor da cidade de Alcalá de Henares, pai de D. João de Rós, casado com D. Lourença Ponte, de quem teve D. Manuela de Rós,

O mais antigo que se conheça deste apelido é Rui Gonçalves de Medeiros, que tomou o partido do Mestre de Avis contra D. João I de Castela. O povo de Évora, por o alcaide do seu castelo, Álvaro Mendes de Oliveira, defender o partido da Rainha D. Brites, o expulsou, entregando o castelo a Rui Gonçalves, que o sustentou pelo pretendente português, o Mestre de Avis.

Dizem alguns autores que este Rui Gonçalves era filho de Gonçalo Martins das Medas, filho de Martim Sanches, entroncamento que a cronologia não permite. De Rui Gonçalves de Medeiros descendem os que se conhecem deste apelido. Um ramo de Medeiros fixou-se no século XV, no Algarve, e outro ramo, também no mesmo século, na ilha de S. Miguel, ambos oriundos de Ponte de Lima.

As armas dos Medeiros são: De vermelho, com cinco cabeças de águia, de ouro, postas em sautor. Timbre:



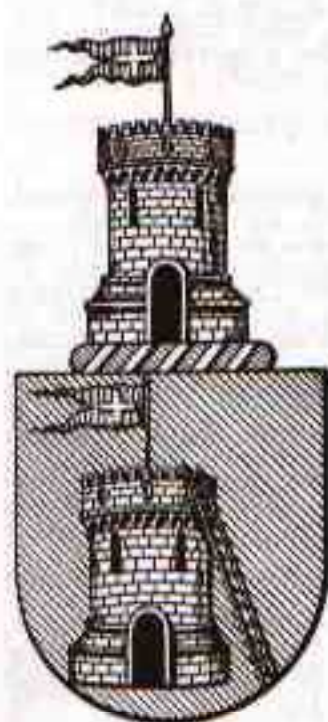
Medrano

mulher de D. Pedro Moreno Monroy, regedor perpétuo da cidade de Gibraltar, pais do referido D. Félix, passando a Portugal.

As armas dos Medranos são: De vermelho, com uma cruz florenciada e vazia de prata. Timbre: a cruz do escudo.

MEGA. Família espanhola que parece se estende a Portugal.

As armas que usam os deste apelido são: De verde, com uma torre de prata, rematada por um guião de vermelho com cruz solta do segundo esmalte, a torre ladeada à esquerda de uma escada de ouro lançada contra as ameias. Timbre: a torre do escudo com o guião.



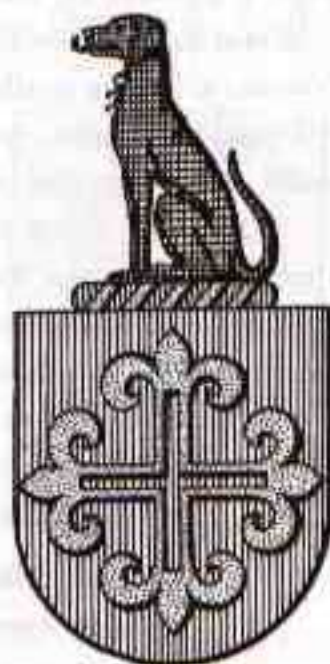
Mega

MEIRA. Família de Espanha que tomou o apelido de Meira, no bispado de Tui, na Galiza. O mais antigo que se conhece é Rodrigo Afonso de Meira, senhor do solar de Meira, casado com D. Ouroana Correia, filha de Paio Soares Gravel, de quem teve vários filhos, todos do apelido de Meira.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, escreveu os seguintes versos:

*Rodrigo Afonso de Meira
mui esforçado varão
D. Godinha da Feira
ouve então por companheira
dos quais vem este braço.*

Têm os Meiras por armas: De vermelho, com uma cruz florenciada e vazia, de ouro. Timbre: um alão sentado, de negro, lampassado de vermelho.



Meira

MEIRELES. Procede esta família da dos Chacins. D. Martim Pires de Chacim, senhor de Chacim, em Trás-os-Montes, na comarca da Torre de Moncorvo, contemporâneo de D. Afonso III e um dos fidalgos honrados do seu tempo, que casou com sua parente D. Froile Nunes, filha de D. Nuno de Bragança, foi pai de D. Nuno Martins de Chacim, rico-homem, adiantado de Entre Douro e Minho e da Beira, aio e mordomo-mor de D. Dinis e muito seu privado, o qual, de sua terceira mulher, D. Maria Gomes de Briteiros, que foi abadessa de Arouca, filha de D. Gomes Mendes de Briteiros e de sua mulher, D. Urraca Gomes, teve um filho, Rui Nunes de Chacim. Este Rui Nunes recebeu-se com D. Aldonça Martins de Bragança, filha de Martim Tavaia e de sua mulher, D. Aldonça Pais Marinho, de cujo matrimónio nasceu João Rodrigues de Chacim, também chamado D. João de Chacim e João



Meireles

Chacim de Meireles, senhor de Chacim e da quinta de Meireles, de que tomou apelido, situada em Trás-os-Montes, comendador da Ordem de Cristo, o qual, de sua manceba, teve filhos que seguiram o apelido de Meireles.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, escreveu uma quintilha dedicada aos Meiras e Meireles por alguns ramos usarem as mesmas armas daquela família. (V. *Meira*).

Outros Meireles trazem as seguintes armas: De azul, com seis crescentes invertidos de ouro, postos 2, 2 e 2. Timbre: um leão saínte de azul, lampassado de vermelho e carregado de um crescente do escudo sobre a espádua.

MELO. Uma das famílias mais antigas de Portugal. Procede de D. Pedro Formarigues, chamado de *Riba de Vizela*, por ter aí fazendas, morador na Quinta do Paço de Urgezes e casado com D. Continha, de quem teve Paio Pires de Guimarães, senhor da casa e fazenda paterna em Riba de Vizela, o qual se recebeu com D. Elvira Fernandes, filha de Fernão Pires Tinhoso, *copeiro-mor* de D. Afonso Henriques. Viveram Paio Pires e sua mulher no paço de Urgezes, junto de Guimarães, e tiveram D. Reimondo Pais de Riba de Vizela, que sucedeu na casa do pai e contraiu matrimónio com D. Dordia Afonso, filha de D. Afonso Viegas, chamado Moço Viegas, e de sua mulher, D. Aldara Pires, havendo por filho D. Sociro Reimondes, esforçado cavaleiro, que parece ser o fundador da vila de Melo, na serra da Estrela, a qual primitivamente se denominou de Merlo, forma arcaica de melro.

D. Sociro casou com D. Urraca Viegas, filha de D. Egas Gomes Barroso e de sua mulher, D. Urraca Vasques de Ambia, de quem teve, entre outros filhos, a D. Mem Soares de Melo, senhor da casa paterna, de Melo e de Gouveia, rico-homem, alferes-mor de D. Afonso III, com quem esteve na tomada de Faro, e casado com D. Teresa Afonso Gato, filha de Afonso Pires Gato e de sua mulher, D. Urraca Fernandes, da qual teve filhos que seguiram o apelido de Melo, propagando-o.

A João Rodrigues de Sá se devem estes versos, feitos à ilustre linhagem dos Melos:

*Non tem lyões nem castelos
mas seys brancas arruelas,
& tres barras amarelas
o nobre sangue de Melos,
que suas armas traz nelas.*

*He o que deles se toma
ser estrangeyros em soma
donde nom se sabe asaz
ajnda que o nome faz
presomyr vyrem de Roma.*

Igualmente o bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, lhe dedicou esta quintilha:

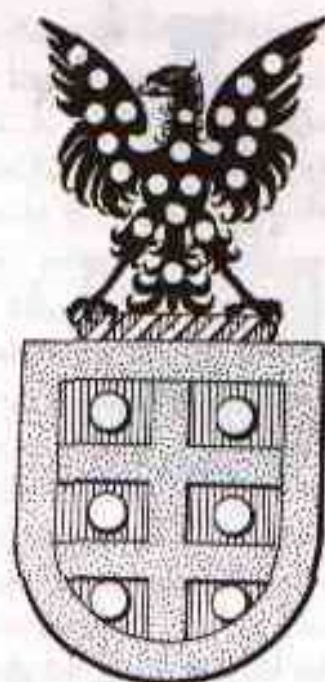
*Os Melos dos Melos vem
dos que em Roma triunfaram
e na Lusitania tem
a sua casa que exaltarão
sem ser segunda a ninguém.*

O grande genealogista Manuel de Sousa da Silva escreveu as duas quintilhas que seguem, a primeira relativa à linhagem dos de Riba de Vizela, da qual saíram as famílias dos Melos, dos Alvins e dos Sandes, e a segunda especialmente dedicada aos Melos:

*A casa illustre e grande
Dos de Riba de Vizella
Acha-se origem nella
Dos Mellos e Alvins e Sandes
E outros que procedem della*

*Soeiro Reimão viveu
Nessa quinta de Aguião
Destrito de Gondomar
Mem Soares filho seu
Os Mellos veio a gerar*

As armas dos Melos são: De vermelho, com dobre-cruz de ouro, acompanhada de seis besantes de prata; e bordadura do segundo esmalte. Timbre: uma águia estendida de negro, besantada de prata.



Melo

MENA. Família das principais da cidade de Toledo, cujo solar fica no vale de Mena, em Castela-a-Velha. Passou a Portugal em época ignorada.

No século XVI vivia em Pinhel Pedro de Mena, aí casado com Catarina do Couto, filha de Domingos Pires do Couto e de sua mulher, Isabel Monteiro, senhores da quinta de Magide, de cujo matrimónio proveio larga geração, existente na provincia da Beira.



Mena

As armas dos Menas são as seguintes: Cortado: o primeiro de prata, com dois lobos de negro, passantes, um sobre o outro; o segundo de vermelho, com duas caldeiras de ouro, uma sobre a outra; bordadura de vermelho, carregada de oito aspas de ouro.



Mena (outros)

Usam outros Menas: De azul, com cinco estrelas de ouro, de oito raios, postas em sautor.

MENAGEM. Família de pequena categoria, que se tornou illustre no século XVI. O ascendente mais antigo que se conhece é Pedro Fernandes, homem muito honrado e principal de Alcácer do Sal, onde nasceu. Teve do matrimónio a Afonso Fernandes e a António Fernandes, que defenderam Alcácer, tomando o partido de D. João I contra Castela, o primeiro dos quais foi secretário da Rainha D. Filipa, mulher do mesmo soberano, e fora de matrimónio houve a Pedro Fernandes, morador em Alcácer, tesoureiro da Infanta D. Filipa, filha de D. Duarte. Entre outros filhos, Pedro Fernandes teve Ma-



Menagem

nuel Fernandes, que foi à Índia por capitão de uma nau no ano de 1505, sendo capitão-mor Pedro de Anaia, e estando este por capitão de Sofala serviu aí de feitor e ajudou a defender esta praça do cerco posto pelos Mouros. Manuel Fernandes neste cerco cortou a cabeça ao rei mouro e se recolheu à fortaleza, da qual pouco depois o fizeram capitão por morrer Pedro de Anaia, cuidando, então, de a fortificar, para o que mandou fazer uma torre de pedra e cal, a primeira que nela houve.

D. Manuel I, sabendo dos seus feitos, lhe deu o foro de fidalgo de sua Casa e o criou fidalgo de cota de armas, concedendo-lhe com as armas novas o apelido de *Menagem*, em alusão à torre por ele levantada, tudo por carta de Junho de 1512. Foi, também, Manuel Fernandes Menagem guarda-roupa do Infante D. Luís e se recebeu com D. Maria de Sousa, de quem teve geração que seguiu o apelido de Menagem.

As armas concedidas foram: De azul, com uma torre de menagem de ouro, aberta e iluminada de negro, com seis bombardas de sua cor, quatro saintes das ameias e duas de duas canhoneiras. Timbre: a torre do escudo.

MENDANHA. Família espanhola cujo apelido primitivo parece ter sido Abendanho, passando depois a Bendanha e desta forma a Mendanha. O seu solar é na Biscaia, onde vivia à volta de 1430 João de Mendanha, casado com D. Brites da Fonseca, filho de Pedro Ulhoa da Fonseca, que foi pai de Pedro de Mendanha e de Francisco de Mendanha, ambos passados a Portugal.

Alguns autores pretendem que os Mendanhas portugueses não provêm do referido João de Mendanha, mas de Luís de Mendanha, fidalgo asturiano muito honrado, que morou em Paredinas, no tempo de D. João II de Castela, o qual era casado com D. Isabel de Valenzuela, irmã de D. João de Valenzuela, prior da Ordem de Malta em Castela, de cujo matrimónio nasceu Pedro de Mendanha, acima. Conforme os mesmos autores Luís de Mendanha recebera, em segundas núpcias, D. Ana de Chaves, filha de Alonso Garcia de Chaves, de quem teve Pedro Garcia de Chaves e outro irmão, pai de Pedro Garcia de Chaves, que confundem com seu tio de igual nome, não se sabendo, pois, se o Pedro Garcia era filho ou neto de Luís de Mendanha. Pedro de Mendanha, filho de João ou de Luís de Mendanha, foi senhor e alcaide de Castro Nuño em Castela, que lhe dera seu tio D. João de Valenzuela como querem alguns, em tempo do Rei D. Henrique e das guerras entre Portugal e Castela, e também teve o senhorio de Cantalapiedra, Siete Iglesias e Cubillas e, pelas armas, durante algum tempo, de Tordesilhas, Burgoa, Ávila, Salamanca, Segóvia, Valhadolide em ais vilas vizinhas, que lhe davam certa quantia de pão e vinho para as não inquietar, às quais ele pedia gado e dinheiro, com o que se tornou muito rico. Pagava soldo a trezentos homens de cavalo e era temido de todos os grandes daquelas terras. Quando morreu Henrique IV, de Castela, Pedro de Mendanha tomou o partido da Beltraneja e, travando-se a batalha de Toro, D. Afonso V de Portugal, con-

vencido de que a perdera, se recolheu a Castro Nuño, onde «o Alcayde della, Pero de Mendanha por naçam Fydalgo Castelhana e no amor e lealdade bom e verdadeiro Portugues, o recolheo, e lhe obedeceu co muyta lealdade e firmeza...», conforme escreveu Rui de Pina na crónica do mesmo rei, sucesso que se deu aos 2 de Março de 1476. Continuou Pedro de Mendanha em Castro Nuño com as mais terras da sua alcaidaria combatendo pelo Rei português e somente se rendeu em 1479, com certas condições que impôs. Estas eram a de que D. Afonso V o mandaria entregar as vilas, que D. Fernando lhe daria dois contos de réis, que sairia das suas vilas com as bandeiras desfraldadas e com elas atravessaria Castela até chegar a Miranda do Douro, que levaria consigo toda a sua casa, assim como todos os que estavam nas vilas, com suas armas, cavalos e bagagens. Atravessou Castela com as bandeiras desfraldadas, como informa aquele cronista, e, com sua mulher e criados, se instalou na cidade do Porto, em uma casa pertencente à Câmara, demorando-se aí alguns anos, até 1485, ao que parece. D. Afonso V, atendendo aos seus grandes serviços, prometeu de lhe dar tanto como o que perdera em Castela, mas Pedro de Mendanha só recebeu deste monarca uma tença de 250 000 reais por ano, pagos no almoxarifado do Porto, por Carta de 23 de Maio de 1480, data em que já era do conselho do Rei. Por Carta de 9 de Março de 1485 D. João II lhe deu as vilas da Castanheira e de Povos, senhorio que a 23 de Fevereiro de 1486 o Rei transferiu para D. Leonor, filha do Conde de Atalaia, D. Pedro, fazendo-lhe mercê, em substituição, dos direitos e rendas do foral das vilas de Caminha e de Valença, das rendas da portagem e alcaidaria de Condeixa e das rendas do reguengo do Vale do Moinho no termo de Abiul, por Carta de 23 de Fevereiro de 1489. Nesta data também lhe deu, em compensação dos senhorios que lhe tirara, as rendas da mouraria da vila de Tavira, da mordomia da vila de Faro e de diversos foros na mesma vila. Por Carta de 18 de Março de 1488 já Pedro de Mendanha recebera em mercê a alcaidaria-mor de Barcelos e em igual data a capitania e a frontaria da referida vila. Ignora-se quando morreu, mas já não vivia em 30 de Junho de 1491. Casou com D. Inês de Benevides, filha de Fernão Feio de Benevides, a qual, depois de viúva, teve confirmação de algumas das doações feitas ao marido. Ficaram deste matrimónio vários filhos com geração em Portugal.



Mendanha

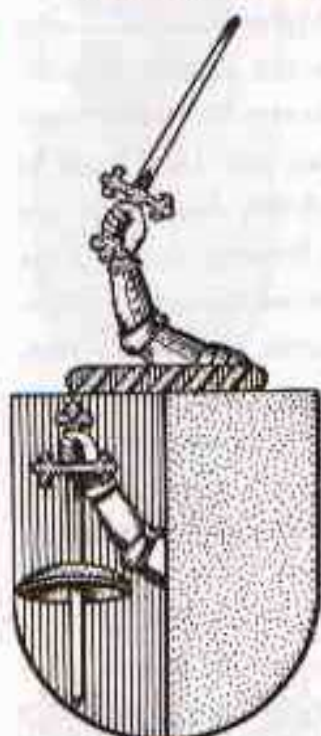
Francisco de Mendanha, que é dado por irmão deste Pedro de Mendanha, serviu D. Afonso V contra os Reis Católicos, D. Fernando e D. Isabel, passou a Portugal, viveu em Coimbra e foi cavaleiro da Casa de D. Manuel, com a moradia de 3150 réis, que cobrava em 1518. Casou e deixou geração em Portugal.

A forma espanhola do apelido é *Avendaño* e *Mendaña*.

As armas usadas pelos Mendanhas em Portugal são: De azul, com uma cota de armas de prata, passada de três flechas de vermelho, empenadas de ouro, gotadas de sangue, duas à direita e uma à esquerda. Timbre: as três flechas do escudo, enfeixadas e atadas de prata.

MENDES. Apelido que primitivamente foi patronímico de Mendo, pelo que há muitas famílias do mesmo nome, mas de origem diversa.

Alguns Mendes trazem por armas: Partido: o primeiro de vermelho, com um braço



Mendes

armado de prata, movente da partição, empunhando uma espada do mesmo guarnecida de ouro, com a ponta para baixo, enfiando um broquel do mesmo; o segundo de ouro, pleno. Timbre: o braço do escudo, com a espada levantada.

Outros usam as seguintes armas: Cortado: o primeiro de azul, com um muro ameiado flanqueado de duas torres de prata, lavrado e aberto de negro; o segundo partido: o primeiro de vermelho, com uma cabeça de mouro cortada de vermelho e fotada de prata e de azul, o segundo de vermelho, com três lanças de prata, hasteadas de ouro, com os ferros para cima, postas 2 e 1. Timbre: a cabeça de mouro do escudo.



Mendes (outros)

Estas armas são as que foram concedidas em 1520 a Manuel Mendes com o apelido de Tânger, mal descritas. Assim se passaram várias cartas de brasão, atribuindo-as ao apelido Mendes.

Rui Mendes, cônsul em Antuérpia em 1566, parece que usava as armas abaixo descritas, que se vêem no selo com que firmou em 7 de Agosto do referido ano uma sua carta dirigida a Pedro de Alcáçova Carneiro, mas ainda que as armas fossem suas próprias, não se pode afirmar que representem o apelido Mendes, embora Braamcamp Freire assim o tenha julgado. São tais armas: De..., com três pássaros de..., postos 1 e 2, o do chefe e o da direita, volvidos.



Mendes, de Rui Mendes

MENDOÇA ou **MENDONÇA.** Conta-se entre as mais ilustres e antigas famílias da Espanha a dos Mendoças, por vir dos senhores de Biscaia. D. Iñigo Lopes, sexto senhor soberano de Biscaia, de Durango e de Nájera, desde o ano de 1025 até o de 1076, contraiu matrimónio com D. Toda Ortiz, filha herdeira de D. Ortiz Sanches, senhor de Nájera, alferes-mor de Navarra, de quem teve por filho segundo a D. Sancho Iñigues, que morreu em 1070, vivendo seu pai, e se casou com D. Teresa, deles nascendo D. Lopo Sanches. Este D. Lopo Sanches teve o senhorio de Alaba e do Vale de Lodio, confirmou privilégios nos anos de 1081 e 1101 e no de 1094. Casou com sua prima D. Sancha Dias

de Frias, filha de D. Diogo Lopes, oitavo senhor soberano de Biscaia, que era neto paterno de D. Inigo Lopes, acima referido, e teve D. Inigo Lopes, senhor de Lodio e Mendonça, pelo que tomou o apelido de Mendonça, como consta de documento do ano de 1164, senhor de Tade em 1189, ano em que morreu. Em 1184 doou o lugar de Pedra Longa ao mosteiro de Uvarennes. Foi casado com D. Teresa Ximenes, filha de D. Ximeno Inigues, rico-homem, senhor de Camaras, e de sua mulher, D. Maria Gonçalves de Lara, nascendo deste matrimónio vários filhos que usaram o apelido de Mendonça e, entre eles, D. Diogo Lopes de Mendonça, quarto senhor de Lodio, Laiterim e Mendonça, rico-homem, casado com D. Leonor Furtado, senhora de Mendobil, filha de Fernão Peres de Lara, chamado o Furtado, meio-irmão de D. Afonso VII, rei de Castela, chamado Imperador, por sua mãe. Por este casamento de D. Diogo Lopes de Mendonça com D. Leonor Furtado se uniram os dois apelidos, que uns usaram em separado, outros em conjunto, chamando-se Furtados de Mendonça ou Mendonças Furtados.

Fernão Furtado, filho deste casal, veio para o Reino de Portugal no tempo de D. Afonso III, na companhia da Rainha D. Brites, e o Rei lhe deu a honra de Pedroso. Recebeu-se com D. Guiomar Afonso de Resende, filha de Garcia Afonso de Resende, dos quais proveio illustre descendência dos apelidos Furtado de Mendonça.

Pedro Dias Furtado ou Pedro Dias de Mendonça, irmão inteiro de Fernão Furtado acima, foi um dos duzentos fidalgos herdados em Sevilha, em 1253, pelo Rei D. Afonso X. Contraiu matrimónio com D. Maria Arrais, filha de D. Fernando Arrais, fidalgo castelhano, *fronteiro-mor* de D. Afonso IV de Castela contra o Algarve, e teve Fernando Arrais de Mendonça, *fronteiro-mor* contra Portugal, que depois das pazes, no ano de 1339, se estabeleceu no Algarve e aí casou e teve geração que se denominou Arrais de Mendonça ou Mendonça Arrais. Um seu neto, Gonçalo Arrais de Mendonça, casou com D. Inês Madeira, dando os Madeiras Arrais.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, fez em louvor dos Furtados e Mendonças a seguinte quintilha:

*De Calvo Laim louvado
e da gran Dona Tareja
nasceu o forte Furtado
de Mendonça, afortunado
na paz, e mais na peleja.*

Escreveu, também, outros versos, dedicados aos Furtados de Mendonça de Sevilha. São estes:

*O que a furto foi gerado
vem dos condes de Aragão
e o duque foi baptizado
no grão do Rio Jordão
por um mai grande perlado.*

Manuel de Sousa da Silva escreveu dos Furtados e Mendonças:

*Para esta terra vem
De Biscaya os sublimados
Ilustrissimos Furtados
Que em Penafiel tem
E Aguiar coutos honrados.*



Mendonça ou Mendoza

O apelido Mendoza, na Espanha Mendoza, em Portugal deu quase sempre Mendonça, embora haja quem o use ainda na forma primitiva, como os Condes de Vale de Reis e seus ramos.

As armas dos Mendonças são: Franchado: o primeiro e o quarto de verde, com banda de vermelho perfilada de ouro; o segundo e o terceiro de ouro, com um S de negro, o da

direita volvido. Timbre: uma asa de ouro, carregada de um S de negro. Estas armas baseiam-se nas antigas dos Mendoza castelhanos.

Os Mendonças Furtados ou Furtados de Mendonça usam: Franchado: o primeiro e o quarto de verde, com banda de vermelho, perfilada de ouro; o segundo e o terceiro, de ouro, com S de negro. Timbre: uma asa de ouro assente num pé de águia do mesmo, carregada de um S de negro.



Mendonça Furtado
ou Furtado de Mendonça

MENELAU. Família que passou da Grécia a Portugal na pessoa de João de Menelau, nobre de Atenas, que veio ensinar a língua grega ao príncipe D. João, filho de D. Manuel. Este João de Menelau foi rei de armas e morreu na Índia. Seu filho de igual nome provou que o pai usava as armas dos Menelaus, que na Grécia eram de casa principal, fidalgos de cota de armas e de solar, pelo que D. Filipe I lhe deu Carta de brasão de armas, de sucessão, passada a 10 de Dezembro de 1582, com as do seu apelido. Este João de Menelau houve geração, pelo menos uma filha chamada Teófila de Menelau, que se não sabe se perdurou.

As armas dos Menelaus são as seguintes: De vermelho, com uma serpe de prata, picada de verde, amedrontada de uma águia de ouro, estendida, voante sobre ela. Timbre: águia de perfil, nascente e voante, de ouro.



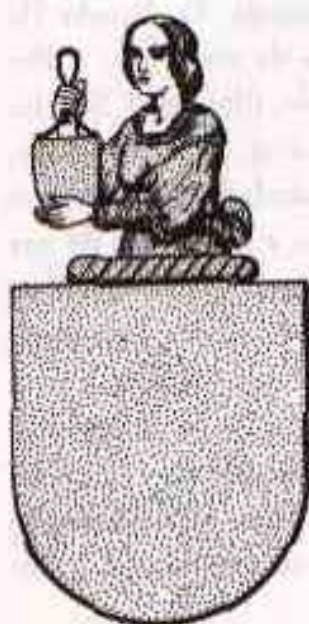
Menelau

MENESES. Uma das famílias mais ilustres e antiga da Península. D. Fruela II, Rei de Leão e de Galiza, subiu ao trono no ano de 924, por morte de seu irmão o Rei Ordonho II, e foi casado duas vezes, a primeira das quais com D. Numilo, filha de D. Sancho Garcez, Rei de Navarra, morrendo no ano de 925. Teve entre outros, a D. Ordonho, chamado o Cego por seu primo D. Ramiro II de Leão o haver mandado cegar. Casou este Infante com D. Cristina, filha de D. Bermudo II, Rei de Leão e Oviedo, e de sua primeira mulher, D. Velasquita, e teve o Conde D. Afonso Ordonhes, que fundou com sua mulher, D. Justa, o mosteiro de Santa Maria de Liébana, no ano de 955, para pôr nele o corpo de S. Toribio, o qual quis reconhecer, pelo que cegou, recuperando a vista por intercessão do mesmo santo. Foi senhor de muitas terras nas Astúrias, e de sua mulher, que era de sangue real, houve a D. Rodrigo Afonso das Astúrias, senhor do solar de Nava, nas Astúrias, que é o primitivo desta família. Este D. Rodrigo foi casado com D. Gónia, senhora muito poderosa nas Astúrias e Leão, e morreu no ano de 1011, nascendo do matrimónio D. Diogo Rodrigues das Astúrias.

Foi D. Diogo Rodrigues Duque das Astúrias, Conde de Oviedo, senhor de Noronha, rico-homem, governador e capitão-general das Astúrias, cavaleiro muito esforçado de D. Fernando I, o *Magno*, confirmante no ano de 1063, e marido da Infanta D. Ximena, filha de D. Afonso V, Rei de Leão, e de sua mulher, D. Elvira, de quem houve a D. Bernardo Dias das Astúrias, que também foi Conde e confirmava no ano de 1119. Contraíu matrimónio com uma filha de D. Afonso Teles, rico-homem, senhor de Monte Alegre e mordomo-mor do rei D. Afonso VI. Deste casamento nasceu D. Pedro Bernardo de S. Fagundo, que confirmava no ano de 1124, senhor do castelo de Magalon, casado com D. Maria Soares, filha de D. Soeiro Mendes da Maia, o *Bom*, e de D. Gontrode Moniz, de quem teve D. Tel Peres de Meneses, o qual sucedeu na casa de seu pai, foi rico-homem, senhor do castelo de Magalon, que trocou com o Rei de Castela, D. Afonso VIII, pelas vilas de Meneses, Vila Nova, S. Romão, outras muitas terras e umas casas em Cuenca, no ano de 1181. Confirmou no ano de 1168 e doou à Ordem de Sant'Iago as casas de Cuenca, no ano de 1188. Serviu D. Afonso IX, foi um dos ricos-homens que assistiram às pazes feitas no ano de 1195 com o Rei de Aragão e enviado a França para buscar a Rainha D. Leonor, mulher do mesmo Príncipe, e fundador do hospital de Villamartin, onde fez vida santa. Casou com D. Urraca Garcia Dorca, segundo uns, ou, conforme outros, com D. Gontrode Garcia de Villamayor, filha de D. Garcia Ordonhes, rico-homem, senhor de Villamayor e Celada, e de sua mulher, D. Maria, senhora de Almenara. Deste casamento nasceram diversos filhos que seguiram o apelido de Meneses, tomado por seu pai da vila do mesmo nome, conservando seus descendentes o patronímico Teles (que também usaram na forma não derivada de Telo) junto com o apelido. Alguns desta família largaram o apelido Meneses e ficaram somente com o patronímico, que ligaram a outro apelido, como os Teles da Silva.

Passaram os Teles de Meneses a Portugal, dando ao trono português uma rainha: D. Leonor Teles, mulher de D. Fernando I.

A família dos Meneses, como muitas outras de grande categoria, achou pequena a história da sua origem e criou uma lenda que enobrecesse, à maneira cavalheiresca, os



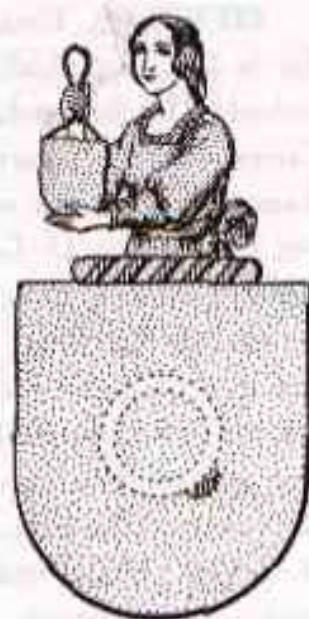
Meneses (antigo)

seus princípios. Ligados a ela andam os seguintes versos, referindo-se a dois escudos dourados que figuraram numas justas:

*Si quieres saber quien son
los dos dorados paveses
hijos de la hija son
de Ordonho de Leon
e de Tello de Meneses.*

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, escreveu as duas quintilhas abaixo, alusivas aos Teles de Meneses:

*Do godo rei de Leão
nasceu a formosa Julia
que ouve de Telo vilão
em Menezes de Cardúlia
alta e real geração.*



Meneses (moderno)

*Em Meneses de Cardulia
fez Tello sendo villam
esta gram geraçam
na nam conhecida Julia
filha delRey de Leam.*

Com o título somente de Meneses deixou os versos seguintes:

*De Ordonho rey de Leão
vem os paveses reais
fidalgos não os ha mais
na Hespanha e dês então
foram sempre os principais.*

Também o insigne João Rodrigues de Sá e Meneses se ocupou dos deste apelido, escrevendo:

*Tem os dourados paveses
limpos de toda mystura,
a real progenytura
nos senhores de Menezes
DOrdonho rey, quyn da dura.*



Meneses, senhores
de Cantanhede

*Cuja linhagem real,
que por muytas rezoens val,
mete dentro em sua rede
Villarreal, Cantanhede,
o prior do Sprital.*

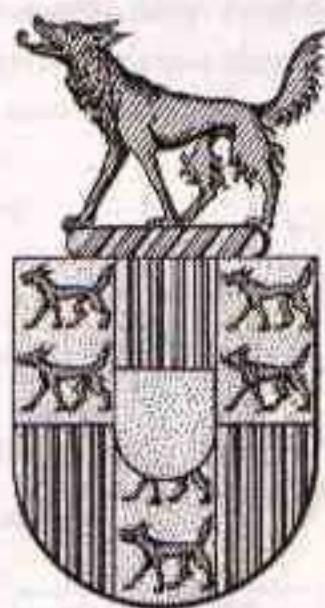
Manuel de Sousa da Silva, erudito genealogista, dedicou aos Teles de Meneses a quintilha seguinte:



Meneses, Marquesses
de Marialva

*Dos grandes Reis de Leam
e dos nossos portuguezes
vem os Tellos de Meneses
a quem tantas palmas dam
os sarracenos arneses.*

As armas antigas dos Meneses, usadas em Portugal e Espanha, são: De ouro, pleno. Timbre: uma donzela, sainte, de carnção, vestida de ouro, com um escudo das armas suspenso da mão direita por um cordão de vermelho e amparado em baixo pela mão esquerda.



Meneses,
Condes de Tarouca

Modernamente, usam os Meneses as seguintes: De ouro, com um anel encoberto, tendo encastado um rubi voltado para o cantão esquerdo da ponta. Timbre: o mesmo.

Os Meneses, senhores de Cantanhede, trouxeram: Partido: o primeiro de prata, com cinco escudetes de azul, postos em cruz, cada escudete carregado de cinco besantes do primeiro esmalte postos em sautor; o segundo de vermelho, com cinco flores-de-lis de ouro, postas em sautor; sobreposto um escudete de ouro, pleno.

Pertencem aos Marquesses de Marialva as seguintes armas: Esquartelado: o primeiro e quarto de prata, com cinco escudetes de azul, postos em cruz, cada escudete carregado de cinco besantes do primeiro esmalte, postos em sautor, e bordadura de vermelho carregada de sete castelos de ouro, com filete de negro em barra; o segundo e terceiro de azul, com três flores-de-lis de ouro; sobreposto um escudete de ouro, com um anel encoberto, tendo encastado um rubi voltado para o chefe. Timbre: o dos Meneses.

As armas dos Meneses, Condes de Tarouca, foram: Partido de dois traços e cortado de um: o primeiro, terceiro e quinto de ouro, com dois lobos de púrpura, armados e lampassados de vermelho passantes um sobre o outro (Vilalobos); o segundo, quarto e sexto de ouro, com quatro palas de vermelho (Lima); sobreposto num escudete de ouro, pleno. Timbre: um lobo do escudo.

Encontram-se as armas dos Meneses também ligadas às dos Albuquerque, dos Noronhas e outras, mas as formas indicadas são as principais.

MERCADO. Família espanhola, parece que originária da cidade de Ubeda, de onde passou a Ledesma e a Jaen.

As armas que trazem são: De ouro, com um leão de vermelho, e quatro flores-de-lis de azul acantonadas; bordadura do segundo esmalte, carregada de oito aspas do primeiro. Timbre: o leão do escudo, com uma flor-de-lis de azul na garra direita.



Mercado



Mergulhão

MERGULHÃO. Família que já existia no século XVI e da qual se desconhece a origem. Primeiramente viveu no Alentejo, Santarém e Figueiró dos Vinhos.

As armas deste apelido, proveniente de alcunha, são as seguintes: De prata, com uma faixa ondulada de azul, aguada do campo e um leão do segundo esmalte, armado e lampassado de vermelho, sainte do bordo superior da faixa, esta acompanhada, em ponta, de uma rosa de vermelho, abotoada do campo. Timbre: o leão do escudo sainte, armado e lampassado de vermelho, tendo na garra direita uma alabarda de prata, hasteada de ouro.

MESQUITA. Escrevem os genealogistas que a família dos Mesquitas procede da dos Pimentéis, sem, contudo, ligarem uma com a outra na origem. Segundo eles, cinco irmãos Pimentéis, naturais de Vila Real, estiveram com D. Afonso V, no cerco de Arzila, onde para entrarem na mesquita em que os Mouros se haviam fortificado se serviram dos seus cinco cintos de couro atados uns aos outros, que lançaram a uma das ameias, e, subindo por eles com uma bandeira, penetraram na mesquita e mataram os Mouros. Por esta acção teriam, conforme dizem tais autores, ganhado o apelido e as armas. Esta origem do apelido não é, porém, verdadeira, porquanto em tempos anteriores ele já existia.

A pessoa mais antiga que se conhece é Estêvão Pires de Mesquita, casado com Aldonça Nunes de Meireles, filha bastarda de D. João de Chacim de Meireles, senhor de Chacim e da quinta de Meireles, em Trás-os-Montes. Foram pais de Lopo Esteves da Mesquita, ouvidor de Vila Real, da vila de Lamas e de outras terras da mesma província, o qual teve do seu matrimónio Inês Lopes da Mesquita, que se recebeu com Martim Gonçalves Pimentel, filho bastardo de João Afonso Pimentel, senhor de Bragança, 1.^o Conde de Benavente. Tiveram estes vários filhos, entre os quais se contariam os cinco autores do feito de Arzila, acima referido. A preposição que acompanha este apelido foi antigamente composta — da — mas com o decorrer do tempo se simplificou. Alguns ramos da família deturparam-na, criando uma lenda justificativa da transformação a que a submeteram. Teria sido aquela a de um membro da linhagem, ao bater os Mouros,

haver sido incitado na luta com as vozes de: *edá Mesquita, dá Mesquita!* Dai eles se assinarem *Dá Mesquita*. Fantasia que não enobrece a família, nem sequer embeleza o apelido, que somente se pode escrever *da Mesquita* ou *de Mesquita*.

O erudito genealogista Manuel de Sousa da Silva escreveu acerca desta família a quintilha seguinte:



Mesquita

*Nessa terra de Mesquita
foi a casa dos honrados
e sempre abalizados
aos quais ela incita
a serem assim chamados.*

Referindo-se aos solares da provincia de Trás-os-Montes, diz o mesmo autor:

*Um ramo de Pimenteis
de Mesquita são chamados
por em Arzilla esforçados
Vencer os mouros crueis
Na forte mesquita entrados.*

As armas dos Mesquitas são: De ouro, com cinco cintas de vermelho, postas em banda, cada cinta com fivela, biqueira e três tachões de prata, com as fivelas para cima; bordadura de azul, carregada de sete flores-de-lis de prata. Timbre: meio mouro, vestido de azul, toucado de um turbante de prata, tendo na mão uma lança de sua cor.

MESTRE. Nos reinados de D. Manuel I e de D. João III vivia em Beja uma família de apelido Mestre, cuja antiguidade se desconhece. O apelido, pela ausência de preposição, mostra ser proveniente de alcunha, talvez derivada da profissão. Desta família, o mais antigo que se conhece é Pedro Mestre, senhor de várias fazendas e instituidor de uma capela que nomeou em seu filho Gaspar Mestre, a qual tinha de obrigação sete missas rezadas na igreja do Salvador, de Beja, para cujo cumprimento ficou vinculado um ferragial sito no rosário da mesma cidade, junto da igreja de Santa Catarina, com a cláusula de nunca se poder vender ou alhear. Não se sabe com quem casou, mas teve filhos que continuaram o apelido.

Ignora-se se esta família procede da que em Espanha se chama *la Maestra*, mas em Portugal os Mestres usam as armas daquela apelido, que são: De ouro, com uma águia de negro, estendida, cantonada de duas flores-de-lis de azul e de dois carvalhos de verde, alternados. Timbre: a águia do escudo.



Mestre

MEXIA. Família espanhola que descende de D. Diogo Oveques, senhor da torre, vila e casa de Mexia, no Reino de Galiza, rico-homem de D. Fernando, o *Magno*, Rei de Leão, confirmado por um diploma deste soberano no ano de 1064. Foi seu filho Gonçalo Dias Mexia, que viveu pelos anos de 1140, no reinado de D. Afonso VII, o *Imperador*, a quem serviu nas guerras contra os Mouros. Possuiu a casa de Mexia, foi esforçado cavaleiro e muito estimado na Galiza. Do seu casamento com D. Teresa Anes de Fornelos, filha de D. João Aires de Fornelos, teve filhas que continuaram o apelido de Mexia.

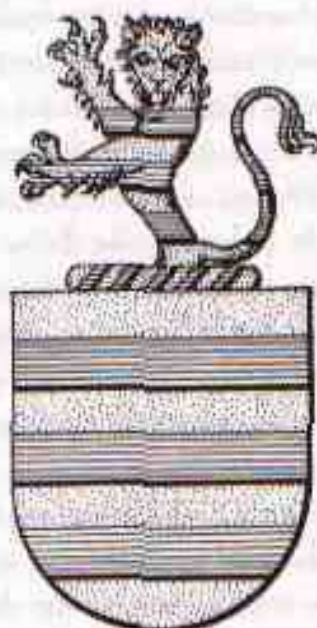
Deste Gonçalo Dias Mexia e de sua mulher foi quinto neto, por varonia, Fernão Gonçalves Mexia, que viveu na cidade de Truxilho, onde possuiu diversos bens que herdou por morte de seu pai. Casou-se com uma parenta de D. Afonso de Monroy, senhor das vilas de Belvir, Almaraz e Deleitosa, pai de D. Afonso de Monroy, craveiro da Ordem de Alcântara. Consta ter sido fidalgo de muito valor e dos principais da linhagem dos *Mexias*. Deste casamento teve Gonçalo Fernandes Mexia, comendador da Ordem de Sant'ago, e Fernão Gonçalves Mexia, que também viveu em Truxilho, onde por morte dos pais ficou com casa muito honrada e de muita gente. Por diferenças que teve ao jogo com um fidalgo de grande parentela na referida cidade o matou, pelo que, estando aí pouco seguro, quer pela acção da justiça, quer pela força dos parentes do morto, resolveu passar a Portugal, acompanhado de seu irmão e de alguns parentes, com muita gente de cavalo e de pé. A primeira terra portuguesa em que entraram foi Sousel, em cujo castelo o recebeu o alcaide-mor e seu irmão voltou para Castela e o provia muitas vezes do necessário à sua subsistência. Recebeu-se por amores em Monforte, a três léguas de Sousel, com uma filha de um homem honrado, mas de poucos cabedais, de quem teve filhos que continuaram o apelido de Mexia.

O licenciado Molina, na sua descrição do Reino de Galiza, deixou esta quadra:

*Ay otro suelo mudado ya d'assiento
que fué de Galicia el solar de Mexias
aqueste se estende por muy luengas vias
de casa y estados de estima y de cuento.*

Também o bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, cantou as excelências desta família nos seguintes versos:

*Estes são de Andaluzia
o solar tem nas montanhas
que também se diz Mexia
donde fizeram façanhas
e as fazem hoje em dia.*



Mexia

Em Espanha o apelido tanto se escreve *Mexia* como *Mesia*.

As armas usadas lá e em Portugal são: De ouro, com três faixas de azul. Timbre: uma onça de ouro, sainte, carregada de três faixas do escudo.

MIGUÉIS. Por ser este nome patronímico de Miguel, não há uma só família que o tenha, pois muitas devem ser as origens. Este patronímico tomou, também, a forma *Miguéns* e usa-se, igualmente, sem provir do genitivo, como o nome próprio de que provém: *Miguel*.

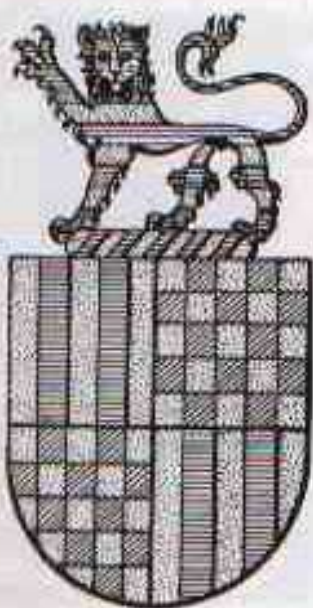
De uns Miguéis espanhóis se diz que tomaram este nome por devoção ao Arcanjo S. Miguel e que a sua família é antiga na Galiza, pois no ano de 1146 era alferes-mor do Conde D. Fernão Peres de Trava um Lopo Miguéis, quando foram com o Imperador à conquista de Almeria.

Deste Lopo Miguéis parece que foi filho Fernão Miguéis, pai de Lopo Miguéis, pai de Lopo Miguéis e de D. Paula Miguéis, de quem procedem os Duques de Pastrana e outras casas ilustres.

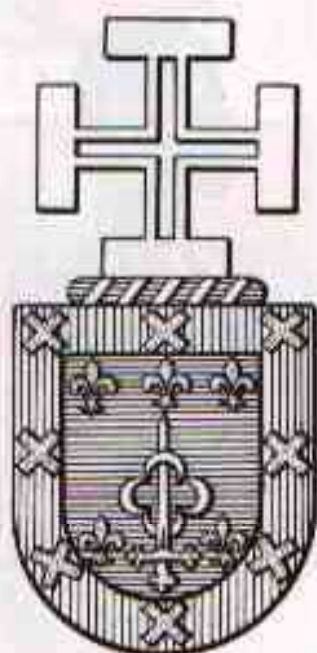
Pretendem, ainda, alguns autores, que esta família se haja espalhado por diversos países e que, passando a França, se estabeleceu em Marselha e deu origem a uma família Michel, da qual passou um ramo a Portugal, na pessoa de Pedro Michel, que se fixou em Lisboa, foi cavaleiro da Ordem de Cristo e, parece, aportuguesou o apelido. Este se casou com D. Maria Antónia da Assunção, de quem teve geração.

Em Portugal foram concedidas, por carta de sucessão, as seguintes armas de Miguéis: De azul, com uma espada de prata, enfiando uma quaderna de crescentes do mesmo: acompanhada de cinco flores-de-lis de ouro, três alinhadas em chefe e uma em cada cantão da ponta; bordadura cosida de

vermelho, carregada de oito aspas de ouro. Timbre, uma cruz de prata, potenteia e vazia.



Miguel



Miguéis

MIGUEL. Apelido que originariamente foi patronímico.

Uma família Miguel parece ter usado as armas que se seguem: Esquartelado: o primeiro e o quarto de ouro, com duas palas de azul; o segundo e o terceiro xadrezado de ouro e de púrpura. Timbre: um leopardo de azul, carregado de três faixas de ouro.

MIGUÊNS. V. *Miguéis*.

MILHAÇO. Apelido que existiu na Idade Média, o qual se supõe provindo de alcunha. As armas que se lhe atribuem são: Esquartelado: o primeiro de prata, com um

pé de milho de sua cor, folhada de três peças; o segundo e o terceiro de prata, com três rosas naturais de sua cor com folhas e pés de verde, alinhadas em banda; o quarto de prata, com uma cabra passante de sua cor.

Se bem que abonadas com *Livro dos Reis de Armas*, estas armas divergem um pouco das esculpidas em um túmulo da igreja de Vila Boa do Bispo. Certamente só o primeiro representa o apelido, sendo os outros de linhagens que se lhe uniram.



Milhaço

MINA. Provém esta família de Tristão Gomes de Brito, que se diz ser descendente por linha varonil dos antigos Britos. Foi seu filho Fernão Gomes, nascido em Lisboa, a



Mina

quem o Rei, por morte do Infante D. Henrique, arrendou o contrato da Guiné por cinco anos com a condição que no fim deles daria quinhentas léguas de terras descobertas, além das que já havia, o que ele fez servindo-se de dois capitães, João de Santarém e Pedro de Escovar, ambos cavaleiros da Casa de D. Afonso V, que tinham por pilotos Martim Fernandes, natural de Lisboa, e Álvaro Esteves, ambos moradores em Lagos. Houve tão boa sorte no intento que no começo de 1471 descobriu o resgate do ouro em que ganhou muita fazenda, com a qual e sua pessoa serviu el-rei em Alcácer, Arzila e Tânger, armando-o o mesmo Príncipe cavaleiro e dando-lhe por Carta de 29 de Agosto de 1474 o apelido de Mina e armas novas e fazendo-o, também, do seu Conselho. Fernão Gomes da Mina casou-se em Lisboa com Catarina Leme, filha bastarda de Martim Leme, o Velho, mercador flamengo honrado. Sua mulher, enviuvando, passou a segundas núpcias com João

Rodrigues Pais, de quem houve geração. Teve Fernão Gomes de sua mulher vários filhos, pelos quais se continuou o novo apelido, que parece não foi de grande duração.

As armas concedidas por D. Afonso V são: De prata, com três cabeças de negros de sua cor, com colares e argolas de ouro nas orelhas e nas ventas. Timbre: uma cabeça do escudo.

MIRANDA. Provém esta família de Afonso Pires da Charneca, cidadão principal de Lisboa, dos que ajudaram D. João I no começo do seu reinado e um dos cinco companheiros que D. Nuno Álvares Pereira tomou quando desafiou D. João Ancores. Foi, também, um dos quatro que os de Lisboa escolheram e o Condestável tomou para o seu conselho. Teve o senhorio das Alcáçovas e de outras terras e, também, dos lagares de El-Rei em Lisboa, os quais lhes foram dados pelos serviços que prestou.

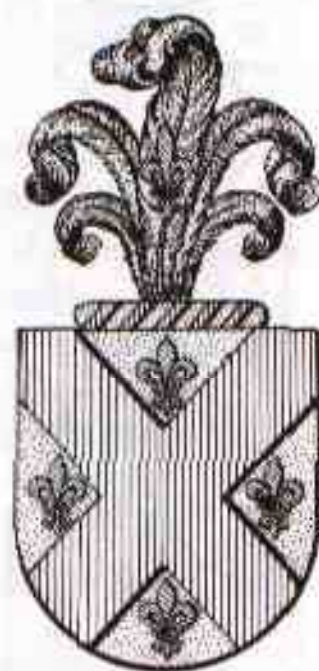
Afonso Pires recebeu-se com Constança Esteves, de quem houve, entre outros, a Martim Afonso da Charneca, o qual andou em demanda com seu irmão Afonso Rodrigues muito tempo sobre quem havia de herdar as Alcáçovas e os lagares de El-Rei, cabendo-lhe

tudo por mandado de D. João I, se bem que era clérigo. Foi enviado por embaixador a França, de onde se diz que trouxe uma senhora francesa, que outros pretendem ser castelhana e chamar-se D. Mécia Gonçalves de Miranda, da qual houve filhos, que tomaram o seu apelido por a sua muito nobre linhagem. Foi arcebispo de Braga e instituiu dois vínculos, que deixou aos dois filhos mais velhos. O Rei lhe doou S. Cristóvão de Lisboa, onde fez uma capela para cabeça do vínculo principal, em cujo compromisso mandou *que seus descendentes se chamassem Mirandas*. Sepultou-se na referida capela. Seus filhos foram Martim Afonso de Miranda, rico-homem, senhor do morgado da Patameira, junto de Torres Vedras, instituído por seu pai, o qual se recebeu com D. Genebra Pereira, filha de Aires Gonçalves de Figueiredo, com geração; Fernão Gonçalves de Miranda, senhor do segundo morgado instituído por seu pai, rico-homem, casado com D. Branca de Sousa, filha de Afonso Vaz de Sousa, com geração; D. Margarida de Miranda, primeira mulher de D. Pedro de Meneses, 2.º Conde de Viana, com geração; D. Leonor de Miranda, mulher de Aires Gomes da Silva, com geração; e D. Maria de Miranda, primeira mulher de Gonçalo Pereira de Riba de Vizela, com geração.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, escreveu os seguintes versos, dedicados a esta família:

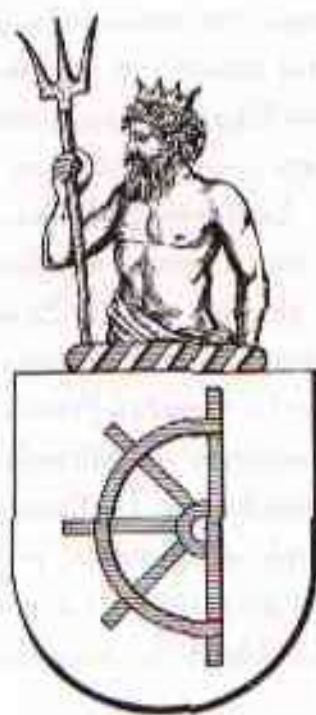
*Aspa trazem colorada
os que tiveram Miranda
e aquela nobre Aranda
sobre ouro atravessada
com flores de lis em banda.*

As armas dos Mirandas são: De ouro, com aspa de vermelho, acompanhada de quatro flores-de-lis de verde. Timbre: cinco plumas de ouro e sobre a do meio uma das flores-de-lis do escudo ou aspa de ouro, carregada das quatro flores-de-lis do escudo.



Miranda

MÖLLER. Família alemã muito numerosa que veio para Portugal no século XVIII, sendo o seu primeiro membro aqui residente Henrique Möller. Outras personagens notáveis deu esta família de nobre estirpe. Henrique Möller foi abastado negociante da Feitoria Hanseática da Bolsa de Lisboa e nasceu provavelmente em Hamburgo em 1708 e morreu em Lisboa a 18 de Agosto de 1780, com 72 anos de idade. Casou com D. Ana Doroteia Roocks, filha de Jacob Roocks e de D. Maria Elisabeth Holf, casal que veio para Portugal no séquito da Rainha D. Mariana de Áustria, esposa de D. João V. Nasceu D. Ana Doroteia em Lisboa a 7 de Maio de 1735 e aqui morreu a 4 de Janeiro de 1805, estando sepultada também no cemitério inglês.



Möller

Teve este casal nove filhos. O mais novo, Georg Peter Möller, foi importante negociante em Lisboa, onde nasceu a 5 de Março de 1774 e morreu a 23 de Março de 1827, sendo sepultado no cemitério alemão. Casou com D. Doroteia Mueller, sua sobrinha, filha de João Guilherme Cristiano Mueller, 1.^o pastor luterano da Congregação Evangélica Alemã em Lisboa e mais tarde director da *Academia Real das Ciências de Lisboa*, e de D. Ana Elisabeth Möller, sua tia. Viveu este casal muitos anos no palácio da Mitra, na Junqueira, depois mudou-se para o palácio do Conde da Ponte, em Santo Amaro. Mais tarde foram viver para um palácio em Benfica, a primeira sociedade de Lisboa ali se reunia aos domingos, em festas. Deixou este casal larga descendência em Portugal, pois teve treze filhos, entre eles Henrique Möller, que nasceu em Lisboa a 30 de Março de 1811, negociante e mais tarde contabilista do Banco Mercantil do Porto e casado com D. Henriqueta Sophie Lindenberg.

As armas dos Möllers usadas na Alemanha e em Portugal, são: De prata, com meia roda de moinho dentada, de azul. Timbre: meio Neptuno, de sua cor, coroado de ouro, à antiga, empunhando na mão direita um tridente do mesmo.

Todos os descendentes usaram este timbre, excepto Tomás Peter Möller, filho de Henrique Möller, que trazis plumas.

MONCADA. Família espanhola, da qual passou há séculos um ramo a Portugal.



Moncada

Traz por armas, tanto neste país como na Espanha, as seguintes: Lisonjado de prata e de azul.

MONDRAGÃO. Família que parece de origem espanhola, talvez originária da vila de Mondragon, nas Vascongadas, pois as armas desta família são bastante parecidas com as da referida localidade.



Mondragão

Trazem por armas as seguintes: Cortado: o primeiro de prata, com um castelo de vermelho, ladeado de dois pinheiros de verde e uma cadeia de ferro dobrada presa aos troncos dos pinheiros; o segundo de vermelho, com um dragão de prata assente num monte de sua cor.

MONIZ. Família muito antiga. No tempo de D. João I vivia Gil Aires Moniz, parente do Condestável D. Nuno Álvares Pereira e seu escrivão de puridade, além de outras pes-

soas do mesmo apelido. Moniz foi originariamente patronímico de Moninho, na sua forma abreviada Monio, pelo que poderá haver mais de uma família com o mesmo nome.

João Rodrigues de Sá escreveu estes versos, relativos aos Monizes:

*Da banda quez controu sul
certa terra antiguamente
veyo huma nobre jente
com cinco em escudo azul
estrelas douro luzente.*

*Polo que destes se diz
pouco diguo, & pouco fiz
do que seu prymor mereçe,
segundo o que se parece
dos feytos de Eguas Moniz.*

Igualmente se lhes referiu o bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, na quintilha:



Moniz

*O leal D. Egas vem
do nova Roma se diz
leais os filhos tambem
e de um deles nome tem
o postigo do Moniz.*

Manuel de Sousa da Silva também os não esqueceu nas suas trovas heráldicas, porquanto lhes dedicou esta:

*Morou já em Bemviver
Martim Moniz de quem vem
Os Monizes em Rosem
E pela fé defender
Na de Ourique a morte tem.*



Moniz de Lusignan

As armas dos Monizes são: De azul, com cinco estrelas de sete pontas de ouro, postas em sautor. Timbre: um leopardo de azul, com uma estrela do escudo na testa.

Vasco Gil Moniz, filho de Gil Aires, escrivão de puridade do Condestável, e de sua mulher, Maria Pires, casou com D. Leonor de Lusignan, filha de Febo de Lusignan, senhor titular de Saida, no reino de Jerusalém, filho bastardo de João II. Rei de Chipre, o qual era sexto neto de Américo de Lusignan, Rei de Chipre e de Jerusalém, e de sua primeira mulher Eschiva de Ybelin, e sétimo neto de Hugo VIII Lebrun, senhor de Lusignan, a qual era, portanto, parenta dos Reis de Chipre, e veio de Aragão por dama de D. Isabel, mulher do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, dando este casamento origem ao ramo dos Monizes de Lusignan, ou de Lusinhano, como também se usou em Portugal, ramo este que misturou as armas dos dois apelidos formamndo u escudo particular.

Destes escreveu João Rodrigues de Sá os versos seguintes:

*Ambalas armas reaes
de Chipre, & Jerusalem
com armas mistura tem
de Moniz, mas estas taes
a hum soo deles conuem.*

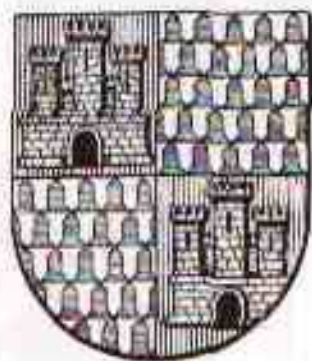
*Hum soo, a quem com rezão
chammemse de Lusynhão,
seu pay lho foy alcançar,
por sajuntar & casar
com tão alta geração.*

Os Monizes de Lusignan trazem as seguintes armas: Esquartelado: o primeiro e o quarto de Monizes; o segundo e o terceiro contra-esquartelados o primeiro de prata, com uma cruz potenteia de ouro, cantonada de quatro cruzetas iguais do mesmo; o segundo faixado de prata e de azul de seis peças, com um leão brocante de vermelho; o terceiro de vermelho, com um leão coroado de ouro, armado e lampassado de prata; o quarto de prata, com um leão de vermelho, coroado, armado e lampassado de ouro; sobreposto de ouro, com um leão de negro.

As armas ligadas às dos Monizes na composição deste escudo representam as dos Chipre, da Casa de Lusignan de além-mar, porém, com alguma diferença.

Um dos ramos dos Monizes, ou família com este mesmo apelido, floresceu em Silves e deu alguns alcaides-mores da mesma cidade.

MONROY. Ilustre família espanhola, que descende de Fernão Peres, copeiro-mor de vila de Monroy, na Estremadura, da qual tomou apelido. Desta família há dois ramos em Portugal, distinguindo-se alguns membros deles pelos serviços prestados na Índia.



Monroy

Um dos que passaram a Portugal foi D. Afonso de Monroy, cavaleiro da Ordem de Alcântara em Castelo, da qual foi também mestre, que veio servir D. Afonso V, que lhe deu a comenda de Veiros. Foi casado duas vezes, a segunda com uma filha de seu genro Pedro Vaz de Sequeira.

D. Joana de Sequeira, e de ambos os matrimónios teve geração.

As armas que usam são as seguintes: Esquartelado: o primeiro e o quarto de vermelho, com um castelo de ouro; o segundo e o terceiro de veiros.

MONTALVO. Família de Espanha, que parece ter passado a Portugal.

São as seguintes as suas armas: De azul, com uma águia estendida de prata. Timbre: a águia do escudo.

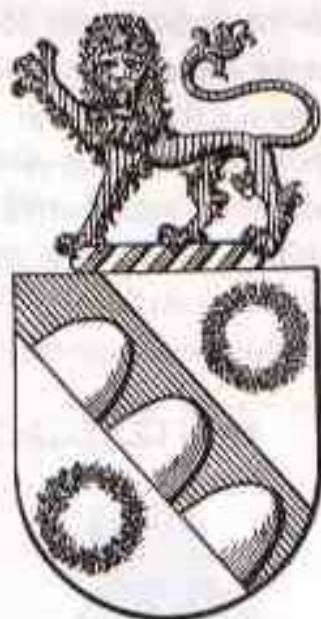


Montalvo

MONTARROIO. V. Monterroio.

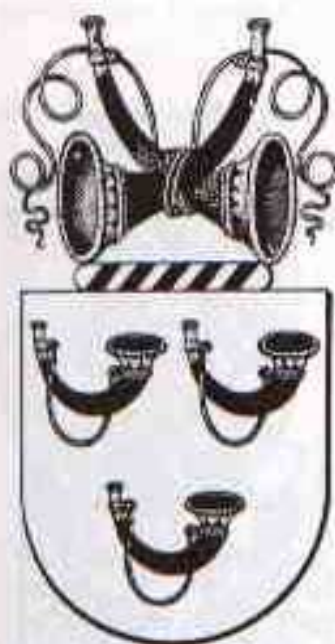
MONTE. Apelido de origem geográfica, antigo, se bem que nem todas as famílias que o usam tenham a mesma proveniência. As armas que se lhe atribuem são as da família Monte de Roma e de Veneza, mas é possível que não lhe pertençam, pois em Portugal há o apelido, gerado no próprio País.

Aquelas armas são: De prata, com banda de verde, carregada de três montes do primeiro, moventes do bordo inferior da banda e acompanhada de duas capelas de ramos de verde. Timbre: um leopardo de vermelho, carregado de uma estrela de ouro na testa.



Monte

MONTEIRO. Dizem os genealogistas que esta família provém de Rui Monteiro, fidalgo do tempo de D. Afonso Henriques, morador em Penaguião, em cujo concelho possuiu bens. Teve o padroado de Santa Ovaia de Andufe, foi muito rico e poderoso e recebeu-se com Elvira Gonçalves, filha de D. Gonçalo Moniz e de sua mulher, Maria Anes. Parece, porém, pelo exame da sua descendência e dos reinados em que esta viveu, não ser Rui Monteiro tão antigo como dizem. O apelido parece provir de alcunha, certamente tirada de ofício. Do mencionado casamento houve vários filhos que continuaram o apelido. O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, dedicou a esta família os seguintes versos:



Monteiro

*O que se chamou Monteiro
foi D. Payo de Peleja,
deste apelido primeiro
casou com D. Thereja
foi um grande cavaleiro.*

As armas dos Monteiros são: De prata, com três trompas de caça de negro, embocadas e viroladas de ouro, os cordões de vermelho. Timbre: duas trompas do escudo, passadas em aspa, atadas de prata.

Francisco Monteiro de Pale, cavaleiro-fidalgo da Casa de D. João III, prestou grandes serviços na Índia,

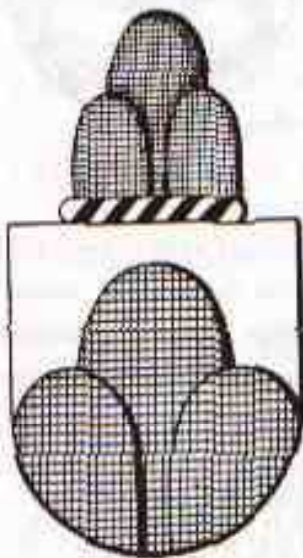
tanto no mar como em terra, na defesa e tomada de várias fortificações especialmente na da fortaleza de Pale, onde subiu a rocha e lutou com um capitão turco e, abraçados, rolaram por ela abaixo até ao muro, que já estava derrubado pela artilharia dos



Monteiro de Pale

Portugueses e, aí, *Francisco Monteiro de Pale* acabou de matar o seu inimigo com um punhal. Também esteve no cerco de Dio com D. João de Castro, prestando valiosos serviços, o que tudo lhe valeu mercê de armas novas, que o mesmo Rei lhe deu por Carta de 12 de Março de 1548. *Estas armas são: De vermelho, com um lanço de muralha de prata derruído no meio, flanqueado por dois baluartes também de prata, o da direita aberto e iluminado de negro, tudo lavrado do mesmo e posto no baixo de um monte alto de verde com seus rochedos; dentro da muralha um homem armado de ponto em branco sobre um turco vestido de vermelho, a quem está matando, com um punhal ensanguentado na mão; no pé do monte, duas bombardas de negro, seus carretões de ouro, postas aos lados da brecha e apontadas para ela. Timbre: um braço armado, empunhando um punhal ensanguentado.*

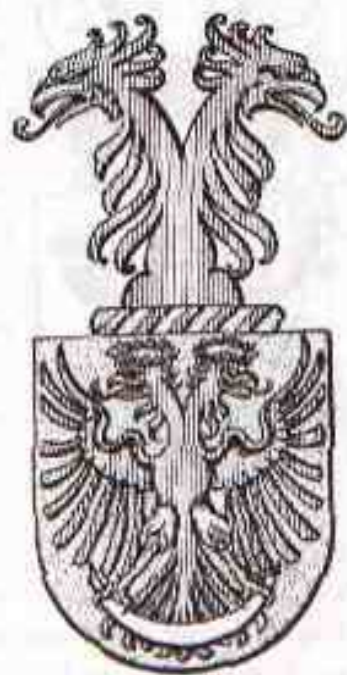
MONTENEGRO. *Família da Galiza, que se diz descender do Rei D. Fruela I. Alonso Lopes de Montenegro casou com Teresa Sanchez e teve Tristão de Montenegro, que se recebeu com D. Maria Sarmiento, filha de Garcia Fernandes Sarmiento e de D. Teresa de Sotomaior. Deste casamento nasceu Lopo de Montenegro, que casou com Constança Lopes Cordido, filha de Pedro Cão de Cordido, senhor de Travanca, de quem houve geração que seguiu o apelido de Montenegro. Na descendência destes se encontram muitas pessoas casadas em Portugal.*



Montenegro

As armas que usam os Montenegros em Portugal e na Itália são as seguintes: De prata, com um monte de negro, de três cômoros. Timbre: o monte do escudo.

MONTERROIO. *Procedem os deste apelido em Portugal de Fernão Gil, o qual foi criado e tesoureiro de D. Duarte, a quem prestou muitos e grandes serviços, assim como a seu filho, D. Afonso V, e já servira D. João I na tomada de Ceuta, pelo que D. Afonso V, considerando que ele «deu sempre de ssy boom como como homem leall e boom e digno de todo bem e honrra» e também «ho singullar amor que lhe por sua lealldade e serviços os ditos senhores» e ele próprio tiveram e tinha, o fez cavaleiro por Carta de 21 de Outubro de 1450. Sabendo o mesmo Rei que ele era de boa geração e aparentação com alguns grandes cavaleiros e fidalgos de «que poderia trazer suas armas direitamente, deu-lhe, no entanto, armas novas porque «elle disse que seria mais contente per memoria de sua criação e serviços», por aquela carta, na qual lhe concedeu, igualmente, para si e seus descendentes, o apelido de Monterroio.*



Monterroio

Querem alguns genealogistas que Fernão Gil fosse filho de Gil Álvares Monterroio, que foi fidalgo da Casa de D. João I e neto de Álvaro Vasques Monterroso, que seguiu o partido de D. Pedro contra seu irmão D. Henrique, pelo que, ficando este com a coroa de Castela, veio servir D. Fernando e se estabeleceu em Rita Douro, tendo várias mercês régias e de sua mulher D. Maria Gil. A Carta de D. Afonso V, concedendo-lhe novas armas e apelido, contraria esta dedução genealógica.

As referidas armas são as seguintes: De ouro, com uma águia de vermelho, de duas cabeças, bicada e sancada de prata, coroada de duas grinaldas de hera, de verde, e pouxada sobre as pontas de um crescente de prata. Timbre: um pescoço de águia de vermelho de duas cabeças, bicadas de prata.

MONTÊS. Família de proveniência espanhola, cujo apelido original parece ser Monte.

As armas que usam os Monteses em Espanha e Portugal são as que seguem: De prata, com dois lobos de negro, armados de vermelho, passantes um sobre o outro; bordadura também de vermelho carregada de oito aspas de ouro. Timbre: um lobo do escudo. Segundo certo heraldista, usam as armas dos Aialas, que são, salvo pequeníssimas diferenças, as descritas acima.

MONTÓIA. Família castelhana, da qual passou um ramo a Portugal, que se fixou na vila de Alhandra e cujo apelido em Espanha é *Montoya*.

Dos Montóias se lembrou D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, na seguinte quintilha:

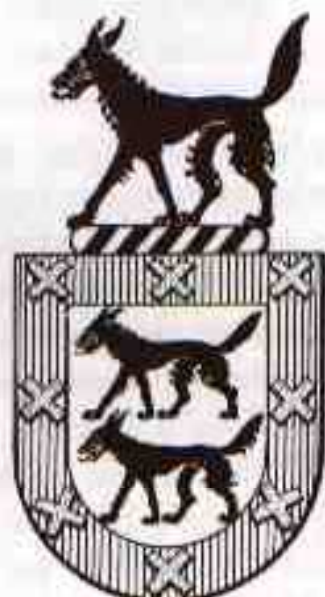


Montóia

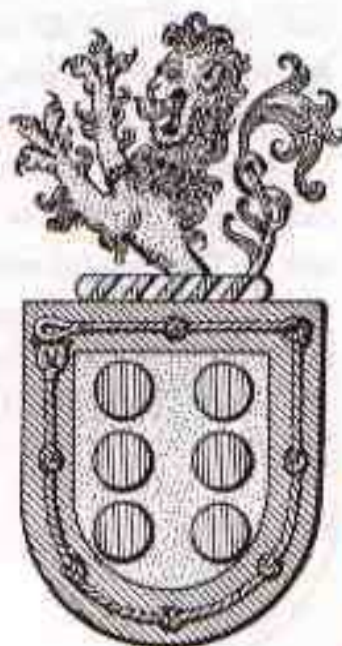
*Ouve um cavaleiro em França
dos de Taveira chamado
foi deste desafiado
e tendo já posto a lança
um frade os houve apartados.*

Trazem os Montóias as seguintes armas: De azul, com nove folhas de golfão de prata, 3, 3 e 3; bordadura cosida de verde, carregada de um cordão de S. Francisco de prata, tendo as pontas no cantão direito do chefe.

Outros usam: De ouro, com nove ou seis arruelas de vermelho, postas 3, 3 e 3, ou 2, 2 e 2; bordadura de verde,



Montês



Montóia (outros)

carregada de um cordão de S. Francisco de prata, tendo as pontas no cantão direito do chefe. Timbre: um leão de ouro, tainte, armado e lampassado de vermelho.

MORAIS. Família que alguns autores dizem ser de origem espanhola, provinda da de Morales, e outros entendem que é portuguesa, originária de Morais, lugar da província de Trás-os-Montes. Segundo aqueles, D. Fernão Gonçalves, Conde soberano de Castela, casou com D. Sancha, Infanta de Navarra, e foram progenitores dos senhores de Aza, de que tomaram apelido. Destes, D. Garcia Garcês de Aza teve os senhorios de Montijo, Penafiel e Castelo Serracim, foi rico-homem de D. Afonso VIII, vivia pelos anos de 1166 e casou duas vezes, sendo a primeira com D. Leonor Fortunes, filha de D. Fortum Lopes, rico-homem, senhor de Sória e de Santo Estêvão de Gormaz, e de sua mulher, D. Elvira Peres, filha de D. Pedro Nunes, rico-homem, senhor de Fuente Al-mexir, e de sua mulher, D. Elvira Peres de Lara.

Informam alguns autores que D. Fortum Lopes tinha o apelido de Morales, de cuja família era chefe, e o supõem descendente de Estêvão Peres de Morales, que pelo ano de 1116 defendeu a torre de Morales, junto da ponte de Govay, no rio Douro, quando o Rei de Marrocos, que também se intitulava de Toledo, invadiu a Espanha e cercou a referida torre, que dizem se chamou primitivamente del Moral e que por este acto tomou o apelido de Morales.

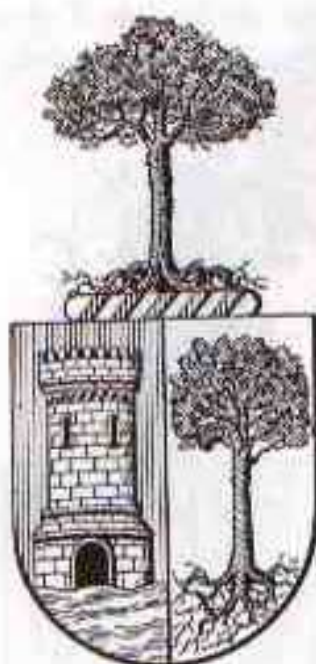
D. Garcia Garcês teve, do mencionado casamento, D. Rodrigo Garcês de Aza, successor da casa paterna, que tomou o hábito de Cister na Ordem de Calatrava. Esteve na batalha das Navas, onde ficou mal ferido D. Rui Dias, mestre daquela Ordem, que nele renunciou o mestrado, indo no segundo dia da batalha, já investido no cargo, sitiar o castelo de Bilcheze, obrigando-o a render-se. Segundo os aludidos autores, teve, além dos filhos que geralmente se lhe apentam, D. Gonçalo Rodrigues de Morales, chefe da família dos Morales em Sória e da dos Morais em Portugal, porquanto passou a Trás-os-Montes e deu o nome ao lugar de Morais. Foi vassalo de D. Afonso Henriques, D. Sancho I e D. Afonso II e se recebeu com Constança Soares, padroeira da igreja de Gondarende, que com seu marido teve questão com o arcebispo de Braga, D. Estêvão Soares, sobre a apresentação da igreja, obtendo aqueles sentença favorável. Doaram, D. Gonçalo e sua mulher, a capela de Santa Catarina a S. Francisco, quando veio a Portugal, e terra para o seu convento, com a condição de terem jazigo na referida capela. Constança Soares parece que era filha de D. Sociro Dias Ouveques e de sua mulher, D. Sancha Pires. Diz-se que D. Gonçalo foi senhor do lugar da Alagoa. Deste D. Gonçalo Rodrigues, que comumente se dá por princípio da família dos Morais e a quem outros autores indicam diversas ascendências, descendem os do apelido em Portugal.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, escreveu a seguinte quintilha referente aos Morais:

*Esta gente mui guerreira
defendeu por sua lança
contra Castella Bragança
sustentando-se em Moreira
que o nome lhe deu por herança.*

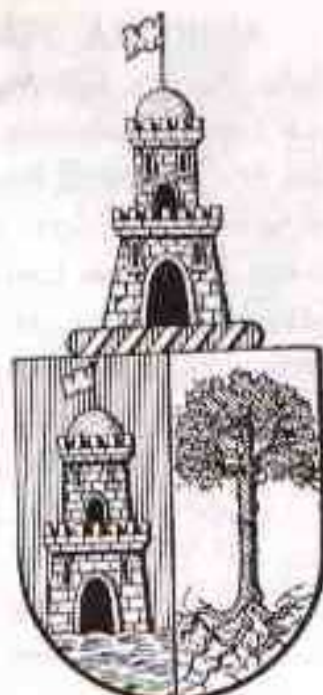
A Manuel de Sousa da Silva se
devem os seguintes versos:

*De Gestação honra antiga
Do concelho de Bayão
Naturaes os Gatos são
Onde tanto tambem se abriga
Dos Moraes a geração.*



Moraes (antigo)

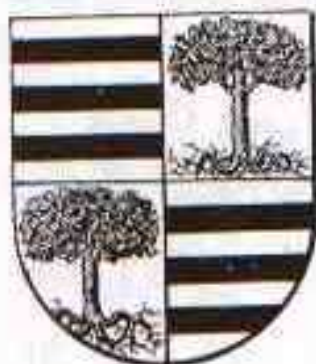
Os Moraes, antigamente, usavam
as seguintes armas: Partido: o primeiro
de vermelho, com uma torre de prata,
aberta, iluminada e lavrada de negro,
assente sobre um rio; o segundo de
prata, com uma amoreira arrancada de
verde. Timbre: a amoreira do escudo.



Moraes (moderno)

As armas modernas deste apelido são: Partido: o primeiro de vermelho, com uma
torre torreada de prata, aberta, iluminada e lavrada de negro, coberta de ouro, e rematada
por uma bandeira de prata, assente sobre um rio de prata, aguado de azul; o segundo de
prata, com uma amoreira arrancada de verde. Timbre: a torre do escudo.

MORALES. Família espanhola de que parece ter passado a Portugal um ramo no
século XVIII ou no anterior, o qual conservou o apelido na
forma originária. Teve Carta de brasão de armas de sucessão,
misturadas com as de outros apelidos, passada em 27 de
Março de 1775. (V. Moraes).

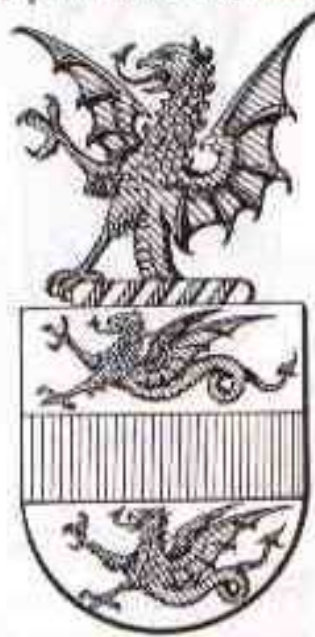


Morales

As armas concedidas em Portugal na mencionada Carta
são as usadas em Espanha: Esquartelado: o primeiro e o quarto
de prata, com três faixas de negro;
o segundo e o terceiro de prata, com
uma amoreira arrancada de verde.

MORATO. Família originária do Reino de Leão, de onde
veio para Portugal Gonçalo Morato, meirinho-mor daquele
Estado, no tempo de D. Afonso V, o qual deixou descen-
dência do mesmo apelido, que se fixou no Alentejo.

As armas que trazem em Portugal são: De prata, com
faixa de vermelho, acompanhada de dois dragões de verde,
armados e lampassados do segundo esmalte, um em chefe e
outro em ponta. Timbre: um dragão do escudo, sainte.

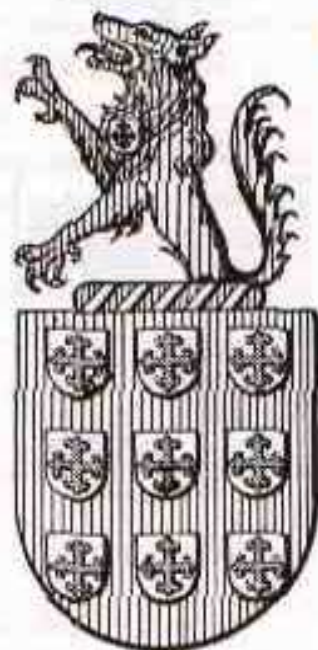


Morato

MOREIRA. Família antiga, sendo o primeiro que se conhece do apelido Pedro Pires Moreira, fidalgo, que viveu no tempo de D. Sancho I e D. Afonso II, o qual tinha por honra a freguesia de Santa Maria de Moreira, no concelho de Celorico de Basto, de onde foi tomado o apelido. Viveu na quinta da Torre, da mesma freguesia, e do seu casamento houve filhos que continuaram o apelido. O grande genealogista Manuel de Sousa da Silva, nas suas quintilhas, deixou uma dedicada aos Moreiras, dizendo:

*De Basto em Celorico
Em a torre de Moreira
Foi a morada primeira
Dos Moreiras que não ficam
Sem nobreza verdadeira.*

As armas dos Moreiras são: De vermelho, com nove escudetes de prata, 3, 3 e 3, cada escudete carregado de uma cruz florenciada de verde. Timbre: um lobo de vermelho, sainte, com um escudete das armas sobre o peito.



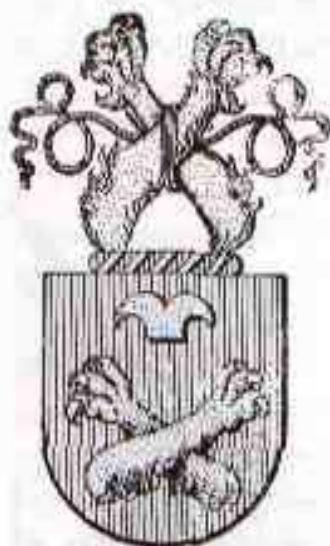
Moreira

MOREIRA PERANGAL. V. *Perangal*.

MORELLI. Família florentina, uma das quarenta e oito escolhidas pelo grão-duque Alexandre de Médicis para o Senado, sendo em 1532 senador Ludovico Morelli. Passou

a Portugal na pessoa de João Morelli, que em 1542 provou a sua nobreza e a sua ascendência, confirmando-lhe D. João III as armas, que são as seguintes: De vermelho, com dois braços de leão de ouro, passados em aspa, encimados por um roque do mesmo. Timbre: os dois braços de leão do escudo, atados de vermelho.

Outros Morellis, que se diz terem vindo de França, usam: De ouro, com um leão de sua cor, tendo na mão esquerda um rodízio de moinho de negro, a modo de broquel. Timbre: o leão com o rodízio do escudo, sainte.

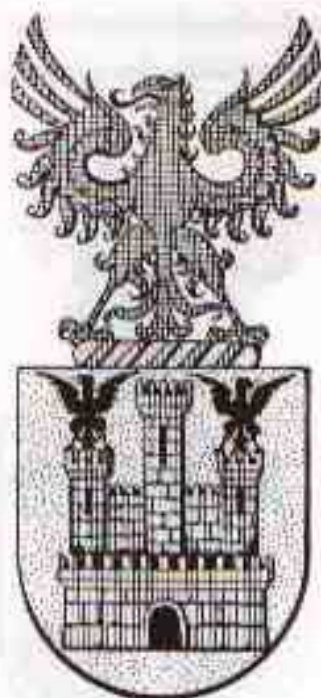


Morelli



Morelli (outros)

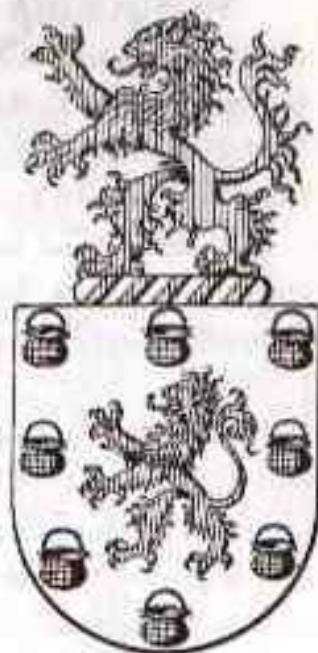
MORENO. Família de Espanha que se diz descender de um dos trinta e três cavaleiros que D. Afonso, o Sábio, Rei de Castela, herdou na torre de Gil de Olid e pôs de guarda à cidade de Baeça. Passou esta família por diversas vezes a Portugal.



Moreno

As armas que trazem os deste apelido, tanto em Espanha como em Portugal, são as seguintes: De ouro, com um castelo de vermelho, com duas águias estendidas de negro, a da esquerda voltada, pousadas nas torres laterais. Timbre: uma águia de negro estendida.

MORETA. Família cuja genealogia se desconhece. As armas que se lhe atribuem são as seguintes: De prata, com um leão de vermelho e oito caldeiras de negro, postas em orla. Timbre: o leão do escudo.



Moreta

MOSCOSO. Família muito antiga de Espanha de que já no século VII se conhece Ataulfo de Moscoso, que teve dois filhos: Frutuoso de Moscoso, bispo de Orense, e Potêncio de Moscoso, bispo de Lugo, que viviam por 690 e assistiram aos concílios XV e XVI de Toledo. A genealogia desta família só se deduz seguidamente de D. Vidal de Moscoso, casado com D. Teresa, de quem teve D. Pedro Vidal de Moscoso, que se recebeu com D. Teresa Sanches de Ulhoa, filha de Sancho Sanches de Ulhoa e de sua mulher, D. Maior Rodrigues de Lara, dos quais provém a linhagem dos Moscosos.

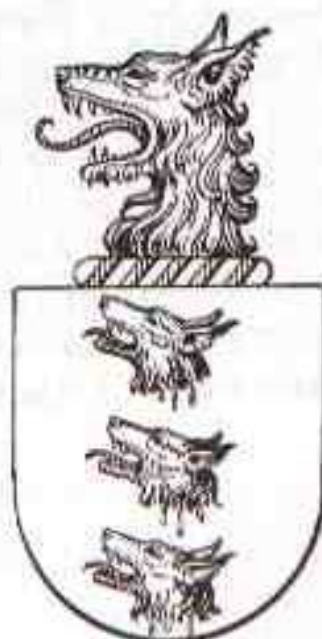
Entrou este apelido em Portugal parece que diversas vezes, sendo uma delas por D. Maria de Castro Osório, filha de D. Rodrigo de Moscoso Osório, 5.º Conde de Altamira, e de sua mulher, D. Isabel de Castro, com a qual foi casado o Conde de Tentúgal, D. Nuno Álvares Pereira, que dela teve geração.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, referiu-se aos Moscosos nestes versos:

*De Rui Sanches de Mocera
os Moscosos nome tem
e por tanto lhe convem
estas armas de nobreza
que entre nobres lugar tem.*

As armas que usam os deste apelido em Portugal são: De prata, com três cabeças de lobo de sua cor, cortadas de vermelho, postas uma sobre a outra. Timbre: uma cabeça do escudo.

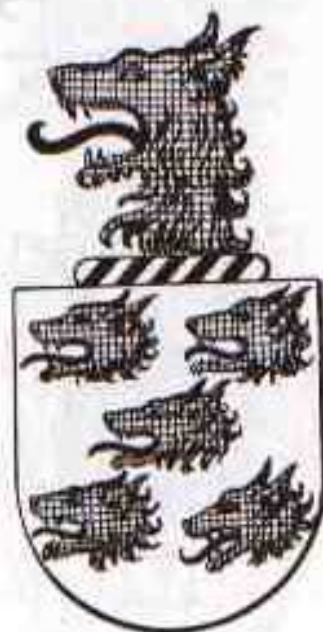
Alguns usam em volta do escudo a divisa: «Non nos a sanguine regum venimus at nostro veniunt a sanguine reges», a qual, no dizer de certo historiador, não passa de uma infeliz imitação da dos Laras.



Moscoso

MOSQUEIRA. Vieram os deste apelido de Espanha, onde na Galiza tinham o senhorio da casa de Mosquera. Ramiro de Mosquera parece que foi o primeiro do apelido, por ser senhor da referida casa. Era grande fidalgo do seu tempo, teve o senhorio de Lodeira e casou com D. Aldonça de Lobera, filha dos senhores da casa de Lobera. Passaram a Portugal.

As armas que trazem os deste apelido são: De prata, com cinco cabeças de lobo de negro, postas em sautor. Timbre: uma cabeça de lobo do escudo.



Mosqueira

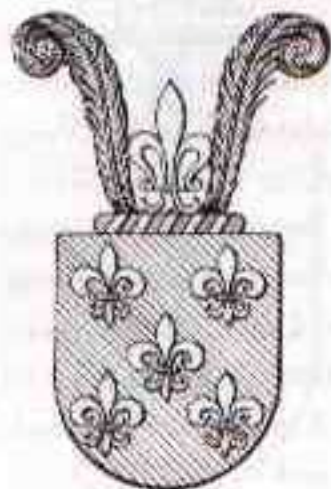
MOTA. É uma das famílias mais antigas de Portugal, pois D. Mem de Gondar, natural das Astúrias, veio com o Conde D. Henrique no serviço da Rainha D. Teresa e foi grande privado de seu marido. Casou na Galiza com D. Goda, assistiu no concelho de Gestação e fundou o mosteiro de Gondar, de freiras da Ordem de S. Bento, e outro, sujeito a este, em Santa Maria Madalena de Cubelo; foi senhor de São Salvador de Lafões, alcaide de Celorico de Basto e fidalgo muito principal. Sepultou-se em Tolões. Teve vários filhos, sucedendo-lhe D. Fernão Mendes de Gondar, um dos mais valorosos cavaleiros do seu tempo, que acompanhou D. Afonso Henriques à batalha do Campo de Ourique e a outras. Do seu matrimónio com D. Maria Anes teve por filho segundo Gomes Fernandes de Gondar, que viveu na terra de Olo, freguesia de S. Paio de Olo, concelho de Gestação, casando-se com D. Teresa Moniz, filha de D. Moninho Dolo, alcaide de Celorico de Basto, da qual teve, entre outros, a Rui Gomes de Gondar, chamado *o da Mota* por morar no lugar da Mota, em Vilela. Este se consorciou com D. Mor Afonso, filha de Afonso Sanches Maravilha e de D. Teresa Rodrigues de Moreira, e teve geração de que proveio a linhagem dos Motas.

A origem do apelido põem-na uns no lugar acima referido, outros na Quinta da Mota, freguesia de São Miguel da Fervença, no concelho de Celorico de Basto, e ainda outros na freguesia de São Martinho do Campo, do mesmo concelho, na Casa da Mota, que teve uma torre, ou em São Miguel de Travanca, também daquele concelho, nas margens do Ave, na terra de Lanhoso. Há na região bracarense muitos lugares chamados da Mota, pelo que é difícil saber qual deles foi o solar da família, mas talvez se aproxime mais da verdade o autor que indica a Quinta da Mota, na freguesia de Santo Estêvão de Vila Chã, concelho de Gestação, vizinha do lugar de Gondar.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, incluiu nas suas quintilhas nobiliárquicas uma dedicada a esta linhagem, dizendo:

*O que da Mota chamaram
foi Rui Gomes de Gundar
nobre vará singular
dos seus o nome mudaram
alguns por outro solar.*

Outro poeta e genealogista, Manuel de Sousa da Silva, também cantou esta geração nos seguintes versos:



Mota.

*No districto de Lanhoso
da Motta quinta altiva
parece que se deriva
dos Mottas o nome honroso
Que do de Gundar os priva.*

Os Motas usam por armas: De verde, com cinco flores-de-lis de ouro, postas em sautor. Timbre: uma flor-de-lis de ouro, ladeada de duas plumas de verde, picadas de ouro.



Mota, do Dr. Jerónimo da Mota

Ao Dr. Jerónimo da Mota, desembargador do Paço e juiz e desembargador dos feitos da Fazenda Real, acrescentou D. João III, por Carta de 2 de Janeiro de 1552, as suas armas, esquatelando-as com as da senhoria de Siena, que esta lhe dera em recompensa de serviços, para ele e seus descendentes. Alegou o Dr. Jerónimo da Mota, ao pedir a confirmação das armas concedidas por aquela senhoria, que, frequentando ele os estudos de Siena, aproveitara tanto com as suas letras que fora decorado e feito doutor *in utroque jure* pela Universidade de Siena e que a referida senhoria, vendo que ele era «barão bem doutrinado e de vertuosos costumes», o elegera seu juiz em todas as causas cíveis, no que serviu o tempo competente com muito louvor e por o acharem muito hábil para cargos mais elevados o escolheram para embaixador da mesma senhoria e o mandaram com embaixada de coisas muito importantes ao estado e liberdade da mesma ao Vice-Rei de Nápoles e ao Duque de Bourbon, que nesse tempo era capitão-general do imperador na Itália, encargo aquele de que se desempenhara como varão prudente e com o contentamento da dita senhoria. Igualmente alegou que, estando a senhoria de Siena cercada de poderoso exército, houve uma saída contra o inimigo e que na Porta Camília ele pelejara pela defesa e liberdade de Siena como esforçado e animoso cavaleiro, pelo que a mencionada senhoria, com todo o seu poder, o armara cavaleiro da milícia dourada e para mais resplendor dele e de sua descendência, em atenção aos seus bons e leais serviços, lhe dera por armas as insignias que ela própria usava.

As armas que D. João III lhe concedeu são as seguintes: Esquatelado: o primeiro e o quarto de vermelho, com um leão de prata, armado e coroado de ouro, que é de Siena; o segundo e o terceiro de ouro, com cinco flores-de-lis de verde, que é de Mota. Timbre: o leão das armas, sainte.

MOURA. Família portuguesa antiga, a qual parece proceder de D. Pedro Rodrigues, que com seu irmão D. Álvaro Rodrigues tomou Moura aos Mouros no ano de 1166. Diz-se que D. Pedro teve vários filhos e entre eles D. Martim Rodrigues, freire de Calatrava, de cuja Ordem veio a ser Mestre, parecendo que teria sido casado antes de ter voto, porquanto seus dois filhos, D. Pedro Martins e D. Álvaro Martins, que também foram freires da mesma Ordem, não tiveram dispensa para entrar nela, prova de não haverem sido bastardos. De D. Martim Rodrigues, Mestre da Ordem de Calatrava, nasceu Vasco Martins Serrão, fidalgo principal do seu tempo, que andou na conquista do Reino, senhor da vila de Moura por mercê da Rainha D. Beatriz, mulher de D. Afonso III, em pagamento de seus serviços. Dizem alguns genealogistas que Vasco Martins se chamou Serrão por causa de um lugar que ganhou aos Mouros junto da terra do Gerês e do senhorio de Moura lhe veio este apelido, que os filhos, havidos em sua mulher D. Maria Dias de Góis, filha de Pedro Salvadores e de sua mulher, D. Maria de Esposende, tomaram. Vasco Martins Serrão e sua mulher instituíram um vínculo em 1264.

O ilustre quinhentista João Rodrigues de Sá, entre os versos que dedicou às famílias nobres de Portugal, deixou os seguintes, relativos aos Mouras:



Moura

*Quem sete castelos doura
sobre vermelho acendido,
lhe o sangue conhecydo
por tomar aos mouros Moura,
donde trouxe o apelydo.*

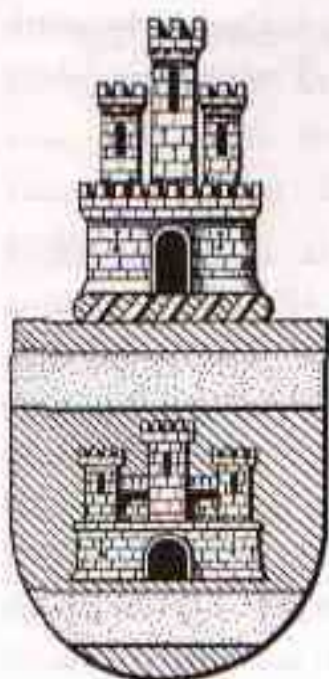
*Hum dom Rolyrn estrangeiro
foy destes o padroeiro,
de cuja fama aynda soa,
na tomada de Lixboa
que nom foy o derradeiro.*

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, também cantou em verso as excelências desta família pela seguinte forma:

*Sete castelos tomaram
D. Rolim com seus soldados
a mouras que cativaram
e deles os reis passados
o de Moura lhe dotaram.*

As armas dos Mouras são: De vermelho, com sete castelos de ouro, postos 1, 2, 21, e 1. Timbre: um castelo do escudo.

MOURÃO. Família que se supõe descender de D. Mourão Pires, que era filho de Pedro Nunes Coelho e de sua mulher, D. Maria Anes. O mencionado D. Mourão Pires foi pai de D. Gonçalo Mourão e de D. Teresa Mourão, aquele casado com D. Elvira Rodrigues de Valada, de cujo matrimónio houve geração com o nome de Mourão, tornado apelido, mas que na origem foi patronímico. Não continuam os genealogistas a descen-



Mourão



Mouta

tins de Mesquita, filha de *Martim Gonçalves Pimentel* e de sua mulher, *Inês de Mesquita*, da qual houve geração, continuadora do apelido.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, referiu-se a esta família nos versos seguintes:

*De serpe quatro focinhos
e no meio a flor de liz;
são as dos nobres Moutinhos
do Porto ou Matosinhos
naturais como se diz.*

dência de D. Gonçalo Mourão até aos tempos modernos, mas parece que os deste apelido descendem dele.

As armas usadas pelos Mourões são: De verde, com duas faixas de ouro e um castelo de prata em abismo. Timbre: o castelo do escudo.

MOUTA. Dizem os genealogistas que esta família provém de *Álvaro da Mouta*, senhor da Torre da Chã, em Ferreiros de Tendaís, e dos lugares de Vila Boa de Cima e de Baixo, que foi pai de *Catarina da Mouta*, que se recebeu com *Vasco Rodrigues*, o qual parece filho de *Rui Vaz Pinto*, de Riba de Bastança, vassalo de D. João I, e neto de *Vasco Garcês Pinto*, senhor da Torre da Chã e Paço de Covelas e padroeiro do mosteiro de Tarouquela, e de sua mulher, D. Urraca Vasques de Sousa, filha de *Rui Vasques de Panóias*. Não se sabe se *Álvaro da Mouta* foi o primeiro do seu apelido ou se houve outros anteriormente, nem como teve o senhorio da Torre da Chã, que também pertenceu ao avô paterno de seu genro. Do referido *Vasco Rodrigues* e de sua mulher, *Catarina da Mouta*, nasceu *Nuno da Mouta*, que serviu em África como seu pai e sucedeu na casa, havendo getação do matrimónio contraído, a qual continuou o apelido de Mouta.

As armas usadas pelos Moutas são as seguintes: De vermelho, com cinco castelos de prata, postos em sautor. Timbre: o castelo do escudo.

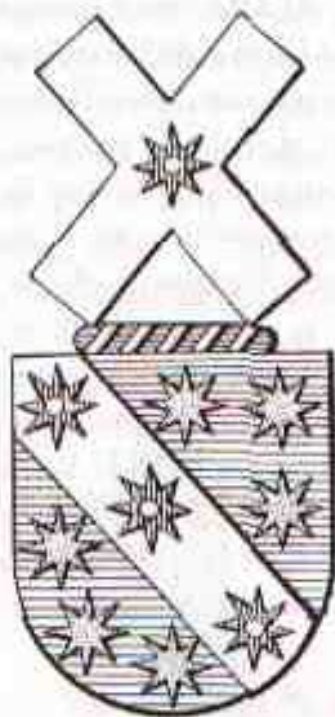
MOUTINHO. A pessoa mais antiga que se conhece deste apelido é *Vasco Afonso Moutinho*, a quem D. João I deu licença em 20 de Novembro de 1429 para edificar o mosteiro de S. Domingos, de Vila Real. Teve vários filhos do mesmo apelido, sendo o mais velho *Dinis Vaz Moutinho*, casado com *Violante Martins* de Mesquita, filha de *Martim Gonçalves Pimentel* e de sua mulher, *Inês de Mesquita*, da qual houve geração, continuadora do apelido.



Moutinho

As armas que trazem são: De azul com uma flor-de-lis de ouro, cantonada de quatro cabeças de serpe do mesmo, lampassadas e cortadas de vermelho. Timbre: uma cabeça de serpe do escudo.

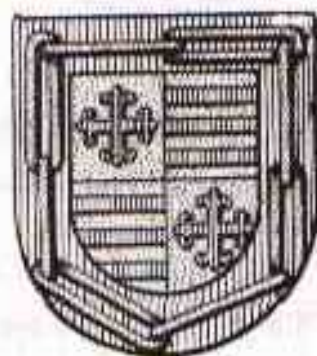
MOUZINHO. Família antiga, cujo apelido deve ter derivado de alcunha, talvez de Mozinho, que é o mesmo que Mocinho, aplicada a pessoa jovem para a diferenciar de outra de maior idade, se não dada a alguém que desempenhou o ofício de mozinho, isto é, de moço ou menino do coro em qualquer sé. O mais antigo deste apelido que se conhece é João Mouzinho, que no ano de 1269 tinha fazendas na Beira, místicas com as de João Lourenço da Cunha, instituidor do morgado de Tabua, pois outro do mesmo apelido — Gonçalo Mouzinho — referido em certo documento de 13 de Junho de 1145, não existiu porquanto o diploma é falso. Embora João Mouzinho possuisse bens na província da Beira, os Mouzinhos não se fixaram nela, mas na do Alentejo, sendo o seu grande centro em Castelo de Vide. Há quem diga que o apelido Mouzinho se escreveu Mauzinho.



Mouzinho

As armas usadas por esta família são: De azul, com banda de prata, carregada de três muletas de vermelho, de oito raios, acompanhada de seis estrelas de ouro, de oito raios, postas em orla. Timbre: uma aspa de prata, carregada de uma muleta do escudo.

MUNHOZ. Família espanhola, da qual passou, pelo menos, um ramo a Portugal na pessoa de D. Afonso Muñoz por crime cometido no seu Reino, e o qual diziam ser filho do terceiro Duque de Medina Sidónia, havido do segundo matrimónio. D. Manuel I lhe deu o foro de fidalgo e a alcaidaria-mor de Soure. Seu filho João Munhoz foi proprietário do ofício de escrivão da almotaçaria de Soure e se recebeu com D. Leonor de Abreu, filha de Antão Mendes de Abreu e de sua mulher D. Brites Baleeiro, de quem houve geração pela qual se propagou o seu apelido, que originariamente foi patronimico de Munho ou Munio, pelo que corresponde ao português Moniz. Munhoz é forma aportuguesada de Muñoz.



Munhoz

As armas pertencentes a esta família usadas em Portugal e Espanha, são: Esquartelado: o primeiro e o quarto de ouro, com uma cruz florentina de vermelho; o segundo e o terceiro de ouro, com três faixas de vermelho, bordadura do mesmo, carregada de uma cadeia de oito fuzis de ouro.

MURILHAS. Família espanhola, originária da vila de Cubigana de Murillas, na terra de Ayala. Passou um ramo a Portugal, sendo o mais antigo que se conhece deste Gaspar Gonçalves de Murilhas, que deve ter vivido no século XVII.

As armas dos Murilhas, tanto na Espanha como em Portugal, são: De ouro, com uma torre torreada de negro, rematada por um braço armado de prata, com mão de carneação, empunhando um alfanje embebido numa cabeça de mouro, fodada de azul e de prata; a torre acompanhada, em ponta, de duas géminas de vermelho. Timbre: o braço armado, com o alfanje e a cabeça do escudo.



Murilhas



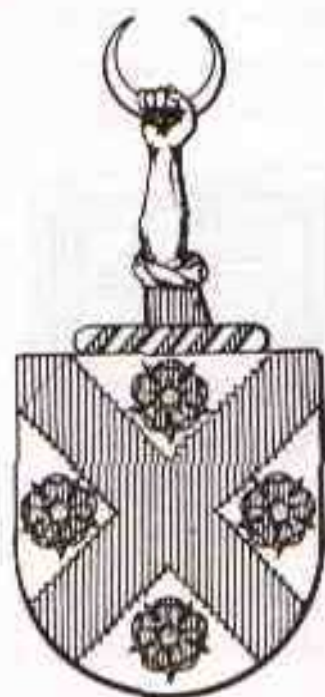


APER. Família inglesa de que passou a Portugal Cristóvão Naper, fidalgo que serviu D. João IV nas guerras contra Castela. Seu filho Francisco Naper, natural da Escócia, foi governador de Abrantes e casou com D. Maria Coutinho, filha bastarda de D. Álvaro Coutinho, que se achou na restauração da Baía e de Pernambuco, e de

Maria Sanches, natural de Vilar Torpim, termo de Castelo Rodrigo, a qual era dos bons do lugar. D. Álvaro Coutinho era filho bastardo de D. Fernando Coutinho, quarto do nome, marechal do Reino e alcaide-mor de Pinhel, e de Maria de Escovar, filha de lavradores honrados de Pinhel. Teve D. Francisco Naper — chamado por *dom* talvez por ter o tratamento de *sir*, ou apenas por ser fidalgo estrangeiro — de sua mulher D. Francisco Naper (ou Napier) de Lencastre, capitão das naus da Índia, aonde foi duas vezes, governador da Nova Colônia no Rio de Janeiro, depois mestre-de-campo de um terço no Alentejo; veio a morrer solteiro, sem geração, na tomada de Valença de Alcântara, 8 de Maio de 1705; D. Álvaro Coutinho de Lencastre, que casou na ilha da Madeira; D. Madalena de Lencastre, mulher de Francisco de Brito de Elvas, filho de Heitor Mendes de Brito de Elvas, o do Carmo, e de sua primeira mulher, que não teve geração e depois de viúva foi freira no Salvador; D. Guiomar de Lencastre, casada com Francisco Aranha de Barros, cavaleiro do hábito de Cristo, filho de Gaspar Aranha de Barros e de D. Guiomar de Brito, com geração; e D. Luísa de Lencastre, freira no mosteiro de Santa Ana, de Lisboa.

As armas usadas pela família Naper, tanto na Inglaterra como em Portugal, são: De prata, com uma aspa espiguihada de vermelho, acompanhada de quatro rosas do mesmo, abertas de ouro. Timbre: um braço vestido de vermelho, arregaçado de prata, posto em pala, com mão de carnação segurando um crescente de prata.

O almirante inglês Carlos Napier, Conde de São Vicente, usou as armas do Napers acima descritas, com pouca diferença, o que parece demonstrar que Naper e Napier são vozes diversas do mesmo apelido.



Naper

NÁPOLES. Família portuguesa cuja origem é a mesma dos Veigas, sendo porém, o apelido de Nápoles tido por abusivamente tomado, pois não parece, a muitos autores, comprovada a sua proveniência.

Começam os genealogistas esta família em Leonardo Esteves, que uns dão por filho natural de João Esteves da Vacariça e de Catarina Esteves, mulher solteira, enquanto outros pretendem que foi filho de Estêvão de Nápoles e neto de João de Nápoles e Hungria, príncipe da Moreia e de Acaia, intitulado Imperador de Constantinopla, etc., e de sua mulher Inês Colocenci e bisneto de Carlos II, Rei de Nápoles, Hungria, Sicília e de Jerusalém, de sua mulher Maria de Hungria.

Leonardo Esteves foi vassallo de D. Afonso IV, senhor de Coja, Penela e de toda a veiga de Santa Maria, senhorio de que proveio o apelido de Veiga a esta família, casando-se com D. Margarida Anes de Meneses, filha do Conde D. João Afonso Telo de Meneses e de sua mulher D. Teresa Sanches, mas deste matrimónio de Leonardo Esteves também se duvida porque o Conde D. Pedro, seu contemporâneo, não dá tal filha ao Conde João Afonso. Teve dote de dois contos de libras da moeda então corrente. De Leonardo Esteves foi filho João Esteves da Veiga, rico-homem, senhor de Salvaterra de Magos, Montargil, Vila Nova de Monsarros e Vacariça, do conselho de D. João I, que por dever ainda metade do dote de seu pai lhe deu de tença cada ano três contos e quinhentas mil libras da moeda corrente e que tivesse a dita tença até estar pago do dote de seu pai. Recebeu-se este João Esteves com D. Leonor Anes de Vasconcelos, filha de D. João Rodrigues de Vasconcelos, mordomo-mor do Rei Afonso IV e de D. Constança Soares, mas o Conde D. Pedro dá esta D. Leonor por solteira. Do mencionado casamento nasceram: Henrique Esteves da Veiga; D. Catarina Anes da Veiga, mulher de Pedro ou João Rodrigues Juzarte, D. Margarida, casada primeira vez com Vasco Pimentel e segunda com Luís Pereira. Henrique Esteves da Veiga, senhor da honra de Molelos e Nandufe, do conselho de D. Afonso V, a quem serviu no Reino e na África e depois na guerra de Castela por causa da Excelente Senhora, durante mais de um ano, com mais de cinquenta homens de pé, à sua custa, e vinte e dois de cavalo, dizendo El-Rei que eram estes serviços de eterna memória por serem grandes os gastos que fez naquela guerra, pelo que lhe mandou pagar, quando estava na batalha de Toro, cem libras da moeda antiga ainda em dívida do dote do casamento de seu avô Leonardo Esteves.

Contraíu matrimónio com Filipa Nunes de Gouveia, filha de Fernão Nunes Cardoso de Gouveia, fidalgo da Beira e de sua mulher Leonor de Azevedo. Nasceram deste casamento: Fernão Nunes Esteves da Veiga, senhor da honra de Molelos e Nandufe, contador-mor da Rainha D. Leonor, mulher de D. João II, marido de D. Brízida de Horta, dama da mesma Rainha, natural de Alenquer, filha de Martim de Horta, fidalgo da Casa de D. Afonso V, senhor da quinta da Requeixada, naquela vila, e de sua mulher D. Catarina Anes Malafaia; Henrique Esteves da Veiga, senhor da honra de Molelos e Botulho, no concelho de Besteiros, casado com Brites Henriques, em cuja descendência aparece o apelido Nápoles, porém, só em um neto; Vasco Henriques da Veiga, marido de D. Teresa Gomes de Quadros, com geração; e D. Petronilha Esteves, mulher de João Rameiro, fidalgo que veio com a Excelente Senhora. De Fernão Nunes Esteves da Veiga, acima,

e de sua mulher, D. Brízida de Horta, foram filhos: António Henriques Esteves da Veiga, que se casou com D. Inês Coelho e houve filhos com o apelido de Veiga; e Henrique Esteves da Veiga, senhor da honra de Nandufe, fidalgo da Casa Real, que se recebeu com D. Francisca Pereira, irmã de António Pereira, comendador de Cadima na Ordem de Cristo, filha de Diogo Lopes da Gama, administrador da capela da Rainha D. Filipa, e de sua mulher Joana Pereira. Destes nasceram três filhos, dos quais duas senhoras, uma delas freira. O varão foi Diogo Esteves da Veiga, senhor da honra de Nandufe, fidalgo da Casa Real, capitão-mor de Besteiros, casado duas vezes, a primeira com D. Jerónima ou Guiomar de Vilalobos, filha de Fernão de Almeida, cidadão honrado de Lisboa, de cujo matrimónio houve um filho e duas filhas, estas do apelido de Nápoles. O segundo matrimónio foi com D. Maria de Sampaio, da cidade de Viseu, filha herdeira de Bernardo de Loureiro Coelho e de sua mulher Luísa de Cáceres Pereira e Melo, de que houve elevado número de filhos e filhas, todos com o apelido de Nápoles, chamando-se um deles Estêvão e outro Carlos, nomes buscados na linhagem dos verdadeiros Nápoles.

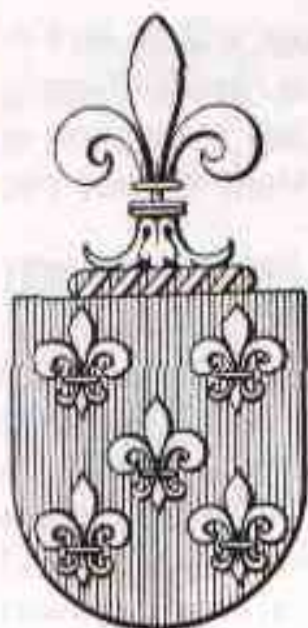


Nápoles

Por várias razões se admite que esta família somente se fez descendente de Estêvão de Nápoles a partir de Diogo Esteves da Veiga, quarto neto de Leonardo Esteves. Diogo Esteves era genealogista e teria fabricado a história da sua linhagem deduzindo-a do napolitano, que fez trasladar para o livro das gerações de Damião de Góis, de onde, mais tarde, foi extraída certidão. Foi o primeiro a usar o apelido de Nápoles, mas somente de certa época em diante, princípios do século XVII conforme parece, o qual transmitiu aos descendentes. Por influência ou convivência, usou-o, também, um seu primo coirmão, Diogo Nunes Negrão de Nápoles, apelido que não usaram os da sua prole.

Em Portugal não se conhecem armas privativas do apelido Nápoles, se bem que alguns membros desta família tenham usado não as de Anjou-Sicília, com suas diferenças, como deveriam se proviessem da linhagem real de Nápoles, mas as armas puras dos antigos Reis de França, que são de azul, semeados de flores-de-lis de ouro. Oficialmente nunca, em Portugal, se concederam armas do apelido Nápoles. Por este motivo, à falta de armas próprias, cabem-lhe as dos Esteves: De prata, com uma flor-de-lis aberta de vermelha. Timbre: a flor-de-lis do escudo. Também usam: De prata, com três flores-de-lis de azul.

NARVAIS. Família espanhola, cujo apelido foi tomado da vila de Narváez, da qual possuía o senhorio por 1264 Sancho Rodrigues de Narvais, que esteve na conquista de Baeça aos Mouros e aí ficou herdado, por ser um dos trezentos infanções por quem se repartiram os bens dos vencidos. Recebeu-se com D. Joana, da qual teve João Rodrigues de Narvais, que serviu o Rei D. Jaime de Aragão na conquista do Reino de Valência, casado com D. Teresa de Guevara. Destes foi oitavo neto, por linha varonil, D. Rodrigo de Narvais, governador da praça de Gibraltar, que contraiu matrimónio com sua parenta D. Madalena de Gusmão, pais de D. Rodrigo de Narvais, que passou a Portugal e aqui



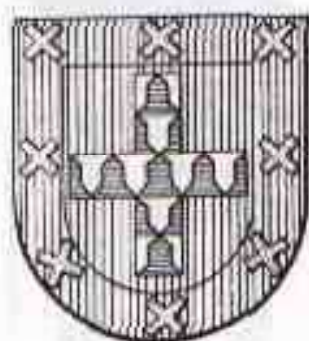
Narvais

se recebeu com Francisca de Freitas, filha de Cosme de Alvarenga e de sua mulher, Francisca de Freitas. Deste último D. Rodrigo de Narvais e de sua mulher, Francisca de Freitas, nasceu Francisco de Narvais, que se casou com sua parenta Cecília de Freitas e teve Francisca de Freitas de Narvais, mulher de seu parente Luís de Matos, homem nobre de Montemor-o-Velho, de quem houve a Francisco de Matos de Narvais, alferes do regimento da armada real em serviço de D. Afonso VI, o qual se recebeu com D. Maria da Encarnação de Sá. Destes foi filho Valério José de Freitas Narvais, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, governador do castelo de Lisboa, com patente de ajudante, a quem se passou Carta de brasão de armas de sucessão a 11 de Setembro de 1756 com as armas dos Narvais e Freitas.

Usam os Narvais: De vermelho, com cinco flores-de-lis de prata, em sautor. Timbre: uma flor-de-lis do escudo.

NAVARRETE. Família de Espanha originária de vila de Navarrete, entre Logronho e Nájera. Esteve na conquista de Baeça Pedro Rodrigues, que foi um dos trinta e três cavaleiros encarregados da guarda da praça, do qual procederam Pedro e João Dias de Navarrete e Rui Peres de Navarrete, que viveram na referida cidade com outros deste apelido. Parece ter passado a Portugal alguém desta família.

As armas que lhe pertencem são: De vermelho, com uma cruz solta de veiros e bordadura cosida do primeiro esmalte, carregada de oito aspas de ouro.



Navarrete



Navarro

NAVARRO. Família originária do reino de Navarra, da qual passaram vários ramos a Portugal.

As armas que os deste apelido usam, tanto em Portugal, como na Espanha, são as seguintes: De azul, com dois lobos de ouro, passantes um sobre o outro, e bordadura cosida de vermelho, carregada de oito aspas de ouro. Timbre: um lobo do escudo.

NAVAS. Família espanhola, onde o apelido se escreve *Navaz*. É incerto que tenha passado a Portugal, apesar de as suas armas haverem sido concedidas, com outras, por Carta de sucessão, a Bernardino José do Amaral Sousa e Navas de Figuei-

redo, do lugar da Mizarela, no termo de Linhares, provincia da Beira, a 22 de Abril de 1784, conforme diz o Visconde de Sanches de Baena, no seu *Arquivo Heráldico-Genealógico*, porque este pertencia a uma família da vila de Linhares, que se apelidava da Nave, nome talvez tomado de alguma das freguesias da mesma provincia assim chamadas, como Nave do Sabugal e Nave de Haver, ou de qualquer Nave dos concelhos de Penamacor, Pinhel, Guarda, Idanha-a-Nova, Almeida, Covilhã, Figueira de Castelo Rodrigo e Fundão. É possível que houvesse em Portugal uma família Navas, oriunda de Espanha, e que, por tal motivo, o rei de armas que passou a mencionada Carta, não encontrando armas do apelido Nave, lhe desse as dos Navas.

As armas da família Navas são: De vermelho, com um castelo de ouro incluso em quatro bastões do mesmo unidos em lisonja, e bordadura cosida do primeiro esmalte, carregada de oito aspas de ouro.



NAVAS

NEGRÃO. Família estranha, que na Itália se chama *Negrone* e na Espanha *Negrón*

Há em Portugal pessoas deste apelido, que tanto pode provir de qualquer dos países referidos como de alcunha portuguesa.

Em Génova a família Negrone foi uma das vinte e oito senatoriais daquela República, donde passou a Espanha no tempo de Filipe I, nas pessoas de Bartolomeu Negrone e João Baptista Negrone, que deixaram larga descendência, a qual se espalhou por Sevilha, Valhadolide, Xerez de la Frontera, Cádiz e outras terras.

As armas, usadas em Portugal, Itália e Espanha, são: De ouro, com três palas de negro. Timbre: uma águia de negro, estendida e sainte.



Negrão

NEGREIROS. Desconhece-se a origem desta família, cuja apelido é de origem geográfica, visto ser precedido de proposição. Querem alguns que

fosse seu solar o couto de Negrelos, no termo do Porto. A corrupção do topónimo, que invocam, é difícil de aceitar. Na primeira metade do século XV já existia Rui Mendes de Negreiros, de que foi bisneto, por varoniz, Ambrósio Mendes de Negreiros, morador em Estremoz, a quem se passou Carta de brasão de armas, de sucessão, de Negreiros e de Sandes, em 15 de Outubro de 1565. Pelas ligações e lugar onde habitavam parece família alentejana, se não tiver vindo de fora do Reino.



Negreiros

As armas usadas pelos Negreiros, são: Esquartelado, o primeiro e o quarto palado de ouro e de azul, de seis peças; o segundo e o terceiro xadrezado dos mesmos esmaltes, de seis peças em faixa e de seis em pala. Timbre: um leopardo de azul, carregado de três palas de ouro, sainte.

NEGRO. Dizem alguns autores que a família dos Negros e a dos Pretos são uma só. Supomos isto fantasia porque, embora o apelido de uma seja sinónimo do da outra, devem ter origem diversa, por igualmente o ser a palavra, que nem sequer possui a mesma raiz. Ignora-se a genealogia desta família, assim como a origem do apelido, que provém, certamente, de alcunha. Tanto o *Livro do Armeiro-mor*, como o de António Godinho, aquele terminado em 1509 e este em 1530, dão por armas aos Negros as mesmas dos Negreiros, pelo que, à primeira vista, parece que estas duas famílias teriam tronco comum, o que não pode ser, porque os Negreiros usam apelido de origem geográfica. Os organizadores dos dois códigos heráldicos, pela raiz comum dos apelidos, julgaram-nos, certamente, ramos diversos de uma só linhagem.

As armas atribuídas aos Negros são as seguintes: Esquartelado, o primeiro e o quarto palado de prata e de azul, de seis peças; o segundo e o terceiro xadrezado dos mesmos esmaltes, de seis peças em faixa e sete em pala. Timbre: duas pernas de águia de ouro postas em asna invertida, e em cada garra um molho de cabelos de negro; ou um braço de negro, empunhando um bastão de ouro.

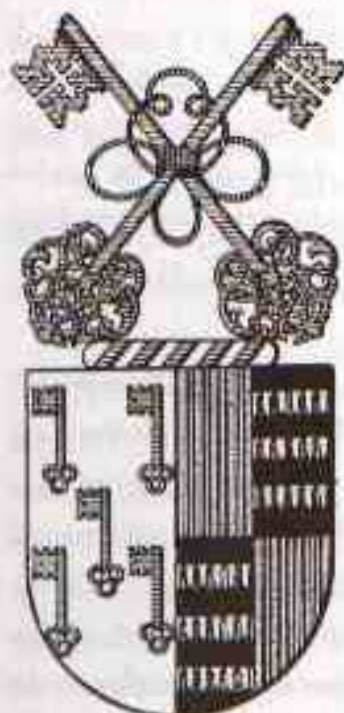


Negro

NEIVA. Família da província do Minho, que deve ter tomado o apelido da freguesia de Neiva, no concelho de Viana do Castelo, ou de uma das duas povoações que existem na freguesia de Capareiros, do mesmo concelho, e na de Fragoso, concelho de Barcelos. Esta família é antiga, pois já o *Livro Antigo dos Reis de Armas*, do final do século XV, se lhe refere.

Não têm os Neivas armas próprias, pelo que alguns autores lhes atribuem por armas escudo partido das dos Chaves e das dos Ribeiros, ou esquartelado das de Chaves (repetido), Ribeiros e Farias.

António de Neiva Chaves, cavaleiro da Casa Real, morador em Azamor, filho de João de Neiva, de Guimarães, e de sua mulher, Catarina Ferreira de Chaves, teve Carta de brasão de armas, de sucessão, com as dos Chaves, dada em 10 de Abril de 1537. Destes Neivas e Chaves, ligados posteriormente a Ribeiros e Farias, se originaram as armas que atribuem ao apelido de Neiva. São estas: Partido: o primeiro de



Neiva

prata, com cinco chaves de azul postas em sautor, os seus palhetões ao alto; o segundo esquartelado: o primeiro e o quarto de ouro, com quatro palas de vermelho; o segundo e o terceiro de negro, com três faixas veiradas de prata e de vermelho. Timbre: duas chaves do escudo, passadas em aspa e atadas de vermelho. O primeiro do partido são as armas dos Chaves, embora com diverso esmalte no campo; o segundo representa o apelido Ribeiro.

NETO. É natural que haja mais do que uma família deste apelido em Portugal, pois provém de alcunha distintiva de parentesco. Já em 1168 servia de testemunha em uma escritura do mosteiro de Lorvão um Pedro Neto. Em Espanha houve uma família de Netos que teve um ramo em Salamanca, do qual proveio Pedro Gonçalves Neto, que

viveu no século XV, pai de D. Brás Neto, bispo de Cabo Verde, e de Simão Neto, ambos com Cartas de brasão de armas, por sucessão, dadas, respectivamente, pelos reis D. Manuel I e D. João III.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, cantou a nobreza desta família nos seguintes versos:



Neto

*Os Nepotes genitores
Romanos mui esforçados
deste brazão afamados
ali foram senadores
e agora são acabados.*

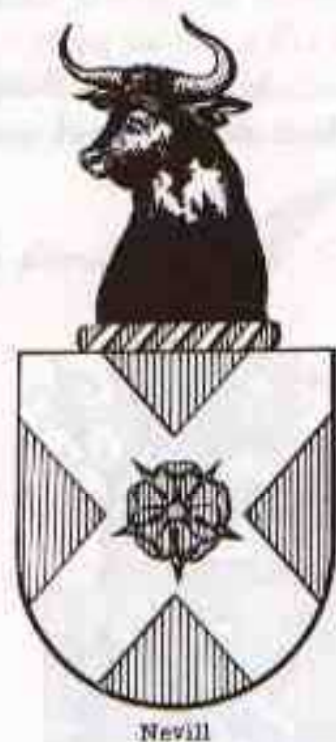
As armas dos Netos, usadas em Espanha e Portugal, são: Partido: de vermelho e de azul, com um leão de ouro, armado de negro, brocante sobre o partido; bordadura de ouro, carregada de quatro flores-de-lis de prata, perfiladas de ouro, acantonadas de quatro folhas de figueira de verde postas em cruz. Timbre: o leão do escudo, rematado por uma folha de figueira do escudo.

NEVIL. Família inglesa cujo apelido aparece, também, com a forma *Neville* e *Nevil*. Incorrectamente, encontram-se outras grafias como *Nevel*, *Nerwil* e *Nuil*. Provém esta família de Gilbert de Nevill, almirante de Guilherme, o Conquistador, de quem foi bisneta Isabel de Nevill, que se casou com Robert Fritz Mardred, bisneto por varonia do primeiro Conde de Northumberland. Destes ficou herdeiro Geoffrey de Nevill, sucessor da casa e governador de *Northam Werk*, pai de Ralph, primeiro Barão de Nevill, de quem foi neto John, terceiro Barão, cavaleiro da Ordem da Jarreteira e notável general, casado com lady Elisabeth, herdeira do quarto lord Latimer.

Nasceu deste matrimónio Ralph Nevill, Conde de Westmorland, também cavaleiro da Ordem da Jarreteira, marechal da Inglaterra, que se casou primeiro com Margarida, filha do Conde de Strafford, e depois com Jane, filha de John of Gaunt, Duque de Lancaster, terceiro filho de Eduardo III. Dos dois casamentos nasceram vinte e dois filhos, sendo do segundo Eduardo, primeiro Barão de Abergavenny, que também foi casado duas vezes, a primeira com lady Elisabeth Beauchamp e em segundas com Katherina, irmã do primeiro Duque de Norfolk.

Sir Christopher Nevill, quarto neto do mencionado primeiro Barão de Abergavenny e filho segundo do sexto Barão, contraiu matrimónio com Mary, filha co-herdeira de Thomas Darcy, e teve por filho segundo a William Nevill, general do pretendente, que foi obrigado a emigrar por o Duque de York ter sido derrotado na guerra das Duas Rosas em 1714. Veio para Portugal e estabeleceu-se na cidade do Porto, fundando a Quinta do Tojo, em Canidelo, freguesia de Santo André, concelho de Vila Nova de Gaia.

A família Nevill teve grande importância em Inglaterra: John Nevill foi chamado «King's maker»; Ralph Nevill, primeiro Conde de Westmorland, além de se casar com uma neta do Rei Eduardo III, foi pai de Cecília, mulher de Ricardo Plantageneta, Duque de York, de quem nasceram os Reis Eduardo IV e Ricardo III, este casado com sua sobrinha Ana, viúva do Príncipe de Gales. Por ser sobejamente conhecida esta família, o general Beresford, quando veio organizar a Legião Lusitana e comandar as forças portuguesas, alojou-se com outros generais na Casa do Fojo e na do Cais Novo, na cidade do Porto, pois traziam cartas de recomendação para William Nevill. Este casou com Mary Tyson, irmã do almirante Tyson, e foram pais de William Nevill, segundo senhor da Quinta e Casa do Fojo, que alargou a quinta e continuou a casa, recebendo-se com Maria Joana Tousand, da Irlanda, da qual houve geração que continuou o apelido.



As armas que esta família usa, tanto na Inglaterra como em Portugal, são: De vermelho, com uma aspa de prata carregada de uma rosa abotoada de ouro, com pontas de verde. Timbre: uma cabeça de touro, malhada de prata e de negro, armada de ouro.

NINHO. Família espanhola que se diz provir de França, de onde passou na pessoa de João Ninho, o que certamente é lenda originada para justificar as flores-de-lis das suas armas, porquanto o apelido, que em Espanha se escreve *Niño*, mostra bem não ser importado.

De João Niño foi descendente D. Pedro Niño, Conde de Buelna e senhor de Cigales, em Castela, que deixou muita geração, da qual procedeu D. Gabriel Niño y Zuñiga, que no domínio filipino veio para Portugal e teve o posto de mestre-de-campo e o cargo de governador da torre de S. Julião da Barra. Recebeu-se com D. Ana de Távora, filha de

Luís Álvares de Távora, senhor do Mogadouro, e de sua mulher, D. Filipa de Vilhena, sendo aquela senhora já viúva de Manuel de Sousa da Silva, aposentador-mor de D. Sebastião.

A D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, se devem os versos seguintes, a respeito da sobredita família:

*Desta geração dos Ninhos
forão varões verdadeiros
na guerra muito inteiros
e dos godoz não indignos
pois são mui bons cavaleiros.*

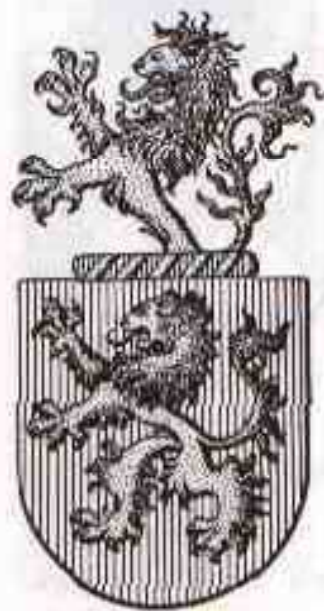


Ninho

As armas que trazem, quer em Espanha, quer em Portugal, são: De ouro, com sete flores-de-lis de azul, postas 1, 2, 1, 2 e 1.

NOBEL. Família que passou a Portugal da cidade da Haia, na Holanda, de onde é originária, na pessoa de Simão Nobel, em tempo de D. Pedro II. Este Simão Nobel casou-se em Lisboa com D. Ana Letre, natural da mesma cidade, de quem teve Jaques Nobel, recebido com D. Catarina de Barros, filha de Sebastião Ferreira de Barros e de D. Maria Madalena, dos quais ficou geração que continuou o apelido.

As armas que se lhe atribuem são: De vermelho, com um leão de ouro. Timbre: o leão do escudo, sainte.



Nobel

NÓBOA. V. Nôvoa.

NOBRE. Há, possivelmente, em Portugal, várias famílias deste apelido, originário de alcunha. Em Tavira houve uma família Nobre, que se diz ter começado em Manuel Martins

Nobre, que serviu esforçadamente em África, onde mostrou grande ousadia na tomada de uma praça, dizendo o Rei, ao saber a nova: «Nobre foi o feito». De aqui se teriam originado o apelido e as armas alusivas ao facto. Estas armas foram usadas pelos Nobres de Tavira, de que se passou Carta de sucessão em 27 de Junho de 1671 ao capitão Manuel Nobre de Canelas.



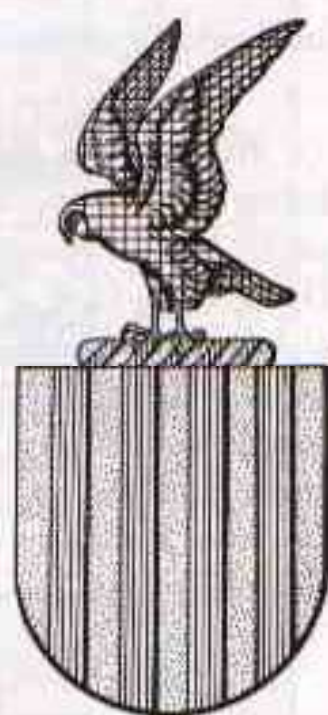
Nobre

As armas dos Nobres são as seguintes: De vermelho, com uma torre de prata, lavrada de negro, assente num rio de prata, aguado de azul; a torre acompanhada, à esquerda, de uma cabeça de mouro, toucada de prata e de azul, boiando sobre a água. Timbre: um braço armado de prata, com a mão de carnação, com uma cabeça de mouro pendurada pelos cabelos.

NÓBREGA. Família antiga que tem origem em D. Ourigo Fernandes da Nóbrega, *o Velho*, senhor da terra da Nóbrega e padroeiro do mosteiro de S. Martinho de Crasto, o qual era filho de D. Fernando Ourigues. Aquele recebe-se com D. Maria Lourenço da Cunha, filha de D. Lourenço Fernandes da Cunha e de D. Maria Lourenço de Maceira, de cujo matrimónio nasceram D. Fernando Ourigues da Nóbrega, casado com D. Marinha Viegas, filha de D. Egas Lourenço, *o Espadeiro*, com geração, parte da qual seguiu o apelido de Aboim e outra parte o de Nóbrega; D. Pedro Ourigues da Nóbrega, herdado na terra de Aboim, no concelho da Nóbrega, onde fundou casa e torre, de que o Rei fez couto, o qual se recebeu com D. Maria Viegas, filha de D. Egas Lourenço *o Espadeiro*, ou, conforme alguns autores, com D. Urraca Gil, filha de Gil Pires Feio e D. Inês Soares Coelho, e teve geração, que tomou o apelido de Aboim; D. Garcia Ourigues da Nóbrega, que de seu casamento teve geração com o apelido de Nóbrega; e D. Maria Ourigues, casada a primeira vez com Reimão Viegas de Portocarreiro e a segunda com Pedro Fernandes de Cambra.

Manuel de Sousa da Silva, insigne investigador genealógico, escreveu a seguinte quintilha, dedicada aos Nóbregas:

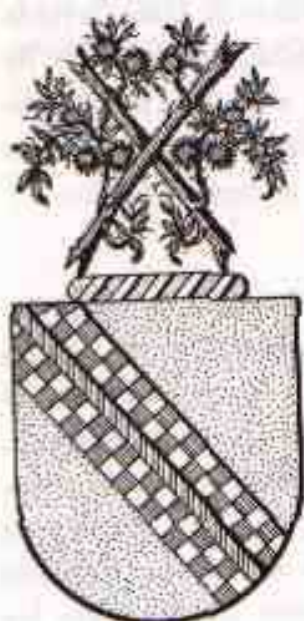
*Dom Ourigo sublimado
A Nobreza conquistou
dos mouros onde morou
E o seu nome illustrado
A seus vindores deixou.*



Nóbrega

As armas dos Nóbregas são: De ouro, com quatro palas de vermelho. Timbre: um açor voante, de negro, armado e membrado de ouro, ou um leopardo rampante de ouro, carregado de uma pala de vermelho.

NOGUEIRA. Família muito antiga, pois no tempo de D. Afonso VI, Rei de Castela e de Leão, e no do governo do Conde D. Henrique, vivia D. Paio Nogueira, rico-homem, senhor da Torre de Nogueira, o qual teve de sua mulher, D. Sancha, a D. Mendo Pais, que foi da Ordem do Templo, e a D. Paio Pais, senhor de Nogueira, rico-homem de D. Afonso Henriques, casado com D. Mëndola, de cujo matrimónio nasceu D. Mendo



Nogueira

Pais Nogueira, rico-homem, senhor da Torre de Nogueira e primeiro senhor da Bobadela, que houve por mercê de D. Sancho I, de quem foi aio. Matrimoniou-se este D. Mendo Pais com D. Berengueira e teve D. Paio Mendes Nogueira, segundo senhor da Bobadela, com geração do seu apelido, e João Pais Nogueira, que sucedeu na quinta e padroado da igreja de Nogueira. Este consorciou-se com D. Giralda, dando ambos ao bispo do Porto o direito do padroado da igreja de Válega em 1744, e teve geração, também do mesmo apelido, a qual parece haver-se extinguido. O apelido deve ter sido tomado da Torre de Nogueira, na freguesia de S. João de Nogueira, situada em terra de Barroso.

As armas dos Nogueiras são: De ouro, com banda xadrezada de verde e de prata de cinco ordens, a do meio coberta por um filete de vermelho. Timbre: dois ramos de noqueira passados em aspa e frutados de sua cor, ou cabeça e pescoço de serpe de ouro, xadrezada de verde, saindo-lhe da boca um ramo de noqueira da sua cor.

NORONHA. Família das mais ilustres da Península, provém de D. Henrique II, Rei de Castela, filho bastardo de D. Afonso XI, soberano do mesmo Reino, que o houve em D. Leonor Nunes de Gusmão, filha de D. Pedro Nunes de Gusmão e de D. Maria. D. Henrique II teve de D. Elvira Inígues de la Vega vários filhos bastardos, dos quais o mais velho foi D. Afonso Henriques, Conde de Noronha e de Gijon, que se recebeu em Burgos, em 1378, com D. Isabel, filha de D. Fernando I, rei de Portugal, de quem teve diversos filhos e também os houve bastardos, tomando uns o patrónimo de Henriques e outros o apelido de Noronha, ambos transmitidos a seus descendentes.

João Rodrigues de Sá, o illustre quinhentista, deixou estes versos dedicados aos Noronhas:

*Sem temor, & sem vergonha,
onde quer queles estem,
azuis, & de prata tem
escaques os de Noronha,
douro & veyrados tambem.*

*Noronhas são da montanha,
E nom doutra terra estranha
donde a terra tomada
de mouros he recobrada
& tornada aa fee Espanha.*

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, também os louvou pelo modo seguinte:

*Esta illustre geração
tão insigne em Portugal
vem do conde D. Girão
& do grande capitão
Marquez de Vila Real.*

E com pouca variante lhe atribuem também os versos de João Rodrigues de Sá, atrás transcritos. Refere-se ainda o mesmo bispo à tensão dos Noronhas, dizendo:



Noronha

*Esta espada ensanguentada
endredoura dos pavezes
traz o Marquez empinada
capitão dos portuguezes
em Ceita tão nomeada.*

As armas dos Noronhas são: Esquartelado: o primeiro e o quarto de prata, com cinco escudetes de azul em cruz, cada escudete carregado de cinco besantes do campo, bordadura de vermelho, carregada de sete castelos de ouro e por diferença um filete de negro sobre-



Noronha (dos condes de Vila Real)

posto em banda; o segundo e o terceiro, com um castelo de ouro, aberto, iluminado e lavrado de azul, mantelado de prata, com dois leões afrontados de púrpura, armados e lampassados de vermelho, bordadura composta de ouro e de veiros, de dezoito peças. Timbre: um leão do escudo, nascente.

Os Noronhas da Casa dos Condes de Vila Real usaram as seguintes armas, que são aliança das dos Noronhas com as dos Meneses daquela casa (*Vilalobos, Limas e Meneses*): sobre o todo das armas dos Noronhas, acima descritas, um escudo cortado de um traço e partido de dois: o primeiro, terceiro e quinto de ouro, dois lobos passantes e sobrepostos de púrpura (*Vilalobos*), passantes um sobre o outro; o segundo, quarto e sexto de ouro, com quatro palas de vermelho (*Lima*); sobreposto, de ouro pleno (*Meneses*). Timbre: leão de púrpura, armado e lampassado de vermelho, saínte.

NOVAIS. Família antiga que se diz proceder de Afonso Fernandes de Novaia, que viveu no tempo de D. Afonso VI e veio com seu genro, o Conde D. Henrique, da Corte daquele soberano, para Portugal, fazendo assento na honra de Novaia, concelho de Vermoim, da qual tomou apelido. Ai teve quinta e vivia por 1090, conforme há notícia. Foi seu filho Fernando Afonso de Novaia, que viveu no tempo do Conde D. Henrique e de seu filho, D. Afonso Henriques, foi senhor do solar de Novaia e casou com D. Teresa Viegas da Fonseca, filha de Egas Garcia da Fonseca e de sua mulher, D. Mor Pais, de quem teve filhos que continuaram o apelido.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, nas suas trovas heráldicas, tratou desta linhagem, dizendo dos Novais e Navais, que tudo parece o mesmo:



Novais

*Do velho Afonso Novaes
e de Tereja de Meira
pessoas mui principais
foi geração primeira
de des que já foram mais.*

Também o ilustre genealogista Manuel de Sousa da Silva se ocupou desta família na seguinte quintilha:

*Na terra de Vermoim
Esta honra de Novais
E' o solar dos mui leaes
Que tomaram o nome assim
E della passou aos mais.*

Usam os Novais como armas as que seguem: De azul, com cinco novelos de prata. Timbre: uma aspa de azul, com dois novelos do escudo enfiados nas extremidades superiores.

NÓVOA. Família originária do Reino da Galiza, cujo apelido foi tomado do castelo de Noboa, junto de Ribadavia. João Aires de Nóboa foi casado com D. Maria Fernandes, filha do Conde D. Fernando Peres de Trava, e de sua mulher, D. Elvira Rodrigues de Sandoval, e seu filho D. Gonçalo Anes, o Bom, rico-homem, que esteve na Navas de Tolosa. Eleito em 1218 nono mestre da Ordem de Calatrava, morreu em 1238, deixando filhos que continuaram o apelido de Nóboa ou Nôvoa.

As armas que usam, tanto na Espanha como em Portugal, são: Terciado em mantel: o primeiro de vermelho, com uma águia de ouro, estendida; o segundo de prata, com um leão de vermelho; o terceiro de ouro, com um castelo de vermelho. Timbre: a águia do escudo.



Nóvoa



Nunes

NUNES. Este nome é patronímico de Nuno, pelo que não há só uma família mas muitíssimas, sem nada de comum. Tanto pode ser português como espanhol.

Uns deste apelido usam as seguintes armas: De ouro, com uma palma de verde, em pala, dobrando as pontas para a direita. Timbre: um leão de sua cor com a palma do escudo nas garras.

Outros trazem: Partido: o primeiro de prata, com uma barra de azul; o segundo de vermelho, com um leão de ouro, acompanhado de quatro merletas do mesmo, acantonadas. Timbre: o leão do escudo.



Nunes (outros)





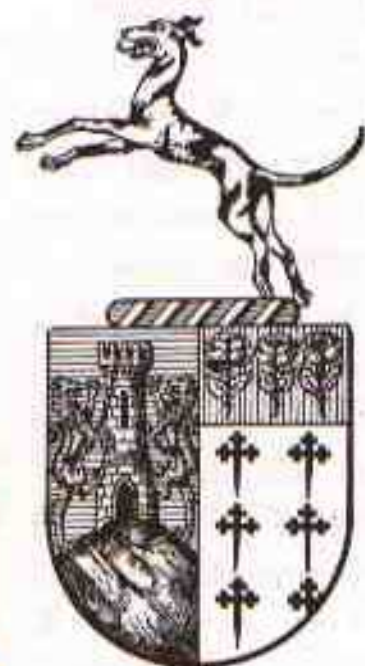
CÊM. V. Sem.

OCHOA. Família originária de Navarra, que se diz ter passado a Portugal na pessoa de Martim Henriques de Ochoa, que veio na companhia do Conde D. Henrique.

As armas desta família são as seguintes:

De prata, com dois lobos passantes, um sobre o outro, de azul.
Timbre: um lobo do escudo.

O'KELLY. Família natural da Irlanda. Deste país passou a França Bernardo O'Kelly, que serviu no exército com tanta distinção que chegou a governador de uma praça com patente de coronel e deste país se trasladou a Portugal, onde casou. Foi pai de Guilherme O'Kelly, tenente de cavalaria do regimento de Moura, e de Hugo O'Kelly, primeiro coronel e depois brigadeiro do mesmo regimento. Eram parentes do Conde O'Kelly, tenente-general de infantaria nos exércitos do Imperador da Alemanha. Aquele Guilherme O'Kelly casou com D. Mariana Josefa e deles nasceu Diogo O'Kelly, capitão de cavalos no



O'Kelly



Ochoa

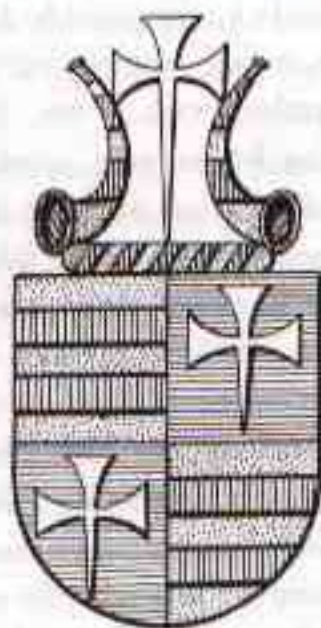
regimento de Moura, a quem se passou Carta de brasão de armas, de sucessão, com as do seu apelido, em 14 de Abril de 1785.

De Dublin vieram, também, Diogo Tomás O'Kelly, mestre de dança, que foi criado do Infante D. António, e processado pelo Santo Ofício por ser maçã, iniciado em 1735, e seu irmão Miguel O'Kelly, contratador da fábrica de vidros, iniciado na Maçonaria em 1736 e processado com seu irmão.

Hugo O'Kelly, acima referido, também pertenceu à Maçonaria e foi implicado no mesmo processo.

As armas da família O'Kelly são: Partido: o primeiro de azul, com uma torre de prata sobre um monte de sua cor, entre dois leões de ouro, assaltantes, presos à torre pela cintura com cadeias de negro; o segundo de prata com seis cruzetas recruzetadas, de pé aguçado, de negro, postas 2, 2 e 2, e chefe de vermelho carregado de três rosas naturais de prata. Timbre: um galgo corrente de prata, malhado de negro. Divisa: TURRIS FORTIS MIHI DEUS.

OLDENBOURG. Família originária da Dinamarca, da cidade de Oldenbourg. Passou a Portugal na pessoa de Martinho de Oldenbourg, filho de António Goutier, Conde de Oldenbourg, e de sua mulher, Sofia Catarina, filha de Alexandre, Duque de Holsacesunderbourg, cuja casa, por falta de sucessão, visto Martinho de Oldenbourg não ter querido voltar para a pátria, se extinguiu por se unir à coroa da Dinamarca. Foi Martinho de Oldenbourg pai de Feliciano Velho Oldenbourg, que se recebeu com D. Francisca Antónia da Rocha, filha de Silvestre Gonçalves da Rocha, capitão de mar-e-guerra, e de sua mulher D. Luísa Dias de Pontes, de quem nasceu Martinho Velho da Rocha Oldenbourg, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, morador em Lisboa, a quem se passou em 25 de Agosto de 1750, Carta de brasão de armas, de sucessão, com as da família Oldenbourg, que são: esquarte-lado: o primeiro e o quarto de ouro, com duas faixas de vermelho; o segundo e o terceiro de azul, com uma cruz pátea, de pé agudo, de prata. Timbre: a cruz do escudo entre duas buzinas de ouro, cada uma carregada de duas faixas de vermelho.



Oldenbourg

OLIVA. Família de Navarra que passou a Portugal em 1428 nas pessoas de três cavaleiros que faziam parte da comitiva da princesa D. Leonor, depois rainha pelo seu casamento com o Rei português D. Duarte, a qual era filha de D. Fernando I, Rei de Aragão e Sicília, Infante de Castela e Duque de Penafiel. Chamavam-se eles D. Pedro de Oliva, D. João de Oliva e D. Gaspar de Oliva. Este apelido foi adoptado pelos senhores das terras denominadas da Oliva, situadas numa povoação deste nome, que ainda hoje existe na extremidade ocidental da provincia da Navarra em Espanha. Estes três cavaleiros, desejando combater contra os Mouros em África, ofereceram-se aos Infantes de Portugal D. Henrique e D. Fernando para fazerem parte dos catorze mil homens que os ditos Infantes levaram de Portugal para a empresa da conquista de Tânger. Tendo-lhes sido aceite a sua oferta, partiram na mencionada expedição, aonde ficou D. João de Oliva, sem que dele houvesse mais notícia senão passados alguns anos, voltando somente D. Pedro e D. Gaspar. Este D. Pedro de Oliva, o mais velho dos três irmãos, herdeiro de grande fortuna, estabeleceu residência na povoação de Tojal, freguesia de Vila de Igreja, concelho de Sátão, e ali casou com D. Paula de Sousa, senhora nobre e rica, fundando

assim o ramo dos Olivas da Beira, cuja descendência teve, mais tarde casa, na povoação de Casfreires, a 12 km. do Tojal.

D. Gaspar de Oliva casou na cidade de Tavira, no Algarve, onde residia e tinha boa casa. Alguns dos seus descendentes transitaram para Azamor, onde desempenharam vários cargos, sendo fidalgos da Casa Real. Lourenço de Oliva, deste ramo e nascido em Tavira, passou a Tânger, onde vivia em 1564. Era cavaleiro da Casa Real e da Ordem de Cristo e prestou muitos, bons e leais serviços a D. Sebastião, assim como seu pai e avô, na guerra contra os Mouros, os prestaram a D. João III, dando todos eles sempre boa conta de si. No ano de 1553, quando no tempo de Luís da Silva, capitão de Tânger, estavam recolhidos na cidade uns alcaides mouros chamados Dorides, com receio do xerife e veio notícia àquele capitão de estar na ribeira um leão, o qual o capitão quis ir matar, saindo alegremente com toda a sua gente e os mencionados alcaides mouros, também com a sua. No caminho houve questão entre Lourenço de Oliva e um dos alcaides mouros acerca da cavalaria cristã, dizendo o alcaide que os que matassem o leão fossem os bons cavaleiros. Animado por tais palavras e pelo zelo e honra da cavalaria cristã e da sua pátria, Lourenço de Oliva se adiantou a todos e logo que o leão saiu da ribeira avançou a cavalo para ele e com a lança o traspassou, mas o leão saltou-lhe aos peitos do cavalo e o feriu muito. Tanto pelos serviços próprios, como pelos do pai e do avô e atendendo a este feito de Lourenço de Oliva, D. Sebastião, por Carta de 12 de Novembro de 1564, lhe deu armas de mercê nova, alusivas ao acto de ter morto o leão.

As armas dos Olivas usadas em Espanha são as seguintes: *Cortado: o primeiro de prata, com uma oliveira de verde, frutada e arrancada de ouro; o segundo de vermelho, com um esquadro de prata. Timbre: a oliveira do escudo.* Estas armas parece não terem tido uso em Portugal ou perdeu-se-lhe a tradição, pois em 1753 a António de Oliva e Sousa Cabral, descendente por varonia de D. Pedro de Oliva, atrás mencionado, se deram por sucessão as dos Olivas, de Lourenço de Oliva, esquarteladas com as dos Cabrais e

Amarais, sem que se invocasse na respectiva Carta que este herói de África era seu ascendente.

Querem alguns que, como acima dizemos, D. Pedro de Oliva fosse irmão de D. João de Oliva, e deste dizem provir Lourenço de Oliva, e de D. Gaspar de Oliva, que teve também geração. Ainda assim as armas novas de Lourenço de Oliva não poderiam ser usadas por descendentes de seus tios, pelo que somente se pode atribuir o facto de António de Oliva e Sousa ter recebido Carta de armas com as daquele seu colateral à ignorância do rei de armas, que, certamente, não tinha nos seus livros registadas outras do mesmo apelido. Isto prova que a carta de armas de António de Oliva e Sousa foi a primeira passada em Portugal aos do seu ramo e que não deviam ter trazido de Espanha qualquer documento que provasse as armas que lhes pertenciam, pois, de contrário, o teriam apresentado.



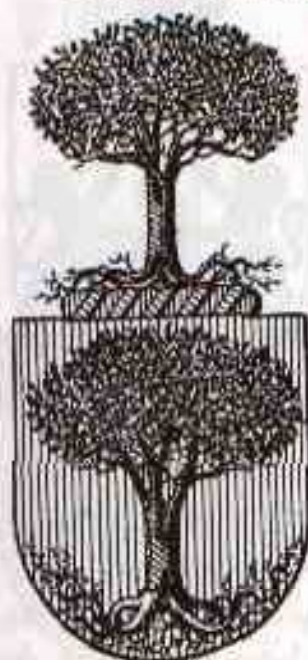
OLIVA

Diz-se que o mosteiro dominicano de Nossa Senhora da Oliva, no Tojal, cuja fundação, em 1633, se deve ao Dr. Feliciano de Oliva e Sousa, descendente de D. Pedro de Oliva, tinha vários brasões de armas. Se neles estava representado o apelido Oliva não se sabe, nem de que forma.

As armas de mercê nova, concedidas a Lourenço de Oliva, são: De verde, com um leão de ouro, armado e lampassado de negro, sainte de uma ribeira onçada de prata e de azul, o leão traspassado do dorso ao ventre, de uma lança de prata, quebrada e ensanguentada. Timbre: um homem vestido de vermelho, sainte, tendo enristada uma haste de lança quebrada.

OLIVAL. Desconhece-se a origem do apelido e da família, a qual parece ser da província da Beira. Diz-se que era senhora de um grande olival no termo do Sabugal e que dele tomou o apelido, assim como se aponta por ascendente um D. Álvaro do Olival, que teria vivido nos reinados de D. Pedro I, D. Fernando I e D. João I.

As armas que se lhe atribuem são as dos Oliveiras (antigos): De vermelho, com uma oliveira de verde, arrancada de prata e frutada de ouro. Timbre: a oliveira do escudo.



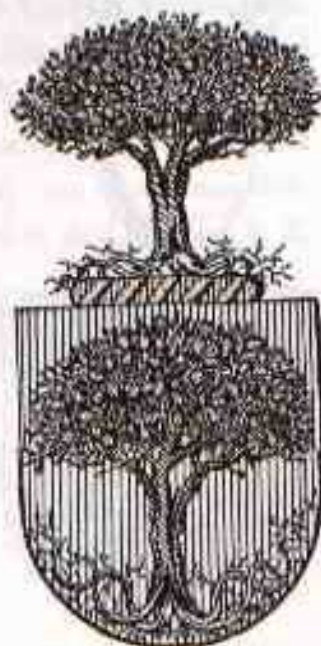
Olival

OLIVEIRA. Família antiga, cujo membro mais remoto que se conhece é Pedro de Oliveira, casado com Elvira Anes Pestana, filha de João Pestana, o Moço, da qual teve: D. Martim Pires de Oliveira, arcebispo de Braga, que instituiu o morgado de Oliveira no ano de 1350 para seu irmão Pedro e deixou geração ilegítima; Pedro Pires de Oliveira, administrador do morgado de Sobrado ou de Vale de Sobrados, que instituiu e nele nomeou D. Rodrigo, bispo de Lamego, filho de seu tio

D. Martinho, e que se recebeu com D. Mor Mendes, de quem deixou filhos; Mem Pires de Oliveira, nomeado em primeiro lugar para administrar o vínculo de Oliveira, casou com Guiomar Martins, filha de Martim Pires Podentes e de D. Teresa Martins, com geração; D. Usenda de Oliveira, mulher de Afonso Anes de Brito, o clérigo de Évora, Maria Pires, casada com Lourenço Pires de Soalhães; João Pires, que sucederia na administração do vínculo de Oliveira, depois de extinta a linha do primeiro chamado; e Teresa Pires. O solar desta família é no Paço de Oliveira, freguesia de Santa Maria de Oliveira, no termo dos Arcos de Valdevez.

As armas antigas dos Oliveiras são as seguintes: De vermelho, com uma oliveira de verde, arrancada de prata e frutada de ouro. Timbre: a oliveira do escudo (v. Olival).

Modernamente trazem por armas: De vermelho, com uma oliveira de verde, perfilada e frutada de ouro, arrancada de prata. Timbre: a oliveira do escudo.



Oliveira (moderno)

O'NEILL. Antiquíssima família irlandesa, que se diz provir de Olegário, primeiro Rei cristão da Irlanda, em 432, cujos descendentes governaram até o século XIII na qualidade de Reis, continuando-se depois por linha de Príncipes soberanos até 1616. Tiveram os títulos de Condes de Tyrone e de Barões de Dungannon, por decreto de Henrique VIII, Rei de Inglaterra, em 1542. Devido à perseguição feita aos católicos na Irlanda, no século XVII, esta casa dividiu-se em quatro ramos: o dos Condes de Tyrone, que emigrou para a Martinica; o dos Príncipes de Tyrone e Clanebay, que se estabeleceu em França e daí veio para Portugal; o de Fews, que foi para Espanha; e os dos O'Neill, lordes de Shanes-Castle, que permaneceu na Irlanda e se encontra extinto.

Os Príncipes de Tyrone e Clanebay foram ascendentes de Félix O'Neill, chefe da linhagem, que no começo do século XVIII ficou desapossado de todos os bens pela confiscação aplicada aos católicos da Irlanda, o que o levou a emigrar para França. Morreu em 1709, na batalha de Malplaquet, na Bélgica, onde entrara como oficial da brigada inglesa. Casara com Catarina, da nobre família Keating, por morte da qual contraiu novo matrimônio com Joana O'Dempsey, filha do Visconde de Clanmalier, de quem não teve geração. Do seu primeiro casamento nasceu Constantino O'Neill, que se recebeu com Cecília O'Hanlon, e tiveram João O'Neill, importante proprietário no concelho de Almada, casado com D. Valentina Ferreira em 1752; Félix O'Neill, Carlos O'Neill e mais sete filhas, geração que se propagou, continuando o apelido.

A família O'Neill usa em Portugal as seguintes armas: De prata, com uma mão direita espalmada de vermelho, posta em pala, sustida por dois leões batalhantes do mesmo e acompanhada em chefe de três estrelas de cinco raios, também de vermelho, e em ponta de um salmão de sua cor nadante num mar de azul ondado de prata. Timbre: um braço armado, empunhando uma espada, tudo de sua cor.



O'Neill



Oom

OOM. Família de origem sueca, cujo ascendente mais antigo conhecido é o Dr. Johann Ooms, Conde e chanceler de Gustavo Wasa, libertador e rei da Suécia em 1523. Em 1737 era burgo mestre de Reval, sendo esta cidade ainda sueca, Adolphus Oom, filho de Hans Ooms, trineto do primeiro citado. Um filho de Adolphus foi estabelecer-se em Hamburgo e enviou em 1773 seu filho Frederico Oom para se empregar na casa comercial Hempel, Jorge & Herrmann Noatangel, em Lisboa; é esta a origem do ramo português da família. Outros membros emigraram da Suécia e constituíram ramos da mesma na Rússia, Inglaterra e Holanda. O brasão usado por esta família é: De azul com um coração com raízes de sua cor. Timbre: o coração do escudo.

ORNELAS. Família antiga de Portugal, que tem por solar a honra de Dornelas, na terra de Entre Homem e Cávado, actualmente, freguesia de São Salvador, no concelho de Amares, distrito de Braga, da qual tomou o apelido, que por se perder a noção da origem, pois Dornelas é diminutivo de *dornas*, deu lugar à disjunção da inicial, que se tomou por preposição, passando a *de Ornelas*. Fantasiosos autores pretendem ver neste fenómeno linguístico transformação intencional para atribuição de parentescos engrandecedores da família.

Por varonia provém do Conde D. Rodrigo Veloso, casado com D. Alambet, infanta francesa, ele filho do Conde D. Sancho Veloso, que se diz ter este apelido por haver nas-

cido coberto de pêlos, e de sua mulher, D. Moninha Forjaz, aquele filho incestuoso do rei de Leão D. Rodrigo III e de sua irmã a infanta D. Ermesenda. Diz-se que o Conde D. Rodrigo Veloso nasceu na torre do Outeiro, situada na mesma freguesia que o solar de Dornelas, no ano de 981. João Fernandes, o *Franco*, filho de Rui Fernandes Veloso, chamado o *Feio de Valdornas*, e quarto neto do mencionado conde D. Rodrigo Veloso, foi grande fidalgo, muito honrado e rico. Viveu no reinado de D. Afonso III, sendo-lhe coutada por padrões a freguesia de São Salvador do Souto, no julgado de Entre Homem e Cávado, em cujos limites se incluía a povoação



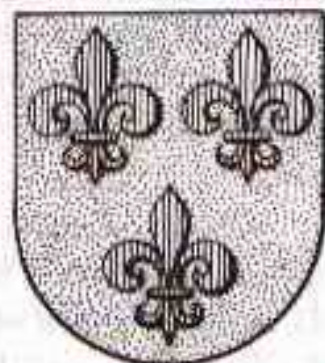
Ornelas (antigo)



Ornelas (moderno)

de Dornelas, de cuja honra teve o senhorio. Casou-se com D. Teresa Anes de Vasconcelos, irmã do arcebispo de Lisboa, D. Estêvão Anes de Vasconcelos, e filha de D. João Pires de Vasconcelos, o *Tenreiro*, rico-homem e senhor do solar de Vasconcelos, e de sua mulher, a Condessa D. Maria Soares Coelho. Deste matrimónio nasceu Fernão Anes de Dornelas, o primeiro do apelido, sucessor de toda a casa paterna, que viveu reinando D. Dinis. Foi senhor das quintas honradas de Bravadães, do Outeiro, de Dornelas e do Sobrado, esta na freguesia de Égua Longa, concelho de Refóios de Santo Tirso. Do seu casamento nasceu Pedro Fernandes de Ornelas, por quem se continuou este apelido, que já neste século Afonso Cisneiros de Ornelas reconduziu à forma primitiva, passando assinar-se *de Dornelas*.

As armas antigas dos Ornelas são: De azul, com banda cosida de vermelho, carregada de três flores-de-lis de ouro acompanhada de duas sereias de sua cor, tendo cada uma seu pente de ouro na mão direita e seu espelho de prata na mão esquerda. Timbre: uma sereia do escudo.



Ornelas
(de D. João de Ornelas)

Nos últimos séculos esta linhagem tem trazido por armas as seguintes: De azul, com banda de ouro carregada de três flores-de-lis de vermelho e acompanhada de duas sereias de sua cor, a parte de mulher de carnação e a de peixe de prata, tendo cada uma seu espelho de ouro na mão direita e seu pente do mesmo na mão esquerda. Timbre: uma sereia do escudo.

D. João de Ornelas, abade do mosteiro de Alcobaça, filho de Pedro Fernandes de Ornelas, o qual vivia por 1412 A. D., usou, somente: De ouro, com três flores-de-lis de vermelho, o que parece mostrar que as sereias foram adicionadas posteriormente, pelo que houve necessidade de pôr as primitivas armas em uma banda.

ORTA. V. Horta.

ORTIZ. Família espanhola, de que veio para Portugal no século XV Afonso Ortiz de Vilhegas, fidalgo notório de Toledo, casado com D. Maria da Silva, de quem teve



Ortiz

os filhos seguintes, que também passaram a este reino: D. Diogo Ortiz de Vilhegas, chamado o *Calçadilha*, por ser natural deste lugar, junto a Lereña, bispo de Viseu, com geração; D. Mécia de Vilhegas, casada com Pedro Fernandes de Vilanova, sem geração; Fernão Ortiz de Vilhegas, a quem o bispo seu irmão deu o reguengo de Germinade e os padroados de Carvalhais e Trapa, perto de São Pedro do Sul, casado com D. Brites Fernandes da Costa, com geração; e Iñigo Ortiz, a quem também dão a alcunha de *Calçadilha* pelo mesmo motivo que a teve seu irmão D. Diogo, casado, com geração.

O apelido Ortiz, na origem patronímico de Ortum, só continuou na descendência de Iñigo, pois na dos outros, embora se não tivesse extinguido logo, não perdurou, ao contrário do de Vilhegas, que veio até à actualidade.

As armas dos Ortizes são: De azul, com um sol de ouro; bordadura de vermelho e de prata, de duas tiras, a interior de prata, carregada de oito rosas de vermelho ou de verde com quatro folhas, e a exterior composta de vinte peças de vermelho e de prata. Timbre: um urso sainte de azul, armado e lampassado de prata, com uma rosa de ouro na espádua.



Osma

OSMA. Família espanhola que parece haver tomado o apelido da cidade de Osma. Crê-se que veio para Portugal antes do século XVI, pois as suas armas já se encontravam no Livro dos Reis de Armas. Em Portugal têm armas diversas das que usam em Espanha, sendo aquelas as seguintes: Partido: o pri-

meiro de azul, com duas espadas de prata, guarnecidas de ouro, passadas em aspa, suas pontas ao alto encimadas por uma flor-de-lis de ouro; o segundo de prata, com um leão de vermelho. Timbre: o leão do escudo.

OSÓRIO. Embora seja patronímico, não parece haver em Portugal mais do que três famílias deste nome, vindas de Espanha, a primeira no tempo de D. João I. Osório, Osoiro, Osouro, Isoiro ou Isouro são vozes com que aparece este nome, derivando de algumas o patronímico com forma genitiva: Osoures, Osoures. Este também se lê em documentos escrito Disouro, Disoiro e Zores. Se bem que a forma perfeita do patronímico seja Osoures, em Portugal a que prevaleceu não foi a do genitivo, mas a do nominativo.

De D. Martim Osoures, senhor da casa de Feães, na Galiza, foi filho Osório Martins, que passou a Portugal e teve o senhorio da vila de Figueiró da Granja e dos lugares de Santa Eufêmea, Arco, Vieiro e Penaforte. Casou com D. Elvira Dias, filha de Diogo Martins Machado e neta de Martim Machado. Seu filho, Diogo Osoures, sucedeu nos mesmos senhorios, foi alcaide-mor de Trancoso, recebeu-se com D. Usenda Pires Frajão, filha bastarda legitimada de D. Pedro Homem, senhor da Lajeosa, de que teve a Osório Dias, que sucedeu na casa paterna e se consorciou com Brites da Fonseca, viúva de Fernão da Granja de Moura, alcaide-mor de Lamego no tempo dos reis D. João I e D. Duarte, a qual era filha de Afonso Vaz da Fonseca, alcaide-mor de Marialva, Moreira e Sabugal, e de sua mulher, Mécia Lopes Pacheco. Do referido matrimónio nasceram muitos filhos, que propagaram o apelido Osório, usado só ou seguido do de Fonseca.



Osório

Veio, também, para Portugal, D. João Osório, fidalgo castelhano da casa dos Marqueses de Astorga, que neste reino teve a comenda de Paço de Sousa, a que renunciou para casar com D. Guiomar da Cunha Portocarreiro, senhora da quinta da Torre, no concelho de Portocarreiro, solar da família, e da quinta do Pombal, chamada paço de Vila Boa de Quires, a qual era filha de Nuno Martins Portocarreiro e de sua mulher, D. Maria da Cunha. Parece não haver a certeza de este D. João Osório ter casado com D. Guiomar da Cunha, nomeada por sua mulher em alguns títulos genealógicos, mas, legítimos ou não, teve dela vários filhos, que continuaram o apelido, misturando-o com o de Cunha ou de Coutinho. De D. João Osório foi quinto neto Custódio José da Cunha Osório, a quem se passou Carta de armas de sucessão a 9 de Setembro de 1783, com as dos Cunhas, Osórios e Coutinhos.

Também D. João Peres Osório, fidalgo espanhol, tem descendência em Portugal, porque sua filha, D. Maria Peres Osório, casou com Domingos Antunes de Almada, filho do sargento-mor João Antunes de Almada, e teve geração, entre a qual se conta por neto António Joaquim de Oliveira Peres Osório, que teve Carta de brasão de armas de

de sucessão passada em 9 de Dezembro de 1761, com as dos Oliveiras, Cardosos, Silvas e Osórios.

Usam os Osórios, em Espanha e Portugal, as seguintes armas: De ouro, com dois lobos de vermelho, passantes um sobre o outro. Timbre: um lobo do escudo.



Ourém

OURÉM. Família de origem desconhecida, cujo apelido deve ter tomado da vila de seu nome.

Atribuem-se-lhe as seguintes armas: De prata, com uma águia estendida de negro, armada de vermelho. Timbre: a águia do escudo.

OUTIZ. Parece que esta família é ramo da dos Pinheiros, pois a eles pertencia o senhorio da Quinta de Outiz, no termo de Barcelos. Os primeiros que se nomeiam com este apelido são Nuno Pires de Outiz e Fernão Pires de Outiz, que os autores genealógicos entendem seriam filhos de Pedro Afonso Pinheiro, filho ou irmão de Afonso Pinheiro, este morador na

provincia do Minho, quando D. Dinis mandou devassar as honras no ano de 1301, achando-se que trazia por honra o lugar de Rebordões, da freguesia de Ansalde, no concelho de Fração, privilégio que lhe foi mandado guardar, como refere a Inquirição. Pedro Afonso Pinheiro, a quem D. Afonso III fez mercê de uns pardieiros em Santarém, foi senhor da Quinta de Outiz, solar dos Pinheiros.

De Nuno Pires de Outiz nasceram Gomes Nunes de Outiz e Afonso Nunes de Outiz, este com geração do mesmo apelido. Gomes Nunes de Outiz teve o senhorio da Quinta de Outiz, foi cavaleiro de um escudo e de uma lança e casou com D. Melcia Fernandes Camelo, filha de Fernão Gonçalves Camelo e de D. Constança Pires de Arganil, de cujo matrimónio teve geração que seguiu em parte o apelido de Outiz e em parte o de Pinheiro. Fernão Pires de Outiz, irmão de Nuno Pires de Outiz, primeiros deste apelido, teve descendência que continuou a chamar-se de Outiz, mas que se não sabe se passou além de seu neto, Gil Martins de Outiz, alcaide de Leiria por mercê de D. Pedro I, confirmada por D. Fernando I no ano de 1367.

Manuel de Sousa da Silva, o insigne linhagista minhoto, escreveu, a respeito desta linhagem, a seguinte quintilha:

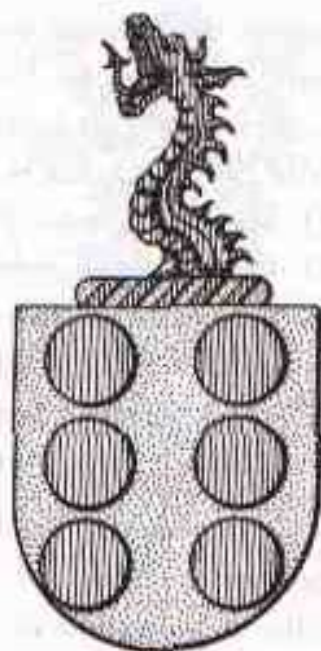
Em Barcellos no julgado

A nobre quinta de Outiz

Aos seus naturais fiz

Tomar um nome honrado

Que com ela se diz.



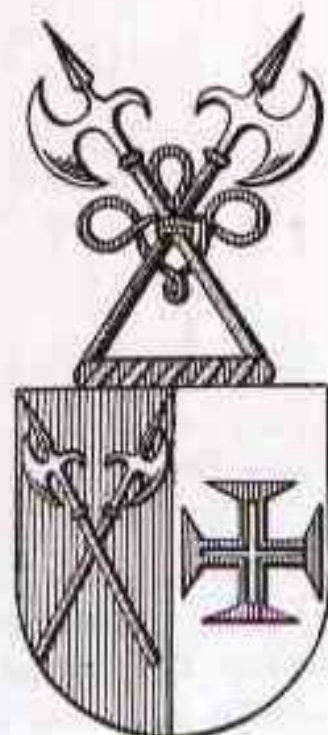
Outiz

Atribuem-se-lhe as seguintes armas: De ouro, com seis arruelas de vermelho, postas 2, 2 e 2. Timbre: uma cabeça de serpe de vermelho, lampassada de ouro.

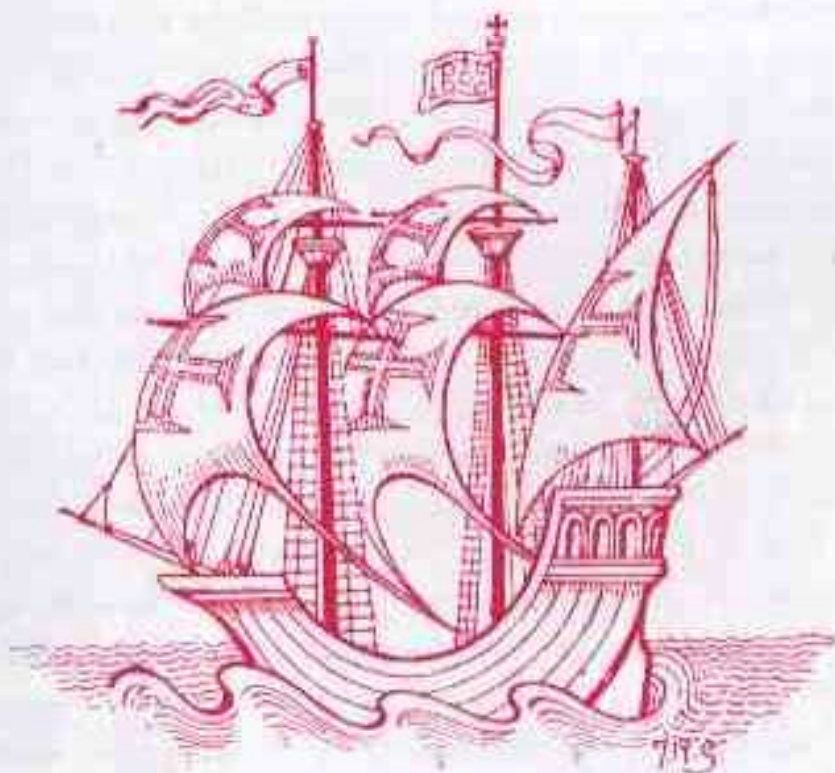
Querem, também, alguns autores que estas armas correspondam igualmente ao apelido Doutel, o que parece erro grave, porquanto a origem é certamente diversa.

OUVISTET. Nome de família estrangeira registada nos livros de armas antigos como o *Livro do Armeiro-mor*, do ano de 1509, que traz as armas correspondentes debaixo da rubrica de «Gil vant Ouvistet» ou «Gill vant Vistet», o *Tesouro da Nobreza de Portugal*, que cita o *Livro dos Reis de Armas*, desaparecido no terramoto de 1755, no qual elas se denominavam de «Gilvaz Veniste». Evidentemente ambas as formas estão corruptas e não se sabe o nome certo da pessoa a quem pertenciam e que, decerto, serviu em Portugal, pelo que teve o acrescentamento da Cruz de Cristo, que D. Manuel I também concedeu a Volfgango Holzschuer em 1503.

As armas atribuídas ao citado apelido são: Partido: o primeiro de vermelho, com duas alabardas de prata, hasteadas de ouro, passadas em aspa; o segundo de prata, com uma cruz da Ordem de Cristo. Timbre: as duas alabardas do escudo, atadas de vermelho.



Ouvistet





ACHECO. Descende esta família de Fernão Jeremias, que viveu nos fins do século XI e era natural de Burgos, rico-homem de D. Afonso VI de Leão. Parece ser filho de Jeremias Mendes e neto de Mem Fernandes, aquele rico-homem do rei D. Ordonho. Pretendem alguns escritores que proviesse de Lúcio Júnio Pacheco,

que viveu no século I da nossa era, o que não é de aceitar. Fernão Jeremias acompanhou o Conde D. Henrique de Borgonha na sua vinda para Portugal, o qual lhe deu certo território em Barrosas, nas proximidades de Guimarães, onde fez seu solar com casa acastelada. Pôs-lhe o nome de Ledesma por ser natural da vila do mesmo nome, em Espanha. Deu-lhe, também, o Conde D. Henrique a terra de Ferreira de Aves, no bispado de Viseu, à qual concedeu foral, que seu filho D. Afonso Henriques confirmou no ano de 1136.

Fernão Jeremias recebeu-se com D. Maria Soares, filha de Sociro Viegas, fundador de um pequeno mosteiro de eremitas junto da capela de Santa Eufémia. D. Maria Soares, enviuvando, melhorou o mosteiro e como padroeira o povoou de religiosas da Ordem de S. Bento, que já aí se encontravam no ano de 1163. Passados sete anos, ela e três filhas recolheram-se no mosteiro. Do matrimónio de Fernão Jeremias com D. Maria Soares nasceram numerosos filhos e, entre eles, Paio Fernandes, segundo senhor de Ferreira, por confirmação de D. Afonso Henriques, a quem seguiu na lide do campo de Ourique e no cerco de Lisboa. Parece ter-se casado com D. Teresa Pires, da qual houve Pêro Pais, terceiro senhor de Ferreira, rico-homem de D. Sancho I, consorciado com D. Teresa Ramires da Cunha, filha de D. Ramiro Gonçalves da Cunha e de D. Ouroana Nunes. Deste casamento nasceu Rui Pires de Ferreira, que tomou o apelido do seu senhorio. Foi rico-homem de D. Afonso II e cavaleiro de grande valor e de sua mulher, D. Teresa Pires de Cambra, filha de Pedro Rodrigues de Cambra e de sua mulher, D. Maria Ouriques da Nóbrega, houve Fernão Rodrigues Pacheco, D. Maria Rodrigues Pacheco, mulher de Martim Condeixa, de quem teve geração, e D. Urraca ou Elvira Rodrigues Pacheco, casada com Martim Vasques Barba, com descendência.

Fernão Rodrigues Pacheco, conforme parece, o primeiro deste apelido, foi quinto senhor de Ferreira, alcaide de Celorico da Beira, cujo castelo defendeu valorosamente quando D. Afonso III o cercou, e rico-homem muito estimado pelo mesmo príncipe. Casou-se com D. Constança Afonso de Cambra, viúva de Estêvão Mendes da Silva e filha

de Afonso Anes de Cambra, senhor de Cambra e de Riba de Vizela. Nasceram deste matrimónio vários filhos que tomaram o apelido paterno, o qual se continuou pelo mais velho. O padre Cláudio Clemente escreveu esta quadra, relativa às armas dos Pachecos:

*Estas calderas gravadas
De oro, e preto misto
Se vieron aqui fixadas
Antes de la venida de Christo.*

João Rodrigues de Sá, o ilustre quinhentista, também versejou acerca da ilustre linhagem dos Pachecos, deixando as seguintes quintilhas:

*Em campo douro assentadas
caldeyras douro luzente
com cabeças de serpente
nas aas, & sayxas veiradas
saão armas dantigua jente.*

*Pachecos, de tal ventura
em soste, & ter seguros
sua nobreza, & crecendo,
quem tempo de Cesar sendo
ajnda lhagora dura.*

Igualmente cantou esta linhagem o bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, nestes versos:



Pacheco

*Deste foi o valoroso
Duarte que escoreceu,
que louvor mereceu
Alexandre e o famoso
que a Niza ennobreceu.*

As armas usadas pelos Pachecos, quer em Portugal, quer na Espanha, são: De ouro, com duas caldeiras de negro, uma sobre a outra, cada caldeira carregada de três faixas de veirado de ouro e de vermelho, com as asas veiradas dos mesmos esmaltes, serpentíferas de quatro peças de negro,



Pacheco
(de Duarte Pacheco)

duas para dentro e duas para fora. Timbre: um pescoço de serpe, de duas cabeças de ouro, afrontadas e batalhantes.

De Fernão Rodrigues Pacheco e de sua mulher, acima referidos, foi quinto neto por varonia, com uma quebra de legitimidade, Duarte Pacheco Pereira, o Grande, cavaleiro dos mais notáveis da história da Índia Portuguesa, autor do *Esmeraldo de Situ*

Orbis, que pelos seus feitos teve armas novas por Carta de 2 de Agosto de 1504, dadas pelo Rei de Cochim. Tais armas são: De vermelho, com cinco coroas de ouro, de oito flôres, postas em sautor; bordadura de prata, aguada de azul, carregada de oito castelos de madeira, de verde, cada castelo armado sobre dois navios rasos, de sua cor. O escudo cercado de sete estandartes mouriscos, quatro à direita, de vermelho, de prata, de vermelho e de azul, e três à esquerda, de prata, de vermelho e de azul. Timbre: um castelo do escudo, rematado por um estandarte mourisco, de vermelho.

PAÇOS DE PROBÉM. É natural que nem todas as famílias que usam o apelido de Paços provenham da dos Paços de Probém, porquanto a palavra Paços não só é topónimo relativamente vulgar, tanto em Portugal como na Espanha, mas, também, porque há várias casas antigas que conservaram a primitiva designação de paços, quer sejam dentro de quintas, quer não. Pode, até, o topónimo Paço e a casa ou quinta do Paço ter dado lugar ao apelido de Paços porque o povo tem, sobretudo em certas regiões, tendência a pluralizar. Das famílias que hoje usam o apelido, pouco numerosas, parece que todas, ou pelo menos a maioria, se assinam Passos, erradamente, pois a origem da palavra é sem dúvida *palácio* e, portanto, não admite tal grafia.

Dizem os linhagistas que a família dos Paços de Probém é muito antiga porque já membros dela se encontraram na batalha do Guadalete, onde os Mouros venceram o Rei D. Ramiro, mas que com a perda de Espanha igualmente se perderam muitas notícias, pela que não há possibilidade de ligar os mais antigos deste apelido com os que aparecem no tempo de D. Bermudo II, rei de Leão. Neste reinado viveu Recaredo de Paços de Probém e seu filho Garcia de Paços de Probém, que figuram em uma doação feita por aquele monarca a Gondemaro de Quinhones. Recaredo de Paços de Probém foi senhor do Vale de Probém, junto de Redondela, e esteve na guerra contra os Mouros, quando entraram na Galiza capitaneados por Almansor. Preso na tomada de Tui levaram-no para Córdova, onde morreu, com a coroa de mártir, como referem algumas memórias. Do seu matrimónio nasceu Garcia de Paços de Probém, também senhor do Vale de Probém, que D. Bermudo II lhe confirmou, casado na casa de Sotto Mayor, de quem teve teve João de Sotto Mayor, morto pelo irmão por não usar o seu apelido, o qual deixou



Paços de Probém

geração, e Diogo de Paços de Probém. Este, por ter morto o irmão mais velho, sucedeu na casa e senhorio paternos e foi um dos catorze fidalgos que, singularmente, combateram com Rui Dias, o *Cid*, na batalha que D. Garcia, Rei da Galiza e de Portugal, deu a seu irmão D. Sancho II, rei de Castela. Do seu casamento houve geração pela qual se continuou o apelido. Por seus descendentes viverem na Galiza diversas vezes se uniram por matrimónio a famílias portuguesas. Tanto em Portugal, como na Espanha, o apelido simplificou-se — se não na generalidade, pelo menos em grande parte — passando as famílias que o usavam a chamar-se, apenas, de Paços.

O grande investigador e linhagista Manuel de Sousa da Silva escreveu desta família a quintilha seguinte:

*Os de Passos principais
Sua casa tem famosa
Freguesia de Lustosa
No termo de Guimarães
Que foi muito poderosa.*

As armas da linhagem dos Paços de Probém são: De ouro, com um braço de carnação, movente do ângulo esquerdo do chefe, empunhando uma espada de prata, guarnecida de ouro, que mete pela boca de uma serpe de verde, saínte do ângulo direito da ponta. Timbre: uma estrela de seis raios de ouro, ladeada de duas asas estendidas, de negro.

PADILHA. Família das mais ilustres e antigas da Espanha, cujo apelido tomou do lugar de Padilla, vizinho de Miranda de Castro Xerez, próximo de Burgos, o qual povoou e foi seu senhorio. Pelo casamento de D. Pedro, o Cru, com D. Maria de Padilla, se encontra esta família não só ligada à Casa Real espanhola, mas a todas da Europa. Deu quatro mestres à Ordem de Calatrava e um à de Sant'Iago e teve durante muito tempo o cargo de adiantado-mor de Castela.

Passaram os deste apelido várias vezes a Portugal. Bartolomeu Fernandes Padilha e seu irmão Francisco Fernandes Padilha, aquele escudeiro da casa de D. João III, dele tiveram cartas de brasão, respectivamente a 30 de Abril de 1530 e a 23 de Agosto de 1532, com as armas dos Padilhas do reino de Castela por descenderem da sua linhagem pela parte de sua mãe.

Fernão Soeiro Fernandes Padilha, cavaleiro espanhol, foi pai de Cristóvão Fernandes Padilha e de Diogo Fernandes Padilha, aquele cavaleiro da Ordem de Sant'Iago, que se recebeu com D. Ana de Miranda, filha de Pedro de Miranda, de quem teve Sebastião Padilha, que casou com D. Filipa Osório, filha de Belchior Osório e de sua mulher, Catarina Henriques, de cujo matrimónio nasceu Luís Padilha de Miranda. Diogo Fernandes Padilha, acima, referido, houve de sua mulher a Lázaro Padilha, cavaleiro da Ordem de Cristo, que se casou com D. Maria Ribeiro Salazar, filha de Gaspar Ribeiro de Arévalo, espanhol, e de sua mulher, Francisca de Cifuentes, de Castela. Deste casamento nasceu D. Bárbara de Padilha, que contraiu matrimónio com seu primo Luís Padilha de Miranda, acima referido, cavaleiro da Ordem de Avis e provedor dos Coutos, que deixaram geração, entre a qual sobressaíram os Haucourt Padilhas.



Padilha

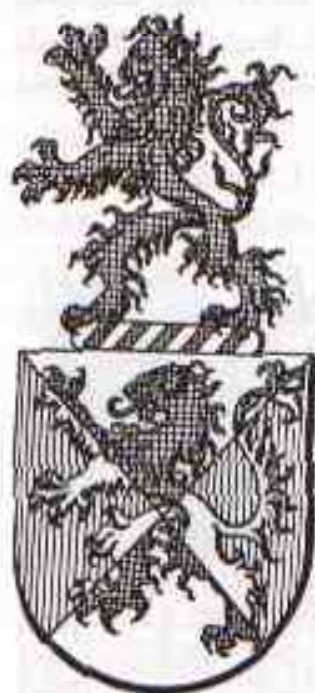
O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, escreveu a seguinte quintilha dedicada a esta linhagem:

*João da vieja Castilha
maestros de Calatrava
Sancho Pedro Padilha
Senhor de Nenna brava
el Cid noço nesta villa.*

As suas armas são: De azul, com três pás de prata em pala e alinhadas em faixa, acompanhadas de nove crescentes do mesmo: três invertidos em chefe; três montantes em ponta; e três destados, alinhados em faixa, junto da parte média da pá mais próxima, os dois da direita voltados. Timbre: uma águia estendida de negro, sainte.

PADRÃO. A uma família deste apelido, cuja origem se ignora, deu o rei de armas em 1760 as armas concedidas a Diogo Cão, erro manifesto e só explicável pelo desejo de atribuir a tal família armas que se relacionassem com o nome, estando nestas circunstâncias as do mencionado navegador, sem necessidade de criar armas novas, cuja mercê, decerto, não era justificável neste caso.

PAIM. Família inglesa da qual veio a Portugal com a Rainha D. Filipa de Lancastre, no serviço de secretário, Chomaly Paim, que teve foro de fidalgo na casa de D. João I, acompanhando-o seu filho legítimo Valentim Paim e também seu irmão Roberto Paim, tesoureiro-mor, que instituiu um vínculo em Santarém, no termo de Alcanede, sem dele haver mais notícia. Valentim Paim, fidalgo da casa de D. Duarte, a quem serviu, casou com D. Brites de Vasconcelos Padilho, senhora aragonesa que veio com a Rainha D. Leonor, e desse matrimónio teve Duarte Paim e Isabel Paim, mulher de N.... Pinto, pais de Cristóvão Pinto de Paim, que teve Carta de brasão de armas dada a 30 de Maio de 1533.



Paim

Duarte Paim sucedeu na casa paterna, serviu D. Afonso V, foi comendador da Ordem de Sant'Iago e recebeu-se com Antónia Dias de Arce, filha herdeira de Jácome de Bruges, fidalgo flamengo, capitão da ilha Terceira e primeiro povoador dela, e de sua mulher Sancha Rodrigues de Arce, por cujo motivo serviu durante cinco anos de capitão da referida ilha, da qual, depois, lhe tiraram o governo. Deste casamento deixou geração, que, assim como a de sua irmã, continuou o apelido Paim.

As armas usadas por esta família são: Franchado de prata e de negro, com um leão entrecambiado, lampassado e armado de vermelho. Timbre: um leão de negro, armado e lampassado de vermelho ou o leão do escudo.

PAIS. Este nome familiar antes de se tornar apelido foi patronímico de Paio, forma abreviada de Pelaio ou de Pelágio, pelo que o patronímico originário foi Pelais. Como todos os restantes patronímicos, deu origem a diversas famílias que o derivaram de vários ascendentes chamados Pelaio ou

Paio, sem que haja, portanto, um só tronco dos que actualmente usam esta designação de família.

As armas que são atribuídas aos descendentes de Paio Rodrigues são iguais às que, debaixo da rubrica de Pais, sem indicação de progenitor, correm nos livros de armaria, variando, apenas, nos esmaltes, o que mostra talvez que umas se formaram à semelhança das outras em atenção a ser igual, o apelido ainda que tirado

de pessoas diferentes, e não que correspondam a variedade de ramos provindos do mesmo tronco.

Os descendentes de Paio Rodrigues trazem por armas de Pais as seguintes: De prata, com nove lisonjas de veirado de azul e de vermelho, apontadas e firmadas nos bordos do escudo. Timbre: um pavão de sua cor ou um drago sainte de prata, armado de vermelho, carregado no peito de uma das lisonjas do escudo.

As armas dos Pais, sem designação do progenitor, são: De azul, com nove lisonjas de veirado de ouro e de vermelho, apontadas e firmadas nos bordos do escudo. Timbre: um pavão de sua cor. Alguns autores classificam como sendo de Pais as armas usadas por Álvaro Pais e que figuraram na sua campanha, mas o facto de não se saber que apelido ou linhagem representavam não permite concluir que correspondiam ao patronímico do notável chanceler do Reino. Tais armas eram: Um lebreu com as orelhas cortadas. Desconhecem-se os esmaltes do campo e da peça.

PAIVA. Saiu esta família de uma das cinco grandes linhagens portuguesas, porque provém de D. Arnaldo de Baião, senhor de Baião, e de sua mulher, D. Ufa Cosendes, que tiveram vários filhos, entre os quais D. Guido Araldes, senhor de Aguiar de Sousa e do Paço de Sousa, havido em dote por casamento com D. Leonguida Soares, filha de D. Soeiro Echigues. Destes nasceu D. Trocosendo Guedes, chamado de *Paiva de Riba do Douro*, que casou com D. Toda Hermigues, filha de D. Hermigo Alboazar, da qual houve filhos, sendo um deles D. Pedro, que do seu matrimónio com D. Toda Hermigues teve D. Paio Pires Romeu, que de sua mulher, D. Goda Soares, filha de D. Soeiro da Maia, o *Bom*, e de sua mulher, D. Elvira Nunes das Astúrias, houve D. Soeiro Peres de



Pais



Pais, de Paio Rodrigues



Pais, de Álvaro Pais

filho, teve Gil Pires de Palhares, que lhe sucedeu na casa e senhorio de Trute e deixou de seu matrimónio geração pela qual se propagou o apelido.

As armas desta família são como seguem: De vermelho, com um braço esquerdo armado de prata, empunhando uma espada guarnecida de ouro, posta ao alto, acompanhada de seis besantes do mesmo, três a cada flanco, alinhados em pala. Timbre: o braço com a espada do escudo.

PALHAVÃ. Família dos fins do século XIII ou princípios do seguinte, conforme se supõe, pois o mais antigo do nome é Joane Anes Palhavã, cujo apelido tomou do lugar de Palhavã, junto de Lisboa, hoje da freguesia de Nossa Senhora de Fátima da mesma cidade, onde possuía uma quinta. Instituiu Joane Anes um vínculo de capela na igreja de S. Domingos, onde foi enterrado com sua mulher e filho. Este ou seu filho de igual nome teve o ofício de alvazil-geral de Lisboa e se recebeu com D. Sancha Pires, de quem nasceu D. Brites Palhavã, que contraiu matrimónio com Lourenço Álvares de Carvalhosa, filho de Martim Afonso de Carvalhosa, senhor da quinta honrada de Carvalhosa, que nas Inquirições do Reino se provou pertencer-lhe, a qual ficava na freguesia de São Romão da Ermida, hoje de Carvalhosa, no concelho de Marco de Canaveses. Lourenço Álvares de Carvalhosa foi senhor da honra de Carvalhosa, esteve com D. Afonso IV na batalha do Salado, teve a alcaidaria de Celorico de Basto por mercê de D. Pedro I e possuiu o título de vassalo. De D. Brites Palhavã e de seu marido, Lourenço Álvares de Carvalhosa, nasceu Gomes Lourenço Palhavã, fidalgo muito honrado da casa de D. João I e seu copeiro-mor, senhor do solar de Carvalhosa e da quinta da Granja em Torres Vedras, administrador da capela instituída por Joane Anes Palhavã, senhor dos dizimos da Enxara, alcaide de Celorico de Basto e casado com Leonor Álvares, de quem provieram os Carvalhosas Palhavãs, visto se terem reunido as representações das duas famílias. A Joane Anes Palhavã e a sua mulher deixou toda a fazenda que possuía D. Maria Soares, mulher de D. Martim Pires Palhavã, cujo parentesco se ignora.

As armas dos Palhavãs são as seguintes: De azul, com um molho de palha com suas espigas, tudo de ouro, atado de vermelho e acompanhado de quatro torres de prata, iluminadas e lavradas de negro, acantonadas. Timbre: dois braços armados, sustendo o molho do escudo.



Palhavã

PALMA. Família cuja origem se desconhece mas que é anterior ao século XVI, sendo o apelido de origem geográfica, tirado da freguesia de Palma, no concelho de Alcácer do Sal. Em Óbidos houve uma família Palma da qual foi José Carlos da Palma, natural da mesma vila, pessoa principal da terra, governador da praça de Castelo de Vide, excelente soldado e instituidor de um vínculo naquela vila, do qual ficou por administra-



Palma

dora sua filha, D. Antónia Luísa de Meneses da Palma. Também houve pessoas deste apelido em Ceuta, onde governaram muitas vezes a praça, na ausência do marquês de Vila Real, e foram capitães-mores.

As armas que se lhe atribuem são as seguintes: De ouro, com uma palmeira de verde, sobre um monte do mesmo, ou de prata, com uma palmeira de verde e bordadura de azul, carregada de sete flores-de-lis de ouro. Timbre: a palmeira do escudo.

PALMEIRO. Apelido de origem ignorada e certamente não muito antiga, pois se encontra pouco difundido, devendo provir de alcunha. Atribuem-se-lhe por armas as seguintes: Esquartelado; o primeiro e o quarto de azul com uma flor-de-lis de ouro; o segundo e o terceiro de vermelho, com uma barra de ouro.



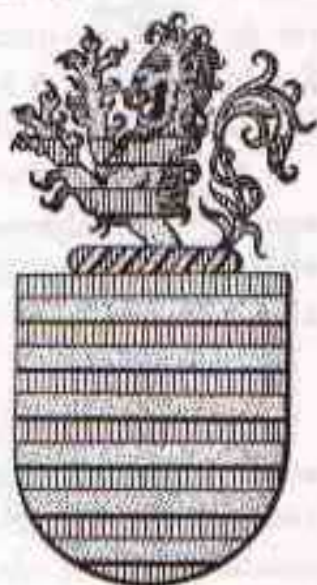
Palmeiro

PAMPLONA. Família originária da Navarra, cujo apelido tomou da sua capital, a cidade de Pamplona, e tem solar em Trujillos. Passou a Portugal na pessoa de Vasco Pamplona, pai de Pedro Vaz Pamplona, morador na cidade do Porto em 1504, casado com Catarina Martins, de quem teve D. Maria Vaz Pamplona, senhora da casa de seu pai e casada com João Álvares, que no ano de 1525 instituiu uma capela no mosteiro de S. Domingos, do Porto, filho de Álvaro Afonso Dinis, que viveu na referida cidade nos reinados de D. João I, D. Duarte e D. Afonso V e nela foi vereador em 1428, e neto paterno de Afonso Martins. Deste matrimónio com João Álvares, senhor do Paço de Beire, houve D. Maria Vaz geração, pela qual se propagou o apelido de Pamplona.

Ao ilustre genealogista do século XVII, Manuel de Sousa da Silva, se devem os seguintes versos em honra desta família:

*Lá em Navarra Tadella
Foi patria do singular
Que por Pamplona livrar
Tem os seus o nome della
Vem para o Porto morar.*

As suas armas são: De vermelho, com seis faixas de ouro. Timbre: um leão de ouro, sainte, carregado de duas faixas de vermelho.



Pamplona

PANTOJA. Família espanhola, que provém de Pedro Almindes, de quem foi filho D. Fernão Peres Pantoja, o primeiro do apelido, que fez grandes doações ao mosteiro da Santíssima Trindade, de Toledo, onde se enterrou. Do seu casamento nasceram Gomes de Cáceres de Solis e Gomes de Solis de Cáceres, mestre da Ordem de Calatrava no tempo de D. Henrique IV, rei de Castela. Gomes de Cáceres, acima, julgam alguns autores que não era irmão de Gomes de Solis, mas seu primo, o qual foi pai de Francisco de Solis e Pedro Pantoja, fidalgo muito honrado, que por seguir as partes de D. Afonso V, a quem entregou as vilas de Zagalla e Pedrahoa, mestre da Ordem de Alcântara, passou a Portugal em 1477, recebendo do mesmo soberano, em mercê, Santiago de Cacém e as comendas desta vila e das de Loulé e Tavira. Recebeu-se com D. Catarina, senhora natural de Cáceres, de

quem houve filhos que casaram em Portugal e deixaram ilustre geração do seu apelido.

As armas dos Pantojas em Portugal são: De ouro, com cinco flores-de-lis de azul, postas em cruz, e três burelas de negro no contrachefe. Timbre: uma flor-de-lis de ouro, entre duas plumas de verde, recarnadas de ouro, ou uma flor-de-lis de azul.

PARADA. Família espanhola que procede de D. Sociro Anes da Parada, Conde e adiantado no Reino da Galiza, o qual passou a Portugal no tempo de D. Fernando I. Este foi ascendente de Simão Nunes da Parada, senhor da quinta e torre da Parada, conforme diz uma carta de brasão de armas passada em 1599, bisavô de Diogo Nunes da Parada e Roboredo, que no mencionado ano houve aquela mercê, por sucessão a seus maiores. Há também em Portugal uma família Parada, cujo apelido usa com a preposição *de*, que primitivamente se chamava *de Perada*. Ignora-se a origem desta família, que deve ser espanhola.

Manuel de Sousa da Silva refere-se aos Refóios Paradas, escrevendo:

*Lá em Refoyos do Lima
Teve casa sublimada
Donde veio para Parada
A geração que se estima
Por ter esta nomeada.*

As armas dos Paradas são as seguintes: De verde, com uma torre (de ouro?), acompanhada de cinco estrelas de ouro (três em chefe e 2 em faixa?). Timbre: 1 homem empunhando uma espada.



Pantoja



Parada



Pardo

PARDO. Família espanhola, parece que originária da Galiza, onde usa armas diversas das que se dão ao ramo português. Apontam-se-lhe por armas, em Portugal, as seguintes: De vermelho, com uma águia estendida de prata, coroada de ouro.

PARENTE. Talvez haja mais de uma família deste apelido, que procede de alcunha. A mais importante é a que vem de Bento Maciel Parente que serviu no Brasil durante quarenta

anos, em conquistas e guerras, edificou fortalezas e arrazou outras, combateu por mar e por terra, praticando grandes feitos com perigo de vida, pelo que teve o foro de moço fidalgo da Casa Real e mercê de armas novas. A carta pela qual lhe fez Filipe III esta mercê é de 27 de Agosto de 1637.

Bento Maciel Parente era filho de João Fernandes Parente, procurador do concelho de Caminha no ano de 1577, natural da freguesia de Riba de Áncora, no termo da mesma vila, e de sua mulher, Brites Maciel, filha de Francisco Afonso Maciel e de sua mulher, Ana Maciel, neta paterna de João Afonso, o *Gorjão*, natural de Caminha, homem muito rico, e de sua mulher, Maria Maciel, natural de Viana do Castelo. Bento Maciel Parente teve um filho único chamado Vital Maciel Parente, sargento-mor na província do Alentejo no tempo de D. João IV e cavaleiro da Ordem de Cristo, a quem foi dada Carta de brasão de armas de sucessão em Maio de 1652.

As armas novas concedidas a Bento Maciel Parente são as seguintes: Esquartelado, o primeiro de vermelho, com um tigre rampante de sua cor; o segundo de prata, aguado de azul, com uma canoa guarnecida de seis meios corpos de homens, tudo de sua cor; o terceiro de azul, com uma fortaleza de prata, lavrada de negro, assente sobre um terreiro de verde, movente de um mar; o quarto de verde, com um penhasco de sua cor, picado de ouro e no pé do penhasco uma abertura ensombrada de negro, de onde saem três barras de ouro; todo o esquartelado sustido de um mar de azul. Timbre: um leão sainte, de ouro.



Parente

PARIS ou **PÁRIS.** Família de Viana do Castelo, que já nos meados do século XVI se encontrava ligada à dos Rochas da mesma vila; aquela parece que proveniente de França, de cuja capital tomou o apelido. Modernamente os Rochas Paris passaram a denominar-se Rochas Páris, mudança feita sem justificação lógica.

As armas da família Paris são as seguintes: De prata, com um dragão de verde carregado no peito de um escudete partido de azul e de prata, tendo no azul duas estrelas, postas em chefe e um crescente na ponta, tudo do segundo esmalte, e na prata uma aspa de vermelho.



Paris

PASCÁLEGO. Família veneziana, cujo verdadeiro nome é *Pasquáligo*, pois aquela é forma sónica incorrecta. Veio a Portugal na pessoa do Dr. Pedro Pasquáligo, embaixador magnifico de Veneza a D. Manuel, que por Carta de 22 de Junho de 1502 lhe acrescentou as suas armas com uma esfera armilar, «posta em qualquer modo e maneira que a elle mais aprouuer».

As armas deste apelido são: De azul, com três bandas de ouro e uma esfera armilar de ouro, posta em... Possivelmente a esfera é brocante sobre tudo ou no cantão esquerdo do chefe ou, ainda, usada como timbre.



Páscálego

PATALIM. Família que já existia no século XII, pois Lopo Rodrigues Patalim e sua mulher, Mor Pires, instituíram, no ano de 1319, um morgado na freguesia de São Pedro da cidade de Évora. Ignora-se a origem do apelido, que proveio, certamente, de alcunha. De Lopo Rodrigues e de sua mulher foi filho Rui Lopes Patalim, administrador do vínculo, o qual deixou geração que continuou o apelido.



Patalim

As armas dos Patalins são: Esquartelado: o primeiro e o quarto de ouro, com quatro faixas de azul; o segundo e o terceiro de vermelho, com um castelo de ouro. Timbre: o castelo do escudo.

PATO. Família que parece muito antiga, pois no reinado de D. Afonso III, por 1228, vivia Egas Fernandes Pato, como se verifica das inquirições mandadas fazer pelo mesmo soberano. Por 1400 morava em Alcochete Gonçalo Fernandes Pato, que se supõe fosse descendente daquele. Sabe-se que este Gonçalo

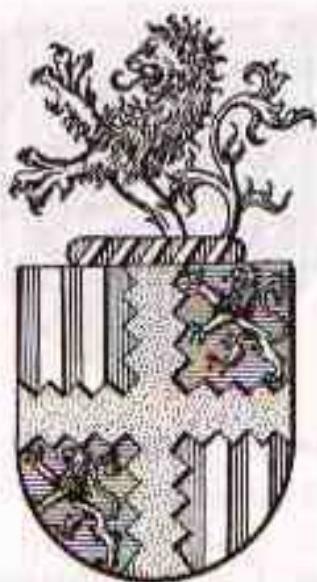
Fernandes teve dois filhos, Martim Viegas Pato e Brites Gonçalves Pato, casada com Francisco Anes Semedo, moradores no lugar da Moita, termo de Alhos Vedros, dos quais provieram os do apelido Pato.

As armas que se atribuem aos Patos são as seguintes: De prata, com nove lisonjas de veirado de azul e de vermelho, apontadas, moventes dos bordos do escudo. Timbre: um pato de prata, armado de vermelho.



Pato

PAU. Diz-se que a família deste apelido é originária da cidade francesa de Pau e que passou um ramo a Portugal. No ano de 1376 vivia Diogo Afonso do Pau, juiz dos feitos da



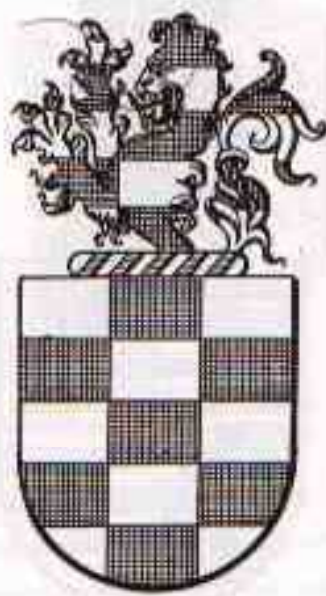
Pau

fazenda de D. Fernando I, que deixou descendência. A preposição que antecede o apelido parece desmentir a proveniência francesa que lhe dão e antes leva a admitir origem de alcunha, que primitivamente teria sido *o do Pau*. São atribuídas a este apelido as seguintes armas: Esquartelado: o primeiro e o quarto de vermelho, com duas palas de prata; o segundo e o terceiro de azul, com um leão de prata, armado e lampassado de vermelho; e uma cruz dentalada de ouro, brocante sobre todo o esquartelado. Timbre: o leão do escudo.

PAVÃO. Família de origem desconhecida, que usa as armas dos Patos (v.).

PAVIA. Consta que esta família provém de Roberto de Pavia, cavaleiro da cidade de Pavia, em Itália, o qual passou a Portugal e no Alentejo povoou a vila que se chamou do seu apelido. Martim Afonso de Pavia, que parece seu descendente, possuiu muita fazenda em S. Manços, junto de Évora, que se diz houve por troca da vila de Pavia. Foi seu filho Vasco Martins de Pavia, casado com Maria Fernandes Cogominho, filha de Fernão Gonçalves Cogominho e de sua mulher, D. Mor ou Aldonça Anes, de quem houve vários filhos, pelos quais se propagou o apelido de Pavia.

Os Pavias, tanto em Portugal como na Espanha, trazem por armas as seguintes: Xadrezado de prata e de negro, de cinco peças em pala e três em faixa. Timbre: um leão sainte, xadrezado dos esmaltes do escudo.



Pavia

PAZ. Família espanhola, que se diz descender do Infante D. Pedro, filho de D. Afonso XI, *o Sábio*, rei de Castela e de Leão. D. Pedro casou no ano de 1281 com D. Margarida, filha do senhor de Narbona, de quem houve a D. Sancho da Paz, que assim se chamou por ter ido na companhia de seu pai à guerra contra os reis mouros de Granada, Fez e Marrocos, combatendo tão denodadamente e conseguindo tão grandes vitórias que muito contribuíram para que os Espanhóis houvessem a paz que necessitavam. Teve D. Sancho da Paz o senhorio de Ledesma e muita geração, que se espalhou por Castela e Leão, fazendo assento especialmente em Salamanca e Cidade Rodrigo. Os deste apelido devem ter passado ao nosso país mais de uma vez, mas sabe-se que Luís Álvares da Paz, comendador de Paradimas, na Ordem de Malta, raptou D. Branca Maldonado e matou um fidalgo que pretendia casar com ela, pelo que se homiziou em Portugal. Deles proveio distinta geração de Pazes portugueses.



Paz

As armas deste apelido, quer na Espanha quer em Portugal, são como seguem: *De azul com dez besantes de ouro, postos 3, 3, 3 e 1.*

Os que descendem de Mestre João da Paz, médico judeu, natural de Mazagão, levado ao baptismo por D. João II, que foi seu padrinho, e a quem D. Manuel I em 24 de Janeiro de 1496 deu Carta de brasão de armas novas, usam: De azul, com um be-

sante de prata, acompanhada de quatro rosas naturais acantonadas, de sua cor, realçadas e perfiladas de ouro.



Paz
(de Mestre João da Paz)

PECHA. Família espanhola, que se ignora por quem veio a Portugal e quando. Parece que, na origem, era italiana.

As armas que traz na Espanha e em Portugal são: De ouro, com uma abelha de azul.



Pecha

PEDEGACHE. Família francesa que passou a Portugal, parece que na pessoa de Pedro Baptista Pedegache, nobre cidadão de Baiona, filho de Beltrand Pedegache, também nobre cidadão de Baiona, e de Lourenço de Nite. Aquele Pedro

Baptista Pedegache foi casado com D. Doroteia Maria Rosa Brandão Ivo, filha de Francisco Lourenço Brandão Ivo, capitão do regimento de artilharia e marinha da praça de Lagos, e de D. Maria Rodrigues Soromenho. Foi filho de Pedro Baptista e de sua mulher Teodoro Pedegache Soromenho Brandão, natural de Lisboa e tenente-coronel do regimento de cavalaria da praça de Olivença, o qual teve Carta de brasão de armas de sucessão, passada a 15 de Julho de 1792, com as dos Pedegaches, Brandões, Soromenhos, Silveiras e Coutinhos.

As armas dos Pedegaches são: De vermelho, com dois machados de prata, passados em aspa, acompanhados de quatro flores-de-lis de ouro, acantonadas, tudo encimado por uma coroa de ouro, à antiga, de sete pontas, ladeada de dois crescentes de prata. Timbre: um braço armado de prata, empunhando um machado do escudo.

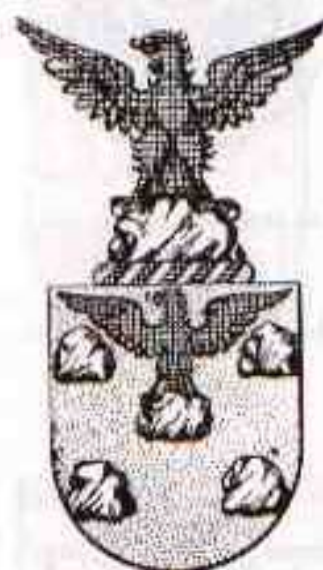


Pedegache

PEDROSA. Diz-se que Garcia Álvares de Pedrosa, fidalgo da Galiza, passou a Portugal no reinado de D. Afonso

V, e foi pai de Diogo de Pedrosa, mordomo-mor da Excelente Senhora, ao que parece, o qual deixou geração do seu apelido.

João Rodrigues de Sá, nos seus versos às famílias nobres de Portugal, incluiu estas duas quintilhas, dedicadas aos Pedrosas:



Pedrosa

*Hũa agea temerosa
de quatro pedras cercada
no meo doutra assentada
por armas aos de Pedrosa
antiguamente foi dada.*

*Vierão de Ingraterro
com tenção que nunca erra
de spender vida, & tesouros
em ajudar contra Mouros
Os Portugueses na guerra.*

As armas registadas antes de 1509 no *Livro do Armeiro-mor*, referentes a este apelido, são: De ouro, com cinco pedras de sua cor, postas em sautor, a do meio sustentando uma águia estendida de negro. Timbre: a águia sustida da pedra do escudo.

PEDROSO. Provém esta família de Rui Gonçalves Pedroso, senhor do couto de Pedroso, junto do Porto, e de sua mulher, Mor Gomes Velho, de quem parece que foi filha D. Leonor Gonçalves Pedroso, casada com Pedro Anes de Araújo, filho sucessor de Gonçalo Rodrigues de Araújo, vassalo de D. Fernando I, e de sua mulher, D. Froilhe de Magalhães. Pedro Anes de Araújo foi senhor da casa paterna, pertigueiro-mor de Cela Nova, vassalo de D. João I, que lhe confirmou Lindoso em 16 de Agosto de 1397, dando-lhe a alcaidaria-mor, senhor das terras de Vilar de Vacas, Casal de Donas e Barroso. Esteve com Lopo Gomes de Lira na defesa de Ponte do Lima contra D. João I, que lhe perdoou e confirmou as terras portuguesas que possuía e lhe deu em tença as de Lindoso por Carta de 20 de Maio de 1398. Casou-se Pedro Anes de Araújo com D. Leonor Gonçalves Pedroso, o que parece mais verosímil do que com Mor Gomes Velho, indicada por alguns autores. Deste casamento nasceram vários filhos, que seguiram os apelidos de Araújo e Velho de Araújo, entre os quais houve um que tomou o de Pedroso e se chamou Rui Gonçalves de Pedroso, como seu avô materno, morou no concelho do Soajo e teve o senhorio de Pedroso. Do seu matrimónio houve geração que seguiu o apelido.

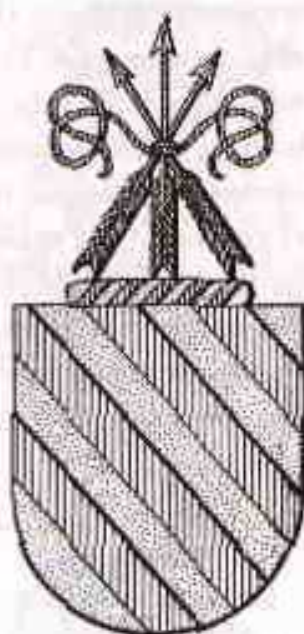
Trazem por armas os Pedrosos de Portugal: De ouro, com duas faixas de vermelho, acompanhadas de sete lobos passantes de púrpura, armados e lampassados de vermelho, postos 3, 3 e 1. Timbre: um lobo do escudo.



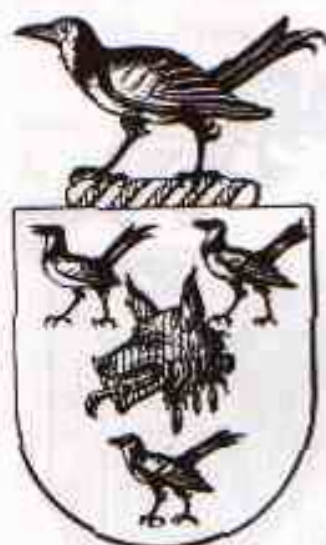
Pedroso

PEGADO. Família antiga em Elvas, onde Fernando Esteves Pegado, filho de Estêvão Martins Pegado, vassalo de rei D. Afonso IV, instituiu um morgado, o mais antigo da localidade. Conforme se vê de o apelido ser adjectivo e, também, não estar precedido de preposição, a sua proveniência é de alcunha.

As armas dos Pegados são como seguem: De ouro, com quatro bandas de vermelho. Timbre: três flechas de prata, com hastes de ouro e penas de vermelho, enfeixadas e atadas do mesmo, as pontas ao alto.



Pegado



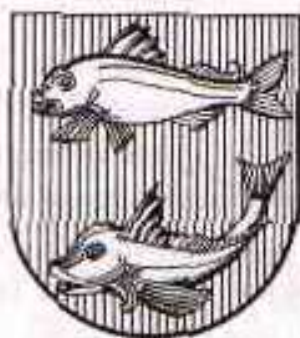
Pegas

PEGAS. Família alentejana, que se diz proceder de João Domingues de Beja, escrivão da puridade de D. Dinis. Em tempo de D. João II vivia em Beja João Pegas, que escondeu em sua casa Fernão da Silveira, que praticara traições. De João Pegas e de sua mulher provém geração deste apelido.

As armas usadas por esta família são as seguintes: De prata, com uma cabeça de lobo de vermelho, ensanguentada, acompanhada de três pegas de sua cor. Timbre: uma pega do escudo.

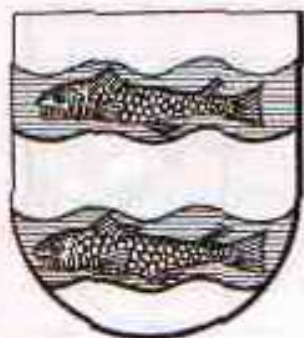
peixe pequeno, pelo que talvez seja voz diversa correspondente a ramo da família dos Peixotos (v. *Peixoto*). Sabe-se que era da linhagem dos Peixões o prior do mosteiro de Vila Boa do Bispo, no concelho de Marco de Canaveses, que nele tem seu túmulo, na igreja de Nossa Senhora-a-Velha, com as armas do mencionado apelido, as quais são: De vermelho, com dois peixes de prata, nadantes, um sobre o outro.

PEIXÃO. Apelido que significa o mesmo que peixoto,



Peixão

PEIXOTO. Esta família procede da dos Portocarreiros,



Peixoto (antigo)

pois D. Egas Henriques de Portocarreiro, que esteve na conquista de Sevilha e foi casado com D. Teresa Gonçalves de Curveira, houve vários filhos e entre eles um chamado Gomes Viegas de Portocarreiro, que teve a alcunha de *Peixoto*, dizem que por levar uma truta do mar ao conde de Bolonha, depois rei D. Afonso III, a qual um corvo marinho deixara cair dentro do castelo de Celorico da Beira, quando este estava sitiado por aquele príncipe, por ele se manter fiel ao rei D. Sancho II, seu irmão. Diz-se que este Gomes Viegas de Porto-

carreiro foi primeiro chamado Peixão e depois Peixoto, o que tudo significa o mesmo: peixe pequeno (v. *Peixão*). Foi Gomes Viegas rico-homem de D. Sancho II e seu embaixador a França, esteve no concílio de Leão convocado pelo Papa Inocêncio IV, mereceu grande valimento de D. Afonso III, que lhe deu a honra de Pardelhas, junto de Guimarães, e outras terras, teve o senhorio da Calçada em Santo Estêvão de Oldrões, no concelho de Penafiel de Sousa, que era solar da família. Foi casado com D. Maria Rodrigues, filha de Rui Gonçalves Pereira e de D. Urraca Viegas e neta paterna de D. Gonçalo Rodrigues da Palmeira, de cujo matrimónio provêm os do apelido de Peixoto.

Ao bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, se deve esta quintilha dedicada aos Peixotos:



Peixoto (moderno)

*Peixoto Gomes Gonçalo
com Dosenda casou
de quem linhagem ficou
cujas proezas não falo
porque a trova as encurtou.*

Igualmente se lembrou desta família Manuel de Sousa da Silva nos seguintes versos:

*Lá em Monte Longo tem
Os Peixotos o sabido
Solar seu enobrecido
para Penafiel vem
Com senhorio subido.*



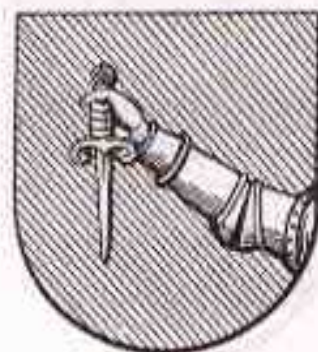
Peixoto (outros)

As armas antigas dos Peixotos eram: De prata, com duas faixas ondadas de azul, cada faixa carregada de uma truta do campo, com escamas de negro.

Modernamente, os Peixotos usam as seguintes: Xadrezado de ouro e de vermelho, de cinco peças em faixa e seis em pala. Timbre: um golfinho de sua cor, com um peixena boca.

Outros trazem por armas: Xadrezado de ouro e de azul, de seis peças em faixa e sete em pala. Timbre: um corvo marinho de sua cor, com um peixe de prata no bico.

Os Peixotos Cachos (v. *Cacho*), que parecem descender de Pedro Aires Peixoto Cacho, usam: De verde, com um braço armado de prata, movente do flanco esquerdo, empunhando um punhal do mesmo, guarnecido de ouro, a ponta para baixo.



Peixoto Cacho

PEQUIM. Parece família estrangeira porque os autores genealógicos e a Carta de brasão de armas dizem, respectivamente, do seu tronco «o primeiro que usou o apelido em Portugal» e decerto descendente que era «dos Pequins deste reino que nele são fidalgos antigos». O primeiro que se conhece é Fernão Dias Pequim, contemporâneo do rei D. Pedro I, pai de Diogo Fernandes Pequim, vassalo de D. João I, a quem serviu nas guerras, o qual parece ter sido morador em Monforte, onde uma sua filha se casou com D. Fernão Gonçalves Mexia, fidalgo espanhol, de Truxilho, que passou a este reino no tempo de D. João I, dos quais há descendência, *assim como* de outros ramos.

As armas usadas por os deste apelido são: De arminhos, com três coticas de vermelho. Timbre: um javali passante de negro, carregado de uma faixa de arminhos.



Pequim



Peralta

PERALTA. Família da Navarra, que principiou com D. Ramon de Peralta, que acompanhou o rei D. Sancho de Navarra à batalha das Navas de Tolosa. Esta família teve o officio de condestável no reino de Navarra e passou a Portugal e à Índia.

As armas que esta família usa, tanto em Espanha como em Portugal, são: De vermelho, com um grifo rampante de ouro; bordadura também de vermelho, carregada de ouro aspas do segundo esmalte.

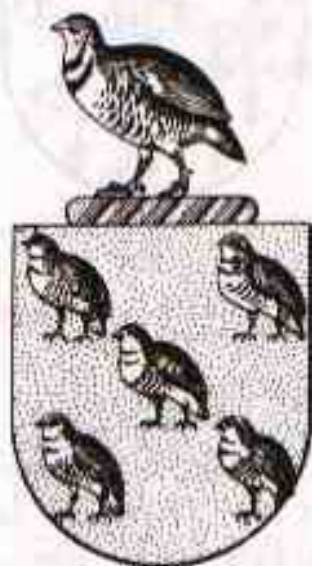
PERANGAL. Descende esta família da dos Moreiras, pois Fernão Moreira Perangal, natural da cidade de Lagos, cavaleiro-fidalgo da casa do rei D. Filipe I, foi chefe da nova linhagem. Passou à África, onde o feriram e cativaram, e na Índia, além dos serviços prestados, serviu no ano de 1575 com João da Costa, nomeado capitão-mor à costa do Malabar pelo governador António Moniz Barreto. Indo em sua companhia por capitão de uma galeota, desembarcou entre os primeiros com sua gente na praia de Pera Perangal, com muito risco de sua pessoa, e no recontro havido com o inimigo foi morto o príncipe da terra. Andavam todos a combater quando dele se aproximou um esforçado mouro para o matar e com esforço pelejou só com ele e o matou à vista de todos e, depois, feriu outros. Em atenção a estes actos e aos serviços prestados a si e aos reis seus antecessores, assim como à Coroa, tem todos os cargos em que ho emcareguarão *dando sempre de sy boa conta e fazendo como d'elle esperaua*



Perangal

e confiava», o rei D. Filipe I, por Carta de 25 de Março de 1585, lhe fez mercê de armas novas com o apelido de Perangal.

As armas concedidas foram: De azul, com uma faixa dentelada de prata, acompanhada, em chefe, de uma estrela de ouro, de oito raios, e em ponta, de uma cabeça de mouro, cortada de vermelho e fotada de prata. Timbre: um leão de azul, sainte, armado de vermelho, com a estrela do escudo na espádua.



Perdigão

PERDIGÃO. Família que já existia no reinado de D. João I, pois Lourenço Anes Perdigão foi escudeiro deste príncipe. A genealogia desta família segue-se a partir de Miguel Perdigão, mestre-sala do Infante D. Duarte, filho do Rei D. Manuel I, em cujas casas este soberano se aposentou ao passar pela vila de Benavente. Dele provém os do seu apelido, que se espalhou bastante no Alentejo.

As armas usadas pelos Perdigões são: De ouro, com cinco perdigões de sua cor, postos em sautor. Timbre: um perdigão do escudo.

PEREIRA. Linhagem das mais nobres de Portugal, embora o apelido esteja muito vulgarizado. Pretendem os genealogistas que ela provém de D. Mendo, irmão de Desidério, último rei dos Longobardos, o qual veio da Itália com poderosa armada para conquistar o reino da Galiza e ser seu soberano, intento que se frustrou por causa de uma grande tempestade no cabo de Piorno, salvando-se só cinco cavaleiros, com os quais, no ano de 740, aportou à Galiza. Reinava então D. Afonso I em Leão, a quem ficou a servir, e na Espanha casou com a condessa D. Joana Romais, que alguns dizem não chegou a receber, filha do Infante D. Romão Bermudes, irmão legítimo do Rei de Leão, D. Fruela I, como escrevem.

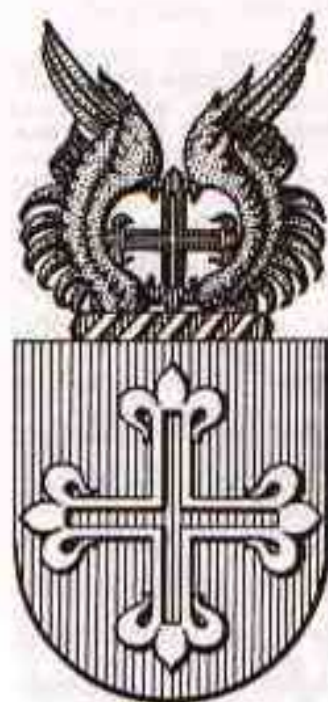
Deste D. Mendo foi filho D. Froia Mendes, bom cavaleiro, que se casou com D. Grixivera Álvares das Astúrias, de quem teve D. Bermudo Forjaz, que sucedeu nas terras de Trastámara a seu pai, foi conde e casado com D. Aldonça Rodrigues, sua prima, filha de D. Rodrigo Romais, conde de Monterroso, irmão de sua avó D. Joana Romais. Deles nasceu, entre outros, D. Rodrigo Forjaz de Trastámara, que não foi conde, guerreiro valoroso que combateu os Mouros no tempo de D. Fernando, Rei de Leão, e que, na ocasião em que este monarca repartiu os reinos pelos filhos, seguiu o partido de D. Garcia, Rei da Galiza e de Portugal, com quem esteve na batalha de Água de Maias, onde ficou muito ferido. Prendeu, assim mesmo, na batalha de Santarém, o rei D. Sancho, que entregou a seu irmão D. Garcia, e, depois da entrega, morreu. De sua mulher, D. Moninha Gonçalves, filha de D. Gonçalo Mendes da Maia e de sua mulher, houve D. Froia Bermudes, que sucedeu ao pai na sua casa e se recebeu com D. Elvira Gonçalves, filha de Gonçalo Munhoz de Vila Lobos, o *Despinhado*, de quem teve D. Rodrigo Forjaz de Trastámara. Este sucedeu em todas as terras paternas, achou-se na batalha das Navas

de Tolosa com o rei D. Afonso VII, prestou grandes serviços ao rei D. Fernando, tomou Sevilha e, por seu conselho, este príncipe se apossou de muitos lugares dos Mouros. Por se malquistar com Diogo Lopes de Biscaia, passou a França, onde o Rei o fez do seu conselho e lhe deu vários empregos.

Sabendo o rei D. Fernando o grande apreço em que o tinha o rei de França o chamou para junto de si e lhe fez muitas mercês e concedeu honras. Foi casado com D. Urraca Rodrigues de Castro, filha de D. Rodrigo Fernandes de Castro, o *Calvo*, rico-homem, senhor da casa de Castro, e da condessa D. Estevainha Pires de Trava. Nasceu deste matrimónio, entre outros, D. Gonçalo Rodrigues de Palmeira, rico-homem, que por diferenças que teve com seu sobrinho D. Álvaro Pires de Castro, ao tempo do Rei D. Fernando, o *Santo*, a quem serviu, veio para Portugal, onde reinava D. Sancho I, que lhe deu por seus serviços o couto de Palmeira, na província de Entre Douro e Minho, junto do rio Ave, e em virtude deste senhorio se chamou de Palmeira. Gonçalo Rodrigues, em 1177, com a confirmação de seus filhos Fernão Gonçalves e Gonçalo Gonçalves, doou o mencionado couto aos cônegos de Landim, que nele fizeram uma grande quinta. Foi muito pundonoroso, pelo que, dizendo-lhe D. Guterre de Castro que mentira no que afirmara a seu sobrinho D. Álvaro acerca da partilha dos bens que haviam conquistado e costumavam dividir com os soldados, lhe deu tamanho golpe de espada num ombro que o partiu de alto a baixo, até à cintura.

Recebeu-se D. Gonçalo Rodrigues duas vezes: a primeira com D. Froilhe Afonso, filha do conde D. Afonso de Cela Nova, irmão de S. Rosendo, da qual teve filhos, e, entre eles, D. Rui Gonçalves de Pereira; e a segunda com D. Urraca Viegas, viúva do Conde D. Vasco Sanches e filha de D. Egas Moniz de Riba de Douro, aio do Rei D. Afonso Henriques, e de sua mulher, D. Teresa Afonso, de cujo matrimónio também ficou geração. D. Rui Gonçalves de Pereira foi rico-homem e tomou o apelido de uma quinta que possuiu junto do rio Ave, no couto de Palmeira, freguesia de São Pedro Fins, onde houve uma torre de que existiam ruínas no princípio do século passado. Esteve com seu pai em muitas batalhas e teve o castelo de Lanhoso. Casou a primeira vez com D. Inês Sanches, que se enamorou de um frade do mosteiro de Bouro, a qual estava então no castelo de Lanhoso e aí meteu o dito frade. D. Rui Gonçalves, que estava fora do castelo, ao saber do sucesso, voltou a ele, fechou-lhe as portas, deixando dentro tudo que lá se achava, inclusivé o frade, criados e animais, e deitou-lhe o fogo. Como algumas pessoas o censurassem, dizendo-lhe que os criados poderiam morrer inocentes, ele respondeu-lhes que havia dezassete dias que o frade se encontrava dentro do castelo, porquanto era impossível ignorarem-no durante tanto tempo e que a todos julgava cúmplices, pois nenhum o avisara do sucedido. Recebeu, em segundas núpcias, D. Sancha Henriques de Portocarreiro, filha de D. Henrique Fernandes Magro, segundo senhor do couto de Portocarreiro, por sua mulher, D. Ouroana Reimondes de Portocarreiro. Deste casamento houve filhos, pelos quais se propagou o apelido de Pereira, que cedo perdeu a preposição indicativa da origem geográfica.

O quinhentista João Rodrigues de Sá deixou duas quintilhas dedicadas aos Pereiras, que são as seguintes:



Pereira

*A veera cruz verdadeyra,
joya de nosso tesouro,
que appareceo ao rey Mouro
per milagre na pereyra,
da vyctoria certo agouro.*

*Em tytolo de valya
florece oje este dia
antre a montanha & o mar
entre Cambra, Feyra, & Ouar
terra de Santa Maria.*

Igualmente cantou a excelência desta linhagem o grande genealogista Manuel de Sousa da Silva, nos versos:

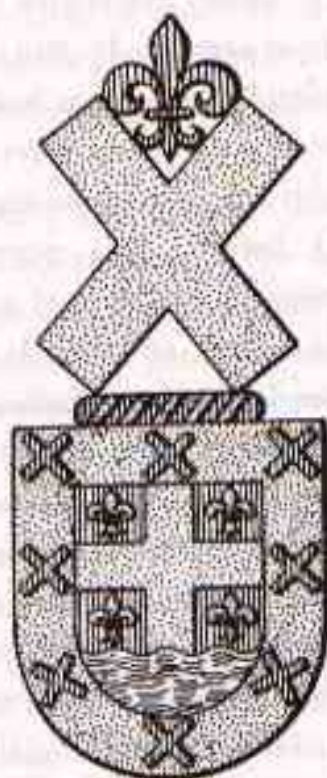
*Em o couto de Palmeira
Foi seu primeiro solar
Depois se veio a mudar
para a quinta de Palmeira
Em ser mui do Aoe a par.*

As armas dos Pereiras são: De vermelho, com uma cruz de prata florenciada e vazia. Timbre: uma cruz de vermelho, florenciada e vazia, ladeada de duas asas de ouro ou de prata, estendidas; e também, cruz florenciada de vermelho, ladeada de duas asas de ouro estendidas.

PERES. Este apelido foi, na origem, patronímico de Pedro, e é o mesmo que Pires, forma esta que se radicou no nosso país, sendo aquella a espanhola e usada em Portugal somente nos primeiros reinados. Como é originário de patronímico, não há uma só família deste nome, mas muitíssimas, visto terem sido, também, muitíssimos os Pedros de que provieram.

As armas usadas pelos Peres, em Portugal, são como seguem: De vermelho, com cruz de ouro, cantonada de quatro flores-de-lis do mesmo; contrachefe ondado de prata e de azul; bordadura de ouro, carregada de oito aspas de vermelho. Timbre: uma aspa de ouro, com uma flor-de-lis de vermelho entre as extremidades superiores.

PERESTRELO. Família italiana que veio para Portugal na pessoa de Micer Filipe Pallastrelli, na comitiva da infanta D. Leonor, mulher do Infante D. Duarte, depois Rei. Era o



Peres

dito Micer Filipe, cavaleiro, natural de Placência, na Lombardia, filho de Micer Gabriel Pallastrelli, fidalgo natural de Placência, e de sua mulher, Madama Bertolina. Micer Filipe Pallastrelli, ou Palestrelo ou Perestrelo, formas aportuguesadas do seu apelido, esta última a definitiva, teve do Rei D. João I, em 1437, a mercê de duas casas na Rua de Sub-Ripas, em Coimbra, e diz-se que no ano de 1433 ou no de 1437 o mesmo Príncipe lhe confirmou suas armas. Foi casado com Catarina Vicente, de quem teve: Rafael Perestrelo, do qual provêm os Perestrelas de Torres Vedras, conforme dizem os genealogistas; Bartolomeu Perestrelo, fidalgo da casa do Infante D. João, filho do Rei D. João I, que o mandou povoar a ilha do Porto Santo e, depois, a da Madeira, se recebeu com Catarina ou Brites Furtado de Mendonça, de quem teve geração feminina que se propagou nas ilhas, e casou segunda vez com Isabel Moniz, irmã de Garcia Moniz, de quem houve Bartolomeu Perestrelo, casado e com larga geração do seu apelido, e D. Filipa Moniz, mulher de Cristóvão Colombo, descobridor e primeiro almirante das Índias Orientais, progenitores dos Duques de Veragua, D. Isabel Perestrelo de Mesquita ou Branca Dias Perestrelo, como alguns lhe chamam, que foi amiga de D. Pedro de Noronha, arcebispo de Lisboa, com geração, e Catarina Perestrelo, que se matrimoniou com Aires Anes de Beja, escrivão de puridade de D. João I, filho de João Domingues de Beja, estribeiro-mor do Rei D. Fernando, e de D. Isabel da Silva, de quem deixou geração.



Perestrelo

O documento heráldico mais antigo que actualmente existe desta família em Portugal é a Carta de brasão de sucessão, dada por D. João III a 6 de Fevereiro de 1528 a Francisco Perestrelo, cavaleiro da Ordem de Cristo, alcaide da vila de Avô, neto de Micer Filipe Pallastrelli, com as armas dos Perestrelas. São estas as seguintes: Partido, o primeiro de ouro com um leão de púrpura, armado e lampassado de vermelho; o segundo de prata, com banda de azul, carregada de três estrelas de ouro, de oito raios, e acompanhada de seis rosas de vermelho, postas em orla. Timbre: o leão do escudo.

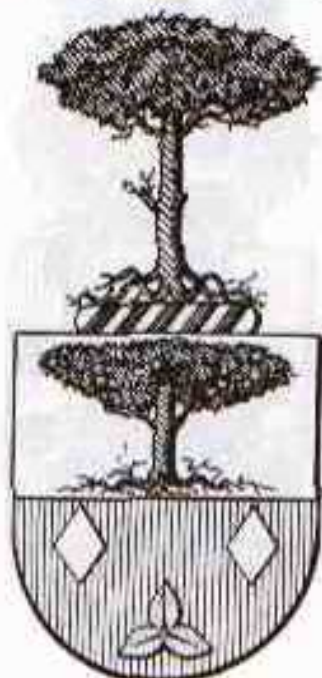
PERNET. Família francesa que parece ter passado a Portugal nas pessoas de Francisco Guilherme de Pernet e de seu irmão João Pedro de Pernet, aquele que se veio a casar com Antónia Maria da Natividade, de quem deixou geração, continuadora do apelido. Um filho destes, João Jaques Sauvage de Pernet, foi escudeiro e cônsul da França e da república de Génova em Faro. A José Francisco Pernet, neto materno do mencionado Francisco Guilherme Pernet, que foi capitão de mar-e-guerra, intendente do Real Arsenal de Marinha da cidade da Baía de Todos-os-Santos, se passou Carta de brasão de armas, de sucessão, a 2 de Março de 1797, com as do apelido Pernet.



Pernet

Essas armas são: De azul, com faixa de ouro, acompanhada de três feixes de trigo do mesmo, 2 e 1.

PERY. Família flamenga que passou a Portugal na pessoa de Francisco Pery, no século XVII. Hugo Pery, natural de Antuérpia, aí vivia em 1500 à lei da nobreza. Foi

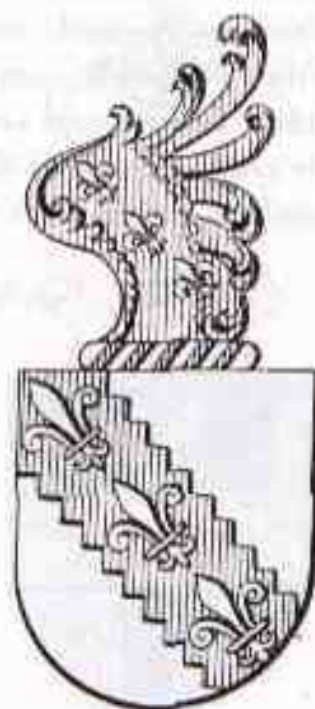


Pery

pai de Simão Pery, natural da mesma cidade, e este de Miguel Pery e de Francisco Pery, que também aí nasceram, o primeiro em 1588 e o último em 4 de Setembro de 1593. Miguel Pery passou a Espanha e estabeleceu sua residência em San Lucar de Barrameda, reconhecendo-o o conselho da cidade por fidalgo notório de sangue, como haviam sido seus pais e avós na Flândres, pelo que lhe concederam os privilégios e isenções de que costumavam gozar as pessoas de tal qualidade. Seu irmão Francisco Pery veio para Portugal e aqui exercitou o comércio com grossos cabedais e foi capitão da companhia dos Flamengos no tempo de D. João IV, cargo de que tomou posse a 9 de Agosto de 1647. Casou Francisco Pery a 29 de Janeiro de 1630 com D. Maria Hustaerdt, nascida em Lisboa a 12 de Julho de 1609, filha de Carlos Hustaerdt, natural de Antuérpia, e de sua mulher, Catarina van den Linden, também de família flamenga. D. Maria Hustaerdt levou em casamento 88 000 cruzados de dote. Tiveram geração que reuniu os apelidos Pery de Linde. (V. Linde).

As armas usadas em Portugal pelos Perys são: Cortado: o primeiro de prata, com uma árvore de verde, frutada de ouro; o segundo de vermelho, com duas lisonjas de prata em chefe e um trifólio de ouro em ponta. Timbre: a árvore do escudo.

PESSANHA. Família genovesa que passou a Portugal na pessoa de Micer Manuel Pessagno, ou Pezagno, homem honrado que veio servir o Rei D. Dinis, de quem foi almirante e recebeu em mercê grandes quantias em dinheiro e casas no sítio da Pedreira, em Lisboa, com bairro coutado, as quais foram depois dos marqueses de Vila Real. Casou com D. Genebta Pereira, filha de Gomes de Alpõe, conforme dizem, e teve Micer Carlos Pessanha, que também foi almirante e o primeiro que ajudou o almirante de Castela numa batalha em que se afundaram vinte e seis galés; Micer Bartolomeu Pessanha, que não lhe sucedeu no almirantado e se casou com Leonor Gomes de Azevedo, filha de Gonçalo Gomes de Azevedo, alferes de D. Afonso IV, com geração extinta; e D. Leonor Gomes, que depois de viúva foi comendadeira de Avis no mosteiro de Santos, em Lisboa, e instituiu um vínculo que nomeou em seu sobrinho Gonçalo Vaz de Melo e sobre o qual houve contenda. Casou Micer Manuel Pessagno segunda vez com Leonor Afonso,



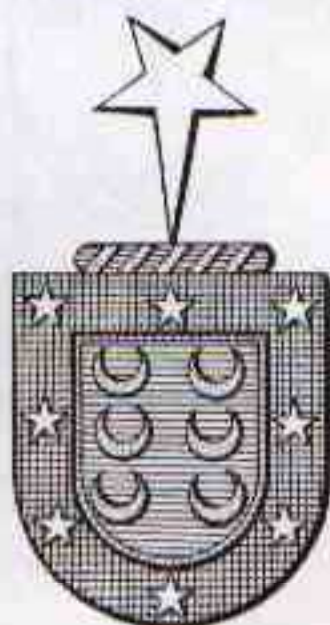
Pessanha

de quem houve Micer Lançarote Pessanha, que succedeu a seu irmão no officio de almirante, o qual lhe foi tirado duas vezes, uma por D. Pedro I e outra por D. Fernando I, por não herdar de seu irmão o valor com o cargo, no dizer de escritores antigos. Recebeu-se com D. Catarina, de quem teve geração, que continuou o apelido e exerceu o cargo.

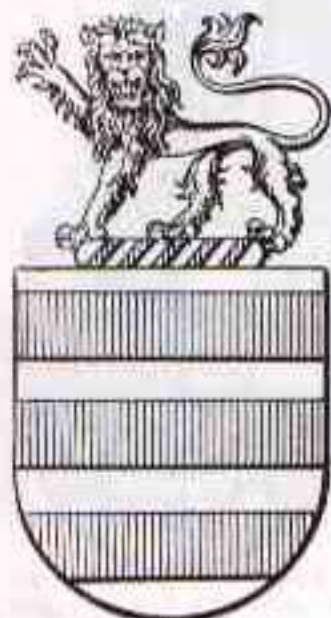
As armas dos Pessanhas, em Portugal, são: De prata, com uma banda dentelada de vermelho, carregada de três flores-de-lis do primeiro esmalte. Timbre: uma asa de vermelho, carregada das três flores-de-lis do escudo, postas em banda.

PESSOA. Família portuguesa, que alguns autores, injustamente, dizem ter vindo do Tirol, onde existe o apelido, ou do reino de Aragão. Como este é originário de alcunha e tirado de palavra vulgar, tanto no vocabulário português antigo como no moderno, não é necessário recorrer a similitudes de palavras, para dizer que a família veio do estrangeiro. Este apelido é, na sua origem, perfeitamente idêntico ao de Homem. A pessoa mais antiga que se sabe tê-lo usado é Afonso Pessoa, vassalo de D. João I, o qual esteve no cerco de Malaca, com o posto de capitão. Casou-se com Maria Arrais ou Anes, de quem teve João Pessoa, chamado o *Velho* para se diferenciar de seu filho de igual nome. Foi cavaleiro da Casa Real, pagador das moradias dos fidalgos que viviam no distrito de Coimbra e casado com Inês da Costa filha de Pedro da Costa e de sua mulher, Isabel Nunes Homem, administrador do morgado da Lajcosa, de quem deixou geração que continuou o apelido de Pessoa.

As armas usadas pelos Pessosas são as seguintes: De azul, com seis crescentes de ouro 2, 2 e 2; bordadura de negro, bordada interiormente de ouro e carregada de oito estrelas de cinco raios de prata. Timbre: um cometa de cinco raios de prata, o mais comprido para baixo.



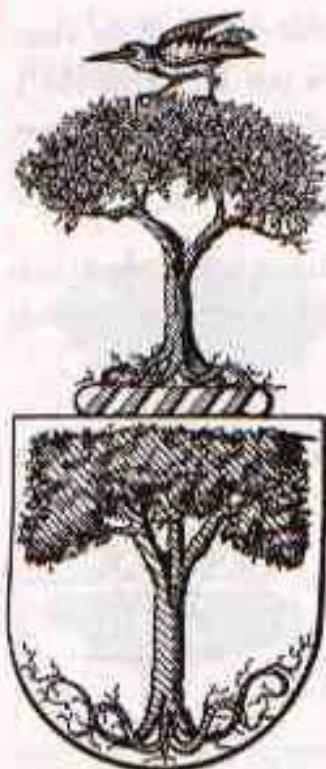
Pessoa



Pestana

PESTANA. Família que se diz provir de João Anes Pestana, que viveu em Évora e se tem por descendente de D. João Pestana, fidalgo que esteve no cerco de Coimbra com D. Fernando, o *Magno*, e aí foi armado cavaleiro juntamente com o Cid Rui Dias de Bivar, assim como se tem igualmente por descendente dos conquistadores e povoadores de Évora. De Joana Anes teve filhos, por quem se continuou o apelido.

São suas armas: De prata, com três faixas de vermelho. Timbre: um leopardo de prata, armado e lampassado de vermelho.



Picanço

Usam os desta família: De ouro, com três púcaros de negro, os dois do chefe afrontados. Timbre: duas plumas de vermelho e de ouro.

PICANÇO. Parece família portuguesa antiga, pois há notícia de D. Ouroana Picanço, mãe de Abril Domingues Picanço, que se supõe ter sido avô de Vasco Martins Picanço, a quem alude o Conde D. Pedro no seu *Nobiliário*. Este Vasco Martins foi casado com D. Brites, da linhagem dos de Gundar.

Trazem por armas os Picanços as seguintes: De prata, com uma amoreira arrancada de verde. Timbre: a amoreira do escudo rematada por um picanço de sua cor.

PIGNATELLI. Família italiana, da qual um dos seus membros ocupou a cadeira de São Pedro. O apelido em Portugal usa-se na forma original e também na apor-tuguesada de *Pinhatelli*. Relaciona-se o apelido com as peças das armas que são púcaros, na língua italiana *pignatte*, sendo, portanto, estas armas falantes.

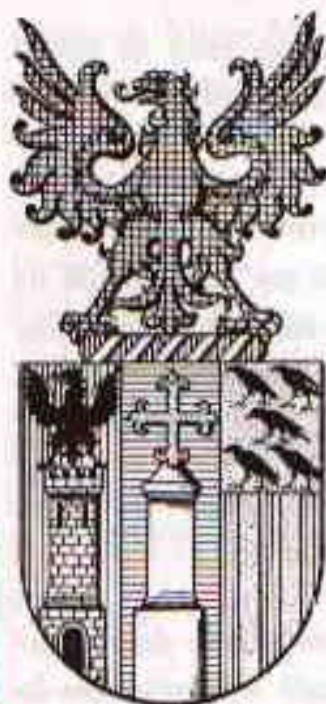


Pignatelli

PILAR CORNEJO. Família de origem espanhola, que não se sabe quando passou a Portugal.

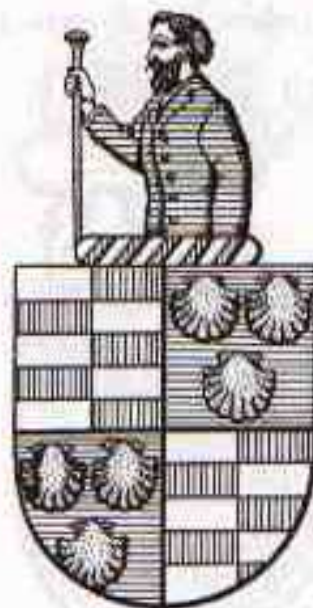
As armas que usam os destes apelidos são: Terciado em pala: o primeiro, de vermelho,

com uma torre de prata, lavrada, aberta e iluminada de negro, encimada por uma águia volante do mesmo; o segundo, de azul, com um pilar de prata, rematado por uma cruz florenciada de ouro; o terceiro, de ouro, com cinco gralhas de sua cor, armadas e membradas de vermelho, postas em sautor; cortado de vermelho, com duas palas de ouro. Timbre: a águia do escudo.



Pilar Cornejo

PIMENTA. Parece que esta família descende de D. Aires Pimenta, filho de D. Afonso Pais Teles, prior do Crato. O ramo de Braga provém de Marçal Vaz Pimenta, irmão de



Pimenta

Afonso Pimenta, alcaide-mor do castelo da mesma cidade, e de Estêvão Pimenta, comendatário de Travanca. A descendência de uns e outros se ligou a Avelares, dando os Pimentas do Avelar.

Usam os Pimentas as seguintes armas: Esquartelado: o primeiro e o quarto faixado, contrafaixado de prata e de vermelho, de cinco peças; o segundo e o terceiro de azul, com três vieiras de ouro. Timbre: homem sainte vestido de azul, com um bastão de ouro na mão direita.

PIMENTEL. É esta família ramo da dos Novais, pois Martim Fernandes de Novais (outros dizem Nomais — da Galiza), contemporâneo dos reis D. Sancho II e de D. Afonso III, morador em Riba de Vizela, e que esteve no cerco de Sevilha no ano de 1248 com o último destes soberanos, foi casado com D. Sancha Martins, da linhagem dos de Riba de Vizela, e fora do matrimónio teve D. Vasco Martins Pimentel e, legitimamente, D. Sancha Martins, mulher de Estêvão Anes de Freitas, senhor da Quinta do Corvo, de quem houve geração. D. Vasco Martins teria sido alcunhado de *pimentel*, parece que por ser muito colérico. Morou na freguesia de Santo Adrião de Vizela, junto ao rio Vizela, na quinta que se chamava Lourosa, e depois se denominou Paço Velho, na qual fez casas nobres, que caíram em ruína, e uma capela. *Fora casado a primeira vez com D. Maria Anes, filha de João Martins de Fornelos, e de sua mulher, D. Urraca Fafes, de quem teve diversos filhos, e segunda vez com D. Maria Gonçalves de Portocarreiro, filha de Gonçalo Viegas de Portocarreiro e de D. Sancha Pires, de cujo matrimónio houve bastante geração. A alcunha de D. Vasco Martins transmitiu-se como apelido aos filhos, quer de um quer do outro casamento.*

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, dedicou aos Pimentéis os seguintes versos:

*Estes vem dos Pimentarios
consulos e senadores
em Castela são primeiros
onde tem muitos sumarios
de seus feitos e louvores,
São condes de Benavente
em Castella os Pimenteís
e é mais illustre gentes,
em Roma foram fideis.*

Igualmente os cantou em verso o grande linhagista e investigador Manuel de Sousa da Silva, dizendo:

*Junto do rio Visella
Se vê em Santo Adrião
O paço velho e o chamam
Solar da illustre; e bella
Dos Pimenteís geração.*



Pimentel



Pimentel (outros)

As armas dos deste apelido usadas em Portugal, Espanha e Holanda são: Esquartelado: o primeiro e o quarto de ouro, com três faixas de vermelho; o segundo e o terceiro de verde, com três ou cinco vieiras de prata, em sautor; bordadura de prata, carregada de oito cruces páteas de vermelho. Timbre: um touro sainte de vermelho, armado e calçado de ouro, com uma vieira do escudo na testa.

Outros, em Portugal, trazem as seguintes armas: De verde, com cinco vieiras de prata, postas em sautor; bordadura do mesmo, carregada de oito cruces páteas de vermelho. Timbre: um touro sainte de vermelho, armado e calçado de prata, com uma vieira do escudo na testa.

Os Pimentéis dos Condes da Feira usam: Esquartelado: o primeiro e o quarto de ouro, com três faixas de vermelho; o segundo e o terceiro de verde, com cinco vieiras de prata, postas em sautor; bordadura composta de um leão de púrpura, armado e lampassado de azul e coroadado de ouro (*Leão*) e de vermelho, com um castelo de ouro, lavrado, aberto e iluminado de azul (*Castela*), de dezasseis peças.

PINA. Família antiga em Portugal, originária do Reino de Aragão, no qual se encontra seu solar, a vila de Piña. Fernão Fernandes de Piña, assim é a forma espanhola do apelido, esteve na batalha do Salado em serviço do rei D. Afonso XII de Castela e veio a Portugal, por embaixador do rei D. Pedro II de Aragão, acompanhar, em 1282, a Rainha D. Isabel de Aragão, mulher de D. Dinis de Portugal. Querem outros autores que este Fernão Fernandes tenha vindo a Portugal por outros motivos, mas este parece o mais plausível, pois seus descendentes tiveram a alcaidaria do castelo da vila da Vide (hoje vila do Castelo de Vide), onde, em 1281, os embaixadores do Rei de Aragão ratificaram o casamento da Infanta D. Isabel com D. Dinis. Diz-se que a ascendência deste Fernão Fernandes é muito ilustre e apontam-se os seguintes fidalgos seus maiores: D. Jordão de Pina, rico-homem que assistiu à morte do rei D. Afonso II de Aragão, em 1196, pai de Pedro Jordão de Pina, que viveu nos reinados de D. Afonso II, D. Pedro II e D. Jaime I, e teve D. Fernão Peres de Pina, rico-homem de D. Jaime I e do conselho do Infante D. Fernando, pai... de Fernandes de Pina, que se supõe se chamasse Pedro, contemporâneo de D. Pedro III e de D. Afonso III, de quem nasceu Fernão Fernandes de Pina, que parece vivia em Lisboa no ano de 1316, pois há uma procuração sua dessa data.

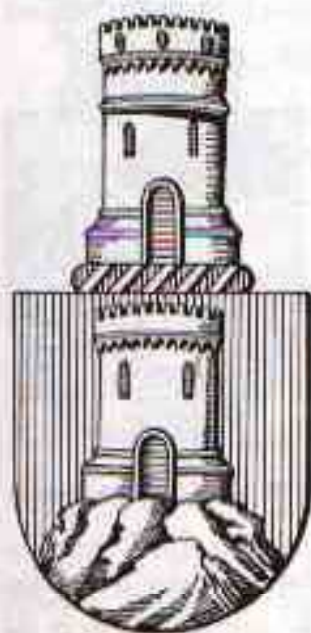
Teve este Fernão Fernandes de Pina vários filhos e entre eles Lopo Fernandes de Pina, que se casou em Estremoz com uma irmã da mulher de seu irmão Diogo Fernandes de Pina e de Maria Martins Bousoa, mulher de Vasco Esteves Loução, padroeiros da capela-mor de S. Francisco da mesma vila. De Lopo Fernandes e de sua mulher descendem os Pinas de Estremoz, por seu filho Fernão Lopes de Pina, e os da Guarda, estes por seu filho Diogo Lopes de Pina, que viveu nos reinados de D. Pedro I e de D. Fernando I e foi pai de Fernão Dias de Pina, o primeiro que viveu na Guarda, e de Lopo Fernandes de Pina, casado em Montemor-o-Velho com Leonor Gonçalves, que também teve descendência na Guarda, além da que se fixou naquela vila, na qual Lopo Fernandes construiu uns grandes paços, que dizem ser cópia do solar da vila de Piña, e se principiaram a demolir no fim do século XVIII e depois foram restaurados por seu descendente, Francisco de Pina de Sá.

A João Rodrigues de Sá, famoso quinhentista, devem os Pinas estas quintilhas:

*Em campo vermelha estão
dous muy floridos pinheiros,
e em banda azul lyão
douro rompente, que são
nobres armas destrangeiros.*

*De Peno Pyna declina
esta linhagem muy dina
de grão louvor, & pregão,
veio ca ter d'Aragão,
& dahy vem os de Pyna.*

Igualmente D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, lhe dedicou versos, que dizem:



Pina (do Sul)

*Desas manchas de Aragão
do godo sangue esforçado
vem esta grão geração
de que tornaram Leão
que os mouros tinham tomado.*

Os Pinas da Guarda e Montemor-o-Velho usam armas diversas das dos Pinas do Sul. As destes são: De vermelho, com uma torre de prata, aberta, iluminada e lavrada de azul, assente sobre um monte de sua cor. Timbre: a torre do escudo.



Pina (da Guarda)

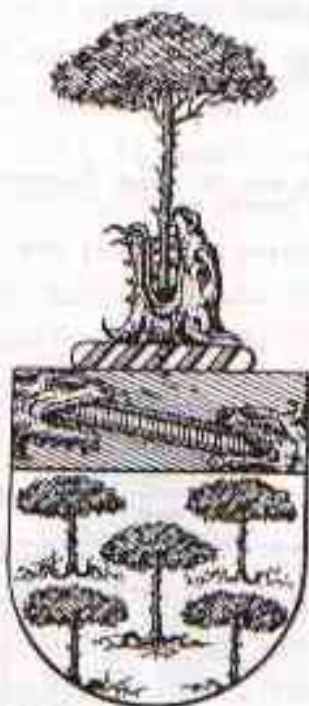
Os do Norte, chamado ramo da Guarda, trazem: De vermelho, com banda de ouro, carregada de um leão de azul, e acompanhada de dois pinheiros de verde, arrancados de prata e frutados de ouro. Timbre: uma cabeça de leão de ouro, saindo-lhe da boca um ramo de pinheiro do escudo.

Umas e outras são idênticas às que usam dois ramos da família Carreiro e as últimas às dos Colaços, de João Álvares Colaço, por este ser da família dos Pinas.

PINHEIRO. Da linhagem dos Pinheiros saiu a dos de Outiz, como se supõe. Gomes Nunes de Outiz, senhor da quinta de Outiz, cavaleiro de um escudo e de uma lança, como diz o conde D. Pedro, parece neto de Pedro Afonso Pinheiro, a quem D. Afonso III deu uns pardieiros em Santarém, que talvez fosse filho de Afonso Pinheiro, morador na província do Minho no ano de 1301, onde defendia por honra o lugar de Rebordões, da freguesia de Insalde, no concelho de Paredes de Coura, por aí se haver certamente criado um seu filho. Gomes Nunes de Outiz casou com D. Melícia Fernandes Camelo, filha de

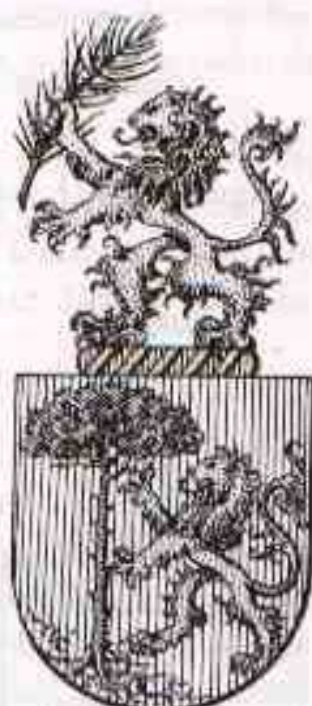
Fernão Gonçalves Camelo e de D. Constança Pires de Arganil, e teve por filhos a Estêvão Gomes de Outiz, que foi contemporâneo do rei D. Pedro I e senhor da quinta de Outiz, a Pedro Gomes Pinheiro, com geração extinta, e a Tristão Gomes Pinheiro, casado em Barcelos, com geração.

Estêvão Gomes de Outiz houve a Gil Esteves de Outiz, que teve o senhorio da mesma quinta, foi cavaleiro da casa de El-Rei e seu vassalo, contemporâneo de D. Fernando I



Pinheiro

e de D. João I, que muito o estimaram, dando-lhe o primeiro a terra da Cunha, o préstamo do castelo, a renda dos seus casaes de Guimarães, a vila e terra do Prado, esta confirmada pelo último dos mencionados Príncipes, que também lhe doou vários lugares no ano de 1385, por ele haver tomado armas em seu serviço contra Castela, o qual no mesmo ano lhe coutou e honrou a quinta de Oliveira na vila do Prado. Este Gil Esteves teve descendência do apelido de Outiz, que se extinguiu na segunda geração. Estêvão Gomes teve ainda a João Esteves Pinheiro, casado com uma sua prima, de quem houve descendentes, e D. Mor Esteves Pinheiro, que sucedeu em grande parte



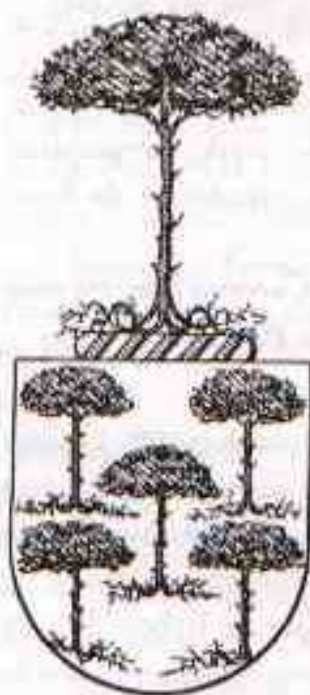
Pinheiro (de Barcelos)

da casa paterna e se recebeu com Martim Lopes ou Gomes Lobo, ouvidor-geral das terras do Duque D. Afonso, filho de D. João I, e que se diz ter sido também alcaide da vila de Barcelos, de cujo matrimónio proveio muita e ilustre geração do apelido Pinheiro, que parece haver-se perpetuado apenas pelos descendentes desta senhora e pelos de seu irmão João Esteves Pinheiro.

As armas dos Pinheiros são as seguintes: De prata, com cinco pinheiros arrancados, de verde, postos em sautor. Timbre: um pinheiro do escudo.

O ramo de Barcelos usa: De vermelho, com um pinheiro de sua cor, arrancado de prata, frutado de ouro e um leão do mesmo, à esquerda, rampante, contra o tronco da árvore. Timbre um leão de ouro, com um ramo de pinheiro da mão.

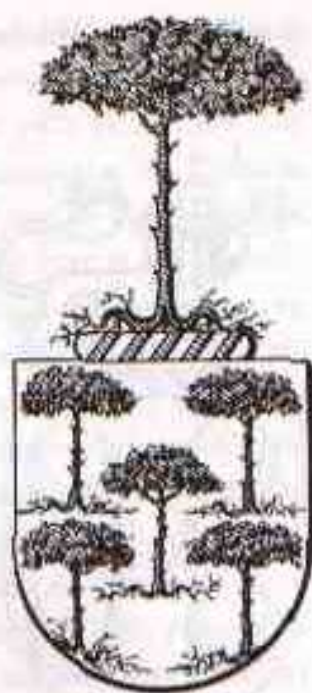
Trazem os Pinheiros de Andrade por armas: De prata, com cinco pinheiros arrancados de verde, postos em sautor, e chefe do mesmo, carregado de uma banda de vermelho perfilada de ouro, abocada por duas serpes do mesmo. Timbre: um pinheiro de verde, saínte da boca de uma cabeça de serpe de ouro e posto em pala.



Pinheiro de Andrade

PINHO. É apelido português antigo, pois na relação que o Rei D. Pedro I mandou fazer dos cavaleiros que tinham comedia no mosteiro de Grijó se mencionam Gonçalo Anes de Pinho e seu irmão Lourenço Anes de Pinho, moradores na Terra da Feira. Anteriormente aparecem outras pessoas do mesmo apelido, mas não se sabe o parentesco certo entre umas e outras, nem com o mais antigo de quem se *pode deduzir* a genealogia. Este é Pedro Vaz de Pinho, que morou na vila da Feira, no século XVI ou talvez ainda no anterior, e deixou geração que continuou o apelido. O que é tirado, *conforme parece*, de um dos lugares deste nome, existentes na provincia de Trás-os-Montes e na da Beira.

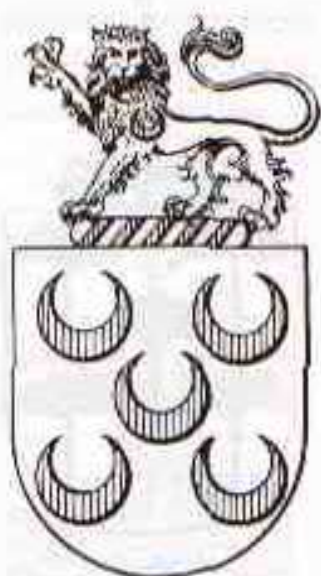
As armas dos Pinhos são as seguintes: De prata, com cinco pinheiros de verde, frutados de ouro, postos em sautor. Timbre: um pinheiro do escudo.



Pinho

PINTO. Família das mais antigas de Portugal, que parece provir, não de D. Garcia Mendes de Sousa, o *Pinto*, e de sua mulher, D. Elvira Mendes, como supuseram alguns *linhagistas*, mas de Paio Soares Pinto, que morou na Terra da Feira, pai de D. Maior Pais Pinto, casada com D. Egas Mendes de Gundar, companheiro de D. Afonso Henriques na batalha do Campo de Ourique. Deste matrimónio nasceram Rui Viegas Pinto e Pedro Viegas Pinto, que, do seu casamento com D. Toda Martins das Chãs, filha de Martim Moniz de Resende e de D. Chãmoa Esteves, teve geração que usou transitóriamente o apelido Pinto. De Rui Viegas Pinto, que possuiu vários casais na Terra da Feira em tempo dos Reis D. Afonso Henriques e D. Sancho I, nasceu Gonçalo Rodrigues Pinto, morador em Riba de Bastança, na Torre da Chã, concelho de Ferreiros de Tendaís, e teve D. Soeiro Gonçalves Pinto, que viveu na mesma quinta e foi pai de D. Garcia Soares Pinto, morador perto de Chaves quando se fizeram inquirições por ordem de D. Dinis e nelas aparece nomeado por vassalo. Casou este D. Garcia Soares com D. Margarida Gomes de Abreu, filha de Rui Gomes de Abreu, senhor de Regalados, e teve Vasco Garcês Pinto, senhor da Torre da Chã e paço de Cuvelas e padroeiro do mosteiro de Tarouquela, o qual se recebeu com D. Urraca Vasques de Sousa, filha de Rui Vasques de Panóias, senhor de Panóias, e de sua mulher, este neto do conde D. Mendo de Sousa e sua mulher neta de Pedro Mendes de Aguiar e de D. Marinha. Pelo sobredito casamento de Vasco Garcês Pinto se uniram os Pintos aos Sosas, o que deve ter originado a atribuição de provirem desta última linhagem. Vasco Garcês e sua mulher, D. Urraca Vasques, tiveram vários filhos, que continuaram o apelido dos Pintos. Este apelido deve vir de alcunha, que parece significar pintado.

A D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, se devem os seguintes versos, dedicados a esta linhagem:



Pinto

*Com o conde de Portugal,
das Asturias de Oviedo
veio D. Mendo Gundar
com D. Toda casar
de quem nasceu o sem medo
donde vem este solar.*

As armas dos Pintos são: De prata, com cinco crescentes de vermelho, postos em sautor. Timbre: um leopardo de prata, armado e lampassado de vermelho, com um crescente do mesmo na espádua.



Pinto Pedrosa

Os Pintos Pedrosas, que parecem ser do Porto, usaram, conforme se diz, as seguintes armas: De prata, com cinco crescentes de azul e uma águia estendida, de negro, sustida pelo crescente do meio. Timbre: a águia do escudo. São uma aliança das armas dos Pintos e dos Pedrosas com alteração da cor dos crescentes.

PIRES. V. *Perez.*

PISSARRO. V. *Pizarro.*

PITA. Família da Galiza, cujo solar é o lugar de Santa Marta de Ortigueira, naquele reino, donde veio João Pita de Ortigueira, senhor do mesmo lugar e de Viveiros, «cavaleiro de muitas prendas e por elas invejado», conforme refere certo genealogista. Intentou este fidalgo pôr suas armas em Ponte Deume por lhe pertencer o respectivo distrito, distante de Santiago oito léguas, mas os Prados e Fajardos, protegidos pelo Conde de Lémus, que era pouco afeiçoado a João Pita de Ortigueira, lho quiseram impedir e no encontro que este e seu irmão Gonçalo Pita de Ortigueira tiveram com aqueles cavaleiros matou João Pita um deles. Embora na ocasião os seus contrários o não perseguissem, resolveu passar a cavalo a Portugal, pelo porto dos Asnos, modernamente chamado dos Cavaleiros, na jurisdição de Castro Laboreiro, de cujo castelo era então alcaide-mor Paio Rodrigues de Araújo, que por ele ser cavaleiro e pessoa agradável, o aconselhou a apresentar-se ao rei D. Afonso V, que estava em Castela, o qual, certamente, lhe daria grande amparo. Recoso dos poderosos inimigos que deixara na Galiza, deliberou

apresentar-se primeiro ao Príncipe D. João, que se encontrava, ao tempo, na província da Beira, na cidade da Guarda, e este lhe deu muitas honras e pelo valor que nele viu o levou na sua companhia quando foi com socorro ao Rei seu pai para as guerras que sustentava com o rei D. Fernando de Castela por causa do casamento da Princesa D. Joana, filha do Rei D. Henrique de Castela. Confiou-lhe o Príncipe um corpo de lustrosa gente da Beira e com o grosso exército que conseguiu reunir entrou em Castela, onde fez danos importantes em todos os lugares, vilas e fortalezas que encontrou no seu caminho, até alcançar o Rei seu pai, que estava preparado para dar batalha ao Rei D. Fernando nos campos de Toro, combate em que João Pita muito se assinalou, ganhando grande nome. Saiu do prélio com um ferimento fundo no braço esquerdo, do qual ficou para sempre aleijado. D. Afonso V, pelas informações que o Príncipe seu filho lhe deu de João Pita, reconheceu o seu muito valor com grandes honras e mercês que lhe concedeu, das quais foi principal a de o fazer fidalgo da sua casa por carta passada na cidade de Toro a 20 de Abril de 1476 e confirmada pelo Rei D. Manuel I em Évora, a 1 de Agosto de 1497. Voltou João Pita para este reino com o Príncipe D. João, mas como as mercês régias consistiram somente em honras, escasseavam-lhe rendas para se poder sustentar na guerra, pelo que passou a Ponte do Lima com o intuito de aí viver e lá casou com D. Brites Gonçalves Maciel, filha de Diogo Barbosa de Barros, senhor de Aborim, ou, segundo outros, de D. Gonçalo Maciel, comendatário de Palme ou de Fernão Gonçalves Maciel. Vivía na sua quinta do Souto, no termo de Ponte do Lima, quando matou um homem, pelo que foi morar para a vila de Caminha com sua mulher, que aí deixou, e de novo serviu nas guerras de África, no ano de 1486, na companhia de D. Diogo Gonçalves de Almeida, mais tarde prior do Crato, com quem se achou em muitas ocasiões que lhe deram nome. Assim alcançou mais facilmente perdão da parte do Rei, em recompensa dos muitos serviços prestados na África, lhe deu privilégio de couto de homiziados para sua casa, o qual lhe tirou o Rei D. Sebastião por o não acompanhar na jornada de África Álvaro Rodrigues Pita, seu neto, ao tempo possuidor das casas privilegiadas que ficavam em Caminha, na Rua de Meios, junto dos paços do concelho.

João Pita de Ortigueira teve o mesmo foro do pai, que os descendentes deixaram perder, e se recebeu com Maria de Araújo, filha do capitão-mor de Caminha, com geração; Francisco Pita de Ortigueira, que se diz ter sido cavaleiro de muitas prendas, casou com D. Ângela Rodrigues Barbosa, filha de Rodrigo Barbosa; Pedro Pita, casado em Baiona, reino da Galiza, sem mais notícia; Álvaro Pita de Ortigueira, casou a primeira vez com Justa Gonçalves, filha de Gonçalo Rodrigues de Antas e de Brites Álvares, com geração, e passando a Abrantes por causa de uma morte, aí, devido às suas prendas e grande valor, teve muita amizade com o Conde D. João de Almeida, que o casou segunda vez com D. Inês Mendes de Almeida, filha mais velha de Álvaro Mendes de Vasconcelos e de sua mulher, Isabel Fernandes de Almeida, parenta dele, conde, a qual, enviuvando, contraiu novas núpcias com António Vaz Freire, comendador de Montargil, também já viúvo, e deixou Álvaro Pita também geração desta segunda mulher; João Pita de Ortigueira morreu em África, sem mais notícia; Gonçalo Pita Maciel casou com Justa

Pires Calheiros, filha de Pedro Afife Caminha e de sua mulher, Leonor Lopes Calheiros, com geração; D. Brites Pita, casada com Gonçalo da Rocha, senhor da quinta da Silva, filho de João da Rocha, comendatário de São Salvador da Torre, com geração; e D. Isabel Pita, que alguns autores dão por sua filha, enquanto outros a fazem sua sobrinha-neta, opinião menos verosímil, casada em Caminha com Sebastião Rodrigues, de quem deixou geração.

Gonçalo Pita de Ortigueira, irmão de João Pita de Ortigueira, e que com ele esteve no encontro havido com os Prados e Fajardos em Ponte Deume, refugiando-se também em Portugal, morou com seu irmão em Ponte do Lima, na quinta do Souto. Casou e foi pai de João Pita de Ortigueira, marido de D. Inês Vaz, de quem ficou geração. A descendência dos dois irmãos continuou a usar o apelido Pita.

Manuel de Sousa da Silva, o grande investigador genealógico do Entre Douro e Minho no século XVII, deixou esta quintilha alusiva aos Pitas:



Pita

*A casa de Ortigueira
Lá em Galliza descrita
E Portugal participa
A familia verdadeira
Que tem o nome de Pitto.*

As armas dos Pitass são: Esquartelado: o primeiro e o quarto de azul, com uma torre torreada de ouro; o segundo e o terceiro de vermelho, com banda de ouro, abocada por duas



Pita, de Sebastião
Gonçalves Pita

cabeças de serpe de verde, picadas de ouro e lampassadas de vermelho. Timbre: a torre do escudo.

Atendendo aos serviços de Sebastião Gonçalves Pita, cavaleiro-fidalgo da sua casa, comendador da igreja de Santo Iricio de Nespereira, feitos a ele próprio e a seus pai e avô, sendo ferido muitas vezes e cativo duas, matando-lhe os Mouros cavalos e saindo da guerra com eles com muito risco da sua pessoa no tempo dos capitães de Tânger, D. Pedro de Meneses, Luís da Silva, Luís de Loureiro e Bernardim de Carvalho, assim como no de Lourenço Pires de Távora, com quem o mandara para servir de adail, officio de que sempre deu boa conta, pelejando duas vezes por sua conta com os filhos do alcaide Bertude, na presença do capitão, o que tudo fez sempre animosa e cavaleirosamente com



Pita da Veiga

muito dano dos inimigos, o Rei D. Sebastião lhe fez mercê de armas novas por Carta de 21 de Abril de 1569. São as seguintes: De vermelho, com uma onça rampante de sua cor, armada de ouro, e bordadura do mesmo, semeada de crescentes de azul. Timbre: a onça do escudo, sainte, gotada de vermelho, tendo nas garras um crescente de azul.

Era Sebastião Gonçalves Pita filho de Lourenço Fernandes, comendador da Ordem de Cristo, que morreu na batalha de Alcácer Quibir, e de sua mulher, Leonor Galos, e neto paterno de Sebastião Pita, alcaide-mor de Tânger, comendador da Ordem de Cristo, também morto naquela batalha, e de sua primeira mulher, Margarida Galos. Casou Sebastião Gonçalves Pita com Maria de Vargas, filha de Henrique Nunes, de quem houve geração.

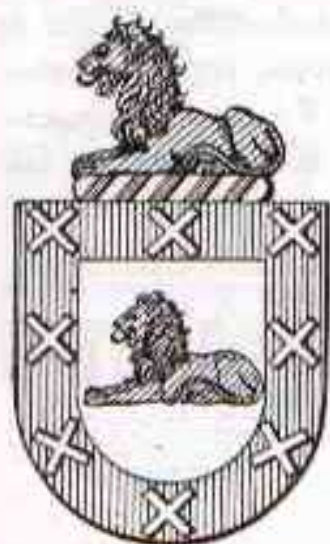
Os Pitas da Veiga tiveram armas novas concedidas pelo Imperador Carlos V em 24 de Julho de 1529, e delas usavam os Pitas da vila de Punhe, no concelho de Viana do Castelo. São como seguem: Franchado: o primeiro de vermelho, com uma manopla esquerda, de sua cor, posta em pala; o segundo, de vermelho, com uma cinta de brocado de ouro, carregada de quatro cruces, de prata, posto, em faixa; o terceiro de vermelho, com um pendão de duas pontas, de prata, hasteado do mesmo e carregado de uma aspa do primeiro esmalte; e o quarto de azul, com três flores-de-lis de ouro.

PIZARRO. Família espanhola da qual passou a Portugal D. Diogo Pizarro, filho de D. Fernando Pizarro, que morava em Truxillo. D. Diogo Pizarro casou em Lisboa com D. Joana Rodrigues, natural de Bobadilha, e foi para a cidade de Angra. D. Brites de Vargas Pizarro, sua filha herdeira, recebeu-se na mesma cidade com o capitão António Cardoso Machado, daí natural, provindo deste matrimónio, conforme parece, todos os Pizarros portugueses.

As armas que usam os deste apelido são: De ouro, com um pinheiro de verde, frutado do primeiro esmalte, ladeado por dois rochedos de piçarras de sua cor, rematados por dois ursos, também de sua cor, erguidos e afrontados, na atitude de colherem as pinhas.



PIZARRO



PÓ

PÓ. Família que já existia no reinado de D. Fernando I, pois este soberano fez alcaide de Óbidos seu vassalo João Afonso do Pó. Querem os genealogistas, para explicação do apelido, que a família seja originária da Alemanha, mas não provam tal afirmação. João Afonso do Pó casou com Maria Teles e teve do respectivo matrimónio a João Anes do Pó, vassalo do mesmo Rei, sucessor da casa e alcaidaria de seu pai por mercê de Março de 1419. Recebeu-se com D. Inês Machado, que parece ser da família deste apelido e foi senhora de Entre Homem-e-Cávado, e dela teve geração que continuou o apelido de Pó.

As suas armas são as seguintes: De prata, com um leão de púrpura, agachado; bordadura de vermelho, carregada de oito aspas de prata. Timbre: o leão do escudo.

PONCE DE LEÃO. Família das mais antigas e ilustres da Espanha, que provém do Conde D. Pedro Ponce ou, conforme certo autor, de *D. Ponce de Minerva*, filho segundo de D. Ponce, Conde de Trípoli, na Síria, e que veio à Península no tempo do rei D. Afonso VI com seu tio D. Ramon, conde de Tolosa e S. Gil. Seu pai lhe deu o castelo de Minerva, situado entre Tolosa e Narbona, e o rei D. Afonso VI o herdou em Aragão. De *D. Ponce de Minerva*, o que parece mais certo, foi filho *D. Vela Ponce*, alferes-mor do Rei D. Afonso, casado com D. Elvira Fernandes, filha do Conde D. Pedro Fernandes de Trava e de sua mulher, D. Elvira, dos quais nasceu D. Ponce Velas de Cabreira, pai de D. Pedro Ponce, que se recebeu com D. Aldonça Afonso, filha do rei D. Afonso de Leão e de *D. Aldonça Martins da Silva*, filha de *D. Martin Gomes da Silva* e de sua mulher. Os descendentes ligaram-se por matrimónio, várias vezes, a famílias portuguesas. D. Pedro Ponces, seu bisneto, foi senhor de Marchena, achou-se na batalha de Vila Nova de Barcarrota contra Portugal e na tomada de Algeciras e casou com D. Beatriz, filha de *D. Jaime de Xerica*, de quem teve vários filhos, entre os quais D. Maria, que se desposou com D. Fernando, senhor de Ledesma, filho bastardo do rei D. Afonso XI, e depois se casou com D. Álvaro Pires de Castro, Conde de Arraiolos, irmão de D. Inês de Castro, com geração. D. José Ponce de Leon, senhor de Fiolhedeo por sua mulher e prima, *D. Maria Jacinta de Avalhe*, foi pai de D. Clara Maria Micaela Ponce de Leon Avalhe Correia, que casou em Portugal com António Joaquim da Silva Gaio, senhor da Casa de Corutelo, filho de João Jácome da Silva Gaio, senhor da Torre de Corutelo, e de D. Antónia Quitéria de Moscoso Soares, com geração.

D. Luísa Ponce de Leon, filha de *D. Afonso de Herrera e Córdova* e de D. Luísa Ponce de Leon, fidalgos castelhanos, foi dama da Rainha D. Luísa e depois camarista de D. Catarina, Rainha da Grã-Bretanha e segunda mulher de D. Pedro de Castelo Branco, capitão da guarda de D. João IV, visconde de Castelo Branco e Conde de Pombeiro, filho de D. António de Castelo Branco, senhor do morgado de Pombeiro e Castelo Branco, e de sua mulher, D. Francisca Calvo, com geração. Outras vezes, ainda, entrou a família Ponce de Leon nas portuguesas, uma delas fixando-se no distrito de Viseu e transformando o apelido em Ponces, forma, aliás, correcta, porque é patronímico. Também há outro ramo da família em Portugal, chamado Pons, por deturpação.

O ilustre genealogista minhoto, D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, deixou esta quintilha dedicada aos Ponces de Leão:

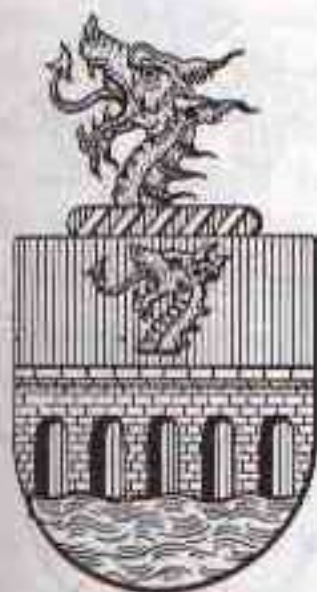
*Desta casa de Leão
e do forte cavaleiro
parenta de D. Roldão
ficou o forte herdeiro
que deixou este braço.*

As armas dos Ponces de Leão são como seguem: Partido: o primeiro de prata, com um leão de púrpura, armado e lampassado de de azul, coroado de ouro (*Leão*); o segundo de ouro, com quatro palas de vermelho (*Aragão*); bordadura de vermelho, carregada de oito escudetes de ouro, cada escudete com uma faixa de azul (*Vidaurre*). Por alvará de 28 de Maio de 1866 e carta de 21 de Julho seguinte, foram concedidas a Miguel António Ponces de Carvalho, de Vilar Seco, no concelho de Nelas, umas armas esquarteladas que, ao costume da época, de decadência heráldica, não reproduzem os emblemas próprios dos apelidos que se queriam representar, mas os mesmos alterados no conjunto e nos esmaltes. Um dos quartéis destas armas representa a segunda pala de partido dos Ponces de Leon.



Ponces de Leão

PONTE. Família espanhola que passou a Portugal na pessoa de Gonçalo Gonçalves Ponte, fidalgo de ilustre ascendência, a quem o Infante D. Pedro, como regente do Reino na menoridade de seu sobrinho, D. Afonso V, lhe deu o foro de escudeiro-fidalgo em 1443, com moradia de vinte libras por mês. Recebeu-se com Brites Soares, senhora da casa da Rua do Souto, em Ponte do Lima, e da quinta de Barreiros, de quem teve: Fernão Gonçalves Ponte, escudeiro-fidalgo, casado com Catarina Ledo, filha de Álvaro Fernandes Ledo, da qual deixou geração, que seguiu o apelido de Ledo; Diogo da Ponte, fidalgo da Casa Real, casado com Constança Malheiro, que teve em dote oitenta mil reais brancos, filha de Lopo Dias Malheiro e de sua mulher, D. Constança Afonso, com geração do apelido Malheiro; Pedro da Ponte, criado do rei D. João II, sem geração; e Estêvão Rodrigues Ponte, com geração.



Ponte

Parece que o apelido tomou a forma pluralizada, pois os que se denominam Pontes usam as mesmas armas. O solar desta família é no Vale de Salzedo, na vila de Vale de Maceda, e se diz proceder de Sancho Peres, que defendeu a ponte do rio Orbito, que um famoso capitão mouro pretendia atravessar e ao qual cortou a cabeça. Conforme certos autores, passou, também a Portugal, no reinado de D. Fernando I, na pessoa de Pedro da Ponte, filho de Diogo Anes da Ponte, que se estabeleceu no Minho, donde seus netos foram para Elvas.

É possível que haja, também, gente deste apelido, de origem portuguesa, derivado de alguma das vilas da Ponte, talvez até a de Ponte do Lima.

As armas usadas por os deste apelido são: De vermelho com um ponte de prata de cinco arcos, sobre um rio de sua cor, em ponta, e encimada por uma cabeça de serpe, de ouro. Timbre: a cabeça de serpe do escudo.

PONTES. V. Ponte.

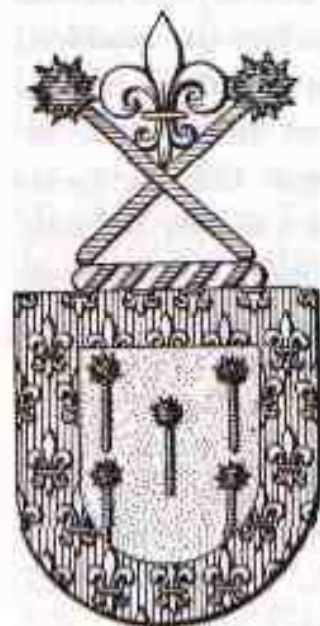
PORCEL. Embora este apelido existisse em linhagem muito antiga, parece que não continuou e a que a família moderna que o usa não tem ligação com aquele. São vascos os deste apelido, o que, na língua pátria, significa javali pequeno. Passaram a Portugal e estabeleceram-se em Montemor-o-Novo.

As armas que trazem são: De ouro, com uma árvore de verde, plantada num terreiro do mesmo, encimada por uma cruz florenciada de vermelho; e um javali de sua cor passante sobre o terreiro e brocante sobre parte do tronco.



Porcel

PORRAS. Família do Reino de Leão, da qual os que viviam em Samora entregaram em 1475 a cidade ao rei português, D. Afonso V, por serem partidários da Excelente Senhora. Passaram a Portugal, estabelecendo-se em Setúbal.



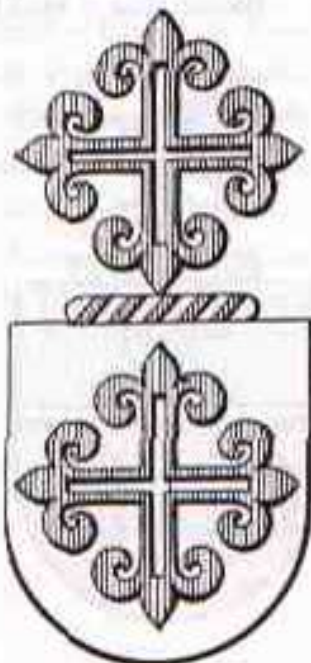
Porras

As suas armas acham-se registadas no *Livro do Armeiro-Mor*, portanto, em data anterior a Agosto de 1509. São as seguintes: De ouro, com cinco maçãs de armas de azul, postas em sautor, e bordadura de vermelho, semeada de flores-de-lis de prata. Timbre: duas maçãs de armas passadas em aspa e entre os cabos uma flor-de-lis do escudo. Em Espanha usam armas diversas.

PORTO. Desconhece-se a genealogia desta família e a origem do seu apelido, que, certamente, foi tomado da cidade portuguesa do Porto ou de qualquer lugar em que esta palavra entra, simples ou composta.

As suas armas são como seguem: De prata, com uma cruz de vermelho, florenciada e vazia. Timbre: a cruz do escudo.

PORTOCARREIRO. Família antiga que provém de D. Garcia Afonso, rico-homem no Reino de Leão, pai de D. Reimão Garcia de Portocarreiro, que veio com o conde D. Henrique para Portugal e este lhe deu o concelho de Portocarreiro, distante meia légua de Canaveses. Deste senhorio tomou o apelido, que os seus descendentes usam na



Porto



Portugal

D. Martinho de Portugal, bispo do Funchal, que deixou filhos de Catarina de Sousa, os quais tomaram o apelido paterno; e D. Brites, que morreu solteira.

O 1.^o Marquês de Valença teve dois irmãos mais novos, havidos da mesma mãe, D. Fernando, Conde de Arraiolos, Marquês de Vila Viçosa e 2.^o Duque de Bragança, casado com D. Joana de Castro, filha de D. João de Castro, senhor do Cadaval, de quem deixou descendência; e D. Isabel, senhora de Lousada, Paiva, Tendaís, Almada e Loulé, que contraiu matrimónio com seu tio paterno, o Infante D. João, filho do Rei D. João I e de D. Filipa de Lencastre, com geração.

Na Beira há uma ou mais famílias do apelido Portugal, que não consta descenderem da Casa de Bragança e que não parecem muito antigas, pois o apelido somente se tornou conhecido no século XVII ou nos fins do anterior.

As armas dos Portugais, descendentes de D. João I, usadas cá e em Espanha, são: De prata, com aspa de vermelho carregada de cinco escudetes das armas do Reino alternados com quatro cruces florenciadas e vazias do primeiro esmalte. Timbre: um cavalo sainte de prata, enfreado de ouro e bridado de vermelho, ferido de três lançadas no pescoço, vertendo sangue.

Os escudetes das armas do reino estão na sua forma actual: De prata, com cinco escudetes de azul postos em cruz, cada escudete carregado de cinco besantes de prata postos em sautor; bordadura de vermelho carregada de sete castelos de ouro. Têm um filete de negro posto em contrabanda, atravessante sobre tudo.

PÓVOAS. O primeiro que se conhece deste apelido é Gonçalo Anes das Póvoas. Seu filho Fernão Anes das Póvoas foi contemporâneo de D. Afonso V, de quem teve licença dada em 12 de Agosto de 1474 para comprar a João Correia e a sua mulher Isabel de Castelo-Branco a terra e o senhorio da Cunha, que o mesmo Soberano depois lhe confirmou. De sua mulher teve António Fernandes das Póvoas que herdou o senhorio de Cunha-a-Velha, o qual vendeu aos 12 de Novembro de 1499 a Rui Mendes de Vasconcelos. Viveu em Lisboa tempo de D. João II e casou com Isabel da Maia ou de Brito, de quem houve descendência que seguiu o apelido de Póvoas. De Fernão Anes das Póvoas foi filho segundo Pedro Fernandes das Póvoas, sem mais notícia dizem os autores genealógicos que esta família era muito antiga na cidade do Porto e que numa escritura se falava da Rua de António das Póvoas, assim como informam que na sé da mesma cidade existia uma sepultura no claustro velho, junto da porta que dava para o terreiro do Pátio do Bispo, cujo letreiro indicava pertencer a Pedro Anes Póvoas, mas não apontam datas, pelo que se torna impossível avaliar da sua antiguidade. Dizem, também, que provinham dos Albuquerque, Privados e Ferrazes. O apelido, de origem geográfica, é de solar incerto, porquanto os lugares chamados Póvoas são numerosos.

Ao incansável investigador Manuel de Sousa da Silva se devem os seguintes versos dedicados aos Póvoas:

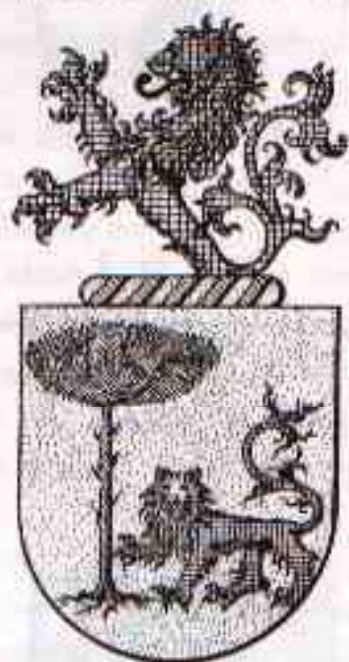
*Os de Povoas chamados
No Porto também moravam,
para Lisboa passaram
Onde vivem mui honrados
Os vindouros que deixaram.*

Embora seja linhagem nobre não tem armas próprias e usa as dos Privados, desconhecendo-se a ligação das duas famílias.

PRADO. Linhagem muito antiga, que provém de Estêvão Carpinteiro, cuja ascendência alguns querem se deduza de D. Ramiro Nuno do Prado, que pelos anos de 967 casou com D. Moninha Arias, filha herdeira de Arias Carpenteiro. Estêvão Carpinteiro teve por filho a Pedro Esteves Carpinteiro e a Estêvão Carpinteiro, com geração. Pedro Esteves Carpinteiro teve de D. Branca, filha do rei D. Afonso III de Portugal, por filho bastardo a D. João Nunes do Prado, mestre de Calatrava, que serviu ao Rei D. Afonso e a seu filho D. Pedro de Castela, que o mandou matar em Almagro. Deste D. João Nunes do Prado nasceram João Nunes do Prado, que se supõe ter casado em Toledo e deixou geração do mesmo apelido, e Estêvão Carpinteiro, de que parece ter ficado descendência com o apelido de Prado.

As armas usadas em Portugal pelos Prados são as dos Pinheiros, de Barcelos, com alteração da cor do campo, armas que adoptaram por João do Prado haver casado com D. Isabel Pinheiro, porém nem todos descendem deste matrimónio. Os Prados portugueses trazem, pois: De ouro, com um pinheiro de verde, acompanhado, à esquerda, de um leão aleopardado de negro. Timbre: leão sainte de negro.

Em Espanha as armas são diferentes.

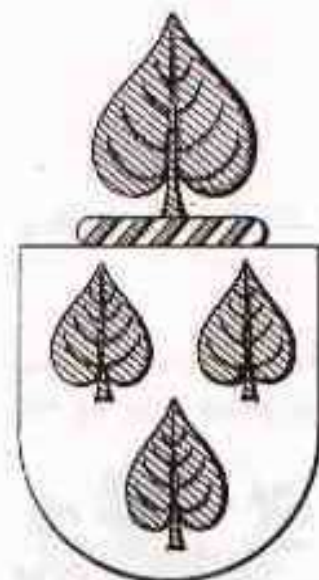


Prado

PRAET (Van). Família antiga e nobre do condado da Flandres, onde teve cargos principais e, nomeadamente, os de burgomestres e vereadores das cidades de Bruges e Dermonde, até às perturbações que se deram nos Países Baixos, durante as quais, pela sua fidelidade ao Catolicismo e aos soberanos que precederam o Imperador e haver perdido a maior parte dos seus bens, se lançou em o negócio, seguindo o exemplo de outras famílias nobres, para se precaverem da ruína completa. Passou a Antuérpia e aí se estabeleceu, vivendo sempre com lustro e ocupando cargos honrosos, entre eles o de esmoler-mor.

Jácome van Praet, filho de António van Praet, nascido em 1598, e de Joana de Freres, casados em 1624, veio para Portugal e aqui se recebeu com D. Micaela da Silva, nascida no ano de 1670 em Figueiró dos Vinhos, filha de Gaspar da Silva e de Teresa de Sousa. Foram seus filhos D. Joana Micaela van Praet, que se recebeu com Henrique Jansen Moller, cavaleiro da Ordem de Cristo, desembargador e vedor da Fazenda do Infante

D. Miguel, com geração; Jácome van Praet, familiar do Santo Ofício, sem descendência; António van Praet; e D. Teresa Crisóstoma van Praet, mulher de seu primeiro coirmão João Baptista van Zeller, instituidor do morgado dos Olivais, filho de Rolando van Zeller e de sua mulher Antónia van Praet, com geração.



Van Praet

António van Praet, filho de Jácome van Praet e de D. Micaela da Silva, foi homem de negócio, o mais rico particular de Lisboa no seu tempo, teve palácio na cidade e grande quinta entre Odivelas e Póvoa de Santo Adrião, conhecida pela Quinta do van Praet. Mereceu grande estimação do Rei D. João V, serviu o Tribunal do Santo Ofício no cargo de familiar e se recebeu com D. Antónia Mariana Teresa Salgado, filha herdeira de Gaspar Salgado, cavaleiro da Ordem de Cristo e secretário da Junta dos Três Estados, e de

sua mulher, D. Águeda Maria Josefa Leopoldina Cardoso de Vargas, de cujo matrimónio proveio geração do apelido van Praet, usado com ou sem preposição.

As armas que usam são: De prata, com três folhas de golfeão de verde. Timbre: uma folha do escudo.

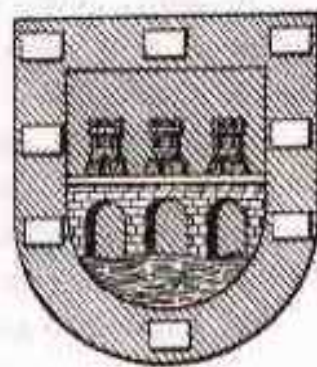


Praga

PRAGA. Ignora-se a origem desta família, talvez proveniente de Vasco Fernandes Praga, cujas armas parecem ser as que seguem: De azul, com três barras de ouro.

PREGO. Família originária da Galiza, ao que se diz.

As suas armas são: De verde, com uma ponte de prata, de três arcos, sobre um rio de sua cor, a ponte



Prego

firmada nos flancos do escudo e rematada por três torres também de prata; bordadura do mesmo, carregada de oito bilhetas deitadas de prata.

PRESNO. Família de origem desconhecida, mas que já tinha armas registadas antes de 1509, pois se encontram iluminadas no *Livro do Armeiro-Mor*.

As armas deste apelido são as seguintes: Faixado de ouro e de azul, de seis peças. Timbre: um abutre volante de sua cor, sainte.



Preto

PRETO. Desconhece-se a origem da família dos Pretos, mas o que não oferece dúvidas é que o apelido provém de alcunha. Se teve princípio em Portugal, na Espanha ou na Itália, não se sabe igualmente, pois no reinado de D. João I vivia em Portugal um seu vassalo de nome Gonçalo Pires Preto, e em Castela Diogo Preto, que defendia o castelo de Melgaço, que seguia o partido castelhano. Pode, mesmo, ser que os Pretos de Portugal nenhum parentesco tivessem com os de Castela, porque a alcunha de preto foi muito vulgar, applicando-se às pessoas de tez escura, ainda que não fossem de sangue negro.

A proveniência italiana, que alguns querem, seria pelos Negrone, de Génova, que deu em Portugal o apelido Negrão. Não é lógico admitir para aquele apelido a tradução de Preto, embora o significado seja o mesmo.

Vários ramos de Pretos se conhecem sem se saber a relação de parentesco de uns com outros, mas os mais antigos são do século XV, como os de Gaspar Dias Preto, morador em Leiria e aí casado com Catarina de Lemos, filha de Pedro de Lemos e de Teresa Gomes da Silva; João Gonçalves Preto e outros.

Um dos ramos de Pretos mais antigo é o de Sesimbra, onde em 23 de Agosto de 1481 morava Gomes Preto, o *Velho*, data em que D. Afonso V, atendendo aos seus serviços, o escusou de pagar peitas e fintas, além de lhe conceder outros privilégios. Foi casado com Brites Gonçalves e deste matrimónio proveio larga geração, que manteve o apelido.



Preto

Também passaram ao Brasil na pessoa de António Preto, de nobreza comprovada, que se fixou em S. Paulo. Foi para S. Vicente com seus filhos em 1572 e prestou grandes serviços nas guerras contra os gentios e corsários. Voltou a Portugal e levou sua mulher em 1574 para S. Paulo, onde já estavam os filhos, dos quais houve muita descendência, continuadora do seu apelido.

Trazem os Pretos por armas as dos Negreiros, apelido de origem diversa — geográfica — pelo que não se pode admitir provirem as duas famílias de tronco comum e os seus nomes representem vozes de uma só alcunha.

São as suas armas como seguem: Esquartelado: o primeiro e o quarto palado de ouro e de azul, de seis peças; o segundo e o terceiro xadrezado dos mesmos esmaltes, de seis peças em faixa e seis em pala. Timbre: um braço de negro, empunhando um bastão de ouro.



Privado

PRIVADO. Família antiga, de origem desconhecida, da qual proveio a dos Póvoas ou com ela se aliou. Já em 1509 tinha as suas armas incluídas no *Livro do Armeiro-mor*. Sabe-se que um João Privado, fidalgo da casa de D. Duarte, foi seu porteiro-mor e monteiro-mor e que deixou geração do mesmo apelido. Trazem os Privados por armas as que seguem: De ouro, com quatro bandas de vermelho. Timbre: um grifo de vermelho, alado e armado de ouro.

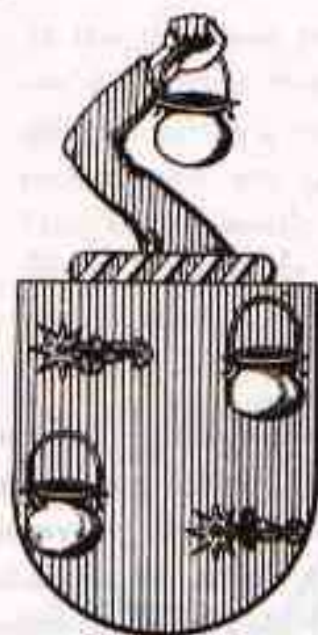
PROENÇA. Família que se propagou na Beira Baixa e que deve ter tomado o apelido da vila de Proença-a-Velha na mesma província, se bem que os genealogistas a querem fazer de origem francesa, originária da Provença. O mais antigo que se conhece é Álvaro de Proença, pai de Antão Álvares de Proença, avô de Luís de Proença, cidadão da Guarda e bisavô de Belchior de Proença, escudeiro-fidalgo da Casa do Cardeal-infante irmão de D. João III e guarda-roupa do príncipe do Piemonte, a quem o mesmo rei concedeu *carta de brasão de armas de sucessão* em 19 de Julho de 1542. Todos estes Proenças do ramo da cidade da Guarda foram nela pessoas principais e da sua governança.

As armas que usam são: Partido: o primeiro de verde, com uma águia de duas cabeças, de negro, armada e membrada de ouro; o segundo de azul, com cinco flores-de-lis de ouro, postas em sautor. Timbre: uma águia de uma só cabeça, sainte, de negro, armada de ouro.

PUGA. Família da Galiza, de que passou um ramo a Portugal no reinado de D. João III, na pessoa de Gonçalo Anes de Puga, filho de João Correia de Puga e neto de Fernão Pires de Puga, senhor de Alguéns, naquele reino, estabelecendo-se na vila de Ponte do Lima. Também Gonçalo de Puga Quinhones, o *Velho*, natural de Salvaterra, em Espanha, veio casar a Portugal, na vila de Monção, com Ana de Brito Soares, de quem teve: Gonçalo de Puga Quinhones, recebido com D. Isabel Barbosa de Castro, filha de Belchior de Araújo e de sua mulher, Aldonça ou Constança Vasques de Castro, com geração; D. Maria Pereira Quinhones, que contraiu



Proença



Puga

matrimónio com Gaspar de Araújo e Castro filho de Fernão Velho de Araújo e de sua mulher D. Isabel Cerqueira, de quem ficou descendência, e Vasco de Puga Quinhones, recebido com Maria de Araújo e Castro, irmã inteira da mulher de seu irmão Gonçalo, da qual houve geração.

As armas usadas em Portugal pelos Pugas são: De vermelho, com uma espora de ouro nos primeiro e quarto cantões, posta em faixa, com a roseta para a direita e uma caldeira de prata nos segundo e terceiro. Timbre: um braço vestido de vermelho, pegando em uma caldeira de prata pela asa.

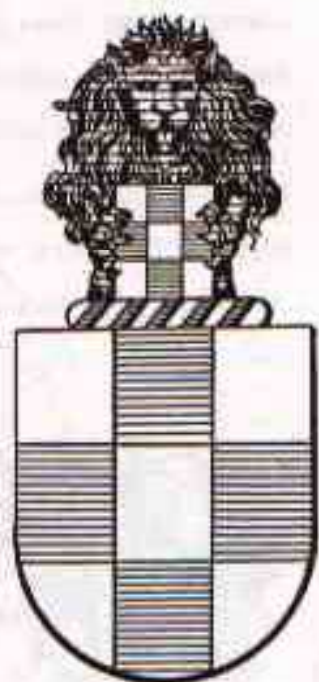




UADROS. Família espanhola proveniente de Alonso de Quadros, fidalgo que passou a Portugal por homízio, quando governava o Reino o Infante D. Pedro, por ser ainda menor seu sobrinho D. Afonso V, e foi alcaide-mor de Sevilha e vinte-e-quatro da terra. Dizem que descendia de Pedro Ilhão, que esteve na batalha de Toledo,

e de sua mulher, Urraca Pires de Quadros. Não se sabe se casou, mas, apenas, que foram seus filhos: Aires Gomes de Quadros, fidalgo da Casa do Infante D. Pedro, escrivão dos Condes de Aveiro e vedor da Fazenda de D. Afonso V, que se recebeu com Antónia de Melo, com geração; Brites de Quadros, casada com Nuno Gil Barreto, irmão inteiro de sua cunhada Brites Gil, com descendência; e Catarina Gomes de Quadros, que alguns autores fazem neta de Alonso de Quadros, talvez com maior verosimilhança, a qual se recebeu com Diogo Henriques, filho de Henrique Dias, flamengo, morador em Aveiro, e de sua mulher Maria Juzarte.

As armas dos Quadros são: Nove pontos equipolados de prata e de azul. Timbre: um leão sainte de azul, armado de prata, posto de frente, tendo nas garras um quadro xadrezado dos esmaltes do escudo.



Quadros

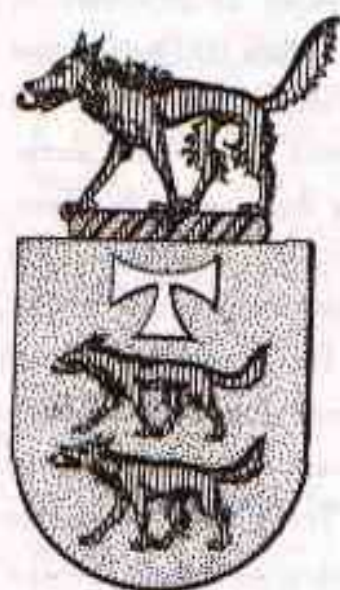
QUARESMA. Família antiga, que tem a mesma origem que a dos Botelhos, pois D. Vasco Martins Mogudo, vassalo de Paio Soares de Valadares, e casado com D. Elvira Vasques de Soverosa, filho de Vasco Fernandes de Soverosa e de sua mulher, D. Teresa Gonçalves de Sousa, teve deste matrimónio a Martins Vasques Barba, cujos filhos se apelidaram Botelho, e do seu segundo casamento com D. Maria Pais, filha de Paio Soares Correia, o *Velho*, e de sua mulher D. Maria Gomes da Silva, houve a Rui Vasques Quaresma. Este se casou com D. Maria Pires de Vide, filha de Pedro Viegas, de cujo matrimónio deixou geração que continuou o apelido de Quaresma, provindo de alcunha.

Os Quaresmas não têm armas, pelo que alguns heraldistas lhes assinalam as dos Pessanhas e as dos Pereiras de Lacerda, como se fossem próprias daquele apelido, e até

os reis de armas assim passaram cartas de brasão. Tais armas são de alianças feitas com famílias dos referidos nomes, pelo que têm direito a usá-las, mas não se podem designar como se pertencessem aos Quaresmas. Os que trazem as armas dos Pereiras de Lacerda usam-nas do seguinte modo: Terciado em pala, o primeiro de vermelho, com uma cruz de prata, florenciada e vazia; o segundo cortado de vermelho, com um castelo de ouro, e de prata, com um leão de vermelho; o terceiro de azul, com três flores-de-lis e seis meias-flores de ouro, postas em três palas, sendo as meias-flores moventes da partição e do flanco.



Quaresma, dos Pereiras de Lacerda



Queimado

QUEIMADO. Família que já existia no reinado de D. Dinis, pois Pedro Martins Queimado é referido nas inquirições mandadas tirar por este soberano, das quais consta ser homem fidalgo. Foi Pedro Martins Queimado, pai de Rui Queimado e avô de Vasco Queimado, que tomou o partido do Mestre de Avis contra o Rei de Castela, o qual contraiu matrimónio com Maria Anes de Escobar, filha de João Gonçalves de Escobar, vedor da fazenda de D. Fernando I. Deste casamento provêm os do apelido de Queimado, que, originariamente, foi alcunha.

As armas que se atribuem a esta família são como seguem: De ouro, com dois lobos de vermelho passantes, um sobre o outro, e um tau de ..., em chefe. Timbre: um lobo do escudo.

Estas armas são as dos Vilalobos e foram usadas por um filho e um neto de Vasco Queimado e de sua mulher Isabel de Vilalobos, não parecendo armas próprias. O tau talvez seja diferença pessoal ou de ramo, sem sentido de formar armas especiais do apelido de Queimado.

QUEIROGA. Família originária da Galiza, de que passou um ramo a Portugal. Em Espanha o apelido é *Quiroga* e tem origem geográfica, pelo que é precedido da preposição *de*.

As suas armas são: De verde, com cinco verguetas de prata, soltas em chefe e aguçadas em ponta.

QUEIRÓS. Grande família de Espanha, que se diz provir do Príncipe Constantino filho dos Imperadores de Constantinopla, o qual socorreu o Papa Estêvão III, indo contra Desidério, Rei dos Longobardos, e pela vitória que contra ele alcançou teve por mercê do mesmo pontífice a apresentação *in solidum* da igreja da Vitória e quarenta benefícios no bispado de Oviedo, regalia que se conservou nos seus descendentes.



Queiroga



Queirós

Serviu o Rei D. Ramiro I, de Leão e o seu sucessor D. Ordonho. Recebeu-se com D. Galinda Bernardó, filha de D. Bernardo del Cárpio e de sua mulher, D. Gosinda, e neta paterna do conde D. Sancho Dias de Saldanha e de sua mulher a Infanta D. Ximena, filha do Rei D. Fruela.

Do príncipe Constantino e de sua mulher, fazem os genealogistas quarto neto, por varonia, a Gonçalo Bernardó de Queirós, sexto senhor da casa de Queirós nas Astúrias e de seus grandes estados, cavaleiro da Ordem da Banda, Conde de Santo Antolím, embaixador de D. Henrique II às cortes de Inglaterra no ano de 1373, libertador da cidade de Oviedo, que se encontrava sob o jugo do Conde de Valença, pelo que ficou seu governador, e teve precedência de voto nas Juntas Gerais. Foi casado com D. Maria de Nava, filha dos condes de Nava. Estes foram pais de Gutierre Gonçalves de Queirós, sétimo senhor da Casa e Solar de Queirós nas Astúrias e dos seus estados, Conde de Santo Antolím, muito estimado do Rei D. Henrique e alferes-mor do Rei D. João I, o qual trazia a bandeira real na batalha de Aljubarrota, a quem nessa ocasião cortaram os braços, conservando-a nos dentes até morrer, pelo que o mencionado soberano concedeu a regalia de ele e seus descendentes serem enterrados na capela real de Toledo e fez mercê de poderem apresentar o arcediogo de Gondim na Sé de Oviedo. Recebeu-se com D. Sancha Queixada, filha dos senhores de Vila Garcia, Condes de Pena Flor, de quem houve geração.

Dão os linhagistas por irmão consanguíneo deste Gutierre Gonçalves de Queirós a Fernando Álvares de Queirós, fidalgo asturiense que, reinando em Portugal D. Fernando I, passou a este Reino. O mesmo soberano lhe fez mercê de uns pisões e azenhas no termo de Alcácer do Sal a 20 de Novembro de 1378, em diplomas o trata por seu conselheiro, além de outras mercês que lhe concedeu. O rei D. João I lhe deu os senhorios da Guarda e de Valhelhas. Recebeu-se Fernando Álvares de Queirós, em Portugal, com D. Elvira de Castro, filha de D. Álvaro de Castro e de D. Maria Ponce de Leão, de quem teve: João de Queirós, de Almendra, que morreu sem geração; Leonor Álvares de Queirós, que por morte de seu irmão teve as vilas de Valhelhas e de Barreiras e casou com Vasco Fernandes de Gouveia, alcaide-mor de Castelo-Branco, senhor dos seus direitos reais, e de Valhelhas, Almendra, Castelo Bom, Loriga, Alvoco da Serra, Verdelhos e Gouveia, com geração, parte da qual seguiu o apelido de Queirós e outra tomou o de Gouveia; e, conforme alguns autores, Maria de Queirós, que teve de seu casamento geração que seguiu os apelidos de Queirós e de Ramalho.

Ao bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, se devem os seguintes versos:

*Descendem do famoso
Bernardo del Carpio
filho do conde D. Sancho
de Saldanha e de sua mulher
a Infanta D. Ximena*

*filha de el Rei D. Fruela.
Tem os deste apelido
seu solar em Asturias
conhecida pelos muitos
cavaleiros que hão saído dela.*

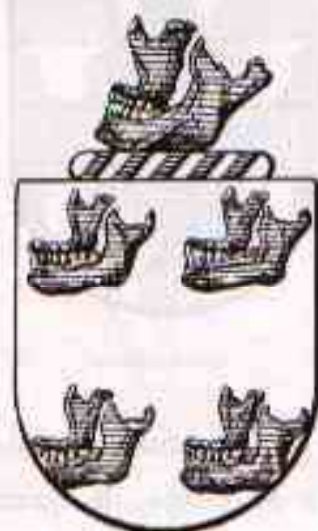
O apelido em Espanha é *Quirós* e tem origem geográfica.

As armas que usam os Queiroses em Portugal são diversas das da Galiza. Trazem as seguintes: Esquartelado: o primeiro e o quarto de prata com seis crescentes de vermelho, 2, 2 e 2; o segundo e o terceiro de prata, com um leão de vermelho. Timbre: o leão do escudo.

QUEIXADA. Família de Espanha, de que passou um ramo a Portugal. Naquele país o apelido se escreve *Quijada*.

As armas que usam são as seguintes: De prata, com quatro queixadas de azul. Timbre: uma queixada do escudo.

QUEVEDO. Família de Castela, com solar nas montanhas de Burgos. Passou a Portugal na pessoa de Diogo Dias de Quevedo, da Casa do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, em cuja companhia veio quando se recolheu ao Reino da sua viagem por vários países. Diogo de Quevedo era da casa e morgado de Laredo, no vale de Gincha, junto do lugar de Santa Olalha, e foi pai de outro de igual nome, a quem D. Afonso V tomou por seu vassalo em 12 de Janeiro de 1406 com 4900 reais. Este teve por filho a Jorge de Cabedo, que se casou em Setúbal com D. Teresa Pinheiro, filha de



Queixada



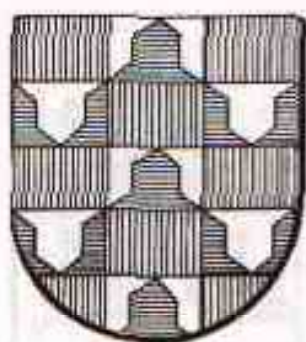
Quevedo

João Pires, da família dos Menagens, e de sua mulher, D. Leonor Rodrigues Pinheiro, com geração que seguiu o apelido, deturpado em Cabedo (v.). Do segundo Diogo Dias de Quevedo também nasceu Gonçalo Dias de Quevedo, cujos descendentes continuaram a usar o apelido sem alteração de forma, obtendo dois dos seus sétimos netos, Francisco Caetano de Quevedo Homem de Magalhães e Araújo e Pedro José Correia de Quevedo Homem de Magalhães, ambos irmãos, cartas de brasão de armas de sucessão em que lhe foram concedidas, entre outras, as do apelido de Quevedo, respectivamente nos anos de 1767 e de 1783.

D. João Ribeiro Gaio, Bispo de Malaca, nos seus versos acerca das famílias nobres do Reino, dedicou aos Quevedos os seguintes:

*Estes em ... viveram
nas das Asturias montanhas
antes dos godos vieram
que sempre prevaleceram
por suas grandes façanhas.*

As armas que usam são: Partido: o primeiro de azul, com três flores-de-lis de ouro cortado de prata, com uma caldeira de negro; o segundo de azul, com um pendão de duas pontas, cortado de vermelho e de prata, carregado de dois crescentes, um de ouro sobre o vermelho e outro do mesmo sobre a prata, o pendão hasteado de ouro.



Quinhones

QUINHONES. Família do reino das Astúrias, da qual no ano de 1240 vivia Álvaro Peres, o mais antigo que se conhece deste apelido, que, em Espanha, se escreve *Quinones*.

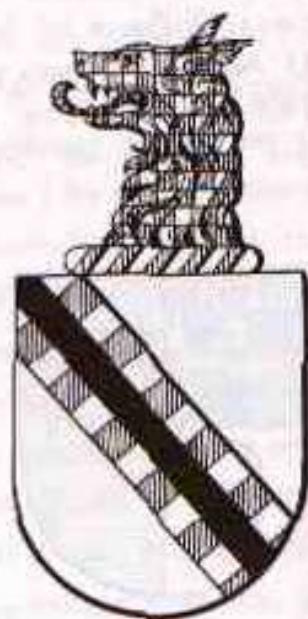
Passou a Portugal na pessoa de João de Quinhones, morador na vila da Vidigueira, onde se casou e deixou geração do mesmo apelido. Era filho de D. Francisco de Quinhones e neto de D. João de Quinhones, que viveram na cidade de Toledo e foram regedores dela.

As armas que lhe pertencem são: Xadrezado de vermelho e de veiros, de quinze peças.

QUINTAL. Família da qual o membro mais antigo que se conhece é Afonso Anes do Quintal, cujo apelido foi tomado do lugar do Quintal, no concelho de Tondela, e que viveu no século XIV. Este apelido tem, também, a forma de *Quental*.

São suas armas as seguintes: De prata, com banda xadrezada de três tiras de vermelho e de prata, a banda carregada de um bastão de negro. Timbre: um pescoço e cabeça de lobo, xadrezados de prata e de vermelho e lampassada do mesmo.

QUINTANILHA. Família castelhana, antiga, que já se encontrou na tomada de Sevilha, aí representada por Fernão



Quintal

Rodrigues de Quintanilha e por Gonçalo Martins de Quintanilha, os quais foram herdados na mesma cidade. Desta família passou, conforme parece, um ramo a Portugal, se bem que em Trás-os-Montes, onde os há, exista também uma freguesia denominada Quintanilha, no concelho de Bragança, de onde podem ter tomado o apelido. Na freguesia do Tojal, concelho de Loures, há um lugar do mesmo nome.

As armas pertencentes aos Quintanilhas são as seguintes: De vermelho, com cruz de veiros; bordadura cosida também de vermelho, carregada de oito aspas de ouro.



Quintanilha



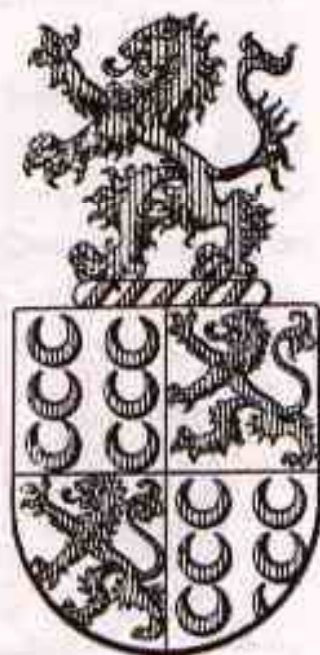


AMALHO. A família deste apelido já existia no século XV, porque um Gonçalo Anes Ramalho casou com Branca Anes de Queirós, filha de Fernão Álvares de Queirós. Conforme alguns autores, provém de Gonçalo Anes Ramalho, casado com Ana de Gouveia, filha de João de Gouveia, senhor de Valhelhas, Almendra,

Castelo Melhor, Castelo Bom, etc., e de sua mulher, Leonor Gonçalves de Ataíde, dos quais procedem os Ramalhos de Queirós, conforme parece, porquanto a origem dos Ramalhos não se conhece e a sua ligação com os Queirozes é apresentada de vários modos. O apelido, pela ausência de preposição, mostra vir de alcunha.

Assinalam-lhe por armas: Esquartelado; o primeiro e o quarto de prata, com seis crescentes de vermelho, postos 2, 2 e 2; o segundo e o terceiro também de prata, com um leão de púrpura. Timbre: o leão do escudo.

Estas armas são as de Queirós, que vinham a Ana de Gouveia por sua avó paterna. Leonor Álvares de Queirós, filha de Fernão Álvares de Queirós, fidalgo galego, que passou a Portugal e aqui teve o senhorio de muitas terras, entre elas a de Valhelhas. A diferença de o leão ser de púrpura em vez de vermelho não é propositada, mas resultante da confusão que no século XIX se fazia entre as duas cores, pelo que não se devem considerar armas próprias do apelido. Só os ramos ligados aos Queirozes podem usar as destes e conforme vão descritas em *Queirós*, pois as outras se devem ter por adulteração e, portanto, inexistentes.



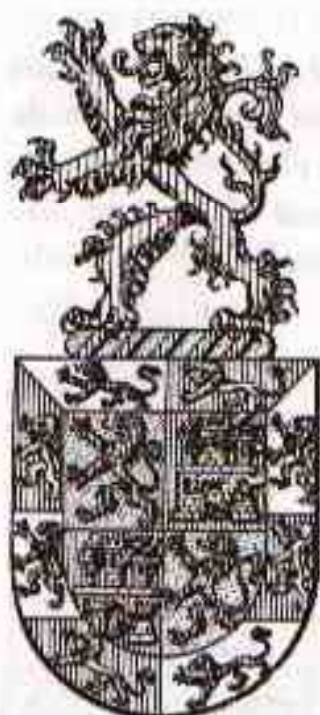
Ramalho

RAMIRES. Apelido que, na origem, foi patronímico de Ramiro. Por ser desta natureza é possível que haja em Portugal várias famílias assim denominadas, sem provirem do mesmo tronco. O nome próprio Ramiro foi, entre nós, pouco usado, pelo que parte dos que se chamam Ramires devem ter vindo de Espanha. Sabe-se da existência de uma família portuguesa deste nome, descendente de Ramiro Álvares, morador em Alvito, no Alentejo, e fundador da Misericórdia da mesma vila, onde fez jazigo para os seus. Estes usam armas muito diversas das várias famílias Ramirez que há em Espanha.

Trazem os Ramires de Portugal, as seguintes armas: De vermelho, com um leão de ouro, desfolhando um ramo verde picado de ouro e contrachefe de prata; bordadura cosida de azul, carregada de quatro aspas e quatro vieiras de ouro, as aspas nos ângulos do escudo. Timbre: uma aspa de vermelho, carregada de cinco vieiras de ouro.

RAMOS. Devem existir várias famílias deste apelido, umas portuguesas, outras de proveniência espanhola, porque é de origem religiosa na maioria, embora algumas vezes possa ter sido tomado de topónimos.

As armas usadas pelos Ramos portugueses são como seguem: Esquartelado: o primeiro e o quarto de ouro, com um leão de vermelho; o segundo e o terceiro de vermelho, com um castelo de prata ardendo em chamas que lhe saem do alto, da porta e das frestas; bordadura composta de prata e de vermelho, de oito peças, cada peça carregada de um leão de um no outro. Timbre: um leão de vermelho.



Ramos



Ramires

RANGEL. Família antiga, que procede de Gonçalo Gonçalves, morador junto da cidade de Coimbra, na sua quinta de Ronge, que depois se chamou Rangel, situada na ribeira de Coselhas, a qual tinha muitos privilégios, tais como o de couto de homiziados. Pouco mais de um quarto de légua para norte havia uma magnífica capela, que, conforme o letreiro, se dizia ter sido feita por João Álvares Rangel, fidalgo da Casa de D. Afonso V, no ano de 1463, com licença do bispo de Coimbra, D. Jorge de Almeida, a qual se veio a arruinar e foi reconstruída em 1658 por Brás Rangel Pereira de Sá, fidalgo da Casa Real. A sua invocação era de Nossa Senhora da Conceição.

Diz-se que Gonçalo Gonçalves combateu contra os Mouros e foi encarregado da reedificação de Soure, em 1125, e que D. Afonso Henriques o armou cavaleiro na igreja de S. João de Almedina, em Coimbra. Foi seu filho e sucessor da Casa Diogo Dias de Coimbra, contemporâneo de D. Sancho I, o qual era conhecido pelo *Moedeiro*, por ser governador e tesoureiro da Casa da Moeda, que estava então na referida cidade. Casou

com D. Exameia Pires da Maia, filha de D. Pedro Pais da Maia, alferes-mor de D. Afonso Henriques, e dela teve Vicente Dias de Coimbra, muito rico e honrado, que exercitou os mesmos officios na Casa da Moeda e succedeu na fazenda paterna, recebendo-se com D. Boa Gonçalves Mexia, filha de Diogo Gonçalves Mexia e de sua mulher, D. Elvira de Cambra. Foi filho destes D. Godinho de Coimbra, que viveu no tempo de D. Afonso III, passou a Castela e aí serviu D. Afonso, o *Sábio*, nas guerras que teve

com seu filho, e se tornou digno de privar com este soberano. Contraiu matrimónio com D. Maria Nunes de Gusmão e, entre outros, houve por filho a Afonso Godina, que passou com seu pai a Castela, e, depois da morte de D. Afonso, o Sábio, serviu seu filho D. Sancho. Foi valido e chanceler do Infante D. Fernando, que lhe confirmou, sendo rei, a doação da vila de Celeruche, em 19 de Setembro de 1291, e no mesmo reino se recebeu com D. Inês Pires Tenório, filha de D. Pedro Rodrigues Tenório e de sua mulher, D. Teresa Pires de Sotomaior. Nasceram deste casamento vários filhos; um dos quais, Martim Afonso Rangel, sucedeu em toda a Casa que seu pai possuía em Portugal, viveu no reinado de D. Dinis, em cujas inquirições se provou que trazia três casais por honra, no lugar do Penso, freguesia de São Paio de Riba de Vizela, e ao referido monarca fez grandes serviços. Foi senhor do lugar de Ferreiros e outros, e do seu casamento deixou geração que continuou o apelido Rangel.



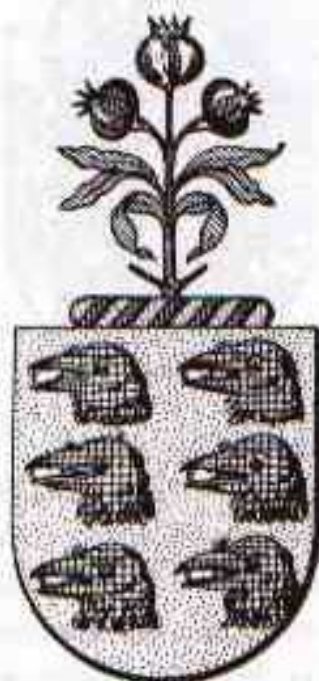
Rangel, de Coimbra

As armas dos Rangéis, de Coimbra, são as seguintes: De azul, com uma flor-de-lis de prata; bordadura de ouro, carregada de sete romãs de verde, abertas de vermelho. Timbre: um ramo de romeira com três romãs abertas, tudo de sua cor ou escudete de azul carregado de uma flor-de-lis, de prata.

Os Rangéis, de Aveiro, que procedem de Leonor Anes Rangel, filha de Miguel Rangel, pessoa de distinção da mesma vila, e de seu marido Filipe Rolão, natural daí, trazem por armas: De ouro, com seis cabeças de corvos de negro, postas 2, 2 e 2, tendo cada uma no bico um pão de sua cor. Timbre: um ramo de romeira com três romãs abertas, tudo de verde.

Em Espanha os Rangéis usam outras armas.

RAPOSO. Família que se diz provir por varonia da dos Meneses, descendendo de D. Telo Pires de Meneses, rico-homem, senhor de muitas terras, e de sua mulher, D. Urraca Garcia, por seu filho, D. Afonso Teles de Meneses, povoador de Albuquerque, senhor de Valhadolide, Monte Alegre, Medelim e da vila de Meneses, que esteve na batalha das Navas de Tolosa, na guerra da Andaluzia e na tomada de Jaen, o qual foi casado com D. Teresa Rodrigues Girão, de quem nasceu D. João Afonso Teles de Meneses, rico-homem de seu primo o Rei de Portugal, D. Afonso III. Esteve na conquista da Andaluzia e do reino de Múrcia e acompanhou o Rei português na conquista do Algarve, com as suas naus. Recebeu-se com D. Elvira ou Berengueira Gonçalves, filha de Gonçalo Rodrigues Girão, mordomo-mor de D. Afonso VIII, rei de Castela, e de sua segunda mulher, D. Marquesa ou Elvira Dias, filha de

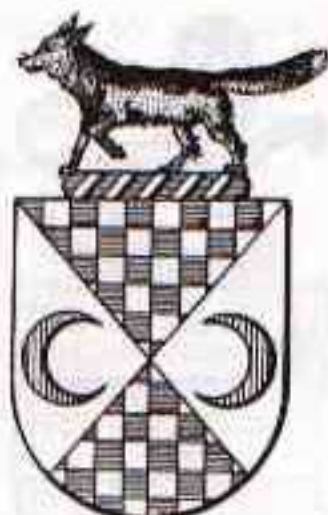


Rangel, de Aveiro

Diogo Gomes de Castanheda, de cujo matrimónio houve a D. Gonçalo Anes de Meneses, o *Raposo*, rico-homem do Rei D. Sancho o *Bravo*, de Castela. Vivia por 1283 e casou com D. Urraca, filha de Fernão Anes de Lima e de sua mulher, D. Teresa Anes, de quem teve vários filhos, entre os quais D. João Gonçalves, por alcunha o *Raposo*, que foi casado e alguns autores dizem não deixou geração.

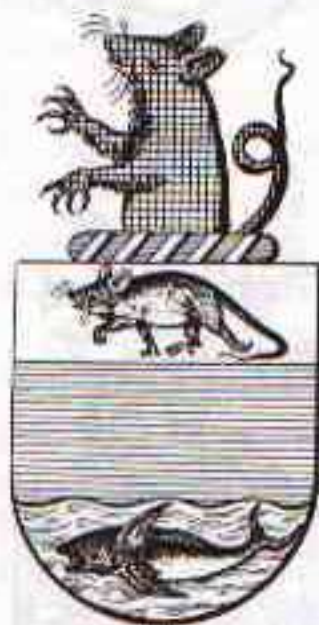
Deste ou de algum dos irmãos parece ser descendente Gil Vaz Raposo, cuja descendência se ligou aos Lobos, de Beja. Se os Raposos não provêm dos Meneses, mas têm diversa origem, ela é, na mesma, quanto ao apelido, começada em alcunha.

As armas que usam os Raposos são como seguem: Franchado: o primeiro e o quarto xadrezado de azul e de prata, de miúdas peças; o segundo e o terceiro de prata, com um crescente de vermelho deitado, o da direita voltado. Timbre: um raposo de ouro passante.



Raposo

RATTON. Família francesa que passou a Portugal no século XVIII nas pessoas de Jácome Ratton e de seus pais, Jácome Ratton e Francisca Bellon, de quem era filho único e legítimo. O pai, cujo nome na forma original era Jacques, teve o officio de conselheiro secretário do Rei, da Casa e Coroa real de França e das suas rendas, foi escudeiro-fidalgo, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, e morou em Lisboa, para onde veio com sua mulher e filho, sendo este ainda pequeno.



Ratton

Jacques ou Jácome Ratton, seu filho, teve o foro de escudeiro-fidalgo, foi cavaleiro professo da Ordem de Cristo e requereu brasão de armas, que se lhe passou em Paris a 16 de Março de 1784. Casou este Jácome Ratton com D. Ana de Clamouse, filha de Bernardo de Clamouse, cônsul-geral da França na cidade do Porto, e de sua mulher, D. Genoveva Martefocher, de quem houve a Diogo Ratton de Clamouse, morador em Lisboa, que requereu o registo das armas passadas em França a seu pai, das quais se lhe concedeu Carta de sucessão a 13 de Fevereiro de 1788.

As armas deste apelido são: De azul, com um atum de sua cor, nadante num mar de prata, em ponta, e um chefe, também de prata, carregado de um rato de sua cor, passante. Timbre: o rato de negro, sainte.

REBELO. Família antiga e das mais qualificadas, a qual descende de D. Paio Delgado, fidalgo do tempo de D. Afonso Henriques, com quem se achou na tomada de Lisboa em 1147, fundador da albergaria que ficou conhecida pelo seu nome, em Santa Justa de Lisboa, junto do Poço do Borratém. Teve de sua mulher, D. Joana, a D. Pedro

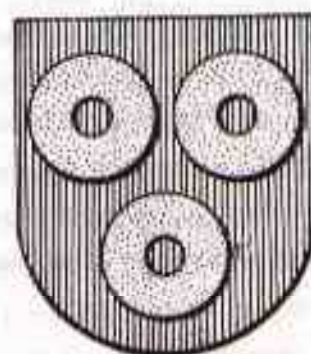


Rebelo

Pais, de quem provêm os Soares de Albergarias, e Martim Pais, que se recebeu com D. Teresa Afonso, filha de Afonso Moela e de sua mulher, D. Teresa Esteves. Deste matrimónio nasceu Afonso Martins, contemporâneo dos Reis D. Sancho I e D. Afonso II, senhor das quintas de Lobão e de Rebelo, pai de Vasco Afonso, casado com D. Maria Anes, da terra de Santa Maria. Foi seu filho Rui Vasques Rebelo, que parece ter sido o primeiro que tomou o apelido, por ser senhor do couto e Casa de Rebelo. Era fidalgo muito principal e contraiu matrimónio com D. Teresa Soares de Gusmão, de quem houve descendência que seguiu o apelido.

Os Rebelos usam as seguintes armas: De azul, três faixas de ouro, cada faixa carregada de uma flor-de-lis de vermelho; as três flores-de-lis alinhadas em banda. Timbre: antigo — duas flores-de-lis de vermelho, a par; moderno — um leopardo de ouro, armado de azul, com uma flor-de-lis de vermelho na testa.

REBOLO. Apelido cuja origem se desconhece. As armas que lhe atribuem são estas: De vermelho, com três rebolos de ouro, vazios em redondo.



Rebolo

REBOREDO. Família espanhola que passou a Portugal. Brás Martins de Reboredo, natural de Baeça, casou em Borba em 1559 com Inês Ligeiro, filha de Pedro Gonçalves e de Catarina Gonçalves. Morreu antes de 1578, pois neste ano sua viúva contraiu segundas núpcias com Manuel de Além, filho de Simão Peres e de Inês Velho. Deixou geração, que continuou a usar o apelido de Reboredo.



Reboredo

Em Setúbal vivia no reinado de D. João II um Diogo de Reboredo, cuja descendência se espalhou por Alcácer do Sal, Alter do Chão e Torres Novas.

Esta família em Espanha chama-se *Rebolledo* e as armas que usam os deste apelido, tanto naquele país como cá, são: De ouro, com três ramos de carvalho de verde, postos em pala e alinhados em faixa. Timbre: um braço armado de prata, com um ramo do escudo na mão.



Reboredo (outros)

Outros que usam o mesmo apelido têm por armas as seguintes: De azul, um grifo de prata. Timbre: o grifo do escudo.

Santos Ferreira diz que, por erro de escrita e de leitura, se fez de Reboredo, Reboledo, Revoredo, Rovoredo, Roboredo, Revalado e, até, Revaldo e Reivaldo (v. *Revoldo*).

REDONDO. Apelido que existiu com pouca disseminação em Portugal, na Idade Média, o qual parece ter-se extinguido cedo.

Manuel de Sousa da Silva escreveu esta quintilha, em que se fala dos Redondos:



Redondo

*Sequeira honra antiga
Foi dos Redondos morada
A um seu filho deixada
Sua geração abriga
De Sequeira ser chamada.*

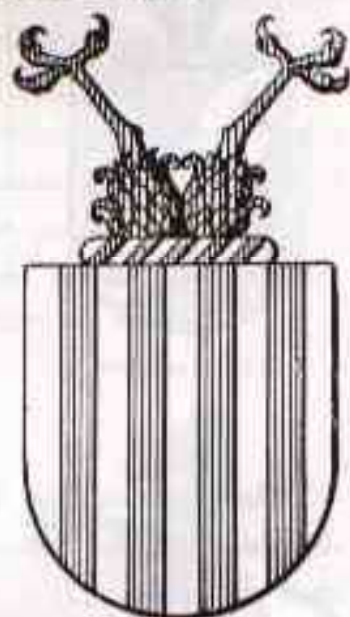
Atribuem-se as armas abaixo descritas a família deste apelido, mas não se sabe se pertenceram a quem naquela época o usou, se a alguma família espanhola, visto que ele também existe na Espanha, porém com armas diversas das que se indicam. Aquelas, são: De ouro, com uma águia de negro, estendida.

REFÓIOS. Família antiga que procede de Afonso Ancesmondes, fidalgo que morava a uma légua de Ponte do Lima, no seu solar de Refóios, o qual serviu o Conde D. Henrique e depois seu filho o Rei D. Afonso Henriques. Teve, como seus ascendentes, o padroado da igreja de Santa Maria de Refóios, antes de ser erecta em mosteiro, como refere uma doação do ano de 1154, feita com os cônegos regantes de Santo Agostinho. Do seu casamento houve a D. Mendo Afonso de Refóios e outros, entre os quais Pedro Mendes, que foi arcediogo da sé de Tui, na Galiza, e primeiro-prior do mosteiro de Santa Maria de Refóios.

D. Mendo Afonso, o que primeiramente usou o apelido de Refóios, sucedeu na casa paterna, foi rico-homem pelos anos de 1137 a 1142, serviu nas guerras que houve em seu tempo. Contraiu matrimónio duas vezes, a primeira, com D. Gontinha Pais da Silva, viúva de Pedro Guterres da Silva, e a segunda com D. Sancha Gonçalves, mas só daquela mulher se conhece geração, que continuou a usar o apelido de Refóios.

A Manuel de Sousa da Silva se devem estes versos dedicados aos Refóios:

*Lá em Refoyos do Lima
Teve casa sublimada
Donde veio para Parada
A geração que se estima
Por ter esta nomeada.*



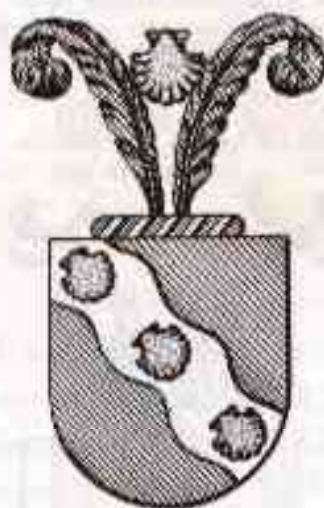
Refóios

As armas usadas por esta família são: De prata, com quatro palas de vermelho. Timbre: duas pernas de águia de vermelho, armadas de ouro, postas em asna invertida, ou duas pernas de águia, de ouro, postas em pala, as garras para cima, segurando um bastão de prata, em faixa, o todo entre quatro penachos de vermelho.

REGO. Provém esta família de D. Mem de Gundar, natural das Astúrias, fidalgo que veio com o conde D. Henrique, em serviço da rainha D. Teresa. Casou na Galiza com D. Goda, foi fidalgo muito principal, que assistiu no concelho de Gestão, alcaide de Celorico de Basto, fundador do mosteiro de freiras da Ordem de S. Bento, senhor da S. Salvador de Lafões e sepultado em Telões. Teve diversos filhos, e entre eles D. Egas Mendes de Gundar, casado com D. Maria Viegas ou D. Maior Pais Pinto, do qual foi neto ou bisneto Lourenço do Rego, senhor da quinta de Rossas, contemporâneo dos Reis D. Sancho II e D. Afonso III. Deixou geração que continuou o apelido, que parece ser

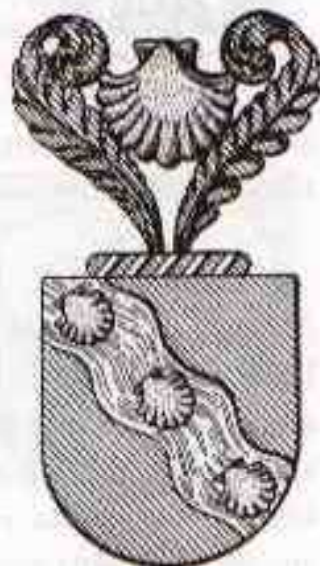
tomado da honra do Rego, no lugar de Lordelo, concelho de Lanhoso.

Fez o seiscentista Manuel de Sousa da Silva, distinto investigador, a seguinte quintilha dedicada aos Regos:



Rego (antigo)

*De Rossas por certo digo
São os Regos naturaes
Cavalleiros principaes
Sempre no tempo antigo
Conhecidos por leais.*



Rego (moderno)

As armas antigas dos Regos são: De verde, com banda onçada de prata, carregada de três vieiras de ouro, perfiladas de azul. Timbre: uma vieira do escudo entre dois penachos de verde.

Modernamente trazem as seguintes: De verde, com banda onçada e aguada de sua cor, carregada de três vieiras de ouro. Timbre: uma vieira do escudo, entre duas plumas de verde, picadas de ouro.

REGRAS. Apelido extinto, de família que já existia no reinado de D. Afonso II, pois a 30 de Março de 1214 assina uma doação deste Rei um fidalgo com o apelido de Regras. O varão mais ilustre da família foi o Dr. João das Regras, a quem o Mestre de Avis deveu o trono pela argumentação jurídica que empregou contra os restantes pretendentes.

As armas que usou o Dr. João das Regras, conforme se vêem no seu túmulo, são as adiante descritas, que não se sabe se lhe provinham de seus antepassados ou se foram

armas novas: De vermelho, com duas coticas de ouro passadas em aspa, acompanhadas de duas cruzes florenciadas e vazias do mesmo, uma em chefe e outra em ponta, e de duas serpes voantes em pala, também de ouro, uma em cada flanco, a da esquerda voltada. Timbre: uma serpe do escudo.

REIMÃO. Família que não é conhecida desde a origem, pelo que não se sabe, ao certo, qual a proveniência do nome, que uns pretendem venha de um peixe que seria assim chamado e, então, seria o apelido tirado de alcunha e outros que signifique o mesmo que *Reimondo* e, neste caso, tratar-se-ia de patronímico. *Reimondo* é o mesmo que *Raimundo*, cujos genitivos são *Reimondes* e *Raimundes*. Nas primeiras gerações da linhagem



Reimão

qual veio um ramo para Portugal. Atribuem-se-lhe as armas dos Reinosos.

REINOSO. Família espanhola, que se diz ser a mesma que a dos Reinéis. De ambos os apelidos havia pessoas em Portugal, já no século XVI. As armas que se atribuem a ambos os apelidos são: De prata, com uma cruz florenciada de vermelho, vazia; bordadura composta de vermelho e de prata, de dezasseis peças. Timbre: um galgo sainte de negro, coleirado de vermelho, perfilado de ouro; ou a cruz do escudo.

REIS. Não há uma só família deste apelido, por ser de natureza religiosa e, portanto, ter várias origens. No século XVII



Regras

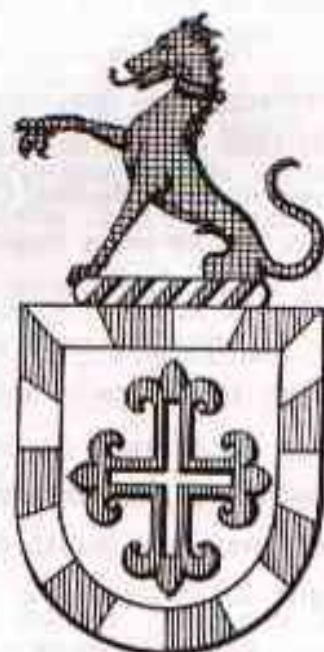
dos Portocarreiros usou-se o patronímico Reimondes derivado de D. Reimondo Garcia de Portocarreiro, que começou o apelido por ter o senhorio de Portocarreiro, junto do Marco de Canaveses.

Os que presentemente usam o apelido de Reimão e descendem de Pedro Anes Reimão, chamado *o de Santa Cruz*, por viver na quinta do mesmo nome, em Riba-Douro, privilegiada, e se diz que era honra, cuja ascendência se desconhece.

As armas que se atribuem aos Reimões, Reimondes e Reimondos são as seguintes: Esquartelado: o primeiro e o quarto de azul, com uma flor-de-lis de prata; o segundo e o terceiro de prata, com uma árvore de verde. Timbre: um reimão de prata, com um ramo de árvore na boca.

REINALDO. V. *Revaldo*.

REINEL. Família espanhola, da



Reinoso



Reis

foram largamente usados os nomes dos Reis Magos, que já se empregavam na centúria anterior e continuaram a utilizar-se bastante também na seguinte.

O nome dos Santos Reis ainda hoje se emprega, porém, *muito reduzidamente e sem que Belchior, Gaspar e Baltasar venham acompanhados de outra designação*, a não ser quando aplicados em homenagem a algum antepassado que tenha usado qualquer deles. No século XVII, sobretudo, os Belchiores dos Reis, Gaspaes dos Reis e Baltasares dos Reis eram numerosos e em muitas famílias se viam os três postos em irmãos.

De qualquer dos nomes dos Reis Magos se derivaram famílias de apelido Reis.

João José dos Reis, nascido a 11 de Maio de 1820, em São Salvador de Matosinhos, foi do Conselho de Sua Majestade, fidalgo cavaleiro da Casa Real, comendador da Ordem de Cristo de Portugal e do Brasil e de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, dignitário e cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa, etc., 1.º Visconde de São Salvador de Matosinhos por Decreto de 5 de Junho de 1873, elevado a 1.º Conde por Decreto de 29 de Janeiro de 1880.

Era filho de Francisco José dos Reis, capitão da Marinha Mercante, que serviu o Brasil como oficial honorário da Armada e em tal qualidade entrou na guerra do Rio da Prata, onde praticou actos de bravura, porquanto foi diversas vezes louvado pelo *almirante Jacinto Roque de Sena Pereira, e de sua mulher, D. Rita Rosa da Silva*. Seu avô paterno se chamou Joaquim José dos Reis, era negociante e casado com D. Maria Rosa Coelho.

Sendo ainda Visconde, João José dos Reis teve em 21 de Março de 1874 Carta de brasão de armas, renovando uma que ele alegou se haver desencaminhado e lhe fora passada em 29 de Novembro de 1862, com as armas dos Rochas e, por diferença, uma brica de azul com uma arruela de ouro.

Tinha já o título de Conde quando requereu acrescentamento das armas atrás mencionadas, pelo que, com ele, lhe foi passada novo diploma. Por alvará de 17 de Dezembro de 1880 e Carta de Março de 1881 se lhe deram as seguintes armas: Partido: o primeiro com as armas da Real Confraria de São Salvador de Matosinhos (que são partidas das dos Reino e de prata com cinco chagas de vermelho, postas em sautor); o segundo cortado de Reis e de Araújo, estas, porém como nas Cartas de 1862 e 1874, com a diferença.

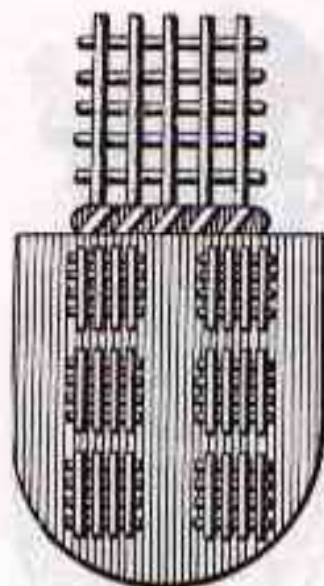
É esta inconcebível Carta de armas a única, como se supõe, que tenha o apelido Reis representado heráldicamente.

A carta não diz quais as armas que lhe competem, mas o Visconde de Sanches de Baenas, na *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal*, descreve-as e apresenta em gravura o brasão do Conde de São Salvador de Matosinhos, conforme a última carta que lhe foi passada.

Não concordam a descrição e a gravura, pelo que não sabemos a qual delas se deva crédito.

Diz a descrição: De azul, com uma estrela de ouro, de oito raios. No desenho vê-se porém, uma moleta. Assim vai, pois, representada na gravura, visto não se poder confiar nas descrições heráldicas dos últimos reinados, tão manifesta era a falta de conhecimentos dos oficiais da nobreza das armas.

Estas armas dos Reis somente competem aos descendentes do primeiro Conde de São Salvador de Matosinhos.

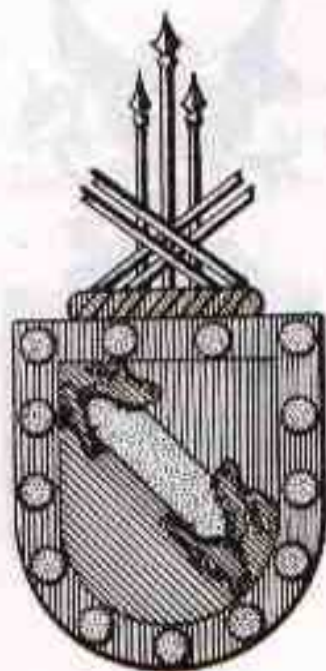


Reixa.

REIXA. Família cuja origem se ignora e na qual o apelido deve provir da alcunha. Os mais antigos que se conhecem parecem ser naturais de Portalegre. Andresa Reixa e seu marido, Francisco Pires Tavares, vieram na segunda metade do século XVI e seus descendentes, embora com quebra de varonia, continuaram a usar o apelido Reixa, tendo seu quinto neto Rodrigo Reixa da Costa Barrantes Maldonado, de Portalegre, tirado Carta de brasão de armas de sucessão, que lhe foi passada a 11 de Dezembro de 1790, com escudo partido de Reixas e de Costas.

As armas desta família são: De vermelho, com seis reixas de prata, postas 2, 2 e 2. Timbre: uma reixa do escudo.

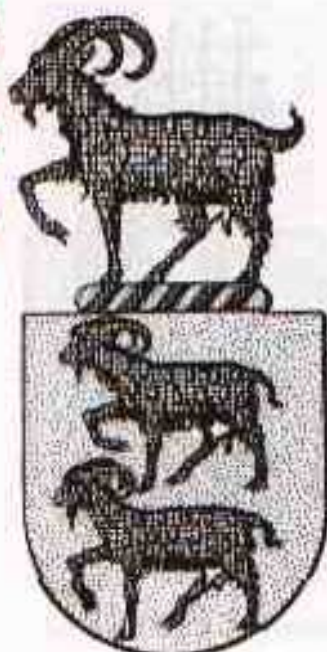
RENDON. Família de Espanha, procedente de Garcia Peres Rendon, de Burgos, da linhagem dos Sarmentos. Passaram ao serviço de Portugal, fixando-se no Brasil. Veio de Espanha D. João Mateus Rendon, ilustre fidalgo da cidade de Cória, no reino de Leão, e dois irmãos, na armada de Castela, que com a de Portugal foi restaurar a cidade da Baía, que estava em poder dos Holandeses, e daí passou à de São Paulo, levantando à sua custa uma companhia para a restauração de Pernambuco. Era filho de D. Pedro Mateus Rendon, fidalgo de vingar quinhentos soldos, segundo o foro de Espanha, regedor das Justiças pelo estado da Nobreza da vila de Ocanha, e de D. Madalena Clemente de Alarcon Cabeza de Vaca, e casado com D. Maria Bueno da Ribeira, filha de Amador Bueno da Ribeira, capitão-mor e governador da capitania de São Vicente e São Paulo e nela provedor da Fazenda Real e ouvidor, de cujo matrimônio deixou geração.



Rendon

São as seguintes as armas deste apelido: Fendido de vermelho e de verde, com banda de ouro abocada por duas cabeças de serpe do primeiro esmalte, brocante sobre o fendido: bordadura cosida de vermelho, carregada de treze besantes de ouro. Timbre: um feixe de sete lanças, três inteiras e quatro quebradas passadas em aspa.

RESENDE. Família das mais ilustres e antigas de Portugal, pois provém de D. Arnaldo de Baião, casado com D. Ufo, de quem nasceu D. Gosendo Araldes de Baião cavaleiro



Resende.

muito esforçado, que serviu os reis de Castela, D. Fernando e D. Garcia, nas guerras contra os Mouros. A seu pai succedeu no senhorio de Baião e em muitas fazendas nas margens do Cávado e foi senhor de Penaguião e no ano de 1030 governador da Justiça. Do seu casamento teve Egas Gosendes de Baião, rico-homem de D. Afonso VI, Rei de Castela, figurando como confirmante nos anos de 1111 e 1112. Em 1124 deu foral à vila de Sernancelhe. Foi casado com D. Useu Viegas, filha de D. Egas Ermiges, o *Bravo*, e de D. Gontinha Eriz, de cujo matrimónio houve D. Hermigio Viegas de Baião, que se recebeu a primeira vez com D. Teresa Pires de Bragança, filha de D. Pedro Fernandes de Bragança, de quem proveio descendência, e a segunda com D. Urraca Afonso, filha de D. Afonso Viegas e de D. Aldara Pires, da qual houve D. Rodrigo Afonso de Baião, marido de D. Maria Gomes da Silva, viúva de D. Paio Soares Correia e filha de D. Gomes Pais da Silva e de

D. Urraca Nunes. Nasceu deste casamento Afonso Rodrigues, o *Rendamor*, que contriui matrimónio com D. Maior Pires, que fora freira no mosteiro de Arouca, filha de Pedro Fernandes Portugal e de D. Froilhe Rodrigues de Pereira, da qual teve entre outros filhos a Martim Afonso de Resende e a Giraldo Afonso, cujo apelido tomou do senhorio de Resende, que lhes veio por linha feminina.

O illustre quinhentista João Rodrigues de Sá escreveu acerca desta familia as duas quintilhas seguintes:

*Num escudo em campo douro
duas cabras ajuntadas,
de gotas douro malhadas,
da cor quee hum negro mouro
desta mesma cor pintadas.*

*Quem bem em nobreza entende
achara que a de Reesende
foy grande per sua lança,
ha muytos tempos em França,
donde acha que desçende.*

As armas usadas pelos Resendes, são: De ouro, com duas cabras de negro, gotadas do campo e passantes uma sobre a outra. Timbre: uma cabra do escudo.

REVALDO. Diz-se que é familia estrangeira, que veio para Portugal antes do reinado de D. Manuel I e alguns lhe chamam, também, Reinaldo e Reváledo.

Atribuem-se-lhe por armas as que seguem: De azul, com um grifo cosido de negro, realçado de ouro, armado e lampassado de vermelho. Timbre: o grifo do escudo (v. *Reboredo*).

REVÁLEDO. V. *Reboredo* e *Revaldo*.



Revaldo

RIBAFRIA. Linhagem moderna que principiou com Gaspar Gonçalves, filho de Gonçalo Anes, natural de Sintra, do lugar de Ribafria, na freguesia de Santa Maria. Foi cavaleiro da Ordem de Cristo, durante muitos anos prestou bons e contínuos serviços ao Rei D. Manuel I e, também, a seu filho D. João III, com muitos trabalhos e vigílias e com toda a lealdade, fidelidade e amor. A este soberano serviu em outras coisas de grande importância para a sua Casa, procedendo sempre como homem bom e virtuoso, pelo que o Rei D. João III o fez fidalgo de cota de armas e de solar, removendo-o do número geral e conto dos homens plebeus, reduzindo-o e pondo-o no conto e estimação dos nobres fidalgos, lhe deu por apelido para ele e seus descendentes o de Ribafria, determinou que a torre e quinta chamada de Ribafria, com todo o seu anexo, em Sintra, fossem solar e morgado da família, cujo vínculo ele instituiu em 1536, e concedeu-lhe Carta de armas novas.

Gaspar Gonçalves foi porteiro da Câmara dos Reis D. Manuel I e D. João III, seu valido e por sua mercê alcaide-mor da mesma vila, officio que comprara a Francisco de Azevedo, senhor de Ponte de Sor, e casou com D. Luísa de Sá, filha de Gaspar de Sá, de quem deixou geração, continuadora do novo apelido.

Ao bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, se deve a seguinte quintilha:

*Em campina de alegria
uma terra empinada
por armas foi colocada
a quem se diz Ribafria
alcaide mor da mesnada.*

Trazem por armas as que lhe deu D. João III, que são: De verde, com uma torre de prata, lavrada de negro, coberta de xadrez de ouro e de azul, ladeada em chefe de duas estrelas de ouro, de seis raios, e assente numa ribeira de prata, ondada de azul.

Timbre: um leopardo de azul, com uma estrela do escudo na espádua.



Ribas

RIBAS. Família espanhola, que se diz haver tomado o apelido da vila de Rivas, junto a Ledesma. Parece antiga, pois já na batalha das Navas se encontrou Salvador Garcia de Ribas, a quem o Rei D. Afonso armou cavaleiro. Esta família passou a Portugal, fixando-se no Alentejo.

Trazem por armas os Ribas as seguintes: De ouro, com uma cruz florenciada de azul e bordadura do mesmo, carregada de sete flores-de-lis do primeiro esmalte.

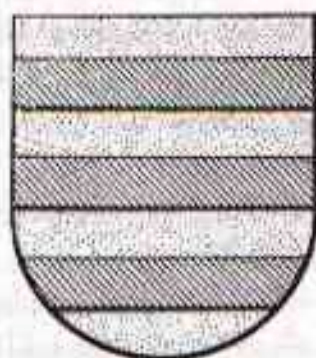


Ribafria



Ribeira, de Damião Dias

RIBEIRA. Família espanhola que passou a Portugal no tempo do Rei D. Manuel I, com Rui Dias da Ribeira, alcaide-mor da vila da Amieira, o qual se casou com D. Joana de Ornelas, filha de João de Ornelas, que serviu em África com Nuno Fernandes de Ataíde, mostrando grande valor, e depois com o Duque de Bragança, na tomada de Azamor, e de sua mulher Cecília de Moura. Deixou geração ilustre.



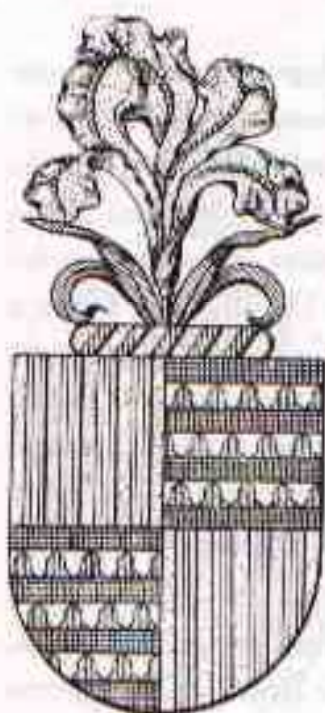
Ribeira (outros)

Os descendentes de Damião Dias da Ribeira, escrivão da Fazenda dos Reis D. Manuel I e D. João III, filho do mencionado Rui Dias da Ribeira, usam as seguintes armas: De azul, com um leopardo rampante de prata, armado de ouro, e chefe do mesmo, carregado de três estrelas de vermelho, alinhadas. Timbre: o leopardo do escudo, nascente, com uma estrela também do escudo na testa.

Outros Ribeiras, que em Espanha se chamam *Ribera*, trazem por armas: De ouro, com três faixas de verde.

RIBEIRO. Ilustre e antiga família que procede do Rei D. Fruela II e de sua mulher D. Nunila, por seu filho D. Ramiro privado do Reino por seu primo D. Ramiro II, que o cegou e a seus irmãos, o qual foi pai do Infante D. Ordonho, o Cego, que alguns pretendem fosse filho do Rei D. Ramiro II e de sua mulher D. Teresa ou de D. Ramiro III de Leão e de sua mulher D. Urraca e, ainda, de D. Fruela II, que se lhe dá por avô, e dizem haver casado com D. Cristina. Deste nasceu o Conde D. Ordonho Ordonhes, Conde de Cabreira e Ribeira, senhor de Lemos e Sarria e de muitas terras na Galiza, o qual serviu o Rei D. Fernando, o *Magno*, nas guerras e casou com D. Urraca Garcia, filha herdeira de Garcia Fernandes, Conde de Garamon e senhor de Aza, e de sua mulher D. Urraca Osório. Foi seu filho D. Garcia Ordonhes, o de *Cabreira*, assim chamado por ser senhor de Cabreira e também o foi de Aza pelos anos de 1040, senhorio este que lhe veio por sua mãe. Foi cavaleiro de valor e um dos maiores senhores do seu tempo. Morreu no ano de 1083. Casou com a Infanta D. Elvira, senhora de Toro, que morreu no ano de 1087, filha do Rei D. Fernando, o *Magno*, e de sua mulher D. Sancha. Entre os vários filhos de D. Garcia Ordonhes figura o Conde D. Osório de Cabrera, primogénito, natural de Cabreira, que veio povoar Portugal, se bem que há divergências sobre o nome de seu pai, que uns pretendem fosse D. Guterre Osório, o que parece impossível por a tal se opor a cronologia, outros que seria irmão de D. Martim Osório, senhor de Vilalobos, Cabreira e Ribeira e ambos filhos de D. Rodrigo Vela, senhor das mesmas terras e netos do Conde D. Vela Osório, mas a maioria dos autores segue a primeira opinião. D. Osório de Cabrera viveu nos reinados de D. Sancho II e D. Afonso VI de Leão e veio para Portugal com o Conde D. Henrique e aqui povoou muitos lugares. Casou com sua prima

D. Sancha Moniz, filha de D. Moninho Fernandes de Touro, filho bastardo do Rei D. Fernando o *Magno*, avô materno do Conde D. Osório. Seu filho, o Conde D. Moninho Osório, veio com seu pai, foi rico-homem de D. Afonso Henriques e casou com D. Maria Nunes, filha de Nuno Soares, padroeiro do mosteiro de Grijó, e de sua mulher D. Urraca Mendes, de quem teve a D. Paio Moniz, rico-homem de D. Sancho I, Rei de Portugal, casado com D. Urraca Nunes de Bragança, filha de D. Nuno Peres de Bragança e de sua mulher, D. Froilhe Sanches. Deste casamento nasceu D. Martim Pais da Ribeira e D. Maria Pais da Ribeira, esta manceba do Rei D. Sancho I e depois de Gomes Lourenço, acabando por ser mulher de D. João Fernandes de Lima, e D. Nuno Pais Ribeiro, padroeiro de Santo André de Serradelo, no concelho de Gaia, onde viveu no tempo do Rei D. Afonso III. Este último recebeu-se com D. Maior Pais Romeu, filha de D. Paio Pires Romeu e de sua mulher, D. Goda Soares da Maia, a qual D. Maior também foi casada com D. Egas Bufo. Provêm do matrimónio de D. Nuno Pais com D. Maior os do apelido de Ribeiro, em que se transformou o de Ribeira, usado na forma nova sem preposição. São de Manuel de Sousa da Silva, capitão-mor de Santa Cruz de Ribatãmega, os seguintes versos dedicados a esta linhagem:

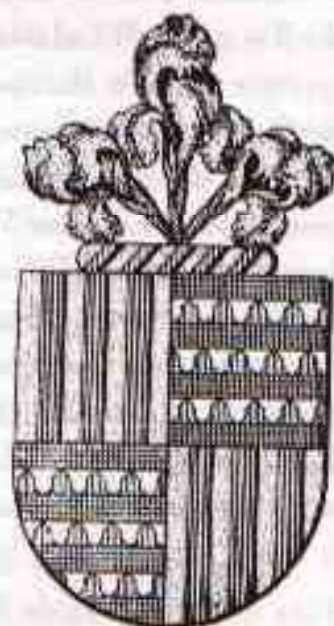


Ribeiro (antigo)

*Lá em Gaya, Cantidello
foi a casa dos Ribeiros
Esforçados cavalleiros
Que na realidade e zêlo
Sempre foram os primeiros.*

As armas antigas dos Ribeiros são: Esquartelado: o primeiro e o quarto de ouro, com três palas de vermelho; o segundo e o terceiro de negro, com três faixas veiradas de prata e de vermelho (Vasconcelos). Timbre: uns lírios de verde floridos de ouro.

As suas armas modernas são: Esquartelado: o primeiro e o quarto de ouro, com quatro palas de vermelho (Aragão); o segundo e o terceiro de



Ribeiro (moderno)

negro, com três faixas veiradas de prata e de vermelho, (Vasconcelos). Timbre: um lírio de verde, com cinco flores de ouro.

RICALDE. Família espanhola que veio para Portugal. Martim Sanches de Ricalde, cavaleiro biscainho, natural da vila de Aspeitia e aí casado, o qual era da Casa de Ricalde, em Guipúscoa, teve filhos: João Martins de Ricalde, que houve de sua prima D. Elvira Palomar e Angulo, casada e residente em Espanha, estando seu marido na corte, um filho chamado João Martins de Ricalde, o *Moço*, e duas filhas, Maria Martins de Ricalde



Ricalde

e Joana Martins de Ricalde, pelo que, quando se descobriram seus amores, fugiram para Portugal com os bens que puderam e o filho, já nascido, e se fixaram em Viana do Minho, onde foi juiz vereador pelos anos de 1511 e comprou metade do padroado de Lanhezes, no termo da mesma vila. D. Elvira Palomar era filha de Fernão Rodrigues Palomar e de Catarina de Angulo, senhores das casas e solares dos seus apelidos no lugar de Balmaceda, na vila de Ascoita, província de Guipúscoa. Os filhos acima referidos casaram em Portugal e deles ficou geração. Depois da morte de sua prima, D. Elvira Palomar, casou João Martins

de Ricalde com Ana da Rocha, filha de Martim da Rocha, cavaleiro-fidalgo, e de sua mulher Maria Dias Jácome, de quem teve geração que seguiu o apelido de Rocha, ao passo que a ilegítima tomou o de Ricalde.

As armas usadas por os deste apelido são: De vermelho, com uma águia de perfil, volante, de sua cor, coroada de ouro, com uma truta de prata no bico e assente num rochedo, também de sua cor, sainte de um pé de água; bordadura de prata, carregada de quatro lobos passantes, de sua cor, acantonados.

RIO. Veio de Espanha este apelido. Fernão Aires do Rio, galego honrado, natural do Rio ou de Ribadavia, passou a Portugal como partidário da Excelente Senhora. Diz-se que era neto de Fernão Aires Saavedra, alcaide-mor de Canhete, progenitor dos Condes de Castellar e Escalante, Marqueses de Racanoleu. Casou em Évora e teve por filho Diogo Mendes do Rio, ou Gregório Mendes, como escrevem alguns autores, dizendo que foi este o que veio para Portugal com seus filhos e casou em Évora. Dão-lhe por filhos a Lopo Mendes do Rio e a João Mendes do Rio, aquele fidalgo da Casa Real, cidadão de Lisboa, senhor dos lugares de Unhos e Frielas, que vendeu a D. Henrique de Sousa, e um dos três fidalgos escolhidos pelo Rei D. João II para estarem com ele quando matou o Duque D. Diogo. Recebeu-se com Leonor Dias e instituiu vínculo na igreja de S. Domingos de Benfica, em 1501, o qual tem por cabeça uma capela no claustro, onde pôs as suas armas. Deixou geração do seu apelido.

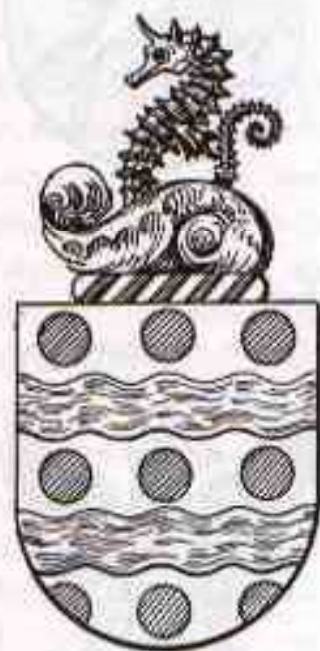
Seu irmão João Mendes do Rio casou com Constança de Brito, natural de Elvas, filha de Pedro Vaz de Sequeira e de sua segunda mulher D. Isabel de Brito, ou filha, como alguns dizem, de Francisca Caldeira e, conforme os mesmos, passada a novas núpcias com Tomás Tavares de Sousa. Também houve geração, que seguiu o apelido de Rio.

São suas armas as seguintes: De verde, com um castelo de prata, sobre uma ribeira de sua cor, o castelo acompanhado em chefe de três flores-de-lis de ouro. Timbre: uma aspa de verde, carregada de três flores-de-lis do escudo.

Além desta família, de origem espanhola, houve outra do apelido Rio, com solar em Portugal: a que proveio de Diogo de Castro. Parece que era filho de António Vaz de Castro e de D. Brites de Castro, se dermos fé a certos linhagistas. Diogo de Castro foi cavaleiro da Ordem de Cristo e serviu no Reino e nas partes da Índia, fazendo à sua custa muitas naus da Armada para serviço do Rei, repouso e defesa das suas fortalezas nas

ditas partes, onde estiveram no mesmo serviço alguns seus irmãos. Agasalhou, por vezes, fidalgos e embaixadores estrangeiros por mandado do Rei, com grande custo e gasto da sua fazenda, acudiu e socorreu muitas necessidades, para o que mandou vir de fora muitos mantimentos com muitos trabalhos e riscos de mar, tanto das armadas de África, como da Índia, emprestando por diversas vezes suas próprias naus, aviando-as à sua custa, dando nelas embarcações maciças e mantimentos, sem por isso requerer prémio nem satisfação e ajudando a suportar os muitos grandes gastos de outras, por muito tempo com exercícios, custos e despesas, tudo em serviço do Rei e acrescentamento da sua fazenda.

O Rei D. Sebastião, atendendo ao que fica mencionado e ao muito contínuo trabalho que ele tinha no negócio e trato das partes da Índia para que melhor, com menos custo e trabalho de seus vassallos e despesa da sua fazenda pudesse vir a pimenta ao Reino, assim como aos trabalhos e socorros

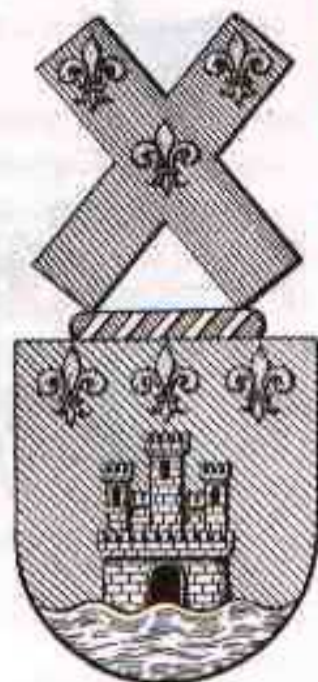


Rio, de Diogo de Castro

que, por seus irmãos e feitores, prestou à cidade de Dio, estando cercada pelo Rei de Cambaia e armada do Turco, com gente, armadas e virtualhas à sua custa e despesa, e, também, a haver emprestado por várias vezes da sua fazenda mais de cem mil cruzados, que lhe foram pedidos pelos capitães-mores e governadores do mandado do Rei para socorro e construção de muitas armadas contra os inimigos da Santa Fé e compra da pimenta que haviam de enviar para o reino, pelo que seus irmãos e feitores deixaram de fazer o emprego que podiam da quantia — o fez fidalgo de solar conhecido e a seu irmão mais novo, Luís de Castro, e lhes deu por solar a quinta do Rio, junto de Sacavém, com obrigação de usarem o apelido de Rio, por Carta de 6 de Maio de 1561, e lhes concedeu armas novas respectivamente por Cartas de 15 de Julho e de 9 de Julho do mesmo ano.

Nos nobiliários esta família é conhecida por Castros do Rio. A eles dedicou D. João Ribeiro Gaio, Bispo de Malaca, os seguintes versos:

*O senhor deste solar
é Salomão no saber
é Alexandre em dar
garfos deixou de grão ser
do qual ha mais que esperar.*



Rio



Rios

As armas concedidas foram as seguintes: De prata, com duas faixas ondadas de água, acompanhadas de nove arruelas de púrpura postas 3, 3 e 3. Timbre: um hipocampo, ainte de uma onda de água, de sua cor.

RIOS. Família espanhola, originária das Astúrias, de que passou um ramo a Portugal. Em 1530 a em 1540 foram passadas cartas de brasão de sucessão e duas pessoas desta família, com as armas do seu apelido.

Trazem os desta família por armas as seguintes: De ouro, com duas faixas ondadas de azul, aguadas de prata; bordadura de prata carregada de cinco cabeças de serpe de verde, cortadas e armadas de vermelho. Timbre: uma cabeça de serpe do escudo.

RIVALDO. V. *Revaldo.*

ROBALO. Família cuja origem não se conhece. Estabeleceu-se na Beira Baixa. Querem alguns autores que o apelido seja corrupção do de Revaldo, o que não parece provável.

As armas usadas pela família Robalo são as seguintes: De azul, com um robalo de prata, posto em banda, acompanhado de duas estrelas de seis raios de ouro, uma em chefe e outra em ponta.



Robalo

ROBLES. Família de origem espanhola, cujas armas são: De ouro, com um carvalho de verde, o tronco de negro, com bordadura de arminhos.

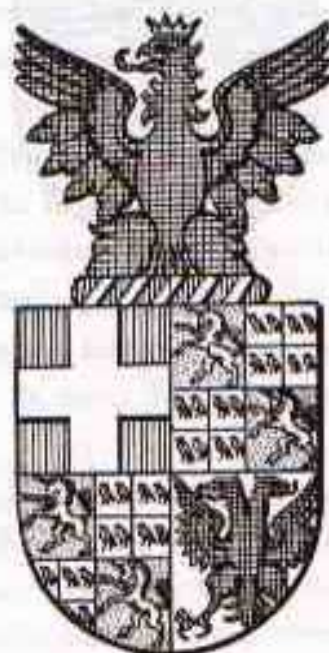


Robles

ROBOREDO. V. *Reboredo.*

ROBY. Família originária de Amesterdão, que passou a Portugal no século XVII na pessoa de Guilherme Roby, filho de outro de igual nome e de Atida Ransulem (?), naturais de

Antuérpia, católicos romanos, que tinham oratório em sua casa onde os da mesma religião iam ocultamente ouvir missa. Guilherme Roby fixou-se em Viana do Castelo, estabelecendo negócio, conforme o uso do seu país. Ai casou com Ana de Lima, que dizem alguns ser mulher humilde, filha de Gonçalo Álvares de Lima e de Catarina Fernandes da Silva, e adquiriram



Roby

muitos milhares de cruzados. Deixaram descendência, que seguiu o apelido de Roby, ainda hoje usado com esta forma.

Os autores genealógicos escrevem muitas vezes *Rubim* e *Brazmcamp* Freire informa que na Holanda havia diversas famílias *Robyn* e na Flandres e no Brabante o apelido *Robyns*.

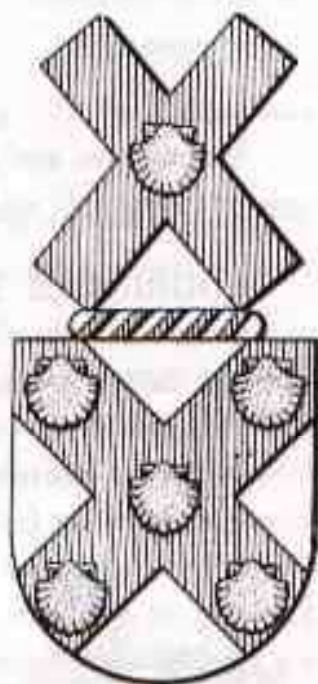
As armas que usaram os deste apelido em Portugal, mas que se não sabe se lhe correspondem ou se representam conjuntamente outras linhagens, são: Esquartelado: o primeiro de vermelho, com cruz de prata; o segundo e o terceiro contra-esquartelados — 1 e 4 de ouro, com um unicórnio saltante de ...; 2 e 3 de ...; um filete em cruz de ..., cantonado de oito aves pousadas de ..., duas em cada cantão, postas em faixa; o quarto de prata, com uma águia de duas cabeças, de negro. Timbre: uma águia sainte, de negro, coroada de ouro.

Assim se encontram no mosteiro de S. Francisco do Monte, junto de Viana. Parece que alguns descendentes alteraram a ordem dos quartéis.

ROCHA. Família de origem estrangeira, passada a Portugal na pessoa de Monsieur de la Roche, a quem se atribuem diversas nacionalidades, o qual ia para a Terra Santa e ajudou D. Afonso III na tomada de Silves. Este monarca lhe fez mercê de Torres Novas e outros lugares. Alguns autores dizem que veio para Portugal no reinado de D. João I e dão-lhe por geração três filhos: Luís da Rocha, D. Gomes da Rocha e D. Raimundo da Rocha, mas de D. Gomes é que informam provir os do seu apelido. Dizem os genealogistas que foi casado, mas não indicam, geralmente, o nome da mulher. Felgueiras Gaio diz que ela se chamava D. Inês de Meneses. Informaram, ainda, tais autores que, depois de viúvo, foi comendatário de Pombeiro e de outros mosteiros, do que há memórias pelos anos de 1482, e depois Bispo de Trípoli, o qual teve grandes rendas por possuir o senhorio de alguns lugares no Entre Douro e Minho. Evidentemente, ou este D. Gomes da Rocha não era filho de Monsieur de la Roche, vindo para Portugal no reinado de D. Afonso III, ou este cavaleiro passou cá no tempo de D. João I, como escreveram alguns linhagistas antigos. Ao grande investigador e genealogista do século XVII, Manuel de Sousa de Sousa da Silva, se deve a seguinte quintilha, dedicada a esta família:

*Em Almeirêdo viveram
Os de Rocha; em Vianna
por mercê soberana
O senhorio tiveram
de Afife a terra lhana.*

As suas armas são: De prata, com aspa de vermelho, carregada de cinco vieiras de ouro. Timbre: a aspa do escudo, carregada de uma vieira do escudo.



Rocha

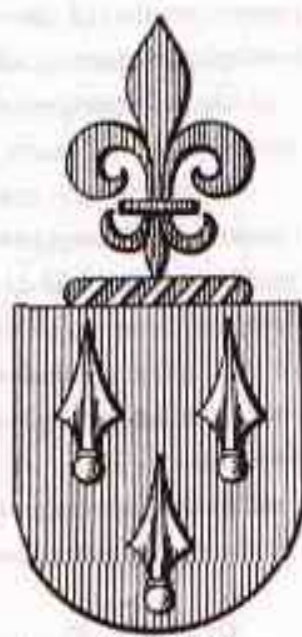


Rodovalho

RODOVALHO. Desconhece-se ao certo a origem desta família, que alguns genealogistas pretendem seja de França, da casa de Redoval, na Normandia, e que um seu membro passou a Portugal, fixando-se em Alcácer do Sal. Dizem, também, que o apelido Redoval se aportuguesou em Rodovalho, o que parece mais forçado do que admitir que ele provém do peixe de igual nome. Dão por filhos ao pretérito francês um Diogo Vaz Redovalho, casado em Viana do Alentejo.

As armas indicadas aos deste apelido são: De ouro, com um golfinho de sua cor sustido de um mar de água. Timbre: o golfinho do escudo.

Atribuem-se aos de Viana do Alentejo armas diversas, como seguem: De vermelho, com três ferros de lança de prata. Timbre: uma flor-de-lis de vermelho.



Rodovalho
(de Viana do Alentejo)

RODRIGUES. Esta designação familiar foi, no princípio, patronimico, pelo que há muitíssimas famílias assim chamadas, mas com origens absolutamente diversas. algumas, de certo, vindas de Espanha, pois tanto cá como lá o nome de Rodrigo foi vulgar. Em Portugal usam-se três brasões de armas diferentes, relativos a famílias Rodrigues, as quais são: a proveniente de Martim Rodrigues, que não se sabe identificar, mas cujas armas figuram no *Livro do Armeiro-mor*, o que indica ser personagem que existiu antes de 1509 ou vivia por essa época; a que vem do bacharel António Rodrigues, principal Portugal rei de armas, a quem o Imperador da Alemanha concedeu armas, talvez por 1510; e a originária de Espanha conhecida pelos Rodrigues de las Varillas, chamam Rodrigues de Salamanca, por serem daqui a que também naturais, de onde vieram no tempo de Filipe II.



Rodrigues,
de Martim Rodrigues

Alguns autores citam mais uma família Rodrigues com armas próprias, a que descende de André Rodrigues de Áustria, mas outros consideram a representação heráldica pertencente ao apelido Áustria, que se ignora se o era na verdade ou se foi apenas designação de proveniência, que não se haja fixado. As armas deste André Rodrigues são também, anteriores à feitura do *Livro do Armeiro-mor*.



Rodrigues, de António
Rodrigues (Atribuição
errada de Braamcamp
Freire)



Rodrigues
de las Varillas

As armas de Martim Rodrigues são: De ouro, com cinco flores-de-lis de vermelho, postas em sautor, e um chefe do segundo esmalte, carregado de uma cruz florenciada, e vazia do primeiro. Timbre: um leão de ouro, sainte, com uma flor-de-lis do escudo sobre a espádua.



Rodrigues, de André
Rodrigues de Austria

António Rodrigues, rei de armas, usou: Escudo partido; o primeiro, de negro, com meia água de ouro estendida; o segundo, de prata, com faixa de vermelho acompanhada de duas pombas de púrpura, voantes, uma em chefe e outra em ponta. Braamcamp Freire atribui-lhe, erradamente, as armas de João du Cros, que são: Cortado: o primeiro de vermelho, com uma águia de prata, estendida; o segundo faixado de ouro e de azul, de oito peças. Timbre: duas asas abertas de ouro.

Os Rodrigues de las Varillas trazem: De ouro, com quatro palas de vermelho (Aragão); bordadura de azul, carregada de oito cruces potenteias de prata, cada cruz cantonada de quatro cruzetas também potenteias do mesmo.

As armas de André Rodrigues de Áustria são: Partido: o primeiro, de ouro, com meia águia de duas cabeças de negro; o segundo, de vermelho, com duas faixas de prata. Timbre: uma cabeça e pescoço de águia de negro, armada de ouro e lampassada de vermelho.

ROL. Família de origem espanhola, cuja vinda para Portugal se ignora em que época foi, assim como o nome da pessoa que trouxe o apelido.

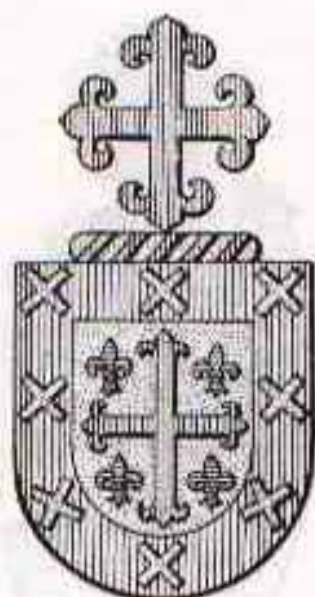
As suas armas são: De ouro, com cinco pombas de azul bicadas de prata, postas em sautor. Timbre: uma pomba do escudo.

ROLÃO. É, conforme parece, forma aportuguesada de Rolando, embora também exista como nome comum no vocabulário português. Há em Portugal uma família de origem estrangeira, que, muitas vezes, anda nos armoriais designada como Rolão de Aussi (v. Aussi).

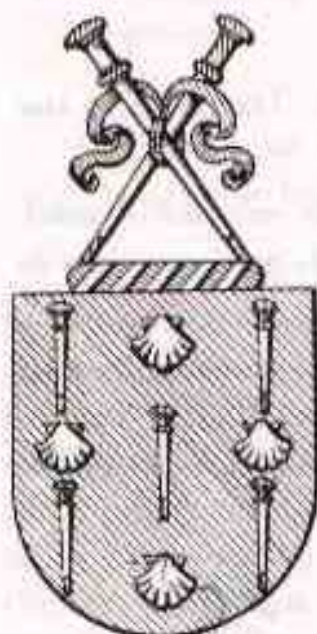


Rol

ROLIM. V. Moura.



Romano



Romeiro

ROMO. Família de Castela, da qual passou um ramo a Portugal, parece que no reinado de D. Fernando, na pessoa de Gonçalo Romo, de quem foi filho Diogo Gonçalves Rombo, forma que o apelido tomou entre nós. Este Diogo Gonçalves foi fidalgo da Casa de D. João I de Portugal e a sua descendência ligou-se aos Tavares, de Portalegre.

As armas que usam são: De ouro, com uma cruz florenciada de verde e cantonada de quatro vieiras de vermelho, e uma vieira também de vermelho brocante ao centro sobre a cruz. Timbre: a cruz do escudo.

ROMANO. Família espanhola que passou a Portugal e cuja ascendência se desconhece.

As armas que se atribuem aos deste apelido são: De ouro, com uma cruz florenciada de vermelho, cantonada de quatro flores-de-lis de azul; bordadura do segundo esmalte, carregada de oito aspas de ouro. Timbre: a cruz do escudo.

ROMBO. V. *Romo*.

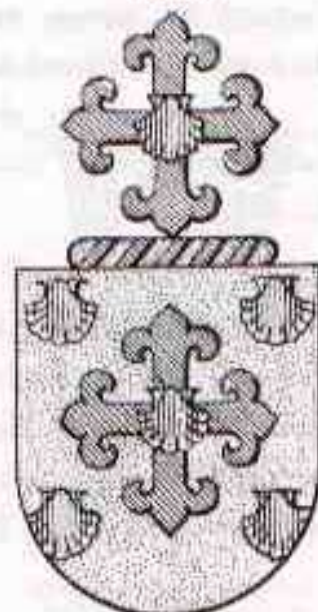
ROMEIRO. Família cuja origem não se conhece, mas que parece provir de alcunha e ser portuguesa. Nos fins do século XVII vivia em Mazagão um António Gonçalves Romeiro, a quem se passou carta de brasão de armas.

As armas que se indicam aos deste apelido são: De verde, com cinco bordões de peregrino de prata, ferrados de vermelho, postos em sautor, acompanhados de quatro vieiras do segundo esmalte. Timbre: dois bordões do escudo passados em aspa e atados de verde.

ROMEU. Desconhece-se a origem desta família. Na Idade Média existiu este apelido, embora de uso muito restrito e parece não ter continuado, pelo que é natural que outros que o usaram mais tarde o tragam de origem diversa. As armas atribuídas aos Romeus são: De prata, com uma águia de negro, estendida. Timbre: a águia do escudo.

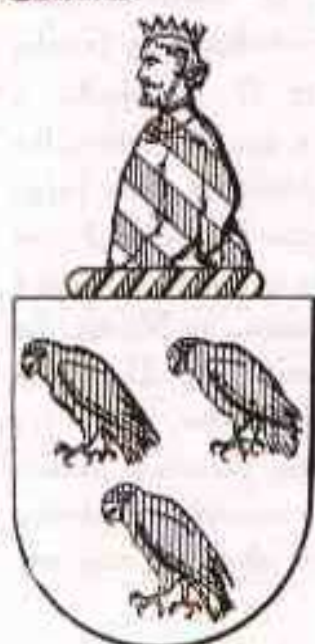


Romeu



Romo

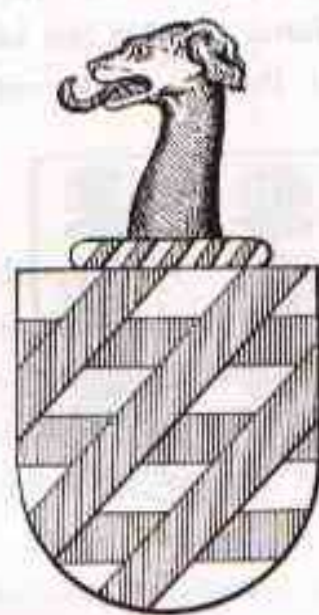
ROSSEM (Van). Família holandesa de que passou um ramo a Portugal. Na Holanda se chamam van Ponderoyen, lugar de que eram senhores, na província de Gueldres.



Rossem

As suas armas são: De prata, com três papagaios de vermelho. Timbre: um busto de Midas, vestido de prata carregado de três bandas de vermelho.

ROUZE. Família flamenga, que, na pessoa de Guilherme Rouze, natural de Arras, veio morar a Lisboa, onde foi familiar da sua Inquisição. Por Carta de brasão de armas de sucessão de 20 de Setembro de 1638 ficaram registadas em Portugal as armas que lhe pertenciam, conforme seu requerimento e carta de brasão do ano anterior, que apresentou como justificação.



Rouze

Braamcamp Freire atribui as armas ao apelido Rouze, porém, o suplicante declarou descender por varonia dos Campos, da província de Arras, e assim o declara, igualmente, a carta de brasão passada em Portugal, a cujo apelido dizem pertencer as armas. Parece que o erudito investigador procurou esclarecer o assunto, mas não o conseguiu. Em 1638 Guilherme de Rouze vivia há mais de vinte e cinco anos em Lisboa, onde tinha casas de morada e quinta.

As armas que lhe foram registadas são: De prata, com três faixas de vermelho e três barras do mesmo, atravessantes. Timbre: um pescoço e cabeça de galgo de cor parda. Suportes: dois galgos de sua cor.

ROVOREDO. V. Reboredo.

ROXAS. Família espanhola, de que veio um ramo para Portugal. No país de origem se chamou primeiro Roxas, como ficou a ser usado cá o apelido, mas depois se fixou em Rojas.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, não se esqueceu nas suas quintilhas de cantar a família dos Roxas, o que fez do modo seguinte:

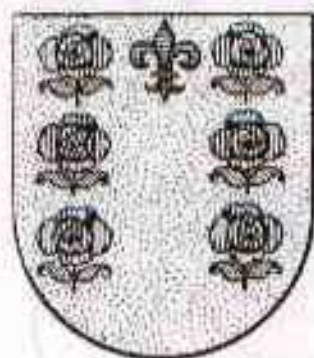
*Este foi o que matou
aquele mouro afamado
e as luvas lhe tomou
de sua dama e ficou
por este feito abalado.*

As armas que competem aos desta família são: De ouro, com cinco estrelas de azul de oito raios, postos em sautor.



Roxas

RUA. Família que parece provir da dos Gamas. Dizem os genealogistas que Álvaro Anes da Gama e sua mulher, D. Maria Esteves Barreto, do Algarve, foram pais de Álvaro Anes da Rua e que tomara este apelido por ser senhor da quinta da Rua. Outros afirmam que assim se chamou por casar com uma senhora castelhana da família de Ruas, e ainda outros que ele foi estribeiro-mor do Infante D. Fernando, a



Rua

quem acompanhou no cativeiro em Fez, e que os mouros lhe chamavam *Xeque Rua* ou seja maioral da cavalaria, pelo cargo que acima se refere. Não param ainda aqui as proveniências apontadas ao apelido, porque também se diz que a família Rua é das Astúrias, donde passou ao Algarve e daqui ao Minho. Se esta notícia for verdadeira, poderíamos admitir que D. Maria Esteves Barreto, mulher de Álvaro Anes da Gama, a qual era natural do Algarve, provinha dos Ruas que passaram àquele reino. Se assim fosse Afonso Anes da Rua não seria o primeiro do apelido nem o haveria por senhorio ou alcunha, mas por herança materna.

É possível que em Portugal haja mais de uma família assim denominada, de origens diversas: espanhola, como indicam autores antigos, e portuguesa, com o apelido tomado da vila da Rua, que foi cabeça de concelho e hoje pertence ao de Moimenta da Beira.

Na província da Beira há, no concelho de Pinhel, na freguesia de Alverca, uma família antiga do apelido *da Rua*, hoje quase geralmente pluralizado e sem ser antecedido de preposição. É natural que os da Rua ou Ruas desta região tirassem o apelido daquela antiquíssima vila e nada tenham com os outros do Algarve.

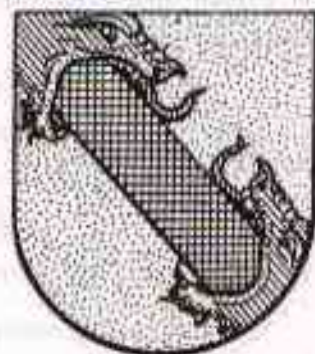
A Francisco Xavier da Rua e a seu parente Joaquim Xavier Pereira da Silva Rua, ambos de Alverca, se concederam cartas de brasão de armas, de sucessão, respectivamente em 1771 e 1784. Nenhum outro documento desta natureza se conhece passado a pessoa do mesmo apelido, com suas armas. As concedidas naquelas cartas não são as dos Ruas asturianos.

Trazem os do apelido Rua por armas: De ouro, com seis rosas naturais de vermelho, com folhas e pés de verde, postas 2, 2 e 2, e uma flor-de-lis de azul ao meio do chefe.

RUBIM. V. Roby.

RUS. Família estrangeira, de que parece veio um ramo para Portugal. A sua origem não se sabe ao certo, pois uns a dão como sueca, enquanto outros dizem que tal apelido se encontra na Suíça.

As armas que lhe atribuem são as seguintes: De ouro, com banda de negro, abocada por duas cabeças de serpe de verde, perfiladas de ouro, e linguadas de vermelho.



Rus

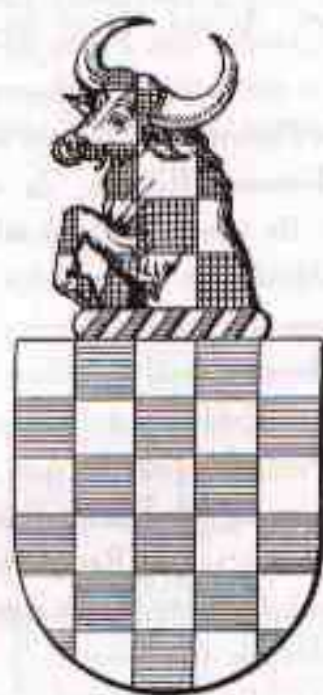


S. O princípio desta família é bastante nebuloso, assim como a origem do apelido, que é de natureza geográfica, mas de que uns autores fazem solar a quinta de Sá, no termo de Guimarães, e outros o assinalam em lugares diferentes.

Parece que da série de gerações que se podem dar como mais prováveis, o ascendente de maior antiguidade que se conhece é Rodrigo Anes de Sá, casado com D. Maria Rodrigues do Avelar, pais de Paio Rodrigues de Sá, que se diz ter vivido no reinado de D. Dinis e que era muito herdado no concelho de Lafões. Deste foi filho João Afonso de Sá, que a maior parte dos genealogistas dá como o primeiro da família, contemporâneo de D. Afonso IV e de D. Pedro I, senhor da quinta de Sá, no termo de Guimarães, e casado com D. Teresa Rodrigues de Berredo, de quem teve filhos que seguiram o apelido de Sá e continuaram a linhagem.

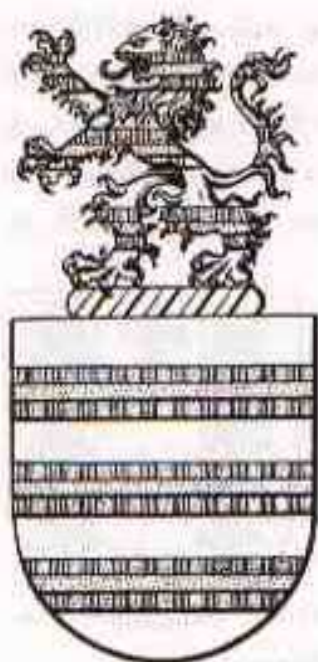
É possível que se tenham originado várias famílias do mesmo apelido em quintas ou lugares diversos, mas, a ser assim, alcançou maior notoriedade a que provém de João Afonso de Sá.

As armas desta família são: Xadrezado de prata e de azul, de cinco peças em faixa e seis em pala. Timbre: um búfalo saínte, xadrezado de prata e de negro, armado de prata e com uma argola de ouro nas ventas.



Sá

SAAVEDRA. Família espanhola de grande antiguidade, cujo apelido tomou do couto de Saavedra, no reino da Galiza. Passou a Portugal D. Afonso Fernandes de Saavedra, a quem D. Dinis deu em 1290 a alcaidaria do castelo da Covilhã.



Saavedra

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio dedicou aos Saavedras, chamando-lhes Sayavedras, os seguintes versos, que concordam com esta forma deturpada do apelido:

*Estando o grão Tamorlão
com o Tártaro em peleja
o fez esta saia vieja
como um feróz Roldão
que a todos fez enveja.*

As armas desta família são: De prata, com três faixas xadrezadas de vermelho e de ouro, de três tiras, cada faixa carregada de um filete do mesmo. Timbre: um leão faixado de sete peças, quatro de prata e três como as faixas do escudo.

SACADURA. Família espanhola saída da de Alvarado, que teve o seu solar nas montanhas de Santander, no lugar de Secadura, do antigo meirinhado de Trasmiera, e que actualmente pertence ao *ayuntamiento* de Junta del Voto, no partido judicial de Laredo. Um Pedro de Secadura Alvarado, nascido em Ciudad Rodrigo, por 1570, a quem os genealogistas chamaram fidalgo biscainho, certamente pela origem da família, passou a Portugal no fim do século, talvez no reinado de D. Filipe I, e se recebeu com Joana da Fonseca Ribeiro, da vila de Almeida, filha de Baltasar Correia, da ilha da Madeira, e de sua mulher, Ana de Escovar, esta neta do grão Diogo da Fonseca, alcaide-mor de Almeida e embaixador de D. Afonso V a Castela. Viveu em Vilar Maior, onde exercitava um ofício na Alfândega. Deste casamento deixou geração, que seguiu o apelido de Sacadura, o qual se difundiu na província da Beira.

Está errado quanto se diz acerca do apelido Sacadura e suas armas no *Dicionário Portugal*, pois as que ali se descrevem, defeituosamente, são as dos Botelhos, pintados com as dos Cortes-Reais em um tecto da casa vinculada da Aguiêira, aldeia da freguesia do Carvalhal Redondo, concelho de Nelas, que entrou na família dos Sacaduras Botes, pelo casamento de um deles com uma senhora da família dos Botelhos Corte-Reais, da vila de Linhares.

As armas dos Sacaduras são as dos Alvarados, mas há variantes, pelo que se não sabe, ao certo, quais caberiam ao ramo que passou a Portugal, porquanto se ignoram as usadas por Pedro de Secadura Alvarado e seus descendentes.

SACOTO. Esta família distinguiu-se com Gonçalo Mendes Sacoto, fidalgo da Casa Real, adail-mor do Reino, que esteve nas guerras de África, e sendo capitão de Safim derrotou cinco alcaides mouros em grande batalha, pelo que D. João III, em

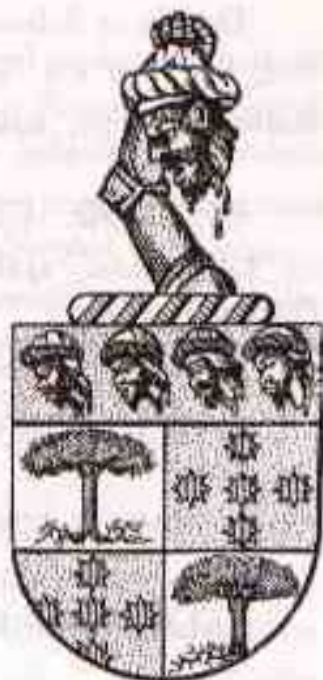
atenção aos muitos serviços feitos ao Rei seu pai e a si próprio, lhe concedeu Carta de brasão de armas em 19 de Julho de 1538.



Sacoto

As armas dos Sacotos são: De ouro, com cinco estrelas de oito raios de vermelho, postas em cruz. Timbre: uma onça sainte de sua cor, com uma estrela do escudo na espádua.

A Gonçalo Mendes Sacoto foram concedidas as seguintes armas, acrescentadas: Esquartelado: o primeiro e o quarto de prata, com uma árvore de verde (Azinhal); o segundo e o terceiro de ouro, com cinco estrelas de oito raios de vermelho, postos em cruz (Sacoto); chefe de ouro, carregado de



Sacoto, de Gonçalo Mendes Sacoto

quatro cabeças de mouros, fofadas de prata e de azul, cortadas de vermelho. Timbre: um braço armado de ouro, com uma cabeça do escudo pendurada pela fofa.

SALAZAR. Uma das famílias mais poderosas de Espanha, que tomou apelido do vale de Salazar, em Castela-a-Velha.

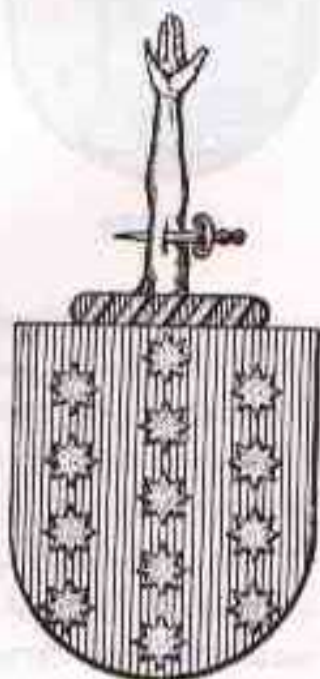
No reinado de D. João III passou a Portugal Ventura de Frias Salazar, de quem ficou descendência que continuou o apelido.

A D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, se deve a quintilha seguinte:

*Esforçados como mares
de las montanhas de Oviedo
foram os bons Salazares
e nunca tiveram medo
nem menos dos dez e pares*

O mesmo Bispo dedicou a outros Salazares os versos que seguem:

*Sacar azar se dizia
o mofo cavaleiro
quando nas batalhas ia
mas não que outro guerreiro
que ele melhor o fazia*



Salazar

Trazem os Salazares: De vermelho, com treze estrelas de oito raios de ouro, postas 1, 2, 1, 2, 1, 2 e 1. Timbre: um braço de carnação, posto em pala, trespassado por um punhal de prata, guarnecido de ouro.

SALCEDO. Família espanhola, procedente dos reis de Leão, cujo apelido é *Salzedo*. Passou um ramo a Portugal.

As armas pertencentes a esta família são: De prata, com um salgueiro arrancado de verde e um escudete de ouro carregado de cinco folhas de golfão do segundo esmalte, postas em sautor, brocante sobre o tronco da árvore.

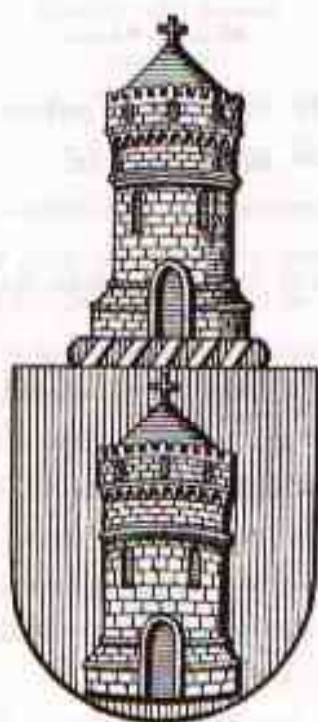


Salcedo

SALDANHA. Procedem os Saldanhas de Bernardo del Carpio, casado com D. Galinda de Lara, ele famoso herói, e descendem também de D. Sancho Dias de Saldanha, senhor da vila de Saldanha, que vivia por 870.

Diogo Lopes de Saldanha, filho de Fernão Lopes de Saldanha, senhor de Miranda e Castanhar, em Castela, e contador de D. João II, soberano do mesmo reino, teve os mesmos senhorios, serviu D. Henrique IV, foi seu embaixador a Roma e passou a Portugal com a Excelente Senhora, D. Joana, mulher de D. Afonso V, do qual foi mordomo-mor, embaixador a Roma e serviu, também, de secretário da Rainha. Casou com D. Maria de Bobadilha, filha de Tibério Rodrigues de Bobadilha, fidalgo de Guadalajara. Deste casamento houve geração por onde se difundiu o apelido de Saldanha.

As armas usadas pelos deste apelido são: De vermelho com uma torre de prata, aberta, iluminada, lavrada e coberta de azul, rematada por uma cruz de ouro. Timbre: a torre do escudo.



Saldanha

SALEMA. Família antiga que se diz existir já no reinado de D. Sancho I, pois em 1193 havia um seu vassalo chamado Pêro Salema. Pretende-se que o seu solar é uma herdade alentejana denominada Salema. No século XIV tinham assento em Alcácer do Sal.

As armas deste apelido são: De verde, com um castelo de ouro, aberto, iluminado, lavrado e coberto de negro; bordadura cozida de azul, carregada de sete salemas de prata, nadando uma atrás da outra.



Salema

SALGADO. Família espanhola, originária da Galiza, da qual passou a Portugal, no tempo da aclamação de D. João IV. Feliciano Salgado, filho de Roque Salgado e de sua mulher, Maria Salazar de Araújo, ambos galegos. Feliciano Salgado foi cavaleiro da Ordem de Avis, com cem mil réis de pensão na comenda de Santiago de Beduído, governador de Setúbal, de Peniche e da cidade do Espírito Santo da Baía, sargento-mor de batalha no Algarve e casado com D. Luísa Serrano, natural de Lisboa, filha do sargento-mor Francisco Serrano, de Múrcia, e de sua mulher D. Grácia Bravo, natural de Lisboa. Seus descendentes continuaram o apelido de Salgado.



Salgado

As armas dos deste apelido são: De verde, com um lanço de muralha, ameiado, flanqueado por duas torres, tudo de prata, o muro sustendo, ao meio, um saleiro de ouro, as torres abertas e iluminadas de negro e ligadas uma à outra por uma cadeia também de ouro, a cadeia encimada por uma águia de sua cor, estendida. Timbre: a águia do escudo, com o saleiro de ouro no bico.

SALINAS. Família espanhola, que tomou apelido da vila de Salinas, na província de Guipúscoa, e da qual passou um ramo a Portugal.

Em Portugal trazem os Salinas armas diversas das que usam os ramos espanhóis, sendo as portuguesas as seguintes: De prata, com asna de vermelho acompanhada de três flores-de-lis do mesmo. Timbre: uma cabeça de unicórnio de sua cor, com a ponta de prata.



Salinas

SALTER. Família inglesa que veio para Portugal na pessoa de Duarte Salter, fidalgo, filho de João Salter, neto de Nicolau Salter, bisneto de Diogo Salter, terceiro neto de Tomás Salter, também fidalgos.

Traz a família Salter as seguintes armas: De prata, com uma cruz florenciada de negro, acompanhada de quatro moletas do mesmo uma em chefe, uma em ponta e uma a cada flanco. Timbre: um mocho de sua cor, armado de ouro. Outros usam: De vermelho, com dez bilhetas de ouro, 4, 3, 2 e 1.



Salter



Salter

Em Inglaterra não usam as primeiras armas descritas, que são as conhecidas em Portugal. Diz-se que as segundas armas correspondem a uma carta passada pelo rei de armas de Inglaterra, trazida por Duarte Salter.

SALVAGO. Família de Génova, uma das vinte e oito da nobreza antiga da mencionada república, da qual passou a Portugal Lucas Salvago, avô de João Martins Salvago, que teve carta de brasão com as armas do seu apelido, passada em 1589.

As armas usadas pelos Salvagos são: De ouro, com um broquel de negro, carregado de um leão de prata armado e lampassado de vermelho. Timbre: um leão sainte de prata; ou o leão do estudo com uma arruela de negro na espádua.



Salviati

SALVIATI. Família italiana de que passou à ilha da Madeira, no século XV, João Salviati, natural de Florença, homem nobre. Seus descendentes usaram o apelido de Florença, proveniente de alcunha de origem.

As armas pertencentes aos Salviatis são: De vermelho, com três bandas dentadas de prata. Timbre: uma águia de negro, estendida, com uma memória de ouro no bico.



Salvago

SAMPAIO. A origem desta família não está esclarecida, pois os nobiliários, geralmente, a principiam em Vasco Pires de Sampaio, senhor da honra de Sampaio, de Vila Flor, Chacim, Ansiães, Vilarinho da Castanheira e outras lugares de Trás-os-Montes, contemporâneo dos Reis D. Fernando e D. João I.

Alguns genealogistas querem que Vasco Pires de Sampaio fosse Vasco Pires Osório, filho de D. Pedro Álvares Osório, conde de Trastámara e 1.º marquês do mesmo título, senhor da Casa de Vilalobos, na Galiza, e de sua mulher D. Brites de Castro, o qual teria vindo para Portugal por homicídio praticado na pessoa de um fidalgo da Galiza e feito assento no lugar de Sampaio, na terra de Moncorvo. Outros autores pretendem que no reinado de D. Dinis existiu um Martim de Sampaio, senhor da honra de Sampaio e descendente do Conde D. Ermenegildo, terceiro avô de Vasco Pires de Sampaio, a quem dão por filho de Domingas Pais de Sampaio e de seu marido, Pedro de Sotomaior, morador em Provezendê e senhor do lugar do Fiolhal, da *Barca do Tua* e de outros lugares. A este Pedro chamam alguns autores Pedro do Souto. Vasco Pires de Sampaio casou com D. Isabel de Gouveia, filha de Vasco Fernandes de Gouveia, senhor de Gouveia, Castelo Bom, etc., e de Leonor Álvares de Queirós, como pretendem certos genealogistas, ou com D. Maria Pereira, filha de D. Álvaro Pereira, 2.º marechal do Reino, o que parece mais certo. Do seu casamento ficou geração que continuou o apelido de Sampaio.

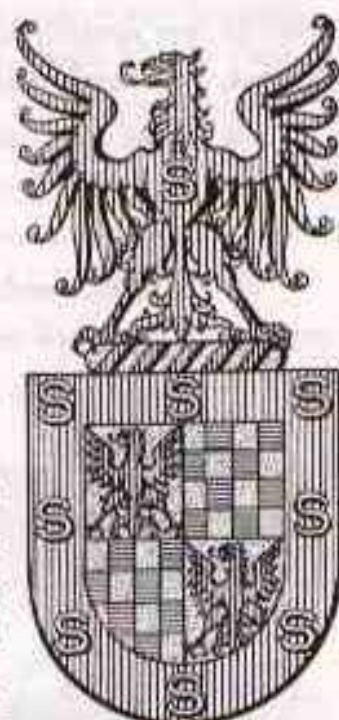
Manuel de Sousa da Silva escreveu os seguintes versos, dedicados a esta família:



Sampaio

*Nessa terra sem engano,
De São Payo o lugar
É o ilustre solar,
Dos que seu nome ufano
Se costumam reclamar!*

As armas dos Sampaio são:
Esquartelado: o primeiro e o quarto
de ouro, com uma águia estendida
de púrpura, lampassada de ver-
melho; o segundo e o terceiro
xadrezado de ouro e de negro, de
sete peças em faixa e oito em pala;
bordadura de vermelho, carregada
de oito fúsis de cadeia, abertos,
de prata (em forma de S). Tim-
bre: a águia do escudo no peito.

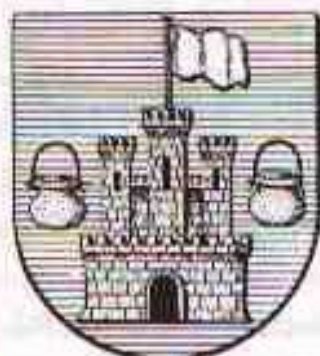


Sampaio (outros)

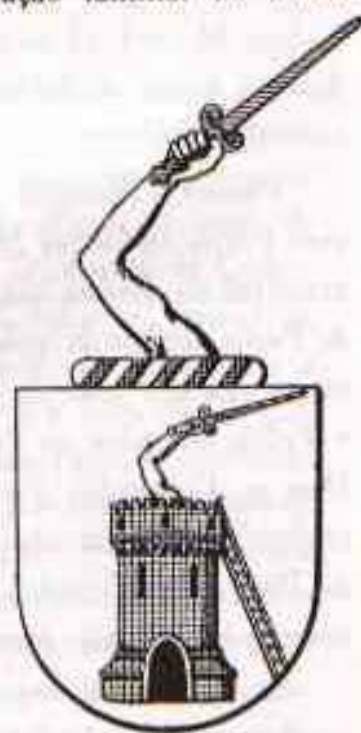
Outros trazem: Esquartelado: o primeiro e o quarto de ouro, com uma águia estendida de vermelho, armada de negro; o segundo e o terceiro xadrezado de ouro e de azul, de quatro peças em faixa e quatro em pala; bordadura de vermelho, carregada de oito fúsis de cadeia, abertos, de prata (em forma de S). Timbre: a águia do escudo, com um fúsil também do escudo no peito.

SANCHES. Por ser na origem patronímico esta designação familiar há muitas linhagens com o mesmo nome, mas provenientes de diversos Sanchos.

De João Rodrigues Valejo e de sua mulher Isabel Alvarez Sánchez, foi filho Pedro Alvarez Sánchez, cavaleiro principal da linhagem dos Sánchez da Estremadura, que viveu em Albuquerque e depois em Vila Viçosa e era pai de Gil Álvares Sanches, o qual se casou com D. Guiomar de Landim, moça da câmara da Duquesa de Bragança, filha de Fernão Rodrigues de Landim, de Estremoz. Este Gil Álvares era cavaleiro da Ordem de Sant'Iago, natural de Albuquerque, e por um crime cometido passou a Vila Viçosa, recolhendo-se à protecção do Duque de Bragança, D. Jaime, a quem



Sanches
(de Vila Viçosa)



Sanches
(vindos de Espanha)

acompanhou a África, estando com ele em 1513 na tomada de Azamor com armas, cavalos e homens à sua custa. Do casamento de Gil Álvares com D. Guiomar de Landim ficou geração que continuou a chamar-se Sanches e da qual o ramo primogénito se uniu aos Baenas, originando a família Sanches de Baena.

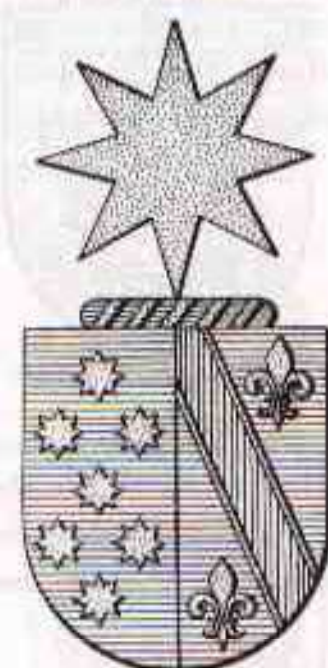
As armas dos Sanches, da Estremadura espanhola, ou de Vila Viçosa, como também os designam, foram registadas em Portugal e são: De azul, com um castelo de ouro, rematado por uma bandeira de prata, ladeado por duas caldeiras de ouro.

Os Sanches, vindos de Espanha por outra via, usam: De prata, com uma torre de negro, rematada por um braço de carnação, empunhando uma espada de azul, em acção

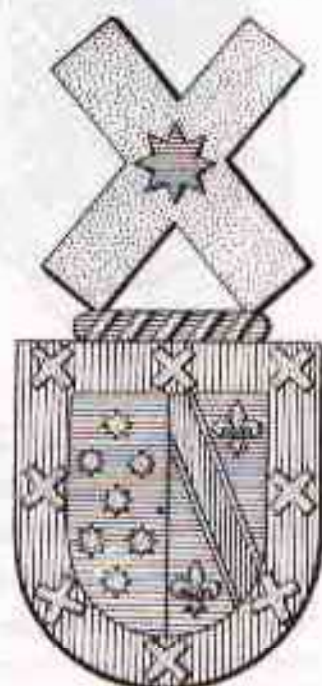
de descarregar o golpe; a torre ladeada à esquerda por uma escada de assalto de sua cor lançada contra as ameias. Timbre: o braço do escudo com a espada.

Trazem os que provêm de Castela as seguintes armas: Partido: o primeiro de azul, com sete estrelas de oito raios de ouro, postas 1, 2, 1, 2 e 1; o segundo também de azul, com banda de vermelho, perfilada de ouro e acompanhada de duas flores-de-lis do mesmo. Timbre: uma estrela do escudo.

Outros Sanches, também de Castela, usam as mesmas armas anteriores com bordadura de vermelho carregada



Sanches (de Castela)



Sanches (de Castela, outros)

de oito aspas de ouro. Timbre: uma aspa de ouro carregada de uma estrela de oito raios de azul.

Passou a Portugal António Sánchez, fidalgo castelhano, que viveu no Porto e casou com Filipa ou Brites Martins Aranha, de quem teve: João Sanches, pessoa rica e muito principal da mesma cidade, casado com Isabel Brandão, filha de João Brandão, contador do Porto, senhor da quinta e casa de Coreixas e da torre e quinta de Perózel, e de sua primeira mulher Inês de Mesquita; e Maria Anes Sanches casada com Vasco Carneiro, o Velho, vereador no Porto em 1526, filho de João Carneiro e de sua mulher Catarina Dias ou Fernandes. Por ambos os filhos houve descendência, sendo a de João Sanches conhecida pelos Sanches, do Porto, ou Brandões Sanches. As armas usadas pelos Sanches, do Porto, são: De azul, com um galo de sua cor, realçado de ouro, sobre um monte de sua cor e neste um ramo verde. Timbre: o galo cantante.

Da Estremadura espanhola, onde tinham solar na vila de Broças, passaram a Portugal três filhos de Salvador Diaz Blasquez e de sua mulher Isabel Sánchez: Rodrigo

Sánchez, que veio com a Rainha D. Catarina, mulher do Rei D. João III. que o fez mestre da princesa D. Maria, primeira mulher de Filipe I de Castela, e seu esmolador, falecido em Óbidos, onde era prior, e enterrado na igreja de Santa Maria; Pedro Sánchez, que veio com a princesa D. Joana, mãe de D. Sebastião, foi em Portugal secretário das Justiças, comendador da

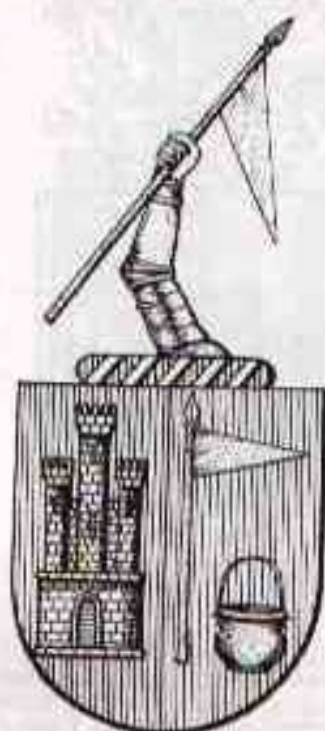


Sanches (do Porto)

Ordem de Cristo, e casou com D. Maria de Rosalles, castelhana, que a mesma princesa trouxe na sua comitiva; e Salvador Sánchez, que veio também com a referida princesa e foi casado. Estes dois últimos irmãos, Pedro e Salvador, deixaram geração que seguiu o apelido paterno, continuando-o.

Além destas, muitas outras pessoas passaram de Espanha a Portugal, trazendo o apelido Sanches.

Os Sanches, da Ameixoeira, têm por armas: Partido: o primeiro de vermelho, com um castelo de prata, aberto e iluminado de azul; o segundo, também de vermelho, com um pen-



Sanches
(da Ameixoeira)

dão de ouro, hasteado do mesmo, disparando para a esquerda e acompanhado, em ponta, de uma caldeira, também de ouro. Timbre um braço armado de prata, em pala empunhando um pendão de ouro.

SANDE. Querem alguns autores que esta linhagem provenha de D. Paio Mogudo de Sandim e que o seu solar seja na freguesia de S. Martinho de Sande, entre Braga e Guimarães, onde existe uma torre fundada por este cavaleiro, ou na quinta de Sande, na freguesia de S. Clemente, como aquela do concelho de Guimarães e ambas lugares com a denominação de Sande. Outros genealogistas dizem que o solar é a torre de Sande na Galiza, da qual foi senhor João de Sande, casado com D. Teresa de Castro.

Em tempo de D. Dinis viveu um Fernão de Sande, cavaleiro valoroso, senhor da referida quinta de Sande, talvez ascendente do João atrás nomeado, se pertenciam à mesma linhagem. Este João de Sande teve de sua mulher vários filhos e entre eles Álvaro de Sande, que se recebeu com D. Brites de Meneses, filha de Afonso Teles de Meneses, o *Tiçã*, pai de Lopo Afonso de Sande e de Pedro Lopes de Sande, que ficou em Castela, onde a sua descendência se ligou a grandes casas. Lopo Afonso veio para Portugal com seu irmão Pedro Lopes, por haverem deitado por uma janela um abade de Celanova. Pedro Lopes voltou para Castela. Ambos foram muito bem recebidos pelo Rei de Portugal D. João I. Sobre a filiação destes irmãos nem todos são concordes, pois uns a dão como se indica, ao passo que outros fazem Lopo e Pedro filhos do avô paterno e, portanto, irmãos do que vai nomeado por pai. De Lopo Afonso descendem os Sandes portugueses.



Sande

A Manuel de Sousa da Silva se deve a seguinte quintilha relativa aos Sandes:

*Em São Clemente de Sande
Os cavaleiros viveram
Que este nome tiveram
E da casa sempre grande
De Visela procederam.*

As armas dos Sandes são: De vermelho, com um leão de ouro, acompanhado de quatro flores-de-lis do mesmo, uma em chefe, uma em ponta e duas nos flancos. Timbre: um leão sainte de vermelho, rematado por uma flor-de-lis de ouro.

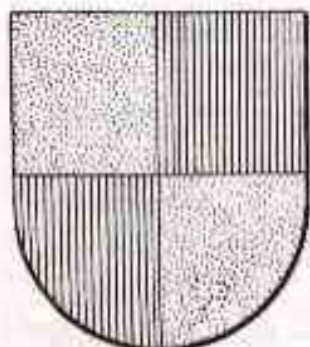
SANHUDO. Apelido proveniente de alcunha, cuja origem se desconhece, mas parece que anterior ao século XVI, por se dizer que as suas armas estavam no *Livro Antigo dos Reis de Armas*.

Pertencem a esta família as armas seguintes: Partido: de ouro e de verde, com um leão entrecambiado. Timbre: o leão do escudo.



Sanhudo

SANTA MARIA. Família andaluza que procede de Micer Benedito Zacarias, almirante-mor de Castela, a quem o Rei D. Sancho, o *Bravo*, fez mercê do porto de Santa Maria, do qual seus descendentes tomaram apelido. O almirante era natural de Génova, de uma das vinte e oito famílias nobres desta república.



Santa Maria

No tempo do Rei de Portugal D. João III veio para este Reino João de Santa Maria, de quem ficou geração que continuou o apelido.

As armas dos Santos Marias são: Esquartelado, de ouro e de vermelho.

SANTARÉM. Esta família começou em João Guilherme, contemporâneo de D. Dinis, que por ser natural desta antiga vila tomou o seu nome por apelido. Dele procederam pessoas notáveis, principalmente uma delas, João Afonso de Santarém, que foi do conselho de D. João I, vedor da sua fazenda e fundador do Hospital de Jesus Cristo, em Santarém, de cujo castelo teve a alcaidaria-mor.

São armas deste apelido: Esquartelado: o primeiro e o quarto de negro, com um leão de prata, armado e lampassado de vermelho; o segundo e o terceiro de vermelho, com três palas de ouro. Timbre: o leão do escudo.

João Afonso trazia estas armas partidas e não esquarte-ladas e no timbre o leão carregado de uma pala.

SANTIAGO. Família castelhana de que parece terem passado a Portugal vários ramos, em épocas diversas. O apelido deve ser de origem geográfica ou de invocação religiosa. No reinado de D. João III veio Francisco de Santiago, que foi em Portugal cavaleiro da Ordem de Cristo, armado por D. João de Meneses, em Lisboa, aos 7 de Junho de 1550. Outro ramo passou a Trás-os-Montes e deu os Gonçalves Santiago, de quem procederam bastantes ministros de letras.



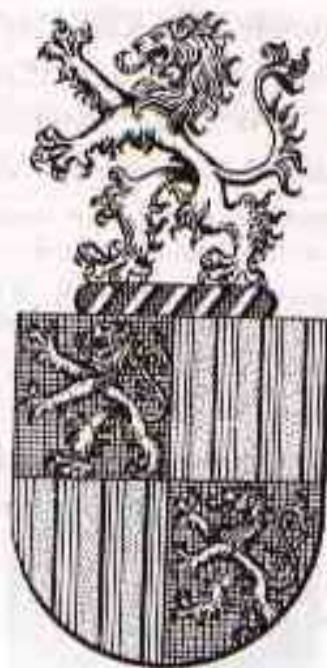
Santiago

As armas que se lhe atribuem são: De prata, com um pen-dão partido de azul e de vermelho, hasteado do mesmo e sus-tido por duas mãos de carnação, cortadas e ensanguentadas.

SARAIVA. Família antiga, cujo solar é a vila de Serávia nas montanhas da Biscaia. O apelido, em Portugal, tomou a forma de Saraiva, corrupção de Serávia. Na comitiva da Rainha D. Leonor, mulher do Rei D. Duarte, veio Vicente Fernandes Serávia, que dizem acompanhava uma sua irmã, dama daquela princesa. Vicente Fernandes casou com Leonor Vaz da Fonseca, filha de Afonso Vaz da Fonseca Coutinho, alcaide-mor de Marialva e de Moreira, que ganhou aos castelhanos, e do Sibugal, e de sua mulher, D. Mécia Lopes Pacheco. Ligado a tão importante e distinta família da província da Beira, Vicente Fernandes Saraiva deixou larga geração, sobretudo na região de Trancoso, em cuja vila fez assento, a qual teve papel preponderante na governança da região.

As armas usadas pelos Saraivas são: Cortado: o primeiro de veiros; o segundo aguado de sua cor; bordadura de vermelho carregada de quatro flores-de-lis de pé cortado, de ouro, uma em chefe, uma invertida em ponta e duas deitadas nos flancos, todas moventes do bordo interior da bordadura. Timbre: um espadarte sainte, de sua cor, com a serra de prata.

SARCIDE. Família irlandesa que veio para Portugal na pessoa de Roberto Sarcide, o qual fez seu assento em Lisboa e provando ser fidalgo e descender da linhagem do seu



Santarém



Saraiva

apelido teve Carta de brasão de armas de sucessão, passada em 21 de Junho de 1524, para si e seu filho.

As armas atribuídas a este apelido são as seguintes: De arminhos, com cruz de vermelho. Timbre: uma aspa de arminhos gotada de vermelho.

SARDINHA. Apelido antigo em Portugal, pois em 1209 vivia Pedro Sardinha, pai de Pedro Pires Sardinha, prior do mosteiro de S. Vicente, em Lisboa. Em 1316 vivia um Martim Martins Sardinha, que devia provir de Martim Sardinha, morador no julgado de Neiva, que honrou a quinta de Riba Fria. O apelido vem, certamente, de alcinha, pelo que é possível haver mais do que uma família com este nome, tirado do mais vulgar dos peixes consumidos em Portugal. Foi no Alentejo que este apelido teve maior difusão.



Sardinha

As armas pertencentes aos Sarmentos são: De vermelho, com treze besantes de ouro, postos 3, 3, 3, 3 e 1.

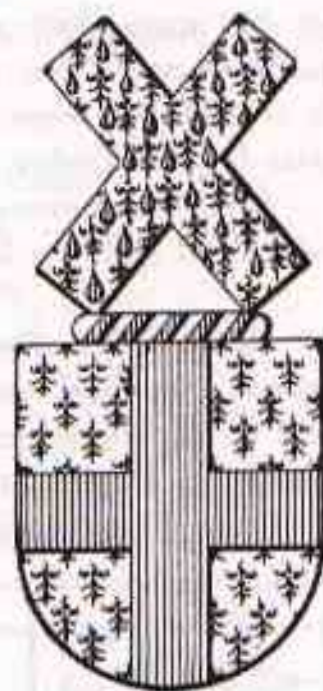
SASSETTI. Família italiana que parece ter dado um ramo para Portugal na pessoa de Filipe Sassetti, que vivia em Lisboa no século XVI.



Sassetti

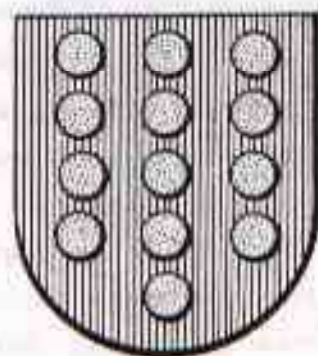
As suas armas são as seguintes: De prata, com banda de azul perfilada de ouro.

SAUVAGE. Família francesa, da qual passou a Portugal um ramo, que se ligou à de Pernet, também estrangeira. Em 20 de Abril de 1747 foi-lhe passada, na pessoa de Martinho José



Sarcide

As armas que lhe pertencem são: De verde com banda onçada de prata, aguada de azul e carregada de cinco sardinhas da tua cor, postas 2, 1 e 2. Timbre: uma cabeça de baleia, de sua cor, com três sardinhas de prata na boca.



Sarmento



Sauvage

de Pernet, Carta de brasão de armas de sucessão, com as dos Pernet e Sauvages.

As armas dos Sauvages são: Cortado de azul e de ouro e um selvagem entrecambiado, empunhando uma maça de púrpura e assente num terrado de sua cor.

SCHOMBERG. Família alemã, de que veio a Portugal um notável cabo de guerra, Frederico, Conde de Schomberg, nascido em Heidelberga em 1616. Por 1660 interveio nas guerras da Península Hispânica, vindo a Portugal com o posto de mestre-de-campo-general a comandar uma expedição, mercê da valiosa intervenção do Conde de Soure, embaixador português.

Reorganizou o nosso exército e em diversos combates, como o do Ameixial e outros, infligiu pesadas perdas aos espanhóis, acabando por os derrotar na batalha de Montes Claros, entre Estremoz e Vila Viçosa.

Em França foi elevado a marechal e na Inglaterra recebeu várias mercês, como a de cavaleiro da Ordem da Jarreteira e os títulos de Barão, Marquês e Duque, com o comando do exército.

Foi morto pelos Irlandeses em 1690, na batalha de Charlemont, e encontra-se sepultado em Dublin, na catedral de S. Patrício.

Em Portugal o Rei fê-lo Conde de Mértola em 31 de Março de 1668. Não sabemos se por mercê régia, se, apenas, por adopção, Frederico Armando von Schonberg, sobrecarregou as suas armas com as da vila de Mértola.

O apelido, na forma originária, é Schonberg, como o usava o famoso militar, mas pela forma Schomberg era vulgarmente mencionado.

As armas do Conde de Mértola, com o sobredito acrescentamento, são: De negro, com um carbúnculo de ouro de doze raios (Schonberg); sobreposto, ao centro, um escudete de prata com um cavaleiro armado de sua cor, montado num cavalo empinado, acutilando com a espada que empunha na mão direita e tendo no braço esquerdo um escudo com a cruz da Ordem de Santiago (Mértola).

SEABRA. Linhagem muito antiga da Galiza, cujo solar é a vila de la Puebla de Sanabria. Molina, ao tratar das famílias deste reino, escreveu:

*Vivam los Senabrias
De quem sua vallia
Esta por Castilla
Com castas notables.*



Schomberg,
Condes de Mértola

Não há unanimidade acerca do nome do primeiro que passou a Portugal, pois uns dizem que se chamava Fernão ou João Garcia de Seabra, ao passo que outros o deno-

minam Mem Rodrigues de Senabria, ou de Seabra, forma que tomou em Portugal o apelido, o qual veio no reinado de D. Fernando I. Talvez todos tenham razão e o apelido viesse por mais de uma via. Mem Rodrigues de Senabria era mordomo-mor de D. Pedro, Rei de Castela, por cuja morte se transferiu a Portugal com outros fidalgos



Seabra

castelhanos, ficando ao serviço de D. Fernando. Trouxe consigo mulher e filhos e por mercê do Rei português teve os senhorios de Montalegre, Feira, Cabanães, Cambra e Barqueiros. Parece que o seu mais antigo ascendente conhecido foi Fernão Pires de Senabria e que Mem Rodrigues se casou com D. Maior Fernandes de Biedma, filha de Fernão Rodrigues de Biedma e de D. Marinha. Uns indicam só como filhos, Mem de Seabra, sem mais notícia, e Diogo de Seabra, mas outros acrescentam-lhe D. Elvira, casada com Pedro Anes da Nôvoa e D. Teresa Fernandes de Seabra, terceira mulher de Martim Dade, o Moço, alcaide-mor de Santarém, de quem teve geração. Diogo de Seabra, atrás referido, esteve com seu irmão na tomada de Ceuta e aí foram armados cavaleiros pelo Príncipe D. Duarte e Infante D. Pedro. Diogo de Seabra foi alferes-mor do Infante D. Pedro na tomada da mesma praça, e ele e seu irmão ficaram por fronteiras dela. Diz-se que Diogo de

Seabra casou com D. Mécia Rodrigues de Vazconcelos, ou Mendes de Vasconcelos, mas tal matrimónio é duvidoso; do seu casamento ficou geração, da qual provêm os Seabras de Portugal.

As armas que usam os Seabras do ramo portugueses são: De vermelho, com dois leões afrontados, sustendo um S coroadado, tudo de ouro; bordadura de prata carregada de uma cadeia de negro fechada em ponta por um cadeado do mesmo. Timbre: um leão saínte de ouro, com um cadeado de negro na garra direita.

SECO. Família originária do ducado de Milão, onde o apelido é Sico. Um seu ramo passou a Portugal e usa por armas as seguintes: De prata, com um leão de vermelho, empunhando na mão direita uma espada de negro, e uma banda de azul, carregada de três rosas do primeiro esmalte, brocante sobre tudo. Timbre: o leão do escudo, com uma rosa de prata na espádua.

Em 1584, Jorge Seco, deste ramo italiano, fez uma justificação de nobreza, apresentando documento feito em Milão, mas as armas nele mencionadas divergem das, que em 1774 foram concedidas por carta de sucessão.

Também há em Portugal Secos de origem nacional, certamente proveniente de alcunha, que são antigos e existem na província da Beira, principalmente.



Seco



Segura

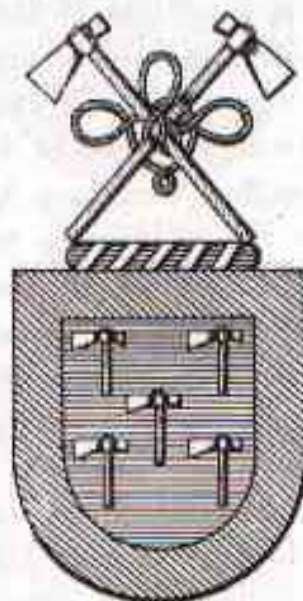
SEGURA. Família espanhola da Andaluzia, de que havia descendência na cidade de Ubeda.

As armas que lhe pertencem são: De ouro, com uma cruz florenciada de vermelho, cantonada de quatro trempes de azul, e oito aspas do segundo, postas em orla.

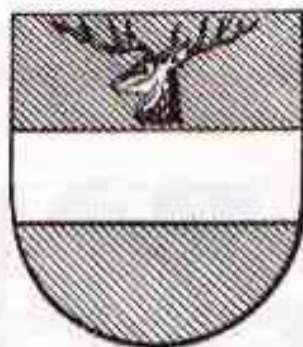
Estas armas são indicadas como usadas também em Portugal, mas não há nenhum registo oficial conhecido. O apelido, em Portugal, que parece não existir actualmente, talvez não fosse espanhol, mas proviesse de Segura, povoação da Beira.

SEGURADO. Família que se diz ter tido principio no reinado de D. João I. A pessoa mais antiga deste apelido, que se conhece, é Fernão Martins Segurado, pai de Lopo Fernandes Segurado, avô de Martim Fernandes Segurado e bisavô de Gil Fernandes Segurado, cantor de D. João III, contador dos feitos e custas da corte e Casa da Suplicação em tempo do mesmo Rei, a quem este deu Carta de armas de sucessão, com as dos Segurados, em 12 de Junho de 1532.

As armas dos Segurados são: De azul, com cinco seguras de prata, encabadas de ouro, postas em sautor e bordadura cosida de verde. Timbre: duas seguras do escudo, passadas em aspa e atadas de azul.



Segurado



Seibnitz

SEIBLITZ. Família sueca de que veio um ramo para Portugal, na pessoa de um militar que neste reino casou com uma senhora de apelido Lócio ou Lóssio, também de origem sueca. Tiveram descendentes dos quais alguns passaram ao Brasil.

Os Seibnitz tinham o foro grande da Casa Real, mas não se sabe se usaram as mesmas armas que trazem os de um ramo passado à Alemanha, que são: De verde, com uma faixa de prata, acompanhada em chefe de uma cabeça e pescoço de veado, de sua cor.



Seixas

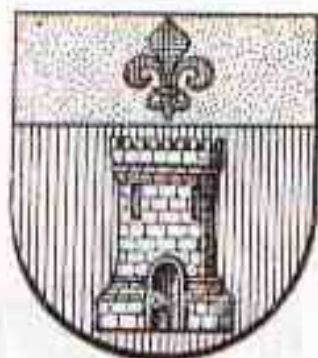
SEIXAS. Família galega, cujo solar é a Casa de Narla, junto da cidade de Lugo. Entrou na conquista de Sevilha e passou a Portugal no reinado de D. João I, na pessoa de Vasco Gomes de Seixas, que veio com trinta lanças e alguns besteiros. Dele ficou geração que se desenvolveu, especialmente na Beira.

As armas que usam são as seguintes: De vermelho, com cinco seixas (pombas) de prata, armadas e membradas de vermelho, as do cantão esquerdo do chefe e do cantão direito da ponta voantes. Timbre: uma seixa do escudo, voante.

SEM. Encontra-se escrito com muita diversidade este apelido, aparecendo as formas *Docem*, *Dossem* e *de Ocem*, mas todas correspondem a *do Sem*. Um dos mais antigos deste apelido foi o Dr. Gil do Sem, pessoa de muita autoridade no tempo de D. João I, chanceler-mor do Reino, embaixador a Castela e senhor do morgado de Sem. Este Dr. Gil do Sem foi casado com D. Branca Anes Nogueira, filha do Mestre João das Leis, pessoa muito honrada, que viveu em tempo de Afonso IV e D. Pedro I, senhor dos morgados de S. Lourenço, do conselho do Rei D. Fernando I, e de sua segunda mulher, Constança Afonso de Azambuja. Do Dr. Gil do Sem e de sua mulher foram filhos o Dr. Martim do Sem, do Conselho de D. João I, chanceler-mor, do Conselho de D. Duarte e governador da sua casa, que casou com D. Maria da Cunha, da qual não teve geração; Pedro Gil do Sem, a quem o Mestre de Avis deu propriedades em Santarém; e D. Maria ou Branca do Sem, mulher de Álvaro Rodrigues de Almeida, alcaide-mor de Torres Novas, filho bastardo de Fernão Álvares de Almeida e de Maria Lourenço. Esta sua filha teve descendência que continuou o apelido e sucedeu na administração do vínculo, por seu irmão Martim haver morrido sem filhos. Nos túmulos da igreja de S. Domingos, de Santarém, dos Drs. Gil, Martim e João do Sem se vêem as armas deste apelido, que são: De vermelho, com um leão de ouro, armado e lampassado de azul; bordadura cosida de azul, carregada de oito vieiras de prata. Timbre: o leão do escudo.



Sem



Semedo

SEMEDO. Família cuja origem se desconhece, mas que já existia no século XVI. O apelido parece provir da alcunha *Sem Medo*, pelo que se escreveu Semmedo, proveniente talvez de algum feito nos territórios de além-mar.



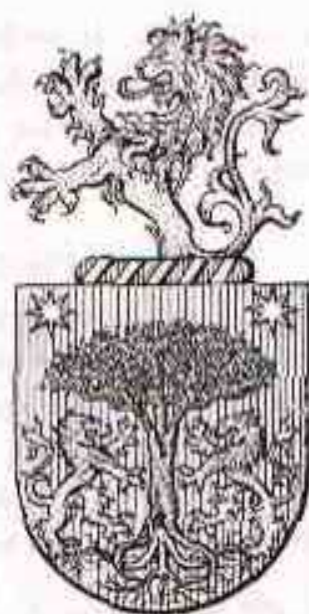
Semedo

As armas que se lhe atribuem são as seguintes: De vermelho, com uma torre de prata: chefe de ouro, carregado de uma flor-de-lis de negro.

Trazem, também: De verde, com um torre de prata encimada por um braço de carnação suatendo pelos cabelos duas cabeças cortadas de vermelho, uma de mouro e outra de moura.

SEPÚLVEDA. Família espanhola, cujo solar é a vila de Sepúlveda, próximo de Segóvia, em Castela-a-Velha. Passou a Portugal na pessoa de Martim de Sepúlveda, um dos vinte e quatro regedores de Sevilha, que teve o castelo de Noudar e a quem o Rei D. João II, de Portugal, deu a vila de Buarcos e outras rendas em remuneração dos serviços que lhe prestou.

Pertencem-lhe as seguintes armas: De vermelho, com uma oliveira de verde, perfilada de ouro, arrancada de prata, sustida por dois leões de ouro afrontados, e suas estrelas de oito raios de prata, postas nos cantões do chefe. Timbre: um leão do escudo, sainte.



Sepúlveda

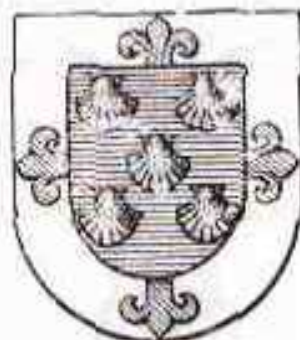
SEQUEIRA. Família antiga, que procede dos Silvas e dos Velhos, ascendentes de Gonçalo Anes Redondo, filho de João Pires Velho e de sua segunda mulher, D. Maior Pires, cujos pais foram Pedro Rodrigues de Pereira e D. Maria Pires Gravel. Gonçalo Anes Redondo contraiu matrimónio com sua parenta D. Urraca Fernandes de Andrade, filha de Fernão Pires de Andrade e de sua mulher D. Maior Viegas de Sequeira, senhora da quinta da Sequeira, na freguesia de Santa Maria de Sequeira, termo de Barcelos, esta, filha de Reimondo Viegas de Sequeira e de sua mulher D. Maria Anes. Reimondo Viegas foi o primeiro do apelido, tomado da sobredita quinta, e era filho de D. Egas Peres Coronel e de D. Inês Martins, filha de D. Martim Anaia, todos membros de linhagens bem conhecidas. Do casamento de Gonçalo Anes Redondo com D. Urraca Fernandes de Andrade nasceram filhos, continuadores do apelido de Sequeira.

São de Manuel de Sousa da Silva os seguintes versos:



Sequeira

*Sequeira honra antiga
Foi dos Redondos morada
A um seu filho deixada
Sua geração obriga
De Sequeira ser chamada.*



Sequeira, de D. Fernando Rodrigues de Sequeira. Mestre de Avis

As armas dos Sequeiras são: De azul, com cinco vieiras de ouro postas em sautor. Timbre: quatro penachos de azul e entre os dois do meio uma vieira do escudo.

D. Fernando Rodrigues de Sequeira, mestre da Ordem de Avis, a seguir a D. João I, usou as armas do seu apelido com bordadura de prata, carregada de quatro flordes-de-lis

de pé cortado, de verde, moventes do bordo interior da bordadura, uma em chefe, uma invertida em ponta e duas deitadas e adossadas, uma a cada flanco.

Estas armas eram pessoais, pelo que a diferença que apresentam das anteriores não podia ser usada pelos seus descendentes, visto provir da dignidade de Mestre da Ordem.

SERNIGE. Família florentina que passou a Portugal na pessoa de Jerónimo Sernigi, o qual provou descender da linhagem do seu apelido e que os Sernigis eram fidalgos de cota de armas e cidadãos da Senhoria de Florença, quando requereu ao Rei D. Manuel Ihe mandasse registar as suas armas, das quais Ihe foi passada carta em 4 de Julho de 1515. O apelido em Portugal tomou a forma de Sernige, aparecendo também escrito Sarnige.

As suas armas na Itália divergem, em parte, das que foram registadas e usadas por Jerónimo Sernigi, que são: De prata, com um monte formado de seis cômodos de sua cor, movente da ponta, e três rosas de vermelho abertas, de cinco pétalas, com hastes e folhas de verde, pisadas de ouro, uma saindo do cume do monte, as outras dos cômodos dos flancos; chefe de azul carregado de um lambel de vermelho, perfilado de ouro, de quatro pendants, com três flores-de-lis do mesmo, postas nos intervalos. Timbre: um pescoço e cabeça de serpe de verde, picada de ouro, com um coração de vermelho na boca.



Sernige

SERPA. Família que se pretende fazer descender do Infante D. Fernando, filho de D. Afonso II, Rei de Portugal, apenas pela circunstância de ele ter sido senhor de Serpa e, por isso, ser conhecido pelo Infante de Serpa. Ignora-se, mesmo, a série de gerações durante alguns séculos, o que prova bem o pouco lustre que tinha a família se, então, já usava este apelido, ou que ela ainda o não tomara, o que parece mais racional. O apelido é, sem dúvida, originado da vila do seu nome, que, talvez alguém, mesmo sem dela possuir o senhorio, o tomasse, por naturalidade ou por aí ter bens ou viver, circunstâncias que foram causa de muitos apelidos geográficos. As suas armas já se encontram no *Livro do Armeiro-mor*, datado de 1509, mas é no mesmo século que o apelido se torna conhecido, embora com pouco uso, o que confirma a suspeita de não ser antigo.

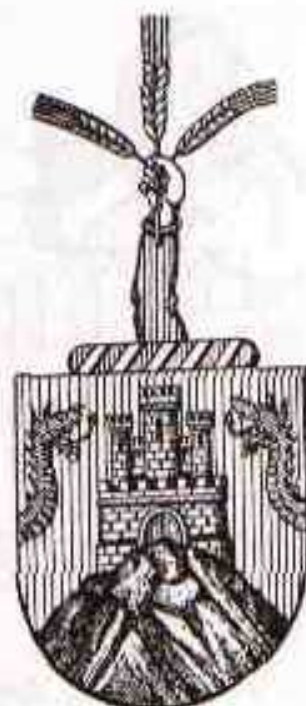


Serpa

Tais armas são: De verde, com uma serpe de ouro, voante, encimada por um leão do mesmo, armado e lampassado de vermelho, ladeado por duas torres de prata, abertas e iluminadas de negro. Timbre: uma torre do escudo, rematada por uma serpe de ouro, sainte das ameias.

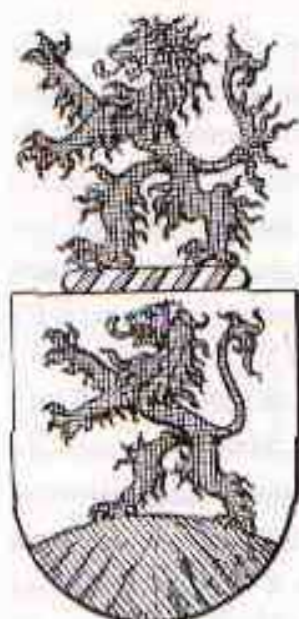
SERRA. Apelido de origem geográfica, de que, em Portugal, parece existirem diversas famílias, umas provenientes do próprio país, outras vindas de fora, pois com este nome as há na Espanha, na França, na Itália e na Sardenha. Uma das que se tornaram mais conhecidas e tiveram várias cartas de brasão de armas, por sucessão, foi a da região da Lousã, da qual saíram, como parece, os Serras do Grão-Pará.

As armas usadas pelos de Portugal são: De vermelho, com um castelo de prata, sobre um monte de sua cor, o castelo ladeado de duas cabeças de serpe de verde, picadas de ouro, moventes dos flancos. Timbre: um braço vestido de vermelho, saindo em pala, com um pé de trigo de três espigas de ouro na mão.



SERRA

SERRÃO. Provém os deste apelido da família dos Mouras,



Serrão

ganhadores da vila do seu nome. De D. Martim Rodrigues, mestre da Ordem de Calatrava, foi filho Vasco Martins Serrão de Moura, fidalgo principal do seu tempo, que se achou nas conquistas do Reino, por cujos serviços houve o senhorio de alguns lugares na província do Minho. Teve mercê da alcaidaria de Moura, de que não chegou a tomar posse. Casou-se com D. Maria Dias de Góis, filha de Pedro Salvador e de sua mulher, D. Maria de Esposade. Vasco Martins e sua mulher instituíram, estando em Sevilha no ano de 1264, um vínculo e deixaram geração.

As armas dos Serrões são as seguintes: De prata, com um leão de vermelho, sobre um monte verde. Timbre: o leão do escudo, saínte.

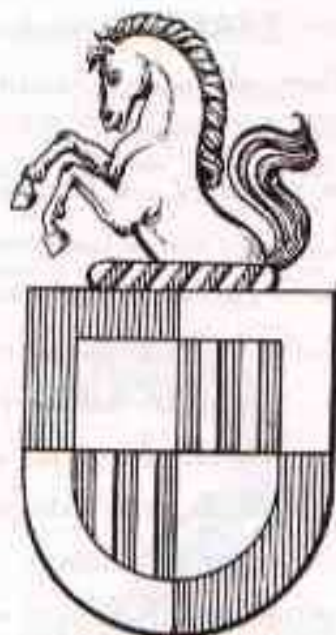
SEVERIM. Família que veio de França na pessoa de Pedro Severin, natural do bispado de Senlis, fidalgo honrado que serviu D. Uoão I e esteve na tomada de Ceuta. Foi casado com *Constança Pires de Camões*, filha de Vasco Pires de Camões, o mais antigo deste apelido em Portugal. Tiveram Maria Anes Severim, cujo patronímico não parece justificar-se, a qual contraiu matrimónio com Gil Anes de Oliveira, filho de João Afonso de Oliveira, e deles descendem os Severins portugueses; e *Margarida de Camões*, que casou com o desembargador Álvaro Martins.



Severim

Trazem estes Severins por armas, de que tiveram cartas de sucessão concedidas em Portugal em 1533 e 1562, as que seguem: Partido: o primeiro, de prata, com bordadura composta de vermelho e de prata, de vinte e duas peças; o segundo, de vermelho, com duas palas de prata. Timbre: um cavalo sainte de vermelho ou um leão de prata carregado de três faixas de vermelho.

Outros do mesmo apelido usam: Esquartelado: o primeiro e o quarto de



Severim (outros)

de vermelho, com duas palas de prata: bordadura esquartelada de vermelho e de prata. Timbre: um cavalo sainte de prata.

SILVA. Família das mais consideradas da Península, a qual se diz provir dos reis de Leão. D. Guterre Pais, governador da terra da Maia, teve por filho a D. Pelaio Guterres, governador de Alva, e por neto a D. Guterre Alderete, rico-homem, senhor de Alderete e da torre da Silva situada na aldeia do Alderete, freguesia de Cerdal, termo de Valença do Minho, da paróquia de Oserdão, de Alderete e de Jozam. Acompanhou o conde D. Henrique de Borgonha e esteve na tomada de Coimbra pelo Rei de Castela D. Fernando I. Daquela torre tomou o apelido de Silva, que transmitiu à sua geração. Casou-se com D. Maior Peres de Ambia e teve D. Paio Guterres da Silva, rico-homem, adiantado-mor de Portugal, governador de muitas terras pelo Rei D. Afonso VI de Leão, alcaide do castelo de Santa Eulália, senhor de Alderete, da torre da Silva e do porto da Figueira. Fundou os mosteiros de Cucujães, Tibães, São Simão da Junqueira, São Salvador do Souto e Santo Estêvão de Vilela. Recebeu-se com D. Sancha Anes, filha de D. João Ramiro, senhor de Montor, neta de Ramiro Frade, da qual teve filhos, e contraiu segundas núpcias com D. Urraca Rabaldes, filha de Cristóvão Anes e de D. Maria Rabaldes, de quem houve geração. Os filhos de ambos os matrimónios tomaram o apelido de Silva e por eles se continuou a linhagem.

João Rodrigues de Sá, senhor de Matosinhos, nas suas coplas heráldicas, disse desta linhagem:

*Do metal mais cycelente
os que trouxeram lyão
em prata, Sylvas serão,
que oje sacha presente
mais antygua jeração.*

*Foram seus progenitores
Capetos, & Numitores,
reys d'Alua, donde vyeram
os jrmãs que nom couberão
num soa reyno dous senhores.*

Igualmente cantou os Silvas o bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, nos versos seguintes:

*Trazem leão e mais sanguinho
os Silvas da Corunha e Vigo
cujo solar é no Minho
junto de S. Vitorino
nobre leal e antigo.*

*Estes condes de Cifantes
são garfos de Portugal
vem nos criados nos montes
por um fero animal
que não perdoa a infantes.*

Devem-se, também, versos alusivos à mesma linhagem ao insigne genealogista Manuel de Sousa da Silva, capitão-mor de Santa Cruz de Ribã Tâmega. É dele a quintilha:

*Esta illustre e fatal
A quinta da Silva mão
que perto de Braga está
A Hespanha e Portugal
Catorze títulos dá.*

As armas desta família são: De prata, com um leão de púrpura, armado e lampassado de vermelho ou de azul. Timbre: o leão do escudo.



Silva

SILVEIRA. A origem desta família não está bem esclarecida nos antigos nobiliários. Uns apontam Gonçalo Vasques da Silveira, contemporâneo de D. Fernando I, fidalgo muito honrado, senhor da herdade e defesa da Silveira, no termo da vila de Redondo, pelos anos de 1378, como a pessoa mais antiga que se conhece do apelido, que teria tomado daquele senhorio, e progenitor da família. Dão-no por casado com Alda Rodrigues de Aguiar, filha de Rodrigo Afonso de Aguiar, dos Aguiar de Évora. Tiveram Maria Gonçalves da Silveira, casada com Martim Gil Pestana, alferes-mor da cidade de Évora, filho de Gil Vaz Pestana, que teve o mesmo officio, e de sua mulher, D. Alda Vicente, com geração que seguiu o apelido de Silveira.

Outros nobiliários fazem cabeça de linhagem o Dr. Fernando Afonso da Silveira, embaixador a Castela em 1423, casado com D. Catarina Teixeira, camareira-mor da Infanta D. Isabel e filha de Estêvão Pires de Torres Vedras e de Maria Gonçalves Teixeira, de cujo matrimónio nasceu o Dr. João Fernandes da Silveira, 1.º Barão de Alvito, regedor da Casa da Suplicação, escrivão da Puridade, vedor da Fazenda de D. João II e marido em primeiras núpcias de D. Violante Pereira, filha de João Mendes de Águeda, corregedor da Corte, matrimónio de que provieram Silveiras, e em segundas núpcias

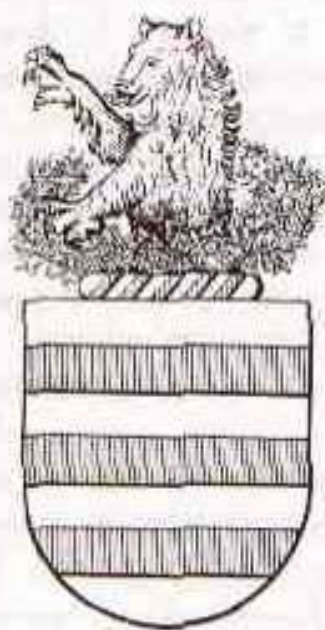
de D. Maria de Sousa Lobo, filha herdeira de D. Diogo Lopes Lobo, senhor de Alvito, e de sua mulher, D. Isabel de Sousa, do qual casamento também houve geração que seguiu os apelidos de Lobo e de Silveira. Dizem esses nobiliários que o Dr. Fernando Afonso da Silveira, atrás mencionado, era filho de D. Afonso Martins, décimo nono prior do mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, que fazem anteriormente casado com D. Maior Rodrigues de Sousa, filha de Rui Vaz Ribeiro e de sua mulher, D. Violante de Sousa; e informam que D. Afonso Martins era filho do senhor de Mortágua, Martins Afonso de Sousa. Este Dr. Fernando Afonso da Silveira também é indicado por filho de Álvaro Vaz Pestana e de sua mulher, Inês da Silveira. Não se sabe, pelo exposto, se existe ligação do Dr. Fernando Afonso da Silveira com os Silveiras mais antigos, nem de quem ele é, ao certo, filho, pois se a filiação estivesse definida poder-se-ia concluir se há mais do que uma família de Silveiras, de origem portuguesa.

Escreveu João Rodrigues de Sá os versos seguintes, dedicados aos Silveiras:

*Em hum campo prateado
bandas de sanguynha cor
cum silua derredor
de quo escudo ha cerquado,
são armas de grão valor.*

*E em pendões, & bandeyras
as podem trazer Sylueyras:
Sylueyras de Syluas vem,
o nome o diz, & tambem
estorias muy verdadeyras.*

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, também pôs a sua origem, embora lendária, em verso, escrevendo:



Silveira

*De Sylvano senador
de Silvio tambem gerado
vem o de cujo valor
foi Dio fortificado
com tanta gloria e louvor.*

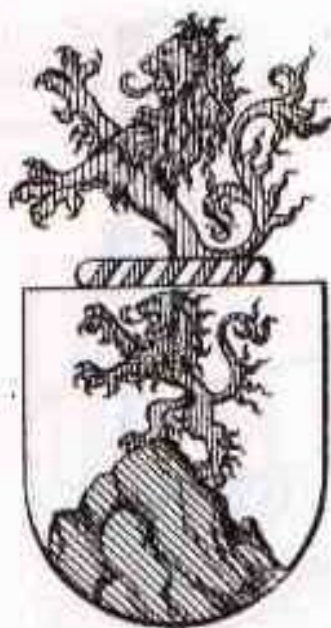
Trazem por armas: De prata, com três faixas de vermelho. Timbre: um urso de prata, armado e lampassado de vermelho sainte de uma capela de silvas de sua cor.

Há também uma família estrangeira que traduziu o seu apelido para português Silveira difundindo-se nas Ilhas. (V. Hagen.)

SIMÕES. Não há uma só família Simões, mas muitas, visto se tratar do patronímico de Simão, nome outrora bastante vulgar.

A Gil Simões Vilarinho, cavaleiro da Casa de D. Duarte, e a seu irmão Vicente Simões, escudeiro da mesma casa, deu o referido príncipe, por Carta de 10 de Julho de 1438, armas novas em atenção aos muitos e bons serviços que havia recebido deles na guerra com os Mouros e por terem estado com os infantes D. Henrique e D. Fernando em Tânger, onde foram todos cercados no palanque pelos Mouros e haverem sido feridos muitas vezes. Nos armoriais figuram estas armas como sendo dos Simões ou dos Vilarinhos.

O mencionado diploma é, entre os do género, o mais antigo conhecido em Portugal e as armas por ele conferidas são as seguintes: De prata, com um leão de negro, gotado e lampassado de vermelho, sobre um monte de verde. Timbre: o leão do escudo.



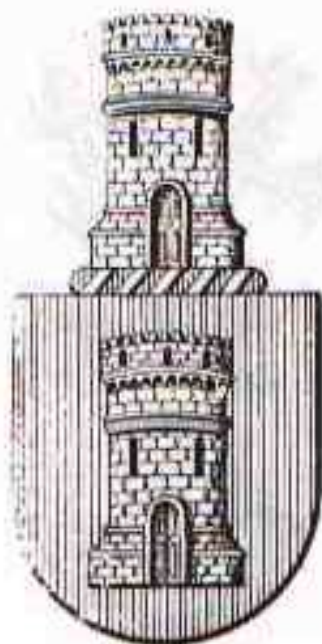
Simões

SOARES. Esta designação familiar não constitui propriamente apelido, porque, na origem, foi patronímico de Soeiro. Há muitas proveniências de Soares, porquanto na Idade Média o nome próprio Soeiro foi bastante usado, quer em Portugal, quer nos vizinhos reinos hispânicos. Em Portugal as duas principais linhagens de Soares, autóctones, são a dos Soares de Albergaria (v. *Albergaria*) e a dos Soares de Tangil. De Espanha vieram outras, parecendo que a mais importante foi a dos Soares, de Toledo. Os Soares de Albergaria usaram muitas vezes apenas Soares, existindo numerosas famílias que, certamente, ignoram provir da referida linhagem, assim como alguns ramos adoptaram o patronímico em nominativo — *Soeiro* —, às vezes acompanhado de *Albergaria*.

Os Soares de Tangil começam em Soeiro Afonso de Tangil, senhor da torre de Tangil, na freguesia de Tangil, concelho de Monção, a qual foi solar da família. Dizem ter casado com D. Maria Lourenço de Valadares, filha de D. Lourenço Soares de Valadares e de sua segunda mulher, D. Sancha Nunes, casamento que não se acomoda muito à cronologia. Foi seu filho Gil Afonso Soares de Tangil, senhor da Casa e solar de Tangil, alcaide-mor de Castro Laboreiro, no reinado de D. Pedro I, casado com D. Aldonça Martins de Alvarenga, filha de Martim Pires de Alvarenga, senhor de Alvarenga e Valadares, e de sua mulher D. Inês Pais, de cujo matrimónio provieram os Soares de Tangil, tanto de Portugal, como de Espanha. O quinhentista João Rodrigues de Sá referiu-se nos seus versos à família dos Soares de Albergaria por este modo:

*A moor joya das deuyas
em campo dargentaria
traz a nobre fydalguia
com orla das reaes quynas,
Soarez dAlbergaria,*

*E hum destes a ganhou,
& por grão preço aloançou
quem huma peleja braua
hum mestre de Calatrava
prendeo, & desbaratou.*



Soares

Também o bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, cantou em verso a mesma família, como se vê em *Albergaria*.

É de Manuel de Sousa da Silva, o ilustrado capitão-mor de Santa Cruz de Riba Tâmega, a seguinte quintilha:

*No termo de Valladares
De Tangil a casa rica
A sua geração fica
Que o nome de Soares
Com os seus junto publica.*

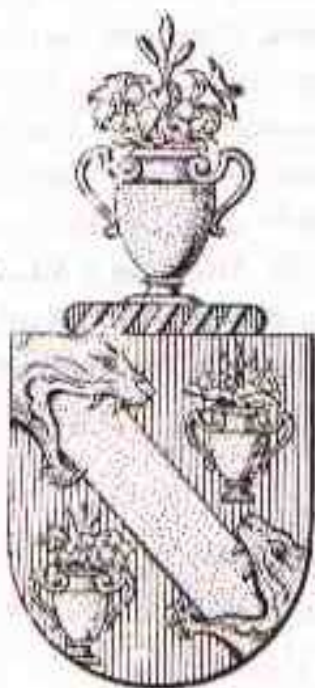


Soares, de Tangil

Os Soares usam por armas: De vermelho, com uma torre de prata. Timbre: a torre do escudo.

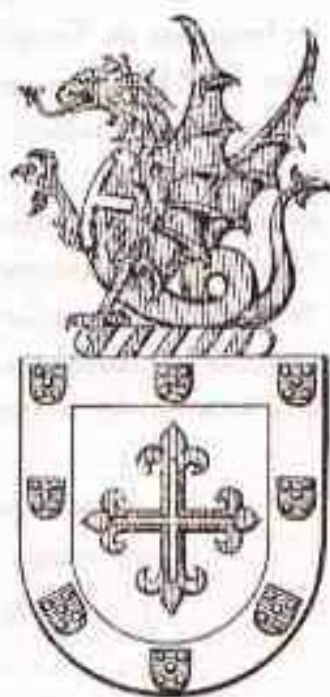
Os Soares de Tangil trazem: De azul, com uma ponte de três arcos, ameiada de prata, sobre um rio de sua cor, sustentando duas torres também de prata — uma a cada flanco — e, ao centro, um leão de ouro com uma espada de prata, guarnecida de ouro, na mão direita, cada torre rematada por uma águia de negro, estendida. Timbre: o leão do escudo com a espada.

Os Soares de Toledo usam: De vermelho, com uma banda de ouro, abocada por duas cabeças de serpe do mesmo, lampassadas de azul, a banda acompanhada de duas alharradas de ouro, de duas asas, cheias de açucenas de sua cor. Timbre: uma alharrada do escudo.



Soares, de Toledo

Os Soares de Albergaria usam as mesmas armas de Albergarias, porém com algumas variantes: De prata, com uma cruz florenciada e vazia de vermelho; bordadura também de prata, carregada de oito escudetes de azul, cada escudete com cinco besantes de prata, postos em sautor. Timbre: um dragão de vermelho, com uma cruz de prata sobre o peito.

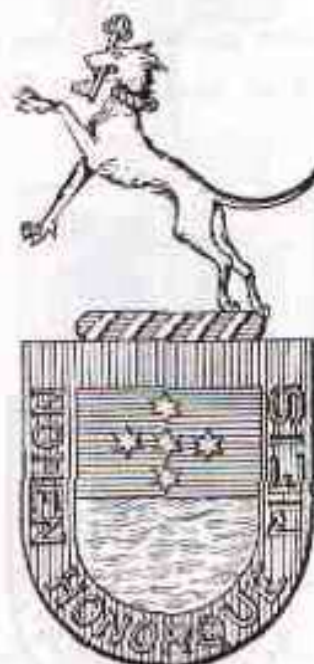


Soares, de Albergaria

SOBRAL. Família proveniente de Joaquim Inácio da Cruz Sobral, fidalgo da Casa Real, do Conselho de D. José I, do Conselho da Fazenda, tesoureiro do Real Erário e morgado do Sobral de Monte Agraço, a quem o mesmo príncipe, pelos serviços dele recebidos, concedeu Carta de armas, de mercê nova, a 7 de Dezembro de 1776. Este Joaquim Inácio era irmão de José Francisco da Cruz Alagoa, morgado de Alagoa, a quem o Rei também concedeu Carta de brasão de armas de mercê nova, relativas ao último apelido. (V. *Alagoa*).

As armas de Joaquim Inácio da Cruz Sobral são: Cortado: o primeiro de azul, com cinco estrelas de ouro de seis raios postas em cruz; o segundo de prata, ondado de azul; bordadura de vermelho, carregada da legenda NOMEN HONORQUE MEIS em letras de ouro. Timbre: um galgo de prata, coleitado de vermelho, com uma chave de ouro na boca.

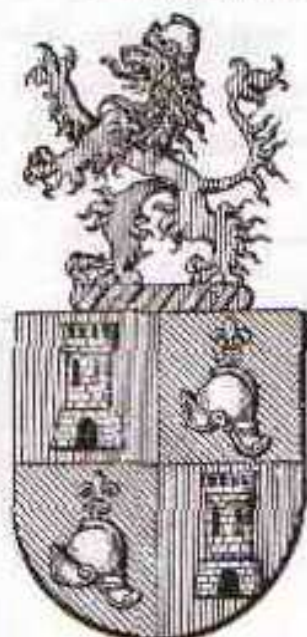
Há ramos da família Soveral que usam o apelido na forma moderna de Sobral, mas nem todos os que se chamam assim provêm do mesmo tronco (v. *Soveral*), quer o antigo, quer o dos Cruzes Sobrais.



Sobral

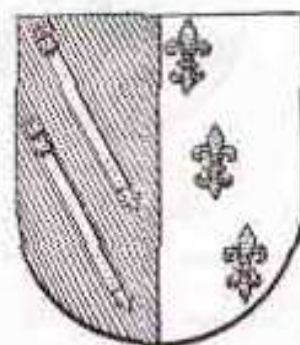
SOBRINHO. Família antiga cujo apelido já existia no ano de 1285, no Minho, onde então vivia um Martim Sobrinho, que era sobrinho de Pedro Sobrinho, cônego de Orense, pelo que se deverá supor serem espanhóis. O apelido deve provir de distinção familiar, baseada em parentesco, porquanto pode haver várias famílias do mesmo nome. Destes ou de outros vivia no Alentejo, na vila de Montemor-a-Novo, em 1490, um Fernão Sobrinho, de quem ficou geração.

As armas deste apelido são as seguintes: Esquartelado: o primeiro e o quarto de vermelho, com umas torre de prata, lavrada aberta, e iluminada de negro; o segundo e o terceiro de verde, com um casco de prata rematado por uma flor-de-lis de ouro. Timbre um leão de vermelho com o casco do escudo na cabeça e a flor-de-lis na espádua.



Sobrinho

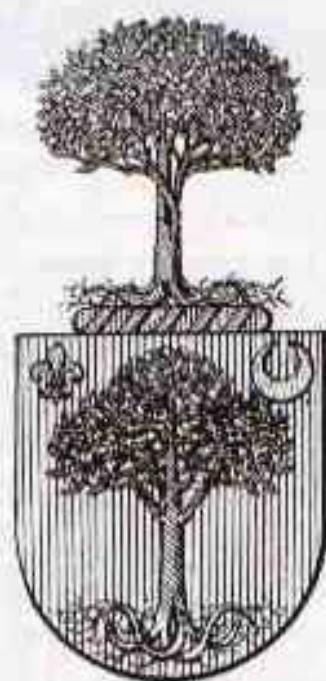
Outros do mesmo apelido trazem por armas: Partido: o primeiro de verde, com dois cintos de prata, com fivelas e passadores do mesmo, postos em banda, com as fivelas para cima; o segundo de prata, com três flores-de-lis de azul, postas em pala e alinhadas em banda.



Sobrinho (outros)

SOROMENHO. Família cuja origem se ignora, a qual deve ter tomado o apelido de alcunha.

As armas que usam são: De vermelho, com um soromenho de verde, perfilado de ouro, arrancado e frutado de prata, ladeado, em chefe, de uma flor-de-lis e de um crescente de ouro. Timbre: a árvore do escudo.



Soromenho

SOTOMAIOR. Descende esta antiga linhagem de D. Paio Mendes Sored, contemporâneo de D. Afonso VI, rei de Leão, a quem serviu, e de sua mulher, D. Elvira Godins, filha de D. Godinho Fafes. D. Paio Mendes e sua mulher tiveram por filhos Mem Pais, servidor de D. Afonso VIII e um dos conquistadores de Almeria, o qual fundou casa no vale de Soto, que por ser o maior do lugar ficou conhecido por Sotomaior. Casou este Mem Pais com D. Inês Peres de Ambia, filha de Pedro Pais de Ambia e de sua mulher, Maria Fernandes, de quem teve: D. Paio Mendes Sored de Sotomaior, o primeiro que tomou o apelido, muito bom cavaleiro, casado com D. Ermesenda Nunes Maldonado, filha de Nuno Fernandes Maldonado, senhor da Casa de Aldaña, e de D. Aldara Fernandes Turrichão, de cujo matrimónio nasceram vários filhos, que continuaram o apelido de Sotomaior: Pedro Mendes de Sotomaior que, parece, casou com D. Madalena de Sequeiros; e D. Teresa Mendes, mulher de Fernando Arias de Saavedra. De D. Paio Mendes de Sotomaior passou descendência a Portugal, por diversas vias.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, exaltou a nobreza dos Sotomaiors nos seguintes versos:



Sotomaior

*Estes são o do solar
do alto do mar gerado
que quizerom degolar
pelo Infante matar
por erro mas conhecido.*

*Os deste de Portugal
de Afonso Mendes descendem
cavaleiro principal
galego, também pretendem
godo sangue real.*

As armas usadas pelos deste apelido são: De prata, com três faixas xadrezadas de vermelho e de ouro, de três tiras. Timbre: um leão de prata, carregado das três faixas do escudo.

É extremamente variável a grafia deste apelido, que aparece nas formas *Sotomaior* e *Soto-Maior*, *Sotomayor* e *Soto-Mayor*, *Sottomaior* e *Sotto-Maior*, *Sottomayor* e *Sotto-Mayor* e ainda *Soutomaior* e *Souto-Maior*. A grafia espanhola é *Sotomayor*.

SOUSA. Família das mais antigas e ilustres de Portugal, que teve origem nos Reis godos, como deduzem os genealogistas em gerações seguidas até o primeiro do apelido. De D. Gomes Echigues, cavaleiro dos princípios do século XI, governador da comarca de Entre Douro e Minho, senhor de Felgueiras, junto de Pombeiro, lugar que comprou a Paio Moniz no ano de 1040, do couto de Dornelas, das honras de Novelas e Louredo, e fundador do mosteiro de Pombeiro, onde jaz, nasceram vários filhos, havidos de sua mulher, D. Gontrode Moniz, a qual era viúva e filha de D. Múcio Fernandes de Touro, filho do Rei de Castela D. Fernando, o Magno, e de sua cunhada, D. Ximena. Entre os filhos, o sucessor foi D. Egas Gomes de Sousa, o primeiro que trouxe este apelido, tomado da terra do mesmo nome. Foi senhor da terra de Sousa, de Novelas e Felgueiras, governador da comarca de Entre Douro e Minho e valente batalhador. Recebeu-se com D. Flâmula Gomes, chamada Gontinha Gonçalves, filha de D. Gonçalo Trastamires da Maia e de D. Mécia Rodrigues e trineta de D. Ramiro II, Rei de Leão. Deste matrimônio nasceram filhos que continuaram o apelido de Sousa. Sua sexta neta, com uma quebra de varonia, D. Maria Pais Ribeiro, senhora da Casa de Sousa, casou com D. Afonso Diniz, filho ilegítimo de D. Afonso III, e de D. Maria Pires da Enxara, dando princípio ao ramo de Sousas, senhores de Arronches.

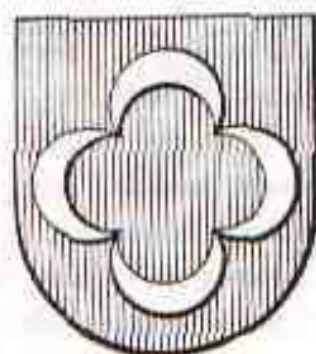
De D. Inês Lourenço de Valadares, também descendente de D. Egas Gomes de Sousa pela mesma forma que D. Maria Pais, de quem era prima coirmã, proveio pelo casamento com D. Martim Afonso, chamado o Chichorro, filho ilegítimo de D. Afonso III e de Ouroana, o ramo de Sousas conhecido por Sousa Chichorros ou Sousas do Prado, por terem o senhorio deste lugar.

Várias pessoas cantaram em verso a nobreza da linhagem dos Sousas, como o famoso João Rodrigues de Sá, que o fez por esta forma:

*De duas armas reaes,
com guynas, & com lyoens
Souzas fazem quarteyroens,
por serem fylhos carnaes,
de dous reys por soçesoens.*

*Duum que tem tal valor
que foy par demperador,
doutro em Portugal seu par,
o prymeiro no reynar
prymeiro conquistador.*

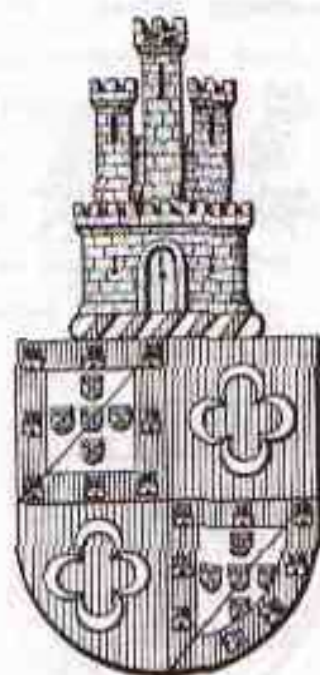
As armas aqui mencionadas são as dos Sousas, do Prado. Devem-se ao bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, estes versos:



Sousa (antigo)

*Dous escudos venerados
de Portugal e Leão
ao travez esuartelados
armas dos Souzas são
mui dignos de seus passados.*

Também este autor somente aludiu às armas dos Sousas, do Prado, ou Sousas Chichorros.



Sousa, de Arronches

Manuel de Sousa da Silva escreveu:

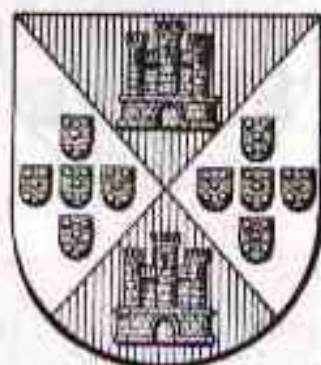
*Junto do Souza famoso
Em Novellas de Pousada
foi a casa sublimada
Dos Souzas; que o rigoroso
Tempo converteu em nada.*



Sousas, do Prado

As armas antigas dos Sousas eram:
De vermelho, com uma caderna de
crescentes de prata.

O ramo dos Sousas, de Ar-
ronches, acrescentaram-nas com as
quinas, provenientes do casa-
mento da senhora da Casa de



Sousa, de Córdoba

Sousa com D. Afonso Dinis, ficando assim constituídas:

Esquartelado: o primeiro e o quarto de prata, com cinco escudetes de azul, postos em cruz, cada escudete carregado de cinco besantes do primeiro esmalte, postos em sautor; bordadura de vermelho carregada de oito castelos de ouro, tendo um filete de negro, posto em barra, atravessante sobre tudo, salvo o escudete do centro; o segundo e o terceiro de vermelho, com uma caderna de crescentes de prata. Timbre: um castelo de ouro. Nem todos usaram a bordadura, nem o filete.

Os Sousas, do Prado, trazem: Esquartelado: o primeiro e o quarto de prata, com cinco escudetes de azul postos em cruz, cada escudete carregado de cinco besantes do primeiro esmalte, postos em sautor; o segundo e o terceiro de prata, com um leão de púrpura. Timbre: o leão do escudo.

Os Sousas, de Córdoba, usam: Franchado: o primeiro e o quarto de vermelho, com um castelo de ouro; o segundo e o terceiro de prata, com cinco escudetes de azul, postos em cruz, cada escudete carregado de cinco besantes de prata, postos em sautor.

SOUTELO. Família originária da Galiza, que, passando a Portugal, se fixou em Miranda do Douro e daí se propagou a diversos lugares. Em Espanha o apelido escreve-se Sotelo.

As armas usadas pelos deste apelido são: De azul, com uma cruz florenciada de ouro, cantonada de quatro estrepes do mesmo; bordadura de ouro, carregada de oito escudetes de azul, cada um com sua banda de prata.



Soutelo



Souto

SOUTO. Família espanhola, onde o apelido tem a forma *Soto*.

As suas armas são: De azul, com uma águia de ouro, estendida, carregada no peito de um escudete de vermelho, com três palas do segundo esmalte; bordadura de ouro, carregada de oito cadeados de negro, abertos. Timbre: a águia do escudo.

SOVERAL. Saíram os Soverais da linhagem dos Avelares. Martim Esteves do Avelar, filho de Estêvão Dias, chamado de Mouriz, e de sua mulher D. Maria Martins, casou com D. Sancha Gonçalves, de Milheirós da Maia, de quem houve a João do Avelar, casado com D. Inês Pires, com geração; Pedro do Soveral, senhor da Quinta de Goim, herdada de seu pai, meirinho-mor de Trás-os-Montes pelo ano de 1287, que contraiu matrimónio com D. Maria Lourenço de Portocarreiro, filha de Lourenço Anes de Portocarreiro e de sua mulher D. Guiomar Rodrigues, morto no ano de 1322, deixando geração que continuou o seu apelido; Fernão Martins do Soveral, que se recebeu com D. Maria Guilherme, de Santarém, com geração do apelido de Avelar; D. Constança Martins do Avelar, mulher de Aires Gomes de Gundar, filho de Gomes Fernandes de Gundar e de sua mulher D. Teresa Moniz, com geração.

Manuel de Sousa da Silva fez os versos seguintes, dedicados aos Avelares e Soverais:

*Teve a casa em Aguiar
Estevão Dias leal
De quem vem os de Abelal
E os que ouvimos chamar
De nome de Sobral.*

O apelido Soveral, de origem geográfica, evoluciona tanto nos topónimos como na designação familiar para Sobral, usando hoje a forma antiga apenas alguns ramos e sem grande expansão.

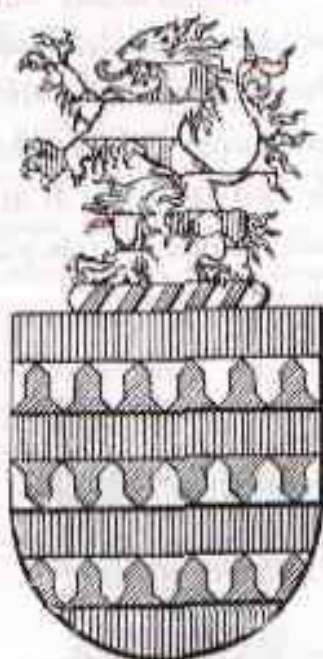
Usam os Soverais ou Sobrais as armas dos Avelares, por não as terem próprias, as quais são: De ouro, com três faixas de vermelho, cada faixa carregada de três estrelas de prata, de seis pontas. Timbre: três espadas de prata, empunhadas de vermelho, guardadas de ouro, apontadas e fincadas no virol.

SOVEROSA. Provém os deste apelido, há muito extinto, do Conde D. Gomes de Sobrado, pai de Fernão Gomes, chamado o *Catão*, que teve por filho a D. Vasco Fernandes de Soverosa, rico-homem, casado com D. Teresa Gonçalves de Sousa, filha de

D. Gonçalo Mendes de Sousa, o Bom, privado de D. Afonso Henriques, com quem esteve na batalha do Campo de Ourique, e de sua segunda mulher, D. Dordia Viegas. D. Vasco Fernandes e sua mulher tiveram os seguintes filhos: D. Elvira Vasques de Soverosa, senhora da honra de Oliveira e de muitas fazendas, que contraiu matrimónio com D. Paio Soares de Valadares, senhor de Valadares, contemporâneo do mesmo príncipe, filho de D. Soeiro Aires de Valadares, primeiro deste apelido por morar em Valadares, junto do Minho, terra de que tinha o senhorio, e de sua primeira mulher, D. Maria Pires de Fornelos, com geração que seguiu o nome familiar do pai; e D. Gil Vasques de Soverosa, casado com D. Maria Aires de Fornelos, que fora manceba do Rei D. Sancho I de Portugal, de quem houve filhos, a qual era filha de Aires Nunes de Fornelos e de sua mulher, D. Maior Pires, e, em segundas núpcias, com Sancha Gonçalves de Orvaneja, filha de Gonçalo Gomes de Orvaneja. De ambos os matrimónios D. Gil Vasques de Soverosa deixou geração do seu apelido.

Manuel de Sousa da Silva dedicou aos Soverosas estes versos:

*Morou primeiro em Sobrado
A geração generosa
que veio para Soverosa
de Aguiar; que no passado
Tempo foi mui poderosa.*



Soverosa

As armas atribuídas aos Soverosas são: De vermelho, com três faixas veiradas de prata e de púrpura. Timbre: um leão do veirado do escudo. Estas armas são, porém, duvidosas.

SPINOLA. V. *Espínola*.

STOCKLER. Família alemã provinda de Hamburgo, no século XVIII, em cuja cidade era burgomestre Cristiano Stockler, que teve um filho também hamburguês e de igual nome, o qual se estabeleceu em Lisboa como representante da casa comercial do pai. Cristiano Stockler, pai, era casado com Margareth Wokkers, também nascida na mesma cidade. O filho abjurou da religião protestante, baptizando-se catolicamente na igreja de S. Nicolau, de Lisboa. Casou-se com Margarida Antónia do Espírito Santo, natural de Lisboa, filha de Pedro Álvares Moreira, de uma família de lavradores dos subúrbios de Barcelos, e de sua mulher, Maria Duarte. A partir de 1732 foi este segundo Cristiano Stockler cônsul-geral, em Lisboa, de Hamburgo e das mais cidades hanseáticas do Norte da Alemanha e o seu óbito ocorreu em 1772. Seu filho Francisco Xavier Stockler sucedeu-lhe como cônsul-geral do Império da Alemanha e em 26 de Março de 1792 o Imperador Francisco II, em atenção ao nascimento e serviços, tanto próprios como de seu pai, que desempenhou cargos importantes com satisfação das cortes alemã e por-

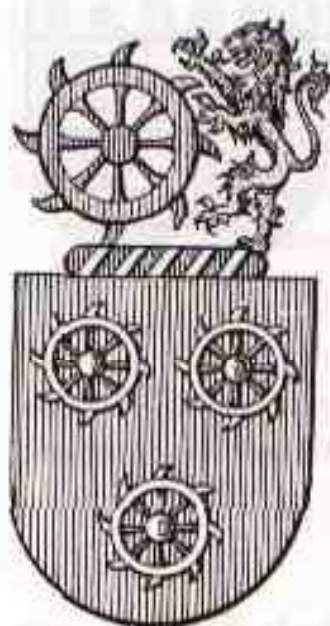
tuguesa, lhe fez mercê do título de Barão, para ele e toda a sua *legítima descendência de ambos os sexos, com as prerrogativas, privilégios e isenções que competiam aos barões do Sacro Romano Império*. A Rainha D. Maria I autorizou-o verbalmente a usar o título, o que confirmou por carta expedida pela Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, com data de 2 de Agosto de 1792.

As suas armas, que não foram registadas em Portugal mas se encontram iluminadas na carta da concessão do título, são: Partido: o primeiro de azul, com três troncos esgalhados, de sua cor, postos em três bandas; o segundo de ouro, com uma faixa de azul carregada de uma estrela de seis raios, de ouro. Timbre: um penacho de três plumas, a do meio de ouro e as dos lados de azul.



Stockler

Na Quinta do Alto, em Colares, que foi propriedade de Cristiano Stockler, pai do barão, há uma pedra de armas datada de 1753, com as mesmas armas, todavia apresentando algumas diferenças provenientes, decerto, de má interpretação dos termos heráldicos ou de desenho mal feito. Os troncos estão postos em barra e a estrela parece uma flor de seis pontas, além de que lhe falta o timbre. Vê-se que as armas não foram dadas com o título de barão, mas que a família já as possuía. O apelido, como sucede a quase todos que vêm do estrangeiro, corrompeu-se em Stocqueler, forma que usaram logo os primeiros passados a Portugal, se bem que gerações modernas o tenham usado na forma própria.



Street

lho, com três rodas de Santa Catarina, de prata. Timbre: um leão de ouro, assaltante, contra uma roda de navalhas de Santa Catarina de vermelho.

SUPICO. Família cuja origem se desconhece. Em documentos antigos aparece a forma *Sapico* (*Çapico*), que evoluiu para *Supico*. As suas armas são: De vermelho, com um castelo de ouro, vestido de prata, com quatro leões do campo. Timbre: um leão do escudo.



Supico

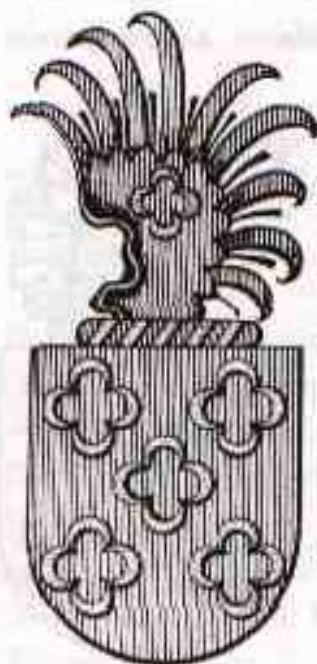


ABOADA. Família da Galiza, cujo solar é em Taboada, junto de Orense, da qual passou um ramo a Portugal.

As suas armas são as seguintes: De vermelho, com cinco cadernas de crescentes de prata. Timbre: uma aguia estendida de vermelho, carregada de uma das cadernas do escudo no peito.

Parecem estas armas as dos Tabordas, das quais só diferem no metal das cadernas e no timbre. Houve, certamente, confusão entre ambas, por os apelidos serem idênticos. Autores espanhóis atribuem aos Tabordas outras muito diversas; porém, nem estas nem aquelas foram concedidas por carta de brasão de armas em Portugal, que se saiba.

TABORDA. Provém esta família do lugar de São Miguel de Taborda, próximo da cidade de Tui, na Galiza, e dela passou a Portugal Garcia Rodriguez de Taborda, primo do Conde de Ourém, D. João Fernandez Andeiro. D. Fernando I lhe fez mercê da vila de Porto de Mós e de outras terras, de juro e herdade, e o fez alcaide de Leiria e seu meirinho-mor. Veio na mesma ocasião seu parente Gonçalo Vasques Taborda. Deste ramo de Tabordas procedem os que há em Portugal.



Taborda



Taboada

Trazem por armas: De vermelho, com cinco cadernas de crescentes de ouro. Timbre: uma asa de de vermelho, carregada de uma das cadernas do escudo.

TÂNGER. Família cuja origem vem do século XVI, principiando em Manuel Mendes, cavaleiro-fidalgo da Casa Real, que recebeu do rei D. Manuel I, por carta de 8 de Junho de 1520, mercê de armas novas, atendendo aos serviços prestados no tempo dos Reis D. Afonso V e D. João II nas guerras contra os infiéis, assim como no reinado do próprio Venturoso, com feitos honrados de esforçado cavaleiro e de

grande merecimento, no que se expôs a muito risco e foi bastantes vezes ferido. Conjuntamente lhe foi dado o apelido de Tânger, por aí ser o campo de seus gloriosos feitos.

As armas concedidas a Manuel Mendes são: De azul, com um muro ameiado, flanqueado por duas torres, de prata, aberto, iluminado e lavrado de negro; contrachefe coado de vermelho, carregado de uma cabeça de mouro, cortada e toucada de prata, à direita, e de três lanças de sua cor, postas em roquete, à esquerda. Timbre: a cabeça de mouro. Estas armas, com algumas diferenças, foram abusivamente concedidas pelos Reis de armas a pessoas do apelido Mendes, que não provinham de Manuel Mendes de Tânger. (V. Mendes).



Tânger



Taques

TAQUES. Os deste apelido passaram de Setúbal ao Brasil, estabelecendo-se no século XVII em São Paulo, Pedro Taques, baptizado na freguesia de S. Julião, daquela vila, que aí se casou com D. Ana de Proença. Pretende-se que venham dos Tassis ou Taxis, família de origem húngara, que teve o officio de correio-mor em Espanha, sendo Condes de Villamediana.

As armas que usam são: Cortado: o primeiro, de ouro com uma águia de duas cabeças, de negro, encimada por uma coroa real de ouro; o segundo, de prata, com um porco de azul, passante num terreiro de verde, partido também de prata, com um penacho de azul. Timbre: a águia do escudo. As armas dos Taxis são muito semelhantes.

TAVARES. É uma das antigas linhagens portuguesas, proveniente, ao que parece, da dos FONSECAS. Dizem os genealogistas que o rico-homem D. Egas Garcia da Fonseca, senhor do couto de Leomil e da honra de Fonseca, houve de sua mulher, D. Mor Pais de Cerveira, a D. Pedro Viegas, senhor da Guarda, o qual houve a Estêvão Pires de Tavares e a D. Maria Pires de Tavares, casada com seu primo coirmão D. Mendo Gonçalves da Fonseca, fundador do mosteiro de Mancelos, filho de D. Gonçalo Viegas, senhor da honra de Fonseca e de outras terras, e de sua mulher, D. Urraca Vasques. Estêvão Pires de Tavares tomou o apelido da terra de Tavares, na Beira, e recebeu-se com D. Ouroana Esteves, filha de Estêvão Anes, cidadão honrado e alcaide-mor da Covilhã, e de D. Teresa Afonso. Deste matrimónio ficaram filhos que continuaram o apelido de Tavares, o qual perdeu a preposição, retomada, tardiamente, por poucos descendentes.



Tavares

Os Tavares usam as seguintes armas: De ouro, com cinco estrelas de seis raios de vermelho. Timbre: um pescoço e cabeça de cavalo, de vermelho, bridado de ouro.

TAVEIRA. Provêm os Taveiras da linhagem dos Paivas, pois D. Soeiro Pires de Paiva e sua mulher, D. Urraca Mendes, foram progenitores de Paio Soares Romeu, o qual se casou com D. Sancha Henriques de Portocarreiro, filha de Henrique Fernandes Magro e de D. Ouroana Reimondes de Portocarreiro. Deste matrimónio nasceram Gonçalo Pais Taveira, Rui Pais Taveira, que matou o Conde D. Henrique de Lara, D. Mor Pais, mulher de Gomes Mendes Guedeão, senhor de Barroso, rico-homem de D. Afonso Henriques, filho de D. Mendo Guedas, o *Velho*, rico-homem, senhor de Barroso, e de sua mulher, D. Sancha.

Paio Soares Romeu deixou um filho bastardo por nome Afonso Pais Taveira, deão da Sé de Braga, que houve geração, mas pela qual não prosseguiu o apelido.

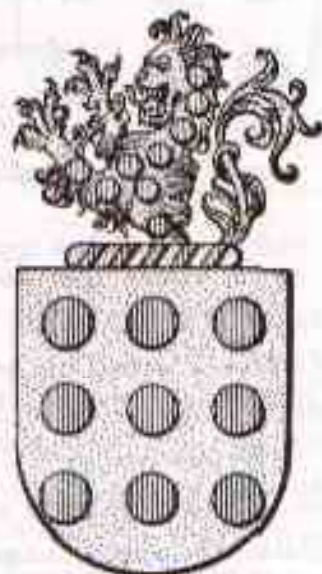
O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, cantou esta linhagem nas suas trovas, escrevendo:

*Pelo que trazem cordão
de redor da orladura
são homens de opinião
que contra o povo pagão
tiveram...*

*Dos consules senadores
Taveiras de Roma vem
do Senado defensores
com outras honras maiores
que o tempo comido tem.*

Igualmente Manuel de Sousa da Silva os exaltou nesta quintilha:

*Em S. Vicente viveram
De Penafiel honrados
Os Taveiras esforçados
Santa António tiveram
Que é luz dos seus passados.*



Taveira

São armas desta linhagem: De ouro, com nove arruelas de vermelho postas 3, 3 e 3. Timbre: um leão saínte de ouro, armado, lampassado e arruelado de vermelho.

TÁVORA. A linhagem dos Távoras é das mais antigas e chegou ao reinado de D. José I, quando o apelido foi extinto por lei, com representação sem quebra de varonia, caso raro. Os genealogistas dizem que os Távoras descendem do rei de Leão D. Ramiro II e de D. Artiga, que lhe dão por terceira mulher, informando que anteriormente se chamava Zara e era irmã de Alboazar Albocadão, senhor de Gaia, da qual aquele soberano houvera a D. Alboazar Ramires, casado com D. Helena Godins, filha de D. Godinho das Astúrias, pais de D. Hermigo Alboazar, marido de D. Dordia Osorez, de quem teve a D. Rosendo Hermiges, povoador e senhor da beetria de Távora, famoso guerreiro, o qual se recebeu com D. Urraca Afonso. D. Rosendo e sua mulher tiveram vários filhos, entre eles D. Tedon Rosendes,

senhor de Távora, que contraiu matrimónio com D. Sancha Mendes, que teve terras até então incultas, onde fez uma quinta em que se originou a povoação da Granja do Tedo. Sucedeu-lhe seu filho D. Ramiro Tedóniz, senhor de Távora, e sucessivamente, de pais a filhos, D. Pedro Ramires, senhor de Távora e fundador do mosteiro de S. Pedro das Águias, D. Ramiro Pires, senhor de Távora, Pedro Ramires, que teve o mesmo senhorio, e Lourenço Pires de Távora, sucessor no senhorio de seus maiores e senhor das vilas de Paradela, Valença e Castanheiro e do couto de S. Pedro das Águias, cujo padroado pertencia à família. Casou este Lourenço Pires de Távora com D. Guiomar Rodrigues, filha de Rui Pais de Gares, de quem houve geração propagadora do apelido, cujo uso uma lei proibiu depois do atentado contra o Rei D. José I.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, dedicou aos Távoras estes versos:

*As ondas de Távoras são
de sangue em azul mudadas
derramadas dos que estão
em S. Pedro já
sendo desta geração.*

As armas que lhes pertencem e das quais estiveram privados pela mesma lei, são: De prata, com cinco faixas ondadas de azul. Timbre: um golfinho de prata, sainte de uma capela de ramos folhados de verde e frutados de ouro.

Os marqueses de Távora (anteriormente Condes de S. João da Pesqueira, e Condes de Alvor) trouxeram as suas armas pelo modo seguinte, que vários ramos usaram: De prata, com cinco faixas ondadas de azul, a do meio carregada de um golfinho de prata; bordadura do campo, carregada das palavras *Quasunque findit*, em letras de negro. Timbre: um golfinho de prata, sainte de uma capela de ramos de verde, folhados de verde e floridos de ouro.

TEIVE. Família que tomou o apelido da Quinta de Teive, perto da cidade do Porto, na terra da Maia, de que foi senhor Vasco Pires de Temes, fidalgo honrado, o qual se casou com D. Aldonça Lopes de Valboa, filha de Lopo Rodrigues de Valboa, de quem teve Vasco Pires de Teive, o Moço, e D. Teresa Vasques de Teive, segunda mulher de Diogo Gomes Deça, com geração. Assim o dizem uns, mas há quem informe que os Temes e os Valboas eram da Galiza e que o solar dos primeiros ficava próximo de Chantada.

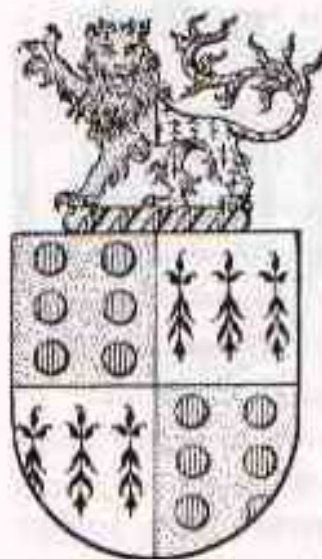
De Vasco Pires de Teive nasceu, por seu casamento, uma filha chamada D. Florença de Teive, que foi senhora da casa e contraiu matrimónio com D. Ricarte, que dizem francês ou inglês, mas inclinando-se mais para esta nacionalidade, e que era filho bastardo de João, Rei de Inglaterra, e que viera a Portugal no reinado de D. Pedro I. Deste casa-



Távora

mento provêm os que usam o apelido de Teive, cujas armas são as seguintes: De prata, com nove arruelas de vermelho, postas 3, 3 e 3. Timbre: um leopardo de púrpura, armado de vermelho e carregado de uma arruela do mesmo na espádua, ou um leopardo de prata, carregado das arruelas do escudo.

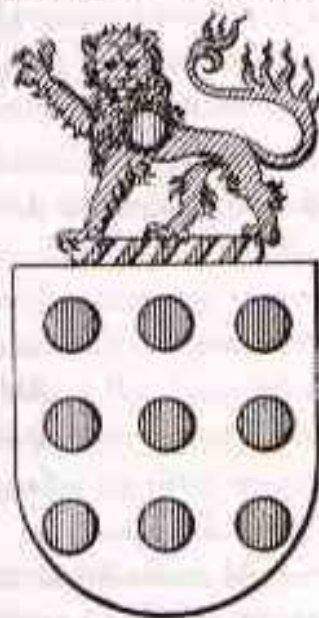
Os Teives da ilha Graciosa trazem por armas: Esquartelado: o primeiro e o quarto de ouro, com seis arruelas de vermelho, postas 2, 2 e 2; o segundo e o terceiro de prata, com três mosquetas de negro, alinhadas em faixa.



Teive

Timbre: um leopardo partido de ouro, e de arminhos. Nas ilhas, o apelido sofreu alteração na pronúncia, reflectida na grafia: *Teve*.

Talvez os arminhos representem as armas dos Gusmões, pois Diogo de Teive, filho de Lopo Afonso de Teive e de sua mulher, Leonor Ferreira, o qual em 1452 contratou com o Infante D. Henrique montar um engenho de açúcar, que foi o primeiro da ilha da Madeira, se casou com Leonor Gon-



Teive, da ilha Graciosa

çalves de Vargas, filha de Martim ou Álvaro Gonçalves de Vargas e Gusmão, fidalgo principal de Sevilha.

TEIXEIRA. A família dos Teixeiras é das mais antigas e qualificadas de Portugal. D. Fafes Luz veio com o Conde D. Henrique para Portugal, foi seu alferes-mor, rico-homem muito honrado, marido de D. Froilhe Viegas, senhora da quinta de Sequeiros, filha de D. Egas Pais de Penagate, senhor de muitas terras no concelho de Prado, Regalados, Entre Homem e Cávado, e das quintas de Crasto, Vasconcelos, Dornelas e Sequeiros e fundador do mosteiro de Rendufe, e de sua mulher, D. Sancha Mendes. Teve, pelo menos, dois filhos: D. Godinho Fafes, de quem procedem os Fafes, os Godins e Godinhos e os Áleros; e D. Egas Fafes de Lanhoso. Este foi rico-homem, teve o senhorio de muitas terras, combateu na batalha de Ourique e recebeu-se com D. Châmoa Mendes, filha de D. Mem Viegas, de quem houve D. Mem Viegas, D. Gonçalo Viegas, primeiro mestre da Ordem Militar de Avis em Portugal, de quem não ficou geração, e D. Foilhe ou Sancha Viegas, mulher de D. Soeiro Pires Torta ou Escacha. De D. Mendo Viegas, que foi rico-homem, e de sua mulher, D. Teresa Pires, filha de D. Pedro Viegas, alcaide do castelo de Lisboa, e de sua mulher, D. Maria Pires, nasceu D. Hermígio Mendes de Teixeira, que foi rico-homem de D. Sancho I, senhor de Teixeira, Gestaço e da quinta de Sequeiros, esteve na conquista de Sevilha e tomou o apelido do primeiro destes senhorios. Casou-se com Maria Pais, filha de Novais, alcaide de Vila Nova de Cerveira, rico-homem, e de sua mulher D. Maria Soares Velho, de quem teve varios filhos, pelos quais se continuou o apelido de Teixeira.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, dedicou aos Teixeira a seguinte quintilha:

*Junto está de Mejão Frio
esta Teixeira antiga
gente foi de grande brio
e naquela forte briga
nunca mostrou o fio.*

Manuel de Sousa da Silva, genealogista minhoto, também deixou lembrança desta linhagem ilustre nos versos:

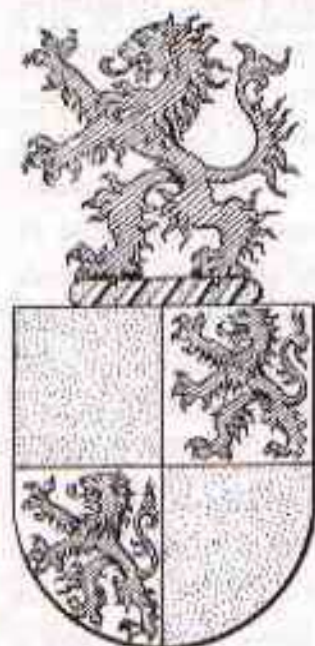
*Para a honra de Teixeira
Os de Lanhoso vieram
Ahi seus filhos viveram
Que o nome da primeira
Deixaram, este tiveram.*



Teixeira

As armas dos deste apelido são: De azul, com cruz de ouro potenteia e vazia. Timbre: um unicórnio de prata, armado de ouro, saínte.

TELES. Designação familiar de origem patronímica, derivada do nome próprio Telo, também usado no mesmo sentido, se bem que mais raramente. Pode, portanto, haver várias famílias com esta designação e origem diversa, pois o nome de Telo, actualmente raríssimo, teve, na Idade Média, uso muito vasto. Os que procedem de D. Telo, tronco dos Meneses, chamam-se, com frequência, Teles de Meneses ou Telo de Meneses. Os que se ligaram aos Silvas chamam-se Teles da Silva, Telo da Silva ou Silva Teles.



Teles

As armas usadas pelo Teles de Meneses, geralmente, são: Enquartelado: o primeiro e o quarto, de ouro liso (*Meneses*); o segundo e o terceiro de prata, com um leão de púrpura, armado e lampassado de azul (*Silva*). As vezes trazem os mesmos quartéis, invertidos, isto é, esquartelado de Silva e de Meneses. Timbre: o leão do escudo.

Os Teles da Silva usam as mesmas armas, mas os Telos da Silva trazem-nas com pequena diferença, assim: Enquartelado: o primeiro e o quarto, de ouro pleno (*Meneses*); o segundo e o terceiro de prata, com um leão de vermelho (*Silva*). Timbre: o leão do escudo. A diversidade consiste no esmalte do leão, que está errado.

TELO. V. Teles.

TEMUDO. Família antiga, cujo apelido provém de alcunha, que se ignora em quem principiou, e significa *temido* no português arcaico. Nos tratados genealógicos a origem desta família anda, geralmente, muito confusa, pois os linhagistas aplicam a Rui Fernandes, homem de Abrantes, os feitos e sucessos da vida de Gabriel Gonçalves de Freitas, que militou em África e teve armas novas concedidas por D. Afonso V. Como nestas armas figura uma cabeça de mouro dizem que o mesmo Príncipe concedeu essa peça por aquele haver morto em desafio um mouro valoroso, chamado Teymur ou Temudo, e que lhe deu o nome deste por apelido. Fantasias que não resistem à lógica, nem aos documentos, pois estes não falam na concessão do apelido, o qual já existia anteriormente, nem indicam a morte de nenhum mouro em particular.

Documentos existentes em Abrantes mencionam casas que partiam com terrenos de Lopo Rodrigues Temudo em 1422 e referem-se a bens da herança do Dr. Jorge Temudo, que era cunhado de uma Catarina Lopes, em 1427 e 1430, e supõe-se que, também, no ano de 1425, quando dizem, apenas, casas da herança do Temudo, e, ainda, aludem a uma terra que partia com Rui Temudo em 1437. Não deve este Rui Temudo ser o Rui Fernandes, de quem dizem os genealogistas provir a linhagem, porquanto parece mais antigo. Conforme Rangel de Macedo deixou escrito no seu nobiliário, Rui Fernandes era filho, ao que parece, de Fernão Rodrigues, morador na vila de Abrantes. Dá-o por marido de Isabel Gonçalves de Freitas, filha de Gabriel Gonçalves de Freitas e de sua mulher, Leonor Dias, de cujo matrimónio assinala três filhos: Fernão Rodrigues Temudo, que viveu na mesma vila, à lei da nobreza, com casa opulenta, cavalos e criados, o qual se casou com Inês Álvares de Almeida; Bernardo Rodrigues Temudo, que passou a Proença-a-Nova, onde viveu com a estimação da primeira nobreza da comarca, e foi casado, com geração; e Catarina Rodrigues Temudo, mulher de Pedro Mendes.

Gabriel Gonçalves de Freitas viveu no Porto, onde exercitou o ofício de almoxarife da Alfândega, sucedeu no morgado e honra de Guminhões, freguesia de S. João das Caldas de Vizela, termo de Guimarães, teve por aforamento que lhe fez em 1465 o Rei D. Afonso V duas moradas de casas na Rua Nova, da vila de Guimarães, foi fronteiro-mor e comissário do mesmo soberano e exerceu outros cargos honrosos. Prestou muitos serviços aos Reis D. João I e D. Duarte, de quem foi criado, e a D. Afonso, de cuja casa era cavaleiro. Serviu a este por feitos «assy em as partes d'África contra infiees como por defenssam da honrra dos nossos regnos de Portugal com grandes trabalhos e periguos de sua pessoa», no dizer da Carta de brasão de armas-novas que o Rei lhe concedeu na vila de Arévalo, a 11 de Outubro de 1475, «considerando outrossy o grande amor e afeycam que por todo este e por suas virtudes e outros muytos merecimentos lhe temos», como acrescenta o mesmo documento. Gabriel Gonçalves de Freitas era filho de João Esteves Ponte, de Ponte do Lima, servidor do senhor D. Afonso, Duque de Bragança, que comprou a quinta e honra de Guimarães aos testamenteiros de Álvaro Gonçalves de Freitas, as quaia vinculou em morgado, de que fez doação ao referido João Esteves a 24 de Agosto de 1421, e de sua mulher, Beringeira Dias de Freitas, senhora dos casais de Margaride e das casas da Rua dos Mercadores, em Guimarães, que pertenceram ao dito Álvaro Gonçalves, seu tio materno, que lhas deixou em testamento.

Manuel de Sousa da Silva, grande linhagista do século XVII, refere-se aos Temudos nesta quintilha:

*Gabriel Gonçalves Forte
Dos de Ponte procedia
E Temudo se dizia
por a um mouro deixar morto
Que este nome havia.*



Temudo

Os Temudos, diz Braamcamp Freire, têm por armas: De azul, com uma águia de ouro, de duas cabeças, sustendo nas garras uma cabeça de mouro, de carnação ensanguentada e fotada de prata; e um cordão de S. Francisco, de ouro, posto em orla. Timbre: a águia do escudo.

Estas armas não se pode dizer que pertencem aos Temudos, pois são as concedidas por D. Afonso V a Gabriel Gonçalves de Freitas, com pequenas variantes, talvez não propostas, pelo que não é permitido tomá-las como diferenciação. Assim, apenas, compete o seu uso aos Temudos que provêm de Gabriel Gonçalves. Os restantes, se houve ou existe descendência que não tenha por origem o casamento de Rui Fernandes com a filha de Gabriel Gonçalves ou deste não receberam sangue por outra via, trouxeram ou trazem, abusivamente, as armas indicadas.

TENREIRO. Família que parece provir de Garcia Tenreiro, que passou da Galiza a Portugal, tomando o partido do Rei D. Fernando I na pre-

tensão ao trono de Castela quando morto foi o Rei que o ocupava, D. Pedro, o Cruel. Trouxe com ele os filhos e um irmão, dos quais descendem os Tenreiros que há em Portugal.

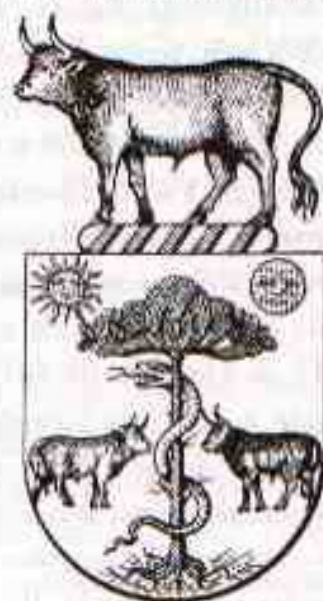
As armas que usam são: De azul, com um pinheiro de verde, e enroscada nele uma serpe volante de prata. Timbre: a serpe do escudo.

Outros deste apelido trazem: De prata, com um pinheiro de verde e enroscada nele uma serpe de prata, o pinheiro acompanhado de dois bois

de sua cor, afrontados; em chefe um sol de vermelho à direita e uma lua do mesmo à esquerda. Timbre: um boi do escudo.



Tenreiro



Tenreiro (outros)

TERNATE. Provêm dos Vieiras e o primeiro que usou este apelido foi Belchior Vieira, nascido em Faro no ano de 1540, que militou na Índia. Teve o hábito de cavaleiro da Ordem de Cristo e Carta de brasão de armas novas dada pelos serviços prestados a Filipe I e a seus antecessores no trono, obrados na Índia tanto por mar, como por terra, principal-



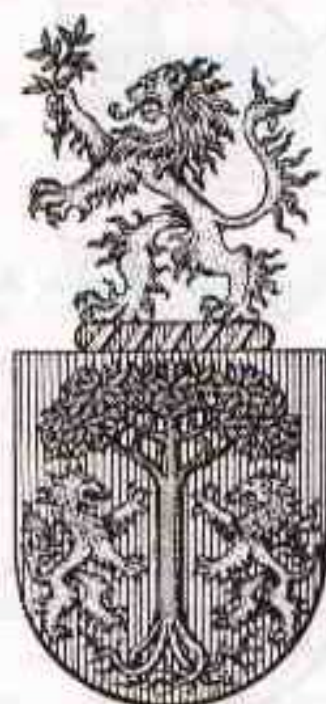
Ternate

mente em Maluco, na ilha de Ternate, no ano de 1570, quando era capitão da fortaleza D. Álvaro de Ataíde. Foi, então, a fortaleza cercada por vários reis com grande poder de gente e o capitão entregou a defesa de um dos quatro baluartes de madeira que a protegiam a Belchior Vieira, que durante nove meses sustentou o cerco posto pelo inimigo. Durante o sítio mataram um dos dois companheiros que D. Álvaro de Ataíde lhe dera e depois o feriram a ele e ao outro nos assaltos feitos pelo inimigo à povoação, na qual entraram e saquearam, assim como os outros três baluartes. Belchior Vieira não aceitou as propostas inimigas, nem se rendeu, pelo que foi de novo combatido. Com grande esforço matou muita gente contrária, entre a qual alguns parentes dos reis e um capitão-mor, tio do Rei de Tidore, que caíram mortos junto do baluarte. Devido à sua bravura e a não se ter rendido, a fortaleza não chegou a ser entrada pelo inimigo. Filipe I, em atenção a tais serviços, por Carta de 2 de Março de 1584, passada em Lisboa, o tirou do número dos homens

plebeus e o fez nobre e fidalgo de cota de armas, concedendo-lhe as seguintes armas novas com o apelido de Ternate: De vermelho, com um baluarte de prata, lavrado de negro, firmado nos flancos do escudo, rematado por um braço vestido de malha, empunhando uma espada de sua cor, guarnecida de ouro; o baluarte, acompanhado em ponta, de uma cabeça de mouro de sua cor, fotada de prata. Timbre: o braço do escudo suspendendo a cabeça pela fota.

TIBAU. Querem uns que seja família estrangeira e outros não lhe assinalam nacionalidade. Tibau é forma corrupta de Tobaldo e, portanto, na origem, patronímico, que não se sabe em quem principiou. Deviam existir, possivelmente, várias famílias do mesmo nome, com proveniência diversa. Uma delas parece ter usado por armas as seguintes: De vermelho, com uma árvore de verde, arrancada de prata e perfilada de ouro, austida por dois leões do mesmo, afrontados. Timbre: um leão do escudo, tendo um ramo da árvore na garra direita,

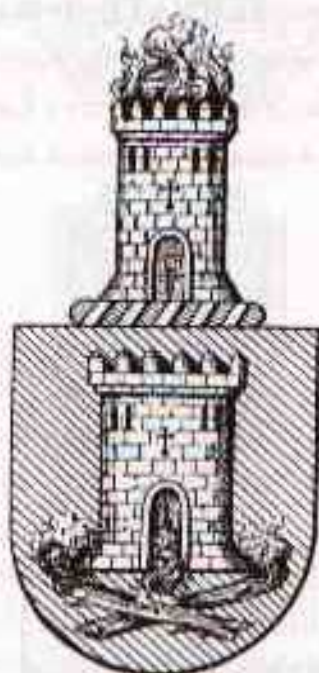
Estas armas parecem as dos Matos, que podem ter entrado nos Tibaus por aliança e, se assim for, não pertencem a este apelido, mas àquele.



Tibau

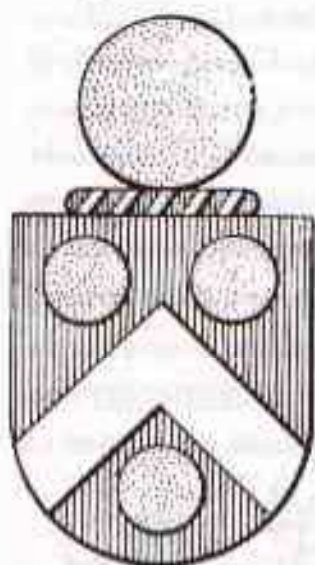
TIÇÃO. Família cuja origem se desconhece, mas que não parece provir de D. Afonso Teles Tição, personagem citada pelo conde D. Pedro no seu *Livro das Linhagens*. O apelido provém certamente de alcunha, pelo que pode ter havido famílias diversas com a mesma designação ou ter passado a Portugal, vindo de Espanha, onde existe com a forma Tizon, tirada, também, de alcunha.

As armas que foram concedidas em algumas cartas de brasão são: De verde, com uma torre de prata sustida de dois tições ardentes. Timbre: a torre do escudo, rematada por chamas.



Tiçao

TILMAN. Família de Liège, na Bélgica, da primeira nobreza. Eduardo José Tilman veio para Portugal e em Bruxelas tirou carta de brasão de armas a 30 de Junho de 1734, na qual se diz ser filho de Baltasar Tilman e de Catarina de Beir e neto paterno de Pedro Tilman e de Ana de Givel.

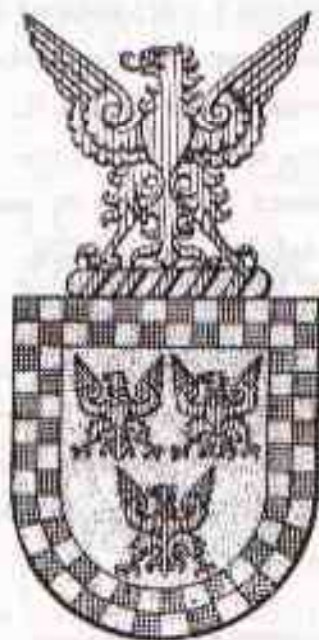


Tilman

As armas constantes da referida carta são: De vermelho, com uma asna de prata, acompanhada de três besantes de ouro. Timbre: um besante do escudo.

TINOCO. Família antiga em Portugal, pois já no reinado de D. Sancho I vivia em Tomar Martim Tinoco. Há quem pretenda que são originários de França, havendo-os, porém em Espanha; outros dizem que a origem é portuguesa.

As armas usadas em Portugal são: De ouro, com três aguietas de vermelho; bordadura xadrezada de negro e de ouro de duas tiras. Timbre: uma aguietta do escudo.



Tinoco

TOJAL. Família de que se ignora a origem e cujo apelido parece de proveniência geográfica.

Atribuem-se-lhe as seguintes armas: De vermelho, com quatro estrelas de ouro.



Tojal

TOLEDO. Família espanhola que tirou o apelido da cidade do seu nome e é muito antiga. Parece que nas lutas com os Mouros várias pessoas tomaram apelido daquela cidade, sem serem da mesma família. Existem em Portugal desde os primeiros reinados.

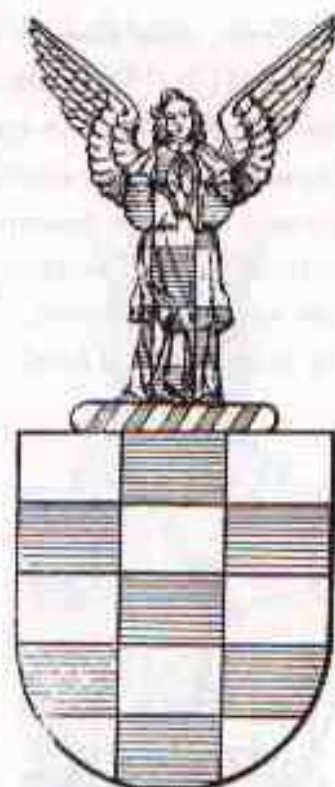
D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, lembrou-se dos Toledos escrevendo a seguinte quintilha:

*Daquele grão D. Ilião
que está na sé de Toledo
com este escudo na mão
pintado, forte sem medo
vem este alto brasão.*

E a outros Toledos fez estes versos:

*De Toledo são Soares
de el Rei Fernando privados
que no Trancozo cercados
pelejaram como mares
morreram como esforçados.*

*Estes de Toledo são
o morgado e solar
tem nos montes de Magão
em virtude não tem par
todos desta geração*



Toledo

As armas que usam, tanto em Espanha com em Portugal, são: Xadrezado de quinze peças de prata e de azul. Timbre: um anjo vestido do xadrezado do escudo.

TOLOSA. Família que se diz ser originária da cidade de Tolosa, da qual teria passado a Portugal um ramo antes do século XVI.

As armas que lhe atribuem são:
De ouro, com uma cruz florenciada
de vermelho e vazia do campo.



Tolosa

TOPETE. Apelido que existia já no século XIII, pois há notícia de um Martim Topete.

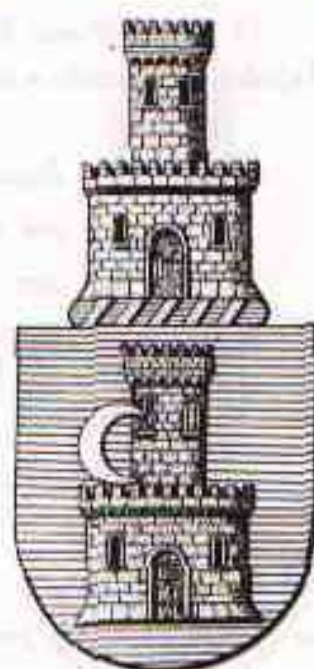
As armas que se lhe atribuem são:
Faixado de quatro peças de prata e de negro com três faixas xadrezadas de ouro e de vermelho, de três tiras brocantes sobre os traços do faixado.



Topete

TOREL. Família que se diz ser originária da Flandres holandesa, de onde passou a Portugal na pessoa de Marco António Torel, que viveu no século XVIII em Lisboa, junto do mosteiro do Carmo, em umas casas nobres. Casou na mesma cidade com uma senhora chamada D. Joana, de quem teve vários filhos, entre os quais o desembargador

da Corte, João Caetano Torel, e o bispo de Lamego, D. Nicolau Torel (1771-1772). As armas usadas por este prelado, quando foi sagrado bispo, e que devem representar o seu apelido são: De azul, com um castelo de ouro, rematado por uma torre do mesmo, a torre acompanhada à direita por um crescente de prata deitado e voltado, que sai da fresta da torre e termina nas ameias do castelo. Timbre: o castelo do escudo. O apelido na origem era *Thorel*.



Torel



Torneio

TORNEIO. Família que vem, pelo menos, desde o reinado de D. Afonso V e cujo apelido parece não ser usado actualmente, por ter sido posto de parte ou se haver extinguido a linhagem. Atribui-se-lhe por solar a cidade de Beja.

São suas armas as seguintes: De vermelho com cinco espadas de prata, guarnecidas de ouro, com as pontas para baixo, postas em sautor. Timbre: um braço armado de prata, empunhando uma das espadas, levantada.

não alude a origem exótica e indica Pedro Vicente da Torre, fidalgo muito honrado e principal e tronco desta linhagem, o qual deve ter vivido na primeira metade do século XV. Talvez fosse português e tivesse o apelido de algum lugar ou quinta assim chamada.

As armas desta linhagem são: De vermelho, com uma torre de prata, lavrada de negro, ladeada de duas cabeças de leão de ouro, moventes dos flancos do escudo, a torre firmada em um pé de água de sua cor. Timbre: a torre do escudo.

TORRES. Família proveniente da Espanha e que veio para Portugal nas pessoas de Diogo de Torres e de Afonso de Torres, irmãos, no ano de 1528. Em Jaen há uma família deste apelido, à qual pertence a casa principal da cidade. A ascendência dos que passaram a Portugal é, conforme relatam os genealogistas, a seguinte: Martim ou Diogo de Torres, natural de



Torre

Toledo, onde casou com uma mulher nobre chamada Joana de Córdova, de quem teve Fernão de Torres, que viveu e casou na mesma cidade com Isabel Fernandes, nascendo deste matrimónio: 1.º, João de Torres, comendador, regedor de Málaga, fidalgo principal de Carmona, pai de Diogo de Torres, casado com uma sobrinha do duque de Arcos, com geração; de D. Luís de Torres, que foi arcebispo de Monreal, de D. Afonso de Torres, deão de Málaga; de D. Francisco de Torres, arcebispo de Salerno; de D. Fernando de Torres, comendador de Sant'Iago, embaixador a Roma enviado pelo imperador Carlos V, com geração ilustre; e de D. Margarida de Torres, casada com N. Furtado de Mendonça; 2.º, Gaspar de Torres, que contraiu matrimónio com D. Maria de Castillo, natural de Burgos, com geração; 3.º, Diogo de Torres, passado a Portugal; 4.º, Afonso de Torres, que veio, também, para o Reino; 5.º, João de Torres, arcebispo de Salerno. Diogo de Torres, acima mencionado com o número 3, veio de Espanha, conforme ficou dito, em 1528, e prestou ao Rei de Portugal muitos serviços, os quais com a sua qualidade de elevada nobreza o fizeram digno de muitas mercês, recebendo o foro de fidalgo da Casa Real. Possuiu grande fazenda e foi casado com Brites del Castillo, filha de Hernando del Castillo, natural de Burgos e de Ana Allariz, de quem teve vários filhos que seguiram o apelido de Torres. Ao mais velho destes, Afonso de Torres, o Moço, fidalgo da casa do Rei D. Sebastião, morador em Lisboa, por alvará de 13 de Fevereiro e carta de 28 de Março de 1560 lhe foram confirmadas as armas dos Torres, havendo respeito aos seus serviços, para o que ele apresentou instrumento público comprovativo da nobreza da linhagem e das armas que lhe competiam, dado por autoridade de justiça na vila de Valhadolide. A confirmação deu direito de uso das armas dos Torres a todos os seus irmãos, filhos e descendentes e declara que ele, Afonso de Torres, o Moço, era chefe delas por ser filho de Diogo de Torres, irmão mais velho dos que vieram para Portugal. Afonso de Torres, atrás indicado com o número 4, foi chamado *O Velho* para se distinguir deste seu sobrinho e veio com seu irmão Diogo. Casou com D. Elvira del Castillo, de Burgos, irmã da mulher de Diogo de Torres, e teve filhos que continuaram o seu apelido.

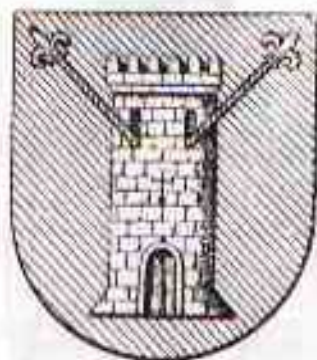


Torres

As armas confirmadas aos Torres, acima referidos, são: De vermelho, com cinco torres quadradas de ouro, lavradas de negro, postas em sautor. Timbre: uma torre do escudo, carregada de uma estrela de seis pontas de vermelho por cima da porta, com uma das pontas entre as frestas.

TORRESÃO. Querem alguns autores genealógicos que esta família provenha dos Torrichões, da Galiza, de que passou a Portugal Fernão Peres Torrichão, reinando D. Fernando, o qual foi senhor das vilas de Pereira, Vila Nova de Anços e outras. É provável que seja família oriunda de qualquer dos reinos peninsulares vizinhos, mas não há a

certeza que seja da indicada e que o apelido Torrichão se transformasse em Torresão. Na Itália existe uma família de apelido Torresani. O mais antigo que se conhece com o nome de Torresão é Filipe Torresão, que deve ter nascido nos princípios do século XVI. Era fidalgo da Galiza e veio para Portugal, tomando o partido do Rei D. Fernando contra D. Henrique de Castela. Diz-se que foi cá a transformação do apelido Torrichão em Torresão.



Torresão

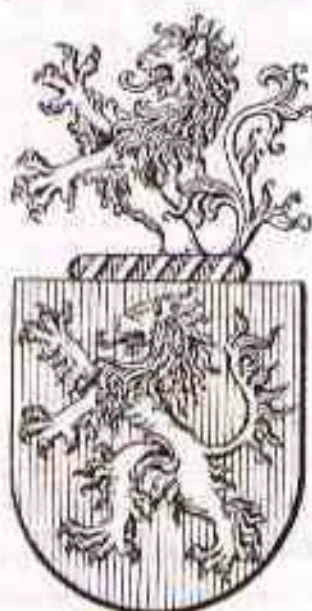
Consta que as armas desta família, as primeiras a seguir descritas, se encontravam registadas no *Livro dos Reis de Armas*, o que prova virem já do século XV. São: De verde, com uma torre de prata, com dois bastões de vermelho, flordelisados de ouro, saindo das frestas da torre e apontados aos ângulos do chefe.



Torresão (outros)

Outros usam: De ouro, com um leão de vermelho, armado de negro, empunhando uma espada de sua cor na garra direita. Timbre: o leão do escudo.

TORRUANO. Família oriunda da Itália, de onde passou a Portugal na pessoa de Leonardo Torriano ou Turriano, que foi fidalgo da Casa Real e engenheiro-mor do Reino. Casou em 1602 com D. Maria Manuel, a que certo autor junta os apelidos Cunha de Faria, administradora de um morgado em Oeiras. No século passado viviam em Lisboa Torrianis, seus possíveis descendentes. Fr. Manuel de Santo António e Silva diz que o apelido se corrompeu em *Troiano*, aparecendo geralmente sob a forma *Turriano*.



Torruano

As armas que usam são: De azul, com um castelo de prata, encimado por uma flor-de-lis de ouro. Timbre: o castelo do escudo.



Torriano

TOSCANO. Família que veio do ducado da Toscana na pessoa de um cavaleiro que no reinado de D. Afonso III se estabeleceu em Évora.

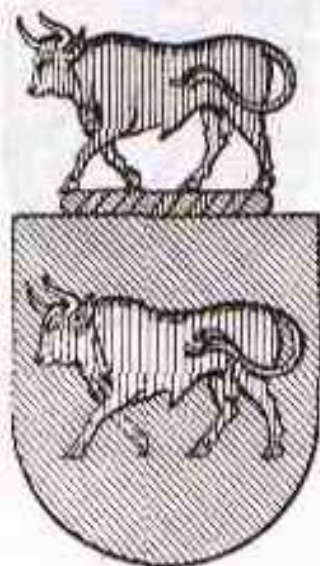
Trazem por armas os deste apelido: De vermelho, com um leão de prata, armado e lampassado de azul. Timbre: o leão do escudo, sainte.

TOUREGÃO. Desconhece-se a origem e antiguidade deste apelido. Esta família já existia no século XVI, na provincia do Alentejo.

São suas armas: De azul, com cinco crescentes de ouro, postos em sautor. Timbre: leão sainte de sua cor, tendo na mão direita uma bandeira quadrada de vermelho, hasteada de ouro e ferrada de prata.



Touregão



Tourinho

TOURINHO. Família alentejana que já se conhece no reinado de D. Afonso IV, no qual vivia Martin Tourinho.

Tem por armas as seguintes: De verde, com um touro passante cosido de vermelho, armado de prata e unhado de ouro. Timbre: o touro passante ou sainte.

TOVAR. Família espanhola, cujo solar é a Torre de Tovar. De Castela passou a Portugal Martim Fernandes de Tovar, senhor de Cevico e da vila de Carracena, a qual seguiu o partido de D. Afonso V e da Excelente Senhora D. Joana, contra o Rei castelhano D. Fernando, pelo que veio ao nosso reino. Era filho de João de Tovar, senhor de Cevico e Carracena, guarda-mor de D. Henrique IV, Rei de Castela, e de sua mulher, D. Maria de Toledo, irmã de D. Garcia Álvares de Toledo, primeiro Duque de Alba e Marquês de Soria, neto paterno de outro João de Tovar, senhor das mesmas terras e guarda-mor de D. João II pelos anos de 1442, e de sua mulher, D. Catarina Manuel; bisneto por varonia de Sancho de Tovar, também senhor das referidas terras e guarda-mor do mesmo soberano, e de sua mulher, D. Elvira Rodrigues de Toledo, e descendia de Fernão Sanches de Tovar, senhor da antiga casa e torre solar de Tovar.

Martim Fernandes de Tovar casou em Portugal com D. Leonor de Vilhena, filha de Martim Afonso de Melo, alcaide-mor de Olivença e guarda-mor de D. Afonso V, e de sua mulher, D. Maria Coutinho de Vilhena. Voltou a Castela, onde D. Fernando, pela má vontade que lhe tinha, a mandou degolar em 1500, apesar das pazes feitas entre Portugal e Castela. Em vingança, seu filho, Sancho de Tovar, matou o corregedor que fez a execução e voltou para Portugal. Deste matrimónio teve Martim Fernandes de Tovar os seguintes filhos: Francisco de Tovar, que ficou em Castela e herdou o senhorio de Carracena, com geração; Sancho de Tovar, senhor de Cevico, que perdeu pela morte acima referida, foi capitão de Sofala e casou com D. Guiomar da Silva, filha de Pedro da Silva, o Rele, alcaide-mor de Porto de Mós, e de sua mulher, D. Isabel de Albuquerque, com geração; e D. Margarida Manuel, mulher de Inácio Lopes Carrilho e Mendonça, senhor de Meiloyo

e Costa de Vale, vice-rei e capitão-geral da Sardenha, o qual morreu no sítio de Granada em 1491, filho dos segundos senhores de Torralva, com geração, em que se contam os Duques de Medina Celi.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, referiu-se aos Tovaes nos seguintes versos:

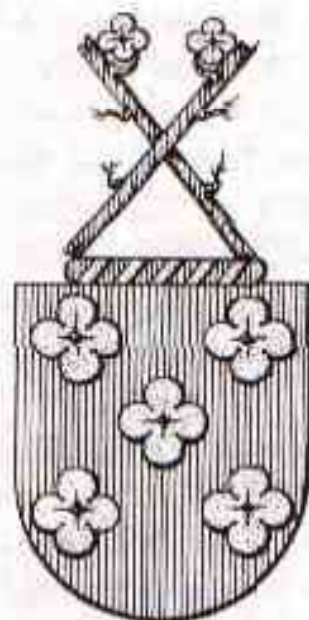
*Estes deixaram Castela
por seguir a Portugal
de que lhe não veio mal
posto que deixaram nela
Berlangue e outra que tal.*



Tovar

As suas armas são: De azul, com banda de ouro, abocada por duas cabeças de leão do mesmo, lampassadas de vermelho. Timbre: um leão de azul, armado e lampassado de ouro, sainte.

TRANCOSO. V. *Trancoso*.



Travaços

TRAVAÇOS. Família cujo solar é o lugar de Travaços, de que tiveram o senhorio desde os primeiros reinados. No tempo dos Reis D. Sancho I e D. Afonso II viveu D. Pedro Travassos, o mais antigo do apelido de que há notícia.

Trazem por armas as seguintes: De vermelho, com cinco quadrifólios de ouro, postos em sautor. Timbre: dois troncos de vermelho, passados em aspa, cada tronco florido em chefe de um quadrifólio do escudo.

Alguns escrevem *Travassos*.

TRIGOSO. Família cuja origem se desconhece, mas que parece ser proveniente do termo de Torres Vedras. Francisco Fernandes casou, em Matacães, no referido termo, com Leonor Fernandes, e teve Gaspar Francisco, que viveu no Tojal, casado com Maria

Dias, filha de Baltasar Pires e de Catarina Francisca, dos quais foi filho Francisco Mendo Trigoso, doutor em Medicina e colegial do Real Colégio de S. Pedro, da Universidade de Coimbra, de quem provêm os Trigosos conhecidos. O apelido é certamente originado em alcunha.

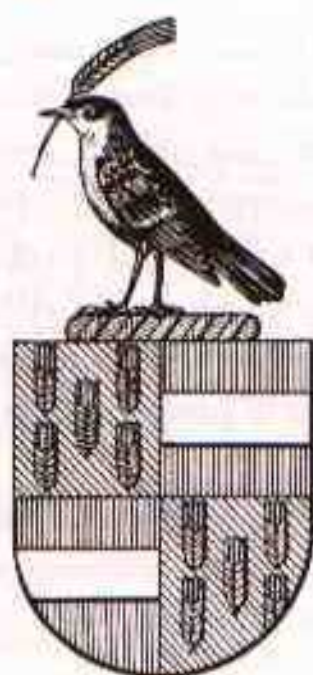


Trigoso

As armas que se lhe atribuem são: De prata, com três espigas de trigo de sua cor, em roquete, atadas de...

TRIGUEIROS. São originários da vila de Trigueiros, no condado de Niebla, em Espanha. Veio para Portugal no séquito da Rainha D. Maria, segunda mulher de D. Manuel I, António Trigueiros, que por mercê deste Príncipe foi fidalgo de sua casa, foro também concedido a seus filhos.

As armas que usam os deste apelido são: Esquartelado: o primeiro e o quarto de verde, com cinco espigas de trigo de ouro, postas em sautor; o segundo e o terceiro de vermelho, com uma faixa de prata. Timbre: um trigueirão de sua cor, com uma espiga do escudo no bico.



Trigueiros

TRONCOSO. Família espanhola, que também se vê designada, supomos que apenas por erro, por *Trancoso*, originária da Galiza, de onde passou várias vezes a Portugal, das quais a



Trancoso

primeira foi no reinado de D. Fernando, com Pedro Trancoso, pai de Rui Pires Trancoso, que teve a alcaidaria-mor de Marialva.

Trazem as seguintes armas: De azul, com dois troncos de ouro, passados em aspa. Timbre: um braço armado de prata com um tronco do escudo na mão.

TUDELA. Família nobre da Navarra, cujo solar é a cidade de Tudela, da qual tomou o apelido. No tempo da dominação castelhana passou a Portugal Fernão Tudela Castilho, fidalgo de Castela, o qual era filho de Francisco Fernandes Cabeça e casou com D. Isabel de Oliveira, filha de Simão de Oliveira de Vasconcelos Mascarenhas, comendador das Pias. Deste matrimónio foi filha herdeira D. Maria Tudela de Vasconcelos, que se recebeu com Manuel de Castilho Veloso, senhor da casa dos Castilhos, em Castelo Branco, e juiz da Alfândega desta vila, filho de Fernão Gomes

de Castilho, cavaleiro da Ordem de Cristo, e de sua mulher, D. Isabel Cardoso. Do casamento de Manuel de Castilho com D. Maria Tudela proveio geração, que continuou este apelido.

Os Tudelas usam por armas: Partido: o primeiro, de azul, com três bandas de ouro; o segundo, de ouro com dez arruelas de azul, postas 3, 3, 3 e 1; bordadura de prata, carregada de uma vergõtea de verde.

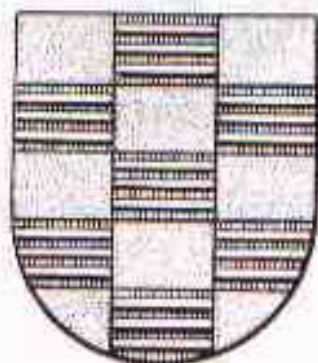


Tudela



LHOA. Família espanhola, cujo apelido, na forma original, é *Ulloa*.

As armas que usa são: Xadrezado de ouro e de vermelho, de quinze peças, as peças de vermelho carregadas de três filetes de prata, postos em faixa.



Ulhoa

ULVEIRA. Não se conhece família que haja usado este apelido, pois os genealogistas não a tratam. Os livros de Armaria

registam armas de *Ulveira* e dizem que o solar da família é Santa Eulália de Ulveira, actualmente Oliveira do Douro, no concelho de Vila Nova de Gaia. Ulveira é forma muito antiga que se converteu em Oliveira, não só na freguesia atrás referida, mas em Oliveira do Hospital e, possivelmente, noutras localidades do mesmo nome. Por este facto a família a que são atribuídas as armas que nos livros de Armaria se encontram com a designação de Ulveira decerto usa, também, o apelido de Oliveira, e ou é ramo desta linhagem, que se diferenciou heráldicamente, ou outra família de igual apelido.



Ulveira

Também se encontram as suas armas atribuídas à família Dulveira, vocábulo que não difere de Ulveira senão por a este se haver ligado a preposição, sendo, portanto, equivalente a *de Ulveira*, como Dantas a *de Antas*, etc.

As armas indicadas para os Ulveiras ou Dulveiras são: De azul, com cinco crescentes de prata, postos em sautor. Timbre: uma onça sainte de sua cor, coleirada de prata.

UNHA. Diz Sanches de Baena que é apelido antigo; todavia desconhecem-se pessoas que o hajam usado ou qualquer relato genealógico que a ele aluda. Uns dão aos Unhas as mesmas armas que usam os Paus; outros lhes atribuem diversas, semelhantes às



Unha

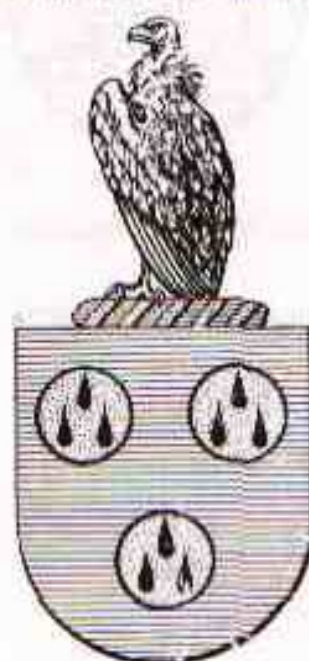
dos Cunhas. Pode ser que, na verdade, nunca haja existido o apelido *Unha* e o seu registo nos livros de Armaria provenha de má leitura de Cunha; também se deve admitir que não seja *Unha*, mas *Unhão*, de que ainda há representantes na província da Beira e já existia ao tempo de D. Fernando I.

As armas indicadas são: Franchado de prata e de negro, com um leão entrecambado, armado e lampassado de vermelho. Timbre: cabeça e pescoço de leão de negro, lampassado de vermelho, ou o leão do escudo.

O *Espelho da Nobreza*, de Francisco Xavier da Serra Craesbeck, diz que «outros lhe dão nove unhas em campo de ouro», o que se assemelha às dos Cunhas, que são: De ouro, com nove cunhas de azul, postas 3, 3 e 3.

UTRA. Família flamenga que passou à ilha do Faial no século XV, proveniente de Bruges e cujo apelido de origem é Hurtere, do qual se encontram variadíssimas deturpações nos escritos portugueses, assinalando-se *Huerta*, *Huerter*, *Huter*, *Hutra*, *Dutra*, *Utra*, *Ultra*, *Dultra*, *Huertere*, *Hutre*, *Urtere*, *Hortere* e *Utrecht*. Josse ou Joost ou Jobst de Hurtere ou van Hurtere, panadeiro, apaniguado ou saquiteiro de D. Isabel, duquesa de Borgonha, filha do Rei de Portugal D. João I, foi o primeiro que teve a capitania ou donataria da ilha do Faial e a povoou, por mercê de 21 de Fevereiro de 1468, que a ele e seus descendentes fez o infante D. Fernando, sobrinho e herdeiro do Infante D. Henrique. Foi cavaleiro da Casa do Duque de Viseu, o Infante D. Henrique.

Os Hurtere eram governadores e senhores da terra de Wynendael, aldeia da Flandres Ocidental (Franc-de-Bruges). Deste senhorio dependiam quatrocentos pequenos feudos. Josse de Hurtere era filho de Léo de Hurtere e neto de outro de igual nome. Com ele passaram ao Faial seu irmão Balduino de Hurtere, seu primo António de Hurtere, mais parentes e conterrâneos. Josse de Hurtere casou com Brites de Macedo, criada de D. Beatriz, mãe de D. Manuel I, a qual era filha de Jerónimo Fernandes. Deste matrimónio provém parte dos Utras, pois outros procedem da Josina de Hurtere, irmã (?) de Josse de Hurtere, casada com Nuno Fernandes, e de Balduino de Hurtere, também irmão. A Josse de Hurtere se deve o nome da cidade da Horta, porquanto na localidade teve a sua casa. Em 1495 morreu na ilha do Faial, com testamento, de que nomeou testamenteira sua mulher, que faleceu por 1531.



Utra

As armas dos Utras são: De azul, com três besantes de ouro, cada besante figurado de três gotas de negro, 1 e 2. Timbre: um abutre de sua cor, armado de ouro.

Embora as peças que carregam os besantes sejam gotas, nem sempre assim as usaram, ao que parece, por deturpação do desenho, representando as gotas por pontos de negro pelo que vários autores descreveram os besantes carregados de arruelas.





ABO. Família cujo solar é a honra de S. Martinho de Vabo, no antigo concelho do Pico de Regalados, e tinha a torre de Carude. A pessoa mais antiga que se conhece do apelido é Rui do Vabo, senhor do referido paço, que fica na freguesia de Escariz, termo de Prado, que deixou filhos, pelos quais se continuou o apelido,

tendo o mais velho casado em 1480. As armas dos Vabos são: De vermelho, com um leão xadrezado de prata e de negro, sobre um mar de prata, aguada de azul. Timbre: o leão do escudo.



Vabo (outros)

Outros usam: De vermelho, com uma lisonja de prata, firmada nas bordas do escudo, carregada de um leão de negro, o corpo xadrezado de prata e de vermelho, sobre um mar de prata aguada de azul.

VAIA. Família de Espanha, da mesma linhagem dos Bahamondes, Fajardos, Galegos e Viveiros. Descende de D. Rodrigo Romais e o

apelido usa-se debaixo da forma de Vaia ou da de Baia. Foram principais na Astúrias, em Castela e na Galiza, e deste último reino passaram ao de Portugal três irmãos, a saber João Vaia, Nuno Vaia e Catarina Vaia, no ano de 1440, por discórdias existentes entre a Casa de Monterrey, com a qual estavam aparentados, e a de Ribadavia, deixando na pátria cinco vilas de que eram senhores.

João Vaia casou-se em Chaves com Briolanja Pires de Chaves, filha de Álvaro Pires de Chaves, e teve vários filhos que continuaram o apelido. Nuno Vaia, seu irmão, recebeu-se com Inês Pires de Chaves, irmã de sua cunhada Briolanja Pires, e houve descendência do seu apelido. Catarina Vaia,



Vabo



Vaia

irmã dos anteriores, contraiu matrimónio com Pedro de Oliveira, moço-fidalgo, e deixou geração.

Originariamente parece que o apelido se escrevia com um *h* intervocálico: *Vahia* ou *Bahia*.

As armas que usa esta família são: De azul, com um M de ouro, coroado do mesmo à antiga, e bordadura cosida de vermelho, carregada de sete peixes de prata, 3 em chefe e 2 em cada flanco, tendo estas as cabeças para baixo.

VALADARES. Linhagem muito antiga, pois já no reinado de D. Afonso Henriques vivia D. Sociro Aires de Valadares, filho de Aires Nunes e de sua mulher, D. Examea Nunes. Foi o primeiro que usou o apelido de Valadares, tirado do lugar do mesmo nome, junto ao rio Minho, cujo senhorio possuía e nele morava. Recebeu-se com D. Maria Pires de Fornelos, em primeiras núpcias, e dela teve D. Paio Soares de Valadares, e casou segunda vez com D. Elvira Nunes Velho, filha de D. Nuno Soares Velho e de sua mulher, D. Maior Pires da Silva, de quem houve também geração.

Alguns autores dizem que D. Paio Soares de Valadares era filho do segundo matrimónio. Teve o senhorio de Valadares no tempo de D. Afonso Henriques e casou com D. Elvira Vasques de Soverosa, filha de D. Vasco Fernandes de Soverosa, rico-homem, e de D. Teresa Gonçalves de Sousa. Levou-lhe a mulher pelo casamento a honra de Oliveira e muitas fazendas, assim com a terra de Gaia. Destes provêm os que usam o apelido de Valadares.

O bem informado Manuel de Sousa da Silva deixou esta quintilha relativa aos Valadares:



Valadares

A terra de Valladares

Nas margens do Minho e Douro

É o solar poderoso

Dos barões mui singulares

A quem deu seu nome honroso.

Trazem por armas os desta linhagem: Esquartelado: o primeiro e o quarto de azul, com um leão de prata, armado e lampassado de vermelho; o segundo e o terceiro xadrezado de prata e de vermelho, de seis peças em faixa e seis em pala. Timbre: o leão do escudo ou um leão de prata e lampassado de vermelho, com a cabeça xadrezada dos mesmos esmaltes.

VALDÊS. V. Valdez.

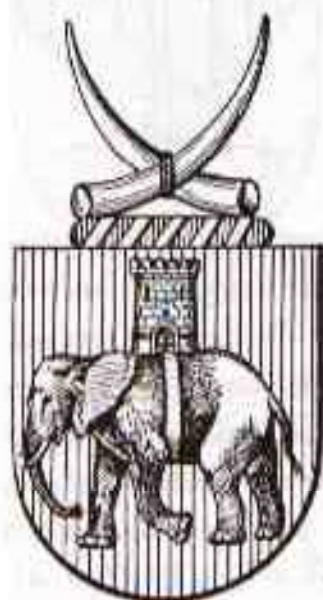
VALDEVESO. Família castelhana, que passou à ilha da Madeira e cujo apelido originário é *Valdivieso*. Na referida ilha viveu um Pedro de Valdeveso, pessoa nobre, que tirou executória de suas armas.

Os deste apelido usam as seguintes armas: De azul, com um castelo de ouro sobre chamas de sua cor, encimado por uma estrela de oito raios; bordadura do mesmo, carregada de oito aspas de vermelho.



Valdeveso

VALDEZ. Família de origem espanhola, cujo solar é em Valdés. Em 1253 vivia Pedro Melendez de Valdés, herdado em Sevilha. O apelido passou a Portugal (nas formas *Valdez* ou *Valdês*) na pessoa de Gonçalo Mendes de Valdés, filho segundo dos senhores de Valdés, com geração. Também veio para Portugal, em 1592, Jerónimo Garcia Valdés, filho de Francisco Garcia Valdés, naturais de Infesto, nas Astúrias, e de sua mulher, D. Mencia Gonzalez de Gove. Jerónimo Garcia veio como soldado de cavalaria e pertenceu à guarnição castelhana do castelo de Lisboa. Casou-se com D. Maria Ferreira, viveram na freguesia dos Mártires e deixaram geração, que seguiu o apelido Valdez.



Valdez

Com outras pessoas passou o apelido ao Reino.

Em Portugal usam por armas os deste apelido: De vermelho, com um elefante de sua cor, defendido, calçado e cilhado de prata, sustendo uma torre, também de sua cor. Timbre: duas defesas de elefante, de prata, passadas em aspa.

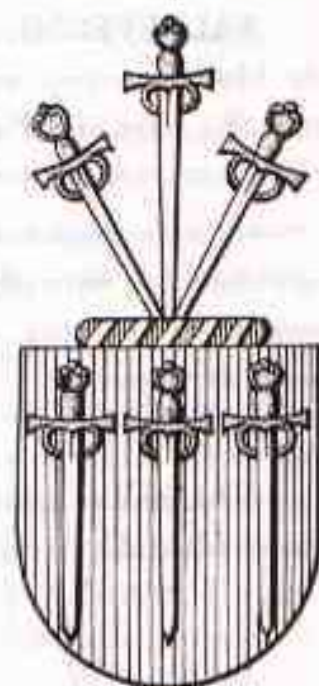
Os das Astúrias trazem armas diversas.

VALE. Linhagem antiga que provém de Gonçalo Rodrigues da Maia, o *Velho*, de Palmesãos. Casou com D. Sancha Gonçalves de Barbudo, filha de Gonçalo Pires de Belmir. Gonçalo Rodrigues era filho de Rui Gonçalves da Maia e neto de Gonçalo Trastamires. Do referido matrimónio nasceram: Gonçalo Rodrigues Babilão, assim chamado pelas grandes façanhas que praticou na Babilónia, do qual descende a família dos Coutos; Fernão Gonçalves, de quem se vai tratar; e Gil Gonçalves, progenitor dos de Coreixas. Fernão Gonçalves recebeu-se com D. Estevainha Martins, filha de Martim Sanches, conhecido por Martim Espada, por haver tomado a espada a um conde, e teve por filhos Pedro Fernandes, chamado Pedro do Vale, que casou com D. Maria Pires, filha de Pedro Esteves de Antas, senhor do Paço de Antas, e de sua mulher, D. Mor Mendes de Encourados, com geração pela qual se continuou o apelido de Vale, e, também, o de Antas; e a Gomes Fernandes do Vale.

Manuel de Sousa da Silva, escreveu a respeito deles os seguintes versos:

*Em Palmazões couto antigo
Na Maia as casas estão
que o solar dos Valles são
E dos Babilões abrigo
de que não ha geração.*

As armas usadas pelos Vales são: De vermelho, com três espadas de prata, guarnecidas de ouro, postas em pala e alinhadas em faixa, as pontas para baixo. Timbre: as três espadas do escudo, reunidas em ponta, fincadas no virol.



Vale

VALEJO. Apelido espanhol que passou a Portugal, ignorando-se quando. Sebastião Gomes, homem nobre, morador em Vila Viçosa, serviu na Índia, onde o grande Afonso de Albuquerque o armou cavaleiro quando expulsou de Goa a gente do Rei de Cambaia, do que teve alvará, passado a 20 de Novembro de 1512. Foi seu filho bastardo João Gomes, que esteve no sítio de Baçaim, posto por um capitão do Rei de Cambaia, a quem Rui Lourenço de Távora, governador da fortaleza, desalojou em virtude da batalha que com ele feriu. João Gomes foi armado cavaleiro por este governador, que lhe passou alvará em Baçaim a 1 de Junho de 1540, o qual D. João III confirmou a 13 de Outubro de 1541. Encontrou-se, também, entre os fidalgos que saíram de Goa para pelejar no tempo do



Valejo

governador Nuno da Cunha, foi na armada de Afonso de Albuquerque, com quem entrou no estreito do Mar Roxo e no assalto à cidade de Adem, sendo um dos capitães das forças. Esteve, ainda, na conquista do reino de Ormuz, servindo de capitão de uma das vinte e seis velas que entraram na empresa.

Fez uma justificação de sua nobreza a 13 de Agosto de 1541, em Vila Viçosa, e nela juraram as testemunhas que ele tinha muitos parentes honrados. Casou com Margarida Lopes e teve Álvaro Gomes, que andou na Índia com seu pai e casou em Vila Viçosa com Isabel Bispo. A 16 de Agosto de 1560 justificou em Lisboa a sua ascendência. Deste matrimónio nasceu Diogo Valejo, que era sobrinho de um Jerónimo Valejo, que foi para Barcelos como Prior da Colegiada, em cuja companhia passou à mesma vila onde, se casou com Jerónima de Mariz, filha de Baltasar de Faria Machado e de sua terceira mulher, Marta de Almeida, de quem ficou geração.

Supõe-se que os Valejos, de Alenquer, são ramo diverso. João Rodrigues Valejo e sua mulher, Isabel Álvares Sanches, foram pais de Pedro Álvares Sanches, morador em Alenquer, com geração do apelido de Sanches. Esta família, que é antiga em Esapnha, tem o seu solar no vale de Mena e achou-se na tomada de Baeza. O apelido original é *Vallejo*.

As suas armas são: De ouro, com cinco faixas de azul; bordadura de arminhos, carregada de uma aspa de ouro, ao meio do chefe.



Valença

VALENÇA. Apelido de origem geográfica, que tanto pode ter por solar a vila de Valença, em Portugal, como Valência, em Espanha. As armas que usam os deste apelido são: De azul, com uma torre de ouro sobre um mar ondado de prata e de azul. Timbre: um galgo passante de negro, faixado de ouro, de três peças.

VALENTE. Família de linhagem antiga, porquanto procede de D. Gonçalo Ouveques, fundador do Mosteiro de Cete, de quem foi filho Diogo Gonçalves, que morreu na batalha de Ourique, o qual teve de sua mulher, D. Urraca Mendes, da linhagem dos Braganções, vários filhos, de um dos quais provieram os Freitas, e D. Soeiro Dias, marido de D. Sancha Peres, filha de Pedro Soares e de D. Gontinha Pais, de cujo matrimónio nasceram alguns filhos, havendo ele, de outra mulher, a Pedro Soares. Este Pedro Soares casou-se na Estremadura e teve um filho chamado Abril Pires, pai de Afonso Pires, pai de Afonso Pires Valente, de quem descendem os que usam este apelido, originário de alcunha.

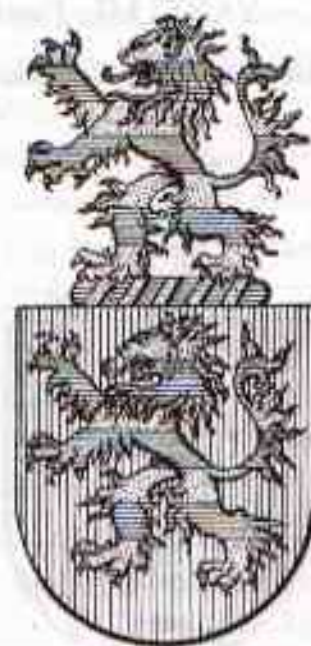
O illustre João Rodrigues de Sá escreveu duas quintilhas dedicadas aos Valentés, dizendo:



Valente (antigo)

*No brauo lyão rompente
per tres lugares sayxado
se mostra bem amostrado
sangue Oequez, & valente
co nome muy conçertado.*

*Ambos sayrão da vyde
do bom que morreo na lyde
DOuryque diante el rey
de louuor segundo ley
nom menos dygno que o Cyde.*



Valente (moderno)

Também Manuel de Sousa da Silva, o distinto genealogista do século XVII, se lhes referiu nestes versos:

*Diogo Gonçalves forte
deixou a sua semente
E com nome de Valente
por sua honrada morte
Na de Ourique a gente.*

Trouxeram antigamente por armas: De vermelho, com um leão de ouro, armado e lampassado de azul, carregado de três faixas do mesmo, cada faixa furada de seis peças do segundo. Timbre: o leão do escudo.

As armas modernas desta família são: De vermelho, com um leão de ouro, carregado de três faixas de azul. Timbre: o leão do escudo.

VAN DER HAGEN. *V. Hagen.*

VAN PRAET. *V. Praet.*

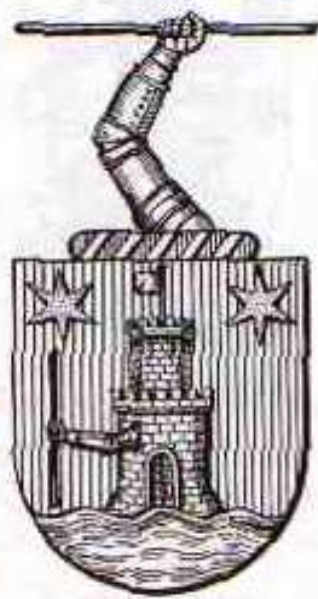
VAN ROSSEM. *V. Rossem.*

VANT OUVISTET. *V. Ouvistet.*

VANT VISTET. *V. Ouvistet.*

VAN ZELLER. *V. Zeller.*

VAREJÃO. Família cuja origem se desconhece, mas que se diz ser de Freixo de Espada-à-Cinta e cujo apelido deve provir de alcunha.



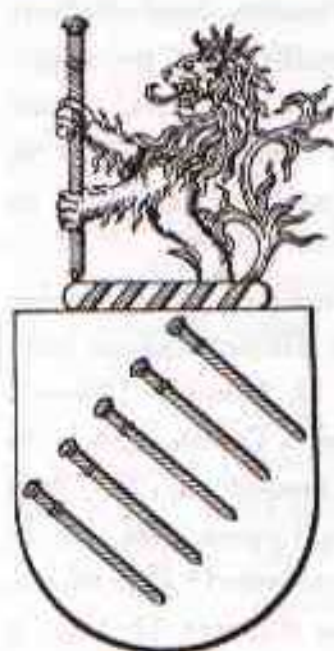
Varejão

Pedro Gonçalves Varejão, da referida vila, casou na de Amarante com Francisca Gonçalves, filha de Pedro Vaz e de sua mulher, Cecília Pires, sobrinha paterna de Sebastião Vaz, inquisidor, como informa Felgueiras Gaio. Do mencionado matrimónio houve geração pela qual se continuou o apelido de Varejão.

As armas que se lhe atribuem são: De vermelho, com uma torre torreada de prata, rematada por uma bandeira do mesmo, e um braço armado de prata, movente em faixa de uma fresta para o flanco direito do escudo, empunhando uma vara de sua cor, em pala; a torre assente num mar de sua cor e acompanhado, em chefe, de duas estrelas de ouro, de seis raios. Timbre: o braço do escudo, com a vara na mão, posta em faixa.

VAREJOLA. V. Barejola.

VARELA. Família galega, cujo solar é junto de Santiago. Começou com D. Fernão Pais Varela, chamado o *Capelo* pela grande pancada que lhe deram no capelo de ferro na batalha das Navas de Tolosa, o qual foi casado com D. Teresa Lopes de Ulhoa, filha de Lopo Rodrigues de Ulhoa. Deste matrimónio nasceu, entre outros, D. João Fernandes Varela, que se casou com D. Maria Pires Sarraça, filha de D. Pedro Soares Sarraça e de sua mulher, D. Maria Nunes Maldonado. Parece que provêm deste D. João Fernandes todos os que usaram o apelido de Varela.



Varela

As suas armas são: De prata, com cinco bastões, soltos e aguçados em ponta, postos em banda, alinhados em contrabanda. Timbre: um leão de prata, com um bastão nas garras.

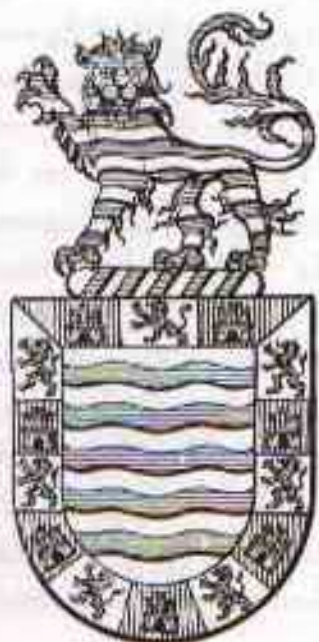
Os descendentes de Jorge Varela tiveram a 30 de Abril de 1624 carta de brasão de armas de sucessão, pas-

sada em Madrid, na qual se lhes deram as seguintes: Esquartelado: o primeiro e o quarto de verde, com cinco flores-de-lis de ouro postas em sautor; o segundo e o quarto, de azul, com um leão de ouro.



Varela (de Jorge Varela)

VARGAS. Família originária de Castela, onde é ilustre. Rodrigo de Vargas, um dos senhores da vila de La Higuera, próximo de Badajoz, passou a Portugal, dizem que por crimes cometidos, e casou em Lisboa, tendo por filho a António Rodrigues de Vargas, que foi à Índia por capitão e se recebeu em Lisboa com Branca Simoa de Araújo, natural desta cidade, provindo do seu casamento geração que seguiu o apelido de Vargas.



Vargas

As armas usadas por esta família são: De prata, com cinco burelas onçadas de azul e uma bordadura composta de Castela e de Leão, de catorze peças. Timbre: um leopardo de azul, carregado das cinco burelas onçadas de prata.

VASCONCELOS. Linhagem das mais ilustres de Portugal, que descende dos reis de Leão por D. Fruela, que teve os reinos de Leão e das Astúrias e foi casado com D. Nunila Ximenes, sua prima, filha de D. Sancho Garcês, Rei de Navarra, e de sua mulher, D. Toda de Aragão, de quem nasceu o infante D. Ordonho o Cego, assim chamado por seu primo o Rei D. Ramiro II lhe haver mandado tirar os olhos, a fim de lhe suceder

no reino, o qual casou com a infanta D. Cristina, filha do Rei de Leão D. Bermudo II. Foi seu filho o conde D. Ordonho Ordonhes, conde de Cabreira e senhor de Lemos e de Sarria, casado com D. Grácia, filha de D. Garcia Fernandes, conde de Maranhão e de Aza e da casa de Zara, e de sua mulher, sobrinha do Santo Conde D. Osório. Deste casamento nasceu o conde D. Garcia Ordonhes, senhor de Aza, que se recebeu com a Infanta D. Urraca, filha do rei de Navarra, D. Garcia Sanches, e de sua mulher, D. Estevaninha de Barcelona, que tiveram a *D. Osório Garcia, Conde de Cabreira e Ribeira*, o qual contraiu matrimónio com D. Sancha Moniz, filha de D. Moninho Fernandes, senhor da cidade de Toro, filho do rei D. Fernando o Magno, de Leão e Castela, chamado par do Imperador.

Este D. Osório Garcia, que foi meirinho-mor da Galiza pelos anos de 822, veio povoar Portugal reinando D. Ramiro de Leão e ganhou a batalha de Clavijo. Há discrepância entre alguns autores acerca do pai deste D. Osório. Dele foram filhos D. Moninho Osorez e D. Guterre Osorez, progenitor dos Osórios, da Galiza. *D. Moninho Osorez, Conde de Cabreira e Ribeira*, rico-homem de D. Afonso VI, rei de Leão, casou-se com D. Maria Nunes, filha de D. Nuno Soares, padroeiro do mosteiro de Grijó, bisneta, pela mãe do fundador do mesmo mosteiro, D. Nuno Soares. Nasceram deste casamento D. Paio Moniz, que casou com D. Urraca Nunes de Bragança e deram origem aos Ribeiros, D. Martim Moniz e D. Maria Moniz, de quem provêm os Machados. Este D. Martim Moniz foi rico-homem do rei D. Afonso Henriques, esteve na batalha de Ourique, onde comandou a ala direita, encontrou-se no sítio de Lisboa e aí morreu valorosamente, *defendendo uma* das portas do castelo, a qual ficou conhecida por porta de Martim Moniz. Parece ter casado com D. Teresa Afonso, filha de D. Afonso Henriques, viúva de D. Sancho Nunes de Barbosa e de D. Fernando Mendes, o *Bragança*, mas alguns autores dizem que ela era filha do Rei de Leão D. Afonso. Entre outros foram seus filhos D. Pedro Martins da Torre e D. João Martins, casado com D. Urraca Viegas, de cujo matrimónio procederam os Alvelos. D. Pedro Martins da Torre teve o senhorio da casa de seus pais e a torre de Vasconcelos e casou com D. Teresa Soares da Silva, ou D. Maria, filha de D. Soeiro Peres Escacha e de sua mulher, D. Froilhe Viegas, de quem nasceu D. João Pires Tenreiro, senhor da casa paterna e, parece, o primeiro que se apelidou de Vasconcelos por ser *senhor da torre do mesmo nome*, na freguesia de Santa Maria de Ferreiros, em terras de Entre Homem e Cávado. Foi um dos maiores fidalgos do seu tempo, esteve na conquista de Sevilha e casou com sua prima terceira D. Maria Soares, filha de D. Soeiro Viegas Coelho e de sua mulher, D. Mor Mendes, por cujo casamento teve o morgado de Penagate. Viveu nos reinados de D. Sancho II e D. Afonso III. Por seus filhos Pedro Anes de Vasconcelos e Rodrigo Anes de Vasconcelos se continuou este apelido, mas do primeiro parece ter ficado somente geração ilegítima. De uma filha, chamada D. Teresa Anes de Vasconcelos, *casada com João Fernandes, o Franco*, senhor do solar de Dornelas, provieram os Ornelas; da outra, D. Maior Anes, casada com Aires Rodriguez de Urró, filho de Rui Dias de Urró e de sua mulher, D. Teresa Fernandes Matinhata, houve geração de vários apelidos.

João Rodrigues de Sá, senhor de Matosinhos, que viveu no século XVI, dedicou aos Vasconcelos as seguintes quintilhas:

*As que myl temores fazem
a quem ha de navegar
vermelhas ondas do mar
os de Vasconcelos trazem
sobreazul muy singular.*

*Vasconcelos de Gasconha
que nunca passou vergonha
em esforço e valentia,
no tempo que floreçya
nem agora ha quem lha ponha.*

Também Manuel de Sousa da Silva, capitão-mor de Santa Cruz da Riba-Tâmega, genealogista do século XVII, escreveu acerca da mesma linhagem:

*Junto ao Cavado se vê
Em Ferreiros assentado
O solar nobre e honrado
Dos Vasconcellos em pé
As paredes sem tilhados.*



Vasconcelos

As armas dos Vasconcelos são: De negro, com três faixas veiradas de prata e de vermelho. Timbre: um leão de ouro, carregado das três faixas do escudo, ou um leão de negro, carregado das faixas do escudo, ou, ainda, um leão armado e lampassado de vermelho, carregado das faixas do escudo.

VASQUES. Patronímico de Vasco, cuja forma abreviada — Vaz — foi a que mais se divulgou. Por esta razão é natural que haja muitas famílias com a mesma designação e origem diversa, assim como do mesmo tronco pode ter provindo o patronímico nas suas duas formas de Vasques e de Vaz, tal como succedeu com o de Soeiro, que se encontra debaixo das *de Soares e de Soeiro*. Não se pode, portanto, distinguir pela forma se certas famílias têm origens diferentes, só porque o seu nome mostra outra evolução.



Vasques

A Rui Vasques, cavaleiro do reverendo D. Fr. Vasco de Ataíde, prior do Hospital da Ordem de S. João de Jerusalém, em Portugal, D. Afonso V, por Carta de 21 de Maio de 1476, fez fidalgo de cota de armas e lhe deu as que são abaixo descritas, pelos muitos serviços que a ele, Rei, prestara, tanto por mar, como por terra, quer nas partes de África na expugnação da vila de Arzila e na tomada da cidade de Tânger, quer nos reinos de Castela, onde estivera na batalha que o mesmo Príncipe teve com o rei da Sicília, assim como noutras ocasiões.

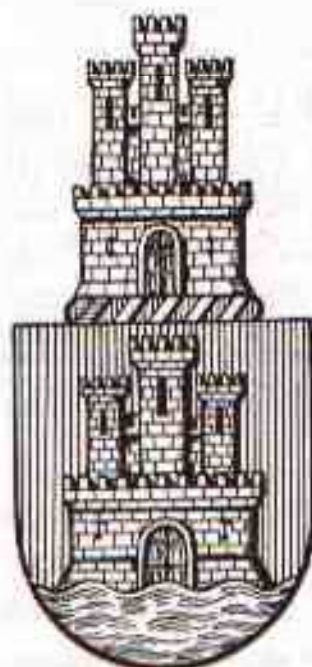
As armas são: De ouro, com um tronco de árvore de verde, com os esgalhos de prata e um leão de azul, armado e lampassado de vermelho, sainte do tronco, à direita. Timbre: o leão do escudo.

VAZ. Diz-se no artigo *Vasques* que ambas estas formas de designação são, na origem, patronímicos de Vasco e aquela é a que perdurou, pois as famílias que presentemente usam a segunda parecem ser, na totalidade, de próxima ascendência espanhola. (V. *Vasques*).

Uns Vazes trazem armas semelhantes às concedidas por D. Afonso V a Rui Vasques: De ouro com tronco de árvore de prata e um leão de azul, armado e lampassado de vermelho, sainte do tronco.



Vaz (de Rui Vasques)



Vaz (de Pedro Rebelo)

A Martim Vaz, arauto que visitou as cortes da Europa no tempo do Rei D. Manuel, foram concedidas as seguintes armas, pelo Imperador Maximiliano: Partido: o primeiro de ouro, com meia águia imperial de vermelho; o segundo de azul, com três pombas voantes de prata, bicadas e membradas de vermelho, uma sobre a outra. Timbre: uma cabeça de leão de vermelho, entre duas penas de pavão de ouro.



Vaz (de Martim Vaz)

Outros, que se diz descenderem de Pedro Rebelo, trazem: De vermelho, com um castelo de prata assente sobre ondas de prata e de azul. Timbre: o castelo do escudo.

Tristão Vaz usava por armas, conforme refere Gaspar Frutuoso, as seguintes, que se não sabe se correspondiam a algum apelido, ignorando-se, também, os seus esmaltes: De azul, com uma fénix de...



Vaz (de Tristão Vaz)

VEDRA. Ignora-se a origem desta família, mas alguns autores supõem que o apelido de Vedra não existe e é deturpação de Vadre.

João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, escreveu estes versos referentes aos Vedras:

*O que um olho perdeu
por livrar sua rainha
estas armas escolheu
reais, e depois prendeu
o rei mouro que a tinha.*



Vedra

As armas que se lhe atribuem são: De ouro, com um tronco de árvore de sua cor, gotado de vermelho, com os esgalhos realçados de prata, acompanhado de oito cestos de negro, com asas, realçados de prata.

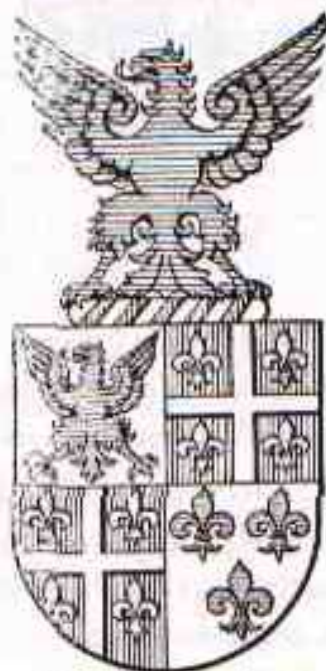
VEIGA. Há, pelo menos, duas famílias deste apelido: os Veigas Nápoles e os que, apenas, se denominam Veigas. Os primeiros descendem de João Esteves da Veiga, rico-homem, senhor de Salvaterra de Magos, Montargil, Vila Nova de Monçarros e Vacariça, do conselho de D. João I, que, por lhe dever ainda metade do dote de seu pai, lhe deu por tença, em cada ano, três contos e quinhentos mil libras da moeda corrente, a qual haveria enquanto não fosse acabado de pagar o referido dote, e de sua mulher, D. Leonor Anes de Vasconcelos, filha de D. João Rodrigues de Vasconcelos, mordomo-mor de D. Afonso IV, e de D. Constança Soares. Este João Esteves da Veiga dizem que era filho de Leonardo Esteves, vassalo de D. Afonso IV, senhor de Coja, Penela e de toda a Veiga de Santa Maria, e de sua mulher, D. Margarida Anes de Meneses, filha do conde D. João Afonso Telo de Meneses e de sua mulher, D. Teresa Sanches. Leonardo Esteves houve, por este casamento, em dote, dois contos de libras e por se não lhe pagar logo teve de tença em cada ano até o fim do pagamento duzentas e quarenta mil libras.



Veiga

Quem foi o pai de Leonardo Esteves não está assente, pois uns querem que ele se chamasse Estêvão de Nápoles, italiano, o que certos autores julgam falso e outros que João Esteves da Vacariça, de quem seria filho natural, havido de Catarina Esteves, mulher solteira.

Com direito ou sem ele, bisnetos de João Esteves de Veiga e de sua mulher, D. Leonor Anes de Vasconcelos, apelidaram-se Nápoles, apelido que foi continuado até ao presente.



Veiga, de Vila Viçosa

João Esteves chamou-se da Veiga por seu pai ter o senhorio de toda a Veiga de Santa Maria, apelido que perdurou nos descendentes.

Os mais antigos, porém, são os que provêm de D. João Pires da Veiga, filho de D. Pedro Hermigues (ou Mendes) de Azevedo e de sua mulher, D. Velasquita Rodrigues, neto paterno de D. Hermigo Mendes de Azevedo e de sua mulher, D. Exameia Pais, e neto materno de D. Rodrigo Forjaz, Conde de Trastámara, e de sua mulher D. Urraca Rodrigues de Castro. D. João Pires de Azevedo chamou-se da Veiga porque viveu em uma terra denominada Veiga, pouco distante do couto de Azevedo, a uma légua de Braga. Foi casado duas vezes: a primeira, com D. Teresa Martins de Berredo, filha de Martim Pais Ribeiro, rico-homem, e de sua mulher, D. Maria Pais de Valadares, de quem teve D. Maria Anes da Veiga, casada com D. Mendo Rodrigues de Briteiros, filho de D. Rodrigo Gomes de Briteiros, rico-homem, de cujo matrimónio teve geração com o apelido de Briteiros; a segunda, com D. Urraca Pires, filha de Estêvão Pires e de sua mulher, D. Maria Soares, de quem teve Gonçalo Gil da Veiga, casado com D. Guiomar Mendes de Vas-

concelos, filha de Gonçalo Mendes de Vasconcelos. Este Gonçalo Gil, apesar de ser dado por filho de D. João Pires, alegando-se certas circunstâncias que parecem favorecer tal filiação, não o deve ser, já por a cronologia o contrariar, já pelo patronímico, que só afastadamente encontraria explicação.

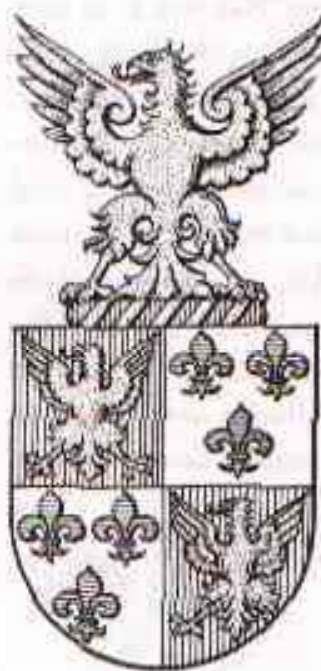
Certos autores dão por filhos a D. João Pires de Azevedo ou da Veiga, nascidos de sua mulher, D. Teresa Martins de Berredo: um Pedro Anes da Veiga, que se casou e teve geração da qual não há notícia, e outro filho, que do seu matrimónio teve João da Veiga o Velho, casado com Inês Pires de Valbom, de quem houve vários filhos que seguiram o apelido, como João da Veiga o Moço, casado e com geração, Maria Anes da Veiga, mulher de Vasco Lourenço, filho do arcebispo de Braga, D. Lourenço Vicente da Lourinhã, de quem deixou descendência, e Brites Anes da Veiga, que se recebeu com Fernão Garcia, de cujo matrimónio houve geração.

As armas dos Veigas são: De vermelho, com uma águia de ouro, estendida. Timbre: a águia do escudo.

Os Veigas Nápoles usam as seguintes armas: Esquartelado: o primeiro e o quarto de vermelho, uma águia de ouro estendida, armada de prata; o segundo e o terceiro de prata, com três flores-de-lis de azul (Nápoles). Timbre: a águia do escudo.

Os Veigas, de Vila Viçosa, trazem: Esquartelado: o primeiro de prata, com uma águia de azul, estendida, o segundo e o terceiro de vermelho, com cruz de prata, cantonada de quatro flores-de-lis de ouro; o quarto de prata, com três flores-de-lis de azul. Timbre: a águia do escudo.

Também se atribuem aos Veigas Nápoles as armas dos Altes.



Veiga Nápoles

VELASCO. Família espanhola, de antiga nobreza, passada a Portugal com D. Ana de Velasco, duquesa de Bragança, mãe do rei D. João IV, e com outras pessoas. Tem o seu solar nas Astúrias.

As suas armas são: Xadrezado de ouro e de veiros, de três peças em faixa e de cinco em pala. Timbre: um leão de veiros, armado e lampassado de vermelho.

VELASQUES. Família espanhola de que passou um ramo a Portugal, reinando D. Sebastião, na pessoa de D. João Velazquez de Alarcón, natural de Toledo, filho de D. Baltasar de S. Juan de Alarcón, natural de Alcalá de Henares e de sua mulher, D. Teresa Velazquez, também daí natural, filha de D. Tomás Velazques. Era neto paterno de João Cristóbal Rodríguez de Alarcón. Viveu D. João Velazquez de Alarcón em Lisboa, em 1620, e casou com D. Catarina Sarmento, filha de Rodrigo Sarmiento Serrano, natural de Toledo, e de D. Inês Sarmiento, filha de D. António Sarmiento, senhor de Vale de Achas. Deste matrimónio provêm os Velasques Sarmentos de Alarcón.

Outro ramo veio para Portugal na pessoa de D. Maria de Velasco, camareira-mor da Rainha D. Catarina, casada com João Velazquez Cuellar, comendador-mor da Ordem de Sant'Iago, contador-mor de Castela e alcaide dos alcáçares de Arévalo e Trujillo, pais de D. Francisca de Guevara Velazquez, dama da Rainha Católica, segunda mulher de Telo Gonçalves de Aguilar, que foram pais de D. Joana Velasques, dona da câmara da Rainha D. Catarina. Uma sobrinha desta senhora casou com Aires Gonçalves de Macedo, pessoa de muita autoridade na cidade de Coimbra e do governo dela, fidalgo da Casa do Rei D. Sebastião, de quem proveio descendência que conservou o apelido Velasques.

É possível que os Velazquez tenham passado diversas vezes a Portugal e aqui deixado geração, porquanto a proximidade do país de origem facilitava a mudança de residência, mas é, igualmente, possível que nem todos provenham do mesmo tronco, visto a designação familiar, no princípio, haver sido patronímico.



Velasques



Velasco

As armas dos Velasques são: De prata, com treze arruelas de azul, postas 3, 3, 3, 3 e 1; bordadura de vermelho, carregada de oito aspas de ouro.

Foram dadas, certamente, por confusão, em 1726, por carta de brasão de sucessão, como sendo as dos Velasques, as armas dos Velascos (v. *Vela co*), se bem que o suplicante também descendesse desta família, como atrás se referiu, ao tratar do segundo ramo.

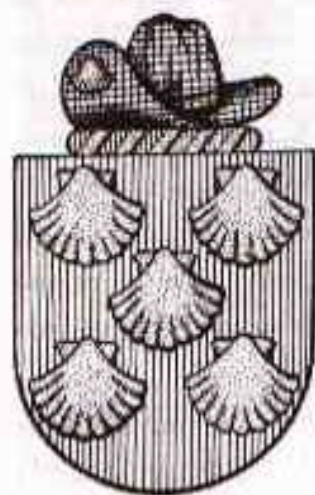
VELEZ. Alguns autores genealógicos dizem que Velez e Avilez constituem uma só família, originária de Espanha, cujo solar é a vila de Avilês nas Astúrias, mas há a considerar que *Velez* é patronímico de *Vela*. O apelido Velez, assim como o de Avilez, difundiu-se no Alentejo, onde primeiro se fixou esta família, se bem que se encontrasse aquele igualmente em Tânger. É natural que a afirmação dos linhagistas esteja certa, porque tanto os Velezes como os Avilezes trazem em Portugal as mesmas armas, que são diversas das que usam os Avilezes das Astúrias.

As armas que usam em Portugal, mas das quais se desconhece qualquer carta de brasão, são as seguintes: De verde, com um castelo de prata, lavrado de negro, aberto de vermelho e acompanhado em ponta de uma cabeça de mouro, cortada em sangue, fotada de prata, parte sobre a porta do castelo e sustida de uma maça de armas de ouro, armada de prata, posta em faixa. Timbre: meio mouro de carnção, vestido de vermelho, fotado de prata, tendo ao ombro a maça de armas do escudo.



Velez

VELHO. Uma das mais antigas linhagens portuguesas, procedente de D. Soeiro Guedes e de sua mulher, D. Aldonça Guterres da Silva, por seu filho D. Nuno Soares, que foi chamado o *Velho* por diferença de seu neto de igual nome. D. Nuno Soares foi companheiro de D. Gonçalo Mendes da Maia e casou com D. Elvira Soares, filha de D. Touriz Sarna, que fundou o mosteiro de Vairão e teve D. Soeiro Nunes Velho, rico-homem



Velho

do Rei D. Afonso Henriques, quarto padroeiro do mosteiro da Várzea, o qual se recebeu com D. Aldonça Nunes, filha de Nuno Fernandes. De D. Soeiro Nunes Velho, pelo dito casamento, nasceu D. Nuno Soares Velho, rico-homem de D. Afonso Henriques, quinto padroeiro do mosteiro da Várzea, casado com D. Maria Pires Perna, filha de D. Pedro Pais Escacha, da família dos Silvas, grande cavaleiro, que está enterrado no mosteiro do Carvoeiro. Deste matrimónio teve vários filhos que continuaram o apelido. Casou segunda vez com D. Gontrede Fernandes, filha de D. Fernão Anes de Montor e de D. Urraca Gomes, filha do conde D. Gomes Nunes, o de Pombeiro, de quem houve, também, geração, de apelido diverso. Teve, ainda, outros filhos, havidos em D. Urraca Pires, filha de Pedro Afonso do Colmeal, ou D. Constança Gonçalves, filha de Gonçalo de Arga, a qual furtara do mosteiro de freiras que ficava próximo de sua casa. O colar dos Velhos era na freguesia de Vitorino das Donas, nas casas chamadas do Mosteiro.

O grande genealogista Manuel de Sousa da Silva escreveu acerca dos Velhos os seguintes versos:



Velho
(de Diogo Velho)

*Nas margens de Neiva claro
Os Velhos certo viveram
Os que delle descenderam
deixaram este preclaro
nome; e outros houveram.*

As armas pertencentes aos desta antiga linhagem são: De vermelho, com cinco vieiras de ouro, postas em sautor. Timbre: um chapéu de romeiro, de negro, com uma vieira de ouro na aba.

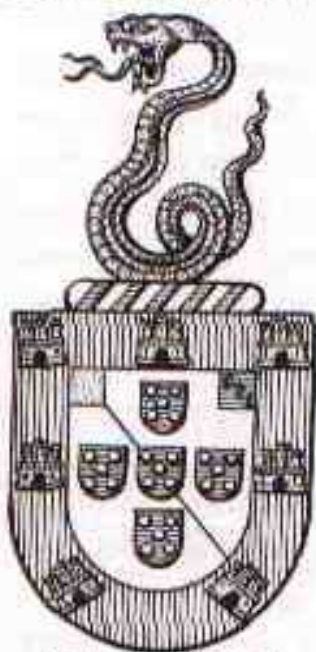


Velho (da ilha
de Santa Maria)

A Diogo Velho, cavaleiro da casa do Rei D. Manuel I, descendente dos Velhos e do Infante Ricardo, filho do Rei de França, concedeu aquele soberano, atendendo à referida ascendência por linha paterna e a ser criado dos reis D. Afonso V e D. João II, as seguintes armas, que não se devem considerar armas novas ou acrescentamento, como o fizeram alguns autores, mas, apenas, armas de sucessão: Escudo esquartelado: o primeiro e o quarto de vermelho, com cinco vieiras de ouro postas em sautor; o segundo e o terceiro de azul, semeado de flores-de-lis de ouro. Timbre: um chapéu de negro com uma vieira de ouro na aba. A carta de concessão é de 21 de Junho de 1505.

Foram estas armas confirmadas a seu filho Bartolomeu Ferraz, cavaleiro da Casa do mesmo Rei, a 10 de Dezembro de 1516.

Os Velhos, da ilha de Santa Maria, usam as seguintes armas: De azul, com três vieiras de ouro. Timbre: um chapéu de negro, com uma vieira de ouro na aba.



Velho (de Manoel
Álvares Velho)

A Manuel Álvares Velho, também chamado D. Manuel de Bragança, famoso mistificador, que se fez passar por filho ilegítimo do Infante D. Duarte, conseguindo obter diplomas régios como tal, se lhe deram por armas: De prata, com cinco escudetes de azul, postos em cruz, cada escudete carregado de cinco besantes do campo, postos em sautor, com um filete negro em banda e duas bricas nos cantões do chefe, a da direita de ouro, plena, a da esquerda de azul, com três flores-de-lis de ouro, em banda; bordadura de vermelho, carregada de sete castelos de ouro. Timbre: uma serpente de ouro.

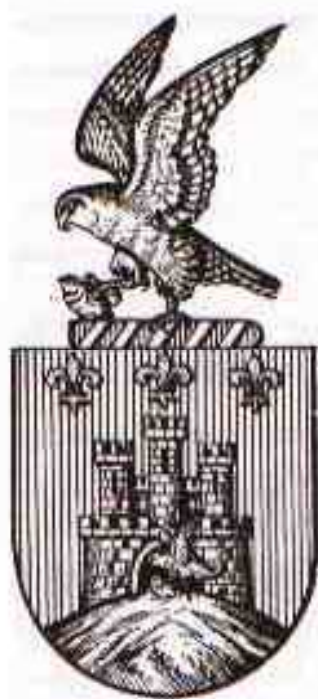


Velho
(de Viana do Castelo)

Estas armas, colocadas entre as dos Velhos em alguns livros de armaria pertencem porém, embora obtidas falsamente, aos Braganças.

Os Velhos, de Viana do Castelo, descendentes de João Velho o *Velho*, trazem estas armas: De azul, com cinco cruces maçanetadas de quatro peças de ouro; chefe também de azul, carregado de um leão sainte de ouro, armado e lampassado de vermelho, movente do traço da partição. Tenentes: dois etíopes ou negros nus, de sua cor.

VELOSA. Família portuguesa, cujo solar é na freguesia da Velosa, aldeia do concelho de Celorico da Beira, de onde tomou o apelido. A pessoa mais antiga que dela se conhece é João da Velosa, a quem D. Afonso V fez mercê de um vínculo na vila de Linhares, concelho extinto, hoje aldeia pertencente ao concelho de Celorico da Beira. O referido vínculo, de capela, era na igreja matriz e a mercê régia foi feita no ano de 1479. Este João da Velosa teve filhos pelos quais, legitimamente, se continuou a geração e apelido, este, porém, nos fins do século XVI, mudado para Veloso, cujas armas os Velosas usam. Passaram às ilhas atlânticas, mas aí o apelido não sofreu transformação. (V. *Veloso*).



Veloso

VELOSO. Há duas linhagens que actualmente usam este apelido: uma, a verdadeira, originária da Galiza, que passou a Portugal na pessoa de António Veloso, no tempo de D. Fernando I, por desgostos que tivera com o rei castelhano D. Henrique II; a outra, natural da provincia da Beira, cuja designação própria é Velosa (v. *Velosa*), embora hoje, em parte, se chamem Velosas. De António Veloso nasceram do matrimónio filhos que se conservaram na provincia do Minho, onde o apelido perdurou. Talvez, como aconteceu com outras famílias da Galiza, os Velosos hajam passado diversas vezes a Portugal.

As armas usadas cá pelos Velosos são as seguintes: De vermelho, com um castelo de três torres de prata, aberto, iluminado e lavrado de negro, encimado por três flores-de-lis de ouro, postas no chefe, e assente sobre um monte de sua cor, com um açor de sua cor, armado de ouro, segurando uma perdiz também de sua cor, na garra direita, posto junto da porta do castelo. Timbre: o açor do escudo com a perdiz na garra direita. (V. *Velosa*)

VELOUVI. V. *Willoughby*.

VENEGAS. Família espanhola, cuja designação é, na origem, patronímico que corresponde ao português Viegas, pelo que é possível haver diversas famílias com igual nome.

Passou a Portugal D. Luís Venegas de Figueiroa na comitiva da princesa D. Joana, que veio a ser mãe do rei D. Sebastião, e neste reino foi embaixador e na Alemanha por

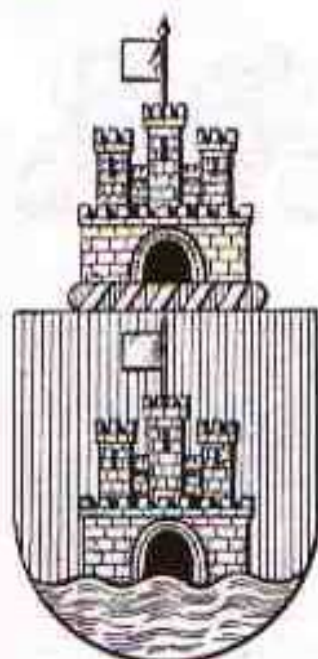
Filipe II, que serviu como aposentador-mor e à Rainha D. Ana como estribeiro-mor. Foi comendador na Ordem de Sant'Iago e casou com D. Guiomar de Sá, dama da Imperatriz D. Isabel, mulher de Carlos V, filha de Antônio Jusarte de Melo e de D. Guiomar de Sá, dama da mesma imperatriz quando era Infanta de Portugal, de cujo matrimónio nasceu Garcia Venegas, casado com D. Isabel Pereira de Peralta e Lencastre, filha herdeira de Lopo Pereira de Peralta, fidalgo da Casa Real e gentilhomen da Câmara dos Reis Filipe III e IV, comendador da Ordem de Cristo, e de sua mulher, D. Constança de Lencastre. Deste Garcia Venegas e de sua sobre-dita mulher ficou geração, que continuou a usar o apelido Venegas e no tempo de D. Pedro II e de D. João V obteve cartas de brasão de armas de sucessão, nas quais, entre outras, lhe foram passadas as dos Venegas.



Venegas

D. Luís Venegas de Figueiroa era filho de D. Egas Venegas e de D. Leonor Carrillo, filha de seu primo coirmão Luís Venegas de Figueiroa, senhor da vila de Moratila, e de D. Constança Carrillo; neto de outro D. Egas Venegas, quinto senhor de Luque, do Conselho dos Reis Católicos, e de D. Isabel de Montemayor, senhora de Albadin, filha de Afonso Fernandez de Montemayor, senhor de Albadin e de Montalbán, e de D. Elvira de Hinestroza, etc. Por linha varonil era décimo segundo neto de D. Pedro Venegas, que esteve na conquista de Córdova, de distinta ascendência, que se diz provir de D. Bermudo, Conde de Trava, e de sua mulher D. Teresa Henriques, filha do Conde D. Henrique, governador de Portugal.

As armas que usam em Portugal, idênticas às de Espanha, são: De azul, com três palas de prata. Timbre: um leão de sua cor, armado e lampassado de ouro.



Vera

VERNECK. V. *Werneck*.

VERA. Família espanhola, cujo apelido parece de origem geográfica, por ser precedido de proposição, que em Portugal é *de* e em Espanha *de la*.

As armas que usam em Portugal são: De vermelho, com castelo de ouro, rematado por uma bandeira de prata; o castelo assente sobre um mar ondado de prata e de azul. Timbre: o castelo com a bandeira.

WHITTON. V. *Whitton*.

VIANA. Apelido de origem geográfica, que tanto pode ter sido tomado da antiga vila de Viana, no Minho, como da

Em Castelo de Vide, por 1400, viveu um Lourenço Vidal, que foi pai de Vasco Pires Vidal, pai de Fernão Vaz Vidal e este de Vasco Pires Vidal. Eram todos pessoas nobres da mesma vila e deles ficou descendência. Também os houve deste apelido noutras regiões, como em Trás-os-Montes e na Beira.

As armas dos Vidais portugueses são: De prata, com cinco folhas de videira de sua cor, postas em sautor. Timbre: uma folha do escudo ou um leão de prata, armado e lampassado de vermelho, com uma folha do escudo na garra direita.

Os que vieram de Espanha trazem as seguintes armas: Partido: o primeiro de azul, com uma asa de prata, voltada para baixo, e bordadura denticulada de oito peças do mesmo; o segundo esquartelado: o primeiro e o quarto de vermelho, com um leão de prata, e o segundo e terceiro, de ouro, com uma rosa natural, de vermelho. Timbre: quatro plumas, de ouro, verde, azul e vermelho.

VIDE. Apelido antigo, de origem geográfica, que se encontra pela época de D. Afonso II na pessoa de D. Martim Gil da Vide, o qual raptou D. Guiomar Rodrigues, viúva de Pedro Fernandes Nino, com quem se casou. A designação porvém da vila de Vide, hoje Castelo de Vide. D. Guiomar era filha de Rui Nunes das Astúrias e de sua mulher, D. Elvira Gonçalves de Palmeira, filha do rico-homem D. Gonçalo Rodrigues de Palmeira e de sua primeira mulher, D. Froilhe Afonso. D. Martim Gil e sua mulher D. Guiomar Rodrigues, tiveram a D. Pedro Martins da Vide, que se recebeu com D. Teresa Afonso, filha de D. Afonso Teles de Córdova e de D. Maria Aaes de Lima, com geração.

Os da Vide ou de Vide, que em várias regiões de Portugal existiam alguns séculos depois e de que vários ramos chegaram até o presente, apelidando-se de Vide ou David, forma esta que mostra o esquecimento da origem geográfica, tomaram o apelido noutra época e talvez de outro topónimo.

O abalizado linhagista minhoto Manuel de Sousa da Silva referiu-se aos Vides nos seguintes versos:

*Em Basto, a mui alteira
Quinta de Vides está
Que seu nome ilustre dá
A geração que se estriba
Somente no que foi já.*

Os do apelido Vide não têm armas próprias e usam as da família Vidal.

VIEGAS. É patronímico de Egas e, portanto, não há só uma família desta designação, mas várias, sendo, também, possível que entre ela se encontrem algumas de origem espanhola por aportuguesamento de Venegas, forma que tem na Espanha este patronímico.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, escreveu acerca de Viegas e Correias os seguintes versos:

*Couros e Correias são
os destes progenitores,
Atougia também são
e de Belas são senhores
com mando e com jurisdição.*

Também Manuel de Sousa da Silva, o notável linhagista minhoto, fez uma quintilha dedicada aos Viegas, dizendo:

*João da Viega nascido
da casa de Azevedo
Em a illustre Berrêdo
Deixaram o apellido
Dos viegas certo sem medo.*



Viegas

Há nestes versos manifesta confusão de Veigas com Veigas pois aqueles é que vêm dos Azevedos e Barredos.

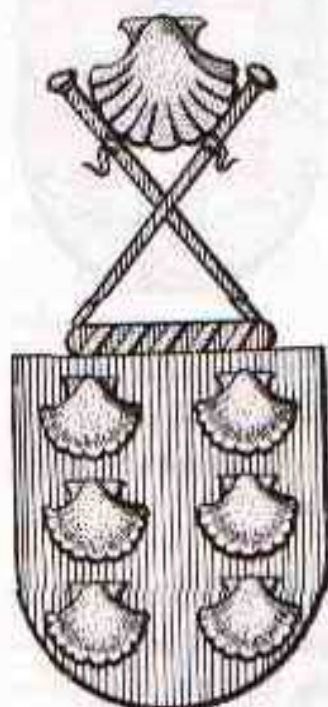
Os que procedem dos Ataides usam as armas desta família, com pequena alteração no timbre.

Assim trazem, presentemente, todos os do apellido Viegas, as seguintes: De azul, com quatro bandas de prata. Timbre: um leopardo de azul, picado de prata.

VIEIRA. Parece existirem várias famílias deste apellido, de origem geográfica, umas que o tomaram de Vieira do Minho e outras de Vieira de Leiria. A linguagem antiga é a de proveniência minhota e a pessoa mais recuada que dela se conhece Rui Vieira, fidalgo muito honrado do tempo de D. Afonso II, Rei de Portugal, e de seu filho D. Sancho II, que viveu pelos anos de 1220, senhor da quinta de Vila Seca, na freguesia de S. João, comarca de Vieira, onde morou e morreu. A ele se referem as *Inquirições* de D. Dinis, dizendo que o concelho de Vieira foi honrado por ele. Alguns autores dizem, todavia, que o apellido já existia em 1044. Deste Rui Vieira parecem ser filhos Pedro Rodrigues Vieira e João Rodrigues Vieira, pai de Afonso Anes Vieira, abade de Sousela, que teve por filho a João Afonso Vieira, sem mais notícia.

Pedro Rodrigues Vieira, acima citado, viveu por 1245, no tempo de D. Afonso III, e parece que teve o senhorio da quinta de Vila Seca. Dele descendem quase todas as famílias deste apellido, com larga geração.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, escreveu esta quintilha acerca dos Vieiras:



Vieira

*Pelos vales de Pombeiro
viera com seu concelho
esta que foi verdadeiro
e mui leal companheiro
do bom Portugal o velho.*

*Lá em Villa Sêca tem
No concelho de Vieira
Sua casa verdadeira
Os Vieiras da qual vem
Sua origem primeira.*



Vieira (outros)

As armas desta linhagem são: De vermelho, com seis vieiras de ouro, postas 2, 2 e 2. Timbre: dois bordões de Sant'Iago de vermelho, ferrados de ouro, passados em aspa e encimados por uma das vieiras.

Outros usam as que se seguem: De vermelho, com seis vieiras de prata, postas 2, 2 e 2, realçadas de negro. Timbre: uma aspa de vermelho, carregada de cinco ou de três vieiras do escudo.

A Belchior Vieira foram dadas armas novas com o apelido de Ternate (v. *Ternate*).



Vila Boa

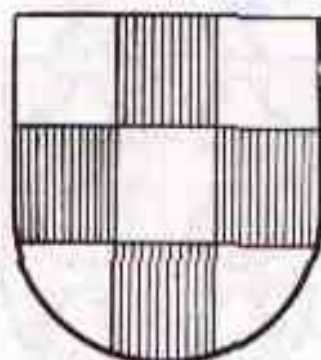
VILA BOA. Família descendente do Mestre Manuel de Vila Boa, a quem D. João III deu por solar a aldeia de Vila Boa, no termo de Beja, concedendo-lhe o uso do apelido e armas novas por Carta de 7 de Maio de 1550. Era cavaleiro da casa do mencionado soberano morador em Beja e pessoa de merecimento, pelo que, conjuntamente com os serviços prestados, se fez digno da mercê que o Rei lhe concedeu. Foi casado com D. Francisca Soares de Toledo, de quem houve geração. As armas são: De verde, com um dragão de prata, picado de negro, lampassada de vermelho, a cauda retornada. Timbre: o dragão do escudo, sainte. (V. *Vila Nova*).

VILAÇA. Família de origem espanhola, que tomou parte na conquista de Baeza. Em Espanha o apelido é *Villacis*. Existe descendência no Minho, de onde passou à Beira.

As armas usadas pelos Vilaças são: Xadrezado de ouro e de azul, de quinze peças; bordadura de vermelho, carregada de oito aspas de ouro.



Vilaça



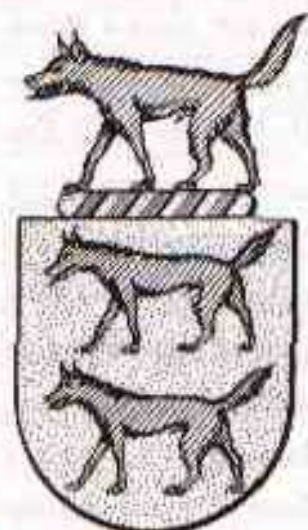
Vilafanha

VILAFANHA. Família espanhola, cujo apelido original é *Villafaña*, da qual passou um ramo a Portugal, com descendência na província da Beira.

Trazem os deste apelido por armas as seguintes: Nove pontos equipolados de prata e de vermelho.

VILALOBOS. Família de Espanha, das mais ilustres, que provém do conde D. Pedro de Placença, que se supõe fosse filho do conde Fernão Gonçalves, neto de D. Gonçalo Nunes e bisneto de Nuno Rasura. O conde D. Pedro foi casado e teve diversos filhos, entre os quais se lhe nomeia um D. Gonçalo Muñoz, que alguns autores dizem ser filho de Gonçalo Gonçalves, neto de Fernão Gonçalves e bisneto de Rui Gonçalves. A este D. Gonçalo Muñoz, estando em Aza, despenharam os seus solarengos. Foi casado e teve por filho ao Conde D. Gomes de Manzanedo, que por ter povoado a terra deste nome o tomou por apelido, deixando o seu, que era Campos. Contraiu matrimónio com D. Maior, filha do Conde D. Manrique de Lara, de quem houve, entre outros, a D. Manrique Gomes, que viveu no tempo do rei D. Fernando de Leão, e houve fora de matrimónio vários filhos. Foi seu filho D. Gil Manrique, casado com D. Teresa Fernandes, senhora de Vilalobos, filha de Rui Peres de Vilalobos, que esteve na batalha das Navas, neta de D. Osório Martins, rico-homem de D. Afonso, VIII e de D. Sancha, senhora de Vilalobos, bisneta do conde D. Martin Osorez, do tempo do rei D. Afonso VI, e terceira neta de

D. Pedro Osório, o primeiro que veio do reino da Galiza para o de Leão, reinando D. Fernando o Grande, e povoou Vilalobos. Nasceram deste consórcio muitos filhos, um dos quais foi D. Rui Gil de Vilalobos, que esteve na tomada de Córdoba e se casou com D. Maria, filha de D. Lopo o Chico e de D. Berengueira Gonçalves Girão, provindo deste matrimónio a linhagem dos Vilalobos. De seu filho D. Rui Gonçalves de Vilalobos, casado com D. Teresa Sanches (filha bastarda do rei de Castela D. Sancho o Bravo, foi filha D. Maria de Vilalo-



Vilalobos



Vilalobos, de Évora

bos, a quem dão também o patronímico de Rodrigues, segunda mulher de Lopo Fernandes Pacheco, fidalgo português.

As armas dos Vilalobos, em Portugal, são: de ouro, com dois lobos passantes de púrpura, armados de vermelho, um sobre o outro; ou de ouro, com dois lobos de vermelho um sobre o outro. Timbre: um lobo do escudo. Estas são as armas dos Osórios, seus ascendentes.

Em Espanha os Vilalobos usam: De prata, com dois lobos de negro, passantes um sobre outro.

Os Vilalobos de Évora trazem: Esquartelado: o primeiro e o quarto de vermelho, com lobo passante de ouro; o segundo e o terceiro xadrezado de ouro e de azul, de três peças em faixa e cinco em pala.

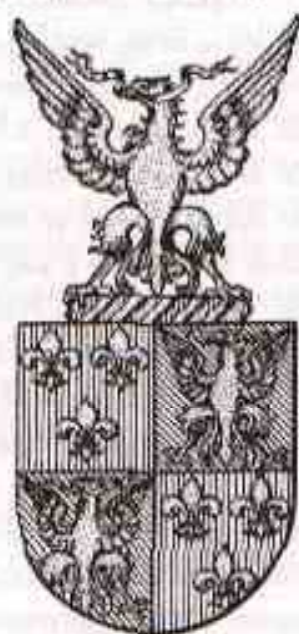
VILA NOVA. Família procedente de Mestre Pedro de Vila Nova, físico e cirurgião



Vila Nova, de Mestre Pedro de Vila Nova

da rainha D. Catarina, mulher do Rei D. João III, com a qual veio de Castela, e depois foi físico-mor do Reino.

O mesmo príncipe lhe deu por armas novas: De verde, com um tiro ou dragão de ouro, picado de negro, lampassado de vermelho, a cauda retornada e os pés picados de vermelho. Timbre: o dragão do escudo, sainte. A mercê foi feita por Carta de 3 de Fevereiro de 1538, mas as armas foram esclarecidas por outra Carta passada a 29 de Novembro



Vila Nova, outros

de 1561 a seu filho Francisco de Oliveira de Vila Nova, físico do Rei D. Sebastião. (V. Vila Boa).

Outra família de igual apelido tem por armas: Esquartelado: o primeiro e o quarto de vermelho, com três flores-de-lis de ouro; o segundo e o terceiro de verde, com uma águia estendida, de ouro, com um listel de prata no bico. Timbre: a águia do escudo com o listel.

VILARINHO. Família antiga de que há notícias isoladas e somente se deduz a começar em Gil Pires Vilarinho, cabeça de bando em uma contenda havida entre os senhores de Quintela e os senhores de Regalados. Teve o senhorio do Paço de Vila Boa, no termo de Monção, foi padroeiro de S. Pedro de Segueda. Parece que viveu no tempo de D. Dinis



ADDINGTON. Família inglesa que passou a Portugal na primeira década do século XIX na pessoa de Jorge Augusto Henrique Waddington, coronel do exército inglês. É tradição que proveio esta família de Wada (Wada Dux), que viveu no século VII, sendo descendente de Odin, chefe da Aesir, da Ásia Menor, que, acossado

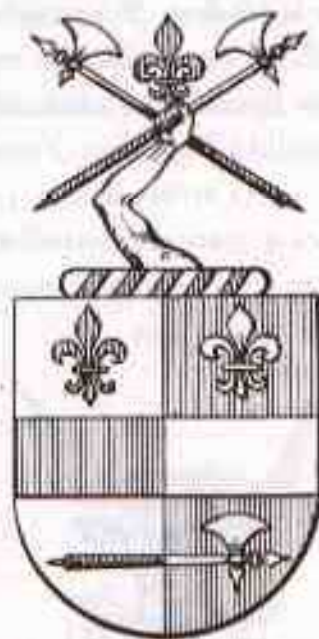
pelos Romanos, emigrou para a Europa no ano 70 a. C.

Wada, chefe anglo-saxão de Lancashire e Yorkshire, foi o fundador da cidade de Waddington (a cidade dos filhos de Wada) e um dos membros da conjura contra o rei Earduef, que terminou pela derrota dos conspiradores na batalha de Billinghameth, perto de Whalley, em 2 de Abril de 798. Teve, de sua mulher Bell, descendência, entre a qual Wade (Wada) que deu origem à família. A residência principal dos Waddington era em Waddington, perto de Clitheroe (York), casa essa onde em 1464 esteve refugiado o Rei Henrique VI, depois de derrotado na batalha de Hexham. Waddington Hall, actualmente ainda na posse dum ramo da família, foi restaurado em 1900 por João Waddington e pertence hoje aos seus herdeiros.

As armas da família Waddington, tal como se encontram esculpidas em Waddington. Hall são: Partido de prata e de vermelho, com faixa de um no outro, acompanhada em chefe de duas flores-de-lis e em ponta de uma acha de armas, também de um no outro. Timbre: um braço nu curvado, segurando na mão uma lança e uma acha de armas, passadas em aspa, a mão rematada por uma flor-de-lis de vermelho. Trazem por divisa: PRO RECTO SEMPER.

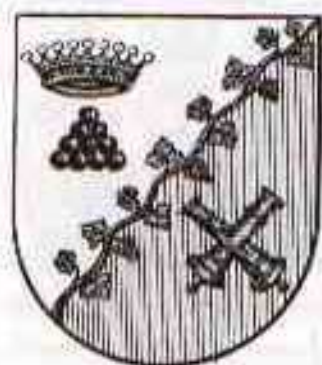
Há nestas armas desconhecimento de alguns esmaltes e dúvida noutros.

WEINHOLTZ. Família nobre, originária da Alemanha, da qual Frederico Jacob de Weinholtz, a convite de D. João V, em 1736, se veio estabelecer em Portugal. Do casa-



Waddington

mento de um seu filho, do mesmo nome, com uma senhora da família Bivar Albuquerque de Mendonça, se originaram as famílias portuguesas de Bivar Weinholtz e Weinholtz de Bivar.

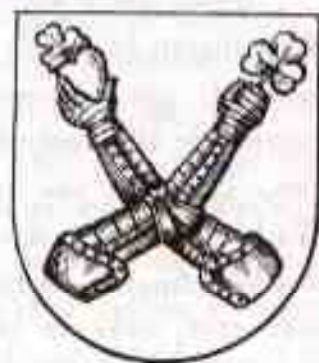


Weinholtz

De origem luterana, a família Weinholtz converteu-se em Portugal ao catolicismo, tendo sido os seus membros que vieram para o nosso país baptizados na Real Capela e apadrinhados pelo então Príncipe, mais tarde Rei D. José I, e por outras pessoas da família real. Frequentaram a corte, sendo muito considerados pelos monarcas. Segundo manuscritos existentes em poder dos Bivares de Faro, vê-se que os Weinholtz usaram em Portugal por armas: Talhado: o primeiro de prata, com uma pilha de balas de artilharia de sua cor, encimada por um coronel de conde de ouro; o segundo de vermelho, com dois canhões de ouro, passados em arpa; e um tronco de videira frutado e folhado de verde, alternando os cachos e as folhas, o tronco brocante sobre o traço do talhado.

WERNECK. Família da Baviera, passada a Portugal, no reinado de D. João IV, na pessoa de Gaspar Werneck, que se fixou em Viana do Castelo. Alguns autores dão por nacionalidade a este Gaspar Werneck a holandesa. Foi casado com D. Maria de Magalhães, da qual houve descendência muito distinta, de que passou um ramo ao Brasil. Por adulteração os autores antigos escreveram este apelido *Varneque*, *Verneck*, *Verneque* e *Barneque*.

As armas usadas por esta família são: De..., com dois braços armados e passados em aspa, segurando com a mão direita um trevo e com a esquerda um coração rematado por um trevo de três folhas.



Werneck



Whitton

WHITTON. Família inglesa da qual, para fugir à perseguição feita aos católicos romanos, João Whitton e sua mulher, Apolónia Sabat, passaram à ilha do Faial, no século XVII. Ele era filho de Nicolau Blorent Whitton, gentilhombre do Rei de Inglaterra, e de sua mulher Ana, filha de Guimine Iumbath de Hastampstead, do condado de Buelles; neto paterno de João Whitton, natural do condado de Oxónia, e de sua mulher, Ester, filha de Nicolau Blorent, natural de Londres; e bisneto por varonia de Jorge Whitton de Hensington, natural do condado de Oxónia.

João Whitton e sua mulher viveram nobremente e estimados pelos reis portugueses, deixando geração que continuou o apelido paterno, à qual foram dadas cartas de brasão de armas de sucessão nos anos de 1752 e 1754, com as da men-

cionada família, que são as seguintes: Partido: o primeiro de prata, com asna de negro carregada de cinco besantes do campo (*Whitton*); o segundo, também de prata, com três encontros de touro de negro, armados de azul, deitando fogo pelas ventas. Timbre: um encontro de touro do escudo, com um besante de prata na testa.

Em Portugal encontra-se o apelido também escrito *Vhitton*.

WILLOUGHBY. Família inglesa, da qual passou um ramo a Portugal, pouco depois de 1600, estabelecendo-se na cidade do Funchal Roberto Willoughby, o qual era neto de outro de nome igual, este irmão de Guilherme, progenitor dos duques de Ancater. Da ilha da Madeira vieram para a vila de Almada. Parece que, presentemente, não se usa este apelido em Portugal, embora haja ainda membros da família Willoughby, nome que alguns corromperam em Velouvy.

Parece que trouxeram em Portugal as seguintes armas, que correspondem a um conjunto de vários apelidos. Esquartelado: o primeiro contraesquartelado, o primeiro e o quarto de negro, com uma cruz canelada de prata, o segundo e o terceiro de vermelho, com uma cruz ancorada de prata; o segundo de vermelho, com uma cruz florenciada de prata; o terceiro de vermelho, com quatro lisonjas de prata alinhadas e apontadas em faixa, cada lisonja carregada de uma vieira do campo; o quarto de ouro, com banda arqueada de prata, perfilada de negro, e bordadura dentelada do mesmo. Timbre: uma cabeça de velho, de carneação, coroada de ouro.



Willoughby





ARA. Família espanhola, da Estremadura, com solar na vila de Freixial. O mais antigo do apelido que parece haver existido é D. João Garcia Xara, que em 1520 foi comendador da Ordem de Sant'Iago e marido de D. Isabel de Torquemada, irmã do primeiro Inquisidor-geral de Espanha, Fr. Tomás de Torquemada. O apelido

provém, como se supõe, de alcunha tirada de um arbusto chamado xara.



Xara

São atribuídas aos Xaras as seguintes armas: Fendido de azul e de vermelho, com uma banda de ouro abocada por duas cabeças de serpe de verde, salpicadas de ouro, carregada de dois leões de sua cor, armados, lampassados e coroados de vermelho, e acompanhada em chefe de uma xara (planta) de verde, e em ponta de um castelo do mesmo, aberto e iluminado de negro. Timbre: uma pluma de vermelho entre duas de ouro, reunidas em ponta.

XEREZ. Esta família, de origem espanhola, provém de Xerez de la Frontera, na Andaluzia, e a forma primitiva do apelido é Jerez. Passou a Portugal em épocas diversas, sendo uma no tempo do rei D. Manuel I, em que Pedro Xerez veio para este reino. Seu filho, António Xerez, serviu em 1516 na praça de Alcácer. Deles houve descendência, entre a qual se encontra o almirante Vitório Zagalo Preto.

Também de Córdova vieram pessoas deste apelido, dois irmãos que se fixaram em Lisboa, provindo de um deles o desembargador João Baptista Bavone.

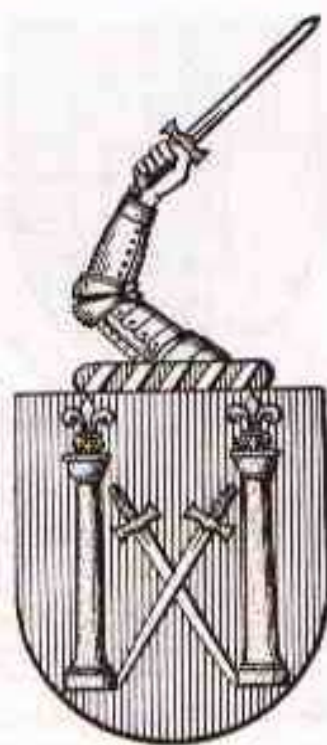
As armas atribuídas aos do apelido de Xerez são: De verde, com uma torre de prata assente em um mar do mesmo, ondado de azul e um barco com dois remos, tudo de ouro, junto da torre; bordadura cosida de vermelho, carregada de oito aspas de ouro.



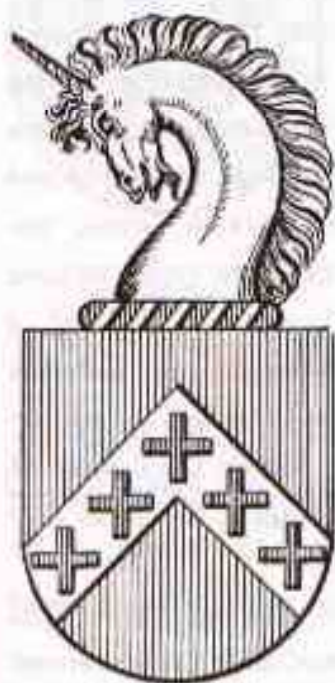
Xerez

XIMENES. Querem alguns autores que esta família seja de Itália, porém a designação familiar existe em Espanha há muitos séculos e provém do patronímico do nome próprio Ximeno, frequente nos primeiros séculos do segundo milénio da nossa era. Os que afirmam ser de origem italiana dizem que de Florença passou a Portugal André Ximenes, que outros indicam por natural de Navarra, e que se casou com sua sobrinha D. Maria Ximenes de Aragão, de que houve descendência. Foram os Ximenes corregedores da vila de Ledesma e um deles, por nome Fernando Ximenes, ficou prisioneiro dos Portugueses na batalha de Toro, pelo que veio para Portugal, onde os descendentes tiveram grande casa e gastaram somas importantíssimas em fundações religiosas, instituições de vínculos e escolas. Os Ximenes de Aragão, se originariamente não tinham sangue hebreu, adquiriram-no depois pelos vários casamentos que fizeram com pessoas de famílias judaicas.

As armas dos Ximenes, usadas em Portugal, são: De vermelho, com duas espadas de prata, guarnecidas de ouro, passadas em aspa e ladeadas de duas colunas de ouro, cada coluna encimada por uma flor-de-lis do mesmo. Timbre: um braço armado de prata, com uma espada do escudo na mão.



Ximenes



Xira

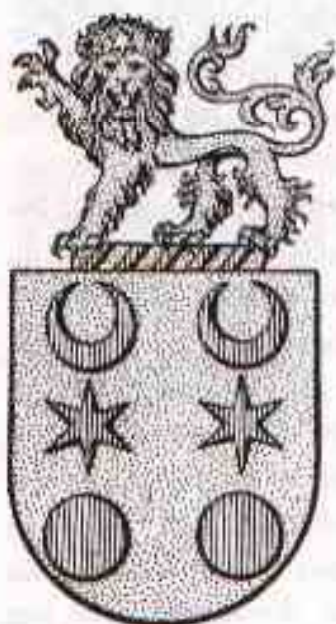
XIRA. Pretende-se que os Xiras provém de Inglaterra, descendendo os de Portugal de Guilherme Schire, o qual veio na armada que auxiliou o rei D. Afonso Henriques a tomar Lisboa, pelo que este Príncipe, quando repartiu as terras, lhe deu Vila Franca, que se ficou chamando de Xira, nome do senhor, que aí morou em uma torre fora da povoação, conhecida pela Torre de Xira. Tudo isto é fantasioso, ao menos no que se refere à etimologia de Xira, no português antigo *Cira*.

Aquele cavaleiro casou o filho ou ele próprio, como alguns referem, com D. Maria Pais, neta de D. Paio Delgado, fundador da albergaria de Lisboa conhecida pelo nome do instituidor. O apelido continuou na sua descendência, mas parece ter caído em desuso há séculos. Atribuem-se-lhe por armas: De vermelho com asna de prata, carregada de cruzetas do campo. Timbre: uma cabeça e pescoço de unicórnio de prata, armada de ouro.



ZAGALO. A pessoa mais antiga deste apelido parece ser Martim Anes Zagalo, contemporâneo de D. Afonso III e um dos principais povoadores de Monsarás. Supõe-se que foi seu descendente Martim Pires Zagalo, a quem D. João I coutou uma herdade em Évora. Uma carta de brasão de armas diz que este Martim Pires era

filho de Pedro Martins Zagalo e neto paterno do Martim Anes Zagalo, acima referido, o que pela natureza do documento não se pode garantir. Foi Martim Pires Zagalo o primeiro administrador do morgado que seu primo Gonçalo Miguéns instituiu em Évora em 1410



Zagalo

e teve de Domingas Pires a Gomes Martins Zagalo, vassalo de D. João I, que lhe fez mercê das terras de Malpica, junto do Guadiana, e lhas tornou defesas e confirmou as terras dadas a seu pai, tudo por o haver servido nas guerras contra Castela. Foi segundo administrador do vínculo instituído por Gonçalo Miguéns, o qual lhe tomaram para a Coroa, por fianças. O Rei também lhe confirmou a carta de couto de uma herdade que ele possuía em Évora e herdara de seu pai, a quem o mesmo soberano a doara. Recebeu-se com Catarina Mascarenhas de Macedo, em primeiras núpcias, e, em segundas, com D. Brites Afonso, filha de Afonso Gil Lobo e de D. Brites Lourenço, e teve Diogo Gomes Zagalo, de quem descendem os do apelido de Zagalo.

Os Zagalos usam as seguintes armas: De ouro, com duas estrelas de seis raios alinhadas em faixa, cada estrela acompanhada em chefe por um crescente e em ponta por uma arruela, tudo de vermelho; ou de ouro, com uma estrela de seis raios e uma arruela alinhadas em faixa, acompanhadas em chefe de dois crescentes e em ponta de uma arruela e de uma estrela de seis raios, tudo de vermelho. Timbre: um leopardo de ouro, carregado de uma estrela de vermelho na testa ou um leopardo de ouro carregado de uma estrela de vermelho na testa, tendo na garra direita uma arruela do mesmo.

ZAMBRANA ou **ZAMBRANO**. Família andaluza, que se diz descender de Pedro Rodrigues de Zambra, natural da cidade de Úbeda, de cuja linhagem passou a Portugal, reinando D. Afonso V. Martim Fernandes Zambrano, que era partidário da Excelente Senhora. O mesmo soberano lhe deu o foro de seu vassalo. Estabeleceu-se em Elvas e o apelido parece ter caído em desuso.



As armas dos Zambranas, tanto em Espanha como em Portugal, são: De vermelho, com um castelo de prata, acompanhado em chefe de duas estrelas de oito raios do mesmo; bordadura cosida de azul, carregada de oito aspas de ouro.

ZAMUDIO. Família espanhola antiga, que provém de D. Ordonho, Conde de Gaviria, filho natural de um dos reis de Navarra, o qual foi pai de Galindo Ordonhes, povoador de lugar de Zamudio, onde fundou casa. Passou um ramo desta família a Castelo Branco e daí se espalharam por vários lugares da Beira Baixa.



Zamudio

As armas que trazem os deste apelido em Portugal são: Partido: o primeiro de vermelho, com uma cadeia de ouro posta em cruz, em aspa e em orla; o segundo de prata, com cinco folhas de golfão de verde, postas em sautor; o todo sustido de um mar de prata, aguado de azul.

ZELLER. Família proveniente do ducado de Gueldre, nos Países Baixos. Os elementos colhidos em crónicas ou inscrições tumulares mostram que Arnaldo van Zeller fundou na catedral de St. Rambaut, em Malinas, 12 prebendas em honra da Virgem, as quais foram transformadas, em 1645, em canonicatos pelo arcebispo Jacques Boonem, tomando os cônegos o nome de zelarianos (*zellariens*). Este Arnaldo está enterrado no altar dedicado à Virgem e a inscrição tem a data de 1215. João Diogo van Zeller, em 1325, era marechal da corte de Guilherme de Juliers, duque de Gueldre e Conde de Zutphen, cargo que em 1425 era desempenhado por Reinaldo van Zeller, que com seu irmão João van Zeller foi mandado por Arnaldo, Duque de Gueldre, negociar a paz com Rodolfo de Clèves, cujo tratado assinaram em 1424.

Entre os séculos XIII e XX os deste apelido espalharam-se pela França, Alemanha, Inglaterra e Portugal. Viviam no Brabante, em Bozheyden, porto da velha cidade de Nimega, onde o chefe da casa residiu no *Kasteel Zellaer*. Até serem separados pela guerra, tinham o cargo de marechais da corte dos Duques de Gueldre e Nimega. Em 1518 as doutrinas reformistas foram aceites com entusiasmo pelo povo, que ajudaram a libertar do jugo da Espanha Católica. Primeiro, os luteranos invadiram a cidade do sul, e, mais tarde, os calvinistas conquistaram a nobreza. Mas nem toda a nobreza aderiu, parte por estar convencida da superioridade e verdade da sua religião e lhe repugnar renunciar a ela e à sua doutrina, outra parte por ser muito independente e não querer contemporizar com o novo estado de coisas. Entre estes nobres encontravam-se os fidalgos van Zeller, família que sempre teve convicções arraigadas, firmeza de carácter e espírito profundo de catolicismo esclarecido. Tinham sempre servido os seus duques, depois senhores de Brabante, que foram os Reis de Espanha, ocupando altos cargos, sendo burgomestres das cidades, exercendo elevados comandos no exército, e gozando, em geral, de situações proeminentes. Foi depois das perseguições brutais, que, num desses êxodos, a família fugiu, depois de espoliada de todos os seus bens, empresas e honras, como dizem as genealogias manuscritas da Torre do Tombo, acolhendo-se a Portugal e a outros países. Em 1543 serviu de testemunha no acto de promessa de fidelidade prestada por Guilherme, quando tomou posse do ducado de Gueldre um João van Zeller, filho de Régnier, do qual foi filho Arnaldo van Zeller, que em 1580 exercitava o ofício de burgomestre de Nimega. Deste Arnaldo nasceram dois filhos: João e Rolando.

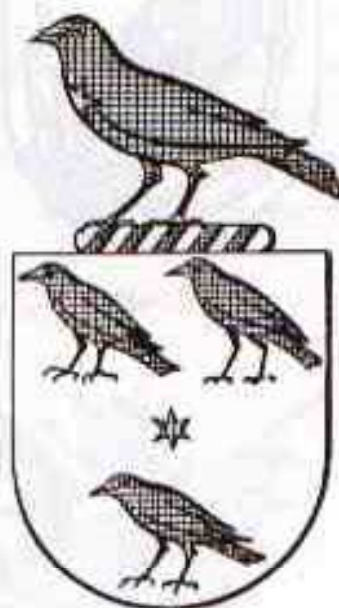
João van Zeller, o primogénito foi conselheiro da cidade de Nimega em 1603 e seu burgomestre em 1615. Casou-se com Joana de Beyer, de cujo matrimónio foi filho sucessor Arnaldo van Zeller, nasceu em 1626, o qual se fixou em Roterdão e morreu em Emmerich, no Ducado de Gueldre, a 26 de Fevereiro de 1703, havendo casado a primeira vez com Sofia van Blyenberg e a segunda com Emerence van der Stegar. Do primeiro casamento foi sucessor João van Zeller, um dos sete filhos dele nascidos, e do segundo somente veio à luz um Luís van Zeller, que deixou geração, na qual se encontra a representação varonil deste apelido.

João van Zeller, filho do primeiro matrimónio de Arnaldo van Zeller, passou a Portugal e foi cônsul em Lisboa do rei da Prússia. Casou em 1687 na cidade do Porto com Francisca Pipper, filha de Pedro Ossem e de sua mulher Luísa Pipper, e teve por filho sucessor a Pedro Francisco van Zeller, coronel de dragões, comandante e governador do forte de S. Neutel, em Chaves, o qual se recebeu com D. Maria Josefa Barbosa da Silva Teixeira de Andrade Pinto, senhora da casa dos Fornos do Pinhal, etc., de quem teve geração, continuada por uma filha que, pelo casamento, foi a 1.^a Viscondessa de Montalegre, da qual descenderam os Viscondes de Vila Garcia, representantes da família van Zeller.

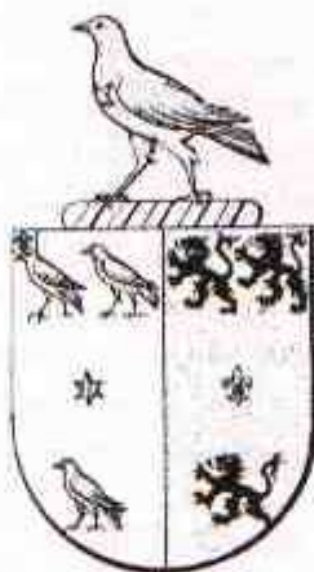
O único filho do segundo matrimónio de Arnaldo van Zeller com Emerence van der Stegar, chamado Luís van Zeller, nasceu em 1661 e casou com Joana Harles, de cujo consórcio houveram vários filhos, entre eles Arnaldo João van Zeller, que veio, também,

para Portugal. Nasceu em Roterdão em 1702, casou-se em 1735 com D. Ana Francisca Henckell, filha de Pedro Henckell, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, e de sua mulher D. Ana Maria Palmer. Teve também o hábito da mesma Ordem e morreu no Porto em 1766. Da sua numerosa prole — quinze filhos — proveio uma neta que foi 1.^a Baronesa de Vilar, pelo seu casamento, em cuja família se encontra a representação da linha varonil dos van Zeller, por outro casamento nela efectuado por um bisneto de Arnaldo João van Zeller.

Rolando van Zeller, cabeça do ramo de Lila, casou com Maria de Surmont, cujo filho primogénito, chamado como o pai, nasceu em Nimega, morou em Lila e aí morreu em 1688, havendo contraído matrimónio com Joana Margarida Bouwniana, de quem teve, entre outros, Rolando van Zeller, terceiro do nome, burguês de Lila em 1701, ao qual Filipe V de Espanha deu Carta de brasão de armas em 21 de Janeiro de 1702, e que desempenhou as funções de ministro residente do Rei da Prússia em Lisboa, onde casou em 1670 com Joana Maria van Praet, filha de João Baptista van Zeller e de sua mulher, Angélica Loyens, de Bois-le-Duc. Este Rolando van Zeller foi o primeiro do ramo de Lila que passou a Portugal e do referido matrimónio houve por filho primogénito João Baptista van Zeller, que instituiu vínculo de morgado nos Olivais, junto de Lisboa, em cuja cidade casou com sua prima Teresa Crisóstoma van Praet, filha de Jácome van Praet e de sua mulher D. Micaela da Silva. Tiveram geração que entrou nos Barões de Aldenberg, pelo casamento de um descendente com a 3.^a Baronesa.



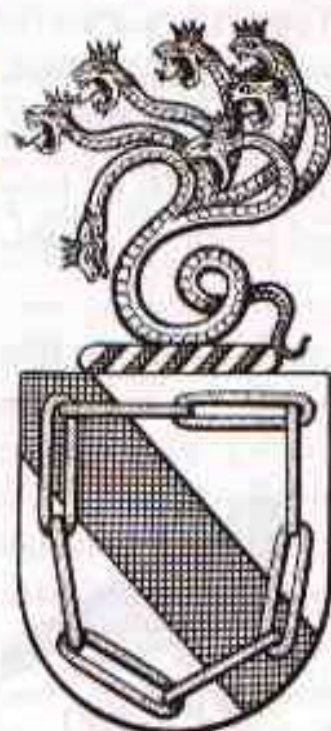
Zeller



Zeller

As armas da família van Zeller são: De prata, com três melros de negro, bicados e membrados de ouro, com uma estrela de seis raios de vermelho, posta em abismo. Timbre: um melro do escudo, com uma estrela de ouro de seis raios no peito.

As armas concedidas por Filipe V a Rolando van Zeller, mais tarde confirmadas em Portugal por D. Pedro II e D. João V, são: Partido: no primeiro, de prata, três melros de ouro e uma estrela vermelha de seis raios, em abismo; no no segundo, de ouro, com três leões de negro, armados de vermelho e uma flor-de-lis de azul, em abismo. Por diferença, uma flor-de-lis de azul. Timbre: um melro do escudo, com uma estrela de ouro no peito.



Zuniga

ZUNIGA. Os deste apelido são originários do reino de Navarra, de cujos soberanos procedem. Tiveram o senhorio da vila de Eztuniga, da qual tomaram apelido que veio a corromper-se em Zuñiga. Em Portugal, para onde veio um ramo, se alterou a grafia, escrevendo-se Zuniga. Veio esta família na pessoa de D. Afonso de Zuñiga, que acompanhou a Rainha D. Catarina e foi seu estribeiro-mor. Seus filhos casaram em Portugal e deles proveio larga geração, entre ela os Mendonças Zunigas, de Camarate.

Mais tarde veio, também, Pedro Gonzalez de Zuñiga, que se consorciou no Minho, na casa dos Abreus, senhores de Grade, alcaides-mores de Lapela, de quem ficou descendência.

As armas dos Zunigas são as seguintes: De prata com banda de negro e uma cadeia, de ouro, de oito fusis, posta em orla, brocante sobre tudo. Timbre: uma hidra com as cabeças coroadas.

ZUZARTE. V. *Jusarte.*



ADITAMENTO

DESLANDES. A origem desta família é na Gasconha, França, e já existia no século XIII, sendo a forma antiga do apelido *des Landes*, tirada da região do mesmo nome, naquela província, a qual veio a formar um departamento. A ligação da preposição foi fenómeno vulgar, muito corrente em França, como em Debonaire, Dubois, Dupont e tantíssimos outros apelidos.

O Rei Luís XI deu a Jacques des Landes vários senhorios e armas de nobreza.

Foi descendente deste Jacques des Landes um Miguel des Landes que, no século XVIII, por haver casado com uma senhora inglesa protestante se converteu à mesma religião. Passou à cidade de Thouar, no Poitou, onde viveu.

Devido às perseguições sofridas pelos protestantes em França um de seus filhos, também chamado Miguel, emigrou por 1669. Veio para Portugal, estabelecendo-se em Lisboa e depois de se converter ao Catolicismo, casou-se e montou uma tipografia.

Por alvará de D. Pedro II, datado de 6 de Outubro de 1687, foi nomeado impressor régio.

Deixou descendência, que usa actualmente o apelido na forma Deslandes.

As armas concedidas por Luís XI são: De azul, com duas faixas de prata. Timbre: um grifo de negro, sainte, sustendo nas mãos duas balas de imprensa. Este timbre ou, pelo menos, as balas de imprensa foram tomadas por Miguel des Landes em alusão ao cargo de impressor régio.



Deslandes

GABE. Procede esta família da Silésia, de onde passou a Altona um dos seus membros, Johann Gabe, nascido por volta de 1640. Um seu neto, de igual nome, foi para Hamburgo e logo depois veio para Portugal e aqui viveu, no lugar de Massarelos de 1755

a 1778, dedicando-se ao comércio. Casou em 1770, no Porto, com Francisca Felícia Hitchcock, de família inglesa da mesma cidade. Regressou a Hamburgo, desempenhando aí, em 1814, o elevado cargo de senador desse, então, Estado Livre.

Este Johann Gabe nascera na Silésia a 7 de Setembro de 1737 e morreu em Hamburgo a 10 de Junho de 1817. Sua mulher faleceu também aí em 21 de Março de 1820.

Um filho do casal, chamado Pedro Gabe, nasceu no Porto, em Massarelos, a 26 de Janeiro de 1778, foi cônsul-geral de Portugal nas Cidades Hanseáticas, com residência em Hamburgo e cônsul no Grão-Ducado de Mecklemburgo Schewerin, casado nesta cidade com Luísa Sofia Wilhelmina Lauezzari, natural de Cremona, na Itália, filha de Carlos Lauezzari e de sua mulher Sofia Guizeti de Capoferri. Pedro Gabe, que parece ter juntado a este apelido o de Massarelos, e sua mulher morreram em Hamburgo, respectivamente a 12 de Junho de 1831 e a 16 de Maio de 1867.

Teve este casal vários filhos, o primogénito chamado Ludovicus Pedro Gabe de Massarelos, o qual nasceu a 15 de Maio de 1817 e casou com Sofia Amélia Gumpel, nascida em 21 de Dezembro de 1871, filha de Gustavo Gumpel e de sua mulher Júlia Jacques, de quem teve geração, e contraiu segundas núpcias aos 28 de Janeiro de 1873 com Agnès Usher Frier, a qual nasceu na Escócia a 5 de Maio de 1851, filha de John Frier e de sua mulher Mary Rooney, de quem houve, também, descendência.

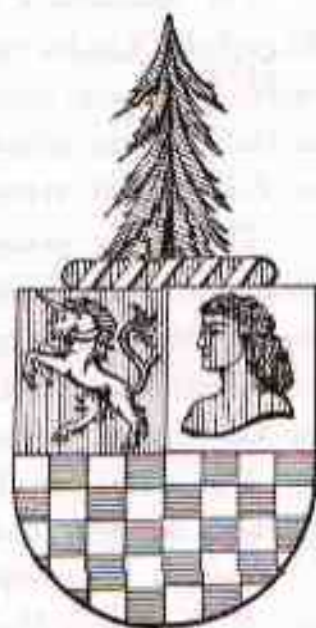
Ludovicus Gabe teve o título de Barão de Gabe de Massarelos, em sua vida, que lhe concedeu o Rei D. Luís I de Portugal por decreto de 16 e Carta de 25 de Agosto de 1870, vindo a morrer no ano de 1903, com geração.

Sua irmã germana Maria Gabe, que nasceu em 1820 e faleceu em 1901, foi casada no Brasil com Egas Barreto Moniz de Aragão, proprietário na Baía.

Antes da concessão do título de Barão de Gabe de Massarelos usavam por armas: Partido: o primeiro, de vermelho, com um unicórnio de



Gabe



Gabe de Massarelos

ouro, saltante, armado de prata; o segundo, de prata, com uma cabeça de mouro, de negro. Timbre: um abeto de verde.

Depois da mencionada concessão trazem os Gabe de Massarelos: Cortado: o primeiro, partido: o 1.º de vermelho, com um unicórnio de prata, saltante, coleirado de ouro; o 2.º de prata, com um busto de mulher, de vermelho; o segundo, xadrezado de prata e de azul de cinco tiras de oito pontos. Timbre: um abeto de verde. Usam por divisa: *Semper virens*.

LANDERSET. Família proveniente da cidade de Friburgo, capital do cantão do seu nome na Suíça, de onde era natural Jacques Philippe de Landerset de La Tour, nascido em 1731, o que trouxe o apelido para Portugal. Era filho de Jean François Landerset de La Tour e de sua mulher Marie Elisabeth Periard, neto paterno de Jacques François de Landerset de La Tour e de Marianne Sotas e materno de Petro Manno e de Joséphine Louise Periard, sua mulher, também com a mesma naturalidade e todos baptizados na freguesia de Saint Nicolas, catedral da referida cidade.

O pai de Jacques Philippe foi tenente-coronel, em cujo posto serviu o Imperador, posto este que não se dava a pessoas de pequeno nascimento, e morreu na expedição de Génova, sendo brigadeiro; os avós paterno e materno eram cidadãos de Friburgo e das pessoas principais da governança da cidade; a mãe e as avós trataram-se sempre com toda a gravidade.

Nenhum destes ascendentes teve trato mecânico e todos foram católicos romanos.

Veio para Portugal Jacques Philippe de Landerset em 1740 e embarcou para a Índia em 1750 como alferes do regimento de Infantaria do Conde de Coculim, regressando em 22 de Março de 1758 com o posto de capitão-tenente. Morando na Torre da Pólvora se lhe fizeram neste ano as inquirições para entrar na Ordem de Cristo como cavaleiro.

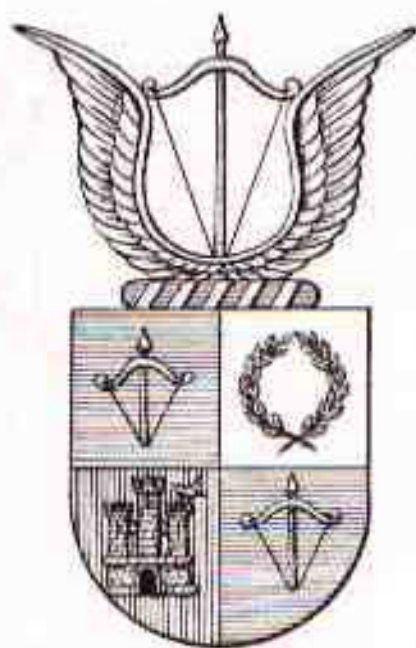
Voltou no mesmo ano à Índia com o posto de major de Artilharia, graduado em tenente-coronel e neste Estado foi promovido a ajudante-general com patente de coronel no ano de 1761 e no de 1763 teve nomeação de comandante de um dos regimentos de Artilharia.

Por se haver envolvido nos acontecimentos que provocaram a demissão do Vice-rei Conde da Ega regressou à Metrópole em 1767, mas saiu ilibado de responsabilidades, pelo que o destacaram para o Algarve, estando em 1773 em Faro, no posto de coronel do Regimento de Artilharia 2, aí colocado.

Teve o foro de fidalgo cavaleiro da Casa Real por alvará de 30 de Abril de 1778, foi gentil-homem da Rainha D. Maria I, comandante da praça de Castro Marim, promovido a brigadeiro em 1789 e a marechal de campo em 1791, exercendo o cargo de governador da praça de Faro durante bastantes anos, em cujo officio foi mandado à Corte do Imperador de Marrocos como enviado extraordinário da mesma Rainha por diversas vezes, missões em que mostrou qualidades de hábil diplomata.

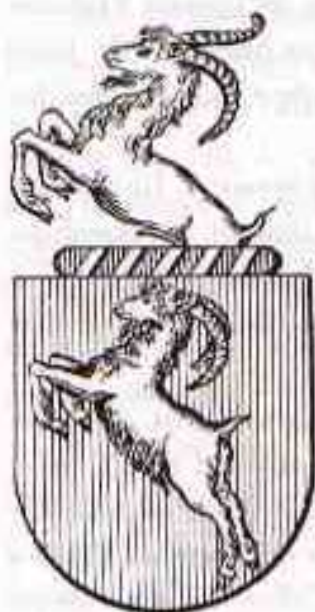
Casou e deixou descendência, na qual houve distintos militares.

As armas usadas pela família Landerset em Portugal são: Esquartelado: o primeiro e o quarto, de azul, com uma besta armada de flecha, tudo de ouro; o segundo, de prata, com uma coroa de louro de verde; o terceiro, de vermelho, com um castelo de ouro, a torre da esquerda rematada por uma ave de prata. Timbre: a besta do escudo, entre duas asas de prata.



Landerset

MOSER. Família oriunda de Estugarda, no reino de Vurtemberg, cuja genealogia se encontra documentada desde o começo do século XV, pois então vivia Baltasar Moser, casado com Bárbara Lenserin, o qual era estribeiro-mor dos condes reinantes naquele Estado. O Imperador Maximiliano II a elevou à nobreza do Sacro Império Romano em 4 de Março de 1575, na pessoa dos irmãos Valentim e Baltasar Moser, com o acrescentamento dos apelidos Filseck und Weiberg e a preposição *von*.



Moser

O chefe do ramo originado por este Baltasar Moser veio para Portugal. Chamou-se Georg-Christopher-Heinrich von Moser, nascido em Estugarda aos 19 de Outubro de 1775, e por, na pátria, haver gasto na política o património se passara a Nápoles e aí estabelecera uma casa comercial, que no ano de 1815 transferiu para Lisboa, onde foi cônsul de Vurtemberg.

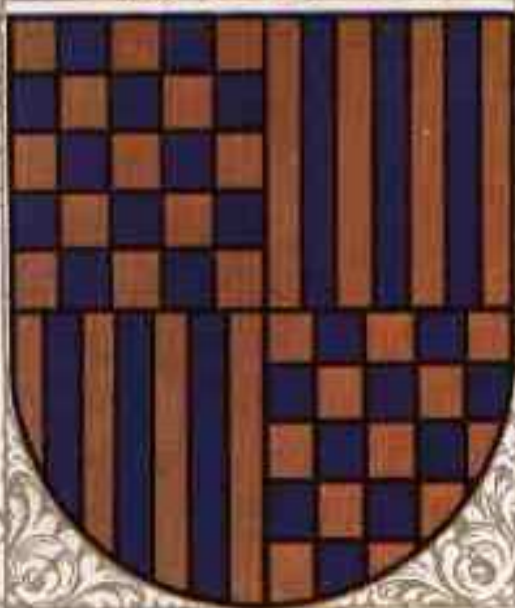
Foi casado com D. Henriqueta Guilhermina von Hofacker, natural de Constadt, de quem teve vários filhos, quase todos nascidos antes de virem para Portugal.

Morreram ambos em Lisboa, ele a 20 de Janeiro de 1857 e ela a 16 de Outubro do mesmo ano, sendo ambos sepultados no Cemitério Alemão.

São seus descendentes os Condes de Moser.

Esta família tem por armas: De vermelho, com um bode selvagem de prata, saltante, armado de ouro. Timbre: o bode do escudo, sainte.





ABOIM



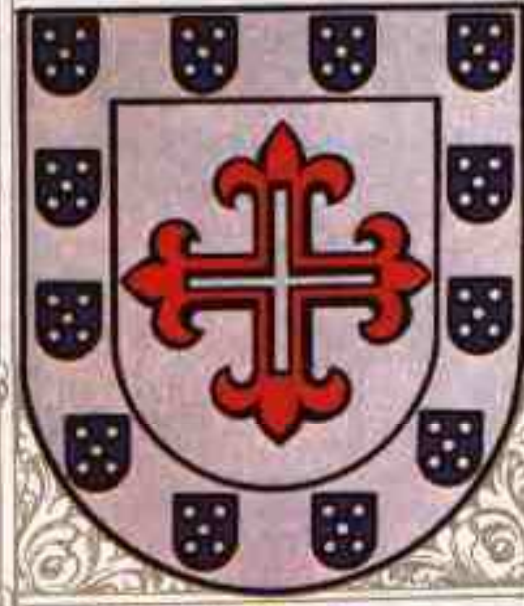
AGUIA



ALBUQUERQUE



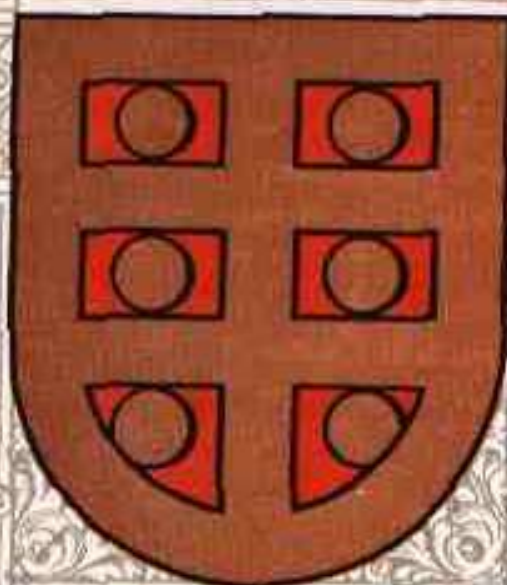
ABREU



ALBERGARIA



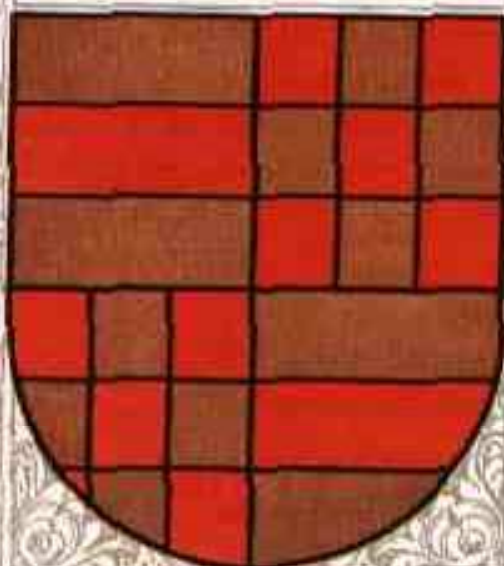
ALMADA



ALMEIDA



ANDRADE



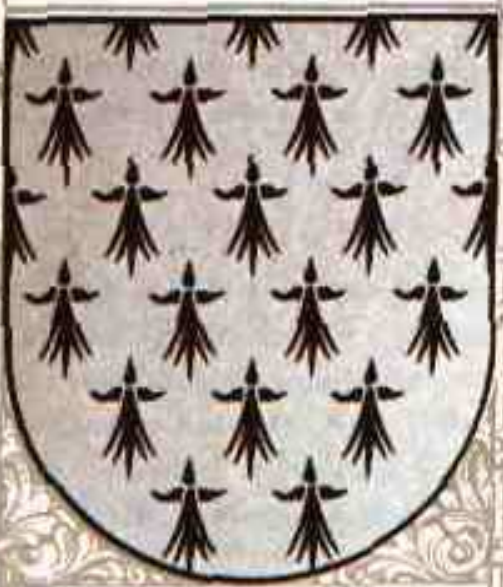
ARCA



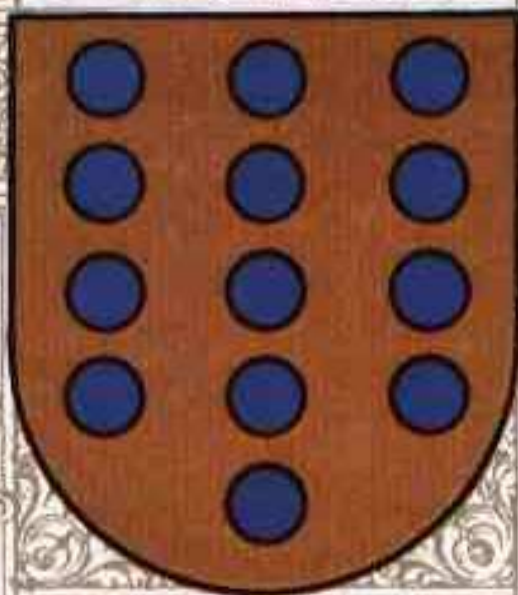
ATAÍDE



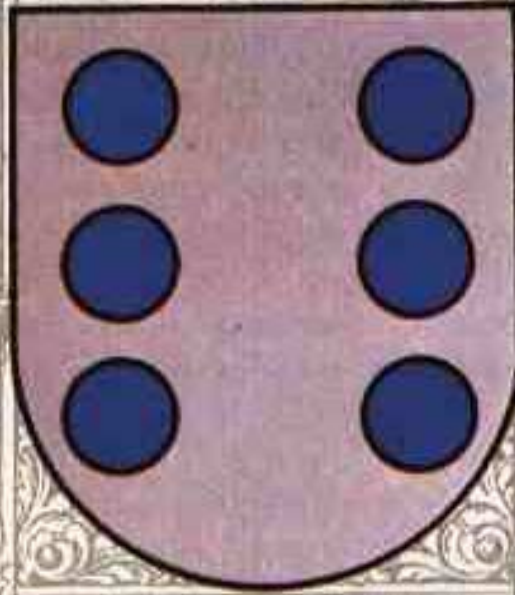
AZEVEDO



BARRETO



CASTRO



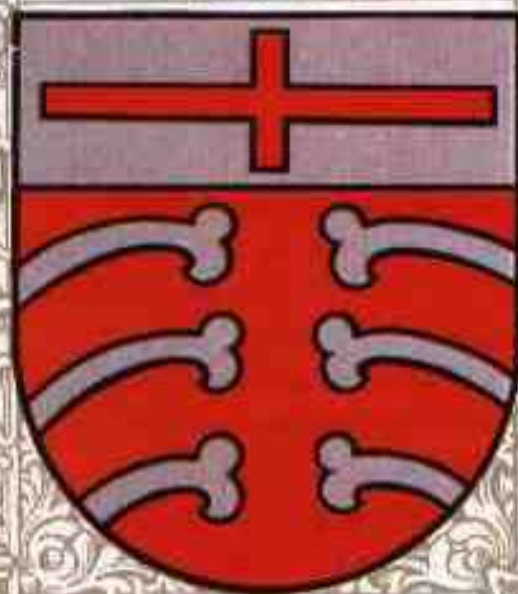
CASTRO (DA PENHA VERDE)



CERVEIRA



COELHO



CORTE-REAL



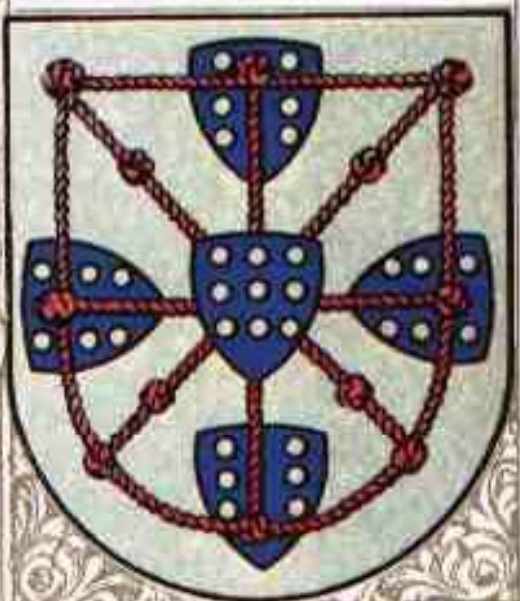
COSTA



COUTINHO



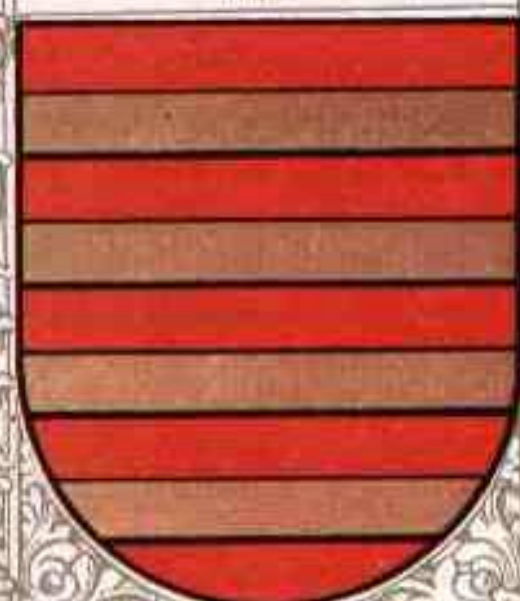
CUNHA



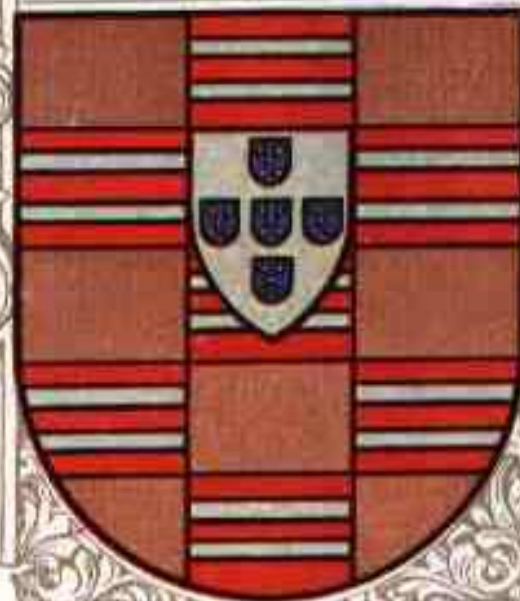
EÇA



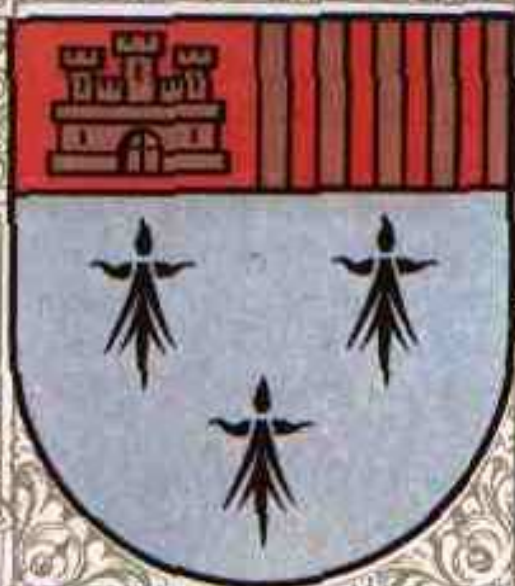
FARIA



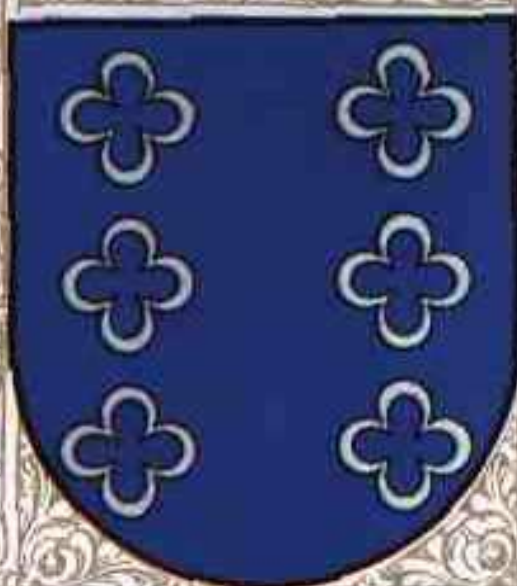
FERREIRA



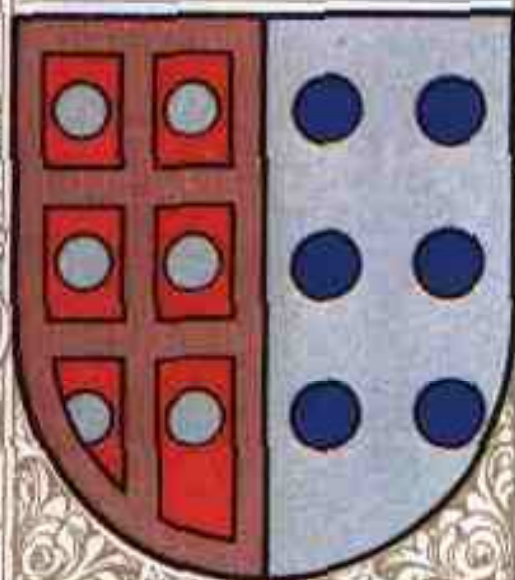
GAMA



GÓIOS



GÓRS



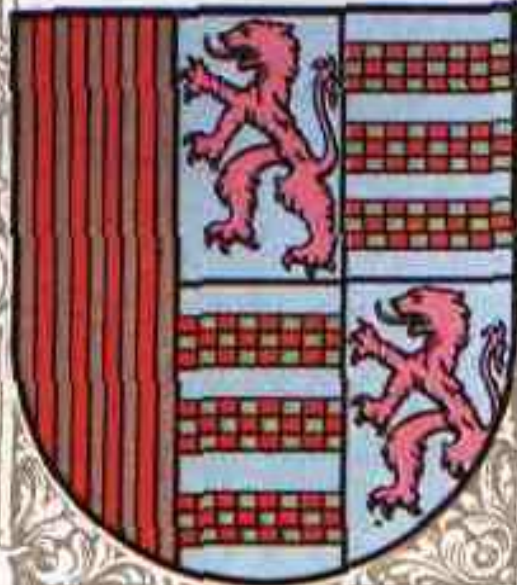
GOUVEIA



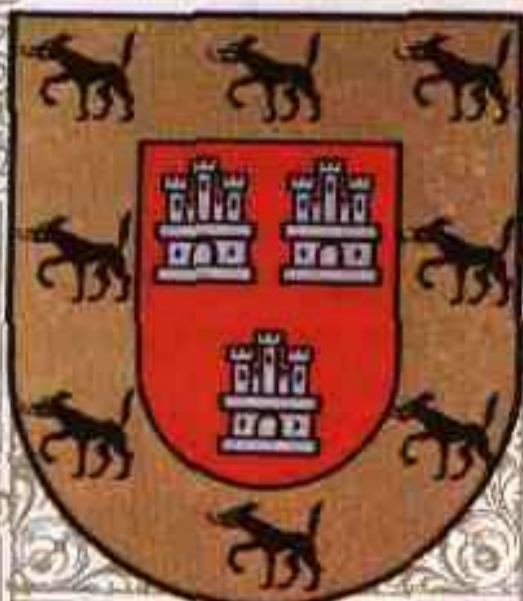
HENRIQUEZ



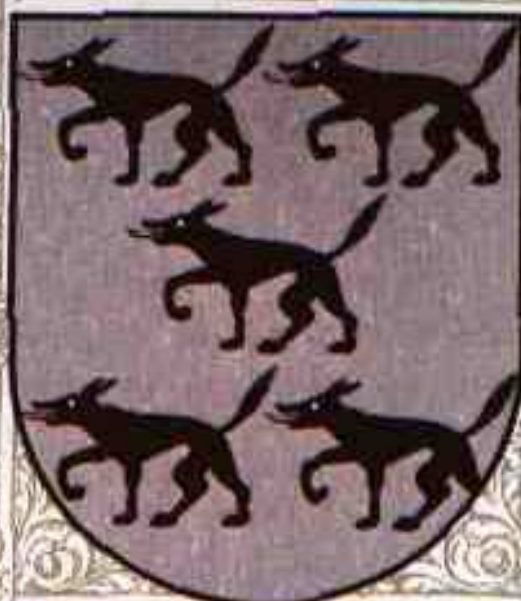
LEMOZ



LIMA



LOBATO



LOBO



MALAFAYA



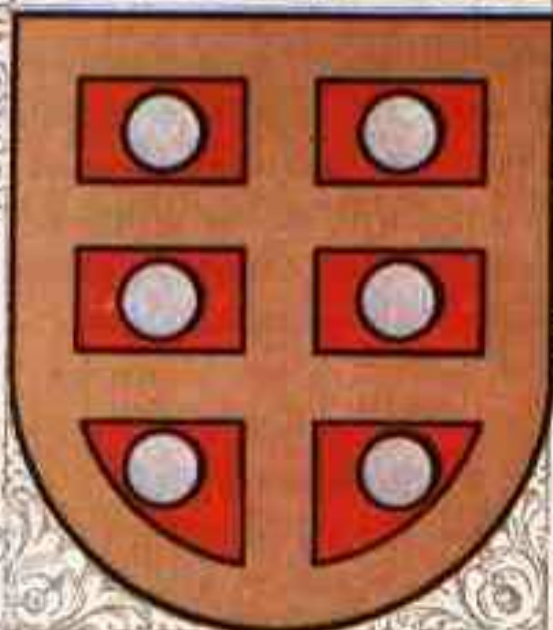
MANUEL



MASCARENHAS



MEIRA



MELO



MENDOÇA



MENESES



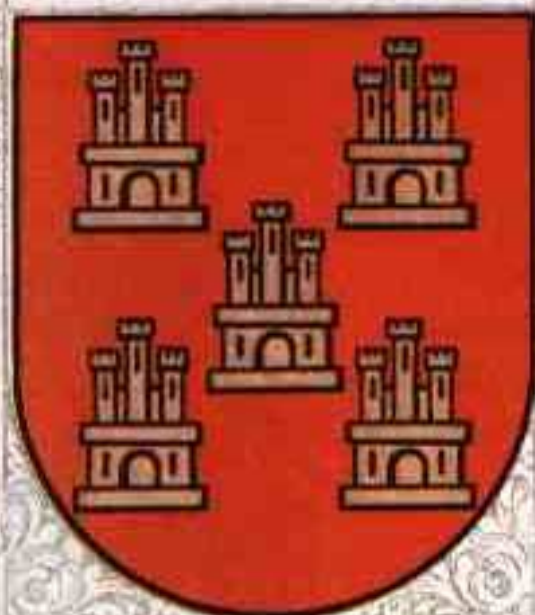
MIRANDA



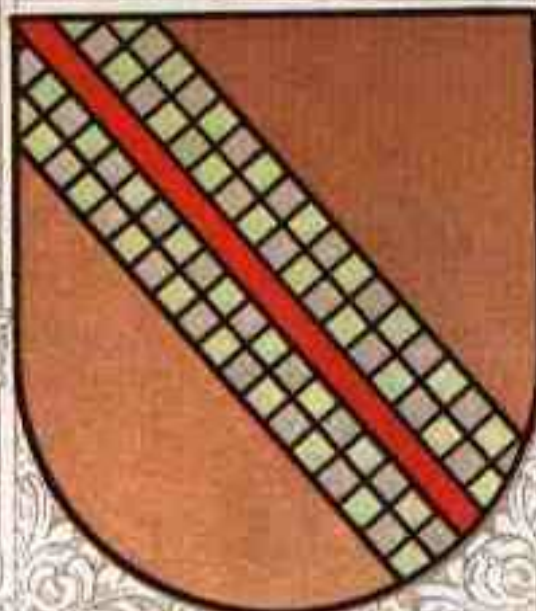
MONIZ



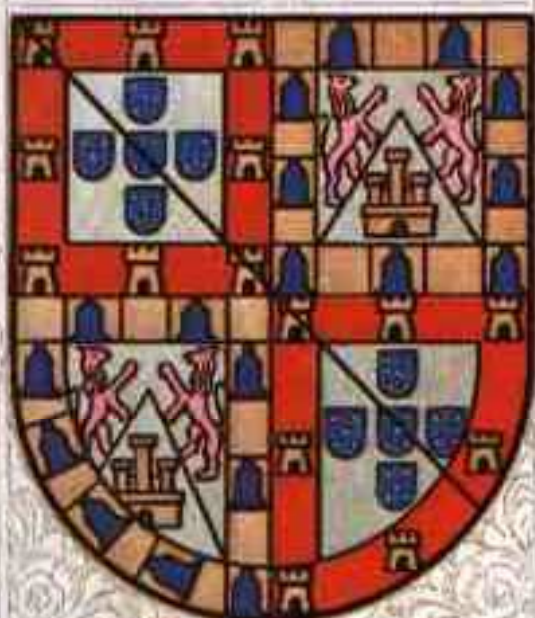
MOTA



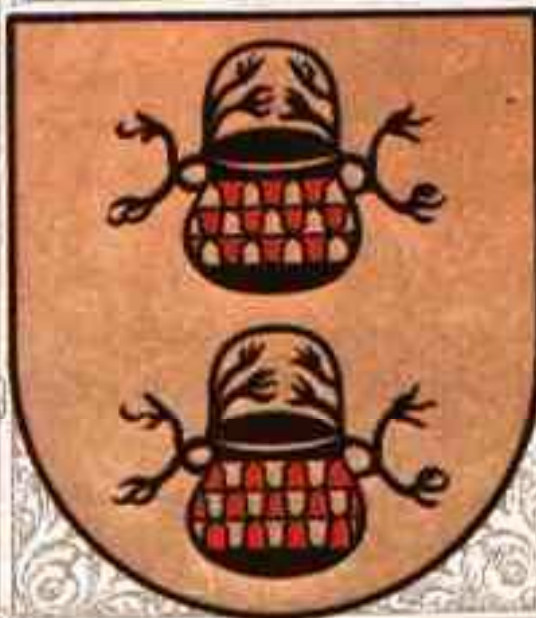
МОУРА



НОЗУПИРА



НОВОННА



ПАЧЕКО



ПЕРЕТНА



ПШБАННА



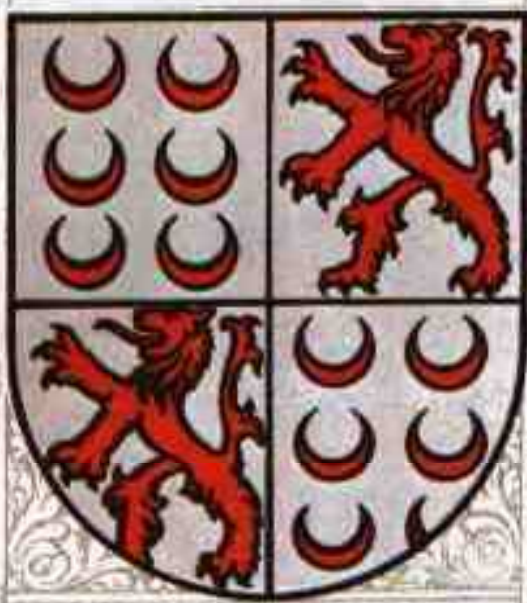
PONTA



PIMENTEL



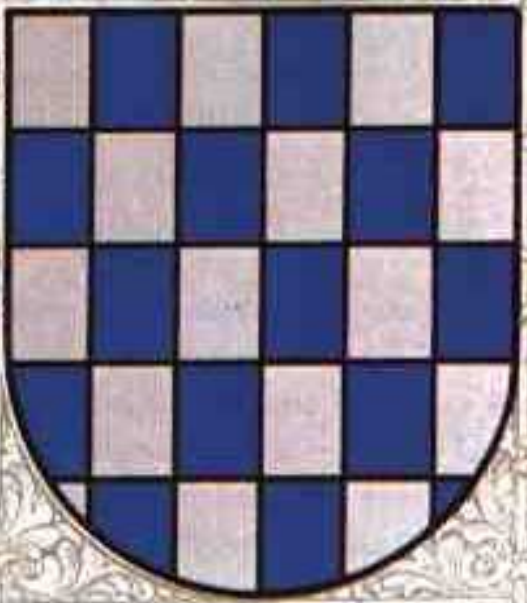
PINTO



QUEIROZ



RIBEIRO



RA



RAMPAIO



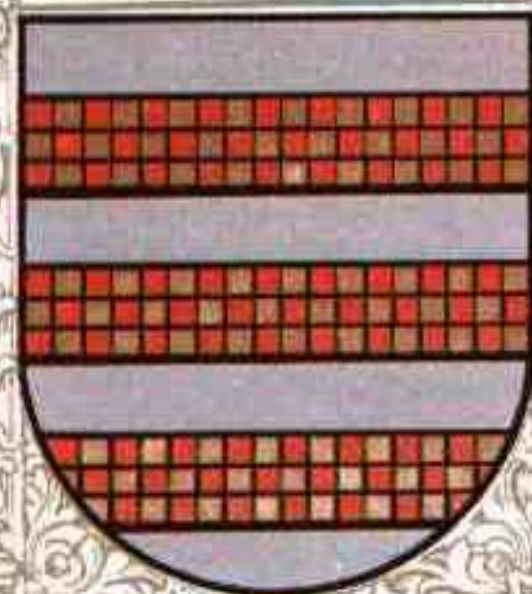
SERPA



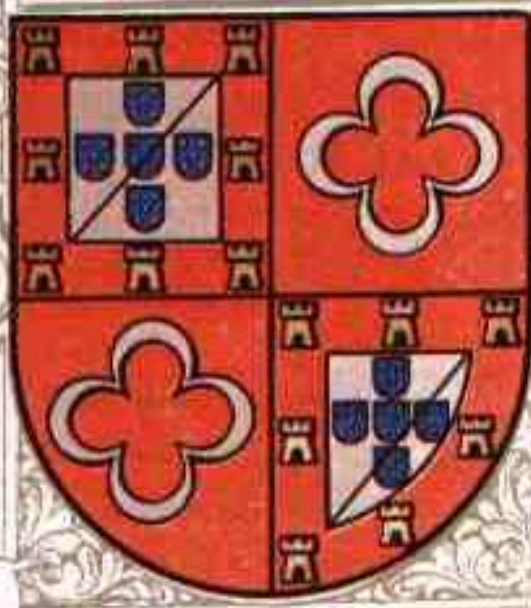
SILVA



SIQUEIRA



SOTOMAIOR



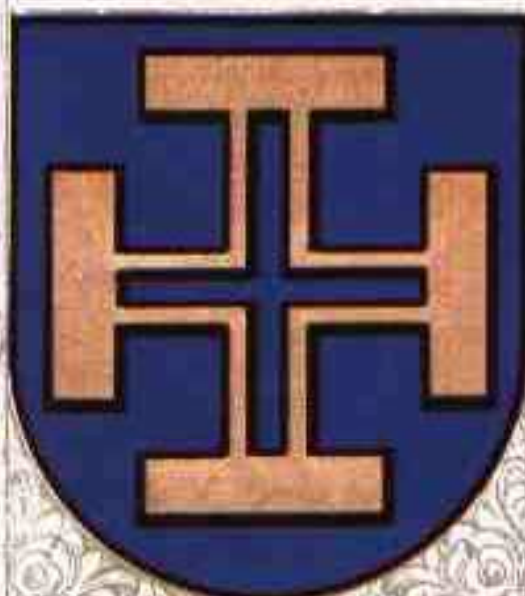
SOUSA (DE ALBUQUERQUE)



TAVAREZ



TAVORA



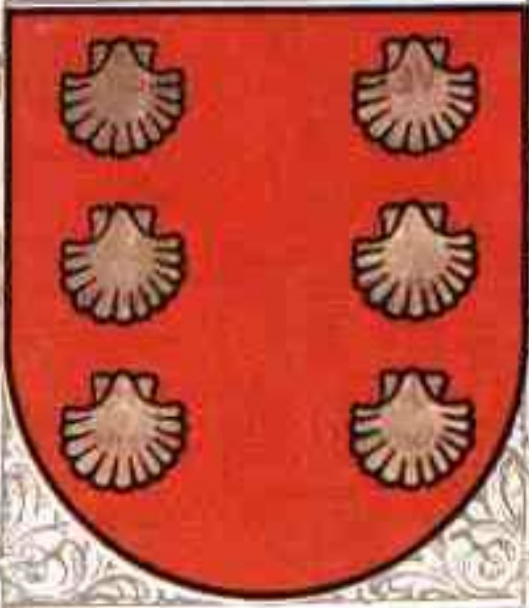
TELXEIRA



VALENTE



VASCONCELOS

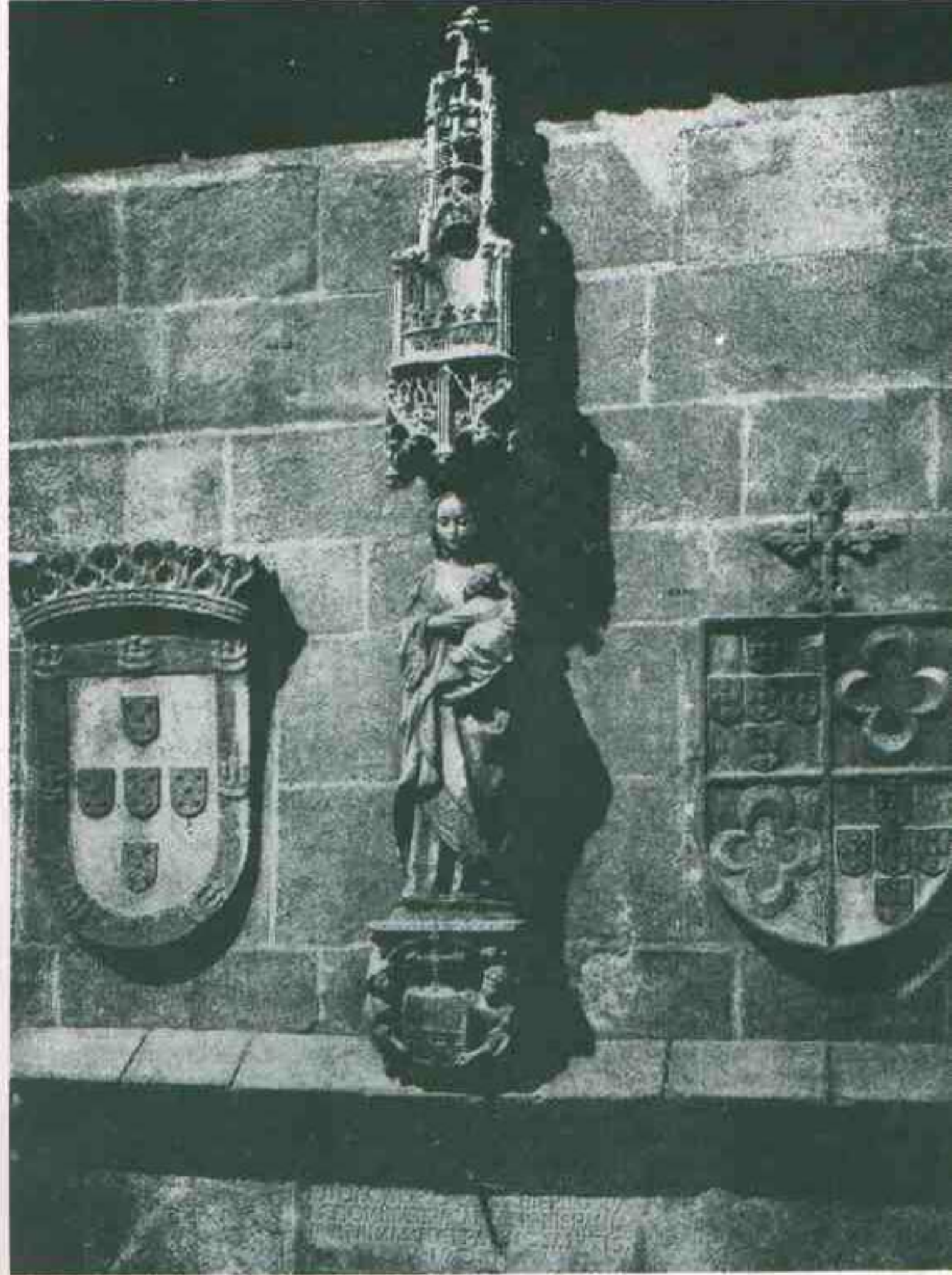


VIEIRA





CAVALEIRO MEDIEVAL EM COMBATE, COM ESCUDO ARMORIADO, DE CINCO VIEIRAS, POSTAS EM SAUTOR (PIMENTEIS?), NUM CAPITAL DO CLAUSTRO DO MOSTEIRO DE CELAS.



AS ARMAS DOS SOUSAS (DE ARRONCHES) LADEANDO A CELEBRE VIRGEM DO LEITE,
ATRIBUIDA A NICOLAU CHANTERENE, NA SE DE BRAGA

